PATRÍSTICA

ORÍGENES

Contra Celso

ORÍGENES

CONTRA CELSO

Índice

Apresentação
Introdução
CONTRA CELSO
PREFÁCIO
O silêncio de Jesus
Fraqueza dos discursos
Por que este prefácio?
LIVRO I
Os cristãos: situação ilegal
Doutrina e demonstração
Clandestinidade
Moral comum
Rejeição dos ídolos
Exorcismos
Segredo
Martírio
Fé simples, fé refletida
O que é o cristianismo?
A verdadeira sabedoria
Tradição pagã, tradição judaica
A criação
A circuncisão
O Deus único
Os nomes divinos
De Moisés a Jesus
Nascimento obscuro, glória universal
A mãe de Jesus
Necessidade dos profetas
Jesus no Egito
O batismo de Jesus
Os sentidos espirituais
As profecias
Em Belém de Judá
A paixão

As duas vindas de Cristo
Filiação divina
Os magos e a estrela
Os apóstolos
Verdadeiros e falsos feitos maravilhosos
O corpo de Jesus
LIVRO II
Os judeus e os cristãos
Cristo terá sido castigado justamente?
A predição de sua morte será uma invenção de seus discípulos?
As profecias aplicam-se a outras pessoas?
Sua conduta terá sido indigna de um Deus?
A paixão
Os milagres
Feiticeiros, falsos messias, Satanás
Jesus superior a Moisés
A ressurreição
Aspectos múltiplos de Jesus
Ausência de manifestações espetaculares
As objeções do judeu voltam-se contra ele
LIVRO III
Será uma discussão fútil?
A ruptura com a comunidade de origem
Antiga tradição e mistérios do Egito
O culto de Jesus e os cultos dos heróis
Asclépio
Aristeias do Proconeso
Igrejas e assembleias
Ábaris, o Hiperbóreo
O herói de Clazômenas
Cleomedes de Astipaleia
Outros exemplos
Antínoo
Acasos providenciais
O corpo mortal de Jesus
O túmulo de Zeus em Creta
O cristianismo e a sabedoria

Propaganda cristã
O cristianismo e os pecadores
A conversão é possível
Os mestres da doutrina
LIVRO IV
A descida divina e suas razões
Dilúvios e incêndios
Modalidade de intervenção divina
A pregação pelos judeus e pelos cristãos
Grandeza dos judeus e dos cristãos
Tradições e genealogias
História ou alegoria? O primeiro casal e a serpente
O dilúvio e a arca
Histórias de famílias
A interpretação alegórica
Os corpos e as almas são obras de Deus
Natureza e origem do mal
Necessidade e liberdade
Expressões antropomórficas
Deus fez tudo principalmente para o homem
Homens e animais
A vida em sociedade
A ajuda mútua
Os poderes mágicos
O poder divino de predizer
A fidelidade, a piedade filial
Conclusão
LIVRO V
Descida divina ou descida angélica?
Adoração e culto
Escatologia
O fogo do juízo
A ressurreição
Os costumes de cada país
Partilha das regiões da terra
A parte de Cristo
O testemunho de Heródoto

As duas leis
A pretensão dos judeus
Os nomes divinos
A circuncisão
O favor de Deus
O Anjo e os anjos
A grande Igreja
As seitas
LIVRO VI
Simplicidade do estilo da escritura
O soberano bem
Um único Cristo
Sabedoria divina, sabedoria humana
Humildade e pobreza
O reino de Deus
Iniciação mitríaca e diagrama
Iniciação cristã?
A doutrina sobre Satã
O anticristo
O Filho de Deus
Cosmogonia
Marcião e outros sectários
Os dias da criação
Antropomorfismos
Conhecimento de Deus
Deus é espírito
O corpo de Jesus
Por que um tal envio aos judeus?
LIVRO VII
Oráculos pagãos, profetas judeus
Acaso foram preditos atos imorais a respeito de Deus?
Deus se contradisse?
A esperança dos cristãos
Ressurreição
Conhecimento de Deus
Teologia antiga e platônica
A verdade e a vida

Heróis e sábios comparados a Jesus
Resistência e brandura
Intolerância
Os demônios
LIVRO VIII
Espírito de revolta?
Deus e deuses, Senhor e senhores
Honra única ao Pai e ao Filho
O “Diálogo celeste”
O culto verdadeiro
Prática da abstinência
A verdadeira ação de graças
Devemos ter medo dos demônios?
Efeitos da Paixão e do martírio
Verdade dos oráculos
A eternidade dos castigos e das recompensas
Reconhecimento aos seres que nos protegem
Procura dos verdadeiros bens e de Deus
Favor de Deus, favores dos príncipes
As duas pátrias

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras conhecidos, tradicionalmente, como "Padres da Igreja", ou "santos Padres". Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção "Sources Chrétiennes", hoje com mais de 400 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de "voltar às fontes" do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as "fontes" do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada autor e cada obra terão uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, Comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos, devem-se ao fato que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e padres ou pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a

vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, as origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão "teologia patrística" para indicar a doutrina dos padres da Igreja distinguindo-a da "teologia bíblica", da "teologia escolástica", da "teologia simbólica" e da "teologia especulativa". Finalmente, "Padre ou Pai da Igreja" se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como "Pai da Igreja" quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas, os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais até a morte de S. João Damasceno (675-749).

Os "Pais da Igreja" são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: "Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual" (B. Altaner; A. Stuiber, Patrologia, S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

1. VIDA E OBRA

A principal e, praticamente, única fonte que temos sobre a vida de Orígenes é o livro VI da História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia, já que a Apologia de Orígenes, escrita pelo mesmo Eusébio e pelo presbítero Pânfilo, perdeu-se em grande parte. Trata-se de uma vida fora do comum em muitos aspectos, conforme gostaríamos de mostrar nesta breve introdução.

O próprio Eusébio nos adverte que "quem tentar transmitir longamente por escrito sua vida (a de Orígenes) terá muito a dizer e a narração completa exigiria uma obra particular" (História Eclesiástica, 6,2.1). Portanto, esteja advertido o leitor que nós faremos apenas um sumário da biografia de Orígenes.

Orígenes nasceu em 185 d.C. em Alexandria e morreu aos 69 anos, em consequência de maus tratos sofridos na prisão, na cidade de Tiro[1], por volta de 253 ou 254.

Ao contrário de muitos outros que se introduziram na Igreja pela conversão, Orígenes nasceu numa família cristã. Seu pai, Leônidas, foi decapitado por ocasião da perseguição de Severo, em 202. Além de transmitir-lhe a fé, seu pai foi também o primeiro mestre, ensinou-lhe as disciplinas helênicas e as Sagradas Escrituras, pois, segundo Eusébio, "seu pai, não contente de fazer com que passasse pelo ciclo dos estudos, não havia considerado supérflua a solicitude pelas Escrituras (...) exigindo diariamente dele recitações e prestação de contas" (6,2.7.8).

Por ocasião da perseguição de Severo, além de perder o pai, foram confiscados os bens da família, como era costume, "pelos agentes do tesouro imperial" (6,2.13). Orígines, aos 18 anos, teve de suprir as necessidades da mãe e dos irmãos menores, assumindo a responsabilidade de sustentar a família. Empregou-se, então, como professor de gramática, pois "iniciado pelo pai nas disciplinas helênicas, após a morte deste último, ele se entregou com maior ardor e inteiramente ao exercício das letras, de sorte que veio a possuir pouco tempo após a morte do pai uma preparação suficiente nos conhecimentos gramaticais, e consagrando-se a eles, acumulou, ao menos para sua idade, a base necessária" (6,2.15). Contudo, isso só foi possível porque Orígenes "encontrou acolhimento, bem como tranquilidade, junto de uma senhora riquíssima de recursos materiais e muito ilustre" (6,2.13). Como Demétrio, bispo de Alexandria, tivesse dificuldades em encontrar catequistas naquela época de perseguição, já que "ninguém se dedicava em Alexandria à catequese, mas todos de lá haviam fugido pela ameaça da perseguição" (6,3.1), Orígenes aceitou a tarefa e abandonou o ensino da gramática. O historiador eclesiástico Eusébio de Cesareia o mostra neste momento dedicado não só a ensinar os rudimentos da fé cristã aos catecúmenos, mas também a assistir os mártires e a exortá-los à fidelidade. O entusiasmo o possui. Tudo nas Escrituras e no cristianismo o

exalta: "Orígenes tinha dezoito anos ao começar a dirigir a escola de catequese; progrediu muito na ocasião das perseguições sob Áquila, governador de Alexandria, e seu nome tornou-se extremamente célebre, junto de todos aqueles cuja fé ele estimulava, por causa do acolhimento e zelo por ele manifestados para com todos os santos mártires. (...) Pois, não os assistia apenas na prisão, nem só quando interrogados e condenados, mas ainda depois da sentença final, com a maior audácia e expondo-se ao perigo, ficava junto deles ao serem (...) levados para a morte" (6,3.4).

Ao fim de alguns anos nessa atividade, percebeu a insuficiência desse ensinamento para responder às muitas dificuldades e objeções que convertidos e intelectuais pagãos levantavam contra a religião cristã. Foi então que criou o *Didaskaleion*[2] , centro de ensino superior, e renunciou às funções de catequista. A originalidade de Orígenes foi a de fundar um centro no qual se oferecia um ensino completo, abarcando todos os ramos da cultura profana, como eram concebidos na época, e os coroava com o estudo das Escrituras.[3] Não sendo como Justino, um filósofo que se converte ao cristianismo, mas um cristão que quer e necessita aprofundar seus conhecimentos, o *Didaskaleion* exigiu dele longos estudos de filosofia. O ambiente filosófico deste período é o do medioplatonismo, que dará, a seguir, origem ao neoplatonismo com Plotino, cujos traços mais característicos são: a recuperação do supra-sensível, do imaterial e do transcendente, rompendo as pontes com o materialismo dominante; a reproposição do platonismo, da teoria das Ideias, acompanhada por uma transformação paralela da concepção de toda a estrutura do mundo do incorpóreo; a doutrina das mônadas e das díades como pano de fundo; proeminência do problema ético cuja palavra de ordem era "segue a Deus", "assimila-te a Deus", "imita a Deus", reconhecendo na assimilação ao divino transcendente e incorpóreo a marca autêntica da vida moral.[4] O fato é que Orígenes não cessa de se instruir. Estuda os filósofos gregos, viaja para Roma pelo "desejo de ver esta antiquíssima igreja" e para conhecer sua tradição cristã. Aprende o hebraico e procura por toda parte manuscritos do Antigo Testamento, tarefa que o leva a viajar constantemente para a Grécia, Nicomédia, Antioquia, Jerusalém, Jericó, onde "descobriu uma versão dentro duma jarra, do tempo de Antonino, filho de Severo" (*ib.* 16,4). Testemunha Eusébio: "Tão importante era para Orígenes o estudo muito acurado da Palavra de Deus que aprendeu também a língua hebraica e adquiriu a posse de originais das Escrituras conservados entre os judeus, em caracteres hebraicos. Saiu ao encalço de outros textos de tradutores das Escrituras Sagradas, além dos Setenta. Descobriu, em acréscimo às traduções geralmente conhecidas, as de Áquila, Símaco e Teodocião, algumas que trouxe à luz, extraindo-as de ignorados esconderijos, onde estavam há muito perdi- das" (6,16.1).

Um dos traços que aproximam Orígenes da mentalidade filosófica do seu tempo é o gosto pela sistematização. Isso pode ser confirmado na sua primeira grande obra, o tratado *Sobre os princípios*, tentativa genial, na opinião dos críticos, de dar uma explicação coerente da doutrina cristã. Estes princípios são: o amor de Deus e a liberdade humana.

A questão de suas afinidades com o neoplatonismo é complexa: é certo que foi aluno de Amônio Sacas, mestre também de Plotino.[5] Faz sua a doutrina aristotélica da ciência segundo a qual uma exposição científica deve começar pelo que é primeiro em si. Esse primeiro em si é Deus e a sua revelação. Desse modo, Orígenes transforma o método pedagógico desenvolvido pelas escolas gregas num ciclo geral de ensino cristão, concedendo um justo lugar a toda a herança cultural dos antigos. O certo é que, sentindo a necessidade de conhecer as doutrinas que queria combater, seguiu as lições de Amônio Sacas, que foi seu mestre em filosofia. Com ele, aprendeu, mais do que qualquer coisa, o ecletismo. Assim, Orígenes não foi essencialmente nem estoico, nem platônico, nem pitagórico, mas um pouco de todos eles. A dar crédito ao dizer de seu discípulo Gregório, o Taumaturgo, Orígenes só deixava fora de seus estudos os materialistas e os ateus.

De fato, seu esquema começava com o ensino da dialética, como doutrina do pensar exato; seguia-se a filosofia natural, juntamente com os resumos do saber matemático. Na sequência vinha a ética e, finalmente, como coroamento, a doutrina sobre Deus. Com essa estrutura de ensino, Orígenes contribuiu decisivamente para a introdução da cultura antiga no mundo cristão, isto é, para a inculturação do cristianismo no mundo helênico.

Ao mesmo tempo em que fundava a teologia sistemática com sua obra *Sobre os princípios*, Orígenes inaugurava a ciência bíblica. Procurava, antes de tudo, estabelecer um texto crítico, recolhendo para este fim as diversas versões da Bíblia. Com essas versões compôs a *Héxapla*, obra na qual apresenta a Bíblia em 6 colunas com os textos hebraicos em caracteres hebraicos, o texto hebraico transliterado em caracteres gregos, e as versões de Áquila, de Símaco e de Teodocião. Além disso pesquisa também para encontrar novas versões, em particular, nas grutas do deserto de Judá, onde foram encontrados, em 1947, os manuscritos do Mar Morto. Como resultado dessa pesquisa, diz Eusébio que Orígenes "reuniu conjuntamente todas estas traduções, dividiu-as em versículos (côla), colocou-as em colunas paralelas, com o próprio texto hebraico. Assim nos deixou o exemplar denominado *Héxapla*; e em *Tétraplas* publicou separadamente as versões de Áquila, Símaco e Teodocião, juntamente com as dos Setenta" (6,16.4). Ao lado deste trabalho crítico, empreendeu a redação dos *Comentários* a todos os livros da Escritura, praticando uma exegese tipológica, alegórica e literal.

Mas suas atividades à frente do *Didaskaleion* foram encerradas em 231, devido a um incidente que provocou a ira de Demétrio. Algum tempo antes, "Orígenes praticara uma ação que constitui uma prova muito grande de um senso inxperiente e juvenil, mas também de fé e temperança. Entendeu as palavras: 'E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus' (Mt 19,12) de modo simplista e juvenil, seja por julgar que assim cumpria a palavra do Senhor, seja porque, sendo jovem, pregava as coisas divinas não somente a homens, mas também a mulheres, e querendo tirar dos infiéis todo pretexto de calúnia vergonhosa, foi impelido a cumprir realmente a palavra do Senhor, tendo cuidado, porém, de que sua ação ficasse oculta para a maior parte dos discípulos que o cercavam" (6,8.1-2). Naquela ocasião, o bispo Demétrio, "como chefe da comunidade da região, soube do fato", mas não o condenou; antes, "admirou inteiramente a audácia de Orígenes. Aprovou-lhe o zelo e a sinceridade da fé e exortou-o

a se entregar doravante mais ainda à obra catequética" (6,8.3). Tempos depois, passando Orígenes pela Palestina numa de suas viagens, foi ordenado presbítero pelos bispos de Cesareia e de Jerusalém, sem o consentimento do bispo de Alexandria. A Demétrio, indignado com este acontecimento e talvez movido por inveja, "vendo Orígenes chegar a grandes realizações, tornar-se ilustre e famoso no mundo inteiro, sucedeu-lhe conceber sentimentos por demais humanos e tentou acusá-lo junto de todos os bispos de uma ação que considerava reprovável, enquanto os bispos mais estimados e célebres da Palestina, os de Cesareia e de Jerusalém, tendo julgado Orígenes digno de privilégio e de honra mais elevada, haviam-lhe imposto as mãos, ordenando-o sacerdote. Assim, "Demétrio, sem nenhum outro motivo de acusação, inculpou-o pela ação cometida na infância e teve a audácia de abranger sob as acusações os que o promoveram ao sacerdócio" (6,8.4-5). Apoiando-se nos sínodos de 230 e 231, expulsa Orígenes de sua diocese, destituindo-o do magistério e do presbiterato por causa da ordenação ilegítima, e o excomunga.

Desde então, Orígenes se estabeleceu em Cesareia da Palestina, onde passou os últimos vinte anos de sua vida. Ali continuou a ensinar e organizou, como já fizera em Alexandria, um centro de estudos no qual teve como discípulo Gregório, o Taumaturgo. Fundou também a célebre biblioteca na qual trabalharam mais tarde Pânfilo, Eusébio e são Jerônimo. O aspecto novo que se acrescentou à sua atividade foi a pregação. Praticamente todos os dias ele comentava a Escritura para os cristãos na igreja de Cesareia. Desta pregação nasceu um grande número de *Homilias*, o monumento mais antigo e um dos mais preciosos da literatura cristã.

Com isso, Orígenes tornou-se a personalidade da Igreja mais proeminente de seu tempo.

Fora de suas atividades acadêmicas, entretém relações com os maiores personagens de seu tempo, como o papa Fabiano e com Júlio Africano. É chamado pelos bispos para refutar os heréticos. Recentemente, encontrou-se, em Tura, no Egito, um papiro contendo a ata de uma destas discussões, o *Entretenimento com Heráclides*.

Particularmente importantes foram as relações de Orígenes com o ambiente imperial. Foi convidado para a Corte de Antioquia por Júlia Mameia, que queria ouvir seus discursos.[6]

Mais tarde, mantém correspondência com Filipe, o Árabe, que era sem dúvida cristão.

Começada num período de perseguição, a vida de Orígenes se fecha em período de perseguição. Foi preso na perseguição de Décio e torturado.

Sobreviveu poucos anos e morreu em consequências dos ferimentos sofridos na prisão.

Orígenes permanece, sem dúvida, o gênio maior que a Igreja cristã de língua grega produziu. "Ninguém, amigo ou inimigo, pôde subtrair-se à sua influência. Não houve nome, na Antiguidade cristã, mais discutido que o de Orígenes; nenhum foi pronunciado com tão apaixonado entusiasmo ou tão profunda indignação. Homens nobres e doutos aderiram a ele. Não poucos heréticos alegaram sua autoridade, mas também mestres ortodoxos dele aprenderam".[7] Teólogo, exegeta, apologista, asceta e precursor dos

Padres do deserto, é grande em toda ordem de coisas e deixou bem marcados todos os domínios que tocou. Contudo, por causa de sua exegese alegórica e pela influência da filosofia platônica, sua ortodoxia foi questionada e pelos anos 400, as disputas se acirraram violentamente. As discussões e os ataques se acalmaram só a partir do edito do imperador Justiniano I, de 543, e do II Concílio de Constantinopla, em 553, que condenou nove proposições de Orígenes, o que provocou o desaparecimento sistemático de sua imensa obra.

Será útil, nesta introdução, conhecer, ao menos sumariamente, algumas de suas obras mais importantes. Eusébio de Cesareia teria feito um elenco de 2 mil "livros" de Orígenes, conforme informa Jerônimo. Já o elenco do próprio Jerônimo é de apenas 800 "livros".

1.1. *Obras de crítica textual e exegéticas*

A *Héxapla* é uma obra que apresenta o Primeiro Testamento em seis colunas papalelas. Na quinta coluna, um sinal de chamada destacava aquilo que estava no texto grego dos Setenta, mas não no hebraico. Um asterisco indicava aquilo que não estava no texto grego, mas estava no hebraico. O fim proposto por Orígenes era o de uniformizar, na polêmica com os hebreus, um texto por eles reconhecido. Do enorme e insólito esforço restou somente o texto original conservado na biblioteca de Cesareia. Por inteiro, transcreveram-se apenas alguns livros, como por ex., o *Saltério*, ou se recopiou apenas a quinta coluna, isto é, a versão dos Setenta. Não obstante estas perdas, Orígenes pode ser considerado o fundador da crítica bíblica textual[8].

Além disso, ele elaborou *Comentários* de quase todos os livros da Sagrada Escritura. Tais comentários aparecem frequentemente sob duas ou mesmo três formas literárias: como *Escólios*, ou notas exegéticas breves de passagens ou de palavras menos conhecidas; como *Homilias*, sermões ou pregações, das quais restam um modesto número, de 20 sobre *Jeremias* e 16 sobre *Gênesis*; *Comentários* verdadeiros e próprios, frequentemente em forma de tratados. Não nos chegou nenhum por inteiro: dos 25 livros do *Comentário a Mateus,* restam só oito (10-17).

1.2. *Escritos dogmáticos*

Os *Princípios*. Ainda nos tempos modernos o título *Archai* foi suscetível de duas interpretações. Conforme alguns, este título deveria ser entendido no sentido de ensinamento fundamental em torno da fé cristã. Segundo outros, deveria ser entendido no sentido de "princípio constitutivo do ser, isto é, das coisas". A primeira interpretação encontra maior adesão, mesmo se a segunda interpretação resulta melhor aclimatada no ambiente filosófico e literário da época[9].

A obra, dividida em quatro livros, está articulada em torno dos seguintes tópicos:

Livro I: Deus (o Pai). Cristo. O Espírito Santo. Degradação e queda das primeiras criaturas. As três categorias dos seres racionais. O fim do mundo como restauração da

ordem fixada desde o início: *apocatastasi*. Breve tratação da ordem cosmológica, com aceno à *preexistência das almas* em relação aos corpos, posição evidentemente antignóstica.

Livro II: O mundo e as criaturas que nele se encontram. A eternidade da natureza corpórea. Há um só Deus, do Antigo ao Novo Testamento. A encarnação do Salvador. Idêntico o Espírito que animava Moisés e os apóstolos. A ressurreição: prêmios e castigos.

Livro III: A liberdade. O livre arbítrio. Estudo das ocasiões e das tentações que atiçam o homem ao pecado, em vista das responsabilidades morais de cada indivíduo.

Livro IV: A Revelação. A inspiração da Escritura. Como lê-la e interpretá-la. Reexame e recapitulação de todos os argumentos tratados no curso da obra.

Este trabalho de Orígenes, mais que os outros, deu lugar em épocas sucessivas a fortes discussões, até o ponto de provocar a condenação do autor. O motivo, pelo que parece, foi talvez um equívoco, já de partida, sobre a verdadeira natureza da obra e sobre a verdadeira intenção do autor. Em tempos recentes tentou-se repetidamente uma reavaliação de uma e de outra. Um caráter importante deste tratado é o de ser uma teologia em procura ou em exercício, frequentemente esquecido ao longo dos séculos: seguiram-se dela graves incompreensões para com o pensamento de Orígenes. Ele expõe e confronta várias teses entre si, propõe em tom problemático diversas soluções, não concluídas com afirmações dogmáticas unilaterais, mas deixa transparecer ulteriores tensões e perspectivas: ele nos apresenta mais uma síntese (que supõe a união de teses diferentes) que um sistema (que exige rigorosos postulados, dos quais se tiram conse-quências lógicas).[10]

1.3. *Escrito apologético*

Contra Celso. O título desta obra é: *Contra o livro de Celso*, intitulado *Discurso verdadeiro*. É escrita por Orígenes para refutar o filósofo platônico-eclético Celso, o qual, entre os anos 170-185, publicara sua obra (alguns dizem um panfleto) com o título *O discurso verdadeiro*. A resposta de Orígenes pode ser datada em torno de 248.

O escrito de Celso foi perdido, mas foi possível reconstruí-lo quase inteiramente, porque Orígenes, na sua refutação, retoma-lhe o texto quase página por página.

Eis o conteúdo do escrito do filósofo pagão na apresentação oferecida por A. Colona:

a) Introdução sobre a natureza da "doutrina veraz" e opiniões sobre sua antiguidade e sobre a difusão no mundo.

b) Celso introduz um judeu que debate alguns pontos, isto é, contra Cristo e contra os próprios judeus que aderiram ao cristianismo.

c) Demonstra que toda controvérsia entre judeus e cristãos, além de privada de sentido, é inútil. As controvérsias provêm do espírito intolerante dos cristãos; nenhum Deus ou Filho de Deus jamais veio à terra.

d) Discussão sobre problemas da adoração e do culto: os anjos, o juízo final, a ressurreição, a pretensão dos judeus não têm fundamento, assim como as dos cristãos.

Suas opiniões são tomadas de empréstimo da sabedoria dos outros povos, como demonstra de maneira clara o confronto da teologia platônica com as ideias dos cristãos.

e) Refutação da doutrina cristã, enquanto contrária ao culto dos deuses e contrária ao culto dos demônios.[11]

Em síntese, temos aí as linhas principais da obra de Celso. Na verdade, para compreendê-la um pouco melhor, será necessário analisá-la com mais detalhes. Comecemos por saber um pouco mais sobre o próprio autor.

2. QUEM ERA CELSO?

Talvez de origem egípcia, escreveu por volta de 178 d.C. um *Discurso verdadeiro contra os cristãos*.

A história sabe pouco deste autor. O próprio Orígenes tem informações confusas sobre ele, pois ao tentar descrevê-lo diz: "Eu ouvi dizer que há dois Celsos epicureus, um do tempo de Nero, este do tempo de Adriano e mais tarde" (*Contra Celso*, 1,8) e não sabe informar se se trata do Celso "autor de vários livros contra a magia" (1,68). Orígenes não tem certeza nem mesmo se Celso é um epicureu, conforme se expressa, mais adiante, no livro 4,54: "Discutamos, pois, um pouco este ponto (isto é, se os corpos como as almas são obras de Deus), e provamos ou que ele dissimula sua opinião epicurista, ou, dir-se-á talvez, que ele a abandonou por doutrinas melhores, ou mesmo, poder-se-ia dizer, que ele é um homônimo do Celso epicureu".

Ao Celso autor dos livros contra a magia, o satírico Luciano de Samósata dedicara um libelo intitulado *Alexandre ou o falso profeta*. É opinião comum hoje que o Celso a quem Orígenes responde é nitidamente platônico e não pode, de modo algum, ser identificado com o Celso epicureu, embora Orígenes insista em tratá-lo assim (cf. 1,10; 4,75; 4,86). De fato, ao longo da obra de Orígenes, surge um Celso para quem Platão, suas obras e suas ideias constituem o ideal a defender. As armas filosóficas que ele usa para atacar o cristianismo, que lhe aparecia como grande ameaça para o Estado, eram platônicas. Não cita Epicuro uma única vez ou algo que tenha a marca do epicurismo.

2.1. *A obra: a que Orígenes responde?*

Infelizmente o texto original do *Discurso verdadeiro* de Celso foi totalmente perdido. Além disso, nenhum autor cristão ou pagão do final do século II, contemporâneos de Celso, fazem alusão ao *Discurso verdadeiro contra os cristãos*. Isto pode significar que a obra não tenha influenciado de modo apreciável seus contemporâneos. Da parte dos autores cristãos, justifica-se o silêncio seja para evitar as duras críticas ali expostas ou porque a desconheciam. Da parte dos pagãos, nada permite decidir se Celso foi um pensador lido, porta-voz de uma escola ou de um partido ou um pensador isolado. Além disso, temos que nos perguntar: a obra de Celso teria realmente se perdido ou foi queimada pelos cristãos?

O fato é que a obra já estaria realmente fora de circulação já no tempo de Constantino, entre os anos 312 e 337, que como farão mais tarde os imperadores

Teodósio II (408-450), no Ocidente, e Valentiniano III (425-455), no Oriente, ordenara a destruição de todas as obras que pudessem "excitar a cólera divina e ferir os espíritos". Nenhum deles menciona nos seus decretos correspondentes a obra de Celso ao lado das outras neles citadas. De qualquer forma, só o fato de Orígenes ter aceito esse trabalho ingente de refutação da obra de Celso indica a possibilidade de ela ter tido alguma repercussão, especialmente se dermos ouvidos ao que ele diz ao iniciar o livro IV, evocando Jr 1,9-10: "Doravante preciso de palavras capazes de arrancar pelas raízes as ideias contrárias à verdade de toda alma enganada pelo tratado de Celso ou por pensamentos semelhantes aos seus".

Contudo, podemos conhecê-la e mesmo reconstruí- la na sua quase totalidade graças ao método empregado por Orígenes que, para rebatê-la em todos os seus argumentos, cita-a textualmente parágrafo por parágrafo, embora admita que fizera algumas supressões. Pois, como lemos no livro 5,1, "para não deixar sem exame nenhuma de suas palavras", ou "para refutar da melhor forma os argumentos plausíveis, citarei, portanto, os argumentos de Celso que seguem depois daqueles a que já respondi (...) e lançarei minhas refutações".

O que teria levado Celso a escrever contra os cristãos? Qual foi, realmente, o motivo que moveu Celso a combater os cristãos através de seu escrito? Qual foi, em síntese, sua reação frente à nova religião? Porque Celso se sente impulsionado a escrever seu *Discurso verdadeiro contra os cristãos*? Parece que durante a pacífica época de Antonino Pio (138-161) e de Marco Aurélio (161-180), abundaram os panfletos de todas as tendências, aproveitando a assim chamada bondade dos governantes, com o propósito de atrair a atenção dos imperadores e os altos magistrados para onde cada panfletista os endereçava, em Roma e nas capitais das províncias. Alexandria, onde parece ter vivido Celso, era um empório comercial, cultural e administrativo no século II d.C. O fato é que a obra de Celso é o primeiro texto anticristão de grande fôlego e importância. É a primeira obra polêmica redigida por um filósofo contra os cristãos. Pode-se ver, em sua obra, as invectivas e impugnações de todas as épocas contra o cristianismo. Igualmente pode-se dizer, em contrapartida, que na resposta de Orígenes estão contidas todas as defesas possíveis do cristianismo. Porém, num importante gesto histórico, o célebre édito de 380 do imperador Teodósio significou um autêntico certificado de disfunção para o paganismo não só como religião mas também como fato, forma e expressão literária. A partir desta data, começou-se a exaltar a obra de Orígenes. Mas a censura já havia deteriorado a obra de Celso antes que as invasões fizessem "arder como uma tocha" toda a Europa Ocidental. Aquele édito, conhecido como o édito de Tessalônica, foi o fim de uma época cultural da mesma maneira que o ano 476, no plano histórico-militar, marcou a queda do Império Romano. Fracassa a proposta e fracassam as críticas de Celso.

Triunfa o *Kata Kelson* (Contra Celso) de Orígenes.

2.2. *Conteúdo e estrutura do* Discurso verdadeiro

Em síntese, Celso ridiculariza a ideia de uma revelação feita aos homens, aos judeus e

aos cristãos. A ressurreição nada mais é do que a velha metempsicose; as grandes narrativas do Antigo Testamento são equivalentes às da mitologia grega; o credo dos cristãos é uma hábil mistura de elementos estoicos, eleatas, judaicos, persas e egípcios. Finalmente, critica como absurda a ideia de que um Deus tenha podido se encarnar. Vamos por partes.

No **Prefácio,** 1,1-12, Celso se comove com o fato de os cristãos enfrentarem a morte, por sua fé, com tanta disposição. Ao mesmo tempo, constata a condição ilegal dos cristãos no Império, enquanto constituem uma seita ilícita, não reconhecida. Isso os expõe a serem punidos com a morte e Celso se pergunta se vale a pena este sacrifício, se a religião cristã merece que seus adeptos arrisquem a vida por ela.

Na Primeira Parte, que vai de 1,14 a 2,79, Celso questiona as origens do cristianismo. Procura levantar o descrédito mostrando sua origem recente e suspeita. O cristianismo é um movimento sectário cuja doutrina, antiquíssima, é comum aos povos e aos sábios. Moisés a deformou em monoteísmo rígido e a impôs a seus pastores rudes. Jesus, tido por Filho de Deus por uma multidão de iletrados e alguns homens da elite, a retomou e a ensinou.

Em seguida, expõe as invectivas de um judeu contra Jesus (1,28-71): o judeu opõe e defende suas ideias messiânicas e critica as pretensões de Jesus. Este não foi o messias, mas um homem miserável, como o mostram suas origens sem nobreza. Os títulos escriturísticos que lhe dão são sem autenticidade. Sua carreira é sem glória. Depois o judeu passa a atacar os judeus-cristãos que apostataram da religião de seus pais para crerem erroneamente em Jesus como o messias e o filho de Deus (2,1-79). Há, segundo Celso, boas razões para não crer: as profecias que se lhe aplicam convêm melhor a outros; sua conduta não é digna de um Deus; seus milagres semelhantes aos de outros carismáticos; a paixão de Jesus não tem um fim assinalável; a pregação de sua morte é uma invenção de seus discípulos. Assim, segundo Celso, os cristãos são refutados por seus escritos e a pretensão messiânica de Jesus, por sua impotência (2,47-79).

Dizem que, para escrever essa obra, Celso teve que aprender hebraico e recorrer aos textos sagrados do Antigo Testamento. Assim, cita Moisés, Jonas, Ló, Daniel, ou a Sodoma e Gomorra. Demonstra conhecer os costumes e tradições judaicas.

Na Segunda Parte, 3,1 a 5,65, Celso procura mostrar que o cristianismo é uma religião sem fundamento verdadeiro, uma insurreição judaica frustrada. Quais os ele mentos que Celso invoca para fundar sua demonstração?

Para ele, a vinda de Jesus-salvador só serve de pretexto para uma disputa inútil entre judeus e cristãos. Esta luta é reveladora do espírito de revolta, cujo único resultado é seu poder de provocar rupturas com a comunidade de origem, com as antigas tradições, com a vida social e familiar e com a comunidade ideal dos sábios. Questiona o fato básico da encarnação, a descida ao mundo de um Deus ou Filho de Deus. Critica como um absurdo a ideia de que um Deus tenha podido se encarnar. Para ele, trata-se de operação impossível, cuja imaginação implica em erros no próprio conceito que temos de Deus (4,3-18). Ela pressupõe uma mudança em Deus, o que é inadmissível, o que contraria a sua imutabilidade (4,14-18). Impugna o cristianismo atacando a ideia messiânica dos

cristãos e se empenha em desqualificar o cristianismo como religião. Os hebreus se originaram ao se separarem da religião egípcia; os cristãos, por sua vez, ao se separarem dos judeus.

O conceito grego de uma natureza espiritual de Deus, eterna e imutável, não se concilia com a crença cristã da humanização, paixão e morte de Deus. Do mesmo modo, a participação imediata de Deus nos acontecimentos do mundo entra em conflito com a sua bem-aventurança eterna, que descansa sobre si mesma. O conhecimento filosófico da niilidade e mutabilidade de tudo o que é material faz parecer absurda a crença cristã da ressurreição da carne, pois apenas a alma, devido a sua natureza espiritual, pode considerar-se que continue a viver para além da morte do corpo. A ressurreição nada mais é do que a velha metempsicose. Desse modo, para ele as narrativas do Antigo Testamento são equivalentes às da mitologia grega e implicam ainda em erros sobre a natureza, já que esta não é obra de Deus (4,52-73); implicam em erro sobre o universo, pois este não é criado exclusiva ou preferentemente para o homem mais que para os animais irracionais (79-99). Nem os cristãos são algo extraordinário, já que vêm do judaísmo do qual apostataram, e sua situação é ainda pior que a dos judeus: sua angelologia é mais desconcertante e seu sectarismo aumentado. O credo dos cristãos não tem nada de original. Não é outra coisa que uma hábil mistura de elementos estoicos, eleatas, judaicos, persas e egípcios. Demonstra conhecer os evangelhos, e não somente aqueles que serão estabelecidos no século IV por são Jerônimo como "canônicos", "oficiais" na Vulgata, mas também os evangelhos apócrifos que deviam circular livremente na época de Celso e que a censura expurgou ao longo do século IV. É possível, inclusive, deduzir-se que o esforço de "fixar" os textos "oficiais" da Igreja tenha surgido como método para anular os ataques pagãos e reações como as de Celso.

Na Terceira Parte, 6,1 a 8,71, Celso combate as ideias particulares do cristianismo. Confronta as doutrinas tradicionais com as dos judeus e cristãos, para mostrar a inferioridade destas sob todos os aspectos, na medida em que se afastam das doutrinas tradicionais. Por isso, o cristianismo professa uma doutrina sem valor. Estigmatiza como sectarismo e intolerância a recusa cristã de altares e imagens, do culto dos demônios e do imperador, provas de um comportamento político irresponsável, inconsequente e perigoso que enfraquece a autoridade e a força do Estado, expondo-o aos bárbaros iníquos e selvagens. Passa em revista os livros sagrados dos cristãos, ataca a cosmogonia da "criação dos 6 dias", qualificando-a de infantil. Ataca as profecias, argumentando que elas destroem a liberdade. Ataca a possibilidade de um Deus antropomorfo, assim como o inviável da ressurreição dos corpos. Isto nos dá ideia de que o cristianismo do século II devia estar numa linha "muito dura" e que logo se abrandou um tanto ao assimilar parte do platonismo com o que era atacado, deixando-se impulsionar pela simbiose universal.

A **Quarta Parte** é uma defesa radical da religião e do Estado Romano pagão tal como se encontrava no século II, ressaltando que a seita dos cristãos é um iminente perigo social e político. A razão é que os cristãos se negam a prestar o serviço militar. Para o bem da pátria, todo cidadão deve assumir cargos na função pública e muitos cristãos se negam a fazê-lo. Os cidadãos não podem deixar de render o devido culto ao Imperador,

como fazem os cristãos. Os cidadãos não devem negar-se a participar nos sacrifícios e nos banquetes sagrados, e os cristãos se negam. Um cidadão deve tomar a toga viril quando chega a idade para isso, e os cristãos rompem com essa tradição do passado. Celso vê nos cristãos um perigo social e uma subversão política, e conclui: "Que a terra seja expurgada dessa canalha". As perseguições devem muito, seguramente, a essa obra de Celso. Portanto, resta a cada um o dever de sustentar o imperador e tomar parte no governo, se for necessário, como nos serviços comuns da vida.

Na Conclusão (livro 8,72-76), Celso indica como é preciso viver: exorta os cristãos a deixar de lado o universalismo, a combater pelo imperador, a participar no governo da pátria para defender as leis e a religião.

As respostas de Orígenes a essas acusações, o leitor as lerá no texto a seguir. No entanto, convém ter sempre presentes algumas características do pensamento de Orígenes. Aqui destacamos apenas duas destas características. 1) A tendência idealista que marca toda sua interpretação das Escrituras. Embora encontre três sentidos diferentes nas Escrituras: a) o *sentido corporal* ou somático, que é como a carne da Escritura; b) o *sentido psíquico*, que é a alma; c) o *sentido pneumático* ou espiritual, que corresponde ao espírito no homem e que contém os vestígios dos bens futuros. Esta classificação é fundada sobre a psicologia tricotômica dos platônicos e, sobretudo, sobre a *mística* de Orígenes que separa os cristão em três categorias: os simples, os que progridem e os perfeitos. A cada uma delas convém um dos sentidos bíblicos assinalados. 2) Orígenes tinha uma ideia muito elevada de Deus. Para interpretar as Escrituras de maneira digna dele, sua única regra de exegese passou a ser o sentido espiritual-alegórico, descartando tudo o que pudesse rebaixar sua ideia de Deus. Mas aí estavam também os perigos. Estes provinham, sobretudo, de duas causas: a) Orígenes encontrava frequentemente na Bíblia textos que julgava impossíveis ou indignos de Deus, se explicados no sentido literal; isso o empurrava a buscar o pretendido sentido espiritual, que não somente não se apoiava sempre sobre a letra da Escritura, mas o descartava frequentemente; b) todas as formas de sentido espiritual que assinalamos estavam igualmente presentes como palavra de Deus, mesmo que se tratasse de largas acomodações, fundadas sobre imperfeições do texto dos LXX ou erros de linguagem. Assim, ele se acostumou, num tal sistema, a atribuir a Deus doutrinas as mais estranhas, colocando a fé em perigo. Este perigo era tanto mais a se temer que Orígenes, como verdadeiro filósofo, não se contentava em crer, mas racionalizava sua fé, e sua especulação aguda não corrigia muito os excessos e as exuberâncias de sua exegese ale gorista. Assim ficaram parcialmente comprometidas uma obra, uma doutrinal e um pensamento que, por tantos outros méritos, deveriam ser conhecidos e admirados.

[1]Tiro da Fenícia, hoje Sur, do Líbano, era uma das principais cidades da época, ao lado de Ugarit, Byblos, Beyarth e Sidon. Fundada numa ilha ligada ao continente por um dique, foi por um longo período o principal porto do Mediterrâneo oriental. Próspera pela fabricação de púrpura, de vidro e dos "cedros do Líbano". Em 1291, foi destruída pelos mamelucos do Egito, de modo que hoje só restam poucos vestígios dela.

[2]*Didaskaleion* foi o primeiro esboço daquilo que será a universidade na Idade Média.

[3]É a partir daí que seu discípulo, admirador e mecenas Ambrósio põe à sua disposição um grupo de

estenógrafos e de copistas para auxiliá-lo neste empreendimento.

[4]Cf. G. REALE,-D. ANTISERI, *História da Filosofia. Antiguidade e Idade Média*, 3ª ed., vol. I, Paulus, 1990, pp. 328-329.

[5]Orígenes não pode ter sofrido influências de Plotino visto que este era 20 anos mais jovem. Porfírio fala, em seu *Vida de Plotino*, de um Orígenes, mas não é absolutamente certo que se trate do Orígenes cristão.

[6]Júlia Mameia teve papel importante no governo dos imperadores Heliogábolo, de quem era tia, e Alexandre Severo, de quem era mãe.

[7]B. ALTANER e A. STUIBER, *Patrologia. Vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*, 2ª ed., Paulus, 1988, p. 205.

[8]Cf. G. MAYER, vocábulo *Bibbia* na "Enciclopedia Cattolica VI", 893.

[9]Cf. M. SIMONETTI, *Origene. I principi*, Torino, 1968, p. 27.

[10]Cf. G. BOSIO – E. DAL CAVOLO – M. MARITANO, *Introduzione ai Padri della chiesa*, II, p. 312.

[11]Cf. A. COLONNA, *Origene: Contra Celso,* Torino, 1971, pp. 15-16.

BIBLIOGRAFIA

AA.VV., *Atti dei due Colloqui Internazionali su Origene* (Monserrat, 1973).

AA.VV., Origeniana, Bari, 1977), *Origeniana secunda,* Roma, 1980.

ALCAIN, J.A. *Cautiverio y redención del hombre en Orígenes*. Bilbao, 1973.

AUBÉ, B., *La polémique païenne à la fin du deuxième siècle*, Paris, 1924, 277-390.

BARDY, Gustave, "La littérature patristique des 'Quaestiones et responsiones' sur l'Écriture Sante", in *Revue Biblique*, 41, 1932, pp. 228-236; 341-369; 515-537.76-85.

_____. *Littérature grecque chrétienne*. Librairie Bloud et Gay, Mayenne, 1928.

_____. *Origène. Dictionnaire de Théologie Catholique* 11, 1489-11565.

BAREILHE, Les traditions juives dans l´oeuvre d´*Origène. Revue biblique*, 1925, pp. 217-252.

_____. La règle de foi d´*Origène*, *Recherches de Science Religieuse*, t. II, pp. 162-196, 1920.

_____. *Origène* et la magie. *Recherches de Science Religieuse*, t. 18, pp. 126- 142, 1928.

_____. *Origène*, em *Littérature grecque chrétienne*. Librairie Bloud et Gay, (Mayenne), 1928, pp. 76-84.

BORDES, G. *L'Apologétique d'Origène d'après le Contra Celsum*, Cahors, 1900.

BORRET, M. *Origène. Contre Celse*, 5 vols. Col. Sources Chrétiennes 132, 136,147, 150, 227, Cerf, Paris, 1967-1976 (texto bilíngue, crítico, notas, vasta introdução e índices).

BOUYER, Louis – DATTRINO, L. *La spiritualità dei Padri* (3/A), Bologna, 1983

_____. *La spiritualità dei Padri,* (3/B), Bologna, 1986.

BUENO, Daniel Ruiz. "Contra Celso", em *Padres Apologetas Griegos, (s.II)*, BAC, Madrid, 1979, pp. 49-88.

CADIOU, R. *La jeunesse d'Origène*, Paris, 1935.

CAVALLERA, F. *La doctrine d'Origène sur les rapports du christianisme et de la société civile*. BLE 30-39, 1937.

CAUSSE, A., *Essai sur le conflit du christianisme primitif et de la civilization*, Paris, 1920.

CELSO. *El discurso verdadero contra los cristianos*. Introducción y notas de Serafín Bodelón. Madri, Alianza Editorial, 1989.

CHADWICK, H. *Origen, Celsus and the Stoa*. JTsST, 34-49, 1947.

_____. *Origen, Celsus and the Resurrection of the Body.* HThR, 41, 83-102, 1948.

_____. *Origen. Contra Celsum*. Cambridge, 1965.

COLONNA, A., *Contro Celso di Origene*, Torino, 1971 (trad. it., com intr. e notas).

CROUZEL, Henri. "Voc. *Origène*", em *Catholicisme*, X, 243-252.

DANIÈLOU, Jean. *Origène*. Paris, 1948.

FAYE, E. de. *Esquise de la pensée d'Origène,* Paris, 1925.

_____. *Origène: as vie, son oeuvre, as pensée*. 3vol., Paris, 1023-1929; t. I, *Sa biographie e ses écrits; t.II. L´ambience philosophique; t. III, La doctrine*.

DATTRINO, Lorenzo, *Padri e maestri della fede. Lineamenti di patrologia*. Edizioni Messagero, Padova, 1994, pp.90-96.

FLICHE, A. - MARTIN, V. *Histoire de l´Eglise*, 2º vol. Paris, 1946, pp. 249-293.

FRANGIOTTI, ROQUE. *História da teologia. Período patrístico*. São Paulo, Paulus, 1992, cap. III.

HARL, M. *Origène et la fonction révélatrice du Verbe Incarné*. Paris, 1958.

HOMO,L. *Les empereurs romaines et le christianisme,* Paris, 1931.

LABRIOLLE, P.de. *Celse et Origène*. RH, pp. 1-44, 1932.

LEBRETON, J. "Les degrés de la connaissance religieuse d'après *Origène*". on *Recherches de Science Religieuse*, t. XII, pp. 265-296, 1922.

_____, "Le désaccord de la foi populaire et de la théologie savante dans l'Eglise chrétienne du IIIè siècle", in *Revue d'Histoire Ecclésiastique*, 1923, 481-506; 1924, 5-37.

LOMIENTO, G. *L'esegesi origeniana sul Vangelo di san Luca*, Bari, 1966.

NAUTIN, P. *Origène, sa vie et son oeuvre*. Paris,
1977.

PUECH, A., *Les apologistes grecs du IIè siècle de notre ère*, Paris, 1912.

PRAT, F. *Origène*, Paris, 1907.

QUASTEN, Johannes. *Patrologia I. Hasta el concillo de Nicea*. BAC, Madrid, 1968, pp. 351-411.

RIUS, Camps J. *El dinamismo trinitario en la divinizacón de los seres racionales según Orígenes*. Roma, 1970.

ROUGIER, L. *Celse ou le conflit de la civilization antique et du christianisme primitif, Paris*, 1925.

VAGAGGINI, G. *Maria nelle opere di Origene*, Roma, 1942.

WINDEN, J. C.M. van. *Notes on Origen*. "Contra Celsum", *VC*. 20, 201-213, 1966.

Roque Frangiotti

CONTRA CELSO

PREFÁCIO

O silêncio de Jesus

1. Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, vítima de falso testemunho, "ficou calado"(Mt 26,59-63; Mc 14,55-61); acusado, "não respondeu sequer uma palavra" (27,12-14; Mc 15,3-5; Lc 23,9), tão convencido estava de que toda a sua vida e suas ações entre os judeus sobrepujavam qualquer voz que se levantasse para refutar o falso testemunho e qualquer palavra que respondesse às acusações. Mas tu, piedoso Ambrósio, quiseste, não sei por quê, que aos falsos testemunhos de Celso contra os cristãos em seu tratado e às acusações contra a fé das igrejas em seu livro eu opusesse uma defesa: como se nos fatos não houvesse uma refutação evidente e um discurso mais forte do que todos os escritos capazes de confundir os falsos testemunhos e deixar as acusações sem ensejo e sem efeito! Mas Jesus, vítima de falso testemunho, permanecia calado: basta citar aqui as palavras de Mateus, pois as de Marcos são equivalentes. Eis o texto de Mateus: "Os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam um falso testemunho contra Jesus, a fim de matá-lo, mas nada encontraram, embora se apresentassem muitas falsas testemunhas. Por fim, apresentaram-se duas que afirmaram: 'Ele disse: posso destruir o templo de Deus e edificá-lo depois de três dias.' Levantando-se então o sumo sacerdote, disse-lhe: 'Nada respondes? O que testemunham estes contra ti?' Jesus, porém, ficou calado" (Mt 26,59-63). Além disso, acusado, ele não respondia, pois está escrito: "Jesus foi posto perante o governador. E o governador interrogou-o: 'És tu o rei dos judeus?' Jesus declarou: 'Tu o dizes'. E ao ser acusado pelos chefes dos sacerdotes e anciãos, nada respondeu. Então lhe disse Pilatos: 'Não estás ouvindo de quanta coisa te acusam?' Mas ele não lhe respondeu sequer uma palavra, de tal sorte que o governador ficou muito impressionado" (Mt 27,11-14).

2. Que exemplo realmente digno de admiração, até mesmo para pessoas medianamente dotadas! O acusado, vítima do falso testemunho, podia se defender, provar que nenhuma acusação o atingia, fazer longo panegírico de sua própria vida e de seus milagres, manifestamente vindos de Deus, para abrir ao juiz o caminho de sentença favorável; longe, porém, de fazer isso, mostrou apenas desprezo e nobre desdém aos seus adversários. O juiz imediatamente teria libertado Jesus ao menor sinal de defesa, como provam tanto as palavras que a seu respeito são referidas: "Quem quereis que vos solte: Barrabás ou Jesus, chamado Cristo?", quanto o que a Escritura acrescenta: "Pois sabia que era por inveja que o haviam entregue" (Mt 27,17-18). Jesus, porém, estava sempre exposto aos falsos testemunhos, e não há momento algum em que ele não seja acusado, por causa da malícia que impera entre os homens. E ele, ainda hoje, continua calado diante desses ataques e nada responde com sua própria voz; mas encontra sua defesa na vida de seus verdadeiros discípulos, testemunho admirável dos fatos reais, que vence toda espécie de calúnia, refuta e derruba os falsos testemunhos e as acusações.

Fraqueza dos discursos

3. Ouso mesmo dizer que a defesa que me pedes para elaborar pode enfraquecer a que existe nos fatos e no poder de Jesus, evidente para quem não é estúpido. Entretanto, para não parecer hesitante diante da tarefa que me ordenaste, faço o que posso para a cada uma das afrontas escritas por Celso replicar alegando o que me pareceu próprio devolver a tais discursos, embora sejam incapazes de abalar qualquer fiel. Oxalá, pelo menos, não haja ninguém que, depois de ter recebido este amor infinito de Deus "em Cristo Jesus", seja abalado em sua determinação pelas acusações de Celso ou de algum de seus adeptos! Paulo, ao listar provas inúmeras que geralmente separam o homem do "amor de Cristo" e do "amor de Deus em Cristo Jesus", todas elas dominadas pelo amor de Deus que nele se encontra, não incluiu o discurso entre as causas de separação. Observe como ele começa dizendo: "Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? Realmente está escrito: Por tua causa somos entregues à morte todo dia, fomos tidos em conta de ovelhas destinadas ao matadouro. — Mas, em tudo isso vencemos por aquele que nos amou". Em seguida, dando outra série de causas que por sua própria natureza servem para separar (deste amor) as pessoas de piedade instável, diz: "Pois estou persuadido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as virtudes, nem a altura, nem a profundeza, nenhuma outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo nosso Senhor" (Rm 8,35-39).

4. Para nós é motivo justo de glória que nem a "tribulação" nem tudo o que a seguir vem enumerado possa nos separar; mas não é por causa de Paulo ou dos apóstolos ou por quem quer que se lhes assemelhe: o Apóstolo está tão acima dos obstáculos que diz: "Mas, em tudo isso vencemos por aquele que nos amou", o que indica algo mais do que simples vitória. E ainda que os apóstolos devam se gloriar de não serem separados "do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo nosso Senhor", podem se gloriar com o fato de que "nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados", nem qualquer outra coisa mais poderá "separá-los do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo nosso Senhor". Por isso devo lamentar que alguém possa acreditar em Cristo com uma fé capaz de ser abalada por Celso, que sequer vive a vida comum entre os homens, mas morreu há muito tempo, ou por alguma força persuasiva dos discursos. Nem sei em que categoria devamos classificar aquele que precisa de discursos escritos em livros em resposta às acusações de Celso contra os cristãos, para recuperar e pôr novamente em pé firme uma fé vacilante. Contudo, como talvez existam, na multidão daqueles que são tidos como fiéis, pessoas a quem a obra de Celso poderia abalar e derrubar, mas a quem a resposta por motivos capazes de desfazer os objetivos de Celso e de estabelecer a verdade poderia curar, decidi obedecer à tua ordem e responder ao tratado que me enviaste: embora, a meu ver, ninguém dos que fizeram o menor progresso em filosofia reconheça nesta obra um *verdadeiro discurso*, como Celso a intitulou.

5. Paulo viu que a filosofia grega contém razões não desprezíveis, plausíveis aos olhos do grande público, as quais apresentam a mentira como se fosse verdade. Diz ele a

respeito delas: “Cuidai de que ninguém vos leve novamente à escravidão com filosofias falazes e vãs, fundadas em tradições humanas e não em Cristo”(Cl 2,8). E como ele via se manifestar nos discursos da sabedoria do mundo certa grandeza, disse que os discursos dos filósofos eram “conforme os elementos do mundo”. Mas todo homem sensato negaria que os escritos de Celso sejam igualmente “conforme os elementos do mundo”. Aqueles têm algo de sedutor, e Paulo falou de uma vã sedução talvez para a distinguir da sedução que não é vã, a que tinha em vista *Jeremias* quando teve a audácia de dizer a Deus: “Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir, agarraste-me e me dominaste” (Jr 20,7). Mas os de Celso parecem não ter qualquer sedução, nem mesmo a vã sedução que oferecem os fundadores de escolas filosóficas dotados nestas matérias de inteligência pouco comum. E assim como nas especulações geométricas um erro banal não pode ser chamado “um dado falsificado”, ou ainda ser proposto para um exercício a partir de tais dados, da mesma forma impõe-se que se pareçam com os pensamentos dos fundadores de escolas filosóficas as que poderíamos qualificar como suas especulações de vã sedução “conforme a tradição dos homens, conforme os elementos do mundo”.

Por que este prefácio?

6. É este o prefácio que decidi colocar na abertura desta obra, tendo chegado em minha refutação de Celso à hora de pôr em cena o judeu que ataca Jesus. E isto para que o leitor de minhas réplicas a Celso veja neste prefácio que este livro de modo algum foi escrito para fiéis crentes, mas para os que não têm qualquer experiência da fé em Cristo, como também para os que, nas palavras do Apóstolo, são fracos na fé; pois diz ele: “Acolhei o fraco na fé com bondade” (Rm 14,1). Que este prefácio me sirva de escusa por ter seguido um plano no início de minhas respostas a Celso e outro depois deste começo. Minha intenção era de início anotar os pontos de acusação e, resumidamente, o que se pode responder a eles, e em seguida compor o discurso num conjunto orgânico. Mais tarde, a própria matéria me sugeriu, a fim de ganhar tempo, contentar-me com essas respostas do começo e, a seguir, discutir com todo rigor possível as acusações de Celso contra nós. Peço, pois, indulgência pelo que vem imediatamente depois do prefácio. E se as respostas ulteriores não conseguirem te convencer, também por elas te peço indulgência e te remeto, se quiseres ainda ter as refutações por escrito dos discursos de Celso, àqueles que têm mais inteligência do que eu e são capazes de refutar pela palavra e pela pena as acusações de Celso contra nós. Mais feliz, porém, será o homem que não tiver necessidade, ainda que leia o tratado de Celso, de defesa contra ele, mas desprezar todo o conteúdo de seu livro, pois qualquer dos fiéis de Cristo, pelo Espírito que nele está, com razão o desprezará.

LIVRO PRIMEIRO

Os cristãos: situação ilegal

1. Eis a primeira afronta formulada por Celso em seu desejo de difamar o cristianismo: *Desprezando as leis estabelecidas, os cristãos formam entre si convenções secretas. Entre as convenções, algumas são públicas, e todas estão de acordo com as leis; outras são ocultas, e são todas aquelas cuja realização viola as leis instituídas*. Pretende ele incriminar *a caridade mútua dos cristãos como nascida de um perigo comum e mais forte do que qualquer juramento.* Como ele invoca *a lei comum* e diz que ela foi *infringida pelas convenções dos cristãos*, devemos responder: se um estrangeiro se encontrasse no meio dos citas, que seguem leis ímpias, e não podendo se afastar desse povo por ser obrigado a viver entre eles, teria razão, em nome da lei da verdade, que para os citas é uma violação da lei, em formar com aqueles que comungam dos mesmos sentimentos convenções que desprezam as leis instituídas daqueles. Dessa forma, no tribunal da verdade, as leis dos pagãos relativas às estátuas e ao politeísmo ateu são leis de citas ou são mais ímpias que as dos cristãos, se estas de fato o forem. Portanto, é razoável formar convenções contra as leis estabelecidas para a defesa da verdade. De fato, se para expulsar o tirano usurpador do poder da cidade, as pessoas formassem convenções secretas, o ato que praticariam seria honesto. O mesmo sucede aos cristãos: sob a tirania daquele que é denominado diabo, e da mentira, formam convenções desprezando as leis estabelecidas pelo diabo, contra o diabo, e para a salvação das outras pessoas que eles podem convencer a se livrarem daquilo que é como uma lei de citas e de tirano.

Doutrina e demonstração

2. *A doutrina tem uma origem bárbara*, diz ele em seguida — referindo-se evidentemente ao judaísmo de que depende o cristianismo. E muito criteriosamente, não censura ao Evangelho sua origem bárbara, pois faz este elogio: *Os bárbaros são capazes de descobrir doutrinas*. Mas acrescenta: *Para julgar, dar fundamento, adaptar à prática da virtude as descobertas dos bárbaros, os gregos são mais hábeis*. Mas, eis o que posso dizer, partindo de sua observação, para defender a verdade das teses do cristianismo: todo aquele que vem dos dogmas e das disciplinas gregas ao Evangelho pode não só julgar que elas são verdadeiras, mas ainda provar, pondo-as em prática, que elas satisfazem a condição que parecia faltar com relação a uma demonstração grega, provando desta forma a verdade do cristianismo. Devemos, porém, acrescentar: a palavra (divina) tem sua demonstração própria, mais divina do que a dos gregos pela dialética. E esta demonstração divina é chamada pelo Apóstolo de "demonstração de Espírito e poder" (1Cor 2,4): de "Espírito", pelas profecias capazes de gerar a fé no

leitor, sobretudo no que se refere a Cristo; "de poder", pelos prodigiosos milagres cuja existência podemos provar por esta razão, entre muitas outras, que ainda subsistem vestígios desta existência, entre aqueles que regram a sua vida pelos preceitos desta palavra.

Clandestinidade

3. Em seguida diz ele: *Às escondidas os cristãos praticam e ensinam o que lhes convém. Têm uma boa razão de assim agir: afastam a pena de morte que paira sobre suas cabeças*. E compara esse risco *aos riscos que um Sócrates corre pela filosofia*. E poderia ter acrescentado: um Pitágoras e outros filósofos. Ao que podemos responder: no caso de Sócrates, os atenienses logo se arrependeram e não guardaram ressentimento contra ele, e tampouco (outros) com relação a Pitágoras: pelo menos, os discípulos de Pitágoras fundaram durante muito tempo suas escolas na parte da Itália chamada Magna Grécia. Mas, no caso dos cristãos, o Senado romano em suas sessões, os imperadores contemporâneos, o exército, o povo, os parentes dos fiéis, em guerra contra o cristianismo, teriam barrado e vencido a este pela conspiração de tantas forças, se ele, pelo poder divino, não houvesse ultrapassado e superado a oposição, até vencer o mundo inteiro conjurado contra ele.

Moral comum

4. Vejamos como ele pretende denegrir *a moral* com esta acusação: *ela é banal e, com referência aos outros filósofos, nada ensina de venerável nem de novo*. Ao que devemos responder: os que admitem um justo juízo de Deus teriam repelido o castigo que ameaça os pecadores, se todos os homens não tivessem, por força das noções comuns, uma noção elementar saudável no campo da moral. Em vista disso, não admira que o próprio Deus tenha semeado nas almas de todos os homens o que ele ensinou pelos profetas e pelo Salvador; para que ninguém encontre desculpa no juízo divino, pois todo ser humano tem a exigência da lei inscrita no seu coração. A Bíblia insinuou esta verdade numa passagem que os gregos consideram um mito, imaginando que Deus tivesse escrito de próprio punho os mandamentos e a seguir os entregasse a Moisés. A malícia dos que fabricaram o bezerro de ouro os arrasou: o que significa que o aluvião do pecado os fez submergir. Mas Deus os escreveu uma segunda vez e os entregou depois de Moisés ter lavrado as tábuas de pedra: como se a pregação profética preparasse a alma, depois da primeira falta, para uma segunda escritura de Deus.

Rejeição dos ídolos

5. Cita ele como característica dos discípulos do Evangelho a atitude para com o culto dos ídolos e parece ser-lhe favorável: *Se eles não reconhecem divindades fabricadas com mãos humanas, é porque não condiz com a razão que sejam deuses os objetos construídos por artífices totalmente vis e de caráter miserável, muitas vezes mesmo*

fabricados por pessoas injustas. Desta forma, mais tarde, entendendo que se trata nesta matéria de concepção comum e não de descoberta cristã original, cita a passagem de Heráclito: *Aproximar-se de objetos inanimados como se eles fossem deuses é agir como pessoas que conversam com as casas.* Pois bem! Também aí devemos responder: como no que se refere ao outro ponto da moral, foram semeadas noções entre os homens segundo as quais Heráclito e qualquer outro grego ou bárbaro tiveram a ideia de estabelecer esse ponto. De fato, ele cita *os persas que também tiveram esse pensamento*, segundo atesta *Heródoto, que o refere*. De minha parte acrescentarei o que Zenão de Citio declara, em sua *República*: "Não existe mais necessidade de construir templos: é preciso admitir que nada de sagrado, nem de precioso ou de santo é obra de empreiteiros ou artesãos." É pois evidente que com relação a esta doutrina também o dever está inscrito "nos corações" dos homens com caracteres divinos.

Exorcismos

6. Celso declara a seguir, levado não sei por que impulso: *os cristãos parecem exercer um poder pelas invocações dos nomes de certos demônios*, aludindo, penso eu, aos exorcistas que expulsam demônios. Mas parece caluniar evidentemente o Evangelho. Não é por meio de invocações que eles parecem exercer um poder, mas pelo nome de Jesus associado à leitura pública das histórias de sua vida. Esta leitura realmente consegue muitas vezes expulsar os demônios dos homens, sobretudo quando os leitores leem com uma disposição sadia de verdadeira fé. Mas o poder de Jesus é tão grande contra os demônios que às vezes, ainda que pronunciado por pessoas más, produz seu efeito. É o que ensinava Jesus quando dizia: "Muitos me dirão naquele dia: em teu nome expulsamos demônios e operamos milagres" (Mt 7,22). Celso não faz menção desta passagem: voluntariamente e por malícia, ou por ignorância, não sei dizer. Em seguida, acusa o próprio Salvador: *Foi por magia que ele pôde operar os milagres que pareceu realizar; e prevendo que outros, sabedores dos mesmos segredos, fariam a mesma coisa gloriando-se de realizar isso pelo poder de Deus, Jesus os expulsou de sua sociedade.* E levanta esta acusação: *Se ele tem o direito de expulsá-los, então, culpado das mesmas faltas, ele mesmo é personagem infame; ou se ele mes-mo não é infame por tê-las cometido, aqueles que agem como ele também não o são*. Muito ao contrário: ainda que parecesse impossível responder à pergunta "como Jesus Cristo fez isso?", é claro que os cristãos não utilizam nenhuma prática de encantamento, mas invocam o nome de Jesus juntamente com outras palavras nas quais eles têm fé, conforme a divina Escritura.

Segredo

7. Em seguida, como ele chama muitas vezes *secreta a nossa doutrina*, é preciso igualmente refutá-lo a esse respeito. Quase todos conhecem a pregação dos cristãos melhor do que as teses favoritas dos filósofos. Quem ignora que Jesus nasceu de uma virgem, sua crucifixão, sua ressurreição que é objeto de fé para muitos, e a ameaça de julgamento de Deus que, segundo seus méritos, punirá os pecadores e recompensará os

justos? Muito mais ainda, o mistério da ressurreição, por não ser compreendido devidamente, é motivo de escárnio constante dos descrentes. Dizer que nesses pontos nossa doutrina é secreta é o cúmulo do absurdo! E o fato de existirem, além das matérias de ensino público, certos pontos inacessíveis às massas não é coisa exclusiva da doutrina dos cristãos; é também o caso dos filósofos que em certas doutrinas eram exotéricos, e em outras, esotéricos. Alguns ouvintes de Pitágoras se aferravam ao "Ele disse!" outros, porém, eram instruídos em segredo sobre verdades inacessíveis aos ouvidos profanos e ainda não purificados. Além disso, todos os mistérios celebrados em todos os lugares da Grécia ou da barbárie não foram caluniados por serem secretos. Portanto, ele o calunia sem fundamento nem inteligência exata do cristianismo.

Martírio

8. Ele parece tomar com grande habilidade o partido dos que chegam ao extremo de morrer para dar testemunho do cristianismo: *E não quero dizer que aquele que abraçou uma boa doutrina, se vier a correr um perigo da parte dos homens, deva renunciar a ela, que finja abandoná-la ou a renegue*. Ele condena sem dúvida os que, embora tenham sentimentos cristãos, fingem não tê-los ou os negam, quando afirma: não é preciso que aquele que adere à doutrina finja que a abandona ou a renegue. Em vista disso, é possível convencer Celso de contradição. Reconhecemos aqui o epicureu de seus outros escritos; aqui, como sua acusação contra o cristianismo há de parecer mais plausível não professando as teses de Epicuro, finge admitir que *existe no homem uma parte superior ao que é terrestre, parte aparentada com Deus*, e diz: *Aqueles em que ela está em bom estado* — a alma — *tendem com todas as suas forças ao que lhe está aparentado* — Deus — *ardem de desejo de sempre ouvir falar dele e dele se lembrar*. Vê, pois, a duplicidade de sua alma! Ele acaba de dizer: "Aquele que abraçou uma boa doutrina, se vier a correr o perigo da parte dos homens por causa dela, não deve renunciar a esta doutrina, fingir que a abandona ou renegá-la", e ele mesmo cai em atitude contraditória! Sabia bem que, declarando-se epicureu, não teria crédito nenhum em sua acusação contra aqueles que de algum modo admitem uma providência e imaginam um deus acima do universo. Mas ouvi dizer que existiram dois Celsos epicureus, um no império de Nero, e este, no império de Adriano e mais tarde.

Fé simples, fé refletida

9. Depois disso ele exorta que *só se aceitem doutrinas sob a orientação da razão e de guia racional, pois o erro é inevitável quando, sem esta precaução, se dá adesão a certas pessoas*. E os compara *aos que acreditam sem razão nos sacerdotes mendigos de Cibele e nos adivinhos, nos devotos de Mitra e de Sabázio, em tudo que se pode encontrar, nas aparições de Hécate, de outro ou de outros demônios. Pois, assim como muitas vezes entre eles alguns homens perversos conseguem vantagem da ignorância de pessoas fáceis de enganar e as conduzem a seu modo, o mesmo sucede aos cristãos.* Acrescenta que *alguns, sem querer apresentar ou ouvir alguma razão sobre aquilo em*

que acreditam, utilizam fórmulas como esta: "Não examines, mas crê; a fé te salvará". A isso devemos responder: se fosse possível que todos os homens abandonassem suas ocupações da vida para dedicar seu tempo restante à filosofia, ninguém deveria buscar outro caminho a não ser esse. Pois no cristianismo — à parte qualquer falso orgulho — não encontramos menos exames aprofundados dos assuntos da fé, nem explicação dos enigmas proféticos, das parábolas evangélicas e de mil outros fatos ou preceitos que tenham um significado simbólico. Mas não sendo possível, em vista do número ínfimo de pessoas que, por causa das necessidades da vida ou da fraqueza humana, se entregam à razão, que outro método mais eficaz para ajudar as massas encontraríamos a não ser aquele que foi transmitido às nações por Jesus?

Além disso, a respeito do grande número de fiéis que escaparam da imensa onda de vícios em que chafurdavam antes, pergunto: o que seria preferível para eles: numa fé não refletida, o terem reformado um pouco seus costumes e encontrado socorro na crença nos castigos das faltas e nas recompensas das boas obras, ou então o adiarem sua conversão por simples fé até que eles possam se entregar ao exame das doutrinas? É claro que nem todos os homens, salvo bem raras exceções, poderiam desta forma obter a vantagem tirada da simples fé, mas ficariam numa vida corrompida. Às outras provas que confirmam que o amor do Logos pelos homens não chegou à vida dos homens sem a ação de Deus, devemos acrescentar esta: o homem piedoso não acreditará que um simples médico dos corpos, que devolveu a saúde a inúmeros doentes, venha residir nas cidades e nas nações sem a ação de Deus: pois nenhum proveito chega até os homens sem a ação de Deus. Mas se aquele que cuidou dos corpos de uma multidão e os devolveu à saúde não cura sem a ação de Deus, com quanto maior razão se pode dizer o mesmo daquele que cuidou, converteu, melhorou as almas de uma multidão, submetem-as ao Deus supremo, ensinou-lhes a conformar toda ação a seu arbítrio e a evitar tudo o que possa desagradar a Deus, até a menor das palavras, das ações, ou até dos pensamentos!

10. Enfim, devemos responder às suas repisadas objeções contra a fé: nós a aceitamos como útil à multidão, e confessamos que ensinamos a crer até sem reflexão aos que não podem deixar tudo e se entregar ao exame de uma doutrina; mas eles mesmos, sem confessar este fato, na prática fazem a mesma coisa. Pois qual a pessoa que tendo-se orientado para a filosofia e se lançado numa escola de filósofos, por aventura ou por ter conseguido acesso fácil junto a algum mestre, chega a essa decisão apenas porque acredita ser superior a escola em questão? Porque não é depois de ter seguido a exposição das doutrinas de todos os filósofos e das diversas escolas, nem a refutação de umas e a prova de outras, que esta pessoa escolhe ser estoica, platônica, peripatética, epicureia, ou discípula da escola filosófica que se queira. É por uma inclinação não racional, ainda que não se queira reconhecer este fato, que uma pessoa chega a praticar, por exemplo, o estoicismo, depois de ter excluído as outras escolas; ou o platonismo, por desprezo à menor elevação dos outros; ou o peripatetismo, por sua altíssima bondade e generosidade maior que a das outras escolas em reconhecer os bens humanos. E alguns, no que se refere à doutrina da providência, perturbados com o primeiro ataque desferido

desde o destino terrestre das pessoas sem virtude e das virtuosas, oferecem uma adesão precipitada à negação radical da providência e escolhem a doutrina de Epicuro e de Celso. Portanto, se é necessário acreditar, como mostra o argumento, em qualquer dos fundadores de escola entre os gregos ou entre os bárbaros, por que não no Deus supremo e naquele que ensina que devemos adorar somente a ele, e desprezar o resto que ou não existe, ou se existe é digno de estima, mas não de adoração nem de respeito?

11. Quanto a isso, quem, não contente com ter fé, considera essas questões com a razão, mostrará as provas que lhe vieram ao espírito e que descobriu por uma pesquisa rigorosa. E uma vez que todos os assuntos humanos dependem de uma fé, não é verdade que ele tem mais razão em crer em Deus do que nelas? Pois quem navega, se casa, procria filhos, lança sementes na terra, se não acreditar em resultados bem-sucedidos, ainda que também possa ocorrer o contrário, como de fato acontece às vezes? Todavia a fé em resultados bem-sucedidos e conformes aos desejos dá a todos os homens a audácia de empreendimentos incertos e arriscados em seu início. Mas se a esperança e a fé num futuro feliz sustenta a vida em cada empreendimento incerto em seu início, como esta fé não há de ser aceita mais racionalmente por aquele que, acima das ondas do mar em que navega, da terra em que ele semeia, da mulher com quem se casa, e dos outros negócios humanos, em Deus que criou tudo isso, e naquele que, com sublime elevação de espírito e grandeza de alma divina, ousou apresentar essa doutrina aos habitantes de toda a terra, à custa de graves perigos e de morte considerada infame que ele arrostou pela salvação dos homens; e ensinou àqueles que desde o início se deixaram persuadir e se lançaram a serviço da doutrina, e, apesar de todos os perigos e da contínua ameaça da morte, ousaram percorrer a terra inteira pela salvação dos homens.

O que é o cristianismo?

12. *A seguir, Celso declara com suas próprias palavras: Se eles quiserem responder às minhas perguntas, não que eu procure saber — pois sei tudo — mas tenho com todos uma solicitude igual, ainda bem! Mas se não quiserem, com seu habitual objetivo de não receber: Não examines... etc., então será necessário ensinar-lhes a verdadeira natureza das doutrinas que eles professam e a origem delas... etc.* À sua afirmação "pois sei tudo", o cúmulo da gabarolice, devemos replicar: se alguma vez tivesse lido principalmente os profetas, que estão repletos daquilo que se reconhece como enigmas e palavras obscuras à grande massa, se tivesse examinado as parábolas evangélicas, o restante da Escritura, a lei, a história judaica, as palavras dos apóstolos, e se tivesse querido, por leitura criteriosa, penetrar no sentido das expressões, não tivera a audácia de dizer "pois sei tudo". Eu mesmo, que lhes consagrei meu tempo, jamais diria "pois sei tudo", porque sou amante da verdade. Ninguém de nós diria "pois sei tudo" do sistema de Epicuro, nem terá a temeridade de crer que sabe tudo do platonismo, tantas são as inúmeras divergências entre os que explicam o platonismo. Quem, portanto, será tão temerário que ouse dizer "pois sei tudo" do estoicismo, tudo do peripatetismo? A não ser que por acaso conheça este "pois sei tudo" de pessoas do povo inconscientes de sua

própria ignorância, e acredite conhecer tudo por ter tido tais mestres! Sua atitude evoca a de homem que tivesse passado um tempo no Egito; neste país os sábios dão, conforme os livros sagrados do país, grande número de interpretações filosóficas de costumes que consideram divinos, ao passo que o povo comum, conhecendo de ouvido alguns mitos cujo alcance doutrinal desconhece, tem por eles grande orgulho; e este homem julga saber toda a doutrina dos egípcios, por se ter tornado discípulo dos profanos de lá, sem haver jamais consultado nenhum dos sacerdotes, nem recebido de algum deles os ensinamentos secretos dos egípcios. E o que digo dos sábios e profanos do Egito, podemos igualmente ver entre os persas: também aí há iniciações interpretadas racionalmente pela elite do país, mas realizadas em suas figuras exteriores pela massa mais superficial. E devemos dizer o mesmo tanto dos sírios, dos hindus, de todos os que têm mitos e livros sagrados.

A verdadeira sabedoria

13. Celso citou como expressão corrente entre os cristãos: a sabedoria nesta vida é mal, e a loucura é bem. Devemos responder que ele calunia a doutrina, porque não citou realmente o texto que encontramos em Paulo, que diz é o seguinte: "Se alguém dentre vós julga ser sábio aos olhos deste mundo, torne-se louco para ser sábio neste; pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus" (1Cor 3,18-19). O Apóstolo, portanto, não afirma simplesmente: "a sabedoria é loucura diante de Deus", mas "a sabedoria deste mundo..."; tampouco: "se alguém dentre vós julga ser sábio, torne-se louco" em geral, mas: "torne-se louco neste mundo para ser sábio". Portanto, chamamos "sabedoria deste mundo"(1Cor 2,6) qualquer filosofia cheia de opiniões falsas, que caducou conforme as Escrituras; e dizemos: "a loucura é bem", não absolutamente, mas quando nos tornamos loucos para este mundo. Bem se pode dizer do platônico, porque acredita na imortalidade da alma e naquilo que se diz de sua metensomatose, que ele está cheio de loucura aos olhos dos estoicos que ridicularizam a adesão a tais doutrinas, dos peripatéticos que alardeiam "fanfarronadas" de Platão, dos epicureus que se insurgem contra a superstição daqueles que admitem uma providência e colocam um deus acima do universo! É preciso dizer ainda que, de acordo com o sentimento da Sagrada Escritura, é melhor dar sua adesão às doutrinas com reflexão e sabedoria do que com a fé simples; e que em, certas circunstâncias, o Logos quer também esta última para não deixar os homens inteiramente desamparados. É o que mostra Paulo, o verdadeiro discípulo de Jesus, quando diz: "Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprouve a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que creem" (1Cor 1,21). Decorre, pois, desse fato, que é na sabedoria de Deus que Deus deveria ser conhecido. E como ele de modo algum foi conhecido, Deus julgou acertado salvar em seguida os que creem, não apenas pela loucura, mas pela loucura relativa à pregação. Por isso se deduz que a proclamação de Jesus Cristo crucificado é a loucura da pregação, como diz ainda Paulo que tinha consciência disso ao declarar: "Nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles

que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus"(1Cor 1,23-24).

Tradição pagã, tradição judaica

14. Celso acredita que exista entre os povos um parentesco na mesma doutrina. Enumera todos aqueles que teriam sustentado esta doutrina na origem. Mas não sei por que calunia unicamente os judeus e não acrescenta o povo deles à lista dos outros, pois partilhou com eles as mesmas tarefas, sentimentos idênticos, doutrinas semelhantes em não poucos pontos. Por isso é conveniente perguntar-lhe por que então ele acreditou nas histórias dos bárbaros e dos gregos sobre a antiguidade dos povos que ele menciona, ao passo que acusa de mentira as histórias deste único povo. Pois se cada um contou sinceramente o passado de seu povo, por que recusar-se a acreditar unicamente nos profetas dos judeus? E se foi por simpatia pela doutrina deles que Moisés e os profetas escreveram a respeito de muitos tópicos de sua história, por que não dizer o mesmo dos historiadores de outros povos? Os egípcios que rebaixam os judeus em sua história seriam acaso dignos de fé, e os judeus que acusam da mesma maneira os egípcios quando lembram as inúmeras humilhações por que passaram e nelas veem a razão de sua punição por Deus, seriam acaso culpados de mentira? E não é apenas dos judeus que podemos afirmar isto: encontraremos um conflito dos assírios com os judeus e, aliás, relatado nos arquivos assírios. E da mesma forma os historiadores judeus — para não parecerem ter preconceito dizendo: os profetas — chamaram os assírios de seus inimigos. Aí está bem visível o lado arbitrário deste homem: ele julga esses povos sábios e condena os judeus como totalmente insensatos! Ouve tu, Celso, dizer-nos de fato: *Existe uma doutrina de grande antiguidade, sempre sustentada pelos povos mais sábios, pelas cidades, pelos sábios*. E ele não quis qualificar os judeus de *povo muito sábio* no mesmo grau que os *egípcios, assírios, indianos, persas, odrisas e habitantes da Samotrácia e de Elêusis*.

15. Como se mostrou superior a Celso o pitagórico Numênio! Ele deu muitas provas de sua alta competência, levou a fundo o exame de numerosas doutrinas e fez, a partir de múltiplas fontes, a síntese dos que lhe parecem verdadeiras. Em seu primeiro livro *Sobre o bem*, em que fala dos povos que definiram a Deus como incorpóreo, incluiu os judeus entre eles e não hesitou em citar em sua obra até palavras proféticas mostrando seu sentido figurado. Dizem que também Hermipos, em seu primeiro livro *Sobre os legisladores*, conta que Pitágoras tirou sua filosofia dos judeus para a introduzir na Grécia. Além disso, dizem que existe um livro do historiador Hecateu sobre os judeus, em que ele elogia mais declaradamente a nação por sua sabedoria, a tal ponto que Herênio Fílon, em seu tratado *Sobre os judeus*, começa duvidando se a obra é do historiador, em seguida declara que, se ela é autêntica, é porque o autor provavelmente foi seduzido pela força persuasiva dos judeus e deu sua adesão à doutrina deles.

16. Admira-me, porém, que Celso tenha incluído *os odrisas, os habitantes da*

Samotrácia e de Elêusis e os hiperboreanos entre os povos mais antigos e mais sábios, e não se tenha dignado admitir os judeus nem entre os sábios nem entre os antigos. Muitas obras circulam no Egito, na Fenícia, na Grécia que atestam sua antiguidade, mas achei supérfluo citá-los. Todos podem ler os dois livros de Flávio Josefo sobre a *Antiguidade judaica*, em que menciona um importante grupo de escritores que dão testemunho da antiguidade judaica. Cita-se ainda o *Discurso aos gregos* de Taciano, o Moço, um compilador muito erudito dos historiadores da antiguidade dos judeus e de Moisés. Celso parece ter escrito isso sem se preocupar muito com a verdade, mas por maldade, para atacar a origem do cristianismo, que depende do judaísmo. Diz também: *Os galactófagos de Homero, os druidas da Gália e os getas são povos antigos e de elevada sabedoria que professam doutrinas aparentadas com a dos judeus*. Ignoro se existem escritos deles. Mas não reconhece de modo algum a antiguidade e a sabedoria dos judeus.

Apresentando de novo a lista *dos sábios antigos que se tornaram ilustres por haverem servido a seus contemporâneos, como também por seus escritos*, exclui Moisés desta lista. Todavia, de Linos, que ele cita entre os primeiros, nenhuma lei, nenhuma doutrina existe que tenha convertido e melhorado as nações; ao passo que as leis de Moisés são transmitidas por um povo inteiro, espalhado por toda a terra. Vê pois se não é pura maldade ter excluído até Moisés de sua lista de sábios! Mas *Linos, Museu, Orfeu, Ferecides, o persa Zoroastro e Pitágoras trataram essas questões, e suas doutrinas estão consignadas em livros e foram conservadas até nossos dias*.

17. Deliberadamente omite a lenda dos falsos deuses, cheios de paixões humanas, lenda esta que se deve sobretudo aos poemas de Orfeu. Mas em seguida, em sua crítica da história de Moisés, acusa os que dão uma interpretação figurada e alegórica desta lenda. Poderíamos replicar a esse autor ilustre que intitulou seu livro de *Discurso verdadeiro*: ora pois, meu amigo, tantos deuses se metem em aventuras descritas por teus sábios poetas e filósofos, entregam-se a uniões malditas, entram em guerra contra seus pais, cortam-lhes os órgãos viris, e tu levas a sério a história que relata sua audácia em cometer e sofrer esses crimes! Mas quando Moisés nada disso refere sobre Deus, nem mesmo sobre os santos anjos, e quando atribui aos homens delitos bem menores — nos livros de Moisés ninguém tem as audácias de Cronos contra Urano, nem as de Zeus contra seu pai, para não falar do "pai dos deuses e dos homens" que se uniu à própria filha! — julga-se que ele desencaminha os que ele enganou ao lhes entregar sua lei. Celso me parece agir mais ou menos como Trasímaco em Platão, que não permite a Sócrates responder a seu modo sobre a justiça, mas declara: "Cuidado, não digas que justo é aquilo que é útil, obrigatório ou o que quer que seja de semelhante." Também ele, quando critica as histórias de Moisés — assim crê — e quando censura aqueles que as interpretam como alegorias, embora louvando-as por serem as mais razoáveis, gostaria, depois de sua acusação fantasiosa, de impedir que respondam os que podem, como exige a natureza das coisas.

18. Eu poderia convidá-lo a comparar nossos respectivos livros e dizer: vamos, meu

amigo, traz os poemas de Linos, de Museu, de Orfeu, os escritos de Ferecides, e compara-os com a lei de Moisés! Põe em paralelo as histórias com as histórias, os preceitos de moral com as leis e os mandamentos! E vê tu quais deles são mais capazes de converter definitivamente os que os ouvem, e quais dentre eles conseguirão fazer perecer o ouvinte. E observa como a coorte de teus autores pouco se incomodou com os que haveriam de ler sem preparação; foi exclusivamente para as pessoas capazes de interpretação figurada e alegórica que ela escreveu, como dizes, *sua própria filosofia*. Moisés, ao contrário, agiu em seus cinco livros como um rétor de raça que trabalha seu estilo e cuida de apresentar em toda parte o duplo sentido das palavras: à multidão dos judeus submetidos às suas leis ele não dá espaço para qualquer dano moral; à elite capaz de uma leitura penetrante, não apresenta nenhum texto que não esteja cheio de especulação para quem pode procurar sua intenção profunda. E os livros de teus sábios poetas, pelo que parece, tampouco são mais conservados: eles teriam sido conservados se o leitor deles tivesse tirado algum proveito. Mas os escritos de Moisés estimularam um grande número de pessoas, até estranhas à cultura judaica, a crerem, como proclamam os escritos, que o primeiro autor das leis entregues a Moisés é Deus Criador do mundo. Convinha efetivamente que o artífice de todo o universo impusesse suas leis a todo o universo e desse às suas palavras um poder capaz de lhe submeter todos os habitantes. Digo isso sem tratar ainda de Jesus, mas sempre de Moisés, que é bem inferior ao Senhor, e mostro como o argumento há de provar que Moisés é bem superior a teus sábios poetas e filósofos.

A criação

19. Em seguida, com o objetivo secreto de caluniar a história da criação segundo Moisés, que revela que o mundo ainda não tem dez mil anos, ou pouco há de faltar, Celso, escondendo sua intenção, defende os que dizem que o mundo é incriado. Pois dizendo: *Desde todos os tempos sempre houve muitos incêndios, muitos dilúvios, e o mais recente foi a inundação que ocorreu na época de Deucalião há muito tempo*, ele sugere claramente àqueles que são capazes de compreender isso que, segundo ele, o mundo é incriado. Mas, que ele nos diga, este acusador da fé cristã, com que argumentos demonstrativos foi ele obrigado a admitir que houve muitos incêndios, muitos dilúvios, e que os mais recentes de todos foram a inundação no tempo de Deucalião e *o incêndio do tempo de Faetonte*! Se a respeito deles apresenta os diálogos de Platão, devemos responder-lhe: também a nós é permitido dizer que na alma pura e piedosa de Moisés, elevado acima de tudo o que foi criado e unido ao Criador do universo, residia um espírito divino que revelou a verdade sobre Deus com muito maior clareza do que Platão e os sábios gregos ou bárbaros. E se ele nos pede razões desta fé, que seja o primeiro a nos dar provas daquilo que afirma sem provar; em seguida, provaremos que nossas afirmações têm fundamento.

20. Todavia, apesar do que diz, Celso acaba confirmando que o mundo é mais recente e ainda não tem dez mil anos, quando diz: *Os gregos consideram esses acontecimentos*

como antigos, pois dos eventos mais antigos — dilúvios e incêndios — não observaram nem guardaram qualquer lembrança. Para se informar sobre o mito dos incêndios e das inundações, Celso tem a liberdade de se valer dos *egípcios, povo*, em seu modo de ver, *de uma alta sabedoria*! Sabedoria cujos vestígios são animais sem razão que eles adoram e argumentos que provam que o culto assim prestado à divindade é razoável e nasce do segredo e dos mistérios! Desta forma, quando os egípcios, para se gabarem de sua doutrina sobre os animais, alegam razões teológicas, transformam-se em sábios. Mas se admitimos a lei e o legislador dos judeus, se referimos tudo ao Deus único, criador do universo, somos menos considerados, aos olhos de Celso e de seus adeptos, do que se rebaixarmos a divindade não apenas aos seres vivos racionais e mortais, mas ainda aos seres privados de razão, o que transcende o mito da metensomatose referente à alma que cai da abóbada do céu e desce ao nível dos animais irracionais, não só os domésticos mas também os mais ferozes. E se os egípcios cultivam mitos, é filosofia por enigmas e mistérios, como se julga; mas se Moisés, que escreve histórias para toda a sua nação, lhe entrega relatos e leis, suas palavras, como se pensa, são fábulas vãs que não admitem alegorias! Esta é a opinião de Celso e dos epicureus.

21. *Portanto*, diz ele, *foi esta doutrina vigente entre as nações sábias e homens ilustres que Moisés conheceu por ter ouvido falar e lhe valeu um nome divino*. Supondo-se que Moisés tenha conhecido uma doutrina mais antiga e a tenha transmitido aos hebreus, devemos responder: se, ao conhecer uma doutrina mentirosa, sem sabedoria nem santidade, ele a aceitou e transmitiu a seus súditos, é digno de censura. Mas se, como dizes, ele deu sua adesão a doutrinas sábias e verdadeiras, e educou seu povo por intermédio delas, acaso é isto ato que mereça acusação? Oxalá Epicuro, Aristóteles, um pouco menos ímpio com relação à providência, os estoicos, que transformam Deus num ser corporal, tivessem aprendido esta doutrina! O mundo não estaria cheio de uma doutrina que rejeita ou corta em duas partes a providência; ou que introduz um princípio primeiro corruptível, corporal, em virtude do qual o próprio Deus é um corpo para os estoicos: eles não se envergonham de dizer que ele é passível de castigo, de alteração integral, de transformação, em suma, passível de corrupção se tivesse um agente corruptor, mas com a sorte de não ser corrompido porque nada existe que possa corrompê-lo. Mas a doutrina dos judeus e dos cristãos, que conserva a invariabilidade e a imutabilidade de Deus, é considerada ímpia, porque não é cúmplice daqueles que sobre Deus têm pensamentos ímpios: ela diz em suas preces à divindade: "Mas tu és sempre o mesmo", e acredita que Deus disse: "Sim, eu, o Senhor, não mudei" (Ml 3,6).

A circuncisão

22. Depois disso, sem criticar a circuncisão, praticada pelos judeus, ele declara que *ela veio dos egípcios*. Ele deu mais crédito aos egípcios do que a Moisés, segundo o qual o primeiro dos homens a ser circuncidado foi Abraão. Moisés, porém, não é o único a relatar o nome de Abraão e sua familiaridade com Deus. Não poucos encantadores de demônios usam em suas fórmulas a expressão "o Deus de Abraão"; conseguem o que

querem pela virtude do nome e da familiaridade entre Deus e seu justo. Por isso adotam a expressão "o Deus de Abraão", sem saberem quem é Abraão. O mesmo se diga de Isaac, Jacó e Israel: embora esses nomes, segundo a opinião de todos, sejam hebreus, os egípcios, que se vangloriam de um poder mágico, espalham frequentemente suas fórmulas que incluem tais nomes. Mas o sentido da circuncisão, prática iniciada por Abraão, abolida por Jesus, que não queria que seus discípulos a observassem, não cabe expô-la aqui no momento. O que importa não é instruir o leitor a esse respeito, mas lutar para desfazer as afrontas lançadas por Celso contra a doutrina dos judeus; pois ele pensa mostrar mais rapidamente que o cristianismo é falso se confirmar sua falsidade pelo ataque à sua origem no judaísmo.

O Deus único

23. Em seguida, Celso pretende que *sob a direção de Moisés seu chefe, alguns guardadores de cabras e ovelhas, com o espírito iludido por ilusões grosseiras, acreditaram que existe apenas um Deus*. Então que ele nos mostre como ele mesmo pode justificar a multidão de deuses honrados entre os gregos e outros povos bárbaros, se alguns guardadores de cabras e ovelhas, *sem motivo razoável*, segundo ele, *se desviaram do culto dos deuses*. Que mostre então a existência e a realidade de Mnemósina transformada pela ação de Zeus em mãe das Musas, e a de Têmis, mãe das Horas. Que confirme que as Graças podem realmente ter existido sempre nuas. Mas não poderá mostrar pelos fatos que as ficções dos gregos, que parecem personificações, são de fato deuses. Em que a mitologia religiosa dos gregos é mais verdadeira, por exemplo, que a dos egípcios que não conhecem em sua língua nem Mnemósina, mãe das nove Musas, nem Têmis, mãe das Horas, nem Eurínome, mãe das Graças, nem o nome das outras. Quanto mais eficaz e superior a todas essas fantasias é a persuasão, pelo que é visível, da boa ordem do mundo e a adoração do artífice único de um mundo que é uno, em harmonia com a realidade total; que, portanto, não pode ser obra de diversos demiurgos, nem ser mantido por diversas almas que movem a totalidade do céu. Basta apenas uma de fato que traga em si todo o firmamento do nascer ao pôr do sol, que contenha em si tudo o que é necessário ao mundo mas não tem o fim em si. Todas as coisas são partes do mundo, mas Deus não é parte do todo; pois Deus não deve ser imperfeito como a parte é imperfeita. Mas, sem dúvida raciocínio mais profundo haveria de mostrar que, no rigor dos termos, Deus não é mais todo, nem é mais parte, porque o todo é feito de partes. E repugna à razão admitir que o Deus supremo seja feito de partes em que cada uma não pode fazer o que as outras podem.

Os nomes divinos

24. Em seguida, diz ele: *Esses guardadores de cabras e ovelhas acreditaram num só Deus Altíssimo, Adonai, Urano, Sabaoth, ou qualquer outro nome que eles gostam de dar a este mundo, e só sabem fazer isso.* Em seguida, acrescenta: *Não importa*

absolutamente que o Deus supremo seja chamado "Zeus" como acontece entre os gregos, ou tenha qualquer outro nome, como entre os indianos ou os egípcios. Devemos responder que este assunto diz respeito à questão profunda e misteriosa da natureza dos nomes. Serão acaso convencionais, como acredita Aristóteles? Ou, conforme a opinião dos estoicos, são tirados da natureza, em que os primeiros vocábulos imitam os objetos que estão na origem dos nomes — visão segundo a qual eles propõem certos princípios de etimologia? Ou então, conforme a doutrina de Epicuro, divergindo da opinião de Pórtico, os nomes existem naturalmente, e os primeiros homens emitem vocábulos adequados às coisas? Se pudéssemos, na presente questão, estabelecer a natureza dos nomes "eficazes", alguns dos quais são usados pelos sábios do Egito, pelos doutos entre os magos da Pérsia, pelos brâmanes ou samaneus entre os filósofos da Índia, e assim adiante em cada povo; se fôssemos capazes de provar que aquilo que chamamos magia não é, como pensam os discípulos de Epicuro e de Aristóteles, uma prática de todo incoerente, mas, como demonstram os peritos nesta arte, um sistema coerente, cujos princípios são conhecidos de poucos: diríamos que os nomes Sabaoth, Adonai e todos os outros transmitidos entre os hebreus com grande veneração não são dados segundo realidades comuns ou criadas, mas conforme uma misteriosa ciência divina que é atribuída ao Criador do universo. Por essa razão, esses nomes têm efeito quando os expressamos numa conexão particular que os entrelaça, como igualmente outros nomes pronunciados em língua egípcia com relação a certos demônios que têm efeito em determinada esfera, ou outros em dialeto persa com relação a outros poderes, e em cada povo. E descobriríamos, da mesma forma, que os nomes dos demônios terrestres que compartilham regiões diferentes são pronunciados do modo que convém ao dialeto do lugar e do povo. Portanto, aquele que possui de tudo isso uma compreensão nobre, ainda que restrita, terá o cuidado de adaptar exatamente cada nome a cada realidade, a fim de evitar sempre a infelicidade daqueles que aplicam erradamente o nome de Deus à natureza inanimada, ou que rebaixam a designação de Bem, Causa Primeira, virtude ou bondade à riqueza cega, ao equilíbrio da carne, do sangue e dos ossos que proporcionam saúde e bem-estar, ou àquilo que vemos como a nobreza de nascimento.

25. Talvez nem haja menos perigo em rebaixar o nome de Deus e o nome do Bem àquilo que não devemos do que em mudar os nomes dispostos segundo um princípio misterioso e aplicar os nomes daquilo que é mal àquilo que é bem e daquilo que é bem àquilo que é mal. Não quero mencionar o fato de que o nome de Zeus evoca imediatamente o filho de Cronos e de Reia, esposo de Hera, irmão de Poseidon, pai de Atena e de Ártemis, sedutor de sua filha Perséfone, ou que o de Apolo evoca o filho de Leto e Zeus, irmão de Ártemis e meio-irmão de Hermes; e todas as outras ficções dos sábios de Celso, autores dessas doutrinas e antigos teólogos da Grécia. Que distinção arbitrária dar-lhe como nome próprio o de Zeus, mas não o de Crono ao pai, e o de Reia à mãe! E as mesmas observações podem ser aplicadas aos outros pretensos deuses. Mas esta crítica não atinge absolutamente os que, por uma misteriosa razão, dão a Deus o nome de Sabaoth, Adonai, ou algum dos outros nomes.

Se formos capazes de reflexão filosófica sobre o significado misterioso dos nomes, poderemos encontrar muita coisa a ser dita ainda acerca da designação dos anjos de Deus: um deles se chama Miguel, outro Gabriel, outro Rafael, conforme as funções que têm a cumprir no mundo inteiro pela vontade do Deus do universo. Nosso Jesus vem de uma filosofia semelhante dos nomes: já vimos seu nome expulsar incontáveis demônios das almas e dos corpos e exercer sua força sobre aqueles de que foram expelidos.

Devemos acrescentar à teoria dos nomes o que os peritos relatam na prática dos encantamentos: pronunciar o encantamento em seu próprio dialeto é realizar o que o encantamento promete; traduzir o mesmo encantamento em qualquer outra língua é vê-la sem vigor e sem efeito. Desta forma, não são os significados das coisas que o nome designa, e sim as qualidades e as propriedades dos sons que têm certo poder de fazer isso ou aquilo. Assim justificaremos por considerações desse gênero o fato de os cristãos lutarem até à morte para evitarem dar a Deus o nome de Zeus ou o nome de outro dialeto. Pois confessam o nome de Deus que comumente se usa ou sem qualificação, ou sem acréscimo: "o Criador do universo, que fez o céu e a terra, que enviou ao gênero humano estes e aqueles sábios"; e quando o nome de Deus vem associado ao nome desses sábios, tem efeito milagroso entre os homens.

Haveria muitas outras coisas a dizer a respeito dos nomes contra os que pensam que devemos ser indiferentes a seu emprego. E se é verdade que admiramos Platão por ter dito em *Filebo*: "Minha reverência, Protarco, pelos nomes dos deuses é profunda", quando Filebo, interlocutor de Sócrates, chamara deus o prazer, quanto mais haveremos de aprovar a piedade dos cristãos que não aplicam ao Criador do universo nenhum dos nomes em uso nas mitologias! Mas por ora basta.

De Moisés a Jesus

26. Vejamos como Celso, que se vangloria de saber tudo, acusa caluniosamente os judeus, quando diz: *Eles honram os anjos e se entregam à magia em que Moisés os iniciou.* Mas onde teria ele encontrado nos relatos de Moisés que o legislador prescreveu honrar os anjos, que o diga, ele que proclama as doutrinas dos cristãos e dos judeus! Além disso, como a magia pode existir entre aqueles que receberam a lei de Moisés e que leem: "Não vos voltareis para os necromantes nem consultareis os adivinhos, pois eles vos contaminariam" (Lv 19,31)? Ele promete a seguir *que ensinará como os judeus igualmente, iludidos pela ignorância, caíram no erro*. Se reconhecesse que a ignorância dos judeus no tocante a Jesus Cristo procedia de sua recusa em ouvir as profecias a seu respeito, teria realmente mostrado como os judeus caíram no erro; mas de fato, por não ter querido sequer imaginar tal coisa, toma como erro dos judeus o que não é erro.

E depois de ter prometido *continuar seu ensino sobre o judaísmo*, Celso entra no debate concernente ao nosso Salvador *que se tornou nosso guia* em nosso nascimento como cristãos, e afirma: *Este homem, há bem poucos anos, começou este ensinamento, e os cristãos acreditaram que ele era o Filho de Deus*. Sobre sua existência, há poucos anos, eis a resposta: podia ele alcançar seus objetivos sem a ajuda de Deus de modo que

em tão poucos anos, tendo construído o projeto de expandir sua doutrina e ensinamento, Jesus tivesse podido realizá-lo a ponto de converter à sua doutrina em muitos lugares de nossa terra grande número de gregos e bárbaros, de sábios e ignorantes, que preferem morrer lutando pelo cristianismo a abjurá-lo, coisa inaudita na história de qualquer outra doutrina? Quanto a mim, sem bajular a doutrina, mas tentando examinar a fundo a história, posso dizer: até os médicos que tratam de numerosos corpos doentes não atingem seu objetivo de restituir a saúde do corpo. Mas que um homem possa libertar as almas da onda de vício, da desordem, da injustiça e do desprezo à divindade, e em prova de tal ato fazer uma centena de convertidos, para empregar algum número, não teremos razão em dizer que ele não conseguiu implantar, sem a ajuda de Deus, numa centena de homens, uma doutrina que liberta de todos esses males? Exame criterioso há de convencer de que os homens não melhoram sem a ajuda de Deus; com quanto mais ousadia se dirá isso de Jesus comparando-se a antiga conduta de numerosos convertidos à sua doutrina com a que eles tiveram a seguir, refletindo-se no abismo de licenciosidade, de injustiça e de cobiça em que cada um deles estava mergulhado anteriormente, para empregar a expressão de Celso e de seus sequazes, por *estarem perdidos e por abraçarem*, como dizem, *uma doutrina nociva à vida humana*. Mas de que maneira, ao contrário, desde que receberam esta história, alcançaram mais razão, mais seriedade e firmeza, de modo que alguns dentre eles, desejando uma eminente pureza e honrar com um culto mais puro à divindade, recusam até fruir dos prazeres do amor permitido pela lei!

27. Uma análise dos fatos mostra que Jesus teve a coragem de assumir um empreendimento que vai além da natureza humana e o que ele ousou também realizou. Desde a origem, tudo se opunha à difusão de sua doutrina por toda a terra: os sucessivos imperadores, os generais e comandantes de exércitos, em suma, todos os que detinham uma autoridade qualquer, e além disso os governadores em cada cidade, os soldados e o povo. Ele foi vencedor porque, por natureza, enquanto Logos de Deus, era impossível detê-lo, e, mais forte que seus adversários, conquistou toda a Grécia, e, mais ainda, os povos bárbaros, e converteu inúmeras almas à religião que ele ensinava. Mas era inevitável, na massa daqueles que eram conquistados pela doutrina, *na qual as pessoas simples e iletradas* são mais numerosas do que as pessoas formadas pela cultura, que as pessoas simples e iletradas fossem mais numerosas do que as inteligentes. Celso, porém, não quer compreender isso. Pensa que o amor do Logos pela humanidade, que se estende a cada alma desde o nascer ao *pôr do sol*, *é simples e, por causa de sua simplicidade e de sua falta absoluta de cultura, conquistou apenas os simples*. Todavia, nem mesmo Celso diz que só as pessoas simples foram conduzidas por esta doutrina à religião segundo Jesus, pois confessa: *Existem também entre eles pessoas moderadas, razoáveis, inteligentes e preparadas para compreender a alegoria*.

Nascimento obscuro, glória universal

28. Emprega então a prosopopeia, à maneira de uma criança que introduz uma figura de

retórica, e coloca em cena um judeu que dirige a Jesus palavras pueris indignas de um filósofo já grisalho. Vamos pois examiná-las da melhor forma possível e provar que ele não propôs o perfil que conviria a um judeu. Apresenta então um judeu em diálogo com o próprio Jesus, com a pretensão de convencê-lo de várias coisas, e a primeira, *de ter inventado seu nascimento de uma virgem*. A seguir, censura-o *por ter nascido numa cidadezinha da Judeia, e nascido de uma mulher do interior, pobre fiandeira.* Ele afirma: *Convencida de adultério, foi expulsa por seu marido, carpinteiro de sua categoria social*. Ele diz em seguida que, *rejeitada por seu marido, vergonhosamente vagabunda, deu à luz Jesus ocultamente*; que *este foi obrigado, por pobreza, a prestar seus serviços no Egito; neste país adquiriu experiência de certos poderes mágicos de que se gabam os egípcios; voltou daí muito orgulhoso desses poderes, e graças a eles, proclamou-se Deus*. Examinando tudo o que os homens sem fé afirmam e analisando a fundo a base de todas as questões, encontro aí uma série de elementos que me parecem estar em harmonia com o fato de que Jesus foi um ser divino e digno de ser proclamado Filho de Deus.

29. Entre os homens, o que contribui para tornar algum deles notável, ilustre e famoso é o nascimento de pais de uma categoria superior e influente, a riqueza daqueles que o educaram e puderam gastar um bom dinheiro na educação de seu filho, uma pátria poderosa e ilustre. Mas, quando um homem, numa situação completamente inversa, se mostra capaz, superando todos os obstáculos, de se tornar conhecido, de abalar os que ouvem pronunciar seu nome, de encher com sua fama o mundo inteiro que repete seus feitos incomparáveis, como recusar admiração imediata a tal natureza pela sua nobreza de alma, sua audácia nos grandes empreendimentos, sua notável franqueza no falar!

Mas num exame mais aprofundado das circunstâncias de sua vida, como não investigar de que maneira, educado na economia e na pobreza, sem ter recebido a menor educação geral nem aprendido as belas-letras e as doutrinas, de que nasce seu talento de persuasão para enfrentar as multidões, tornar-se popular e atrair inúmeros ouvintes, de que maneira, repito, tal homem se dedica ao ensino de novas doutrinas, introduz na humanidade uma doutrina que abole os costumes dos judeus, embora respeitando seus profetas, e destrói as leis dos gregos sobretudo no que se refere à divindade? Como pois tal homem, educado em tais condições, sem ter recebido dos homens, como convém até aos detratores, a menor educação séria, pôde oferecer ensinamentos notáveis sobre o juízo de Deus, os castigos contra o vício, as recompensas pela virtude: de modo que não só as pessoas analfabetas e simples são atraídas pelas suas palavras, mas grande número de espíritos penetrantes, capazes de apreciar, sob o véu de expressões aparentemente banais que as envolve, por assim dizer, uma significação interior secreta?

O aborígene de Serifos, em Platão, censurava Temístocles, que se tornara célebre por seu valor militar, porque não devia sua glória a seu mérito pessoal, mas à sorte de ter a pátria mais famosa de toda a Grécia; e isto lhe valeu esta resposta do sensato Temístocles, que via que sua pátria também tinha contribuído para torná-lo célebre: "Se eu tivesse nascido em Serifos, não seria tão célebre; mas se tivesses tu a sorte de nascer em Atenas, não serias Temístocles!" Mas nosso Jesus, a quem se censura por ter nascido

numa cidadezinha que não fazia parte nem da Grécia nem de nação universalmente famosa, a quem se pretende difamar como sendo filho de pobre fiandeira, obrigado pela pobreza a abandonar sua pátria e alugar seus serviços no Egito, como se ele fosse, para usar o exemplo citado, não somente de Serifos, oriundo da ilha menor e menos conhecida, mas até, se posso dizer, o menos nobre de seus habitantes, este Jesus teve o poder de abalar toda a terra habitada pelos homens, não somente mais do que Temístocles de Atenas, mas também mais que Pitágoras, mais que Platão e todos os outros entre os sábios, imperadores, generais de qualquer região da terra.

30. Portanto, olhando com olhos que esquadrinham a fundo, quem não se admiraria diante deste homem que venceu e conseguiu, por sua glória, superar todas as causas de obscuridade e todos os homens gloriosos de todos os tempos? Na verdade, os homens gloriosos raramente foram capazes de conquistar a glória motivados por vários objetivos ao mesmo tempo. Quer dizer, alguns despertaram a admiração e ganharam fama: um por sua sabedoria, outro por seu valor militar, certos bárbaros por seu maravilhoso poder de encantamento, outros por outros motivos sempre em número reduzido. Mas ele, além de seus outros motivos, é admirado ao mesmo tempo por sua sabedoria, por seus milagres e por sua autoridade. Não persuadiu, como tirano, alguns homens para que se juntassem a ele passando por cima das leis, nem como bandido que excita os homens de seu bando contra as pessoas, nem como rico que dá provisões aos que se lhes associam, nem como algum daqueles que são objeto de censura unânime; mas ele agiu como mestre da doutrina do Deus do universo, do culto a lhe ser prestado e de toda a lei moral, doutrina capaz de unir familiarmente ao Deus supremo todo aquele que por ela pauta sua vida. E Temístocles e os outros homens gloriosos nada encontraram que ofuscasse sua glória; quanto a ele, porém, transcendendo as circunstâncias indicadas, bem capazes de fazer naufragar na ignomínia o caráter mais nobre, sua morte aparentemente infamante de crucificado era suficiente até para desfazer sua glória anteriormente adquirida; e, no pensamento dos que não aderem à sua doutrina, ela devia levar os iludidos por ele a se livrarem da ilusão e a condenar aquele que os havia iludido.

31. Temos, no entanto, mais um motivo de espanto: como explicar que os discípulos de Jesus, que, na opinião de seus detratores, não o teriam visto ressuscitado dos mortos e não se teriam convencido de que ele era um ser divino, não recearam suportar os mesmos sofrimentos que seu mestre, arrostar o perigo, abandonar a pátria para ensinar, pela vontade de Jesus, a doutrina que lhes fora transmitida por ele? Pois não penso que um exame criterioso dos fatos permita dizer que esses homens ter-se-iam entregue a uma existência precária por esta doutrina de Jesus, se ele não tivesse criado neles convicção profunda, ensinando-lhes não só a viver em conformidade com seus preceitos, mas também a preparar os outros para esta vida, e isto quando a ruína, com respeito à vida humana, aguarda os que têm a audácia de apresentar em toda parte e a todos opiniões novas e não manter amizade com quem se apega às doutrinas e aos costumes de outrora. Será então que os discípulos de Jesus não repararam no perigo, em sua audácia de provar não apenas aos judeus, segundo as palavras dos profetas, que ele era Aquele que

elas prediziam, mas também aos outros povos que Aquele que há tão pouco tempo fora crucificado aceitara de livre vontade esta morte pela salvação do gênero humano, como os que morrem pela pátria visando a fazer sustar epidemias de peste, esterilidades do solo, riscos do mar? Pois, sem dúvida alguma, existe na natureza, por causas misteriosas e inacessíveis às massas, esta disposição natural: que um só justo que morre voluntariamente pela salvação da comunidade desvia por seu sacrifício os maus demônios que causam pestes, esterilidades, riscos e outros flagelos semelhantes.

Respondam então os que se negam a crer que Jesus morreu na cruz pelos homens! Será que eles rejeitarão igualmente as múltiplas histórias, gregas e bárbaras, de pessoas mortas pelo bem público, a fim de destruir os maus que se apossaram das cidades e dos povos? Ou será que confirmarão esses fatos reais, mas dirão ser absolutamente inverossímil a morte deste homem — como lhes parece — pela destruição do grande demônio, príncipe dos demônios, que tinha subjugado todas as almas humanas que vieram à terra? Mas os discípulos de Jesus são testemunhas disso, bem como de outras coisas em bem maior número do que provavelmente aprenderam de Jesus ocultamente; além disso, foram providos de certo poder, quando lhes deu "entusiasmo e coragem" não a virgem de que fala o poeta, e sim a verdadeira prudência e sabedoria de Deus, "para que se distinguissem" acima de todos não só "os argianos", mas também todos os gregos juntamente com os bárbaros, e "alcançassem nobre vitória".

A mãe de Jesus

32. Voltemos às palavras atribuídas ao judeu: *a mãe de Jesus foi expulsa pelo carpinteiro que a tinha pedido em casamento, por ser culpada de adultério e ter engravidado de um soldado chamado Pantera*, e vejamos se os autores desta fábula de adultério da Virgem com Pantera e repudiada pelo carpinteiro não a forjaram cegamente para poderem negar a conceição milagrosa pelo Espírito Santo. Efetivamente, por causa de seu caráter inteiramente miraculoso, eles poderiam ter falsificado a história de outra maneira, mesmo sem admitir involuntariamente, por assim dizer, que Jesus não tinha nascido de matrimônio comum. Era muito natural que aqueles que não admitem o nascimento milagroso de Jesus forjassem alguma mentira. Mas fazer isso sem nenhuma base e mantendo que a Virgem não tinha concebido Jesus de José fazia escancarar a mentira a toda pessoa capaz de discernir e refutar as ficções. Seria uma coisa razoável, com efeito: o homem que tanto fez pela salvação do gênero humano para que todos, gregos e bárbaros, enquanto dependesse dele, na espera do juízo de Deus, se abstivessem do vício e fizessem tudo para agradar ao Criador do universo, este homem não tivesse nascimento miraculoso, mas o mais ilegítimo e vergonhoso de todos os nascimentos? Pergunto aos gregos e mais particularmente a Celso, o qual, compartindo ou não de suas ideias, em todo caso cita Platão: aquele que faz as almas descerem aos corpos dos seres humanos acaso levará ao nascimento mais vergonhoso do que qualquer outro, sem mesmo o introduzir na vida humana por um matrimônio legítimo, o ser que arrostaria tantos perigos, instruiria tantos discípulos, afastaria para longe a onda de vício

da massa humana? Não será mais de acordo com a razão que cada alma, introduzida num corpo por razões misteriosas — falo aqui nos termos da doutrina de Pitágoras, Platão, Empédocles, citados por Celso — seja assim introduzida por seu mérito e seu caráter anteriores? Portanto, é provável que esta alma, mais útil por sua incorporação à vida humana do que a de grande número de pessoas, para não parecer preconceituoso dizendo de todas, tenha tido necessidade de um corpo que, não só se distingue dos corpos humanos, mas também é superior a todos.

33. Admitamos que essa alma, por motivos misteriosos, merecendo habitar o corpo não de um ser totalmente desprovido de razão, e tampouco de um ser simplesmente racional, revista um corpo monstruoso em que a razão não pode se expandir no ser assim conformado, com cabeça desproporcionada com o restante do corpo e bem menor; admitamos que outra qualquer receba um corpo que lhe permita ser um pouco mais racional do que a anterior; e outra ainda melhor, em que a natureza do corpo constitua maior ou menor obstáculo ao esforço da razão: por que não haveria igualmente uma alma que recebesse um corpo milagroso, com algo de comum aos homens para poder viver entre eles, mas igualmente algo de excepcional para poder ficar isenta de pecado? Admitamos que haja algo de verdadeiro na doutrina dos fisiog-nomonistas Zopyros, Loxos, Pólemon, e de todos os que escreveram a esse respeito, vangloriando-se de um saber espantoso sobre o parentesco de cada corpo com o caráter de sua alma: desde então esta alma, destinada a viver milagrosamente e a realizar grandes ações, precisava de um corpo, não como acredita Celso, nascido de adultério entre Pantera e a Virgem, pois de união tão impura talvez pudesse se originar antes um louco nocivo aos homens, mestre de intemperança, de injustiça e de outros vícios, e não de domínio de si, de justiça e de outras virtudes. Mas, como também predisseram os profetas, era preciso um corpo nascido de Virgem, que desse à luz, de acordo com o anúncio do sinal, uma criança cujo nome qualificaria a obra, mostrando que em seu nascimento Deus estaria com os homens.

34. Este me parece o momento próprio de contrapor às palavras fictícias do judeu a profecia de Isaías: que o Emanuel nasceria de uma virgem. Celso não a citou, ou porque a ignorasse, ele que alardeia saber tudo, ou porque a leu, mas voluntariamente a omitiu para não parecer estabelecer, não obstante suas palavras, a doutrina contrária a seu intento. Esta é a passagem: "O Senhor tornou a falar a Acaz, dizendo-lhe: 'Pede um sinal ao Senhor, o teu Deus, ou nas profundezas do Xeol, ou nas alturas'. Acaz, porém, respondeu: 'Não pedirei nada, não tentarei ao Senhor'. Então disse ele: 'Ouvi, vós, da casa de Davi! Parece-vos pouco o fatigardes os homens, e quereis fatigar também a meu Deus? Pois sabei que o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem concebeu e dará à luz um filho e por-lhe-á o nome *Emanuel*, que significa *Deus conosco*'" (Is 7,10-14). Mas foi por deslealdade que Celso não citou a profecia: a prova é que ele mencionou diversas passagens do Evangelho de Mateus, como *o astro que surgiu no nascimento de Jesus* e outros milagres, mas não fez a menor alusão àquela passagem. E se um judeu pretende debater a respeito da expressão e julga que a leitura não é: "Eis que

a Virgem...", mas "eis que a jovem mulher...", eu lhe responderei: o termo *almah* que os Setenta traduziram por "a virgem", e outros por "a jovem mulher", encontra-se também no Deuteronômio, e a propósito de uma virgem. É o seguinte: "Se houver uma jovem virgem prometida a um homem, e um homem a encontra na cidade e se deita com ela, trareis ambos à porta da cidade e os apedrejareis até que morram: a jovem por não ter gritado por socorro na cidade, e o homem por ter abusado da mulher de seu próximo." E a seguir: "Contudo, se o homem encontrou a jovem prometida no campo, violentou-a e deitou-se com ela, morrerá somente o homem que se deitou com ela; nada farás à jovem, porque ela não tem pecado que mereça a morte" (Dt 22,23-26).

35. Mas, não vamos dar a impressão de depender de uma palavra hebraica para persuadir aqueles que não sabem se é preciso ou não admiti-la de que o profeta disse acertadamente: de uma virgem será gerado aquele de cujo nascimento foi dito: "Deus conosco". Procuremos fundamentar nossa convicção sobre o próprio sentido da frase. O Senhor, está escrito, disse a Acaz: "Pede um sinal ao Senhor, o teu Deus, ou nas profundezas do Xeol, ou nas alturas." E em seguida lhe é dado o sinal: "Eis que a virgem concebeu e dará à luz um filho e pôr-lhe-á o nome Emanuel." Mas que sinal haveria se era uma jovem mulher não virgem a dar à luz? E a quem melhor convém dar à luz o Emanuel, o Deus conosco: à mulher que teve relações sexuais e que concebeu por paixão feminina, ou àquela que ainda é pura, santa e virgem? Naturalmente é a esta que convém dar à luz um filho de cujo nascimento seja dito: "Deus conosco". E, mesmo neste caso, se a disputa continua afirmando que eram dirigidas a Acaz as palavras: "Pede um sinal ao Senhor, o teu Deus", eu replicarei: Mas quem nasceu no tempo de Acaz, de cujo nascimento seja dito "Emanuel", "Deus conosco"? Se não encontramos ninguém, é evidente que a palavra dita a Acaz se dirige à casa de Davi, pois o Senhor, segundo a Escritura, nasceu "da estirpe de Davi segundo a carne" (Rm 1,3). Além disso, este sinal, conforme se diz, está "ou nas profundezas do Xeol, ou nas alturas", porque "o que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, a fim de plenificar todas as coisas" (Ef 4,10). É o que tenho a dizer ao judeu que dá sua adesão à profecia. Cabe a Celso ou a algum de seus sequazes dizer em que estado de espírito o profeta faz do futuro esta predição ou outras que estão escritas nas profecias: será mesmo prevendo o futuro, sim ou não? Se é prevendo o futuro, os profetas tinham espírito divino; se não é prevendo o futuro, que ele explique o estado de espírito daquele que ousa falar do porvir e que os judeus admiram por sua profecia!

Necessidade dos profetas

36. Como acabamos de tratar da questão dos profetas, o que segue não é inútil, não só para os judeus que creem que os profetas falaram pelo espírito divino, mas até para os gregos de boa fé. Direi que é necessário admitir que os judeus também tiveram profetas, porque deviam ser conservados reunidos sob a legislação que lhes foi dada, crer no Criador conforme as tradições que eles receberam e não ter, em virtude da lei, pretexto

algum de passar por apostasia ao politeísmo dos pagãos. E estabelecerei esta necessidade assim: "As nações que vais conquistar", como está escrito na própria lei dos judeus, "ouvem oráculos e adivinhos", ao passo que se diz a este povo: "Quanto a ti, isso não te é permitido pelo Senhor teu Deus"; e prossegue: "O senhor teu Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti" (Dt 18,14-15). Os pagãos usavam adivinhações por meio de augúrios, presságios, auspícios, ventríloquos, arúspices, caldeus que liam horóscopos, coisas estas proibidas todas aos judeus; por isso os judeus, se não tivessem tido nenhuma consolação de conhecer o futuro, sob o impulso deste insaciável apetite humano de conhecer o futuro, teriam desprezado seus próprios profetas como se neles nada houvesse de divino, e não teriam recebido profetas depois de Moisés, nem teriam inscrito suas palavras nas Escrituras, mas teriam procurado espontaneamente a adivinhação e os oráculos dos pagãos ou teriam tentado estabelecer entre eles algo de semelhante. Por essa razão, nada há de estranho se seus profetas fizeram predições até de acontecimentos diários para a consolação dos que desejassem tais oráculos: assim a profecia de Samuel a respeito das jumentas perdidas (cf. 1Sm 9,20), e a que é mencionada no terceiro livro dos Reis, concernente a doença do filho do rei (cf. 1Rs 14,1-18). Do contrário, como aqueles que cuidavam da observância dos mandamentos da lei teriam condenado o desejo de obter oráculo dos ídolos? É desta forma que vemos Elias censurando a Ocosias: "Porventura não há um Deus em Israel, para irdes consultar a Baal-Zebub, deus de Acaron?" (2Rs 1,3).

37. Aí está pois demonstrado exatamente, assim me parece, não só que nosso Salvador nasceria de virgem, mas ainda que havia profetas entre os judeus: eles não prediziam exclusivamente os acontecimentos futuros de interesse geral, como o destino de Cristo e o dos reinos deste mundo, as desgraças futuras de Israel, a fé dos gentios no Salvador e muitas outras coisas ditas a seu respeito, mas igualmente os acontecimentos particulares, como a maneira de encontrar as jumentas perdidas de Cis, a doença de que sofria o filho do rei de Israel e todas as outras histórias deste tipo.

Mas, com referência aos gregos que não creem que Jesus nasceu de virgem, devemos acrescentar: o Criador mostrou no nascimento de animais diversos que aquilo que ele faz por um animal pode também fazer por outros e pelos próprios seres humanos, se quiser. Encontramos certas fêmeas de animais que não têm cópula carnal com macho, como dizem os naturalistas a respeito do abutre, e este animal salva a continuidade de sua espécie sem união sexual. Então, que haverá de extraordinário se Deus, querendo enviar um mestre divino à raça humana, em vez de criar um princípio seminal resultante da união dos machos com as fêmeas, decidiu que o princípio daquele que haveria de nascer fosse de outra ordem? Além disso, segundo os próprios gregos, nem todos os homens nasceram de um homem e de uma mulher. Se de fato o mundo foi criado, como o admitem muitos gregos, os primeiros homens necessariamente não nasceram de uma união sexual, mas da terra que continha em si as razões seminais: isso me parece mais extraordinário do que o nascimento de Jesus quase semelhante ao do restante dos seres humanos. E com referência aos gregos, cabe aqui certamente citar ainda histórias gregas, para que não pareça que são os únicos a usarem esta história extraordinária. Alguns

julgaram bom, a propósito não mais de antigas lendas heroicas, mas de acontecimentos de ontem ou de anteontem, escrever como coisa possível que o próprio Platão nasceu de Anfictíone, ao passo que Ariston fora impedido de se aproximar dela antes de ter dado à luz este filho concebido de Apolo. Trata-se neste caso de mitos que fizeram as pessoas imaginarem um prodígio desta espécie a respeito de um homem, porque, assim se pensava, ele tinha sabedoria e poder superiores aos da maior parte e tinha recebido de sementes superiores e divinas o princípio de sua constituição corporal, como convém aos que têm grandeza acima da humana. Mas quando Celso, depois de ter apresentado o judeu a conversar com Jesus, criva de sarcasmos o que ele considera como a ficção de seu nascimento de uma virgem, e depois de citar os mitos gregos de *Dânae, Melanipe, Auge e Antíope*, devemos dizer que tais assuntos convinham a um bobo da corte, não a um escritor que leva a sério sua mensagem.

Jesus no Egito

38. Acresce que ele aceita sem dificuldade a fuga de Jesus para o Egito, narrada no Evangelho de Mateus; mas se nega a crer nos prodígios que causaram esta história, na ordem transmitida pelo anjo, em todo o sentido misterioso possível da partida de Jesus da Judeia e de sua estada no Egito. Inventa ainda outra coisa: de um lado, dá certa adesão aos milagres extraordinários realizados por Jesus, graças aos quais este persuadiu a multidão a que o seguisse como Cristo, e por outro lado, pretende desqualificá-los como artes de magia e não ações do poder divino. Pois afirma: ele foi educado ocultamente, dirigiu-se ao Egito para alugar seus serviços e, depois de adquirir neste país a experiência de certos poderes, voltou proclamando que era Deus, graças a tais poderes. Mas eu mesmo não compreendo como um mago pôde se dar ao trabalho de ensinar uma doutrina segundo a qual se deve fazer tudo tendo em mente que Deus julga cada um segundo seus atos, e se deve passar esta disposição a seus discípulos a quem ele faria ministros de seu ensinamento. Porventura estes conquistavam seus ouvintes por meio dos milagres aprendidos desta forma, ou sem operar qualquer milagre? Mas é o cúmulo do absurdo dizer que eles não operavam qualquer milagre, e que depois de terem crido, sem nenhum poder de persuasão que se parecesse com a sabedoria dialética dos gregos, dedicaram-se ao ensino de uma doutrina nova por aqueles com quem conviviam: de onde lhes veio a audácia de ensinar a doutrina e as inovações? E se eles realizavam milagres, que probabilidade haverá de magos se exporem a perigos tão graves por uma doutrina que proíbe a magia?

39. Parece-me indigno combater tais asserções feitas sem seriedade e por zombaria: *Seria porque a mãe de Jesus era bela, e que por causa de sua beleza Deus se uniu a ela, ele que por natureza não pode se enamorar de um corpo perecível? Não era conveniente que Deus se enamorasse dela, pois carecia de fortuna, de nascimento real, e ninguém a conhecia, sequer seus vizinhos*. E ele ainda graceja ao acrescentar: *Quando o carpinteiro se encheu de aversão por ela e a expulsou, nenhum poder divino, nenhum dom de persuasão a salvou. Afinal, nada existe nisso tudo que tenha a ver com o Reino*

de Deus. Haverá nestas palavras algo diferente dos insultos que costumamos ouvir das pessoas da rua, sem uma palavra que mereça alguma atenção?

O batismo de Jesus

40. A seguir, ele tira do Evangelho de Mateus, e talvez igualmente dos outros evangelhos, a história da pomba que pairou sobre o Salvador por ocasião de seu batismo por João, e pretende desqualificá-la como ficção. Mas julgando ter reduzido a frangalhos a história de que nosso Salvador nasceu de uma virgem, não cita na ordem os acontecimentos que seguem: pois a paixão e o ódio nada têm de ordenado, mas as pessoas dominadas pela cólera e o ódio lançam contra os que elas odeiam as injúrias que lhes passam pela cabeça, impedidas pela paixão de formular suas acusações de maneira refletida e ordenada. Se ele tivesse observado a ordem, de fato, teria usado o evangelho e, decidido a acusá-lo, teria criticado o primeiro relato, depois teria passado ao segundo, e assim adiante. Mas não! Depois do nascimento de uma virgem, Celso que apregoa saber tudo de nossas doutrinas, incrimina a aparição do Espírito Santo por ocasião do batismo sob a forma de uma pomba, depois calunia a profecia da vinda de nosso Salvador, e depois disso ele volta aos acontecimentos narrados depois do nascimento de Jesus, à história da estrela e dos magos que vieram do Oriente "adorar" o menino. Quantas passagens confusas de Celso através de todo o livro revelaria uma observação atenta! Novo meio, para as que sabem procurar e observar a ordem, de convencê-lo de impudência e gabarolice quando intitula seu livro *Discurso verdadeiro*, coisa que nenhum filósofo de valor fez! Pois Platão diz que não é dar prova de espírito sensato dizer com firmeza a última palavra a respeito de assuntos desta ordem e mais obscuros ainda. E muitas vezes, Crisipo, depois de ter citado as razões que o persuadiram, nos remete aos que poderiam dar melhor explicação do que a sua. Este é pois um homem que, mais inteligente mesmo que esses dois autores e do que todos os outros gregos, na lógica de sua afirmação de saber tudo, intitulou seu livro de *Discurso verdadeiro*!

41. Mas, para não parecer omitir essas acusações voluntariamente por falta de resposta, decidi refutar da melhor maneira possível cada uma dessas objeções, preocupando-me não com o encadeamento natural e com a sequência lógica dos assuntos, mas com a ordem das objeções observadas em seu livro. Vejamos então o que ele diz ao atacar a aparição corporal, por assim dizer, do Espírito Santo ao Salvador sob a forma de pomba. É sempre o judeu que se dirige nestes termos àquele que reconhecemos como nosso Senhor Jesus: *Afirmas que, por ocasião de teu batismo realizado por João, apareceu uma ave vinda do céu, a qual pairou sobre ti*, diz ele; a seguir pergunta: *Que testemunha digna de fé viu essa aparição? Quem ouviu uma voz do céu adotando-te como Filho de Deus? Quem senão tu e um dos companheiros de suplício que podes apresentar como testemunha*.

42. Antes de abordar a resposta, é preciso dizer que, a respeito de quase toda história, quando verdadeira, que pretender afirmar que ela ocorreu de fato e dar uma

representação compreensiva é coisa das mais difíceis e, em certos casos, impossível. Suponhamos, por exemplo, que alguém diga que a guerra de Tróia não ocorreu pela importante razão de que nessa história se introduz um relato inacreditável, em que certo Aquiles é filho de deusa do mar e de um homem chamado Peleu, um Sarpédon é filho de Zeus, um Ascálafos e Jálmenos de Ares, um Eneias de Afrodite. Como estabelecer a realidade de tudo isso, em vista do embaraço em que nos põe a ficção que se entrelaça não sei de que modo com a opinião que prevalece entre todos de que a guerra de Tróia entre gregos e troianos realmente aconteceu? Suponhamos ainda que não se acredite nas aventuras de Édipo, de Jocasta e de seus filhos Etéocles e Polinice, porque se introduziu na história o relato da Esfinge, espécie de meio-mulher moça: como estabelecer a prova? O mesmo se diga dos Epígonos, ainda que nada de semelhante se haja introduzido na trama do relato, ou da volta dos Heráclidas, ou de infinidade de outros. Qualquer leitor criterioso que leia tais histórias e pretenda fugir de erro a respeito delas há de distinguir, por um lado, o que merece sua adesão e o que ele há de interpretar alegoricamente, procurando a intenção dos que forjaram tais ficções, e, por outro lado, o que ele recusará crer, como escrito para agradar a alguns. Essas observações preliminares a toda a história de Jesus narrada no evangelho são feitas não para convidar as pessoas vivas de espírito a uma fé simples e não refletida, mas no intuito de estabelecer que os leitores têm necessidade de juízo sadio e de exame aprofundado, e de certa maneira de entrar na intenção dos escritores, para descobrir em que espírito cada acontecimento é descrito.

43. Portanto, direi em primeiro lugar: se quem recusa crer na aparição do Espírito Santo na forma de pomba fosse apresentado como epicureu, ou partidário de Demócrito, ou peripatético, a matéria conviria à personagem. Mas na realidade o doutíssimo Celso sequer reparou que atribuía tal palavra a um judeu, que crê em muitos relatos dos escritos proféticos mais extraordinários do que a história da forma da pomba. Poderíamos dizer ao judeu que não acredita na aparição: mas tu, meu caro, como poderias provar que o Senhor Deus disse a Adão, Eva, Caim, Noé, Abraão, Isaac e Jacó aquilo que a Bíblia confirma que ele disse a estes seres humanos? E para comparar esta história com outra, direi ao judeu: teu Ezequiel também escreveu estas palavras: "Os céus se abriram e tive visões divinas"; e depois de tê-la narrado, acrescenta: "Era algo semelhante à Glória do Senhor. Ao vê-la, caí com o rosto em terra e ouvi a voz de alguém que falava comigo" (Ez 1,1.28; 2,1). Se aquilo que é relatado de Jesus é falso, uma vez que a teu ver não podemos provar com evidência a verdade do que só ele viu e ouviu, como também, como pareces sustentar, "um dos condenados", por que não dizermos nós com maior razão que também o próprio Ezequiel é vítima de ilusão quando diz: "Os céus se abriram..." etc.? Além disso, quando Isaías afirma: "Vi o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado. A cauda de sua veste enchia o santuário. Acima dele, em pé, estavam serafins, cada um com seis asas..." (Is 6,1-2) etc., donde tiras a prova de que ele realmente viu? Pois tu, judeu, acreditaste que estas visões são verídicas e que o profeta, sob a influência do Espírito de Deus, não só as viu, mas também as contou e escreveu. Mas quem será mais digno de fé quando afirma que o céu lhe foi aberto e ele ouviu uma voz ou que ele viu "o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado"? Isaías,

Ezequiel ou Jesus? Dos primeiros não encontramos prova alguma tão sublime, ao passo que a bondade de Jesus pelos homens não se restringiu unicamente ao período de sua encarnação; e até esse dia seu poder realiza a conversão e a purificação dos costumes dos que creem em Deus por meio dele. E a prova evidente de que a conversão e a purificação se devem ao seu poder, como ele mesmo diz e a experiência confirma, é a escassez de operários que trabalhem em sua messe das almas, a messe tão abundante dos que são colhidos e introduzidos nas eiras de Deus espalhadas por toda parte, que são as igrejas.

44. Digo isto ao judeu, não porque eu, cristão que sou, me negue a crer em Ezequiel e em Isaías, mas para lhe inspirar vergonha graças a esses profetas nos quais acreditamos como ele: pois Jesus é muito mais digno de fé quando disse ter tido esta visão e contou a seus discípulos, como é provável, a visão que teve e a voz que ouviu. Outra objeção poderia ser esta: entre os que mencionaram por escrito a forma da pomba e a voz celeste, nem todos ouviram Jesus contar-lhes esta história. Mas o Espírito que ensinou a Moisés a história mais antiga do que ele, a que começa na criação e vai até a história de Abraão, seu antepassado, ensinou da mesma forma aos evangelistas o milagre que aconteceu no momento do batismo de Jesus. Aquele que foi ornado com o carisma que chamamos "palavra da sabedoria" há de explicar ainda a razão da abertura do céu e da forma da pomba, e por que o Espírito Santo não apareceu a Jesus sob a forma de outro ser vivo que não este. Mas a razão não exige que eu me explique aqui: meu intuito é provar que Celso não foi criterioso ao atribuir a um judeu, com tais palavras, falta de fé num fato mais provável do que aqueles nos quais ele acredita.

45. Lembro-me de um dia ter usado um argumento como esse numa discussão com judeus cuja ciência todos gabavam, diante de numerosos juízes para dirimir uma questão: "Meus amigos, digam-me o que pensam: duas pessoas vieram ao gênero humano, das quais se narravam prodígios muito acima da natureza humana; quero dizer, Moisés vosso legislador, que escreveu sua própria história, e Jesus nosso mestre, que não deixou livro algum sobre ele, mas de quem seus discípulos dão testemunho nos evangelhos. Como é arbitrário acreditar que Moisés disse a verdade, embora os egípcios o tenham acusado de ser feiticeiro que parece ter feito seus milagres por bruxaria, e todavia não crer em Jesus, pois vós o acusais! De ambos dão testemunho diversos povos: os judeus, de Moisés; e os cristãos, longe de negarem a missão profética de Moisés, dele partem para provarem a verdade a respeito de Jesus e aceitam como verdadeiras as histórias milagrosas que seus discípulos dele contam. Portanto, se nos pedis a razão de nossa fé em Jesus, dai em primeiro lugar a de vossa fé em Moisés, porque ele viveu antes de Jesus, em seguida nós vos daremos a de nossa fé nele; se vos esquivais e recusais as provas a respeito de Moisés, então por ora fazemos como vós e não apresentamos provas. Reconhecei, entretanto, que não tendes prova para apresentar a favor de Moisés e ouvi as provas tiradas da Lei e dos Profetas a favor de Jesus. Eis o paradoxo: que as provas que valem para Jesus na Lei e nos Profetas provem igualmente que Moisés e os profetas eram profetas de Deus."

46. Mas a fé e os profetas estão cheios de elementos tão maravilhosos quanto o que se conta a respeito da pomba e da voz celeste no batismo de Jesus. E a prova, a meu ver, de que o Espírito Santo apareceu então na forma de pomba são os milagres realizados por Jesus, apesar das afirmações mentirosas de Celso, de que Jesus tenha aprendido no Egito a arte de operá-los. Mas não tirarei vantagem apenas daqueles, mas também, como convém, dos milagres que os apóstolos de Jesus operaram. Pois sem milagres e prodígios, eles não teriam levado os que ouviam doutrinas novas e ensinamentos novos a abandonar suas crenças ancestrais e aceitar, com o perigo de suas vidas, os ensinamentos que transmitiam. E do Espírito Santo que então apareceu sob a forma de pomba ainda subsistem sinais entre os cristãos: eles expulsam demônios, curam diversas enfermidades, e, sob a moção do Logos, têm certas visões do futuro. Ainda que eu provoque zombarias de Celso ou do judeu, seu porta-voz, por causa do que direi, assim mesmo direi: muitos chegaram ao cristianismo mais ou menos constrangidos, depois que certo espírito lhes transformou subitamente o coração, que passou do ódio à doutrina à resolução de morrer por ela, apresentando-lhes uma visão ou um sonho. Conheci muitos exemplos deste comportamento. Se eu os citasse por escrito, como testemunha ocular que deles fui, ofereceria um prato cheio à zombaria dos descrentes que haveriam de pensar que também eu estou a lhes contar disparates, assim como aqueles que forjaram tais ficções. Mas Deus é testemunha de minha consciência e de seu desejo de confirmar não por meio de histórias mentirosas, mas numa evidência rica de aspectos, o ensinamento divino de Jesus.

Mas como é um judeu que propõe dúvidas a respeito da história da descida do Espírito Santo sobre Jesus sob a forma de pomba, poderíamos replicar-lhe: dize-me, meu caro, quem é que fala nesta passagem de Isaías: "E agora o Senhor Iahweh me enviou com o seu espírito" (Is 48,16)? No texto a expressão é ambígua: será que o Pai e o Espírito Santo enviaram Jesus, ou será que o Pai enviou o Cristo e o Espírito Santo? A segunda interpretação é a verdadeira. E depois da missão do Salvador ocorreu a do Espírito Santo, para que se realizasse a palavra do profeta; mas era preciso que a realização da profecia fosse conhecida igualmente da posteridade; por isso os discípulos de Jesus escreveram o que havia acontecido.

47. Quereria dizer a Celso, quando põe em cena um judeu que admite de certa forma que João se apresente como batista a batizar Jesus: a existência de João Batista que batizava para a remissão dos pecados é relatada por um dos que viveram pouco depois de João e Jesus. De fato, no livro 18 de *Antiguidades judaicas*, Flávio Josefo registra que João batizava prometendo a purificação aos batizados. E o mesmo autor, embora não acreditasse que Jesus era o Cristo, procura a causa da queda de Jerusalém e da ruína do templo. Segundo ele, o atentado contra Jesus fora a causa destas desgraças para o povo, porque tinham condenado à morte o Cristo anunciado pelos profetas. Mas, apesar de tudo, ele não está longe da verdade ao afirmar que estas catástrofes aconteceram aos judeus para vingar Tiago, o Justo, irmão de Jesus chamado Cristo, porque o tinham matado, apesar de sua evidente inocência. A esse Tiago, Paulo, o verdadeiro discípulo de Jesus, diz que o viu e o chama de "irmão do Senhor", não por causa de seu parentesco

de sangue ou por sua educação comum, mas por seus costumes e doutrina. Portanto, se Josefo diz que as desgraças da devastação de Jerusalém aconteceram aos judeus por causa de Tiago, com quanto maior razão poderá afirmar que tais desgraças ocorreram por causa de Jesus Cristo, cuja divindade é atestada por tantas igrejas, integradas por homens que fugiram da devassidão e dos vícios, e se conservam unidos ao Criador e tudo referem à sua santa vontade.

Os sentidos espirituais

48. O judeu certamente pode ficar sem resposta a respeito de Ezequiel e Isaías, quando associo à história do céu que se abre por cima de Jesus enquanto ele ouve, da voz do alto, histórias semelhantes encontradas em Ezequiel, Isaías e algum outro profeta; quanto a mim, farei o que puder para dar aos meus argumentos a melhor fundamentação possível. Existe uma crença geral de que no sonho muitos se representam certas realidades divinas e certos sinais que anunciam acontecimentos futuros desta vida, claramente ou por meio de enigmas, e tudo se torna evidente para todos os que admitem uma providência; sendo assim, por que seria absurdo admitir que aquilo que atinge o espírito num sonho possa também atingir numa visão, para a utilidade da pessoa atingida ou dos que a ouvirão de viva voz? E assim como no sonho recebemos a impressão de que ouvimos e de que sons atingem nosso ouvido físico ou vemos com nossos olhos, embora nada atinja nem os olhos do corpo, nem o ouvido, mas porque o espírito recebe tais impressões, da mesma forma não existe nenhum absurdo que tal tenha sido o caso dos profetas, quando a Escritura relata que eles tiveram visões maravilhosas, ouviram as palavras do Senhor, viram o céu se entreabrir. Pois não acho que o céu sensível se tenha aberto e que sua realidade física, ao se entreabrir, tenha sido comunicada para permitir que Ezequiel pudesse descrever tal visão. Talvez por isso seja preciso que no caso do Salvador também o leitor sensato dos evangelhos admita a mesma coisa, ainda que escandalize os simples, que na sua grande simplicidade removem o mundo e rompem a imensa massa unificada de todo o céu.

Um exame aprofundado da questão nos convencerá de que, conforme a Escritura, existe uma espécie de gênero, um sentido divino, que só o bem-aventurado encontra no presente, nas palavras de Salomão: "Encontrarás o conhecimento de Deus" (Pr 2,5). E este conhecimento tem várias espécies: a vista, que pode fixar as realidades superiores aos corpos, e dela fazem parte os Querubins e os Serafins; o ouvido, que percebe os sons cuja realidade não está no ar; o paladar, para saborear o pão vivo que desceu do céu e dá a vida pelo mundo; da mesma forma, o olfato, que percebe aqueles perfumes de que fala Paulo, que diz ser ele mesmo "para Deus o bom odor de Cristo"; o tato, por cujo intermédio João afirma ter apalpado com suas mãos "o Verbo da vida" (1Jo 1,1). Tendo encontrado o sentido divino, os bem-aventurados profetas enxergavam divinamente, ouviam divinamente, saboreavam e sentiam o odor da mesma forma, por assim dizer com um sentido que não é sensível; e apalpavam o Verbo pela fé, de tal forma que uma emanação lhes chegava vindo dele para curá-los. Assim eles viam o que

escrevem ter visto, ouviam o que dizem ter ouvido, experimentavam sensações da mesma espécie quando comiam "o rolo", no seu modo de dizer, de um livro que lhes era oferecido. Da mesma forma igualmente Isaac "respirou o odor das roupas" divinas de seu filho e pôde acrescentar à sua bênção espiritual: "Sim, o odor de meu filho é como o odor de campo fértil que o Senhor abençoou" (Gn 27,27). Do mesmo modo que vemos nestes exemplos e de maneira mais inteligível do que sensível, Jesus "tocou" no leproso para o curar duplamente, em meu entender, libertando-o não só, como o entende a multidão, da lepra sensível por seu toque sensível, mas também da outra lepra por seu toque verdadeiramente divino. Foi deste modo que "João deu testemunho, dizendo: 'Vi o Espírito descer como uma pomba vinda do céu e permanecer sobre ele. Eu não o conhecia, mas aquele que me enviou para batizar com água disse-me: aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo. E eu vi e dou testemunho de que ele é o Eleito de Deus'" (Jo 1,32-34). Além disso, foi mesmo para Jesus que o céu se abriu; e naquele momento, de ninguém mais está escrito que viu o céu aberto. Mas o Salvador predisse a seus discípulos que eles, mais tarde, seriam testemunhas desta abertura do céu, e disse: "Em verdade, em verdade, vos digo: vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem"(Jo 1,51). Assim igualmente Paulo foi arrebatado ao terceiro céu, depois de o ter visto aberto, pois era discípulo de Jesus. Mas não vem a propósito explicar agora por que Paulo diz: "Se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe" (2Cor 12,2).

Acrescentarei ainda a meu argumento a observação de Celso, quando pensa que o próprio Jesus teria falado do céu aberto e do Espírito Santo que desceu sobre ele sob a forma de pomba às margens do Jordão: a Escritura não mostra que ele tenha dito ter ele mesmo visto. Mas este homem excelente não percebe que dizer a seus discípulos o que foi visto e ouvido por João às margens do Jordão não seria conveniente ao que falou a seus discípulos sobre sua visão no monte: "Não conteis a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos" (Mt 17,9). Podemos observar que era realmente hábito constante de Jesus evitar sempre falar favoravelmente de si mesmo. Por isso diz ele: "Se eu der testemunho de mim mesmo, meu testemunho não será verdadeiro" (Jo 5,31). E como evitava falar de si mesmo e preferia mostrar por suas obras e não tanto por suas palavras que era o Cristo, os judeus lhe disseram: "Se és o Cristo, dize-nos abertamente" (Jo 10,24). E como é um judeu que, no escrito de Celso, fala a Jesus a respeito da vinda do Espírito Santo sob a forma de pomba: "Quem senão tu e algum de teus companheiros de suplício podes apresentar como testemunha", é necessário mostrar a ele que atribui ao judeu o que não convém a sua personagem. Pois os judeus não veem conexão entre João e Jesus, nem entre seu suplício e o dele. Aí está mais uma prova flagrante de que quem se gaba de saber tudo não sabe que palavras atribuir à personagem judaica que se dirige a Jesus!

As profecias

49. Depois disto, não sei de que modo, o ponto capital da demonstração de Jesus, a

saber, que foi predito pelos profetas judeus, por Moisés e pelos que lhe sucederam, talvez até pelos que o precederam, é voluntariamente omitido por ele, incapaz como era, penso eu, de refutar o argumento: pois nem os judeus, nem qualquer de suas seitas negaram que Jesus tenha sido predito. Mas talvez ele mesmo não conhecesse as profecias; se tivesse compreendido o que os cristãos afirmam, que muitos profetas predisseram a vinda do Salvador, ele não teria atribuído à personagem do judeu palavras que convêm mais a samaritano ou a saduceu. E não poderia ser judeu quem disse em discurso fictício: *Mas meu profeta um dia disse em Jerusalém que o Filho de Deus viria fazer justiça aos santos e castigar os pecadores*. Pois não foi apenas um profeta que profetizou a respeito do Cristo. E ainda que os samaritanos e os saduceus, que aceitam apenas os livros de Moisés, afirmem que Cristo neles é profetizado, não foi com certeza em Jerusalém, que não é citada ainda no tempo de Moisés, que a profecia foi dita. Praza aos céus, portanto, que todos os acusadores do evangelho tenham uma ignorância igual não só dos fatos, mas também dos próprios textos da Escritura, e que ataquem o cristianismo sem que suas palavras tenham a menor possibilidade de afastar, não digo de sua fé, mas de sua exígua fé, as pessoas instáveis que creem "apenas por um momento". Um judeu, porém, não proclamaria que um profeta disse que o Filho de Deus viria, pois o que dizem é que virá o Cristo de Deus. E muito mais, frequentemente eles nos fazem perguntas diretamente sobre o título de Filho de Deus, dizendo que tal entidade não existe e não foi profetizada. E não quero dizer que o Filho de Deus não foi predito pelos profetas, mas que está em desacordo com a personagem de um judeu, incapaz de dizer coisa semelhante, afirmar que ele disse: "Meu profeta disse um dia em Jerusalém que o Filho de Deus viria."

50. A seguir, como se não fosse o único de quem se profetizou que ele faz justiça aos santos e castiga os pecadores, como se não houvesse nenhuma predição sobre o lugar de seu nascimento, a paixão que ele suportou da parte dos judeus, sua ressurreição, os milagres prodigiosos que ele realizaria, disse: *Por que seria antes a ti e não a uma infinidade de outros nascidos depois da profecia que se aplicaria o que foi profetizado?* Não sei por que ele quer atribuir a outros a possibilidade de conjeturar que eles mesmos são o objeto desta profecia, e acrescenta: *Uns, fanáticos, outros, mendigos, se declaram vindos do alto na qualidade de Filhos de Deus*. Não me consta que seja um fato reconhecido entre os judeus. Devemos, pois, responder em primeiro lugar que muitos profetas fizeram predições de muitas maneiras entre os judeus acerca de Cristo: uns por meio de enigmas, outros por alegoria ou outras figuras, e alguns mesmo literalmente. Em seguida, declara nas palavras fictícias do judeu aos fiéis de seu povo: as profecias referentes aos acontecimentos de sua vida podem igualmente ser adaptadas a outras realidades, e diz isto com habilidade maldosa; exporei então algumas dentre muitas; e a respeito delas, queira o leitor dizer o que pode fazer que elas caiam por terra e desviar da fé os fiéis crentes de inteligência perspicaz.

Em Belém de Judá

51. A respeito do lugar de seu nascimento foi dito que "o chefe sairá de Belém". E eis de que modo: "Mas, tu, Belém, cidade de Éfrata, embora o menor dos clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que será dominador em Israel. Suas origens são de tempos antigos, de dias imemoráveis" (Mq 5,2). Esta profecia não se pode aplicar a nenhum dos que, conforme as palavras do judeu de Celso, são fanáticos ou mendigos e se declaram vindos do alto, se não ficou claramente demonstrado que ele nasceu em Belém, ou, em outras palavras, que veio de Belém para governar o povo. Mas, para se convencer de que Jesus nasceu em Belém, se alguém, depois da profecia de Miqueias e depois da história registrada nos evangelhos pelos discípulos de Jesus, desejar mais provas, mostra-se, é bom saber, de acordo com a história evangélica de seu nascimento, em Belém, a gruta em que ele nasceu, e, na gruta, a manjedoura em que foi envolvido em panos. E o que se mostra aí é famoso em toda a região, mesmo entre os estranhos à fé, pois nesta gruta nasceu este Jesus que os cristãos adoram e admiram. De minha parte, penso que antes da vinda de Cristo, os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo ensinavam, por causa da clareza evidente da profecia, que Cristo nasceria em Belém; e a notícia se havia espalhado mesmo entre a maior parte dos judeus. Por isso, Herodes, conforme a Escritura, havendo-se informado junto aos príncipes dos sacerdotes e dos escribas do povo, viera a saber deles que o Cristo nasceria "em Belém de Judá", lugar de origem de Davi. Além disso, está consignado no Evangelho de João que os judeus tinham dito que Cristo nasceria em Belém, lugar de origem de Davi. Mas depois da vinda de Cristo, os que procuraram destruir a ideia de que seu nascimento tinha sido predito desde o começo esconderam este ensinamento do povo. Foi esforço semelhante ao que se tentou persuadindo os soldados da guarda junto ao túmulo que o tinham visto ressuscitar dos mortos e o anunciavam por esta palavra de ordem dada às testemunhas: "Dizei que seus discípulos vieram de noite, enquanto dormíeis, e o roubaram. Se isto chegar aos ouvidos do governador, nós o convenceremos e vos deixaremos sem complicação" (Mt 28,13-14).

52. O amor à disputa e à prevenção dificilmente permitem encarar objetivamente até mesmo as coisas evidentes, para não se ter que abandonar doutrinas que impregnaram aqueles para os quais elas se tornaram uma espécie de hábito e com as quais formaram a alma. É muito mais fácil, em outros campos, abandonar hábitos, também inveterados, do que em matéria de doutrinas. Além disso, os habituados dificilmente abandonam seus hábitos: dessa forma, abandonar casas, cidades, aldeias, companheiros habituais não é coisa fácil para quem vive prevenido em seu favor. Foi esta, pois, a razão por que muitos judeus da época não puderam encarar em toda sua evidência as profecias e os milagres, o que Jesus fez e sofreu conforme a Escritura. Fica patente que a natureza humana é afligida com este obstáculo, se pensarmos na dificuldade que sentimos em mudar de opinião uma vez que ficamos na prevenção, ainda mesmo em favor das mais vergonhosas e mais fúteis tradições dos antepassados e concidadãos. Não será nada fácil, por exemplo, inspirar a um egípcio o desprezo de uma de suas tradições ancestrais, deixar de crer na divindade de certo animal sem razão ou evitar até à morte provar de sua carne. Se examinei longamente este ponto e expus com pormenores o caso de Belém

e a profecia que se refere a este lugar, é porque eu pensava ser necessário assim fazer para responder à objeção: se tal era a evidência das profecias judaicas concernentes a Jesus, por que, quando ele veio, as pessoas não aderiram a seu ensinamento e não se converteram às doutrinas superiores que ele revelava? Mas é preciso evitar esse tipo de crítica àqueles que dentre nós acreditam, em vista das razões sérias de acreditar em Jesus apresentadas pelos que aprenderam a valorizá-las.

53. Mas se a respeito de Jesus ainda é necessária segunda profecia evidente para nós, citaremos a que foi escrita por Moisés, muitos anos antes da vinda de Jesus.

Ele afirma aí que Jacó, no momento de deixar esta vida, pronunciou profecias a cada um de seus filhos e disse entre outras coisas a Judá: "O príncipe não se afastará de Judá, nem o chefe de sua raça, até que venha aquele a quem está reservado ser o príncipe" (Gn 49,10). Ao lermos esta profecia, na verdade bem mais antiga do que Moisés, mas que algum infiel suspeitaria ser Moisés seu autor, admira-nos a maneira como Moisés predisse que os reis dos judeus, quando entre eles havia doze tribos, sairiam da tribo de Judá e governariam o povo; é a razão por que todos os homens deste povo são chamados judeus, do nome da tribo reinante. O segundo motivo de admiração, a uma leitura criteriosa da profecia, é a maneira como, depois de ter dito que os chefes e os príncipes do povo seriam da tribo de Judá, a profecia fixou o limite do governo destes, dizendo que o príncipe não se afastaria de Judá, nem o chefe de sua raça, "até que venha aquele a quem está reservado ser o príncipe, e ele próprio é a esperança das nações". E de fato veio aquele a quem está reservado ser o príncipe, o Cristo de Deus, "o príncipe" das promessas de Deus. Com exclusão de todos os que o precederam, diria eu sozinho referindo-me também aos que o seguirão: ele é "a esperança das nações", pois os homens de todas as nações vieram a acreditar em Deus por seu intermédio, e as nações esperaram em seu nome conforme as palavras de Isaías: "Em seu nome esperarão todas as nações." E aos "que estão cativos", porque "todo homem está preso nos laços de seus pecados" (Pr 5,22), ele diz: "Saí", e aos que vivem na ignorância: "Aparecei na luz", para cumprimento da profecia: "Eu te pus por aliança do povo a fim de restaurar a terra, a fim de redistribuir as propriedades devastadas, a fim de dizer aos cativos: 'Saí', aos que estão nas trevas: 'Aparecei'." E na sua vinda podemos ver realizado pelos que creem com simplicidade em todos os lugares da terra, o cumprimento desta palavra: "Eles apascentarão junto aos caminhos, sobre todos os montes escalvados encontrarão pastagem" (Is 49,8-9).

A paixão

54. Como este homem que pretende saber tudo da Escritura critica o Salvador porque em sua paixão *não foi socorrido por seu Pai, nem se socorreu a si mesmo*, devemos deixar bem claro que esta paixão fora profetizada com sua razão de ser: era bom para os homens que ele morresse por eles e sofresse os tormentos devidos à sua condenação. Fora predito que até os povos gentios, embora os profetas não tivessem vivido entre eles, o reconheceriam, e fora anunciado que todos o veriam numa aparência miserável. A

passagem é a seguinte: "Eis que meu servo há de prosperar, ele elevar-se-á, será exaltado, será posto nas alturas. Exatamente como multidões ficaram pasmadas à vista dele — tão desfigurado estava o seu aspecto e a sua forma que não parecia a de um homem — assim agora nações numerosas ficarão estupefactas a seu respeito, reis permanecerão silenciosos, ao verem coisas que não lhes haviam sido contadas e ao tomarem consciência de coisas que não tinham ouvido. Quem creu naquilo que ouvimos, e a quem se revelou o braço de Iahweh? Ele cresceu diante dele como um renovo, como raiz que brota de uma terra seca; não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele. E no entanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi trespassado por causa de nossas transgressões, esmagado em virtude de nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados. Todos nós como ovelhas andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro conduzido ao matadouro; como uma ovelha que permanece muda na presença de seus tosquiadores, ele não abriu a boca. Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os seus contemporâneos, quem se preocupou com o fato de ter ele sido cortado da terra dos vivos, de ter sido conduzido à morte pela iniquidade do seu povo?" (Is 52,13-53,8).

55. Durante um debate com homens tidos como sábios entre os judeus, lembro-me de ter citado estas profecias. Ao que o judeu replicou que essas predições tinham em vista, na figura de um indivíduo, o conjunto do povo, disperso e ferido para que muitos prosélitos fossem conquistados na ocasião da dispersão dos judeus entre os outros povos. Desta forma ele interpretava as palavras: "Era desprezado e abandonado pelos homens", "os que nada sabiam sobre ele verão", "homem sujeito à dor". Eu então aduzia para o debate diversos argumentos para provar que não existe nenhuma razão para aplicar ao conjunto do povo estas profecias que têm em mira um só indivíduo. Eu perguntava a que personagem se deveriam atribuir as palavras: "Eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava"; "Ele foi trespassado por causa de nossas transgressões, esmagado em virtude de nossas iniquidades"; e a que personagem devamos atribuir estas palavras: "Por suas feridas fomos curados". São obviamente palavras dos que viveram em seus pecados e foram curados pela paixão do Salvador, quer pertençam a este povo, quer sejam gentios: o profeta as tinha previsto e as tinha atribuído a eles pela ação do Espírito Santo. Mas pareceu que eu levantava a maior dificuldade com este texto: "Pelas iniquidades de meu povo ele foi conduzido à morte." Pois se o objeto da profecia, segundo eles, é o povo, como se diz que ele é conduzido à morte "pelas iniquidades do povo" de Deus, se esse objeto da profecia não é senão o povo de Deus? Quem senão Jesus Cristo, por cujas feridas nós fomos curados, nós que cremos nele, quando despojou os Principados e as Autoridades, tornando-as objeto de

desprezo público na cruz? (cf. Cl 2,15). Mas desenvolver cada um dos pontos contidos na profecia e não deixar nenhum sem exame fica para outra ocasião. Aí estão algumas considerações bastante longas, exigidas, a meu ver, pela passagem que citei do judeu de Celso.

As duas vindas de Cristo

56. Mas Celso, o seu judeu e todos os que não acreditam em Jesus não perceberam que as profecias falam de duas vindas de Cristo: a primeira, cheia de sofrimentos humanos e de humildade que permitiam a Cristo, vivendo no meio dos homens, ensinar o caminho que leva a Deus, sem deixar ninguém, durante a vida, a desculpa de ignorar o juízo vindouro; a segunda, unicamente gloriosa e divina, sem qualquer mistura de fraqueza humana com sua divindade. Seria muito longo citar as profecias; por ora basta que citemos o Salmo 44, que, entre outras coisas, tem o título de "cântico do bem-amado". Cristo aparece neste salmo claramente proclamado como Deus nestas palavras: "A graça escorre dos teus lábios, porque Deus te abençoa para sempre. Cinge a tua espada sobre a coxa, ó valente, com majestade e esplendor; vai, cavalga pela causa da verdade, da pobreza e da justiça, e tua direita abrirá um caminho prodigioso para ti. Tuas flechas são agudas, os povos submetem-se a ti, os inimigos do rei perdem a coragem." Mas observe atentamente na sequência em que aparece o nome de Deus: "Teu trono é de Deus, para sempre e eternamente! O cetro do teu reino é cetro de re-tidão! Amas a justiça e odeias a impiedade. Eis por que Deus, o teu Deus, ungiu-te com o óleo da alegria, como a nenhum dos teus rivais" (Sl 44,3-8). Observe que o profeta dirige-se a um Deus cujo "trono é de Deus para sempre e eternamente" e "o cetro de seu reino é cetro de retidão"; e ele declara que este Deus recebeu a unção de um Deus que era seu Deus e lhe deu a unção porque, "como a nenhum de seus rivais", "ele ama a justiça e odeia a impiedade". E me lembro mesmo de ter, por esta palavra, posto em grande dificuldade o judeu considerado como sábio. Embaraçado para dar uma resposta em consonância com seu judaísmo, ele diz: é ao Deus do universo que se dirigem estas palavras: "Teu trono é de Deus para sempre e eternamente! O cetro de teu reino é um cetro de retidão", mas a Cristo: "Amas a justiça e odeias a impiedade. Eis por que Deus, o teu Deus, te ungiu" etc.

Filiação divina

57. Seu judeu declara, ainda, dirigindo-se ao Salvador: *Se dizes quer todo homem nascido de acordo com a divina Providência é filho de Deus, em que és superior a outro?* Ao que responderei: todo homem que, segundo as palavras de Paulo, já não é levado pelo temor, mas abraça a virtude pela virtude, é filho de Deus. Mas Cristo é infinitamente superior a quem quer que receba por sua virtude o título de filho de Deus, uma vez que ele é sua origem e princípio. Eis a passagem de Paulo: "Com efeito, não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de

filhos adotivos, pelo qual clamamos: Abba! Pai!" (Rm 8,14-15). Mas, diz o judeu de Celso, *outros aos milhares refutarão a Jesus afirmando que a eles mesmos se aplica o que foi profetizado a respeito dele*. Realmente, não sei se Celso conheceu pessoas que, depois de terem vindo a esta vida, quiseram rivalizar com Jesus e se proclamar a si mesmos filhos de Deus ou poder de Deus. Mas, como eu examino com lealdade as objeções como elas se apresentam, direi: certo Teudas nasceu na Judeia antes do nascimento de Jesus, e se declarou "um grande personagem"; por ocasião de sua morte, aqueles que ele iludira se dispersaram. Depois dele, "nos dias do recenseamento", pela época, ao que parece, em que Jesus nasceu, certo Judas Galileu atraiu a si numerosos adeptos no meio do povo judeu, ao se apresentar como sábio e inovador. Depois de ele também ter sido castigado, seu ensinamento se extinguiu, encontrando alguma sobrevivência apenas em pequeno número de pessoas insignificantes. E depois do tempo de Jesus, Dosifeu da Samaria quis convencer os samaritanos que ele era o Cristo em pessoa predito por Moisés, e pareceu, por seu ensinamento, ter conquistado alguns adeptos. Mas a advertência de Gamaliel, relatada nos Atos dos Apóstolos, pode ser razoavelmente citada para mostrar que estes homens nada tinham a ver com a promessa, por não serem nem filhos nem poderes de Deus, ao passo que Cristo Jesus era verdadeiramente o Filho de Deus. E Gamaliel disse então: "Se seu intento ou sua obra provém dos homens, destruir-se-á por si mesma", como se desfizeram as daqueles quando morreram, "se vem de Deus, porém, não podereis destruí-los. E não aconteça que vos encontreis movendo guerra a Deus" (At 5,38-39). Além disso, Simão, o mago da Samaria, quis pela magia atrair certos homens, e conseguiu seduzir alguns, mas hoje de todos os sequazes de Simão não encontraremos nem trinta, creio eu, e talvez eu esteja exagerando o número. São muito poucos na Palestina, e em nenhum ponto da terra seu nome tem esta glória que ele quis espalhar em volta de sua pessoa. Pois onde ele é citado, assim o é segundo os Atos dos Apóstolos; são cristãos os que o mencionam, e a evidência provou que Simão não era absolutamente divino.

Os magos e a estrela

58. Depois disso, o judeu de Celso, em vez de falar dos magos do evangelho, fala dos caldeus, e afirma: *Alguns caldeus, segundo Jesus, foram levados ao local de seu nascimento para o adorarem como Deus, embora ainda fosse criancinha. Revelaram ao tetrarca Herodes sua intenção; mas ele mandou matar as crianças nascidas no mesmo tempo, pensando assim eliminá-lo com elas, temendo que, se ele sobrevivesse muito tempo, não obteria a realeza*. Aí está, portanto, a confusão de um homem que não distingue magos de caldeus, não percebe a diferença das doutrinas que eles professam, e consequentemente falsifica o texto evangélico! E não sei por que não menciona o que moveu os magos, e não disse que era "uma estrela" vista por eles "no Oriente", conforme as Escrituras. Vejamos então o que devemos responder. A estrela que eles viram no Oriente era nova, creio eu, e não era parecida com nenhuma das estrelas comuns, nem com as do firmamento, nem com as dos orbes inferiores, mas era do

gênero daquelas que aparecem ocasionalmente: meteoros com aparência de cabeleira, pequena trave, barba, tonel; ou algum outro termo de comparação com que os gregos gostam de caracterizar suas formas diversas. Estabeleço este ponto da maneira seguinte.

59. Observou-se, por ocasião dos grandes acontecimentos e das mudanças mais consideráveis que ocorrem na terra, que surgem tais astros indicando mudanças de reinado, de guerras e de tudo o que pode ocorrer entre os seres humanos e provocar abalos no mundo terrestre. Li no tratado *Sobre os cometas*, de Cairemon, o Estoico, como acontece às vezes de cometas surgirem com a aproximação de acontecimentos felizes, e cita diversos exemplos. Portanto, se por ocasião de novos reinados ou de outros acontecimentos importantes na terra surge um "cometa" ou algum dos astros semelhantes, que há de espantoso que um astro tenha surgido no nascimento daquele que haveria de abrir novos caminhos para a raça humana e introduzir sua doutrina, não só entre os judeus, mas ainda entre muitos gregos e entre os povos bárbaros? Quanto a mim, posso dizer: com relação aos cometas, nenhuma profecia é referida que sob tal reinado, em tal época, surgiria tal cometa; mas sobre o astro que surgiu no nascimento de Jesus, Balaão profetizou dizendo, como observou Moisés: "Um astro procedente de Jacó se torna chefe, um cetro se levanta, procedente de Israel" (Nm 24,17). E se ainda for necessário examinar o que a Escritura diz dos magos no nascimento de Jesus, e do aparecimento da estrela, aqui vão algumas observações que eu poderia apresentar, umas aos gregos e outras aos judeus.

60. Direi então aos gregos: os magos têm comércio com os demônios e os invocam segundo sua arte e seus planos. Eles têm tanto êxito enquanto não surge algo mais divino e mais poderoso do que os demônios e enquanto o encantamento que os evoca não é pronunciado. Mas quando aparece uma manifestação mais divina, os poderes dos demônios são destruídos, incapazes de resistir à luz da divindade. Portanto, é provável também que no nascimento de Jesus, quando "uma multidão do exército celeste", como descreve Lucas e disso estou convencido, louvou a Deus e disse: "Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama!" (Lc 2,13-14), por isso, os demônios perderam seu vigor e sua força; sua magia foi confundida e seu poder cessou; foram derrotados não só pela vinda dos anjos nos arredores daquela terra pelo nascimento de Jesus, mas também pela alma de Jesus e pela divindade nele presente. Assim sendo, os magos querendo realizar como antes seus habituais encantamentos e feitiçarias e não conseguindo nada, procuraram saber a causa cuja importância eles compreendiam. Ao notarem o sinal do céu, desejaram ver o que ele indicava. No meu entender, pois, de posse das profecias de Balaão relatadas por Moisés, também ele entendido nesta arte, eles encontraram aí a propósito da estrela estas palavras: "Eu o vejo — mas não agora, eu o contemplo — mas não de perto" (Nm 24,17). Eles conjeturaram que o homem previsto com a estrela tinha chegado à vida presente e, acolhendo-o como superior a todos os demônios e aos seres que habitualmente lhes apareciam e manifestavam seu poder, quiseram "adorá-lo". Foram então à Judeia porque estavam convencidos de que tinha nascido um rei, mas sem saberem a natureza de sua realeza e

porque conheciam a terra onde ele nasceria. Traziam "presentes" que ofereceram a alguém que ao mesmo tempo, por assim dizer, possui a condição de Deus e de homem mortal, e presentes simbólicos: o ouro de sua realeza, a mirra de sua mortalidade, o incenso de sua divindade; eles "ofereceram" estes presentes depois de se terem informado sobre o lugar de seu nascimento. Mas como ele era Deus, este Salvador do gênero humano elevado muito acima dos anjos que prestam socorro aos homens, um anjo recompensou a piedade dos magos em adorar a Jesus e os avisou que não fossem a Herodes, mas voltassem à sua terra por outro caminho.

61. Não é de admirar que Herodes tenha tramado uma conspiração contra o recém-nascido, ainda que o judeu de Celso se negue a acreditar: a maldade é cega e, pretendendo ser mais forte que o destino, gostaria de vencê-lo. Com este sentimento, Herodes acreditou no nascimento do rei dos judeus, mas tomou uma decisão em desacordo com esta crença, sem ter visto o dilema: ou de fato ele era rei e reinaria, ou ele não reinaria, e querer sua morte seria inútil. Desejou, pois, matá-lo, tendo por causa de sua maldade juízos discordantes, levado como era pelo diabo cego e mau que, desde a origem, conspirava contra o Salvador, e pressagiando que Aquele era e se tornaria grande personagem. Entretanto, embora Celso se recusasse a crer, um anjo que andava vigilante com os acontecimentos vindouros, avisou José dizendo-lhe que fugisse para o Egito com a criança e sua mãe; mas Herodes mandou matar todas as crianças de Belém e arredores, esperando assim eliminar o rei dos judeus que acabava de nascer. Não via o Poder sempre vigilante que protege os que merecem ser guardados com cuidado pela salvação da humanidade. Em primeiro lugar, superior a todos em honra e em excelência, encontrava-se Jesus: ele seria rei, não no sentido como Herodes o entendia, mas no sentido que convinha que Deus lhe conferisse a realeza, para benefício dos que estariam sob a sua lei: a ele que não concederia a seus súditos um benefício ordinário e por assim dizer indiferente, mas formá-los e submetê-los a leis que são realmente as de Deus. Também isto Jesus sabia: ele negava ser rei no sentido em que o entende a multidão, e ensinou a excelência de sua realeza pessoal nestas palavras: "Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui" (Jo 18,36). *Se Celso tivesse visto isto, não teria dito: Se fosse por temor de que, uma vez adulto, reinasses em seu lugar, por que, agora que és adulto, não reinas, tu que és o Filho de Deus, em vez de mendigar tão covardemente, curvando a espinha de medo, e consumindo-te por montes e vales?* Mas não existe nenhuma covardia quando alguém evita com prudência expor-se aos perigos, não por medo da morte, mas para socorrer utilmente os outros continuando a viver até que venha a hora oportuna para que Aquele que assumira uma natureza humana morra morte de homem, útil aos homens; é evidência para quem compreendeu que Jesus morreu pela salvação dos homens, como disse anteriormente da melhor maneira que pude.

Os apóstolos

62. Depois disso, ignorando até o número dos apóstolos, diz ele: *Depois de arregimentar*

dez ou onze homens desacreditados, publicanos e marinheiros muito miseráveis, Jesus fugiu com eles de um lado para outro, mendigando sua subsistência de maneira vergonhosa e sórdida. Pois bem! Vamos discutir este assunto da melhor maneira possível. Pela leitura dos evangelhos, fica evidente que Celso parece não ter lido sequer que Jesus escolheu doze apóstolos. De publicano só havia Mateus. Entre os que ele chama de marinheiros, designa talvez Tiago e João, porque deixaram sua barca e seu pai Zebedeu e seguiram a Jesus. Pois Pedro e André que manejavam a rede para garantirem sua subsistência não devem ser incluídos entre os marinheiros, mas, conforme a expressão da Escritura, entre os pescadores. Admitamos também como publicano Levi, que seguiu a Jesus; mas ele não fazia parte dos apóstolos, embora alguns manuscritos do Evangelho de Marcos o considerem. Dos demais ignoramos as profissões com que ganhavam a vida antes de serem discípulos de Jesus.

Respondo: um exame sensato e criterioso da conduta dos apóstolos de Jesus mostra que, pelo poder divino, eles ensinavam o cristianismo e conseguiam submeter os homens à palavra de Deus. Não possuíam nem eloquência natural nem ordenação de sua mensagem conforme os procedimentos dialéticos e retóricos dos gregos, que seduzem seus ouvintes. Mas me parece que se Jesus tinha escolhido homens sábios diante da opinião pública, capazes de entender e expressar ideias apreciadas pelas multidões, para deles fazer os ministros de seu ensinamento, daria com razão ensejo à suspeita de ter pregado conforme método semelhante aos dos filósofos chefes de escola, e o caráter divino de sua doutrina não teria aparecido em toda a sua evidência. Sua doutrina e pregação teriam consistido em discursos persuasivos da sabedoria com o estilo e a composição literária. Nossa fé, semelhante à que damos às doutrinas dos filósofos deste mundo, teria por fundamento "a sabedoria dos homens" e não "o poder de Deus". Mas ao ver pescadores e publicanos que não tinham sequer os primeiros rudimentos das letras — conforme a apresentação que deles faz o evangelho, e Celso acredita que sejam verazes sobre sua falta de cultura — tão ousados não só em tratar com os judeus a respeito da fé em Jesus Cristo, mas também em pregar ao resto do mundo e obter êxito, como não investigar a origem de seu poder de persuasão? Pois não era a que as multidões esperam. E quem não reconheceria que sua palavra: "Segui-me e eu farei de vós pescadores de homens" (Mt 4,19), Jesus a realizou por poder divino em seus apóstolos? Também Paulo, como eu disse acima, a propõe nestes termos: "Minha palavra e minha pregação nada tinham de persuasiva linguagem da sabedoria, mas eram uma demonstração de Espírito e poder, a fim de que a vossa fé não se baseie sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus" (1Cor 2,4-5). Pois de acordo com o que se diz nos profetas quando anunciam com seu conhecimento antecipado a pregação do evangelho, "o Senhor dará sua palavra aos mensageiros com grande poder, o rei dos exércitos do bem-amado" (Sl 67,12-13), para que seja realizada esta profecia: "para que sua palavra corra com rapidez" (Sl 147,4). E de fato vemos que "a voz" dos apóstolos de Jesus "aparece por toda a terra, e suas palavras até os confins do mundo" (Sl 18,5). É por isso que estão cobertos de poder os que ouvem a palavra de Deus anunciada com poder, e eles a manifestam por sua disposição de alma, sua conduta e sua luta até à

morte pela verdade. Mas existem pessoas com a alma vazia, ainda que façam profissão de fé em Deus por Jesus Cristo; por não estarem sob a influência do poder divino, eles aderem à palavra de Deus apenas aparentemente.

Embora já tenha lembrado acima uma palavra pronunciada pelo Salvador no evangelho, dela ainda farei uso proveitoso aqui oportunamente para lembrar a presciência plenamente divina manifestada por nosso Salvador sobre a pregação do evangelho e a força de sua palavra que, sem a ajuda de mestre, conquista os fiéis crentes persuadindo-os com poder divino. Eis portanto o que diz Jesus: "A colheita é grande, mas poucos os operários! Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para a sua colheita" (Mt 9,37-38).

63. Celso tratou os apóstolos de Jesus como homens desacreditados, chamando-os "publicanos e marinheiros muito miseráveis". Também neste particular direi: ele dá a impressão ora de acreditar nas Escrituras, conforme lhe pareça bem, para criticar o cristianismo, ora, de não acreditar mais nos evangelhos, para não ter de admitir a divindade manifestamente anunciada nos mesmos livros. Vendo a sinceridade dos escritores em sua maneira de contar o que é desvantajoso, seria preciso acreditar igualmente naquilo que é divino. Com razão está escrito, na epístola católica de Barnabé, em que Celso talvez tenha se inspirado para dizer que os apóstolos de Jesus eram homens desacreditados e muito miseráveis, que "Jesus escolheu seus próprios apóstolos, que eram homens culpados dos piores pecados." E no Evangelho de Lucas, Pedro diz a Jesus: "Afasta-te de mim, Senhor, porque sou pecador" (Lc 5,8). Paulo declara igualmente na carta a Timóteo, ele que se fizera apóstolo de Jesus tardiamente: "Fiel é esta palavra e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro" (1Tm 1,15). Mas, inexplicavelmente, Celso esqueceu ou não se preocupou em mencionar Paulo como fundador, depois de Jesus, das igrejas cristãs. Certamente ele via que era necessário, falando de Paulo, dar-se conta do fato de que, depois de ter perseguido a Igreja de Deus e cruelmente combatido os fiéis até querer mandar matar os discípulos de Jesus, ele se convertera em seguida muito profundamente para, "desde Jerusalém e arredores até a Ilíria, levar a termo o anúncio do evangelho de Cristo, fazendo questão de anunciar o evangelho onde o nome de Cristo ainda não era conhecido, para não construir sobre alicerces lançados por outros" (Rm 15,19-21). Que absurdo então haverá no fato de Jesus, no intuito de mostrar ao gênero humano que poder ele possui de curar as almas, ter escolhido homens desacreditados e muito miseráveis e de tê-los feito progredir até se tornarem o exemplo da virtude mais pura para aqueles aos quais eles levam o evangelho de Cristo?

64. Se devêssemos censurar aos que se converteram por sua vida pregressa, seria oportuno acusar igualmente Fédon, por melhor filósofo que tenha sido, pois Sócrates, como a história o atesta, o fez passar de um lugar de devassidão ao estudo da filosofia. E também a libertinagem de Polêmon, sucessor de Xenócrates, envergonharia a filosofia. Mas nos exemplos acima, em seu louvor devemos dizer que a razão se mostrou capaz, nos que manipularam a persuasão, de tirar de vícios tão graves os que inicialmente neles

foram mergulhados. E entre os gregos, somente Fédon — não sei se houve segundo — e unicamente Polêmon passaram de uma vida de devassidão desenfreada à prática da filosofia; no caso de Jesus, não só os Doze de então, mas continuamente e em número bem maior os que se tornaram um coro de sábios falam de sua vida anterior: "Porque também nós antigamente éramos insensatos, desobedientes, extraviados, escravos de toda sorte de paixões e de prazeres, vivendo em malícias e inveja, odiosos e odiando uns aos outros. Mas, quando a bondade e o amor de Deus, nosso Salvador, se manifestaram", nós nos tornamos o que somos, "pelo banho de regeneração e renovação do Espírito que ele ricamente derramou sobre nós" (Tt 3,3-6). Pois Deus "enviou seu Logos para curá-los e da cova preservar a sua vida" (Sl 106,20), como ensina o profeta dos Salmos. Poderia acrescentar a estas citações o seguinte: Crísipo, para reprimir as paixões das almas humanas, sem se preocupar com o grau de verdade de uma doutrina, tenta em sua Arte de curar as paixões cuidar, conforme as diferentes escolas, daqueles cuja alma estava mergulhada nestas paixões, e diz: Se o prazer é o fim, é nesta perspectiva que devemos cuidar das paixões; se existem três espécies de bens, também importa segundo esta doutrina libertar de suas paixões os que elas entravam. Mas os acusadores do cristianismo não veem o grande número de homens cujas paixões e devassidão são reprimidas ou cujas características selvagens são suavizadas em razão de nossa doutrina. Para estas pessoas que preconizam o bem comum, era dever confessar seu reconhecimento a este evangelho que por novo método tirou os homens de tantos vícios; e muito mais, era dever dar testemunho, se não da verdade, pelo menos de sua utilidade para o gênero humano.

65. Jesus, querendo ensinar a seus discípulos a não serem temerários, lhes dizia: "Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para a outra. E se vos perseguirem nesta, tornai a fugir para terceira" (Mt 10,23). E lhes dava o exemplo de vida bem ordenada, tendo cuidado de não enfrentar os perigos levianamente, fora de propósito e sem razão. Também isto Celso deturpa e calunia, e seu judeu diz a Jesus: *Com teus discípulos foges de um lado para outro*. Eu diria que a calúnia forjada por ele contra Jesus e seus discípulos lembra este tópico histórico de Aristóteles: ao ver que iam formar um tribunal para o acusar de impiedade, por causa de certas teses de sua filosofia que os atenienses condenavam como ímpias, saiu de Atenas e estabeleceu sua escola em Cálcis, depois de pedir desculpas a seus amigos com estas palavras: "Afastemo-nos de Atenas para não darmos aos atenienses ocasião de se ocuparem com segundo crime, semelhante ao crime cometido contra Sócrates, e evitar segunda impiedade contra a filosofia." Celso acrescenta: *Jesus ia de um lado para outro com seus discípulos, mendigando sua subsistência de maneira vergonhosa e sórdida*. Diga-nos ele de onde deduz ser vergonhoso e sórdido pedir esmolas! Pois nos evangelhos "algumas mulheres", curadas de suas enfermidades, entre as quais ainda estava "Susana", serviam os discípulos "com seus bens" (Lc 8, 2-3). Qual o filósofo ou o mestre, dedicado ao serviço de seus familiares, que não recebeu deles os recursos com que socorrer as suas necessidades? Se da parte destes era conveniente e virtuoso esta forma de agir, por que Celso acusa os discípulos de Jesus de mendicância vergonhosa e sórdida?

Verdadeiros e falsos feitos maravilhosos

66. Depois destas observações, o judeu de Celso diz a Jesus: *Por que então seria preciso, quando ainda eras criança, te transportar para o Egito para escapares do massacre? Não era conveniente que um Deus tivesse medo da morte! Mas um anjo veio do céu para te ordenar a ti e aos teus que todos fugissem para que ninguém os surpreendesse e matasse. Se tivesses ficado onde estavas, tu, seu próprio filho, seria impotente o grande Deus que já havia enviado dois anjos por causa de ti?* Celso pensa, conforme esse texto, que para nós nada existe de divino no corpo humano e na alma de Jesus, e até que seu corpo não tinha a natureza que imaginam os mitos de Homero. Escarnecendo então do sangue de Jesus derramado na cruz, ele diz que não era "aquele sangue que corre nas veias das divindades benditas". Mas nós cremos no próprio Jesus, quando se refere à divindade que está nele: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6) e quando diz palavras semelhantes, ou quando declara, por estar num corpo humano: "'Vós porém procurais matar-me, a mim que vos falei a verdade" (Jo 8,40), e nós afirmamos que ele foi uma espécie de ser composto. Cuidando de vir a esta vida como homem, era preciso que não se expusesse inoportunamente ao perigo de morte. Por isso devia ser conduzido por seus pais, dirigidos por um anjo de Deus. O mensageiro diz inicialmente: "José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do espírito Santo" (Mt 1,20); e em seguida: "Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito. Fica lá até que eu te avise, porque Herodes procurará o menino para o matar" (Mt 2,13). O que está escrito aí não me parece de forma alguma extraordinário. Foi em sonho que o anjo assim falou a José, como atestam as duas passagens da Escritura: mas, a revelação feita em sonho a certas pessoas acerca da conduta a ser observada chegou a muitos outros cuja alma recebe impressões de um anjo ou algum outro ser. Que haverá então de absurdo no fato de, tendo entrado na natureza humana, Jesus ser igualmente dirigido conforme a conduta humana para evitar os perigos, não que algum outro método tenha sido impossível, mas porque era preciso recorrer aos meios e às disposições humanas para garantir sua proteção. E de fato era melhor que o menino Jesus evitasse a conspiração de Herodes e partisse com seus pais para o Egito até a morte do autor da conspiração, e que a providência velando por Jesus não impedisse a liberdade de Herodes de querer matar o menino, ou mesmo não colocasse em volta de Jesus "o capacete do Hades" dos poetas ou coisa semelhante, ou então não ferisse como os de Sodoma os que vinham matá-lo. Pois um modo totalmente extraordinário e por demais espantoso de socorrê-lo ter-se-ia transformado em obstáculo a seu plano de ensinar como um homem que recebe de Deus o testemunho de que, no homem que os olhos viam, havia algo de divino; e aquele que chamamos Cristo era no sentido próprio o Filho de Deus, Deus Logos, poder de Deus e sabedoria de Deus. Mas não é hora de tratar do ser composto e dos elementos de que Jesus era formado feito homem, pois este assunto, por assim dizer, serve a um debate de família entre pessoas de fé.

67. Depois disso, o judeu de Celso declara, como um grego amigo do saber e instruído

na literatura grega: *Os antigos mitos que atribuem a Perseu, Anfíon, Éaco e Minos um nascimento divino — e nós não lhes damos qualquer crédito — mostram pelo menos com complacência suas obras grandiosas, admiráveis e realmente sobre-humanas, para não parecerem indignas de fé. Mas tu, que apresentaste de bom ou admirável em obras ou palavras? Nada podes mostrar-nos apesar de teres sido intimado no templo a apresentar um sinal claro de que és o Filho de Deus*. A isto devemos responder: que os gregos nos mostrem, de algum daqueles que acabam de ser enumerados, uma obra útil para a vida, brilhante, cuja influência se estendeu à posteridade e que seja capaz de dar alguma verossimilhança ao mito que lhes atribui nascimento divino! Na verdade, porém, eles nada mostrarão sobre os heróis cuja história escreveram que ao menos de longe se pareça com os feitos realizados por Jesus. A não ser que, por acaso, os gregos nos remetam a seus mitos e a outras histórias e queiram que, com relação aos mitos, sejamos irracionalmente crédulos, e com relação às histórias, apesar de uma evidência flagrante, que sejamos incrédulos. Nós, porém, afirmamos: toda a terra dos homens carrega a obra de Jesus; nela residem, graças a Jesus, as igrejas de Deus compostas de homens convertidos de inúmeros pecados. Além disso, o nome de Jesus expulsa dos homens os extravios do espírito, os demônios e, ainda hoje, as doenças; e faz nascer maravilhosamente suavidade, moderação de caráter, sentimento de humanidade, bondade, mansidão com os que não fingem aceitar, por vantagens ou necessidades da vida, mas aceitam verdadeiramente a doutrina sobre Deus, Cristo e o juízo vindouro.

68. A seguir, conjeturando sobre a realidade das grandes obras realizadas por Jesus que poderíamos apresentar, das quais mencionei apenas uma parte ínfima, Celso afeta conceder a verdade de *tudo o que está escrito sobre as curas, a ressurreição, de alguns pães que alimentaram a multidão e dos quais restaram muitos pedaços, e de tudo o que os discípulos, à força de tantas maravilhas, pensa ele, contaram mais. Pois bem!* Acrescenta ele, *vamos crer que realizaste tais obras!* E logo as compara *às obras dos feiticeiros que prometem realizar coisas bem espantosas, e aos feitos dos discípulos dos egípcios: eles vendem no meio das praças públicas por alguns óbolos seus segredos veneráveis, expulsam os demônios dos homens, curam com um sopro as doenças, evocam as almas dos heróis, exibem lautas refeições, mesas de finos manjares e alimentos de toda espécie na verdade inexistentes, fazem mover-se como vivo o que realmente não é, mas assim parece-lhes na imaginação. Deveríamos então, continua ele, acreditar que estes trapaceiros são filhos de Deus, ou então reconhecer práticas de homens perversos e possessos de gênios maus?*

Por tais palavras vemos, pois, como ele parece admitir a existência da magia. Não sei se ele também é o autor de diversas obras contra a magia. Mas, julgando útil ao seu objetivo, ele compara os atos que relatamos de Jesus aos efeitos da magia. Estes atos lhes seriam bem semelhantes se Jesus, desde logo, os tivesse feito alardeado numa vã exibição, à maneira dos mágicos. De fato, porém, nenhum feiticeiro por suas artes convoca os seus espectadores a uma reforma dos costumes, nem ensina o temor de Deus aos que o espetáculo deixa pasmados, nem procura persuadir as testemunhas a que vivam como homens que serão julgados por Deus. Os feiticeiros nada fazem de

semelhante, pois não têm o poder, nem o desejo, nem a vontade de tratar de corrigir os homens, cheios eles mesmos dos pecados mais vergonhosos e mais infames. Porém Jesus só realizava seus milagres para convidar os espectadores à reforma dos costumes: não seria natural que ele se apresentasse não só a seus verdadeiros discípulos, mas também ao resto da humanidade como o modelo da vida mais excelente? Aos seus discípulos para que se dedicassem ao ensino dos homens conforme a vontade de Deus; ao resto da humanidade para que, instruída por sua doutrina e por seus costumes no tocante à maneira de viver como deve, tudo faça ela para agradar ao Deus supremo. Mas, se a vida de Jesus tinha tal característica, como compará-la razoavelmente às pretensões dos feiticeiros, e não acreditar que, conforme a promessa de Deus, ele é Deus manifestado num corpo de homem para o bem de nossa raça?

O corpo de Jesus

69. Depois disso, Celso confunde o cristianismo com as declarações de certa seita, como se os cristãos as aprovassem, e dirige estas acusações a todos os que creem na palavra divina: *O corpo de um Deus não pode ser como o teu.* Responderei: quando veio a este mundo, Jesus assumiu um corpo da forma como vem da mulher, humano e sujeito à morte humana. Por esta razão entre outras mais, nós afirmamos que ele foi um grande lutador, em razão de seu corpo humano "provado em tudo" como todos os homens, não porém como os homens pecadores, mas absolutamente "sem pecado" (Hb 4,15). Pois vemos claramente esta verdade: "não cometeu pecado nem houve engano em sua boca" (Is 53,9), e a ele "que não conheceu pecado", Deus o entregou, vítima pura, por todos os que pecaram (cf. 2Cor 5,21). Celso a seguir afirma: *O corpo de um Deus não teria sido gerado como tu, Jesus, foste gerado*. Ele, porém, desconfiava de que se ele tivesse nascido como diz a Escritura, seu corpo poderia ser bem mais divino do que todos os outros e, em certo sentido, seria o corpo de um Deus. Infelizmente, ele não crê no que está escrito sobre sua concepção pelo Espírito Santo, mas crê que foi gerado por um certo Pantera, sedutor da Virgem; por isso diz ele: "O corpo de um Deus não teria sido gerado como o teu foi gerado". Mas a esse respeito já falei extensamente acima.

70. Ele diz que *o corpo de um Deus não se alimenta deste modo:* como se ele pudesse estabelecer pelos escritos evangélicos que Jesus se alimentava e com que espécie de alimentos! Mas, ainda que ele diga que Jesus comeu a Páscoa com seus discípulos e não se contentou apenas em dizer: "Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco" (Lc 22,15), mas que de fato a comeu; ainda que diga que, tendo sede no poço de Jacó, ele bebeu da água (cf. Jo 4,6-7), em que isto contradiz o que afirmamos do seu corpo? E parece claramente que ele comeu peixe depois de sua ressurreição (cf. Jo 21,13). Segundo o que afirmamos, efetivamente, ele assumiu um corpo, pois nasceu de mulher (cf. Gl 4,4).

Celso afirma: *O corpo de um Deus não usa uma voz como a tua, nem se serve de semelhante método de persuasão.* É outra objeção sem valor e absolutamente desprezível. Bastará responder-lhe: Apolo de Delfos e o de Dídimo, um deus segundo a

fé dos gregos, usa uma voz semelhante a da Pítia ou da profetisa de Mileto: para os gregos não é razão de rejeitar a divindade de Apolo de Delfos ou de Dídimo ou de qualquer outro deus semelhante estabelecido num lugar determinado. Mas como seria mais excelente se Deus usasse voz proferida com poder, fazendo nascer entre os ouvintes persuasão indizível!

71. Em seguida, este homem que, por sua impiedade e suas doutrinas miseráveis, é, se posso dizer, odiado por Deus, chega a injuriar a Jesus: *Tudo isto era de um homem odiado por Deus e de um miserável feiticeiro.* Na verdade, se examinarmos estritamente as palavras e os fatos, é impossível haver um homem "odiado por Deus", porque Deus "ama tudo o que criou, não se aborrece com nada do que fez; se a alguma coisa tivesse odiado, não a teria feito" (Sb 11,24). E se algumas passagens dos profetas têm expressões desse tipo, elas serão interpretadas segundo o princípio geral segundo o qual a Escritura se exprime, a respeito de Deus, como se ele tivesse paixões humanas. Mas por que replicar a um homem que, tendo prometido argumentos dignos de fé, acha que pode usar blasfêmias e injúrias contra Jesus, tratando-o de miserável e feiticeiro? Isto é obra de alguém que, em lugar de demonstrar com provas, é arrastado por uma paixão vulgar e não filosófica: ele deveria expor o assunto, submetê-lo a um exame leal e apresentar da melhor forma possível as objeções que lhe ocorriam à mente.

Mas, como o judeu de Celso se detém nestas palavras de sua interpelação a Jesus, também eu encerrarei aqui meu primeiro livro contra ele. E se Deus concede esta verdade que aniquila as palavras mentirosas, conforme a oração que pede: "Aniquila-os, Senhor, por tua verdade!" (Sl 53,7), abordarei a seguir o segundo discurso fictício, no qual o judeu que Celso faz falar dirige as objeções seguintes aos que acreditaram em Jesus.

LIVRO SEGUNDO

Os judeus e os cristãos

1. No primeiro livro de minha resposta ao tratado de Celso intitulado *Discurso verdadeiro,* parei no final do discurso fictício do judeu a Jesus, quando o livro já havia atingido a dimensão suficiente. Começo a escrever este para opor uma defesa aos ataques de Celso contra aos do povo judeu que creram em Jesus. Este é um ponto para o qual chamo a atenção desde já: por que então, tendo resolvido escrever um discurso fictício, Celso evoca um judeu que se dirige a fiéis crentes provenientes da não gentilidade, mas do judaísmo? Se fosse escrito contra nós, seu discurso teria parecido bem plausível. Mas este homem, que alardeia saber tudo, talvez não tenha visto o que convinha à matéria de seu discurso fictício.

Devemos, portanto, examinar o que ele diz contra os fiéis provenientes do judaísmo. Ele afirma que, "abandonando a lei de seus pais, por causa da sedução exercida por Jesus, foram ludibriados da forma mais ridícula e desertaram, mudando de nome e modo de vida." Não percebeu que aqueles dentre os judeus que creem em Jesus não abandonaram a lei de seus pais, pois vivem em conformidade com ela e devem seu nome à pobreza de interpretação da lei ancestral. "Ebion" é com efeito o nome com que é chamado o pobre entre os judeus, e "ebionitas" é como são chamados entre si os judeus que aceitaram Jesus como o Cristo. Além disso, Pedro parece que conservou por muito tempo os costumes judeus prescritos pela lei de Moisés, como se ainda não tivesse aprendido de Jesus a se elevar do sentido literal da lei a seu sentido espiritual. Sabemos isto dos Atos dos Apóstolos. Pois, "no dia seguinte" ao da aparição do anjo de Deus a Cornélio ordenando-lhe que enviasse alguém "a Jope" a chamar Simão cognominado Pedro, "Pedro subiu ao terraço da casa, por volta da sexta hora, para orar. Sentindo fome, quis comer. Enquanto lhe preparavam alimento, sobreveio-lhe um êxtase. Viu o céu aberto e um objeto que descia, semelhante a um grande lençol, baixado à terra pelas quatro pontas. Dentro havia todos os quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu. Uma voz lhe falou: 'Levanta-te, Pedro, imola e come!' Pedro, porém, replicou: 'De modo nenhum, Senhor, pois jamais comi coisa alguma profana e impura!' De novo, pela segunda vez, a voz lhe falou: 'Ao que Deus purificou, não chames tu profano' " (At 10,9-15). Vê pois aqui como Pedro ainda é representado conservando os costumes judeus sobre a pureza e a impureza. E o texto a seguir mostra que lhe era necessária uma visão para comunicar as doutrinas da fé a Cornélio, que não era israelita segundo a carne, e a seus companheiros: porque, permanecendo judeu, ele vivia conforme as tradições antepassadas e desprezava os que estavam fora do judaísmo. E na carta aos Gálatas, Paulo mostra que Pedro, por medo dos judeus, deixou de comer com os gentios, e quando Tiago o procurou "ele se subtraía e andava retraído" dos gentios, "com medo dos circuncisos"; e os demais judeus como também Barnabé fizeram a mesma coisa (Gl 2, 12).

Era muito lógico que os que eram enviados aos circuncisos não se afastassem dos

costumes judaicos, quando "os notáveis tidos como colunas estenderam a mão" a Paulo e a Barnabé (Gl 2,9) e partiram "para a Circuncisão", a fim de que os outros fossem pregar aos gentios. Mas, que digo eu, os que pregam aos circuncisos se retraíam dos gentios e se mantinham à distância? O próprio Paulo se fez "judeu a fim de ganhar os judeus"(1Cor 9,20). Esta é a razão por que, como ainda lemos nos Atos dos Apóstolos, ele chegou a apresentar uma oblação diante do altar, para persuadir os judeus que ele não era apóstata da lei. Se Celso tivesse sabido de tudo isso, não teria posto em cena um judeu que diz aos fiéis do judaísmo: *Que desgraça vos sucedeu, meus compatriotas, para abandonardes a lei de nossos pais e, seduzidos por aquele com quem eu discutia há pouco, serdes ludibriados da forma mais ridícula e nos haverdes desertado para mudar de nome e de modo de vida?*

2. Como estou falando de Pedro e dos que ensinaram o cristianismo aos circuncisos, não creio que seja fora de propósito citar uma declaração de Jesus, tirada do Evangelho de João, e explicá-la. Eis pois o que ele diz conforme a Escritura: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar. Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido" (Jo 16,12-13). A questão é saber qual era este "muito que vos dizer" de Jesus a seus discípulos , mas que eles ainda não podiam suportar. Respondo: como os apóstolos eram judeus, instruídos na lei de Moisés entendida literalmente, ele talvez tivesse de dizer qual era a lei verdadeira, de que "realidades celestes" o culto dos judeus era o cumprimento em "cópia e sombra" (Hb 8,5), quais eram os "bens futuros" cuja sombra (Hb 10,1) estava contida na lei sobre os alimentos, as bebidas, as festas, as luas novas e os sábados. Era este "o muito que vos dizer" de Jesus. Mas ele via a extrema dificuldade de arrancar da alma opiniões por assim dizer congênitas e desenvolvidas até à idade madura, depois de deixar nos que as haviam recebido persuadidos de que eram divinas e que era ação ímpia despojar-se delas. Via a dificuldade de provar, e persuadir seus ouvintes, que em comparação com a excelência do "conhecimento" de Cristo, quer dizer, da verdade, elas eram apenas "esterco" e "perda" (Fl 3,8). Ele então transfere esta tarefa para ocasião mais favorável, para depois de sua paixão e ressurreição. Realmente, não era hora de socorrer os que ainda não eram capazes de receber socorro; isto poderia destruir a impressão já existente de que Jesus era o Cristo, o Filho de Deus vivo. Considera tu se não existe um sentido respeitável quando se entende assim esta passagem: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar." Pela expressão "o muito que vos dizer" ele entendia o método de explicação e de esclarecimento da lei num sentido espiritual; e os discípulos não podiam de certo modo suportá-lo, porque eram nascidos e educados até então no meio dos judeus.

E como as práticas legais eram uma figura, penso eu, e a verdade era o que o Espírito Santo lhes ensinaria, foi dito: "Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena" (Jo 16,13); como se dissesse: à verdade integral das realidades das quais, não possuindo senão as figuras, vós acreditáveis adorar a Deus com a verdadeira adoração. De acordo com a promessa de Jesus, o Espírito de verdade veio sobre Pedro e lhe disse, a respeito dos quadrúpedes e répteis da terra e dos pássaros do céu: "Levanta-

te, Pedro, imola e come!" Ele voltou a si, embora ainda imbuído de superstição, pois mesmo ao ouvir a voz divina ele responde: "De modo algum, Senhor, pois jamais comi alguma coisa impura e profana." E lhe ensinou a doutrina sobre os alimentos verdadeiros e espirituais com estas palavras: "Ao que Deus purificou, não chames tu de profano". E depois desta visão, o Espírito de verdade, conduzindo Pedro "à verdade plena", lhe disse "o muito que vos dizer" que ele não podia "suportar" enquanto Jesus estava ainda presente segundo a carne. Mas a esse respeito teremos outra ocasião de explicar a maneira de interpretar a lei de Moisés.

3. Por ora, importa refutar a ignorância de Celso, em cujo escrito o judeu diz a seus compatriotas e aos israelitas que acreditaram em Jesus: "Que desgraça vos sucedeu para abandonardes a lei de nossos pais..." Mas em que sentido abandonaram a lei de seus pais os que censuram as pessoas que não querem ouvi-lo e dizem: "Dizei-me, vós que quereis estar debaixo da Lei, não ouvis vós a Lei? Pois está escrito que Abraão teve dois filhos..." até à frase "Isto foi dito em alegoria" (Gl 4,21-24) e o mais que segue. Em que sentido eles abandonaram a lei de seus pais os que em suas palavras não cessam de se referir a seus antepassados e dizem: "A Lei não diz também a mesma coisa? Com efeito, na Lei de Moisés está escrito: *Não amordaçarás o boi que tritura o grão*. Acaso Deus se preocupa com os bois? Não é, sem dúvida, por causa de nós que ele assim fala? Sim, por causa de nós é que isto foi escrito" (1Cor 9,8-10) etc. Além disso, que confusão faz o judeu de Celso ao falar de tudo isso, quando poderia ter dito de modo mais aceitável: alguns de vós abandonaram esses costumes, pretextando interpretações e alegorias; outros, como vós o proclamais, dando-lhes uma interpretação espiritual, conservam os costumes de vossos pais; outros, enfim, nada interpretam; e pretendeis ao mesmo tempo aceitar Jesus como objeto de profecia e cumprir a lei de Moisés conforme os costumes de vossos pais, como se ela contivesse em sua letra todo o sentido espiritual! Mas como Celso poderia ter elucidado este ponto: ele recorda, em seguida, seitas ateias e completamente estranhas a Jesus, e outras que abandonaram o Criador, mas não viu que há também israelitas que acreditam em Jesus sem terem abandonado a lei de seus pais! Pois ele não tinha a intenção de examinar lealmente a questão como um todo para admitir o que ele encontraria de válido; mas se ele escreveu tudo isto, foi como inimigo, empenhado em destruir à medida que ia se informando.

4. Seu judeu continua se dirigindo aos de seu povo que se tornaram fiéis crentes: *Foi ontem ou anteontem, quando punimos aquele que vos conduzia como um rebanho, que abandonastes a lei de vossos pais.* Mas ele nada sabe exatamente daquilo de que fala, como mostrei. Na sequência, ele me parece ter mais força quando diz: *Como podeis vós, iniciando-vos por nossos textos sagrados, e progredindo, desprezá-los, sem terdes outra origem a alegar para vossa doutrina a não ser nossa lei?* É verdade que a iniciação cristã principia pelos textos sagrados de Moisés e pelos escritos dos profetas. E depois da iniciação, em sua explicação e elucidação, começam a fazer progresso os iniciados, que procuram conhecer "a revelação de um mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos, agora, porém, manifestado pelos escritos proféticos e pela

manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 16, 25-26). Não é, como dizeis, "apenas progredindo que se despreza" o que está escrito na lei: pelo contrário, a lei é cercada de uma honra maior mostrando-se que profundeza de sábias e misteriosas doutrinas esses textos encerram, que os judeus não perscrutaram a fundo em sua leitura muito superficial e muito afeiçoada às fábulas.

Mas, que absurdo haverá então no fato de a lei estar na origem de nossa doutrina, isto é, do evangelho? Não é acaso o que o nosso próprio Salvador diz aos que se negam a crer nele: "Se crêsseis em Moisés, haveríeis de crer em mim, porque foi a meu respeito que ele escreveu. Mas se não credes em seus escritos, como crereis em minhas palavras?" (Jo 5,46-47). Mais ainda: um dos evangelistas, Marcos, afirma: "Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus. Conforme está escrito no profeta Isaías: *Eis que envio o meu mensageiro diante de ti, a fim de pre-parar o meu caminho*" (Mc 1,1-2); e ele mostra que o começo do Evangelho está ligado às Escrituras judaicas. Por que então estas palavras do judeu de Celso contra nós: *Se alguém vos predisse que o Filho de Deus viria de fato aos homens, era nosso profeta e profeta de nosso Deus?* E que responsabilidade constitui para o cristianismo a qualidade judaica de João que batizou a Jesus? Pois do fato de ele ser judeu não se conclui que todo crente, quer oriundo dos gentios, quer dos judeus, deva cumprir a lei judaica em sentido literal.

Cristo terá sido castigado justamente?

5. Depois disso, apesar de repetir Celso sobre Jesus pela segunda vez: *Ele sofreu entre os judeus o castigo de suas faltas,* não começarei a defendê-lo de novo, mas contento-me em saber de quem foi dito. Em seguida, seu judeu despreza como velharias, *o ensino sobre a ressurreição dos mortos e o juízo de Deus, a recompensa para os justos e o fogo para os injustos,* e pensa destruir o cristianismo declarando que nestas matérias *os cristãos nada ensinam de novo.* Devemos responder-lhe: nosso Jesus, ao ver que a conduta dos judeus não era digna dos ensinamentos proféticos, ensinou, por meio de uma parábola, que o "Reino de Deus lhes será tirado e confiado" aos que viriam da gentilidade (Mt 21,43). É por isso, de fato, que podemos considerar todas as doutrinas atuais dos judeus como fábulas e futilidades — pois não possuem a luz da inteligência das Escrituras — e as doutrinas dos cristãos como a verdade, aptas como são a educar e a exaltar a alma e o espírito do homem e a convencer de que eles têm uma "cidade" não neste mundo de certa forma como os judeus da terra, mas "no céu" (Fl 3,20). Isto é manifesto entre os que percebem a sublimidade dos pensamentos da lei e dos profetas e que são capazes de fazer os outros vê-la.

6. Ainda que *Jesus tenha observado todos os costumes em vigor entre os judeus, inclusive as práticas sacrificiais*, deveremos concluir daí que *não é preciso crer nele como Filho de Deus?* Jesus é Filho do Deus que deu a lei e os profetas; e nós que somos da Igreja de Jesus, não transgredimos esta lei, mas fugimos das fábulas dos judeus e aferimos sabedoria e instrução da contemplação mística da lei e dos profetas. Na verdade, os profetas não restringem o sentido de suas palavras à narrativa no seu teor

óbvio e à lei em seu texto literal; mas ora declaram, no momento de contar histórias: "Abrirei minha boca numa parábola, exporei enigmas do passado" (Sl 77,2), ora dizem suas preces a respeito da lei, como se ela não fosse clara mas exigisse a ajuda de Deus para ser compreendida: "Abre meus olhos para eu contemplar as maravilhas que vêm de tua lei" (Sl 118,18).

7. Mas que nos mostrem onde se encontra qualquer aparência de alguma palavra de Jesus dita *por arrogância*! Será arrogante aquele que diz: "Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas" (Mt 11,29)? Será arrogante aquele que, durante a ceia, "depõe o manto" em presença de seus discípulos, cinge-se com uma "toalha", "põe água numa bacia", lava "os pés dos discípulos", e censura aquele que se nega a apresentá-los: "Se eu não te lavar, não terás parte comigo" (Jo 13,1s)? Será arrogante aquele que afirma: "Eu, porém, estou no meio de vós, não como aquele que está à mesa, mas como aquele que serve" (Lc 22,27)? Que mostrem até mesmo que mentiras ele disse, que apresentem suas grandes e pequenas mentiras para ficar estabelecido que *Jesus disse grandes mentiras*! Há ainda outra maneira de refutar Celso: como uma mentira não é mais mentirosa do que outra, assim também não existe mentira maior; da mesma forma que uma verdade não é mais verdadeira do que outra verdade ou uma verdade maior. E que o judeu de Celso diga principalmente quais são *as impiedades* de Jesus! Será impiedade renunciar, em sua acepção literal, à circuncisão, aos sábados, às festas, às luas novas, aos alimentos puros ou impuros, e voltar o espírito para uma lei digna de Deus, verdadeira, espiritual, quando aquele que está como embaixador de Cristo soube "se fazer como judeu pelos judeus, a fim de ganhar os judeus", e "como sujeito à Lei fez-se como se estivesse sujeito à Lei, para ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei" (1Cor 9, 20)?

8. Diz ele ainda: *Muitos outros poderiam parecer assim como Jesus era diante daqueles que consentiam ser ludibriados*. Que o judeu de Celso mostre pois não muitos, nem mesmo alguns, mas um único homem tal como Jesus que, pelo poder que está nele, introduziu na humanidade uma doutrina e dogmas benéficos e converteu os homens do dilúvio de pecados! Continua ele: *Os que creem em Cristo cometem uma afronta aos judeus por não terem acreditado que Jesus era Deus.* A este respeito, respondi de antemão mais acima, mostrando ao mesmo tempo como nós pensamos que ele é Deus e em que dizemos que ele é homem. E prossegue: *Mas como, depois de ter ensinado a todos os homens a vinda daquele que viria da parte de Deus punir os injustos, teríamos nós, depois de sua vinda, tratado a ele indignamente?* Responder a este ataque tão tolo não me parece razoável. Ele equivale a dizer: nós que ensinamos a temperança, como faríamos algo de licencioso, ou nós que pretendemos ser justos, teríamos sido culpados de injustiça? Assim como estas inconsequências se encontram entre os homens, também seria humano que as pessoas que afirmam crer nos profetas que anunciam a vinda de Cristo tenham se negado a crer nele quando ele veio conforme as profecias.

Se eu fosse acrescentar outra razão, diria que até isso os profetas predisseram. Isaías

pelo menos diz claramente: "Podeis ouvir certamente, mas não haveis de entender; podeis ver certamente, mas não haveis de compreender. Pois o coração deste povo está embotado" (Is 6, 9-10) etc. Digam-nos então por que está predito aos judeus que, apesar do testemunho de seus ouvidos e de seus olhos, eles não compreenderiam as palavras nem viriam o espetáculo do modo como se deve. Evidente, vendo Jesus não enxergaram quem era ele, ouvindo-o não compreenderam por suas palavras a divindade que nele estava e que ele haveria de transferir aos gentios que tinham fé nele a solicitude de Deus até então reservada aos judeus. Por isso podemos ver, depois da vinda de Jesus, os judeus inteiramente abandonados, nada possuindo daquilo que outrora lhes parecia sagrado, sequer um sinal da presença da divindade entre eles. Pois eles não têm mais profetas nem prodígios; mas encontramos traços destes de certa importância entre os cristãos, e até "ainda maiores"; e se sou digno de crédito, eu mesmo vi. O judeu de Celso diz: *Por que teríamos nós tratado indignamente aquele que publicamente predissemos? Com o objetivo de sermos punidos mais do que os outros?* Também a isto podemos responder: mais do que os outros, os judeus, por sua falta de fé em Jesus e por muitos outros ultrajes que lhe fizeram, não só sofrerão o julgamento no qual acreditamos, mas também já o sofreram. Com razão, que povo foi banido de sua própria capital e do lugar reservado ao culto tradicional senão os judeus unicamente? Eis o que sofreram em sua profunda indignidade, não tanto por algum de seus outros pecados numerosos, mas por aquilo que eles ousaram contra nosso Jesus.

9. Continua o judeu: *Como poderíamos nós considerar como Deus aquele que, entre outras coisas que lhe censurávamos, nada cumpriu do que prometia; e uma vez reconhecido por nós como culpado, condenado, julgado digno do suplício, foi preso e entregue pelos que ele chamava seus discípulos, ao se esconder e buscar a fuga mais vergonhosa? Todavia, se fosse Deus, não lhe seria possível fugir, nem se deixar levar algemado; e ainda muito menos, se fosse considerado o Salvador, o Filho e o Enviado do Deus altíssimo, ser abandonado e traído por seus companheiros que tinham partilhado em tudo de sua intimidade e o consideravam mestre.* A isso responderei: nós tampouco pensamos que o corpo de Jesus, visível então e perceptível aos sentidos, é Deus. Que digo eu: o corpo? Nem mesmo a alma, da qual se diz: "Minha alma está triste até a morte" (Mt 26,38). Mas, segundo a doutrina dos judeus, acredita-se que é Deus que, usando a alma e o corpo do profeta como um instrumento, diz: "Eis que sou o Senhor, o Deus de toda carne" (Jr 32,27), e: "Antes de mim nenhum Deus foi formado e depois de mim não haverá nenhum" (Is 43,10). Segundo os gregos, acredita-se que é um deus que fala e é ouvido por intermédio da Pítia, o qual declara: "Sei o número de grãos de areia e as dimensões do mar, compreendo o ininteligível, ouço a voz daquele que não fala." Do mesmo modo segundo nós, é o Logos Deus e Filho do Deus do universo que, em Jesus, dizia: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida", "Eu sou a porta", "Eu sou o pão vivo que desceu do céu" e outras expressões semelhantes (Jo 14,6; 10,7; 6,51). Nós censuramos os judeus por não tê-lo considerado Deus, quando os profetas muitas vezes atestaram que ele é um grande poder e um deus abaixo do Deus e Pai de tudo. A ele, dizemos nós, na história da criação narrada por Moisés, o Pai deu a ordem: "Haja luz",

“Haja um firmamento” e todo o resto que veio à existência por ordem de Deus. A ele foi dito: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança”(Gn 1,3; 6; 26). E tendo recebido a ordem, o Logos fez tudo o que Pai tinha ordenado. Dizemos isto, baseados não em conjeturas, mas na fé nas profecias recebidas entre os judeus, em que se afirma nos termos do próprio Deus e das coisas criadas: “Ele diz e a coisa acontece, ele ordena e ela se afirma” (Sl 32,9; 148,5). Portanto, se Deus deu a ordem e as criaturas foram feitas, quem poderia ser, na perspectiva do espírito profético, aquele que foi capaz de realizar o mandamento sublime do Pai, senão aquele que é, por assim dizer, o Logos vivo e a Verdade? Por outro lado, os evangelhos sabem que aquele que diz em Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” não está circunscrito a ponto de não existir de nenhuma maneira fora da alma e do corpo de Jesus. Isto fica evidente em numerosas passagens das quais citaremos algumas poucas a seguir. João Batista, ao profetizar que o Filho de Deus apareceria em breve, sem se encontrar apenas neste corpo e nesta alma, mas estando presente em toda parte, diz a seu respeito: “No meio de vós, está alguém que não conheceis, aquele que vem depois de mim” (Jo 1,26-27). Mas se ele tivesse pensado que o Filho de Deus está apenas onde se encontrava o corpo visível de Jesus, como teria ele dito: “No meio de vós, está alguém que não conheceis”? Além disso, alça a inteligência de seus discípulos às mais altas concepções do Filho de Deus, quando diz: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18,20). E tal é a significação de sua promessa a seus discípulos: “E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,20).

Quando dizemos isto, não separamos o Filho de Deus de Jesus, porque é um só ser que, depois da encarnação formaram com o Logos de Deus a alma e o corpo de Jesus. Portanto, se de acordo com as palavras de Paulo: “Aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito” (1Cor 6,17), quem compreendeu o que é estar unido ao Senhor e a ele se uniu é um só espírito com o Senhor, quanto mais divino e mais sublime o composto de que falávamos forma um único ser com o Logos de Deus! Ele realmente se manifestou entre os judeus como “o Poder de Deus” (1Cor 1,18; 24), e isto pelos milagres que ele realizou, apesar daqueles que desconfiam como Celso que ele usa feitiçaria, e como os judeus de então, instruídos em não sei que fonte a respeito de Beelzebu, para expulsar os demônios “por Beelzebu, príncipe dos demônios” (Mt 12,24). Nosso salvador os convenceu então do extremo absurdo de suas afirmações tendo em vista que o reino do mal ainda não havia terminado. É o fato evidente a todos os leitores sensatos do texto evangélico; não cabe aqui explicá-lo agora.

10. O que então “prometeu” Jesus e não cumpriu? Que Celso formule esta asserção e a prove! Mas certamente não será capaz, pela razão maior que ele julga obter seus argumentos contra Jesus e contra nós de histórias mal compreendidas, até de leituras evangélicas e de narrativas judaicas. Além disso, como o judeu repete: “Nós o reconhecemos culpado, o condenamos e julgamos digno do suplício”, mostrem-nos como aqueles que procuravam constituir falsas testemunhas contra ele o julgaram culpado! A não ser que a grande acusação contra Jesus não tenha sido este depoimento dos acusadores: “Este homem declarou: Posso destruir o Templo de Deus e edificá-lo

depois de três dias" (Mt 26,61). "Ele, porém, falava do templo do seu corpo" (Jo 2,20). Mas eles, por não saberem interpretá-lo no sentido de seu autor, acreditavam que as palavras se referiam ao templo de pedra, mais honrado entre os judeus do que Aquele que deveria ser honrado como o verdadeiro templo do Deus Logos, da Sabedoria, da Verdade. E digam como Jesus "se escondeu e fugiu da maneira mais vergonhosa"! Mostrem que ele teve uma conduta digna de censura!

O judeu de Celso afirma ainda que "ele foi preso". Eu poderia replicar: se "ser preso" implica que era contra a sua vontade, Jesus não foi preso. Por própria iniciativa, no momento desejado, não evitou cair nas mãos dos homens, como "Cordeiro de Deus", para "tirar o pecado do mundo" (Jo 1, 29). "Sabendo Jesus tudo o que lhe aconteceria, adiantou-se e lhes disse: 'A quem procurais?' Responderam: 'Jesus, o Nazareu'. Disse-lhes: 'Sou eu'. Judas, que o estava traindo, estava também com eles. Quando Jesus lhes disse: 'Sou eu', recuaram e caíram por terra. Perguntou-lhes, então, novamente: 'A quem procurais?' Disseram: 'Jesus, o Nazareu'. Jesus respondeu: 'Eu vos disse que sou eu. Se, então, é a mim que procurais, deixai que estes se retirem'" (Jo 18,4-8). Além disso, àquele que, desejando socorrê-lo, feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha, disse ele: "Guarda a tua espada no seu lugar, pois todos os que pegam a espada pela espada perecerão. Ou pensas tu que eu não poderia apelar para o meu Pai, para que ele pusesse à minha disposição, agora mesmo, mais de doze legiões de anjos? E como se cumpririam então as Escrituras, segundo as quais isso deve acontecer?" (Mt 26,52-54). Acaso pode-se supor que tudo isso é ficção dos evangelistas? Por que a ficção não estaria antes nas palavras inspiradas pela hostilidade e pelo ódio contra Cristo e os cristãos, e a verdade, no testemunho dos que provaram a sinceridade de seu amor a Jesus, que suportou por suas palavras toda sorte de sofrimentos? Teriam os discípulos de Jesus recebido tal paciência e constância para resistirem até à morte, se estivessem propensos a invenções mentirosas a respeito de seu mestre?... O fato de terem sido convencidos da verdade do que escreveram se evidencia plenamente para todo bom espírito dos sofrimentos cruéis e múltiplos que eles suportaram por aquele que eles acreditavam ser o Filho de Deus.

11. Em seguida, o judeu de Celso constata nos Evangelhos que Jesus foi entregue pelos que ele chamava seus discípulos, embora designe como vários discípulos apenas a Judas, a fim de dar a impressão de reforçar a acusação. Mas não examinou seriamente o que está escrito de Judas: Judas era importunado por julgamentos opostos e contraditórios, não empenhou todas as suas forças para ser hostil a Jesus, nem toda a sua alma para guardar o respeito de um discípulo a seu mestre. Porque o traidor havia dado à tropa que chegara para prender Jesus este sinal: "É aquele que eu beijar; prendei-o" (Mt 26,48). Ele conservava um resto de respeito a seu mestre, do contrário o teria entregue abertamente, sem beijo hipócrita. Não será bastante para convencer a todos que, em sua determinação, Judas, com a avareza e a decisão perversa de entregar seu mestre, tinha em sua alma alguma coisa de misturado, suscitada nele pelas palavras de Jesus, e que parecia, por assim dizer, com um resto de bondade? Pois está escrito: "Então Judas, que o entregara, vendo que Jesus fora condenado, sentiu remorsos e veio devolver aos chefes

dos sacerdotes e aos ancião as trinta moedas de prata, dizendo: 'Pequei, entregando um sangue inocente'. Mas estes responderam: 'Que temos nós com isso? O problema é teu'. Ele, atirando as moedas no Templo, retirou-se e foi enforcar-se" (Mt 27,3-5). Mas se Judas, que era avarento e roubava o que era depositado na bolsa para socorrer os pobres, "sentiu remorsos e veio devolver as trinta moedas aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos", é evidente que os ensinamentos de Jesus tinham conseguido suscitar nele algum remorso, e que o traidor não os tinha desprezado nem rejeitado totalmente. Muito mais, as palavras: "Pequei entregando sangue inocente" eram a confissão pública do pecado cometido. Vê, pois, a veemência e o excesso do pesar que o remorso de seus pecados lhe causou: não podia mais suportar viver, mas, depois de ter atirado as moedas no santuário, ele se retirou e foi se enforcar. Fazendo justiça a si mesmo, mostrou o poder que tinha o ensinamento de Jesus mesmo num pecador como Judas, ladrão e traidor, incapaz de desprezar totalmente o que tinha aprendido de Jesus. Os partidários de Celso dirão porventura que estas provas manifestas de que a apostasia de Judas não foi total, apesar do crime que teve a coragem de cometer contra seu mestre, são apenas ficções, mas o único fato constatado é a traição de um dos discípulos, e acaso acrescentarão à história que ele o traiu com toda a sua alma? O que não tem força persuasiva, com base nos mesmos textos, é fazer tudo isso com espírito de ódio, dar crédito ou recusá-lo.

E a propósito de Judas, para citar ainda um argumento que o confunda, direi que, no livro dos Salmos, todo o centésimo oitavo é apenas uma profecia a seu respeito. Ele inicia com estas palavras: "Deus a quem louvo, não te cales! Pois boca maldosa e boca enganadora abriram-se contra mim". E aí está profetizado que Judas se excluiu do número dos apóstolos por causa de seu pecado, e que outro foi eleito em seu lugar; é o sentido da passagem: "outro receba o seu encargo" (Sl 108,1-2; At 1,15-26). Mas admitamos que ele tenha sido entregue por um dos discípulos pior que Judas, sobre o qual todas as palavras de Jesus caíram no vazio: em que isto poderia reforçar uma acusação contra Jesus ou o cristianismo? Como seria isto uma prova da falsidade do evangelho? Com relação às acusações que seguem, já respondi acima mostrando que não foi em fuga que Jesus foi preso, mas ele se entregou voluntariamente por nós; donde se conclui que, se ele foi preso, tal sucedeu com seu pleno consentimento, ensinando-nos a acolher de todo coração estes tipos de provações suportadas pela religião.

12. E eis ainda o que me parece pueril: *Um bom general que tem sob suas ordens milhares de soldados nunca é entregue, nem mesmo um miserável chefe de bandidos à frente dos mais depravados, enquanto parecer útil a seus associados. Mas Jesus, tendo sido entregue por seus subordinados, não comandou como bom general, e depois de ter ludibriado seus discípulos, não inspirou a seus iludidos a benevolência, se assim podemos dizer, que se tem por um chefe de bandidos.* Podemos encontrar não poucas histórias de generais entregues pelas pessoas de suas relações e chefes de bandidos presos em consequência de uma infidelidade a seus compromissos com estes. Admitamos que nenhum dos generais ou dos chefes de bandidos tenha sido entregue: em que é que isto reforça a afronta feita a Jesus pelo fato de um de seus discípulos o haver entregue? Como Celso se declara filósofo, posso lhe perguntar: será um motivo plausível

acusar Platão se Aristóteles, depois de ouvi-lo durante vinte anos, dele se afastou, rejeitou a doutrina da imortalidade da alma e tachou de "gorjeios" as ideias platônicas? Se sobrasse alguma dúvida, eu acrescentaria: será que Platão não tinha mais vigor dialético nem poder para estabelecer seu sistema, quando Aristóteles se afastou dele, e as doutrinas de Platão acaso são falsas por causa disso? Ou será que Platão tinha razão, segundo os filósofos que o seguem, e Aristóteles se tornou mau e ingrato com relação a seu mestre? Crisipo igualmente, em muitas passagens de seus livros, parece declarar-se contra Cleanto, e propõe inovações contrárias às teses deste, que foi seu mestre quando ele era jovem e se iniciava na filosofia. Todavia, Aristóteles, pelo que dizem, frequentou Platão durante vinte anos, e Crisipo esteve na escola de Cleanto um tempo considerável. Mas Judas sequer passou três anos ao lado de Jesus. Das biografias de filósofos poderíamos tirar muitos fatos semelhantes aos que Celso critica em Jesus a respeito de Judas. Os pitagóricos chegavam a construir cenotáfios para aqueles que, depois de se terem orientado para a filosofia, retornavam à vida comum; esta deserção não enfraquecia a doutrina nem as provas de Pitágoras e de seus discípulos.

A predição de sua morte será uma invenção de seus discípulos?

13. Depois disso, o judeu de Celso declara: *Eu teria muito a dizer sobre os acontecimentos da vida de Jesus; coisas verdadeiras e que diferem daquilo que escreveram os discípulos de Jesus; mas as deixo propositalmente de lado.* Quais são, pergunto eu, estas coisas verdadeiras diferentes daquelas que foram escritas nos evangelhos, deixadas de lado pelo judeu Celso? Ou quem sabe, usando certa habilidade de retórica, finge ter alguma coisa a dizer, quando na verdade nada tem a referir fora do evangelho e que poderia impressionar o ouvinte por sua verdade, ou constituir uma arremetida evidente contra Jesus e seu ensinamento.

Ele acusa *os discípulos de terem inventado que ele sabia antecipadamente e predisse tudo o que lhe aconteceu.* No entanto, isso é a pura verdade, embora Celso recuse admiti-la; eu a mostrarei com muitas outras palavras proféticas do Salvador, nas quais ele predisse o que aconteceu aos cristãos inclusive nas gerações posteriores. Quem não admitiria esta predição: "E, por causa de mim, sereis conduzidos à presença de governadores e de reis, para dar testemunho perante eles e perante as nações" (Mt 10,18), e todas as outras predições que ele fez sobre as perseguições futuras de seus discípulos? Terá havido outra doutrina no mundo pela qual seus adeptos tenham sido castigados, para que um dos detratores de Jesus dissesse: prevendo as contradições que suscitariam as impiedades e as mentiras de suas doutrinas, ele decidiu transformá-las num título de glória pela predição que delas fazia desde a origem? Pois, se fosse necessário pelas suas doutrinas arrastar homens diante do tribunal dos governadores e dos reis, que outros deveriam ser arrastados senão os epicureus por sua negação radical da Providência, e os peripatéticos por sua afirmação da inutilidade total das orações e dos sacrifícios que as pessoas julgam oferecer à divindade?

Mas, alguém poderia objetar: os samaritanos também são perseguidos por sua religião.

Respondo: os sicários são condenados à morte pela circuncisão considerada como uma mutilação contrária às leis estabelecidas e permitida somente aos judeus. Ao sicário que luta por sua religião para levar uma vida de acordo com aquilo em que acredita, jamais se ouviu um juiz dizer que poderia escolher entre a libertação, em caso de mudança, e a pena de morte, em caso de perseverança: mas basta que se descubra sua circuncisão para condenar o circunciso. Conforme as palavras de seu Salvador: "E, por causa de mim, sereis conduzidos à presença de governadores e de reis", os juízes deixam somente aos cristãos até ao último suspiro a plena liberdade de renegar o cristianismo, de oferecer sacrifícios conforme os costumes e depois deste juramento de permanecer entre eles vivendo sem perigo.

Considera se não há uma grande autoridade em suas palavras: "Todo aquele, portanto, que se declarar por mim diante dos homens, também eu me declararei por ele diante de meu Pai que está nos Céus. Aquele, porém, que me renegar diante dos homens..." (Mt 10,32) etc. Volta comigo em pensamento até Jesus pronunciando estas palavras, e nota que aquilo que ele predizia ainda não aconteceu. Por falta de fé nele, talvez digas: são apenas ninharias e palavras ao vento, pois a coisa predita não acontecerá. Ou talvez a dúvida sobre o assentimento a dar às suas palavras te faça dizer: se estas predições são realizadas, se o ensinamento das palavras de Jesus tem crédito porque os governantes e reis se preocupam em destruir aqueles que reconhecem a Jesus, então haveremos de crer que ele disse isto porque tinha recebido de Deus uma grande autoridade para difundir esta doutrina no gênero humano, e estava persuadido de seu triunfo. E quem não ficaria admirado remontando em pensamento Àquele que ensinava então e dizia: "E este evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testemunho para todas as nações" (Mt 24,14), e considerando, como ele dissera, que o Evangelho de Jesus foi pregado "a toda criatura que vive debaixo do céu" (Cl 1,23), "a gregos e a bárbaros, a sábios e a ignorantes" (Rm 1,14)? Pois sua palavra pregada com poder dominou toda a humanidade e não é possível ver uma raça de homens que tenha podido se subtrair ao ensinamento de Jesus.

Que o judeu de Celso, que não acredita que Jesus te-nha previsto o que ia acontecer, considere de que maneira Jesus predisse os sofrimentos que os romanos o fariam padecer, quando Jerusalém ainda estava de pé e era o centro do culto de toda a Judeia. Certamente ninguém dirá que as pessoas das relações do próprio Jesus e seus ouvintes tenham transmitido sem escrever o ensinamento dos Evangelhos e que tenham deixado seus discípulos sem recordações escritas sobre Jesus. Mas está escrito: "Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei que está próxima a sua devastação" (Lc 21,20). Não havia então nenhum exército em volta de Jerusalém para rodeá-la, bloqueá-la e cercá-la. O cerco só começou sob o reinado de Nero e durou até o governo de Vespasiano, cujo filho, Tito, destruiu Jerusalém; e segundo registra Josefo, foi por causa de Tiago o Justo, irmão de Jesus chamado o Cristo, mas, conforme a verdade manifesta, foi por causa de Jesus o Cristo de Deus.

14. Aliás, Celso, mesmo aceitando ou concedendo que Jesus conheceu antecipadamente o que lhe aconteceria, poderia simular desprezo por estas predições, como fizera com os

milagres, e atribuí-los à feitiçaria; poderia até dizer que muitos conheceram o que lhes aconteceria, por oráculos obtidos dos vaticínios, dos presságios, dos sacrifícios e dos horóscopos. Mas não quis fazer esta concessão, julgando-a muito importante, e, embora aceitasse de certo modo a realidade dos milagres, parece tê-la desacreditado sob alegação de feitiçaria. No entanto, Flégon, no livro décimo terceiro ou décimo quarto de suas *Crônicas*, creio eu, reconheceu em Cristo a presciência de certos acontecimentos futuros, embora tenha confundido o caso de Jesus e o caso de Pedro, e atesta que as predições de Jesus se realizaram. Também prova que, apesar de tudo, por esta concessão sobre a presciência de Jesus, a palavra, nos Pais de nossas crenças, não estava despojada de poder divino.

15. Celso afirma: *Os discípulos de Jesus, não podendo dissimular nada de um fato notório, tiveram a audácia de dizer que ele soube tudo antecipadamente.* Não notou, ou não quis notar a sinceridade dos escritores: confessaram de fato que Jesus ainda tinha predito aos discípulos: "Essa noite todos vós vos escandalizareis por minha causa" (Mt 26,31), que efetivamente eles se escandalizaram; e que ele também profetizou a Pedro: "Antes que o galo cante, me negarás três vezes" (Mt 26,34), e que Pedro o renegou três vezes. Se eles não tivessem sido também sinceros, mas como acredita Celso, se eles tivessem escrito ficções, não teriam mencionado a negação de Pedro e o escândalo dos discípulos. Então, ainda que tais fatos tenham ocorrido, quem teria razão de queixa contra o evangelho por causa desses acontecimentos? Normalmente não deviam ser mencionados por autores que queriam ensinar aos leitores dos evangelhos a desprezar a morte para professar o cristianismo. Mas não: vendo que o evangelho venceria os homens por seu poder, inseriram até fatos deste gênero que, não sei como, não perturbarão os leitores nem servirão de pretexto à negação.

16. Ele acrescenta esta observação insensata: *Os discípulos escreveram isto de Jesus para enfraquecer as acusações que pesavam contra ele. É como se, querendo dizer que um homem é justo, se mostrasse que ele cometeu injustiças; querendo dizer que é santo, se mostrasse que ele mata; querendo dizer que ele é imortal, se mostrasse que ele morreu, acrescentando-se a isso que ele tinha predito tudo.* Seu exemplo, evidentemente está fora de questão: nada há de absurdo em que Aquele que entre os homens seria o ideal da maneira como se deve viver, tenha pretendido dar o exemplo da maneira como se deve morrer pela religião; sem levarmos em conta o bem que o universo todo obteve com sua morte pelos homens, como mostrei no livro anterior. Em seguida, ele acredita que a declaração sem rodeios da paixão, em vez de desfazer a acusação, a reforça: ele ignorava a seu respeito todas as reflexões filosóficas de Paulo e as predições dos profetas. E escapou-lhe o fato de que um dos hereges disse que Jesus suportou estes sofrimentos aparentemente, não na realidade. Se tivesse sabido disso, não teria dito: *Pois vós nem mesmo alegais que ele, diante destes ímpios, parecia perfeitamente suportar estes sofrimentos, mas na realidade não os suportava: vós afirmais ingenuamente que ele sofria.* Nós, porém, não substituímos pela aparência a realidade de seu sofrimento, para que tampouco a sua ressurreição não seja uma mentira,

mas uma realidade. Pois aquele que realmente está morto, se ressuscita, ressuscita realmente, mas aquele que morre só aparentemente não ressuscita realmente.

Como a história da ressurreição para os descrentes é um objeto de zombaria, citarei Platão: Er, filho de Armênio, conta ele, depois de doze dias, se levantou de sua fogueira e contou suas aventuras no Hades. E dirigida aos descrentes, a história da mulher privada de respiração em Heráclides também tem aqui certa utilidade. Contam ainda que muitos saíram de seus túmulos, não só no mesmo dia, mas também no dia seguinte. Será algo espantoso que o autor de tantos prodígios com traços sobre-humanos e tão evidentes que os que não podem negar-lhes a realidade os depreciam comparando-os a atos de feitiçaria, tenha tido até em sua morte algo de extraordinário, a ponto de sua alma ter saído livremente de seu corpo, e depois de realizar certos ministérios fora dele, a ele tenha voltado quando ela quis? Mas está escrito em João que Jesus pronunciou estas palavras: "Ninguém me tira a vida, mas eu a dou livremente. Tenho o poder de entregá-la e poder de retomá-la" (Jo 10,18). E talvez a razão de sua pressa em sair de seu corpo fosse conservá-lo intacto e evitar que suas pernas não fossem quebradas como as dos bandidos crucificados com ele: "Vieram, então, os soldados e quebraram as pernas do primeiro e depois do outro, que fora crucificado com ele. Chegando a Jesus e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas" (Jo 19,32-33).

Respondi assim à objeção: *Como então se pode crer que ele tenha predito sua morte?* Quanto à objeção: *Como um morto é imortal?*, fique sabendo quem quiser que não é o morto que é imortal, mas o ressuscitado dos mortos. O morto, portanto, não só não era imortal, mas o próprio Jesus, que era um ser composto, antes de sua morte não era imortal. Nenhum homem destinado a morrer é imortal; ele é imortal quando não deve mais morrer. "Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele" (Rm 6,9), a despeito do que pensem os que são incapazes de compreender o sentido destas palavras.

17. E aí vai outra rara insanidade: *Que deus, que demônio, que homem sensato, prevendo que tais desgraças lhe aconteceriam, não as teria evitado, se tivesse os meios para isso, em vez de atirar-se às cegas nos perigos previstos?* Sócrates, em todo caso, sabia que se bebesse a cicuta, morreria, e tinha o meio, se tivesse obedecido a Críton, de fugir da prisão e nada sofrer de tudo isso. Mas decidiu, seguindo o que lhe parecia razoável, que era melhor morrer como filósofo do que levar uma vida indigna de sua filosofia. Além disso, Leônidas, estratego de Lacedemônia, sabendo que ia morrer em breve com os que o acompanhavam às Termópilas, não se preocupou em viver na vergonha, mas disse às pessoas à sua volta: "Vamos almoçar como homens que vão jantar nos Infernos". Os que gostam de colecionar histórias como estas encontrarão muitas outras da espécie. Que há de espantoso, pois, no fato de Jesus, conhecendo embora as desgraças que lhe sucederiam, não as ter evitado, mas se ter exposto aos perigos previstos? E quando Paulo, seu discípulo, soube das desgraças que lhe sucederiam em sua subida a Jerusalém, pôs-se na frente dos perigos e censurou os que choravam por causa dele e queriam impedir que subisse a Jerusalém (cf. At 21,12-24). E quantos de nossos contemporâneos, sabendo que a confissão de seu cristianismo lhes

causaria a morte, e a apostasia, sua libertação e recuperação de seus bens, desprezaram a vida e voluntariamente escolheram a morte por sua religião!

18. Em seguida, vem outra tolice do judeu de Celso: *Tendo ele predito quem o trairia e quem o renegaria, como não o temeram como Deus, renunciando um a trair, e o outro a renegar?* O douto Celso não reparou na contradição de suas palavras. Se Jesus teve a presciência divina e esta presciência não podia ser falsa, era impossível que o homem conhecido como futuro traidor não traísse, e o homem declarado futuro renegado, não renegasse. Mas, se ao contrário, se tivesse sido possível que um não o traísse e o outro não o renegasse, de modo que não houvesse nem traição nem negação naqueles que tinham sido advertidos previamente, Jesus não teria mais razão em dizer: este trairá, aquele renegará. Efetivamente, se ele soube antes quem o trairia, viu a malícia de onde surgiria a traição e que não era de modo algum destruída por sua presciência. Da mesma forma, se ele compreendeu quem o renegaria, foi vendo a fraqueza donde surgiria a negação que ele predisse que ele renegaria, e esta fraqueza tampouco seria destruída de repente por sua presciência. Mas de onde tira ele esta conclusão: *Eles, porém, o traíram e renegaram sem se preocuparem com ele?* Pois já mostramos, a propósito do traidor, que é falso afirmar que ele tenha traído seu mestre sem se preocupar de modo algum com ele; e não é menos fácil mostrar igualmente a mesma coisa do renegado que, depois de sua negação, "saindo dali, chorou amargamente" (Mt 26,75).

19. E eis outra consideração superficial: *Um homem que já pressupõe uma conspiração contra si, suponho eu, se prevenir os conspiradores, estes se desviarão de seu projeto e ficarão na defensiva.* Pois muitos conspiraram contra pessoas que pressentiam a conspiração. A seguir, a modo de conclusão de seu argumento, diz ele: *Portanto, não é porque estes acontecimentos foram preditos que eles aconteceram, isto é impossível. Ao contrário, como eles aconteceram, é falso que ele os tenha predito: pois é impossível que pessoas prevenidas tenham persistido em trair e em renegar.* Mas, derrubando as considerações anteriores, por este mesmo fato fica derrubada a conclusão: portanto, não é porque estes acontecimentos foram preditos que eles ocorreram. Ao contrário, eles ocorreram, como era possível, e como ocorreram, fica demonstrado como verdadeiro que ele os predisse; pois a verdade sobre o futuro é julgada pelos acontecimentos. Portanto, é falsa a alega-ção de Celso de que fica demonstrado como falso que ele os tenha predito; e sem efeito, sua observação de que é absolutamente impossível que pessoas prevenidas tenham persistido em trair e em renegar.

20. Vejamos em seguida como ele continua: *Se ele predisse esses acontecimentos como Deus, seria absolutamente necessário que a predição se cumprisse. Um Deus conduziu seus discípulos e intérpretes, com os quais comeu e bebeu, a tal desprezo pelas leis divinas e humanas, quando deveria acima de tudo fazer o bem a todos os homens, mas principalmente a seus convivas. Acaso já se viu algum comensal conspirar contra quem o hospeda? E o conviva de um Deus conspiraria acaso contra ele? E, o que é mais absurdo, o próprio Deus conspirou contra seus comensais, fazendo deles traidores e ímpios!* E como queres que eu refute até mesmos os argumentos sem valor

de Celso, eis minha resposta também a esta acusação. Celso acredita que aquilo que é predito por alguma presciência acontece porque foi predito. Mas nós, longe de lhe conceder esta asserção, dizemos: não foi aquele que predisse que é a causa do acontecimento futuro, porque predisse que aconteceria; mas o acontecimento futuro, que aconteceria mesmo sem ser predito, dá ao vidente a razão de predizê-lo. Além disso, é o conjunto todo que está presente na presciência do profeta: pode ser que tal coisa aconteça, pode ser que ela não aconteça, mas uma das duas acontecerá, e é esta. E negamos que aquele que tem a presciência tire a possibilidade de ser e não ser, como se dissesse algo deste teor: isto se dará com absoluta certeza, e é impossível ocorrer coisa diversa. E esta observação se aplica a toda presciência daquilo que depende de nossa liberdade, segundo as Escrituras ou os relatos da história grega. Do contrário, o que os dialéticos chamam "argumento preguiçoso", que é um sofisma, não seria um sofisma se dermos crédito a Celso, mas, conforme a sã razão, é mesmo um sofisma.

Para a compreensão deste ponto, citarei da Escritura as profecias que se referem a Judas e à presciência que nosso Salvador tinha de sua traição, e da história grega, a resposta do oráculo a Laio, admitindo sua autenticidade por um instante, uma vez que ela não atinge o raciocínio. Mas, acerca de Judas, o Salvador é representado no Salmo 108, dizendo: "Deus a quem louvo, não te cales! Pois boca maldosa e boca enganadora abriram-se contra mim" (Sl 108,1-2). Mas se considerarmos o sentido exato do salmo, descobriremos que Judas, conhecido previamente como aquele que trairia o Salvador, é também conhecido como responsável pela traição e digno, por causa de sua maldade, das maldições contidas na profecia. Que tais maldições caiam sobre ele, diz o salmo, porque "não se lembrou de exercer a misericórdia, perseguiu o pobre e o indigente" (Sl 108,16). Portanto, ele poderia ter-se lembrado de "exercer a misericórdia" e não perseguir aquele que ele perseguiu; mas, ainda que tenha podido, em vez de fazê-lo, ele traiu, de modo que merece as maldições que a profecia contém contra ele. E com relação aos gregos, citarei o oráculo a Laio, feito da maneira seguinte, que o poeta trágico cita literalmente ou de maneira equivalente; eis então o que lhe diz o homem que predisse o futuro: "Evita semear, contra a vontade dos deuses, no sulco gerador! Se procriares um filho, esta criança te matará e tua casa inteira desabará no sangue." Também aí se vê com clareza que era possível a Laio não semear no "sulco gerador": pois o oráculo não lhe teria ordenado nada de impossível. Mas era possível igualmente semear. E nem um nem outro se impunha necessariamente. E como não evitou semear no "sulco gerador", a consequência foi que por ter semeado, sofreu as trágicas desgraças de Édipo, Jocasta e seus filhos.

O "argumento preguiçoso" é um sofisma, como aquele que aplicamos, por hipótese, a um doente e que o dissuade, mediante um raciocínio falacioso, de recorrer ao médico em benefício de sua saúde. Este é o argumento: se teu destino é te curares, quer chames o médico ou não, tu te curarás. Mas se teu destino é não te curares, quer chames o médico ou não, não te curarás. Ora, teu destino é te curares ou não te curares. Portanto, é inútil chamares o médico. Mas a este argumento se opõe por brincadeira outro do mesmo tipo. Se é teu destino procriares, quer te aproximes de uma mulher ou não, tu procriarás. Mas

se teu destino é não procriares, quer te aproximes ou não de uma mulher, não procriarás. Ora, teu destino é procriares ou não procriares. Portanto, é inútil te aproximares de uma mulher. Com efeito, neste exemplo, como não existe nem meio nem possibilidade de procriar sem a pessoa se aproximar de uma mulher, não é inútil alguém se aproximar de uma mulher. Assim também, se a medicina é o meio de curar, é necessário recorrer ao médico, e é falso dizer: "É inútil chamares o médico". Desenvolvi estes argumentos por causa da fórmula do douto Celso: se ele predisse estes acontecimentos como Deus, seria absolutamente necessário que a predição se cumprisse. Se por "absolutamente" ele entende "necessariamente", não se pode concordar com ele, pois é igualmente possível que o acontecimento não suceda. Mas se ele emprega "absolutamente" no sentido de "se realizará", e nada impede que isto seja verdade, mesmo que seja possível que isto não ocorra, isto em nada atinge o raciocínio. De fato, da exata predição feita por Jesus sobre a conduta do traidor ou a do renegado não decorre que ele tenha sido a causa da conduta ímpia e pérfida de ambos. Ele tinha visto a disposição perversa deles, ele que, segundo nós, "conhecia o interior do homem" (Jo 2,25), e vendo os excessos aos quais o levariam sua avareza e falta de sólida lealdade que deveria ter por seu mestre, entre outras coisas, disse: "O que comigo põe a mão no prato, esse me entregará" (Mt 26,23).

21. Observa como é superficial e evidentemente falsa esta expressão de Celso: o comensal de um homem não conspiraria contra ele; se não é verdade que não se conspiraria contra um homem, consequentemente o conviva de um Deus não se tornaria conspirador. Quem ignora que muitos homens, tendo partilhado o sal e a mesa, conspiraram contra seus comensais? A história dos gregos e dos bárbaros está cheia de exemplos semelhantes. Pelo menos é a censura que faz o poeta jâmbico de Paros a Licâmbio: de ter rompido a aliança "do sal e da mesa": "violaste um juramento solene, traíste o sal e a mesa". Os que levam a peito o estudo da história, que se consagram a ele de corpo e alma e abandonam estudos mais necessários à conduta da vida, poderão citar mais exemplos e mostrar quantos comensais conspiraram contra os que os hospedaram.

22. Em seguida, a modo de conclusão de um raciocínio fundado em provas e consequências válidas, ele acrescenta: *E coisa mais absurda ainda, o próprio Deus conspirou contra seus comensais, fazendo deles traidores e ímpios.* Mas como Jesus terá conspirado, ou feito de seus discípulos traidores e ímpios, ele não poderia dizer a não ser pelo que julgou ser uma consequência: qualquer pessoa poderia com toda facilidade refutá-la.

23. Após isto, diz ele: *Se ele tivesse tomado esta decisão, e se foi por obediência a seu Pai que foi punido, é evidente que, como ele era Deus e aceitava os fatos, os tratamentos espontaneamente desejados não podiam causar-lhe nem dores nem sofrimentos.* E ele nem mesmo viu a contradição em que se embaraça! Pois se ele concorda que Jesus foi punido porque havia tomado decisão nesse sentido, e que ele se entregou por obediência a seu Pai, é claro que Jesus foi punido e lhe era impossível evitar as dores que lhe infligissem os carrascos; pois a dor escapa ao controle da vontade. Se ao contrário, segundo seu desejo, os tratamentos não podiam causar-lhe nem dores

nem penas, como Celso concorda que ele foi punido? É porque não viu que Jesus, tendo uma vez assumido um corpo por seu nascimento, ele o assumiu exposto aos sofrimentos e às penas a que estão sujeitos os corpos, se por pena se entende o que escapa à vontade. Portanto, assim como ele quis e assumiu um corpo cuja natureza não é absolutamente diferente da carne dos homens, da mesma forma com este corpo ele assumiu as dores e as penas; e ele não era senhor da decisão de passar ou não por elas: isto dependia dos homens dispostos a lhe infligir estas dores e penas. Já expliquei acima que se ele não tivesse querido cair nas mãos dos homens, ele não teria vindo ao mundo. Mas veio a este mundo porque queria pela razão já explicada: o bem que todo o gênero humano colheria de sua morte pelos homens.

24. Em seguida, ele quer provar que aquilo que lhe acontecia lhe causava dores e penas, e, por mais que quisesse, era-lhe impossível impedir que assim fosse, e diz: *Por que então solta queixas e gemidos e, para escapar ao medo da morte, por que faz esta espécie de oração: "Meu Pai, que se afaste de mim este cálice"?* Também neste particular, repara a deslealdade de Celso. Ele recusa admitir a sinceridade dos evangelistas, que poderiam ter silenciado o que, no pensar de Celso, é motivo de acusação, mas não o fizeram por muitas razões que a exegese do evangelho poderá apresentar; e ele acusa o texto evangélico recorrendo a exageros enfáticos e citações forjadas. Nele não vemos Jesus soltando gemidos. Ele altera o texto original: "Meu Pai, se é possível, afaste de mim este cálice" (Mt 26,39). Além disso, ele não cita a manifestação imediata de sua piedade para com seu Pai e de sua grandeza de alma, que em seguida é notada nestes termos: "Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres." E parece mesmo não ter percebido a docilidade de Jesus à vontade de seu Pai nos sofrimentos aos quais ele estava condenado, manifestada nas palavras: "Se não é possível que isto passe sem que eu o beba, seja feita a tua vontade!" (Mt 26,42). Tem a mesma atitude dos ímpios que entendem as divinas Escrituras com perfídia e "proferem impiedades contra o céu" (Sl 72,8). Estas pessoas parecem ter entendido a expressão "Sou eu que mato", e nos criticam frequentemente por isso; não se lembram mais da expressão: sou eu que "faço viver" (Dt 32,39). Mas toda a passagem mostra que os que levam uma vida manifestamente má e têm uma conduta perversa são mortos por Deus, mas lhes é insuflada uma vida superior, a que Deus pode dar aos que morreram para o pecado (cf. Rm 6,2). Assim também eles entenderam "Sou eu que firo", porém não veem mais: sou eu que "torno a curar" (Dt 32,29): expressão semelhante à de um médico que fez incisões em corpos, causou-lhes ferimentos dolorosos para deles tirar o que é nocivo e dificulta a saúde, e não se limita aos sofrimentos e à incisão, mas por esse tratamento devolve aos corpos a saúde que ele tinha em vista. Além disso, não entenderam em sua totalidade as palavras: "Porque ele fere e pensa a ferida", mas somente "ele fere". É exatamente assim que o judeu de Celso cita: "Meu Pai, que se afaste de mim este cálice", mas não o que segue, que provou a preparação de Jesus para a sua paixão e sua firmeza. E esta é matéria que oferece grande campo de explicação pela sabedoria de Deus, que com razão se poderia transmitir aos que Paulo chama "perfeitos", quando diz: "No entanto, é realmente de sabedoria que falamos entre os

perfeitos" (1Cor 2,6); mas, transferindo a questão para uma ocasião favorável, lembro o que é útil à presente questão.

25. Já dizia eu então acima: há certas palavras pronunciadas por aquele que em Jesus é o primogênito de toda criatura, como "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6) e as da mesma natureza; e outras, do homem que o espírito nele discerne, como: "Vós, porém, procurais matar-me, a mim, que vos falei a verdade que ouvi de Deus" (Jo 8,40). Assim sendo, aqui mesmo, ele exprime em sua natureza humana tanto a fraqueza da carne humana quanto a prontidão do espírito: a fraqueza, "Meu Pai, se é possível, que se afaste de mim este cálice"; a prontidão do espírito, "contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres". Além disso, se é preciso estar atento à ordem das palavras, observa que em primeiro lugar se menciona aquela que, se poderia dizer, se refere à fraqueza da carne, e que é a única; e em seguida, as que se referem à prontidão do espírito, e que são múltiplas. Eis o exemplo único: "Meu Pai, se é possível, que se afaste de mim este cálice". Eis os exemplos múltiplos: "Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres", e "Meu Pai, se não é possível que isto passe sem que eu o beba, seja feita a tua vontade". É preciso notar igualmente que ele não disse: "Que este cálice afaste-se de mim", mas o que foi dito piedosamente e com reverência foi este conjunto: "Meu Pai, se é possível, que se afaste de mim este cálice". Sei perfeitamente que há uma interpretação da passagem no seguinte sentido: o Salvador, vendo as desgraças que o povo e Jerusalém sofreriam como castigo pelos atos que os judeus ousaram praticar contra ele, quis, unicamente por amor a eles, afastar do povo os males que o ameaçavam, e disse: "Meu Pai, se é possível, que se afaste de mim este cálice", como se dissesse: como não posso beber este cálice do castigo sem que todo o povo fique abandonado de ti, eu te peço, se é possível, que se afaste de mim este cálice, para que a maior parte de tua herança, por causa do que ela ousou cometer contra mim, não seja inteiramente abandonada por ti. Mas se o que aconteceu neste tempo, como afirma Celso, não causou a Jesus nem dor, nem pena, como os que vieram depois poderiam ter proposto Jesus como modelo de paciência em suportar as perseguições religiosas, se em vez de passar por sofrimentos humanos ele tivesse apenas parecido sofrer?

26. O judeu de Celso dirige-se ainda aos discípulos de Jesus como se tivessem inventado tudo isto: *Apesar de vossas mentiras, não pudestes dissimular vossas ficções de maneira plausível*. A isto se deve replicar: havia um meio fácil de dissimular os fatos deste gênero: não escrever absolutamente nada! Porque se estas ficções não estavam contidas nos evangelhos, quem poderia nos censurar pelas palavras que Jesus pronunciou no tempo da encarnação? Celso não compreendeu que era impossível que os próprios homens, de um lado tenham sido ludibriados a respeito de Jesus que eles acreditavam ser Deus e predito pelos profetas, e de outro lado tenham inventado a respeito dele ficções que evidentemente eles sabiam não serem verdadeiras! Portanto, ou eles não as inventaram, mas acreditavam serem tais e as escreveram sem mentir; ou então mentiam ao escrevê-las, não acreditando ser autênticas e não eram ludibriados pela ideia de que ele era Deus.

27. Depois disso, diz ele: *Alguns fiéis, como pessoas embriagadas que se agridem a si mesmas, manipularam o texto original do evangelho três ou quatro vezes, ou até mais, e o alteraram para poderem opor negações às críticas.* Mas daqueles que manipularam o evangelho só conheço os partidários de Marcião, de Valentim e, me parece, de Lucano. Reconhecer a verdade disso não constitui razão de queixa contra nossa doutrina, mas contra os que ousaram falsificar os evangelhos. E como não se pode censurar a filosofia por causa dos sofistas, dos epicureus, dos peripatéticos ou de quaisquer outros defensores de opiniões falsas, tampouco é razão de queixa contra o verdadeiro cristianismo a existência daqueles que manipulam os evangelhos e introduzem heresias estranhas ao sentido do ensinamento de Jesus.

As profecias aplicam-se a outras pessoas?

28. E como o judeu de Celso, depois disso, faz esta censura: *Os cristãos citam os profetas que predisseram a história de Jesus,* acrescentarei ao que já disse acima: se ele trata os homens com deferência como ele garante, deveria citar as próprias profecias e, depois de ter defendido suas probabilidades, propor o que lhe tenha parecido uma refutação dos textos proféticos. Teria assim evitado a impressão de resolver a seu favor um assunto desta importância em tão poucas palavras. Tanto mais porque afirma: *Existe uma infinidade de outras pessoas às quais as profecias podem se adaptar com muito mais probabilidade do que a Jesus.* Ele deveria exatamente se opor com cuidado a essa demonstração que conquistou os cristãos por sua força sem igual e explicar, em cada profecia, como ela pode se adaptar a outras pessoas com bem mais probabilidades do que a Jesus. Mas ele não compreendeu que se houvesse alguma objeção plausível contra os cristãos, ela talvez fosse plausível da parte de homens alheios aos escritos proféticos; mas Celso atribui à personagem de seu judeu o que um judeu jamais teria dito. Pois um judeu não admitirá que existe uma infinidade de pessoas a quem as profecias podem se adaptar com muito mais probabilidade do que a Jesus; mas, dando sobre cada uma a explicação que lhe parece boa, ele procurará se opor à interpretação dos cristãos; sem dúvida, não porque apresente argumentos convincentes, mas porque pretende tê-los apresentado.

29. Já disse acima: as profecias têm em vista duas vindas de Cristo ao gênero humano. Por isso não há mais necessidade que eu responda à objeção posta na boca do judeu: *É grande príncipe, senhor de toda a terra, de todas as nações e exércitos que deve vir, dizem os profetas.* E à maneira dos judeus, penso eu, dando rédea solta à sua cólera para atacar Jesus sem provas nem argumentos plausíveis, ele acrescenta: *Mas eles não anunciaram esta peste.* Entretanto, nem judeus, nem qualquer outra pessoa poderiam constituir prova que convencesse que uma peste pudesse converter tantos homens da depravação dos vícios à vida conforme a natureza na prática da temperança e de todas as outras virtudes.

30. Celso lança mais este ataque: *Ninguém prova uma divindade ou uma filiação divina*

com indícios tão frágeis misturados com histórias falsas e com testemunhos tão medíocres. Mas teve de citar estas histórias falsas e refutá-las, estabelecer racionalmente a mediocridade dos testemunhos: diante das declarações do cristão que pareciam plausíveis, ele poderia então procurar combatê-las e derrubar o argumento. A afirmação que ele faz de que Jesus era grande se concretizou de fato, mas ele não quis ver que ela havia se concretizado, como a evidência mostra no caso de Jesus. *Como o sol que ilumina todas as outras coisas primeiro mostra a si mesmo, assim deveria ter feito o Filho de Deus,* diz ele. Mas, pode-se dizer que ele realmente assim fez. Pois a passagem: "Em seus dias floresceu a justiça e muita paz" (Sl 71,7) começou a se realizar desde seu nascimento. Deus preparava as nações para receber seu ensinamento, submetendo todas ao único imperador de Roma, e impedindo que o isolamento das nações devido à pluralidade das realezas não tornasse mais difícil aos apóstolos a execução da ordem de Cristo: "Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos" (Mt 28,19). É manifesto que Jesus nasceu sob o reinado de Augusto que, por assim dizer, tinha reduzido a uma massa uniforme a maior parte dos homens da terra graças à soberania única. A existência de numerosos reinos seria um obstáculo à difusão do ensinamento de Jesus por toda a terra: não só pela razão já apresentada, mas também por causa da obrigação imposta aos homens de todos os lugares de tomar armas e ir à guerra para defender suas pátrias. Os fatos ocorreram antes do reinado de Augusto e ainda mais cedo, quando foi preciso, por exemplo, que se desencadeasse a guerra entre os habitantes do Peloponeso e os de Atenas, arrastando em sua cauda ainda outras nações. Como então este ensinamento pacífico, que nem mesmo permite que se tire vingança dos inimigos, poderia triunfar se a situação da terra, com a vinda de Jesus, não fosse mudada em toda parte em tempo de maior paz?

31. Ele acusa em seguida *os cristãos de usar sofismas quando dizem que o Filho de Deus é seu próprio Logos*; e acha bom reforçar sua acusação dizendo que *proclamando que o Logos é Filho de Deus, nós apresentamos, no lugar do Logos puro e santo, um homem ignominiosamente surrado com varas e conduzido ao suplício*. Também a respeito dessa questão já respondemos sumariamente às acusações de Celso, mostrando que, como primogênito de toda criatura, ele assumira um corpo e uma alma de homem; que Deus tinha pronunciado uma ordem sobre a multidão das coisas que estão no mundo; que elas tinham sido criadas; e que Aquele que tinha recebido esta ordem era o Deus Logos. Como é judeu que assim fala no escrito de Celso, vem muito a propósito esta citação: "Enviou seu Logos para curá-los, e da cova preservar a sua vida" (Sl 106, 20). Já fiz esta citação acima (cf. I, 64). Mas, em conversa com muitos judeus famosos por sua ciência, não ouvi nenhum deles aprovar a opinião de que o Logos é o Filho de Deus, como diz Celso atribuindo tal afirmação à personagem do judeu a quem faz dizer estas palavras: *Se de fato o Logos é para vós Filho de Deus, também nós aprovamos.*

32. Já disse que Jesus não pode ser nem arrogante nem charlatão (cf. II, 7). Por isso não creio ser necessário voltar a este ponto para evitar responder às repetições desnecessárias de Celso com minhas próprias repetições. Mas em suas críticas à genealogia, não faz

qualquer menção às pesquisas existentes mesmo entre os cristãos, nem às censuras que alguns tiram da discordância das genealogias. Celso, verdadeiramente arrogante, que se gaba de saber tudo do cristianismo, não sabe levantar uma dúvida prudente sobre a Escritura. Declara ele: *Que presunção ligar a genealogia de Jesus com a do primeiro homem e com as dos reis judeus!* E imagina acrescentar um dito espirituoso quando diz: *A mulher do carpinteiro, se fosse de raça tão ilustre, não teria ignorado isto.* O que tem isso a ver com a questão? Admitamos que ela não tenha ignorado este fato: que inconveniente resultaria daí? E, ao contrário, se ela o ignorou, como concluir do fato de ela o ignorar que não descendia do primeiro homem e que sua raça não remontava aos reis dos judeus? Será necessário, de acordo com o pensamento de Celso, que os pobres nasçam de antepassados pobres todos eles, ou que os reis nasçam dos reis? Perder tempo com este argumento me parece coisa vã, pois está claro que, mesmo em nosso tempo, pessoas mais pobres do que Maria nasceram de antepassados ricos e gloriosos, e, por outro lado, reis e chefes de nações nasceram de pessoas muito obscuras.

Sua conduta terá sido indigna de um Deus?

33. *Que nobre ação digna de um Deus terá praticado Jesus,* diz Celso. *Terá desprezado os homens, zombado de sua desgraça e brincado com ela?* Ainda que eu pudesse admitir a ação nobre e o milagre no tempo de sua desgraça, que resposta melhor se pode dar à sua pergunta do que citar o evangelho? "A terra tremeu, as rochas se fenderam, abriram-se os túmulos (Mt 27,51; Mc 15,38), o véu do Santuário se rasgou em duas partes, de cima a baixo, houve treva sobre a terra inteira, tendo desaparecido o sol" (Lc 23,44-45). Mas se Celso acredita nos evangelhos para nele encontrar uma ocasião de acusar Jesus e os cristãos, e não acredita neles quando eles provam a divindade de Jesus, poderemos dizer-lhe: muito bem, meu caro, ou recusa acreditar no todo e não penses em nos formular acusação, ou acredita no todo e admira que o Logos de Deus tenha se tornado homem na intenção de socorrer todo o gênero humano. E é um gesto nobre da parte de Jesus que até hoje tenham sido curados em seu nome aqueles a quem Deus quer curar. O eclipse ocorrido no tempo de Tibério César sob cujo reinado, ao que parece, Jesus foi crucificado, e os grandes terremotos que então sucederam, também Flégon os registrou no capítulo treze ou quatorze, creio eu, de suas *Crônicas*.

34. O judeu de Celso que julga ridicularizar a Jesus é apresentado como se conhecesse *as palavras de Baco citadas por Eurípides: O próprio deus me libertará quando eu quiser.* Os judeus, no entanto, não se ocupam com literatura grega. Mas, admitamos que tenha havido um judeu assim amigo das letras. Se o próprio Jesus não se libertou de seus grilhões, como não podia ter feito isso? Acredite ele ao contrário, segundo minhas Escrituras, que também Pedro, atado na prisão, saiu de lá quando um anjo desatou suas cadeias, e que Paulo, algemado com Silas em Filipos da Macedônia, foi solto por um poder divino no momento em que se abriram as portas da prisão. Mas Celso provavelmente se ri da história, ou então não leu realmente; do contrário teria cuidado de responder que alguns feiticeiros também por seus encantamentos quebram as cadeias e

fazem abrir as portas, a fim de comparar com atos de feitiçaria os acontecimentos que são narrados entre nós.

Mas aquele que o condenou, diz ele, nada sofreu com o destino de Penteu, levado de arrebatamentos furiosos e despedaçado. Não viu que não foi propriamente Pilatos que o condenou, mas a nação judaica, pois "ele sabia, com efeito, que eles o haviam entregue por inveja" (Mt 27,18). A nação judaica foi condenada por Deus, despedaçada e dispersada por toda a terra, tratamento mais terrível do que o despedaçamento de Penteu. E por que terá ele omitido intencionalmente a história da mulher de Pilatos? Ela tivera um sonho que a perturbou tanto que mandou dizer a seu marido: "Não te envolvas com este justo, porque muito sofri hoje em sonho por causa dele" (Mt 27,19).

Silenciando de novo os fatos que indicam a divindade de Jesus, Celso lhe faz censuras a partir daquilo que está escrito dele no evangelho. Ele menciona: *aqueles que zombaram dele, vestiram-lhe ridiculamente a capa escarlate, a coroa de espinhos e o caniço na mão.* De onde soubeste isto, Celso, senão dos evangelhos? Acaso verias aí motivos de censura? Os que os viram não tinham ideia de que tu e os de tua companhia haveríeis de rir destas cenas, mas que outros prenderiam Aquele que morreu generosamente pela religião como exemplo da maneira de desprezar os que riem e zombam dela. Admira antes a sinceridade destes autores e a sublimidade daquele que voluntariamente se sujeitou a estes sofrimentos pelos homens e os suportou com uma resignação e uma grandeza de alma totais! Pois não está escrito que em sua condenação ele tenha se queixado ou que tenha tido um pensamento ou alguma palavra sem nobreza.

35. À pergunta que ele fez: *Se antes não manifestou seu poder divino, por que pelo menos agora não manifesta algo de divino, por que não se lava desta vergonha, não se vinga dos que ultrajam a ele e a seu Pai?*, devemos responder que é a mesma coisa fazer aos gregos que admitem a Providência e aceitam a existência de sinais divinos, a pergunta: por que Deus afinal não castiga os que ultrajam a divindade e negam a Providência? Pois se os gregos têm uma resposta a esta objeção, nós também teremos uma semelhante e até superior. Mas houve de fato um sinal divino vindo do céu, o eclipse do sol e outros milagres: provas de que o crucificado tinha algo de divino e superior ao comum dos mortais.

36. Celso continua: *Que declara ele mesmo quando seu corpo é pregado na cruz? Seu sangue é aquele ícor que corre nas veias das divindades benditas?* Aí está ele novamente brincando! Nós, porém, graças aos evangelhos que são escritos sérios, embora Celso queira fazer deles outra coisa, afirmaremos o seguinte: o ícor da fábula de Homero não escorreu de seu copo, mas, quando ele já estava morto, "um dos soldados traspassou-lhe o lado com a lança e imediatamente saiu sangue e água. Aquele que viu dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro" (Jo 19,34-35). Nos outros cadáveres, porém, o sangue fica coagulado, e não pode escorrer água pura; mas no cadáver de Jesus, o milagre foi ter escorrido "sangue e água" do lado. Mas Celso, que tira acusações contra Jesus e os cristãos de textos evangélicos que ele nem mesmo sabe interpretar corretamente e cala o que estabelece a divindade de Jesus, acaso pretende ficar atento às

manifestações divinas? Leia então o Evangelho e veja nele entre outras passagens esta: "O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, ao verem o terremoto e tudo mais que estava acontecendo, ficaram muito amedrontados e disseram: 'De fato, este era filho de Deus!' " (Mt 27,54).

37. Em seguida, extraindo do evangelho as passagens que ele ousa impor-lhe, critica Jesus por *avidez em beber o fel e o vinagre, sem saber dominar uma sede que até qualquer pessoa comumente domina.* Este texto, examinado à parte, tem uma interpretação alegórica; mas aqui podemos dar uma resposta mais comum às objeções: até isto as profecias predisseram. De fato, no Salmo 68 lemos estas palavras atribuídas a Cristo: "Como alimento deram-me fel, e na minha sede fizeram-me beber vinagre" (Sl 68,22). Cabe aos judeus dizer a quem o profeta faz falar nestes termos e determinar, de acordo com a história, quem recebeu fel como alimento e vinagre como bebida. Ou se eles arriscam dizer que se trata de Cristo em cuja vinda futura acreditam, responderei: o que impede a profecia de já se ter realizado? O fato de isto ter sido dito tanto tempo antes, com as outras previsões dos profetas, se fizermos um exame criterioso de toda a questão, é capaz de levar ao reconhecimento de Jesus como o Cristo profetizado e o Filho de Deus.

38. Depois disso, o judeu ainda nos diz: *Vós então nos censurais, gente de extrema credulidade, por não o considerarmos como Deus e por não concordarmos convosco que ele suportou estes sofrimentos pelo bem da humanidade, para que também nós pudéssemos desprezar os suplícios?* Eis a nossa resposta: censuramos os judeus, alimentados pela lei e pelos profetas que anunciam previamente o Cristo, por não refutarem as provas que lhes apresentamos de que ele é verdadeiramente o Cristo, embora aleguem esta refutação para justificar sua incredulidade, e, apesar da ausência de refutação, por não acreditarem naquele que fora predito. Mas Jesus provou de maneira brilhante, nos que foram seus discípulos mesmo depois do tempo de sua encarnação, que ele tinha suportado estes sofrimentos pelo bem da humanidade. A finalidade de sua primeira vinda não foi julgar as ações dos homens antes de lhes ter transmitido o ensinamento e o exemplo do dever, nem de castigar os maus e salvar os bons, mas de difundir milagrosamente sua doutrina com um poder divino através de todo o gênero humano, como também tinham mostrado os profetas. Censuramos a eles ainda por terem recusado crer na manifestação do poder de que ele dispunha, e terem dito que era por Beelzebu, príncipe dos demônios, que ele expulsava os demônios das almas dos homens (cf. Mt 12,24; 9,34). Censuramos a eles por caluniarem até seu amor aos homens e, apesar de ele não ter desprezado qualquer cidade ou aldeia da Judeia, mas anunciou em toda parte o reino de Deus, por acusá-lo caluniosamente de ter sido vagabundo que levava vida errante e inquieta em corpo sem nobreza. Não foi sem nobreza que ele suportou tantas fadigas para a utilida-de dos que, em toda parte, eram capazes de compreender.

39. Mas como não é mentira evidente a afirmação do judeu de Celso: *Ao longo de toda a sua vida, sem jamais ter persuadido a ninguém, sequer seus discípulos, foi castigado*

e suportou estes sofrimentos! Pois donde procede o ódio excitado contra ele pelos sumos sacerdotes, pelos anciãos e escribas, senão do fato de que as multidões estavam persuadidas a segui-lo até aos desertos, conquistadas não só pela lógica de seus discursos, sempre adaptados aos seus ouvintes, mas também por seus milagres que causavam espanto naqueles que não acreditavam na lógica de seu discurso? Como não é mentira flagrante dizer que ele não convenceu nem mesmo seus discípulos. Eles sentiram então uma covardia muito humana, pois ainda não tinham coragem provada, sem desistirem, contudo, de sua convicção de que ele era o Cristo. Pois Pedro, logo depois de sua negação, teve consciência da gravidade de sua culpa, e "saindo dali, chorou amargamente" (Mt 26,75); os outros, embora atingidos pelo desânimo a seu respeito, pois ainda o admiravam, foram fortalecidos por sua aparição a crerem que ele era o Filho de Deus com fé ainda mais viva e mais sólida do que antes.

40. Por sentimento indigno de filósofo, Celso imagina que a superioridade de Jesus sobre os homens não consistia em sua doutrina da salvação e na pureza de seus costumes. Ele deveria ter agido de modo contrário ao caráter do papel que tinha assumido: tendo assumido uma natureza mortal, não deveria ter morrido; ou deveria morrer, mas não de morte que pudesse servir de exemplo aos homens: pois este gesto lhes ensinava a morrer pela religião e a fazer corajosamente profissão desta fé diante dos que estão no erro em matéria de piedade e de impiedade e consideram as pessoas piedosas como ímpias, e como muito piedosas as que, desencaminhadas em suas ideias sobre Deus, aplicam a tudo mais do que a Deus a justa noção que têm dele; e seu erro chega ao cúmulo quando massacram furiosamente os que, tendo a evidência do único Deus supremo, a ele se consagraram com toda a alma até à morte.

41. Celso põe na boca do judeu outra censura contra Jesus: *Ele não se mostrou puro de todo mal.* De que mal Jesus não se terá mostrado puro? Que o erudito de Celso o diga! Se ele entende que Jesus não se mostrou puro do mal no sentido estrito, que apresente claramente a prova de um ato mau praticado por ele! Se, pelo contrário, ele entende por mal a pobreza, a cruz, a conspiração de homens insensatos, é evidente que podemos dizer que também para Sócrates sucedeu o mal, ao não poder provar que era puro deste mal. Mas, como é numeroso entre os gregos o coro dos filósofos que foram pobres e de pobreza voluntariamente escolhida! A maioria dos gregos o conhece pelas suas histórias: Demócrito abandonou sua propriedade em pastagens para as ovelhas; Crates se libertou gratificando os tebanos com o dinheiro que a venda de tudo o que possuía lhe tinha proporcionado; e ainda Diógenes, por exagero de pobreza, vivia num tonel, e nenhuma pessoa que tivesse inteligência mesmo modesta concluiu que Diógenes vivia no mal.

42. Além disso, como Celso pretende que *Jesus não foi mesmo livre de censura*, cabe a ele mostrar qual dos que aderiram à sua doutrina relatou de Jesus qualquer coisa que fosse realmente repreensível. Ou então, se não o acusa de ser repreensível pelo que dizem tais pessoas, mostre de acordo com que fonte ele pôde dizer que não era irrepreensível. Jesus cumpriu suas promessas praticando o bem aos que se ligaram a ele. E vendo continuamente realizados os acontecimentos que ele predissera antes de

acontecerem: o evangelho pregado no mundo todo, seus discípulos que partiram pregando sua doutrina a todas as nações, e além disso, o processo que enfrentaram diante de governadores e reis sem outro motivo a não ser seu ensinamento (Mc 13,10; Mt 28,19; 10,18), admiramo-nos muito com o que ele é e fortalecemos todos os dias a fé que nele depositamos. Mas não sei com que provas mais fortes e mais evidentes Celso quereria que ele tivesse confirmado suas predições; a não ser talvez que, ignorando, pelo que parece, que o Logos se tornou o homem Jesus, fosse seu desejo que ele não experimentasse nada de humano e não se tornasse pelos homens exemplo nobre da maneira como suportar a adversidade. Mas esta talvez pareça a Celso algo lamentável e das mais repreensíveis, porque considera o sofrimento como o maior dos males e o prazer como o bem perfeito: o que não é aceito por nenhum dos filósofos que admitem a Providência, e que concordam que a coragem é virtude como também a resistência paciente e a grandeza de alma. Desta forma, pelos sofrimentos que ele suportou, Jesus não desacreditou a fé em sua pessoa, mas a fortificou sobretudo nos que querem admitir a coragem, e nos que aprenderam dele que a vida feliz no sentido próprio e verdadeiro não existe neste mundo, mas naquele que ele chama "mundo vindouro" (Mt 12,32), ao passo que a vida no "presente mundo" (Gl 1,4) é desgraça, a primeira e a maior luta a travar pela alma.

43. Depois disso, ele se dirige a nós: *Não havereis de pretender que, não tendo conseguido convencer os que vivem neste mundo, ele foi ao Hades para convencer os habitantes de lá?* Mas, queira ou não queira, nós afirmamos o seguinte: já quando estava em seu corpo, ele persuadiu não pequeno número, mas um número tão grande, que a causa da conspiração contra ele foi a multidão de pessoas persuadidas. E despojada sua alma do corpo, ele foi se entreter com as almas despojadas do corpo, e converteu a si as que queriam se converter ou que ele via mais bem preparadas, por motivos que ele conhecia.

44. Depois disso, não sei por que razão, ele acrescenta esta observação bastante simplória: *Se, forjando justificativas absurdas para aquilo com que ridiculamente vos iludiu, julgais oferecer uma justificativa válida, que impede pensar que todos os outros que foram condenados e desapareceram de maneira mais miserável ainda são mensageiros maiores e mais divinos do que ele?* Mas é de evidência clara e manifesta a todo homem que Jesus, nos sofrimentos relatados, nada tem de comparável com os que desapareceram de maneira mais miserável ainda, por causa de sua magia ou de qualquer outra acusação. Pois ninguém pode mostrar que uma prática de feitiçaria tenha convertido as almas da multidão dos pecados que reinam entre os homens e da devassidão dos vícios.

E o judeu de Celso, comparando Jesus aos bandidos, declara: *Poderíamos dizer com petulância igual à de bandido e de assassino submetido ao suplício: não era bandido, mas um Deus, pois predisse a seus cúmplices que ele sofreria o tipo de suplício que sofreu.* Mas podemos dizer: não é porque ele predisse o que sofreria que temos tais sentimentos a respeito de Jesus, como, por exemplo, quando professamos sincera e

corajosamente que veio de Deus a nós; em seguida, dizemos que esta comparação está predita nos próprios evangelhos, pois Jesus "foi contado entre os malfeitores" (Mc 15,28; Is 53,12) por malfeitores: pois preferiram que um bandido, preso "por sedição e homicídio", fosse posto em liberdade e Jesus crucificado, e o crucificaram entre dois bandidos. Além disso, imediatamente, na pessoa de seus discípulos verdadeiros e que dão testemunho da verdade, Jesus é crucificado com bandidos e sofre a mesma condenação que eles entre os homens. Dizemos: à medida que há uma analogia entre bandidos e os que, por sua piedade para com o Criador que eles querem manter intacta e pura como ensinou Jesus, aceitam todos os tipos de ultrajes e mortes, é claro que Celso tem certa razão em comparar Jesus, iniciador deste ensinamento sublime, aos chefes de bandidos. Mas, nem Jesus, que morre pela salvação de todos, nem os que suportam esses sofrimentos por causa de sua piedade, os únicos entre todos os homens a serem perseguidos pela maneira como julgam dever honrar a Deus, são condenados à morte sem injustiça; e Jesus não foi perseguido sem impiedade.

45. Observa igualmente a superficialidade do que ele diz dos que foram então discípulos de Jesus: *Então os companheiros de sua vida, que ouviam sua voz e tinham-no na conta de mestre, quando o viram torturado e moribundo, não quiseram nem morrer com ele nem morrer por ele, e, em vez de consentir em desprezar os suplícios, negaram ser seus discípulos.* E vós, agora, quereis morrer com ele. Neste ponto, Celso, para atacar nossa doutrina, dá crédito ao pecado cometido pelos discípulos ainda iniciantes e imperfeitos, de que falam os evangelhos. Mas não diz uma palavra sobre a correção deles depois da falta, sobre sua firmeza em pregar diante dos judeus, sobre os males sem conta suportados por eles, sobre a morte que por fim sofreram pelo ensinamento de Jesus. Isto porque não deu importância à predição de Jesus a Pedro: "quando fores velho, estenderás a mão..." etc.; ao que a Escritura acrescenta: "Disse isto para indicar com que espécie de morte Pedro daria glória a Deus" (Jo 21,18-19); nem levou em conta a morte pela espada no tempo de Herodes, pela doutrina de Cristo, de Tiago irmão de João, apóstolo e irmão de apóstolo; nem deu valor tampouco a todos os feitos de Pedro e dos outros apóstolos na sua pregação intrépida do evangelho, nem percebeu como eles saíram do Sinédrio depois de flagelados, "regozijando-se por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo Nome" (At 5,41), superando de longe tudo o que os gregos contam da resistência paciente e da coragem dos filósofos. Portanto, desde a origem prevalecia entre os ouvintes de Jesus esta lição capital de seu ensinamento: o desprezo da vida procurada pela multidão e o cuidado em levar vida semelhante à de Deus.

46. E como é grande a mentira do judeu de Celso quando afirma: *Durante sua vida, conquistou apenas uns dez marinheiros e publicanos dos mais perdidos, e assim mesmo nem todos.* Está claro, pois até há judeus que concordam, que ele conquistou não só dez homens, nem cem, nem mil, mas redondamente ora cinco mil, ora quatro mil (cf. Mt 14,21; 15,38); e os conquistou de tal modo que o seguiam até nos desertos, únicos lugares capazes de conter a multidão reunida dos que acreditavam em Deus por meio de Jesus, e onde ele lhes apresentava não apenas discursos mas também atos. Por suas

repetições, Celso me força a imitá-lo, pois evito cuidadosamente parecer deixar de lado qualquer de suas críticas. Portanto, sobre este ponto, conforme a ordem de seu escrito, ele declara: *Enquanto ele vivia não convenceu a ninguém, e depois de sua morte os que tiveram este desejo persuadiram multidões: não é mesmo o cúmulo do absurdo?* Deveria ter dito, para ficar dentro da lógica: se, depois de sua morte os que tiveram, não simplesmente este desejo, mas o desejo e o poder, persuadiram multidões, como não será mais provável que durante sua vida ele tenha persuadido muito mais por sua palavra poderosa e por seus atos!

A paixão

47. Ele pré-julga acerca de nossa resposta à pergunta que ele faz: *Que motivo vos levou a crer no Filho de Deus?* Pois ele nos faz responder: *Este motivo, é nossa ideia de que ele suportou seu suplício para aniquilar o autor do mal.* Porém, dos mil outros motivos que nos levaram a esta crença expus até aqui apenas uma parte ínfima; com a ajuda de Deus exporei outros não só nesta resposta ao pretenso *Discurso verdadeiro* de Celso, mas em muitas outras obras. E como se nossa resposta fosse de fato: *Acreditamos que ele é o Filho de Deus por causa de seu suplício,* ele replica: *Mas como assim? Não existem muitos outros supliciados, e com não menos ignomínia?* De sua parte é um equívoco análogo ao dos mais grosseiros adversários de nossa doutrina que do relato da crucifixão de Jesus tiram a conclusão que adoramos todos os crucificados.

Os milagres

48. Já muitas vezes, Celso, incapaz de olhar de frente os milagres de Jesus relatados na Escritura, desqualifica-os tratando-os de feitiçaria. Muitas vezes faço o melhor que posso para refutar esta alegação. Também aqui, ele supõe nossa resposta: *Nós cremos que ele é o Filho de Deus, porque curou os aleijados e cegos*, e acrescenta: *e, pelo que dizeis, ressuscitou mortos.* Ora, para nós é evidência que ele curou aleijados e cegos, e por isso acreditamos que ele é o Cristo e o Filho de Deus, de acordo com as profecias: "Então se abrirão os olhos dos cegos, e os ouvidos dos surdos se desobstruirão. Então o coxo saltará como o cervo" (Is 35,5-6). Mas, comprova-se da seguinte maneira que ele ressurgiu dos mortos e isto não foi ficção dos evangelistas: se fosse ficção, haveria muitos ressuscitados e permanência mais longa em seus sepulcros. Como não se trata de ficção, lembra-se apenas pequeno número deles: é o caso da filha do chefe da sinagoga, e a este respeito diz ele, não sei por quê: "Ela não morreu; está dormindo" (Lc 8,52), o que não era o caso de todos os mortos; há o caso do filho único da viúva que, em sua compaixão, ele ressuscitou depois de ter mandado parar os que o carregavam; em terceiro lugar, há o caso de Lázaro, que jazia no túmulo havia quatro dias (cf. Lc 7,11-17; Jo 11,38-44).

A este respeito direi ainda às pessoas mais dispostas e principalmente ao judeu: "Havia igualmente muitos leprosos em Israel no tempo do profeta Eliseu; todavia,

nenhum deles foi purificado, a não ser o sírio Naamã", "Havia em Israel muitas viúvas nos dias de Elias; ele não foi enviado a nenhuma delas, exceto a uma viúva, em Sarepta, na região de Sidônia" (Lc 4,27.25-26), que se tornara digna, segundo uma decisão divina, do prodígio que o profeta realizou sobre os pães; havia igualmente muitos mortos no tempo de Jesus, mas só ressuscitaram aqueles que o Logos julgou conveniente ressuscitar para que os milagres do Senhor não só sejam símbolos de certas verdades, mas também atraiam imediatamente muitos homens ao admirável ensinamento do evangelho. Acrescentarei que, de acordo com a promessa de Jesus, os discípulos realizaram obras maiores do que os milagres sensíveis que Jesus realizou. Pois é de modo contínuo que se abrem os olhos dos cegos espirituais, e os ouvidos dos surdos às palavras sobre a virtude ouvem com atenção os ensinamentos sobre Deus e a vida bem-aventurada junto dele. Mais ainda, muitos, que eram aleijados no que a Escritura chama "o homem interior", agora curados pela doutrina, saltam, não no sentido próprio, mas "à maneira do cervo", animal inimigo das serpentes e imunizado contra todo veneno das víboras. Sim, estes aleijados curados recebem de Jesus o poder de pisar, em seu caminhar outrora claudicante, as "serpentes e escorpiões" do vício, e numa palavra, "todo o poder do Inimigo" (Lc 10,19); eles os calcam aos pés e não são atingidos por nenhum mal, pois também eles estão imunes contra toda malícia e veneno dos demônios.

Feiticeiros, falsos messias, Satanás

49. Jesus não tinha em vista afastar seus discípulos de seu apego a feiticeiros em geral, que prometem realizar prodígios por qualquer meio — não precisavam de tal cuidado — mas do apego aos que se apresentassem como o Cristo de Deus e tentassem, graças a seduções, atrair a si os discípulos de Jesus. Diz ele: "Então, se alguém vos disser: 'Olha o Cristo aqui!' ou 'ali', não creiais. Pois hão de surgir falsos Cristos e falsos profetas, que apresentarão grandes sinais e prodígios de modo a enganar, se possível, até os eleitos. Eis que eu vo-lo disse. Se, portanto, vos disserem: 'Ei-lo no deserto', não vades até lá; 'Ei-lo em lugares retirados', não creiais. Pois assim como o relâmpago parte do oriente e brilha até o poente, assim será a vinda do Filho do Homem" (Mt 24,23-27). E em outra parte: "Muitos me dirão naquele dia: 'Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos e em teu nome que expulsamos demônios e em teu nome que fizemos muitos milagres?' Então eu lhes declararei: 'Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade' " (Mt 7,22-23). Mas, no desejo de comparar os prodígios de Jesus à feitiçaria humana, diz literalmente o seguinte: *Ó luz e verdade! Com sua própria voz ele anuncia abertamente, como confirmam vossos próprios escritos, que ainda outros vos procurariam, gente má e feiticeiros usando milagres semelhantes. E ele cita certo Satanás, hábil em fingir esses prodígios; ele não nega qualquer caráter divino neles, mas vê neles obra de gente perversa. Coagido pela verdade, desmascarou ao mesmo tempo a conduta dos outros e confundiu a sua. Não é porventura argumento miserável concluir das mesmas obras para a divindade de um e para a feitiçaria dos outros? Por que, então, de acordo com estas obras, se deverá acreditar mais na maldade deles que*

na sua a respeito de seu próprio testemunho? De fato elas são, como ele mesmo concorda, sinais distintivos não de uma natureza divina, mas de pessoas enganadoras e muito más. Aí está a prova manifesta da perfídia de Celso com respeito ao evangelho: o que diz Jesus dos que realizarão sinais e prodígios difere totalmente do que afirma o judeu de Celso. Naturalmente, se Jesus tivesse simplesmente dito a seus discípulos que se precavessem contra os que prometem prodígios, sem acrescentar com que autoridade o fazem, talvez houvesse razão para desconfiar do judeu. Mas as pessoas contra as quais Jesus queria que nos precavêssemos declaram publicamente que são o Cristo, o que não fazem os feiticeiros; ele diz além disso que em nome de Jesus pessoas de vida desregrada farão certos milagres e expulsarão os demônios dos homens. Assim sendo, nem é preciso dizer, está aí banida das personagens em questão a feitiçaria e toda desconfiança a seu respeito, ficando bem evidenciado ao contrário o poder divino de Cristo e dos discípulos: pois era possível a quem usasse seu nome, sob o impulso de não sei que poder, pretender que era Cristo, parecer realizar atos comparáveis aos de Cristo, e a outras pessoas fazer em nome de Jesus prodígios aparentemente aproximados aos de seus autênticos discípulos.

50. Também Paulo, em sua segunda carta aos Tessalonicenses, mostra como será revelado um dia "o homem ímpio, o filho da perdição, o Adversário, que se levanta contra tudo que se chama Deus, ou recebe culto, chegando a sentar-se pessoalmente no templo de Deus, e querendo passar por Deus". E repete aos tessalonicenses: "Agora também sabeis o que é que ainda o retém, para aparecer só a seu tempo. Pois o mistério da impiedade já age, só é necessário que seja afastado aquele que ainda o retém! Então, aparecerá o Ímpio, aquele que o Senhor destruirá com o sopro de sua boca, e o suprimirá pela manifestação de sua Vinda. Ora, a vinda do Ímpio será assinalada pela atividade de Satanás, com toda a sorte de portentos, milagres e prodígios mentirosos, e por todas as seduções da injustiça, para os que se perdem." E ele indica igualmente a causa pela qual o Ímpio tem permissão de viver: "Porque não acolheram o amor de verdade, a fim de serem salvos. É por isso que Deus lhes manda o poder da sedução, para acreditarem na mentira e serem condenados, todos os que não creram na verdade, mas antes consentiram na injustiça" (2Ts 2,1-12).

Digam-nos então se existe alguma parte do texto do Evangelho ou do Apóstolo que dê margem à desconfiança de que a feitiçaria foi predita nesta passagem! E quem desejar poderá, além disso, ler em Daniel a profecia sobre o Anticristo (cf. Dn 7,23-26). Celso, porém, calunia as palavras de Jesus: não disse que outros, gente perversa e feiticeiros, como Celso o faz dizer, se apresentariam, usando semelhantes milagres. Realmente, o poder dos encantamentos do Egito não se compara à graça miraculosa de que Moisés dispunha: a conclusão mostrou que as ações dos egípcios eram feitiçarias, e as de Moisés obras divinas. Do mesmo modo, as ações dos anticristos e daqueles que pretendem fazer milagres da mesma forma que os discípulos de Jesus são qualificadas de "portentos, milagres e prodígios mentirosos", que causam danos em "todas as seduções da injustiça, para os que se perdem"; as de Cristo e de seus discípulos, ao contrário, têm como resultado não a sedução mas a salvação das almas. Quem, portanto, pode razoavelmente

sustentar que a vida virtuosa que cada dia reduz a menor número as ações más provém de sedução?

51. Celso adivinhou uma passagem da Escritura quando faz Jesus dizer que certo Satanás seria hábil em fingir tais prodígios. Mas ele comete uma petição de princípio ao afirmar que Jesus não nega neles qualquer caráter divino, mas vê nestes portentos obra de gente perversa. Isto é incluir numa mesma categoria coisas de categorias diferentes. Assim como o lobo não é da mesma espécie que o cão, apesar de semelhança aparente na forma do corpo e na voz, nem o pombo-bravo é da mesma espécie que a pomba doméstica, assim também uma obra do poder de Deus nada tem de semelhante àquilo que provém da feitiçaria.

Outra resposta às deslealdades de Celso: acaso demônios perversos fariam milagres por feitiçaria, sem que a natureza divina e bendita não realize nenhum? Estará a existência humana cheia de males sem espaço algum para o bem? Este é meu parecer: à medida que se deve admitir o princípio geral segundo o qual onde se supõe um mal da mesma espécie que o bem, existe necessariamente em face a ele um bem, assim também existem necessariamente os que são devidos à atividade divina na existência com relação aos atos executados por feitiçaria. Em consequência do mesmo princípio, pode-se ou suprimir os dois membros da afirmação e dizer que nem um nem outro se realiza, ou, dado um, aqui o mal, reconhecer também o bem. Mas admitir os efeitos da feitiçaria e negar os efeitos do poder divino equivale, ao que me parece, a sustentar que existem sofismas e argumentos plausíveis longe da verdade, embora simulem estabelecê-la, e que, no entanto, a verdade e a dialética estranha aos sofismas não têm direito algum de cidadania entre os homens.

Vamos porventura admitir a existência da magia e da feitiçaria exercida pelos demônios perversos, enfeitiçados pelos encantamentos especiais e dóceis aos convites dos feiticeiros? Neste caso, se conclui que devem existir entre os homens os efeitos do poder divino. Então, por que não examinar cuidadosamente os que pretendem operar milagres e ver se a sua vida, seus costumes, os resultados destes milagres prejudicam os homens ou corrigem seus costumes? Quem então a serviço dos demônios obtém tais efeitos por meio de práticas encantatórias e mágicas? Quem, ao contrário, depois de se ter unido a Deus, num lugar puro e santo, por sua alma, seu espírito e creio também por seu corpo, e depois de ter recebido um espírito divino, realizou tais atos para fazer bem aos homens e os exortar a crer em Deus? Vamos admitir a necessidade de investigar sem tirar uma conclusão precipitada dos milagres, quem realiza estes prodígios por um princípio bom e quem por um princípio mau, de maneira tanto a evitar depreciar, quanto a admirar e acolher tudo como divino? E conforme os acontecimentos do tempo de Moisés e do tempo de Jesus, uma vez que nações inteiras se constituíram em consequência de seus milagres, como não é evidente que foi por um poder divino que eles realizaram as obras que a Bíblia atesta? Pois a maldade e a magia não teriam constituído uma nação inteira que ultrapassou não só os ídolos e os monumentos construídos pelos homens, mas também toda a natureza criada, e que se eleva até ao princípio incriado do Deus do universo.

Jesus superior a Moisés

52. E como é um judeu que diz tais palavras no escrito de Celso, poder-se-ia dizer-lhe: e tu, meu caro, por que afinal esta diferença: acreditas serem divinas as obras que segundo tuas Escrituras Deus realizou por Moisés, e tu procuras justificá-las contra os que as caluniam como efeitos da feitiçaria, análogos aos que os sábios do Egito realizam; ao passo que as de Jesus cuja existência reconheces, conforme os exemplo dos egípcios que te criticam, tu as acusas de não serem divinas? Se de fato o resultado final, a nação inteira constituída pelos prodígios de Moisés, prova evidentemente que Deus era o autor desses milagres no tempo de Moisés, como este argumento não será mais demonstrativo para o caso de Jesus, autor de obra maior que a de Moisés? Pois Moisés tomou os membros da nação formada da posteridade de Abraão que tinham conservado o rito tradicional da circuncisão, observadores decididos dos costumes de Abraão, e os conduziu para fora do Egito impondo-lhes as leis que acreditas serem divinas. Jesus, com outra ousadia, substituiu o regime anterior, os hábitos ancestrais, os modos de vida segundo as leis estabelecidas pelo evangelho. E como os milagres que Moisés realizou conforme as Escrituras eram necessários para conseguir a atenção não só da assembleia dos Anciãos, mas também a do povo, por que Jesus igualmente, para conquistar a fé de um povo que tinha aprendido a pedir sinais e prodígios, não teria tido necessidade de milagres capazes, por sua grandeza e seu caráter divino superiores se os compararmos aos de Moisés, de os desviar das fábulas judaicas e de suas tradições humanas, de fazê-los aceitar que o autor desta doutrina e desses prodígios era maior que os profetas? Como então não era ele maior que os profetas, ele a quem os profetas proclamam Cristo e Salvador do gênero humano?

53. E mais ainda, todos os ataques do judeu de Celso contra os que creem em Jesus podem virar acusações contra Moisés; de modo que não há ou quase não há diferença em se falar de feitiçaria de Jesus e feitiçaria de Moisés, podendo os dois, apoiando-nos na expressão do judeu de Celso, ser objeto das mesmas críticas. O judeu de Celso, por exemplo, diz a respeito de Cristo: *Ó luz e verdade! Com sua própria voz ele anuncia abertamente, como confirmam vossos próprios escritos, que ainda outros vos procurariam, gente perversa e feiticeiros*. Mas a propósito de Moisés, aquele que não acredita em seus milagres, seja ele do Egito ou de onde quer que seja, poderia dizer ao judeu: "Ó luz e verdade! Com sua própria voz ele anuncia abertamente, como confirmam vossos próprios escritos, que ainda outros vos procurariam, gente perversa e feiticeiros." Pois está escrito em vossa lei: "Quando surgir em teu meio um profeta ou um intérprete de sonhos, e te apresentar um sinal ou um prodígio — se este sinal ou prodígio que ele anunciou se realiza e ele diz: 'Vamos seguir outros deuses (que não conheceste) e servi-los' — não ouças as palavras deste profeta ou desse intérprete de sonhos..." (Dt 13,1-3) etc. Um, em sua crítica das palavras de Jesus, diz ainda: "E ele cita certo Satanás, hábil em fingir esses prodígios." O outro, na aplicação desse detalhe a Moisés, dirá: "E ele cita certo intérprete de sonhos, hábil em fingir esses prodígios." E assim como o judeu de Celso diz de Jesus: *Ele nega neles qualquer caráter divino, mas*

vê aí obra de gente perversa; assim também, quem não crê nos milagres de Moisés lhe dirá a mesma coisa citando a frase anterior: "Ele nega neles qualquer caráter divino, mas vê aí obra de gente perversa." E assim fará para esta afirmação: "Forçado pela verdade, Moisés desmascarou a conduta dos outros e ao mesmo tempo confundiu a sua." E quando o judeu declara: *Não é acaso um argumento miserável concluir, das mesmas obras, para a divindade de um e a feitiçaria dos outros?* poderíamos responder-lhe por causa das palavras de Moisés já citadas: "Não é acaso um argumento miserável concluir, das mesmas obras, para a qualidade de profeta e servo de Deus de um e para a feitiçaria dos outros?"

Mas, insistindo ainda mais, Celso acrescenta às comparações que citei: *Por que então, de acordo com estas obras, se deverá acreditar mais na maldade deles do que na sua a respeito de seu próprio testemunho?* Acrescentaremos ao que foi dito: *Por que então, de acordo com estas obras, se deverá acreditar mais na maldade das pessoas às quais Moisés proíbe acreditar, apesar de exibirem sinais e prodígios, do que na maldade de Moisés, quando ele ataca os outros por causa dos sinais e prodígios delas?* Ele multiplica as palavras no mesmo sentido por parecerem aumentar sua breve argumentação: *Elas são realmente, e ele mesmo concorda, sinais distintivos não de natureza divina, mas de pessoas enganadoras e muito más.* Quem é então este "ele mesmo"? Tu, judeu, dizes que é Jesus; mas aquele que te acusa como sujeito às mesmas críticas há de referir este "ele mesmo" a Moisés.

A ressurreição

54. Depois disso, o judeu de Celso, dirigindo-se a nós certamente — dentro de sua intenção inicial — declara no discurso a seus compatriotas que se tornaram fiéis crentes: *Que razão, afinal, vos orientou senão o fato de ele ter predito que depois de sua morte ressuscitaria?* Pergunta que eu aplicarei ao caso de Moisés, como na transposição que fiz anteriormente, e lhe direi: que razão, afinal, vos orientou senão o fato de ele ter escrito sobre sua morte nestes termos: "E Moisés, servo do Senhor, morreu ali, na terra de Moab, conforme a palavra do Senhor. E ele o sepultou no vale, na terra de Moab, defronte a Bet-Fegor; e até hoje ninguém sabe onde é a sua sepultura" (Dt 34,5-6). Pois se nosso judeu acusa Jesus de ter predito que depois de sua morte ele ressuscitaria, a esta objeção, usando o mes-mo procedimento para Moisés, se responderá: Moisés escreveu no Deuteronômio de que é o autor: "Até hoje ninguém sabe onde é a sua sepultura", para celebrar a glória de sua sepultura que ficaria desconhecida do gênero humano.

55. Em seguida, o judeu diz a seus compatriotas que creem em Jesus: *Pois bem, que seja, ele disse isto. Mas, quantos outros se servem destes contos maravilhosos para convencer seus ouvintes simplórios e tirar vantagem da impostura! Foi o caso, pelo que dizem, na Cítia, de Zamólxis, escravo de Pitágoras, do próprio Pitágoras na Itália, de Rampsinita no Egito. Este último, no Hades, "jogando dados com Deméter", obteve dela "um prato recamado de ouro" que ele conseguiu como presente. Da mesma forma ainda Orfeu entre os odrisas, Protésilas na Tessália, Hércules em Tênaro, e*

Teseu. Mas, o que se deve examinar é se um homem realmente morto algum dia ressuscitou com o mesmo corpo. Julgais que as aventuras dos outros sejam mitos na realidade como na aparência, mas que vós teríeis inventado para a vossa tragédia um desfecho nobre e verossímil com o clamor de Jesus na cruz quando entregou o espírito, o terremoto e as trevas? Enquanto vivia, dizeis vós, ele não se protegeu; morto, ressuscitou e mostrou as marcas de seu suplício e como suas mãos tinham sido perfuradas. Quem viu isto? Uma exaltada, dizeis vós, e talvez alguma outra vítima do mesmo encantamento, ou porque, em consequência de certa disposição ele tivera um sonho e conforme seu desejo em sua crença desvairada tivera uma representação imaginária, coisa que já aconteceu a muitas outras pessoas, ou talvez porque tivesse querido impressionar o espírito dos outros por este conto maravilhoso, e, por esta impostura, deixar caminho aberto a outros charlatães.

Como o autor de tais declarações é judeu, nós lhe responderemos como a judeu para defendermos nosso Jesus, aplicando ainda seu argumento a Moisés: quantos outros lançam mão de tais contos maravilhosos como fez Moisés para convencer seus ouvintes simplórios e tirar vantagem da impostura. A evocação de Zamólxis, de Pitágoras e de seus contos maravilhosos caberia melhor a alguém que não acreditasse em Moisés e não a um judeu, não muito interessado em histórias gregas. Mas o egípcio ainda que incrédulo dos milagres de Moisés citaria provavelmente o exemplo de Rampsinita dizendo: a história de sua descida ao Hades, do jogo de dados com Deméter, do prato recamado de ouro conquistado sobre ela para mostrar um sinal de sua descida ao Hades e de sua volta, é bem mais provável do que a de Moisés ao escrever que "entrou na nuvem onde Deus estava" (Ex 20,21) e que foi o único a se aproximar de Deus, com exclusão dos outros; pois eis o que ele escreve: "Só Moisés se aproximará do Senhor; os outros não se aproximarão" (Ex 24,2). Por conseguinte, ao judeu que diz tais coisas, nós, discípulos de Cristo, diremos: Defende-te, pois, tu que incriminas nossa fé em Jesus, diz o que responderás ao egípcio e aos gregos a respeito das acusações que fazes contra nosso Jesus, mas que podem se aplicar perfeitamente a Moisés. Ainda que lutes corajosamente para defender Moisés, como certamente sua história pode receber uma justificação impressionante e manifesta, sem que saibas, em toda apologia de Moisés, provarás apesar de tudo que Jesus é mais divino do que ele.

56. Mas as histórias dos heróis que supostamente desceram ao Hades e subiram de lá são contos maravilhosos, como diz o judeu de Celso. Ele pensa que os heróis, tornando-se invisíveis por um tempo, desapareceram da vista de todos os homens, e que em seguida eles apareceram, como se tivessem retornado do Hades, pois este parece ser o seu pensamento quando fala de Orfeu entre os odrisas, de Protésilas na Tessália, de Hércules em Tênaro, e também de Teseu; pois bem, vamos provar que não é possível comparar com eles o que se conta da ressurreição de Jesus dentre os mortos. Cada um dos heróis que ele menciona com seu país respectivo teria podido, se quisesse, desaparecer da vista dos homens, e retornar, quando achasse bom, para os que ele tinha deixado. Mas Jesus foi crucificado diante de todos os judeus, seu corpo foi descido da cruz à vista de seu povo: como se pode dizer que ele imaginou uma ficção análoga à dos heróis lendários

que desceram ao Hades e subiram de lá? Dizemos que, para justificar a crucifixão de Jesus, talvez se pudesse apresentar esta razão, principalmente por causa do que se conta sobre os heróis cuja descida forçada ao Hades é admitida: se, por hipótese, Jesus tivesse morrido de morte obscura, e sua morte não fosse evidente a todo o povo judeu, teria havido pretexto em se formular acerca dele também a mesma suspeita que relativamente aos heróis. Talvez se possa acrescentar às outras causas da crucifixão de Jesus também esta: ele morreu bem à vista de todos na cruz para que ninguém pudesse dizer que ele voluntariamente sumiu da vista dos homens e pareceu estar morto sem ter morrido de fato, reaparecendo por sua vontade e contando a maravilha de sua ressurreição dos mortos. Mas eu considero como uma evidência decisiva a conduta de seus discípulos. Com perigo de vida, eles se dedicaram a ensinamento que não teriam sustentado com tal vigor se tivessem inventado que Jesus ressuscitou dentre os mortos. Além disso, conformando-se com esta doutrina, não só preparavam os outros a desprezar a morte, mas também eram os primeiros a fazer isso.

57. Considera a estranha cegueira do judeu de Celso que diz, como se fosse impossível que alguém ressuscitasse dos mortos com o mesmo corpo: *Mas o que se deve examinar é se um homem realmente morto algum dia ressuscitou com o mesmo corpo.* O judeu não sabe dizer: acredita nos relatos do terceiro e quarto livros dos Reis sobre as criancinhas ressuscitadas, uma por Elias e outra por Eliseu (cf. 1Rs 17,21-22; 2Rs 4,34-35). É por isso, penso eu, que Jesus não nasceu noutra nação fora dos judeus: eles estavam acostumados com os milagres e assim, pela comparação daqueles prodígios em que acreditavam com aqueles realizados por Jesus ou narrados a seu respeito, eles podiam admitir a ideia de que, cercado desses prodígios superiores e autor destas ações mais admiráveis, ele era um ser superior a todos.

58. Mas o judeu, depois de ter contado as histórias gregas desses narradores de maravilhas e dos supostos ressuscitados dos mortos, diz aos judeus que creem em Jesus: *Pensais que as aventuras dos outros são mitos na realidade e na aparência, mas que teríeis inventado para a vossa tragédia um desfecho nobre e aceitável com o clamor de Jesus na cruz quando ele entregou o espírito?* Responderemos ao judeu: os exemplos que citaste para nós são mitos, mas os das Escrituras, as quais são uma herança que temos em comum convosco e com a mesma veneração, negamos com toda firmeza que sejam mitos. É por isso que cremos que os que escreveram sobre as personagens outrora ressuscitadas dos mortos não se servem de contos maravilhosos; acreditamos igualmente que Jesus ressuscitou assim como predisse e que foi profetizado. Mas eis em que sua ressurreição dos mortos é mais milagrosa que a deles: eles foram ressuscitados pelos profetas Elias e Eliseu; ele não foi por nenhum dos profetas, mas por seu Pai que está nos céus. Pela mesma razão, sua ressurreição teve mais eficácia do que a deles: pois que efeito teve para o mundo a ressurreição de crianças por Elias e Eliseu, que seja comparável ao efeito da ressurreição de Jesus pregada e admitida pelos fiéis crentes graças ao poder divino?

59. Julga que sejam contos maravilhosos o terremoto e as trevas; eu os defendi acima da

melhor forma possível citando Flégon, que relatou que esses fatos aconteceram no tempo da paixão do Salvador. Ele acrescenta, referindo-se a Jesus: *Enquanto vivia, ele não se protegeu; morto, ressuscitou e mostrou as marcas de seu suplício e como suas mãos tinham sido perfuradas.* Pergunto-lhe então: que significa "ele se protegeu"? Se se trata da virtude, direi que ele se protegeu muito bem: sem dizer nem fazer o que quer que fosse de imoral, mas realmente "como um cordeiro foi conduzido ao matadouro; como uma ovelha que permanece muda na presença dos seus tosquiadores ele não abriu a boca" (Is 53,7). Mas se a expressão "ele se protegeu" se entende de coisas diferentes ou corporais, digo ter provado pelos Evangelhos que ele se submeteu de livre vontade a esta condição. Em seguida, depois de ter lembrado as afirmações do evangelho: "ressuscitado dos mortos, ele mostrou as marcas de seu suplício, como suas mãos tinham sido perfuradas", ele faz esta pergunta: "Quem viu isto?" e evocando o relato de Maria Madalena que viu o ressuscitado, conforme está escrito, ele responde: *Uma exaltada, dizeis vós.* E como ela não é a única mencionada como testemunha ocular de Jesus ressuscitado, e como ainda existem outras, o judeu de Celso adultera este testemunho: *e talvez alguma outra vítima do mesmo enfeitiçamento.*

60. Em seguida, como se o fato fosse possível, isto é, que alguém possa ter uma representação imaginária de um morto como se ele estivesse vivo, ele afirma, como adepto de Epicuro, que "alguém teve um sonho de acordo com certa disposição, ou, segundo seu desejo em sua crença desvairada, uma representação imaginária" e contou esta história; "coisa, afirma ele, que já aconteceu a muitas outras pessoas". Mas, ainda que ele ache que isto é dito com muita habilidade, é o que convém para confirmar esta doutrina essencial: a alma dos mortos subsiste; e para quem admite essa doutrina, a fé na imortalidade da alma ou pelo menos na sua permanência tem fundamento. Assim sendo, o próprio Platão, em seu diálogo sobre a alma, diz que em volta de túmulos apareceram para algumas pessoas "imagens semelhantes às sombras", homens que acabavam de morrer. E estas imagens que aparecem em volta das sepulturas dos mortos vêm de uma substância, a alma que subsiste no que chamamos "corpo luminoso". Celso rejeita este fato, mas admite que alguns tiveram uma visão em sonho e, conforme seu desejo, em sua fé desvairada, tiveram uma representação imaginária. Acreditar na existência de tal sonho não é nada absurdo; mas acreditar numa visão de pessoas que absolutamente não estão fora de si, não são frenéticas nem melancólicas, não é plausível. Celso previu a objeção: fala de uma mulher exaltada. Isto não se depreende da história escrita de que ele tira sua acusação.

61. Desta forma, portanto, depois de sua morte, Jesus, segundo afirma Celso, teria provocado uma representação imaginária das feridas recebidas na cruz, sem existir realmente com tais feridas. Mas, conforme os ensinamentos do Evangelho, do qual Celso admite a seu modo certas partes para acusar, e rejeita outras, Jesus pediu que se aproximasse um de seus discípulos que não acreditava e julgava o milagre impossível. Ele dera, porém, seu assentimento àquela que teria visto Jesus, admitindo a possibilidade de ver aparecer a alma de um morto, mas ainda não acreditava ser verdade que Cristo

tivesse ressuscitado num corpo resistente. Daí a sua réplica: "Se eu não vir, não crerei", depois o que ele acrescenta: "e se não puser o meu dedo no lugar dos cravos e minha mão no seu lado, não crerei" (Jo 20,25). Era o que Tomé dizia, julgando que aos olhos sensíveis poderia aparecer o corpo da alma "em tudo semelhante" à sua forma anterior "pelo tamanho, pelos belos olhos, pela voz", e muitas vezes mesmo "revestido das mesmas vestes". Mas Jesus o chamou para perto de si: "Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!" (Jo 20,27).

62. E muito mais, o fato de ter ocorrido este milagre superior a todos estava na lógica de tudo o que tinha sido profetizado a seu respeito, inclusive este fato, realizado por ele e por ele suportado. Pois o profeta fizera esta predição atribuída a Jesus: "Minha carne repousa em segurança; pois não abandonarás minha vida no Xeol, nem deixarás que teu fiel veja a cova!" (Sl 15,9-10). E justamente sua ressurreição o colocou num estado intermédio entre a densidade do corpo antes da paixão e a condição em que uma alma aparece despojada de corpo semelhante. Assim, ao se reunirem num mesmo lugar "seus discípulos e Tomé com eles, Jesus veio, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: 'A paz esteja convosco!' Disse depois a Tomé: 'Põe teu dedo aqui..." (Jo 20,26-27). E no Evangelho de Lucas, quando Simão e Cléofas conversavam entre si sobre tudo o que tinha acontecido nos últimos dias, Jesus aproximou-se deles "e pôs-se a caminhar com eles; seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo. Ele lhes disse: 'Que palavras são essas que trocais enquanto ides caminhando?'". E quando "seus olhos se abriram e o reconheceram", a Escritura diz com toda propriedade: "ele, porém, ficou invisível diante deles" (Lc 24,14-17.31). Apesar, portanto, do desejo de Celso de comparar com outros fantasmas e com outros visionários as aparições de Jesus e com os que o viram depois da ressurreição, qualquer exame criterioso e prudente dos acontecimentos evidenciará a superioridade do milagre.

63. Depois disso, Celso, censurando o que está escrito, faz uma objeção que merece atenção: *Se Jesus quisesse realmente manifestar seu poder divino, deveria ter aparecido a seus inimigos, ao juiz, enfim a todo mundo.* É verdade que, segundo o evangelho, depois da ressurreição ele não apareceu como antes em público e a todo mundo, ao que tudo indica. Se está escrito nos Atos que, aparecendo-lhes "durante quarenta dias", ele anunciava a seus discípulos o Reino de Deus (At 1,3), nos evangelhos não está dito que ele estivesse continuamente com eles: numa ocasião, oito dias depois, estando fechadas todas as portas, "pôs-se no meio deles" (Jo 20,26), depois em outra ocasião, apareceu-lhes em condições semelhantes. O próprio Paulo, no fim de sua primeira carta aos Coríntios, insinuando que Jesus não apareceu em público como no tempo que precedeu a sua paixão, escreve: "Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi. Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras", ressuscitou, "apareceu a Cefas, e depois aos Doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez, a maioria dos quais ainda vive, enquanto alguns já adormeceram. Posteriormente, apareceu a Tiago, e, depois a todos os apóstolos. Em

último lugar, apareceu também a mim como a um aborto" (1Cor 15,3.5-8). Como me parecem grandes, admiráveis, sem proporção com o mérito não só da multidão dos fiéis, mas também da elite em progresso na doutrina, as verdades do que esta passagem contém! Elas poderiam mostrar a razão por que, depois de sua ressurreição dentre os mortos, ele não aparece como antes. Mas, entre as numerosas considerações que um tratado escrito como este requer contra o discurso de Celso que ataca os cristãos e sua fé, vê tu se é possível oferecer algumas dentre elas que sejam capazes de convencer os que prestarem atenção à nossa defesa.

Aspectos múltiplos de Jesus

64. Embora fosse uno, Jesus tinha múltiplos aspectos quanto ao espírito, e entre os que o viam nem todos o enxergavam da mesma forma. Essa multiplicidade de aspectos ressalta das palavras: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida", "Eu sou o Pão", "Eu sou a Porta" (Jo 14,6; 6,35; 10,9) e de muitas outras passagens. E a visão que ele oferecia não era idêntica para todos os espectadores, mas dependia de sua capacidade: isto se torna claro ao examinarmos a razão por que, tendo de se transfigurar no alto da montanha, ele tomou consigo não todos os apóstolos, mas apenas Pedro, Tiago e João, como os únicos capazes de contemplar a glória, de entender sua conversa e a voz que veio da nuvem celeste. Mas creio que também antes de subir a montanha, onde só os discípulos se aproximaram dele e onde lhes ensinou a doutrina das bem-aventuranças, quando ao pé da montanha, "ao cair da tarde", curou as que se aproximaram dele, libertando-os de toda doença e enfermidade, ele não se mostrava idêntico aos doentes que imploravam cura e aos que, graças à sua saúde, puderam subir com ele a montanha. Muito mais, ele explicou em particular a seus próprios discípulos as parábolas ditas com um sentido oculto às multidões que estavam fora: e assim como os que ouviam a explicação das parábolas tinham uma capacidade maior de entender do que aqueles que ouviam a explicação das parábolas sem explicação, assim também ocorria com as capacidades de visão, certamente de sua alma, mas creio também de seu corpo. Outra prova de que ele não se mostrava sempre idêntico: Judas que o trairia disse às multidões que acorriam para ele como se elas não o conhecessem: "É aquele que eu beijar, prendei-o" (Mt 26,48). Também é, penso eu, o que quer mostrar o próprio Salvador quando diz: "E eu me sentava no Templo ensinando todos os dias e não me prendestes" (Mt 26,55). Por isso, elevando Jesus a tão grande altura, não só na sua divindade interior e oculta à multidão, mas também em seu corpo, transfigurado quando ele queria para aqueles que ele queria, afirmamos: antes que "houvesse despojado os Principados e as Autoridades" (Cl 2,15) e "morresse para o pecado" (Rm 6,2), todos tinham a capacidade de vê-lo, mas quando ele despojou os Principados e as Autoridades e não mais possuía aquilo que a multidão podia ver, todos os que o viram antes não podiam mais olhar para ele. Foi, portanto, para poupá-los que ele não se mostrava a todos depois de sua ressurreição dentre os mortos.

65. Mas, por que dizer a todos? Aos próprios apóstolos e discípulos ele não estava

continuamente presente e visível porque eram incapazes de suportar sua contemplação constante. Sua divindade era mais resplandecente depois de ter levado ao seu término a obra da Economia. Cefas, que é Pedro, enquanto "primícias" dos apóstolos, pôde vê-la, e depois dele, os Doze, após a eleição de Matias para ocupar o lugar de Judas. Depois deles, apareceu a "quinhentos irmãos de uma vez, depois a Tiago, em seguida a todos os apóstolos" fora os Doze, talvez aos setenta; e, "em último lugar", a Paulo, como um aborto, que sabia em que sentido dizia: "A mim, o menor dos apóstolos, foi dada esta graça" (1Cor 15,5-8), e certamente "o menor" e "o aborto" são sinônimos. Afinal, não se pode fazer crítica razoável a Jesus por não ter levado consigo ao alto da montanha todos os apóstolos, mas apenas os três citados acima, quando haveria de se transfigurar e mostrar o esplendor de suas vestes e a glória de Moisés e Elias conversando com ele; tampouco seria possível fazer críticas bem fundadas às palavras dos apóstolos por apresentarem Jesus depois de sua ressurreição que apareceu não a todos, mas àqueles cujos olhos ele julgava ser capazes de ver a sua ressurreição.

Creio, porém, ser útil à justificação deste ponto de vista o que Paulo diz a respeito de Jesus: "Cristo morreu e reviveu para ser o Senhor dos mortos e dos vivos" (Rm 14,9). O Apóstolo entende exatamente como mortos dos quais Cristo é o Senhor aqueles que assim são designados na primeira carta aos Coríntios: "Sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis" (1Cor15,52); e como vivos entende a eles e os que serão transformados, e os que ressuscitarem serão diferentes dos mortos. E aí vai a passagem referente: "E nós seremos transformados", que segue depois desta: "Os mortos ressuscitarão primeiro". Além disso, na primeira aos Tessalonicenses, ele exprime com palavras diferentes a mesma distinção, declarando que uma coisa são os que dormem e outra os que vivem: "Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere aos mortos, para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los na sua companhia. Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a Vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram" (1Ts 4,13-15). Mas, a interpretação que encontrei destas passagens, já a expus em meu comentário à primeira aos Tessalonicenses.

66. E não te admires que as multidões que acreditaram em Jesus nem todas viram sua ressurreição, pois Paulo escreve aos coríntios como se a pluralidade de aspectos ultrapassasse sua capacidade: "Pois não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado" (1Cor 2,2). Ou ainda, no mesmo sentido: "Vós não podíeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis, visto que ainda sois carnais" (1Cor 3,2-3). Desta forma, pois, o Logos, que faz todas as coisas conforme um critério divino, escreveu que Jesus antes de sua paixão aparecia sem restrição às multidões, embora não fizesse isto continuamente; e que depois de sua paixão ele não se manifestava mais da mesma maneira, mas com um critério que dava a cada um sua justa medida. E assim como está escrito que "Deus apareceu a Abraão" ou a um dos santos (Gn 12,7; 48,3), que esta aparição não ocorria continuamente mas por intervalos e que ele não aparecia a todos, da mesma forma penso que o Filho de Deus usou para aparecer aos seus o

mesmo discernimento que Deus usou para aparecer àqueles.

Ausência de manifestações espetaculares

67. Penso pois ter respondido da melhor forma possível para um tratado deste gênero à objeção: "Se Jesus quisesse realmente manifestar seu poder divino, ele deveria ter aparecido a seus inimigos, ao juiz, em suma a todo mundo." Não, ele não devia aparecer a seu juiz nem a seus inimigos. Pois Jesus tratava seu juiz e seus inimigos de tal forma que não fossem atingidos de cegueira como o foram os habitantes de Sodoma quando conspiraram na ocasião em que os anjos foram recebidos como hóspedes na casa de Ló. Eis em que termos é narrado o incidente: "Os homens, porém, estendendo os braços, fizeram Ló entrar para junto deles, na casa, e fecharam a porta. Quanto aos homens que estavam na entrada da casa, eles os feriram de cegueira, do menor até o maior, de modo que não conseguiam encontrar a entrada" (Gn 19,10-11). Jesus, portanto, queria manifestar seu poder divino a todos os que eram capazes de vê-lo e na medida desta capacidade de ver. E ele sem dúvida não tinha outra razão para evitar aparecer senão as capacidades dos que eram incapazes de vê-lo.

Por isso de nada adianta Celso acrescentar: *Pois com certeza ele não tinha mais medo de ninguém porque se submetera à morte e, como dizeis, ele era Deus; e não foi enviado principalmente para ficar escondido.* De fato, ele foi enviado não só para ser conhecido mas também para permanecer escondido. Pois a totalidade de seu ser não era conhecida por parte dos que o conheciam, mas algo lhes escapava; e para alguns ele permanecia absolutamente desconhecido. Mas ele abriu as portas da luz para os que eram filhos das trevas e da noite, e tudo fizeram para se tornarem filhos do dia e da luz (cf. 1Ts 5,5). E o Senhor veio na qualidade de Salvador como bom médico, mais para nós cheios de pecados do que para os justos.

68. Vejamos a maneira como o judeu de Celso continua: *Se havia tal urgência em fazer ver sua divindade, era do alto da cruz que ele deveria desaparecer subitamente.* E isto a meu ver tem semelhança com o argumento dos adversários da Providência: eles descrevem o universo de uma forma que não corresponde à verdade e dizem: o mundo seria melhor se ele fosse assim como o descrevemos. Mas se eles descrevem coisas possíveis, haveremos de convencê-los de que fazem o mundo pior enquanto depender deles e de sua descrição. Se parecem não representar o mundo pior do que a realidade, haveremos de mostrar que eles desejam o que é impossível à natureza. Assim, de qualquer forma eles são ridículos. Aqui, porém, não era impossível para uma natureza divina desaparecer a seu bel-prazer: coisa em si evidente e claramente afirmada a seu respeito na Escritura, pelo menos se aceitarmos apenas uma parte dela para atacar a doutrina, considerando o resto dela como ficções. Pois está escrito no Evangelho de Lucas que Jesus, depois de sua ressurreição, "tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e distribuiu-o" a Simão e a Cléofas; e quando tomaram o pão, "seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém, ficou invisível diante deles" (Lc 24,30-31).

69. Mas quero deixar claro que não era mais útil para o conjunto da Economia que "do alto da cruz Jesus deveria ter desaparecido subitamente" em sua forma corporal. A pura letra da Escritura e a narrativa do que aconteceu a Jesus não permitem ver a verdade total. Pois a uma leitura mais penetrante da Bíblia cada acontecimento se revela também como símbolo de uma verdade. Foi o que aconteceu na crucifixão; ela contém a verdade destas palavras: "Estou crucificado com Cristo" (Gl 2,20), e esta ideia: "Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gl 6,14). O mesmo se diga de sua morte: ela era necessária para que se pudesse dizer: "Porque morrendo, ele morreu para o pecado uma vez por todas", e para que o justo dissesse: "conformando-me com ele na sua morte", e: "Se com ele morremos, com ele viveremos" (Rm 6,10; Fl 3,10; 2Tm 2,11). E o mesmo ainda se diga de seu sepultamento: ele se estende aos que se conformaram com ele na morte, crucificados com ele, mortos com ele, conforme estas outras palavras de Paulo: "Pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte" (Rm 6,4), e somos também ressuscitados com ele.

O significado do sepultamento, do túmulo, daquele que o sepultou, explicarei de maneira mais oportuna e mais desenvolvida em outros escritos que terão por objetivo essencial tratar desta matéria. Por ora, basta mencionar o lençol puro em que deveria ser envolvido o corpo puro de Jesus, e o sepulcro novo que José "talhara na rocha, onde ninguém ainda havia sido posto", ou então como diz João: "no qual ninguém fora ainda colocado" (Mt 27,60; Jo 23,53; Jo 19,41). Considera se a concordância dos três evangelistas não é impressionante! Eles se deram ao trabalho de registrar o fato que o túmulo tinha sido talhado e cavado na rocha, para que ao examinarmos as palavras da Bíblia, pudéssemos contemplar também aí um aspecto que merece reflexão, quer o caráter novo do túmulo que Mateus e João registraram, quer, segundo Lucas e João, o fato de que ninguém ainda tinha sido colocado nele. Era preciso, de fato, que Aquele que não era semelhante aos outros mortos, tendo mostrado até em seu estado de morto sinais de vida na água e no sangue, e que, por assim dizer, era um morto de uma espécie nova, fosse colocado num túmulo novo e puro. Desta forma, sendo seu nascimento mais puro do que qualquer outro, proveniente não de união de sexos, mas de virgem, seu túmulo teria também a pureza simbolizada pela colocação de seu corpo num túmulo que permaneceu novo, não construído de pedras ajuntadas, sem unidade natural, mas talhada ou cavada num única rocha, tudo numa só unidade.

A interpretação que consiste em harmonizar acontecimentos relatados pela Escritura com as realidades de que eles eram figuras exigiria uma explicação mais extensa e mais sublime se expuséssemos mais apropriadamente estas matérias num tratado especial. A interpretação literal assim se explicaria: uma vez tomada sua decisão de suportar a crucifixão, ele deveria aguentar as consequências de seu objetivo; de modo que, aniquilado como homem, morto como homem, ele foi da mesma forma sepultado como homem. E mais ainda, supondo-se que estivesse escrito nos evangelhos que do alto da cruz ele subitamente desapareceu, Celso e os descrentes censurariam o texto com críticas deste gênero: por que então ele desapareceu depois de sua crucifixão e não antes de sua

paixão? Se eles vieram a saber dos evangelhos que ele não desapareceu subitamente do alto da cruz e pensam acusar a Escritura de não ter inventado como desejariam este desaparecimento súbito do alto da cruz mas dizer a verdade, não é acaso razoável acreditar neles também quando dizem que ele ressuscitou e por sua vontade, ora "estando fechadas as portas, pôs-se no meio" de seus discípulos, ora, tendo distribuído o pão a dois de seus amigos, subitamente desapareceu de seus olhos, depois de lhes ter dirigido algumas palavras?

70. Mas por que razão o judeu de Celso disse que Jesus se escondia? Pois diz a respeito dele: *Que mensageiro enviado a uma missão alguma vez se escondeu em vez de expor o objetivo de sua delegação?* Não, ele não se escondia, porque disse aos que vinham prendê-lo: "Eu me sentava no Templo ensinando todos os dias e não me prendestes" (Mt 26,55; Mc 14,49). Ao teor do trecho que segue, onde Celso apenas volta a se repetir, já respondi uma vez, eu me restringirei, portanto, ao que já disse. Pois acima se encontra escrita a resposta à objeção: *Será que em vida, quando ninguém acreditava nele, ele pregava a todos sem distinção, e, depois de fortalecida a fé por sua ressurreição dentre os mortos, não se deixou ver às escondidas a não ser a uma mulherzinha e aos membros de sua irmandade?* Não é verdade: ele não apareceu somente a uma mulherzinha, porque está escrito no Evangelho de Mateus: "Após o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria vieram ver o sepulcro. E eis que houve um grande terremoto: pois o Anjo do Senhor, descendo do céu e aproximando-se, removeu a pedra" (Mt 28,1-2). E pouco depois, Mateus acrescenta: "E eis que Jesus veio ao seu encontro e lhes disse: 'Alegrai-vos'. Elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, prostrando-se diante dele" (Mt 28,9). Tratando de refutar a objeção de que ele não foi visto por todos, também respondi a esta pergunta: *Será então que durante seu suplício ele foi visto por todos, mas, depois de sua ressurreição, apenas por um?* Aqui acrescentarei: seus traços humanos eram visíveis a todos; os que eram propriamente divinos — não falo daqueles que o punham em relação com os outros seres, mas dos que os separavam dele — não eram inteligíveis a todos. Além disso, observa a flagrante contradição em que Celso se mete. Mal acabou de dizer: "Ele se deixou ver às escondidas apenas a uma mulherzinha e aos membros de sua irmandade", logo afirma: "durante seu suplício, ele foi visto por todos, mas depois de sua ressurreição, apenas por uma pessoa; deveria ter sido o contrário." Vamos entender o que ele quis dizer por "durante seu suplício, ele foi visto por todos, mas depois de sua ressurreição, apenas por uma pessoa; *deveria ter sido o contrário*." Julgando com base em sua expressão, ele queria uma coisa impossível e absurda: que, durante seu suplício, ele fosse visto apenas por uma pessoa, e depois de sua ressurreição, por todos! Ou como explicar: "deveria ter sido o contrário"?

71. Jesus nos ensinou *quem o tinha enviado,* com as palavras: "Ninguém conhece o Pai senão o Filho" (Mt 11,27), "Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer" (Jo 1,18). Foi ele que, falando de Deus, anunciou a seus discípulos verdadeiros as características de Deus. Os sinais de Deus que

descobrimos nas Escrituras nos oferecem pontos de partida para falarmos de Deus: por elas ficamos sabendo que "Deus é Luz e nele não há treva alguma" (1Jo 1,5), e nas palavras de Jesus, que "Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade" (Jo 4,24). Além disso, *as razões por que o Pai o enviou* são inúmeras: podemos aprendê-las à vontade, quer pelos profetas que as anunciaram previamente, quer pelos evangelistas; e muitos conhecimentos obteremos dos apóstolos, sobretudo de Paulo. Além disso, se, por um lado, Jesus dá sua luz aos homens piedosos, por outro, ele punirá os pecadores. Por não ter visto tal fato, Celso escreveu: *Ele iluminará os que são piedosos e terá piedade dos pecadores ou, melhor dizendo, dos que se arrependeram.*

72. Depois disso, declara: *Se ele quisesse permanecer oculto, por que foi ouvida a voz do céu que o proclamava Filho de Deus? Se não queria permanecer oculto, por que o suplício e por que a morte?* Ele pensa mostrar desta forma a contradição entre o que está escrito dele, sem ver que Jesus não queria que todos os seus aspectos fossem conhecidos por todos, por qualquer pessoa, nem que tudo o que lhe diz respeito permanecesse oculto. Em todo caso, a voz do céu proclamando-o Filho de Deus: "Este é meu Filho amado em quem me comprazo" (Mt 3,17), como atesta a Escritura, não foi dita de modo que pudesse ser ouvida pela multidão, como supõe o judeu de Celso. Além do mais, a voz que vinha da nuvem, no alto da montanha, foi ouvida só pelos que tinham feito a ascensão com ele; pois é próprio da voz divina ser ouvida somente por aqueles a quem ele "quer" que sua voz seja ouvida. Não insisto no fato de que a voz de Deus, mencionada na Escritura, certamente não é o ar em vibração, ou uma agitação do ar, ou qualquer outra definição dos tratados sobre a voz: ela, portanto, é ouvida por um ouvido superior e mais divino do que o ouvido sensível. E como Deus que fala não quer que sua voz seja audível a todos, quem tem ouvidos superiores ouve a Deus, mas quem é surdo dos ouvidos da alma é insensível à palavra de Deus. Eis o que se pode responder à pergunta: "Por que era ouvida a voz do céu que o proclamava Filho de Deus?" E a seguinte: "Se ele não queria permanecer oculto, por que o suplício e por que a morte?" encontra uma resposta suficiente no que ficou longamente dito de sua paixão nas páginas anteriores.

73. A seguir, o judeu de Celso tira uma conclusão que não é conclusão quando diz: pois *sua vontade de nos ensinar, pelos suplícios que ele suportou, o desprezo da morte não implica que ele deveria, depois de sua ressurreição dentre os mortos, chamar abertamente todos os homens à luz e lhes ensinar a razão por que ele desceu.* De fato, em primeiro lugar, ele chamou todos os homens à luz ao dizer: "Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso de vosso fardo e eu vos darei descanso" (Mt 11,28). E depois a razão pela qual ele desceu, a Escritura a indica no longo discurso que ele pronunciou sobre as bem-aventuranças e as proclamações que se lhes seguem, nas parábolas, nas conversas com os escribas e fariseus. E o Evangelho de João relatou tudo o que ele tinha ensinado, mostrando que a eloquência de Jesus consistia menos em palavras do que em ações. Segundo os evangelhos, é claro que "ele falava com

autoridade", e todos ficavam pasmados (Lc 4,32).

As objeções do judeu voltam-se contra ele

74. O judeu de Celso conclui tudo isso com estas palavras: *Todas as nossas objeções são tiradas de vossos escritos, não temos outros testemunhos a aduzir: caís em vossas próprias ciladas.* Mas provei que, deturpando os textos de nossos evangelhos, o judeu declara muitas tolices em suas palavras contra Jesus e contra nós. Em minha opinião, ele não mostrou como nós caímos em nossas ciladas, apenas imagina. E como seu judeu acrescenta: *Ó Altíssimo ou Celeste, que deus que se apresente aos homens há de achá-los completamente incrédulos?* Devemos responder-lhe: está escrito que, mesmo no tempo da lei de Moisés, Deus se apresentou aos hebreus no maior esplendor, não só nos sinais e prodígios no Egito, e a seguir na passagem do Mar Vermelho, na coluna de fogo e na nuvem luminosa, mas também na proclamação do decálogo a todo o povo: e achou as testemunhas incrédulas. Se elas tivessem acreditado naquele que elas tinham visto e ouvido, não teriam erguido o bezerro de ouro, nem trocado "sua glória pela imagem de um comedor de capim" (Sl 105,20), nem teriam dito uns aos outros falando deste bezerro: "Este é o teu Deus, ó Israel, o que te fez subir da terra do Egito" (Ex 32,4.9). Vê tu se a característica desse povo não foi, outrora, o ter sido incrédulo aos prodígios espantosos e às múltiplas manifestações de Deus durante todo o período do deserto, como está escrito na lei dos judeus, e depois, no tempo da vinda milagrosa de Jesus, o não se deixar convencer por suas palavras ditas com autoridade e por suas ações milagrosas feitas à vista de todo o povo?

75. Basta, penso eu, não é possível afirmar que a incredulidade dos judeus com relação a Jesus estava em consonância com o que se relata do povo desde a origem. O judeu de Celso objeta: que Deus que se apresente aos homens há de achá-los incrédulos? *Principalmente quando ele aparece aos que esperam sua vinda? Por que enfim ele não é reconhecido pelos que o esperam há tanto tempo?* Ao que eu poderia dizer: quereis, então, meus caros, responder às minhas perguntas? Que milagres, a vosso ver, vos parecem maiores? Os do Egito e do deserto, ou os que Jesus realizou entre nós, como eu dizia? Se os primeiros vos parecem maiores que os últimos, não estará aí uma prova flagrante de que ele está bem de acordo com o caráter daqueles que foram incrédulos aos grandes desprezando os pequenos? Julgo que é vossa opinião sobre aqueles que contamos de Jesus. Se dizemos que os milagres de Jesus são iguais aos que a Escritura relata de Moisés, que haverá de espantoso na incredulidade deste povo na origem de uma e de outra alianças? Pois data de Moisés a origem da legislação, na qual são relatados vossos pecados de incredulidade; e a origem da legislação e da aliança novas data, segundo nossa fé, do tempo de Jesus. E vós atestais, por vossa incredulidade a Jesus, que sois os filhos dos que, no deserto, foram incrédulos às aparições de Deus. E a censura de nosso Salvador valerá igualmente contra vós que crestes nele: "Com isso, testificais, contra vós, que sois filhos dos que mataram os profetas" (Mt 23,31); e em vós se cumpre a profecia: "Tua vida penderá à tua frente por um fio; ficarás apavorado noite

e dia" (Dt 28,66), pois não acreditastes na Vida que veio habitar entre os homens.

76. Pondo o judeu em cena, Celso nada encontrou que pudesse insinuar em sua argumentação que não seja censurado pela Lei e pelos Profetas. Censura Jesus afirmando a seu respeito o seguinte: *Usa levianamente ameaças e invectivas toda vez que diz: "Ai de vós, eu vos predisse" (*Mt 23,13-29; 11,22-25*). É confessar assim abertamente sua impotência em persuadir, o que de modo algum é cabível num Deus, nem mesmo num homem de bom senso.* Mas vê tu se estas palavras não se voltam abertamente contra o judeu. Pois em seus textos da Lei e dos Profetas, toda vez que Deus diz: "Ai, emprega ameaças e invectivas que têm tanta força pelo menos quanto as do evangelho". Por exemplo, as passagens seguintes de Isaías: "Ai dos que juntam casa a casa, dos que acrescentam campo a campo"; "Ai dos que madrugam cedo para correr atrás de bebidas fortes"; "Ai dos que se apegam à iniquidade, arrastando-as com as cordas da mentira"; "Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem mal"; "Ai dos que são fortes para beber vinho" (Is 5,8.11.18.20.22) e outras passagens que podem ser encontradas em abundância! Não haverá o equi-valente às ameaças a que se refere quando diz: "Ai da na-ção pecadora! Do povo cheio de iniquidade! Da raça dos malfeitores, dos filhos pervertidos!" (Is 1,4) etc. A isso tudo acrescenta ameaças tão terríveis que valem certamente as de que ele acusa Jesus de proferir. Não é acaso uma ameaça terrível dizer: "A vossa terra está desolada e vossas cidades estão incendiadas, o vosso solo é devorado por estrangeiros sob os vossos olhos, é a desolação como devastação de estrangeiros" (Is 1,7)? E acaso não há invectivas contra o povo em Ezequiel, quando o Senhor diz ao profeta: "Estás sentado sobre escorpiões" (Ez 2,6)? Será então, Celso, que fazes o teu judeu dizer com seriedade contra Jesus: "Usa levianamente ameaças e invectivas toda vez que diz: 'Ai de vós, eu vos predisse'"? Não vês que todas as acusações proferidas por teu judeu contra Jesus poderiam ser-lhe revidadas a propósito de Deus? Pois, nos profetas, Deus se acha abertamente exposto, na visão do judeu, às mesmas acusações de incapacidade de persuadir.

Além disso, eu poderia dizer aos que acreditam que nestas matérias o judeu de Celso dirige a Jesus justas acusações: no livro do Levítico e do Deuteronômio há grande número de imprecações; à medida que o judeu as defender como advogado da Escritura, nesta mesma medida, ou melhor ainda, defenderemos essas pretensas invectivas e ameaças de Jesus. Mais ainda, poderemos apresentar uma defesa melhor da própria lei de Moisés do que a do judeu, por termos aprendido de Jesus a compreender com mais inteligência do que ele os textos da lei. Além disso, se o judeu viu o sentido dos discursos proféticos, ele poderá mostrar que Deus não usa levianamente ameaças e invectivas quando diz: "Ai de vós, eu vos predisse", e como Deus pôde usar para a conversão dos homens estas expressões, que ao ver de Celso nenhum homem de bom senso nunca imaginaria. Mas também os cristãos, sabendo que o mesmo Deus fala pelos profetas e pelo Senhor, provarão o caráter razoável daquilo que Celso julga ser ameaças e chama de invectivas. Faremos sobre a questão uma breve réplica a Celso que se gaba de ser filósofo e de conhecer nossas doutrinas: meu caro, explica-me isto: quando Hermes, em Homero, diz a Odisseu: "Por que então, infeliz, te vais embora sozinho por estas

colinas?", suportas que o justifiquem dizendo que Hermes em Homero, interpela a Odisseu desta forma para reconduzi-lo ao dever — pois as palavras aduladoras e afáveis são próprias das Sereias, à volta das quais se ergue "um monte de destroços"; elas que dizem: "Vem cá, vem até nós, Odisseu tão gabado, o homem da Acaia" (Homero, *Od.* XII, 45) — Mas quando meus profetas e o próprio Jesus, para converter seus ouvintes dizem: "Ai de vós!" e acrescentam aquilo que consideras como invectivas, porventura não se adaptam à capacidade dos ouvintes com estas expressões e não lhes aplicam esta maneira de falar como um remédio do Curandeiro?

A não ser que não queiras que Deus, ou Aquele que participa da natureza divina, convivendo com os homens, tenha em vista apenas os interesses de sua natureza e o respeito que lhe é devido, sem mais considerar o que convém prometer aos homens governados e conduzidos por seu Logos e propor a cada um de maneira adaptada a seu caráter fundamental? Ainda mais, como não será ridícula esta incapacidade de persuasão atribuída a Jesus? Pois ela também se aplica, não só ao judeu que tem muitos exemplos deste gênero nas profecias, mas também aos gregos: entre eles, cada um daqueles que sua sabedoria tornou célebre teria sido incapaz de persuadir os conspiradores, os juízes, os acusadores de deixar o caminho do vício para viver, pela filosofia, o caminho da virtude.

77. Em seguida, seu judeu diz, evidentemente para se acomodar às crenças judaicas: *Sim com certeza! Esperamos ressuscitar um dia em nosso corpo e ter uma vida eterna, e que Aquele que nos é enviado será seu modelo e iniciador, provando que a Deus não é impossível ressuscitar alguém com seu corpo.* Não sei se o judeu diria que o Cristo esperado deve mostrar em si mesmo um modelo da ressurreição. Pois bem! Vamos concordar que ele pense e diga isto. Além disso, quando ele diz que nos fez citações de nossos escritos, respondo: meu caro, ao leres estes escritos graças ao qual pretendes nos acusar, não encontraste a explicação detalhada da ressurreição de Jesus e que ele é "o primogênito dentre os mortos"? (Cl 1,18). Ou, daquilo em que te negas a acreditar acaso se conclui que nada foi dito? Mas como o judeu continua admitindo em Celso a ressurreição dos corpos, penso que não é o momento aqui de tratar do assunto com um homem que acredita e confessa que existe uma ressurreição dos corpos, ou porque ele a explique claramente e possa apresentar sua prova cabal, ou porque não o possa, mas dá à doutrina uma adesão superficial.

Aí está, portanto, nossa resposta ao judeu de Celso. E como ele diz ainda: *Mas onde está ele para que possamos ver e acreditar?* Nós lhe responderemos: onde está então agora aquele que fala pelos profetas e fez prodígios, para que possamos ver e acreditar que o judeu "é a parte do Senhor"? (Dt 32,29). Ou vos é permitido vos justificar pelo fato de Deus não se ter manifestado continuamente ao povo judeu, enquanto não nos é concedida a mesma justificação para o caso de Jesus que, uma vez ressuscitado, persuadiu seus discípulos de sua ressurreição? E ele os persuadiu a ponto de mostrar a todos pelas provações que eles sofrem que, com os olhos fixos na vida eterna e na ressurreição, manifestada a eles em palavras e em ações, eles se riem de todas as provações da vida.

78. Depois disso, o judeu diz: *Não desceu ele a este mundo apenas para nos tornar incrédulos?* Responderemos: ele não veio para provocar a incredulidade de judeus; mas, sabendo de antemão que ela aconteceria, ele a predisse e fez servir a incredulidade dos judeus à vocação dos gentios. Pois da queda dos judeus resultou a salvação dos gentios (cf. Rm 11,11), a respeito dos quais Cristo diz nos profetas: "Um povo que eu não conhecia me serve; prestam atenção e me obedecem"; "Consenti em ser buscado pelos que não perguntavam por mim, consenti em ser encontrado pelos que não me procuravam" (Is 65,1). E é evidente que os judeus sofreram nesta vida o castigo por terem tratado Jesus como o fizeram. Os judeus podem dizer, se quiserem nos criticar: é admirável para convosco a providência e o amor de Deus em vos castigar, vos ter privado de Jerusalém, daquilo que se chama santuário, o culto mais sagrado! Pois se eles dizem isso para justificar a providência de Deus, nós teríamos um argumento mais forte e melhor; a providência de Deus é admirável em ter feito o pecado deste povo servir ao chamado dirigido por Jesus aos gentios ao Reino de Deus, daqueles que eram estranhos às alianças e excluídos das promessas (cf. Ef 2,12). Eis o que os profetas predisseram, dizendo que por causa do pecado do povo hebreu, Deus chamaria não uma nação, mas eleitos de toda parte, e que tendo escolhido "o que é loucura no mundo" (1Cor 1,27), ele faria que a nação idiota tivesse acesso aos ensinamentos divinos, uma vez tirado o Reino de Deus destes e dado àqueles. Basta citar no momento, entre muitas outras, esta profecia do cântico do Deuteronômio sobre a vocação dos gentios, atribuída à pessoa do Senhor: "Provocaram meu ciúme com um deus falso, e me irritaram com seus ídolos vazios; pois provocarei seu ciúme com um deus falso, irritá-los-ei com uma nação idiota!" (Dt 32,21)

79. Enfim, como conclusão de tudo, diz o judeu a respeito de Jesus: *Ele foi apenas homem, assim como a própria verdade o mostra e a razão o prova.* Mas se ele fosse apenas homem, não sei como teria ousado difundir por toda a terra sua religião e seu ensinamento, e como seria capaz sem a ajuda de Deus de realizar seu plano e levá-lo de vencida sobre todos os que se opõem à difusão de seu ensinamento, reis, imperadores, Senado romano, e por toda a parte os chefes e o povo. Como atribuir a capacidade de converter tão grande multidão a uma natureza humana que não tivesse em si mesma nada de superior? Não admira que houvesse apenas sábios; mas além deles havia as pessoas menos razoáveis, escravas de suas paixões, mais rebeldes em procurar a temperança na medida por carecerem de razão. E como Cristo era poder de Deus e sabedoria do Pai (cf. 1Cor 1,24), fez tudo isso e o faz ainda, apesar das recusas dos judeus e dos gregos que não acreditam em sua doutrina.

Por isso não deixaremos de acreditar em Deus conforme as regras dadas por Jesus e de procurar a conversão dos que são cegos do ponto de vista religioso. Os verdadeiros cegos podem censurar-nos por sermos cegos, e eles, judeus e gregos, que seduzem seus adeptos, podem nos censurar também a nós por seduzirmos os homens. Bela sedução, na verdade, é conduzir as pessoas da licenciosidade à temperança, ou pelo menos ao progresso em direção à temperança; da injustiça à justiça ou ao progresso para a justiça, da loucura à sabedoria, ou ao caminho da sabedoria; da timidez, da falta de caráter, da

covardia, à coragem e à perseverança exercida principalmente nas lutas para conservar a piedade para com o Deus criador do universo! Jesus, portanto, veio depois de ter sido predito não por um só profeta, mas por todos. E é uma nova prova de ignorância de Celso fazer a personagem do judeu dizer que apenas um profeta predisse o Cristo.

O judeu posto em cena por Celso e que pretende falar em nome de sua própria lei conclui aqui sua argumentação, sem nada mais acrescentar que mereça ser mencionado. Encerro aqui também eu o segundo livro que compus contra seu tratado. Com a ajuda de Deus e pelo poder de Cristo que habita em nossa alma, tratarei de responder, num terceiro livro, ao que Celso escreveu em seguida.

LIVRO TERCEIRO

Será uma discussão fútil?

1. No primeiro livro da resposta ao tratado que Celso escreveu contra nós com o pomposo título de *Discurso verdadeiro*, discuti, do melhor modo que pude, conforme tua ordem, fidelíssimo Ambrósio, seu prefácio e as declarações que se lhe seguem, examinando cada uma delas, até o fim da declamação fictícia de seu judeu contra Jesus. No segundo livro, conforme os recursos de que dispunha, respondi a todos os pontos da declamação de seu judeu contra nós que acreditamos em Deus por Cristo. Inicio este terceiro livro com o objetivo de nele combater aquilo que Celso afirma de própria autoridade. Declara ele então que *nada é mais idiota do que a disputa entre cristãos e judeus; diz que nossa controvérsia sobre Cristo não teria mais valor do que a proverbial querela sobre a sombra de um burro.* Pensa que *nada existe de sério neste debate entre judeus e cristãos: de um e de outro lado, acredita-se na predição, por um espírito divino, de um Salvador que viria ao gênero humano, mas as duas partes não se entendem quanto ao fato de a personagem predita já ter vindo ou não a este mundo.* Nós, cristãos, de fato, acreditamos que Jesus veio de acordo com as profecias; mas os judeus, em sua maioria, longe estão de acreditar nele, de tal sorte que seus contemporâneos conspiraram contra Jesus e os de hoje aprovam o que os judeus então ousaram praticar contra ele; acusam a Jesus de ter fingido, por meio de artifícios mágicos, ser aquele cuja vinda os profetas haviam profetizado e que os judeus tradicionalmente chamavam Cristo.

2. Diga, pois, Celso e com ele os que gostam de seus ataques contra nós: que relação existe entre a sombra de um burro e o fato de que os profetas judeus predisseram o lugar de nascimento do futuro chefe daqueles a quem sua vida virtuosa mereceria ser chamada "o lote de herança" de Deus (Dt 32,9); de que uma virgem conceberia o Emanuel; de que tais sinais e prodígios seriam realizados pela personagem predita e que "sua palavra corria tão rápida" de que a voz de seus apóstolos "alcançaria toda a terra"; de que sofrimentos ele suportaria depois de sua condenação pelos judeus e como ressuscitaria? Acaso podemos ver nestas palavras um efeito do acaso sem nenhum motivo plausível que incitasse os profetas não só a pronunciá-las, mas também a julgá-las dignas de nota? Será que a poderosa nação judaica, que por muito tempo ocupara uma terra particular para nela habitar, não tinha motivo plausível para proclamar alguns dentre eles como profetas e rejeitar a outros como falsos profetas? Será que nada os obrigava a acrescentar aos livros de Moisés, que eles acreditavam sagrados, os discursos daqueles que a seguir eles consideraram como profetas? E aqueles que censuram os judeus e os cristãos de tolice, acaso podem provar que a nação judaica teria podido subsistir sem que houvesse nela qualquer anúncio de acontecimentos conhecidos previamente? As nações que a cercavam, cada uma segundo suas tradições, acreditavam receber oráculos e

adivinhações dos que elas veneravam como deuses; mas eles tinham sido educados no desprezo de todos os que as nações tinham na conta de deuses e neles não viam deuses, mas demônios, porque seus profetas diziam: "Os deuses dos povos são todos demônios": seriam eles os únicos a não terem quem fosse profeta por profissão e capaz de impedir os que, por desejo de previsão dos acontecimentos futuros, queriam ir em busca dos demônios de outras nações? Julga, pois, se não era necessário que uma nação inteira, educada no desprezo aos deuses das outras nações, tivesse profetas em abundância, manifestando logo sua excelência e superioridade sobre os oráculos de qualquer povo.

3. Aliás, por toda parte eram operados milagres, ou pelo menos em muitos lugares, e o próprio Celso menciona em seguida *Asclépio — que beneficiava com curas e predições do futuro a todas as cidades a ele consagradas como Trikké, Epidauro, Cós, Pérgamo — Aristeias de Proconeso, o herói de Clazômenas, e Cleomedes de Astipaleia.* E unicamente entre os judeus, afirmando sua consagração ao Deus do universo, não teria havido nenhum sinal ou prodígio para ajudar a fortalecer sua fé no Criador do universo e sua esperança em outra vida melhor? Mas como seria possível? Eles teriam imediatamente passado ao culto dos demônios que pronunciavam oráculos e faziam curas e teriam abandonado o Deus em cujo socorro as pessoas tinham teoricamente fé, mas que não lhes teria dado a menor manifestação de si mesmo. E como não é isso que ocorre, mas ao contrário eles teriam arrostado desgraças incontáveis para não renegarem o judaísmo e sua lei e sofrido na Síria, na Pérsia, sob Antíoco, como não é plausível a demonstração para aqueles que se negam a crer nos relatos dos milagres e nas profecias, que não há ficção nenhuma em tudo isso, mas ao contrário um espírito divino residia nas almas puras dos profetas que aceitaram todas as penas pela defesa da virtude, e os incitava a predizer certas coisas em benefício de seus contemporâneos, e outras pela posteridade, mas especialmente a vinda futura de um Salvador ao gênero humano?

4. Assim sendo, como falar de um debate sobre a sombra de um burro, quando judeus e cristãos examinam as profecias nas quais eles creem conjuntamente, para saber se a personagem predita já veio, ou de todo modo não veio, mas se deve esperar ainda por ele? Supondo que se conceda a Celso que Jesus não é aquele que os profetas anunciaram, não é menos verdade que o debate relacionado com o sentido dos escritos proféticos nada tem a ver com a sombra de um burro: o que se pretende é pôr a claro quem é a personagem anunciada antecipadamente, as qualidades que as profecias lhe atribuem, os feitos que realizará, e se possível a data de sua vinda. Já disse acima, ao citar algumas das numerosas profecias que o Cristo predito é Jesus. Portanto, nem os judeus nem os cristãos se enganam ao admitirem a inspiração divina das profecias; mas só se enganam aqueles que sustentam a falsa opinião de que ainda se espera a personagem predita, cuja identidade e origem foram proclamadas pelo discurso verdadeiro dos profetas.

A ruptura com a comunidade de origem

5. Em seguida, Celso imagina que *os judeus, egípcios de raça, teriam abandonado o Egito depois de terem se revoltado contra o Estado egípcio e desprezado as cerimônias religiosas em uso no Egito*, e afirma: *o que eles fizeram aos egípcios, tiveram que suportar da parte daqueles que escolheram o partido de Jesus e nele acreditaram como Cristo. Nos dois casos, a causa da inovação foi a revolta contra o Estado.* Mas devemos destacar aqui o procedimento de Celso. Os egípcios de outrora cobriram de vexames a raça dos hebreus, que por causa de uma fome devastadora na Judeia, tinham vindo ao Egito. E pelos danos causados aos seus hóspedes que lhes dirigiam súplicas, sofreram o castigo que necessariamente devia sofrer da divina Providência toda uma nação unânime em sua hostilidade contra toda a raça de seus hóspedes que nenhum mal lhes haviam praticado. Sob o tacão dos flagelos de Deus, pouco tempo depois, deixaram partir, com pesar, para onde quisessem, os que eles haviam injustamente escravizado. Como egoístas que davam mais importância a qualquer compatriota do que a hóspedes mais virtuosos, não arredaram pé de nenhuma acusação feita contra Moisés e os hebreus: sem negarem os milagres prodigiosos de Moisés, eles os atribuíram à magia, não a um poder divino. Moisés, porém, não era mágico, mas homem piedoso; consagrado ao Deus do universo, tendo parte num espírito divino, instituiu as leis para os hebreus ditadas por Deus e deixou registrados os acontecimentos assim como ocorreram na realidade.

6. Mas Celso, em vez de submeter a uma crítica imparcial os relatos contraditórios dos egípcios e dos hebreus, por prevenção em favor dos egípcios seus preferidos, deu crédito aos autores de injustiças contra seus hóspedes, como se fossem testemunhas verídicas, e afirmou que os hebreus, vítimas de tais injustiças, num acesso de revolta, abandonaram o Egito. Isto significa não enxergar como era impossível para tal multidão de revoltados contra os egípcios, que não tinha outra origem senão a revolta, tornar-se uma nação no próprio momento de sua revolta, e mudar de linguagem, de tal modo que aqueles que até então falavam a língua egípcia adotaram todos de repente a língua hebraica. Mas, suponhamos, como faz ele, que, ao deixarem o Egito, eles viessem a odiar até a própria língua materna: como então não adotaram mais tarde a língua dos sírios e dos fenícios em vez de criar a língua hebraica tão diferente destas? E o que meu argumento quer provar é a falsidade da afirmação de que *egípcios de raça tenham se revoltado contra egípcios, abandonado o Egito e partido para a Palestina para habitarem numa região hoje conhecida como Judeia.* Pois os hebreus, antes de descerem para o Egito, já tinham uma linguagem ancestral, e as letras hebraicas eram diferentes das egípcias, e foram as hebraicas que Moisés usou para escrever os cinco livros que os judeus consideram sagrados.

7. Entretanto, um exame acurado da questão permite afirmar acerca dos que partiram do Egito: é um milagre o fato de todo o povo em massa ter retomado, como um presente de Deus, a língua chamada hebraica; neste sentido, um de seus profetas disse: "Quando saíram da terra do Egito, ele ouviu uma língua desconhecida" (cf. Sl 80,6). E é possível apresentar outra prova de que aqueles que saíram do Egito com Moisés não eram egípcios. Se tivessem sido, seus nomes deveriam ter sido egípcios, pois cada língua tem

suas denominações do mesmo tipo. Mas é claro que não eram egípcios porque seus nomes são hebraicos, uma vez que a Escritura está cheia de nomes hebraicos e de pessoas que no Egito deram tais nomes a seus filhos; é óbvio, portanto, que é falsa a afirmação dos egípcios segundo a qual, embora fossem egípcios, foram expulsos do Egito com Moisés. E não resta a menor dúvida de que sendo sua raça de ancestrais hebreus, de acordo com a história escrita por Moisés, eles falavam uma língua própria com que davam nome a seus filhos.

8. E afirmar que *os hebreus, que eram egípcios, tiveram sua origem numa revolta é tão falso quanto dizer que outros, que eram judeus, se revoltaram, no tempo de Jesus, contra o Estado judeu, e seguiram a Jesus.* Celso e seus adeptos não seriam capazes de mostrar da parte dos cristãos o menor ato de revolta. Ora, se a revolta tivesse dado origem à sociedade dos cristãos, uma vez que eles derivam sua origem dos judeus, aos quais era permitido armar-se para defender seus bens e matar seus inimigos, o Legislador dos cristãos não teria proibido de modo absoluto toda espécie de homicídio. Se ele ensinou que nunca é justa a violência de seus discípulos contra um ser humano, ainda que o mais injusto, é porque ele julgava contrário à inspiração divina de sua legislação autorizar qualquer homicídio. E se os cristãos devessem sua origem a uma revolta, não teriam admitido leis tão pacíficas que às vezes levam-nos à morte "como ovelhas" (cf. Sl 43,23) e os tornam incapazes de jamais se vingarem de seus perseguidores, pois, instruídos a não se vingarem de seus inimigos, observam a lei da mansidão e da caridade. Assim sendo, o que eles não teriam realizado se tivessem tido autorização de combater, mesmo que tivessem sido onipotentes, receberam de Deus que sempre combateu em seu favor e, na hora desejada, conteve os adversários dos cristãos erguidos contra eles, dispostos a destruí-los. Para exemplo dos outros, para que, de olhos voltados para o pequeno número em luta pela religião, se tornassem mais firmes e desprezassem a morte, na hora desejada, um pequeno número, fácil de contar, foi morto pela religião dos cristãos. Mas Deus impedia que todo seu povo fosse exterminado, querendo que subsistisse e toda a terra fosse repleta desse piíssimo e salutar ensinamento. Em seguida, novamente, a fim de permitir aos mais fracos respirar nesta intimidade com a morte, Deus cuidava da salvação dos fiéis crentes, desfazendo, por sua vontade, toda a trama de conspiração urdida contra eles, para que não pudesse se inflamar contra eles o ódio dos reis, dos governadores locais e do povo. Esta é minha resposta à declaração de Celso: *Foi uma revolta a origem da constituição política dos judeus, e mais tarde, da existência dos cristãos.*

9. Como em seguida ele diz uma mentira evidente, vamos citá-lo textualmente: *Se todos os homens quisessem ser cristãos, os cristãos não haveriam mais de querer isto.* A mentira de tais palavras ressalta claramente do fato de que os cristãos, à medida de suas forças, não se descuidam de difundir sua doutrina por toda a terra. Alguns, em todo caso, foram longe percorrendo não só as cidades, mas também as aldeias e sítios para trazerem ainda outros à piedade que a Deus é devida. Não se pode dizer que eles fazem isto para se enriquecer, às vezes deixam de aceitar até o que é necessário à sua subsistência, e se

alguma vez a penúria os força a tanto, contentam-se com o indispensável, ainda que muitos queiram partilhar com eles o que têm de supérfluo. Mas hoje talvez quando, em razão do grande número dos que aderem à doutrina, pessoas ricas, educadas com dignidade, mulheres distintas e de alta estirpe acolhem os mensageiros da doutrina, pode acontecer que alguém diga: é por vanglória que alguns expõem em público a doutrina cristã. Com toda certeza tal desconfiança não se estabeleceu no começo, quando um perigo grave ameaçava principalmente os pregadores. Até mesmo hoje o descrédito em que eles caem junto ao restante dos homens supera seu pretenso crédito junto aos que têm as mesmas crenças, crédito que não é dado a todos. Há, pois, uma mentira flagrante em dizer que se todos os homens quisessem ser cristãos, os cristãos não haveriam de querer isto.

10. Considera igualmente a prova que ele apresenta para isto: *Na origem eram um pequeno número, animados todos do mesmo pensamento; mas logo que se propagam em grande número, dividem-se e separam-se, e cada qual quer ter sua própria facção: a tanto aspiravam desde a origem.* É evidente que, comparados com o grande número que eles seriam mais tarde, os cristãos na origem eram um pequeno número; embora não tivessem sido, sob todos os aspectos, um número tão pequeno. Pois o que provocou a inveja contra Jesus e excitou os judeus a conspirar contra ele foi o grande número dos que o seguiam nos desertos: multidões de quatro a cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças. Tão poderosa era a sedução de suas palavras que não apenas os homens queriam segui-lo nos desertos, mas até as mulheres esqueciam a fraqueza e a reserva femininas ao acompanharem o mestre nos desertos. E as crianças, geralmente tão insensíveis, o acompanhavam com seus pais, ou porque os seguiam, ou porque eram talvez atraídas por sua divindade para receberem a divina semente. Mas devemos concordar que eram pequeno número originalmente: em que isto contribui para provar que os cristãos não queriam fazer nascer em todos os homens a fé no evangelho?

11. Também declara ele que todos eram animados pelo mesmo pensamento. Nem mesmo enxerga que desde a origem houve desacordo entre os crentes sobre a interpretação dos livros considerados divinos. Pelo menos, enquanto os apóstolos ainda pregavam e as testemunhas oculares de Jesus ensinavam o que tinham aprendido dele, surgiu uma discussão importante entre os judeus crentes com relação aos gentios que chegavam ao evangelho: devia-se porventura fazê-los observar os costumes judaicos ou tirar-lhes a obrigação relativa aos alimentos puros e impuros, que não devia abranger aqueles que tinham deixado os costumes antepassados na gentilidade e criam em Jesus (cf. At 10,14; 11,8; 15,28). Além disso, nas cartas de Paulo, contemporâneo dos que haviam visto Jesus, encontramos alusões a certas discussões sobre a questão se a ressurreição tinha acontecido, e se "o dia do Senhor" estava próximo ou distante (cf. 1Cor 15,12s; 2Tm 2,18; 1Ts 5,2). Há também esta passagem: "Evita o palavreado vão e ímpio e as contradições de uma falsa ciência, pois alguns, professando-a, se desviaram da fé" (1Tm 6,20-21; 1,19); ele mostra que desde a origem houve interpretações diferentes, quando os cristãos, nas palavras de Celso, ainda não eram numerosos.

12. Em seguida, numa nova afronta à nossa doutrina, ele nos censura por causa da existência de seitas no seio do cristianismo: "Mal se propagam em grande número, eles se dividem e se separam, e cada qual quer ter sua própria facção." E declara: *Separados novamente por causa de seu grande número, eles se anatematizam uns aos outros; nada mais têm em comum, por assim dizer, a não ser o nome, se é que ainda o têm! Pelo menos é a única coisa que tiveram vergonha de abandonar; de resto, cada qual abraçou uma seita diferente.* A isto respondo: não há disciplina com instituição séria e útil à vida que não tenha visto nascer seitas diferentes. Sendo a medicina útil e necessária ao gênero humano e abordando muitas questões discutidas sobre a maneira de cuidar do corpo, encontramos por este motivo na medicina entre os gregos escolas bem numerosas, como todos atestam; o mesmo sucede, suponho eu, entre os bárbaros, pelo menos entre os que declaram praticar a medicina. Por sua vez, a filosofia, ao prometer a verdade e o conhecimento dos seres, prescreve como se deve viver e procura ensinar o que é útil à nossa raça, enquanto o objeto de suas investigações apresenta grande diversidade; por este motivo, constituíram-se na filosofia escolas tão numerosas, algumas célebres, outras menos. Além disso, o judaísmo deu margem ao nascimento de seitas na interpretação diferente dada aos escritos de Moisés e aos discursos proféticos. Por isso também, quando o cristianismo foi valorizado aos olhos dos homens, não só por causa do ajuntamento de escravos que Celso nele via, mas também por causa dos numerosos sábios gregos, inevitavelmente se formaram seitas, jamais em razão das rivalidades e do espírito de disputa, mas porque também muitos desses sábios procuravam compreender os mistérios do cristianismo. O resultado de suas interpretações das Escrituras, que todos juntos julgavam divinas, foi o surgimento de seitas patrocinadas por autores cuja admiração pela origem da doutrina não tinha impedido de serem incitados de um modo ou de outro, por motivos plausíveis, a opiniões divergentes. Mas não seria razoável fugir da medicina por causa de suas escolas; tampouco seria razoável, quando se tem em vista o melhor, odiar a filosofia alegando para justificar esta antipatia o grande número de suas escolas; igualmente não seria razoável, por causa das seitas do judaísmo, condenar os livros sagrados de Moisés e dos profetas.

13. E havendo a esse respeito um modo de ver coerente, por que não justificar também as seitas entre os cristãos? Paulo me parece ter falado delas de maneira particularmente admirável: "É preciso que haja até mesmo cisões entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós os que são comprovados" (1Cor 11,19). Pois, assim como é necessário para alguém ser aprovado como médico que, depois da experiência adquirida nas diferentes escolas, faça um exame criterioso do grande número delas para escolher a melhor e assim como é preciso para alguém ser filósofo eminente ter conhecimento de muitos sistemas, tê-los assimilado e se filiado ao mais sólido, assim também, direi, é preciso ter esquadrinhado com cuidado as seitas do judaísmo e do cristianismo para ser cristão de ciência bem profunda. E criticar nossa doutrina por causa das seitas seria igualmente criticar o ensino de Sócrates, porque de sua escola se originaram muitas outras com doutrinas divergentes. Além disso, deveríamos criticar as doutrinas de Platão porque Aristóteles deixou de frequentar sua escola para abrir uma nova, como aludimos

acima. Celso, porém, me parece ter tido conhecimento de certas seitas que não têm em comum conosco sequer o nome de Jesus. Talvez tenha ouvido falar dos "ofitas" e "caimitas" ou de qualquer outra seita semelhante que abandonou inteiramente Jesus. Aliás, nada há neste ponto que mereça crítica à doutrina cristã.

14. Depois disto ele declara: *A sociedade que eles formam é admirável porque se pode provar que ela não tem nenhum fundamento sólido. O único fundamento sólido é a revolta, a vantagem que dela se espera e o temor dos estrangeiros: é esta a base de sua fé.* Ao que responderei: nossa sociedade se acha tão bem assentada sobre um fundamento, ou melhor, não sobre um fundamento, mas sobre a ação de Deus, que ela tem por origem a Deus que ensina aos homens, nos profetas, a esperar a vinda de Cristo para salvar os homens. Na medida em que isto não é realmente refutado, apesar das refutações aparentes dos não cristãos, nesta mesma medida fica estabelecido que esta doutrina é a doutrina de Deus, e fica demonstrado que Jesus é o Filho de Deus antes e depois de sua encarnação. Mas continuo afirmando, mesmo depois de sua encarnação, ela não deixa de ser descoberta pelos que têm os olhos da alma muito penetrantes como a mais divina, que de fato desceu de Deus até nós, e não se pode deduzir da inteligência humana sua origem e evolução, e sim unicamente da aparição sensível de Deus que, na variedade de sua sabedoria e de seus milagres, estabeleceu primeiro o judaísmo e depois deste o cristianismo. Dessa forma fica refutada a afirmação que é preciso considerar a revolta e a vantagem que desta se espera como o princípio da doutrina pela qual tantos homens se convertem e se tornam melhores.

15. A prova de que tampouco "é o temor dos estrangeiros" que mantém nossa sociedade está no fato de que, pela vontade de Deus, ele deixou de existir há muito tempo. Mas é provável que acabe a segurança em prol da vida de que gozam os cristãos, quando novamente os que caluniam de todos os meios nossa doutrina pensarem que a revolta, levada ao ponto em que se encontra, tem sua causa no grande número dos crentes e no fato de que eles não são perseguidos pelos governadores como outrora. Pois o evangelho nos ensina a não afrouxar nem nos entregarmos à moleza em tempo de paz, e, na guerra que o mundo nos move, a não perder a coragem e não nos afastarmos do amor que em Jesus Cristo temos ao Deus do universo. Portanto, mostramos claramente o caráter sagrado de nossa origem, em vez de escondê-lo como julga Celso: pois inspiramos aos que acabam de ser iniciados o desprezo pelos ídolos e por todas as imagens e, além disso, erguendo seus pensamentos, levando-os a servir mais a Deus do que às criaturas, fazemo-los subir ao Criador do universo. Colocamos em plena luz Aquele que foi profetizado pelas profecias a seu respeito, que são numerosas, ou pelos evangelhos e pelas palavras dos apóstolos cuidadosamente transmitidas pelos que são capazes de compreendê-las a fundo.

Antiga tradição e mistérios do Egito

16. Mostre quem quiser que *ajuntamento será este que atraímos nós, que contos*

apavorantes forjamos nós, como escreve Celso sem provar! A não ser que, ao falar de contos apavorantes que forjamos, Celso entenda este ensinamento: que Deus é juiz e que os homens são julgados por todas as suas ações, o que afirmamos de maneira variada baseados nas Escrituras como também na razão plausível. No entanto, é verdade, pois amo a verdade, que Celso declara pelo final: "Deus nos guarde, a eles, a mim e a todo ser humano de rejeitar a doutrina de que os injustos serão punidos e os justos julgados dignos de recompensa." Mas se excetuarmos a doutrina do juízo, quais são então estes contos apavorantes que forjamos para atrair os homens? E como ele diz que, *forjando as deformações da antiga tradição, começamos a atordoar os homens aos sons da flauta e da música, como os que batem o tambor em volta das pessoas que são iniciadas nos ritos dos coribantes,* eu lhe responderei: as deformações de que antiga tradição? Da tradição grega, que ensinou também a existência de tribunais debaixo da terra? Da tradição judaica, que predisse entre outras coisas a existência de uma vida que continua depois desta? Ele seria totalmente incapaz de provar que deformamos a verdade, todos nós, pelo menos os que se esforçam por ter uma fé refletida, quando consagramos nossa vida a tais doutrinas.

17. Em seguida, ele pretende comparar nossa fé com a religião dos egípcios, *entre os quais, à primeira vista, encontramos magníficos recintos e bosques sagrados, vestíbulos imensos e belos, templos admiráveis cercados de imponentes peristilos, cerimônias marcadas de respeito e mistério; mas logo que entramos e penetramos em seu interior, aí contemplamos como objeto de adoração um gato, um macaco, um crocodilo, um bode, um cão.* Mas, que semelhança há entre a majestade exterior oferecida à primeira vista pelos egípcios e aquilo que encontramos entre nós? Que semelhança com estes animais irracionais que atrás destes vestíbulos veneráveis são objetos de adoração no interior do templo? Deveremos pensar que as profecias, o Deus supremo, o desprezo aos ídolos são o que, na sua opinião, é venerável, mas que Jesus Cristo crucificado corresponde ao animal irracional que é adorado? Se este é seu pensamento, e não creio que ele diria outra coisa, responderei que provei fartamente acima que, por Jesus, mesmo o que parece humanamente como sua desgraça foi um benefício para o universo e a salvação do mundo todo.

18. A seguir, a propósito das práticas dos egípcios, que falam com respeito mesmo dos animais irracionais e afirmam que eles são símbolos da divindade, ou qualquer outro título que seus profetas julguem bom atribuir-lhes, ele diz: *Elas provocam entre os que adquiriram este saber a impressão de que sua iniciação não foi em vão.* Quanto às verdades que apresentamos aos que têm um conhecimento aprofundado do cristianismo nos discursos feitos sob a influência daquilo que Paulo chama "dom espiritual", no discurso de sabedoria "graças ao Espírito", no discurso de ciência "segundo o Espírito" (cf. 1Cor 12,8), Celso parece não ter a menor ideia de tudo isso. Constatamos este fato, não só pelo que ele acaba de dizer, mas também pela acusação que ele lança contra a sociedade dos cristãos, ao afirmar que eles excluem os sábios da doutrina de sua fé, mas se contentam com atrair os ignorantes e escravos; é o que veremos oportunamente ao

tratar deste assunto.

19. Ele afirma que *zombamos dos egípcios. No entanto, eles propõem muitos enigmas que não merecem desprezo, pois ensinam que são homenagens prestadas não a animais efêmeros, como julga o povo, mas a ideias eternas. Ao passo que é uma tolice não introduzir nas explicações sobre Jesus o que há de mais venerável como são os bodes e os cães do Egito.* Ao que eu responderei: tens razão, meu caro, de ressaltar em teu discurso que os egípcios propõem muitos enigmas que não merecem desprezo, e explicações obscuras sobre seus animais; mas andas errado quando nos acusas em tua persuasão que nós só dizemos tolices desprezíveis ao discutirmos a fundo os mistérios de Jesus, segundo a sabedoria do Logos, com os que são perfeitos no cristianismo. Paulo ensina que tais pessoas são capazes de compreender a sabedoria do cristianismo quando diz: "No entanto, é realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos, sabedoria que não é deste mundo nem dos príncipes deste mundo, votados à destruição. Ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta, que Deus, antes dos séculos, de antemão destinou para nossa glória. Nenhum dos príncipes deste mundo a conheceu" (1Cor 2,6-8).

20. Pergunto aos que concordam com a opinião de Celso: Será que Paulo não tinha nenhuma ideia de uma sabedoria superior quando reconhecia publicamente a "sabedoria entre os perfeitos"? E como ele me responderá com sua habitual audácia que Paulo podia fazer esta declaração sem ter a menor sabedoria, eu lhe replicarei: começa por examinar as cartas deste autor, presta bem atenção no sentido das expressões que se encontram, por exemplo, nas cartas aos Efésios, aos Colossenses, aos Tessalonicenses, aos Filipenses, aos Romanos, e mostra ao mesmo tempo duas coisas: que compreendeste bem as palavras de Paulo, e que podes provar que há algumas que não passam de miseráveis tolices. De fato, se ele se esforçar por fazer uma leitura atenta, tenho certeza que ou há de admirar o espírito deste homem que exprime ideias geniais numa língua comum ou, recusando-se a admirar, se cobrirá de ridículo, que exponha em que sentido ele compreendeu o autor, ou que tente contradizer e refutar aquilo que imagina ter compreendido.

21. Não falo ainda de um exame aprofundado de todo o texto dos evangelhos. Cada um deles encerra uma doutrina complexa e difícil de penetrar, não só para os leitores comuns, mas até para pessoas de formação: por exemplo, a explicação das parábolas que Jesus conta para "os de fora", reservando seu significado claro aos que já passaram pelo estágio dos ensinamentos exotéricos e se aproximam dele em particular "dentro de casa" (cf. Mc 4,11). Ficaremos admirados ao compreendermos por que se diz que alguns estão "de fora" e outros estão "dentro de casa". E que emoção tem aquele que é capaz de considerar os diversos aspectos de Jesus, quando ele sobe a montanha para certos discursos ou certas ações, ou para a sua transfiguração, ou quando, já na planície, cura os doentes que não podem subir aonde seus discípulos o seguem. Mas não é lugar aqui para expormos o que os evangelhos têm de verdadeiramente venerável e divino, nem o pensamento de Cristo, quer dizer, da Sabedoria e do Logos, manifestada em Paulo. Eis

aí o que basta para respondermos à zombaria de Celso, indigna de um filósofo, que ousa equiparar os mais profundos mistérios da Igreja de Deus aos gatos, aos macacos, aos crocodilos, aos bodes e aos cães do Egito.

O culto de Jesus e os cultos dos heróis

22. Mas, para não omitir nenhuma espécie de difamação e zombaria, esse bufão que é Celso, em seu discurso contra nós, menciona *os Dióscuros, Héracles, Asclépio e Dioniso*, homens que se tornaram deuses de acordo com a crença grega. Diz ele que *não suportamos que sejam considerados como deuses, porque eram homens antes de tudo, apesar dos múltiplos e generosos serviços prestados à humanidade; mas afirmamos que Jesus, depois de sua morte, apareceu a seus sequazes.* E reforça a acusação: *Apareceu em pessoa, dizem eles; entendei bem: sua sombra.* Responderei que esta é uma das habilidades de Celso: não mostra claramente que ele não os adora como deuses, para poupar a opinião de seus leitores que o teriam na conta de ateu se proclamasse o que lhe parece verdade; até finge não os conhecer como deuses. Nos dois casos teríamos como responder-lhe.

Aos que se negam a considerá-los como deuses podemos então dizer: será que eles não existem mesmo e, conforme o pensamento de alguns sobre a destruição imediata da alma humana, a alma deles também é destruída? Ou então, conforme a opinião dos que afirmam sua sobrevivência ou imortalidade, será que eles sobrevivem de fato, imortais, não como deuses mas como heróis? Ou sem ser mesmo heróis, serão simplesmente almas? Mas, se pensais que eles não são mais, deveremos afirmar a doutrina da alma, que é de máxima importância. Mas se eles existem, não será menos necessário demonstrar a doutrina da imortalidade, não só por aquilo que os gregos disseram com muita razão, mas também pelo conteúdo dos ensinamentos divinos. Mostrarei que é impossível que tais homens tenham chegado à categoria dos deuses e se encontrem, depois de sua partida deste mundo, num lugar e numa condição superiores, quando lemos a respeito deles as histórias que descrevem a licenciosidade desenfreada de Héracles e seu cativeiro de homem efeminado junto à rainha Ônfale, e a maneira como Asclépio teria sido fulminado pelo raio de Zeus. Sobre os Dióscuros citaremos estes versos: "Ora estão vivos, um dia de dois, ora estão mortos: gozam a mesma honra dos deuses", eles que morrem continuamente. Como será possível então admitir razoavelmente um deles como deus ou herói?

23. Nós, porém, mostraremos a verdade sobre nosso Jesus pelos testemunhos dos profetas, depois, comparando sua história com as deles, mostraremos que nenhuma licenciosidade se conta a seu respeito. Aqueles que por inimizade contra ele tinham procurado "um falso testemunho" para acusá-lo de má conduta não conseguiram encontrar qualquer fundamento plausível a este "falso testemunho" (cf. Mt 26,59s). Além disso, sua morte, resultado da conspiração dos homens, nada teve de comparável à morte fulminante de Asclépio. E o que tem de venerável o frenesi de Dioniso em suas vestes femininas para que possam as pessoas adorá-lo como deus? Se os defensores de

tais lendas procuram refúgio na alegoria, é preciso examinar, de um lado, se se trata de alegorias válidas e, de outro, se seres despedaçados pelos Titãs e precipitados do trono celeste podem ter uma existência real e merecer as honras e a adoração. Mas nosso Jesus, para usarmos a expressão de Celso, ao aparecer a seus próprios sequazes, apareceu realmente, e Celso calunia o evangelho dizendo que apareceu como uma sombra. Entretanto, comparemos as histórias de tais heróis com a de Jesus! Será que Celso pretende que as primeiras são verdadeiras e as outras são ficções? Mas elas encerram os pormenores referidos pelas testemunhas oculares que mostraram por sua conduta uma clara compreensão daquele que eles tinham contemplado e manifestaram sua disposição pelo ardor de sofrer por sua doutrina. Como seria responder à intenção de agir em tudo razoavelmente o admitir levianamente as histórias dos heróis e, quanto à de Jesus, atirar-se sem investigação na incredulidade?

Asclépio

24. E quando se diz a respeito de *Asclépio, que grande multidão de homens, gregos e bárbaros, reconhece tê-lo visto muitas vezes e ainda o vê, não como fantasma, mas curando, fazendo o bem, predizendo o futuro*, Celso nos pede que acreditemos, e não nos critica como fiéis de Jesus quando acreditamos em tais testemunhos. Mas Celso nos trata como idiotas, quando afirmamos nossa fé nos discípulos de Jesus, testemunhas de seus prodígios, que manifestaram claramente a pureza da sua consciência, porque vemos sua franqueza, enquanto é possível julgar com uma consciência orientada por documentos escritos. Aliás, ele consegue perfeitamente mostrar, como diz, a incontável multidão de homens, gregos e bárbaros, que reconhecem Asclépio. Nós, porém, podemos mostrar claramente, caso ele dê importância a isso, a multidão incontável de homens, gregos e bárbaros, que reconhecem Jesus. E alguns deles manifestam, nas curas que operam, o sinal de que receberam, graças à sua fé, um poder milagroso, pois invocam sobre os que lhes pedem a cura apenas o Deus supremo e o nome de Jesus acrescentando à sua invocação a história dele. Por meio deles, eu mesmo vi pessoas libertas de graves doenças, alucinações, demências e uma infinidade de outros males que nem homens nem demônios tinham conseguido curar.

25. E ainda que eu acreditasse que um demônio médico, chamado Asclépio, curasse os corpos, diria aos que admiram este poder como a faculdade divinatória de Apolo: a arte de curar os corpos é coisa diferente, dom que pode caber aos bons como aos maus; indiferente também a previsão do futuro, pois o vidente não manifesta necessariamente qualquer virtude. Vamos supor então que estes curadores e videntes não tenham qualquer maldade, que, de qualquer forma, provam que são pessoas de virtude e não estão longe de serem considerados como deuses. Mas não poderão mostrar esta virtude dos curadores e dos videntes, pois muitas pessoas indignas de viver, como se relata, foram curadas por algum médico sábio, apesar da vida desordenada que estas levavam.

Mesmo nos oráculos da Pítia apolínea podemos encontrar ordens irracionais. Cito dois exemplos. Apolo ordenou que Cleomedes, pugilista penso eu, recebesse as honras

divinas, como se ele visse não sei que de venerável na arte do pugilato; mas não atribuiu nem a Pitágoras nem a Sócrates as mesmas honras que concedeu a este pugilista. Além disso, chamou de "servo das Musas" a Arquíloco, autor que manifesta seu talento poético num assunto de extrema grosseria e despudor, e revelou um caráter imoral e impuro: ao qualificá-lo de "servo das Musas" que são consideradas deusas, ele proclamava a sua piedade. Mas não sei se qualquer pessoa chamaria de piedoso o homem que não está ornado de toda moderação e virtude, e se um homem honesto ousaria repetir o que exprimem os jambos inconvenientes de Arquíloco. Mas, se é notório que nada de divino caracteriza a medicina de Asclépio e a adivinhação de Apolo, como adorá-los razoavelmente como puras divindades, mesmo admitindo os fatos? E principalmente quando Apolo, espírito adivinhador puro de toda corporalidade terrestre, se introduz pelo sexo na profetisa sentada na abertura da gruta de Píton. Nada de semelhante acreditamos sobre Jesus e seu poder: seu corpo, nascido da Virgem, era constituído de matéria humana, apta a sofrer ferimentos e morte dos homens.

Aristeias do Proconeso

26. Vejamos ainda o que Celso diz a seguir, extraindo das histórias prodígios que por si mesmos parecem inacreditáveis, mas aos quais ele não recusa sua fé, a julgar ao menos pela maneira como ele exprime. Eis em primeiro lugar os de Aristeias do Proconeso a respeito dos quais ele afirma: *Em seguida, Aristeias, depois de ter desaparecido tão milagrosamente aos olhos dos homens, apareceu de novo claramente e bem mais tarde visitou várias regiões da terra e contou coisas espantosas: apesar da recomendação de Apolo aos habitantes do Metaponto de colocar Aristeias na categoria dos deuses, já não existe ninguém que acredite nele como deus.* Parece que ele tirou a história de Píndaro e Heródoto. Mas basta citar aqui a passagem de Heródoto que encontramos no quarto livro das *Histórias*: "Eu disse de onde era Aristeias, autor deste poema. Direi o que ouvi contar a seu respeito no Proconeso e em Cízico. Dizem que Aristeias não era inferior a nenhum concidadão pela nobreza de sua família. Morreu ao entrar na oficina de um pisoeiro, no Proconeso; o pisoeiro, depois de cerrar as portas de seu atelier, pôs-se a caminho para avisar os parentes do defunto. A notícia da morte de Aristeias já se espalhara na cidade, quando um homem que vinha da cidade de Atarké começou a contestar aos que propagavam o rumor: dizia ter encontrado Aristeias ao se dirigir a Cízico e conversado com ele. No momento em que ele sustentava vigorosamente o que dizia frente a seus contraditores, os parentes do falecido foram até à oficina do pisoeiro com uma padiola para levarem o corpo; abriram a casa, e não viram Aristeias nem morto nem vivo. Sete anos depois, ele teria aparecido no Proconeso, composto este poema que os gregos agora chamam de Arismaspeias, e depois de composto o poema, teria desaparecido pela segunda vez. É o que se conta nestas duas cidades. E eis o que vim a saber ter acontecido aos habitantes do Metaponto, na Itália, 240 anos depois do segundo desaparecimento de Aristeias, enquanto meus cálculos no Proconeso e Metaponto me permitiram reconhecê-lo. Os metapontinos dizem que Aristeias em pessoa lhes apareceu

em sua terra, lhes ordenou erguer um altar a Apolo e erigir ao lado deste altar uma estátua com o nome de Aristeias do Proconeso; e lhes teria dito que eles eram os únicos italiotas entre os quais Apolo teria vindo até então; e que ele, que no presente era Aristeias, o tinha acompanhado; naquele tempo, quando acompanhava o deus, ele era um corvo. Tendo dito isto, desapareceu, e os metapontinos, segundo dizem, mandaram consultar o Apolo de Delfos sobre o que pensar da aparição deste homem. A Pítia lhes teria aconselhado obedecer à aparição, pois se obedecessem ficariam melhor. E eles, tendo acolhido com fé esta resposta, ter-se-iam conformado com ela. De fato, uma estátua que leva o nome de Aristeias se ergue hoje perto do monumento dedicado a Apolo; em volta, há loureiros e o monumento está erigido no lugar. Mas chega de Aristeias."

27. A esta história de Aristeias devemos responder: se Celso a tivesse citado como uma história sem indicar que tinha-a aceito como verdadeira, outra teria sido minha resposta a seu argumento. Mas afirmando que Aristeias, depois de ter desaparecido milagrosamente, apareceu de novo claramente, visitou diversas regiões da terra e contou coisas espantosas, e além disso, citando com apoio em sua própria autoridade e aprovando o oráculo de Apolo que recomendou aos metapontinos colocar Aristeias na categoria dos deuses, eis o argumento que lhe tenho a opor: tu, que não vês senão ficções nos milagres que os discípulos de Jesus contam a respeito dele, como acusas os outros de acreditarem sem fundamento racional nos milagres de Jesus, como podes dar a impressão de dar fé a histórias desse quilate sem dar a seu respeito a menor demonstração nem a prova de que elas realmente ocorreram? Crês que Heródoto e Píndaro são capazes de mentir, ao passo que aqueles que se expuseram à morte pelos ensinamentos de Jesus e deixaram para a posteridade sobre o objeto de sua fé escritos deste valor arrostariam o duro combate de uma vida precária e de uma morte violenta em defesa, como dizes, de ficções, mitos e sortilégios? Aceita ser imparcial entre os relatos sobre Aristeias e a história de Jesus, e ante os resultados benéficos para a reforma dos costumes e a piedade para com o Deus supremo, julga se não cabe dizer com propriedade: é preciso crer na ação de Deus envolvida na história de Jesus, e de modo algum na de Aristeias do Proconeso.

28. Com que intuito a Providência teria permitido os prodígios de Aristeias, que utilidade para o gênero humano teria ela em vista na exibição dessas maravilhas que lhe fazes, não podes dizer! Nós, ao contrário, quando contamos a história de Jesus, damos à sua realidade uma justificação válida: a vontade de Deus de formular por meio de Jesus a doutrina que salva os homens; doutrina que se alicerca nos apóstolos como fundamentos do edifício do cristianismo em sua fundação, mas que se desenvolve nos tempos posteriores em que se realizam, em nome de Jesus, muitas curas e outras manifestações importantes.

Além disso, quem é este Apolo que recomenda aos metapontinos colocar Aristeias na categoria dos deuses? Com que intenção faz isso, que benefício visa ele para os metapontinos com estas honras divinas, supondo-se que eles ainda considerem como deus aquele que outrora era apenas homem? Deste Apolo que, para nós, é demônio a quem cabem "libação e cheiro de gorduras", as recomendações sobre Aristeias te

parecem merecer considerações; ao passo que as do Deus supremo e de seus santos anjos, proclamadas graças aos profetas não depois do nascimento de Jesus, mas antes de ele vir partilhar a vida humana, não te incitam a admirar nem estes profetas capazes de receber o espírito divino, nem Aquele que eles profetizam? Sua vinda a este mundo foi proclamada muitos anos antes por muitos profetas a tal ponto que a nação inteira dos judeus, suspensa na expectativa d'Aquele cuja vinda ela esperava, se transformou numa controvérsia depois da vinda de Jesus. Grande número reconheceu a Cristo e acreditou que ele era aquele que os profetas anunciavam. Os outros, incrédulos, desprezaram a brandura dos que, seguindo os ensinamentos de Jesus, recusaram-se a despertar a menor revolta; e ousaram contra Jesus as crueldades que os discípulos descreveram com sinceridade leal, sem cortar secretamente da história milagrosa o que, aos olhos da maior parte, poderia se transformar em vergonha da doutrina cristã.

O próprio Jesus e seus discípulos queriam de fato que seus adeptos não acreditassem apenas na sua divindade e nos seus milagres, como se não tivesse participado da natureza humana e assumisse esta carne que entre os homens tem "aspirações contrárias ao espírito" (Gl 5,17). Mas eles viam também que o poder que desceu até à natureza e às vicissitudes humanas, e assumiu alma e corpo humano, contribuiria para a salvação dos que creem, porque ele é objeto de fé como também as realidades divinas. Os cristãos veem que com Jesus a natureza divina e a natureza humana começaram a se entrelaçar, para que a natureza humana, pela participação na divindade, seja divinizada, não só em Jesus mas também naqueles todos que, com fé, adotam o gênero de vida que Jesus ensinou e eleva até à amizade por Deus e à comunhão com ele quem vive conforme os preceitos de Jesus.

Igrejas e assembleias

29. Apolo, então, segundo Celso, queria que os metapontinos colocassem Aristeias na categoria dos deuses. Mas os metapontinos acharam que a evidência de que Aristeias era homem, e provavelmente sem virtude, sobrepujava o oráculo que o proclamava deus ou digno das honras divinas; por isso recusaram-se a obedecer a Apolo, e assim ninguém considera Aristeias como deus. Mas de Jesus podemos dizer: era útil ao gênero humano recebê-lo como Filho de Deus, do próprio Deus que veio a este mundo e assumiu alma e corpo humanos; mas isto parecia prejudicial à gula dos demônios que gostam dos corpos e àqueles que os têm na conta de deuses; por isso os demônios terrestres, considerados como deuses pelos que ignoram sua natureza, juntamente com seus servidores, quiseram impedir a divulgação do ensinamento de Jesus, pois viam que haveriam de cessar as libações e o cheiro de gorduras que lhes são tão agradáveis, se o ensinamento de Jesus prevalecesse. Mas Deus, que enviara Jesus, frustrou toda a conspiração dos demônios. Fez com que o evangelho de Jesus triunfasse no mundo inteiro pela conversão e reforma dos homens, por toda parte constituiu igrejas em oposição às assembleias dos supersticiosos, desordenados e injustos: pois tais são as multidões que por toda parte constituem as assembleias políticas dos cidadãos. E as igrejas de Deus, instruídas por

Cristo, se as compararmos às assembleias do povo com as quais se parecem, "brilham como astros no mundo" (Fl 2,15). Quem pois se recusaria a admitir que mesmo os membros menos bons destas igrejas, inferiores, em comparação com os perfeitos, são bem superiores aos membros dessas assembleias políticas?

30. Assim, por exemplo, a igreja de Deus de Atenas é pacífica e ordenada em seu desejo de agradar ao Deus supremo; enquanto a assembleia dos atenienses é tumultuosa sem nenhuma relação com aquela igreja de Deus. O mesmo se pode dizer da igreja de Deus de Corinto e da assembleia do povo de Corinto e, até mesmo, da igreja de Deus de Alexandria e da assembleia do povo de Alexandria. Sabendo disso, qualquer espírito criterioso que examine sinceramente os fatos ficará admirado com Aquele que teve a decisão e o poder de estabelecer por toda parte igrejas de Deus vivendo lado a lado em cada cidade com a assembleia do povo. Da mesma forma, comparando o conselho da Igreja de Deus com o senado de cada cidade, verificaremos que certos membros do Conselho da Igreja, se for uma cidade de Deus no universo, merecem nele exercer o poder, ao passo que os senadores de toda parte nada apresentam em seus costumes que os torne dignos da autoridade maior pela qual eles parecem dominar os cidadãos. Da mesma forma enfim, devemos comparar o chefe da igreja de cada cidade com o governante político, para observarmos que até entre os membros do conselho e os chefes da igreja que, por sua vida indolente, são inferiores aos mais ativos, podemos discernir em geral um progresso em direção das virtudes que supera os costumes dos senadores e governantes das cidades.

Ábaris, o Hiperbóreo

31. Diante desses fatos, como não é lógico pensar que Jesus, que pôde realizar tão grande obra, tinha em si qualidade divina excepcional, e não Aristeias do Proconeso, ainda que Apolo queira colocá-lo na categoria dos deuses, nem aqueles que Celso enumera. Diz ele: *Ninguém considera como deus a Ábaris, o Hiperbóreo, dotado do prodigioso poder de ser carregado sobre uma flecha*. Com que intenção a divindade, se concedeu ao Hiperbóreo Ábaris o favor de ser carregado sobre uma flecha, lhe outorgou semelhante dom? Que benefício teve com isso o gênero humano? E que vantagem teve este Ábaris de ser carregado sobre uma flecha? E tudo isso, admitindo-se que não houve nenhuma ficção no caso, mas o resultado da ação de um demônio. Mas quando dizemos que meu Jesus foi "exaltado na glória" (1Tm 3,16), vejo a economia providencial: pela realização desta maravilha Deus lhe dava patente de Mestre no espírito dos que o tinham contemplado, a fim de levá-los a combater com todas as suas forças não em defesa de conhecimentos humanos, mas em defesa dos ensinamentos divinos, levá-los a se consagrar ao Deus supremo e a fazer tudo para agradá-lo, para receber segundo seus méritos no tribunal de Deus a sanção do bem e do mal feitos nesta vida.

O herói de Clazômenas

32. Como Celso lembra em seguida a história do herói de Clazômenas e afirma: *Não se conta por toda parte que sua alma evadia-se frequentemente de seu corpo para vaguear de um lado para outro incorpórea? Entretanto, os homens não o consideraram como deus, eu replico:* é possível que demônios perversos tenham tramado para que estes prodígios fossem escritos — pois não penso que tenham chegado a se concretizar — para que as profecias sobre Jesus e seus ensinamentos fossem atacados como ficções do mesmo gênero que aquelas, ou então que, sem nada mais ter que as outras, elas não suscitassem nenhuma admiração. Mas o meu Jesus dizia acerca da separação de sua alma e do corpo, não movido por necessidade humana, mas em virtude do poder milagroso que lhe tinha sido dado para este fim: "Ninguém tira minha alma de mim, mas eu a dou livremente. Tenho o poder de entregá-la e poder de retomá-la" (Jo 10,18). E como tinha o poder de entregá-la, ele a entregou quando disse: "Meu Pai, por que me abandonaste?", e, "tornando a dar um grande grito, entregou o espírito" (Mt 27,46.50), adiantando-se assim aos carrascos encarregados do suplício que quebravam as pernas dos crucificados, para que o castigo não o fizesse sofrer por muito tempo. Mas ele retomou "sua alma" quando se manifestou a seus discípulos, conforme a predição feita em sua presença aos judeus incrédulos: "Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei". Mas "ele falava do templo de seu corpo" (Jo 2,19.21), pois os profetas o haviam anunciado antecipadamente nesta passagem entre muitas outras: "Minha carne repousa em segurança; pois não abandonarás minha vida no Xeol, nem deixarás que teu fiel veja a cova" (Sl 15,9-10).

Cleomedes de Astipaleia

33. Para mostrar que leu muitas histórias gregas, Celso cita ainda a de Cleomedes de Astipaleia, e conta: *Este entrou num cofre, fechou-se dentro, e ninguém pôde mais encontrá-lo aí de novo, mas ele evaporou-se por uma providência milagrosa, quando vieram quebrar o cofre para o prenderem.* Esta história, se não for uma ficção como parece, nem se compara com a de Jesus; pois a vida destes homens não apresenta nenhuma prova da divindade que lhe é atribuída, enquanto a de Jesus tem como provas as igrejas dos que ele socorreu, as profecias feitas a seu respeito, as curas realizadas em seu nome, o conhecimentos desses mistérios na sabedoria e na razão que encontramos naqueles que procuram sobrepujar a fé simples e perscrutar o sentido das Escrituras; pois esta é a ordem de Jesus: "Perscrutai as Escrituras" (cf. Jo 5,39), tal é a intenção de Paulo que ensinou que devemos "saber responder a cada um" como convém, e a de outro autor que diz: "Estai sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede" (1Pd 3,15). Mas Celso quer que concordemos com ele que se trata de uma ficção: cabe a ele dizer qual a intenção do poder sobre-humano que fez Cleomedes desaparecer do interior do cofre por uma providência milagrosa. Pois se ele apresenta desse favor concedido a Cleomedes uma razão válida e uma intenção digna de Deus, julgaremos a respeito da resposta a lhe dar. Mas se ele fica embaraçado em dar a menor razão plausível, porque, evidentemente, esta razão é impossível de encontrar, ou se

concorda com os que se recusaram admitir esta história, provaremos sua falsidade, ou então diremos que ao fazer desaparecer o homem de Astipaleia, um demônio pregou uma peça semelhante aos feiticeiros e iludiu as vistas; e isso contra Celso que pensou que um oráculo divino tinha declarado que ele se havia evaporado do cofre por uma providência milagrosa.

Outros exemplos

34. Penso que são os únicos heróis conhecidos de Celso. E parecendo que desconsidera propositalmente os casos análogos, afirmou: *Poderíamos citar muitos outros do mesmo tipo.* Tudo bem! Admitamos que tenha havido muitos heróis do mesmo tipo dos quais o gênero humano não tirou nenhuma compensação: que encontraríamos entre eles que seja comparável à obra de Jesus e a seus milagres, de que falei extensamente?

Depois disso Celso pensa que *nosso culto a este prisioneiro,* como diz, *condenado à morte é semelhante à veneração de Zamolxis na terra dos getas, de Mopso na Cilícia, de Anfíloco na Acarnânia, de Anfiarau em Tebas, de Trofônio em Lebadia.* Também aí o convenceremos de ter equiparado sem razão nosso culto ao de outros povos que ele menciona. Eles ergueram templos e estátuas às personagens que enumera; nós, porém, negamos à divindade a honra prestada mediante tais procedimentos: são mais apropriados aos demônios, fixados, não sei como, num lugar determinado que escolheram antecipadamente, ou que parecem habitar, atraídos por encantamentos ou sortilégios. Admiramos Jesus que afastou nosso espírito de tudo que é sensível, não só corruptível mas destinado a ser corrompido, para elevá-lo e torná-lo capaz de prestar honra ao Deus supremo por um caminho reto acompanhado de orações; nós lhe apresentamos estas orações por Aquele que, sendo mediador entre a natureza do Não-gerado e a de todas as criaturas, nos traz os benefícios do Pai e, ao mesmo tempo, à maneira do sumo sacerdote, transporta nossas orações até o Deus supremo.

35. Mas respondendo a tais palavras, ocasionadas não sei por quê, gostaria de lhe fazer as seguinte perguntas cabíveis: não terão então nenhuma realidade os que enumeraste? E não existe nenhum poder nem em Lebadia para Trofônio nem no templo de Anfiarau em Tebas, nem na Acarnânia para Anfíloco, nem na Cilícia para Mopso? Ou haverá nestes santuários algum demônio, herói ou deus, para realizar estas obras que ultrapassam o poder do homem? Se não houver nada mais, nem demônio, nem deus para estes santuários, que pelo menos então externe sua opinião pessoal: como epicureu, ele não admite as mesmas doutrinas que os gregos, nem reconhece a existência dos demônios, nem mesmo honra os deuses como os gregos. E daremos a prova de que errou ao introduzir os exemplos anteriores, como se admitisse sua autenticidade, e os que ele apresenta em seguida. Mas se ele professa que os que enumerou são demônios, heróis ou mesmo deuses, veja que estabelece pelo que diz aquilo que rejeita, isto é: que Jesus também era um ser da mesma natureza, e que por isso ele teve o poder de se apresentar a muitos homens como vindo ao gênero humano da parte de Deus. E vê se esta primeira concessão não deve forçá-lo a reconhecer em Jesus mais força do que naqueles entre os

quais ele o colocou. Nenhum deles, de fato, proíbe o culto prestado aos outros; mas Ele, muito seguro de si mesmo, porque é mais forte do que todos, proíbe reconhecê-los como deuses, porque são demônios maus que se apossaram de lugares terrestres, em sua incapacidade de atingir as regiões puras e divinas onde não chegam as rudezas da terra e seus incontáveis males.

Antínoo

36. Fala então do *delicado Adriano* — refiro-me ao adolescente Antínoo — e das *honras que lhe são prestadas* na cidade do Egito chamada Antinoópolis, e acha que elas *em nada diferem de nosso culto a Jesus*. Pois bem! Vamos refutar esta objeção ditada pelo ódio. Que relação pode haver entre Jesus que veneramos e a vida do delicado Adriano, que nem soube guardar sua virilidade de uma sedução feminina mórbida? Contra Jesus, nem os que lhe lançaram mil acusações e dispararam tantas mentiras puderam alegar a menor ação licenciosa. Além disso, se submetêssemos a estudo sincero e imparcial o caso de Antínoo, descobriríamos os encantamentos e sortilégios na origem de seus pretensos prodígios em Antinoópolis, mesmo depois de sua morte. Conta-se que, em outros templos, a conduta seguida pelos egípcios e por outros peritos em feitiçaria é esta: fixam em certos lugares demônios para pronunciar oráculos, curar, e muitas vezes levar à desgraça os que pareceram transgredir as proibições referentes a alimentos impuros e ao contato com cadáveres humanos; querem assim amedrontar a multidão dos incultos. E aquele que em Antinoópolis no Egito é considerado como deus aparece desta forma: suas virtudes são invenções mentirosas de pessoas que vivem de astúcias, enquanto outras, enganadas pelo demônio que mora neste lugar, e outras, vítimas de sua consciência frágil, imaginam pagar um resgate divinamente desejado por Antínoo! Eis os mistérios que eles celebram e seus pretensos oráculos! Que diferença enorme com relação aos de Jesus! Não, não é uma reunião de feiticeiros que, para satisfazer uma ordem de um rei ou a prescrição de um governante, decidiram fazer dele um deus. Mas o próprio Criador do universo, pelo efeito do poder persuasivo de sua palavra milagrosa, o constituiu digno do culto não só de todo homem que procura a sabedoria, mas também dos demônios e de outros poderes invisíveis. Até hoje estes mostram que temem o nome de Jesus como o de ser superior, ou lhe obedecem com respeito como a seu chefe legítimo. Se ele não fora constituído assim pelo favor divino, os demônios não se retirariam sem resistência de suas vítimas apenas pela invocação de seu nome.

37. Os egípcios, formados no culto de Antínoo, permitiriam que ele fosse comparado a Apolo ou Zeus, pois é honrá-lo colocá-lo na mesma categoria. No caso de Celso, portanto, há uma mentira evidente quando afirma: *Eles não permitiriam que ele fosse comparado a Apolo ou Zeus.* Os cristãos sabem que a vida eterna consiste em conhecer "o único Deus verdadeiro" supremo, e "Aquele que ele enviou, Jesus Cristo" (Jo 17,3); que "todos os deuses dos pagãos são demônios" (Sl 95,5) ávidos, que rondam em torno das vítimas, do sangue e das exalações dos sacrifícios, para enganar os que não procuram refúgio junto ao Deus supremo; sabem que os anjos de Deus, ao contrário,

divinos e santos, são de natureza e caráter bem diversos que os demônios da terra, e são conhecidos do pequeníssimo número dos que fizeram da questão um estudo inteligente e aprofundado: eles não admitiriam tal comparação com Apolo, Zeus, ou qualquer outro adorado com o cheiro da gordura, o sangue e as vítimas. Alguns em sua grande simplicidade não sabem explicar a razão de sua conduta, embora guardem criteriosamente o depósito que receberam. Outros, porém, o fazem com razões não insignificantes, mas profundas ou, diria um grego, esotéricas e epópticas. Elas contêm ampla doutrina a respeito de Deus, a respeito dos seres aos quais Deus concede a honra, por seu Logos, Filho único de Deus, de participar de sua divindade e, por esse fato, de seu nome; uma ampla doutrina igualmente acerca dos anjos divinos e concernente aos que são inimigos da verdade por se terem enganado e, em consequência de seu erro, se proclamaram deuses, anjos de Deus, bons demônios, heróis que devem sua existência à metamorfose de boas almas humanas. Esses cristãos admitirão igualmente que, assim como em filosofia muitos imaginam estar na verdade por se terem deixado enganar por falsas razões ou por terem aderido precipitadamente às razões apresentadas ou descobertas por outros, assim também entre as almas saídas dos corpos, os anjos e os demônios, alguns foram seduzidos por falsas razões a se proclamarem deuses. E como estas doutrinas, entre os homens, não podem ser descobertas com perfeita exatidão, julgou-se ser mais seguro para o homem não confiar em ninguém como Deus, a não ser unicamente em Jesus Cristo, moderador supremo, que contemplou estes segredos profundíssimos, e os comunica a pequeno número.

Acasos providenciais

38. A fé em Antínoo ou em algum de seus semelhantes no Egito ou na Grécia se deve, se posso dizer, à má sorte. A fé em Jesus, porém, parece que se deve ou à sorte ou à conclusão de um estudo sério. Ela se deve à sorte para um grande número, e é a conclusão de um estudo sério para um número muito pequeno. Dizendo que uma fé se deve, falando popularmente, à sorte, nem por isso deixo de referir sua razão a Deus que sabe as causas do destino atribuído a todos os que vêm à existência humana. Por outro lado, os gregos dirão que mesmo para aqueles que julgamos os mais sábios, é à sorte que eles devem quase sempre, por exemplo, o fato de terem tido tais mestres e encontrado os melhores, quando outros ensinavam as doutrinas opostas, e de terem recebido sua educação de elite. Pois muitos têm sua educação em tal meio que nem lhes cabe receber representação dos bens verdadeiros, mas permanecem desde a infância entre homens efeminados ou mestres licenciosos, ou em outra condição miserável que impede sua alma de olhar para o alto. É provável que a Providência tenha suas razões para permitir estas desigualdades e não é nada fácil pô-las ao alcance das pessoas comuns. Eis o que julguei meu dever responder no intervalo como digressão à crítica: *Tal é o poder da fé que ela pré-julga qualquer coisa.* É necessário frisar que a diferença de educação explica a diversidade da fé entre os homens: sua fé se deve à boa ou à má sorte; e daí concluir que pode parecer que mesmo para as pessoas de espírito atilado o que chamamos de boa

sorte e má sorte contribui para fazê-las parecer mais razoáveis e levá-las a dar às doutrinas adesão geralmente mais razoável. Mas basta quanto a este ponto.

39. Devemos considerar as palavras seguintes em que Celso diz que *nossa fé, apossando-se de nossa alma, cria tal adesão a Jesus*. É bem verdade que nossa fé cria tal adesão. Mas observa se esta fé não é mesmo louvável quando nos entregamos confiantemente ao Deus supremo, exprimindo nosso reconhecimento àquele que nos conduziu a essa fé, afirmando que não foi sem a ajuda de Deus que Jesus ousou e realizou essa ação. Cremos igualmente na sinceridade dos evangelistas; descobrimo-la na piedade e na consciência que se manifestam em seus escritos, onde não existe qualquer sinal de inautenticidade, fraude, ficção ou impostura. Pois temos a certeza disto: almas como as deles, que não aprenderam os procedimentos ensinados entre os gregos pela sofística artificiosa, muito enganosa e sutil, e a arte oratória usada nos tribunais, não teriam sido capazes de inventar histórias que podem por si mesmas conduzir à fé e à vida de acordo com esta fé. Penso igualmente que Jesus quis ter homens assim como mestres de doutrina para não dar espaço à desconfiança de sofismas ilusórios, mas fazer brilhar aos olhos das pessoas capazes de compreender que a sinceridade de intenção dos escritores, unida, por assim dizer, a tanta simplicidade, tinha merecido uma virtude divina muito mais eficaz que não parece ser a abundância oratória, a composição de períodos, a fidelidade às divisões e às regras da arte grega.

40. Porém, repara se as doutrinas de nossa fé, em perfeita harmonia desde sua origem com as noções comuns, não transformam os ouvintes sensatos. Pois ainda que a perversão, sustentada por ampla cultura, pôde implantar entre o povo a ideia de que as estátuas são deuses e que os objetos de ouro, prata, marfim, pedra são dignos de adoração, a noção comum exige pensar que Deus não é absolutamente matéria corruptível e não pode ser honrado sob as formas fabricadas pelos homens nas matérias inanimadas que seriam "à sua imagem" (cf. Gn 1,26) ou como símbolos. Assim sendo, se diz sem rodeios que as imagens "não são deuses" (cf. At 19,26), e a respeito desses objetos fabricados, que não são comparáveis ao Criador, por serem tão pequenos comparados ao Deus supremo que criou, mantém e governa o universo em sua totalidade. E imediatamente, como se ela reconhecesse seu parentesco, a alma racional rejeita os que até então lhe tinham parecido ser deuses, e recupera seu amor natural pelo Criador; e, por causa desse amor, ela acolhe também aquele que por primeiro passou estes ensinamentos a todas as nações, através dos discípulos que ele estabeleceu e enviou com poder e autoridade divina a pregar a doutrina sobre Deus e seu Reino.

O corpo mortal de Jesus

41. Ele volta a seguir à crítica repetida não sei quantas vezes contra Jesus: *Embora formado de um corpo mortal, nós cremos nele como Deus, fato que consideramos ato de piedade.* É inútil responder igualmente à objeção, pois já lhe demos resposta no que ficou dito acima. Entretanto, os críticos devem saber que aquele que julgamos com

convicção ser Deus e Filho de Deus desde a origem é, na verdade, o Logos em pessoa, a Sabedoria em pessoa, a Verdade em pessoa. E afirmamos que seu corpo mortal e a alma humana que nele habita adquiriram a mais alta dignidade não só pela associação, mas também pela união e fusão com ele e que, participando de sua divindade, eles foram transformados em Deus. Ficamos acaso chocados com esta afirmação mesmo a propósito de seu corpo? Basta que nos refiramos às afirmações dos gregos sobre a matéria: sem qualidades propriamente, ela exibe qualidades com que o Criador gosta de revesti-la, e com frequência ela abandona suas qualidades anteriores para receber outras superiores e diferentes. Se existe neste ponto uma compreensão sadia, não admira que, pela Providência de Deus que assim decreta as coisas, a qualidade mortal do corpo de Jesus tenha sido transformada numa qualidade etérea e divina?

42. Desta forma, não é como bom dialético que Celso compara *a carne humana de Jesus ao ouro, à prata e à pedra* e lhe diz que *ela era mais corruptível*. Pois, a rigor, não é verdade que uma coisa incorruptível seja mais incorruptível do que outra coisa corruptível, nem que uma coisa corruptível seja mais corruptível do que outra coisa corruptível. Mas admitamos que ela possa ser mais corruptível, não deixarei de replicar: se é possível que a matéria subjacente a todas as qualidades mude de qualidades, por que não seria possível também que a carne de Jesus tenha mudado de qualidades e seja tal como era preciso para morar no éter e nas regiões acima dele, depois de ter alijado as características da fraqueza carnal, qualificadas por Celso como *impurezas*. É igualmente erro filosófico. Impuro, no sentido próprio, é aquilo que provém da malícia; mas a natureza do corpo não é impura; não é da natureza do corpo; o princípio gerador da impureza vem da malícia.

Desconfiando então da defesa que lhe seria oposta, ele afirma da mudança do corpo de Jesus: *Mas, quando esta carne for abandonada, terá ele talvez se tornado Deus? E, melhor ainda, por que não Asclépio, Dioniso, Héracles?* Respondo: porém, que obra tão admirável realizaram Asclépio, Dioniso, Héracles? Para ter um título que os faça deuses, quem poderão eles apresentar que tenham tornado moralmente melhor, mais virtuoso, graças a seus discursos e sua conduta? Lendo numerosas histórias que falam deles, vejamos se sua conduta é impecável, livre de injustiça, desatino e vileza. Se não encontrarmos neles nada disso, o argumento de Celso que iguala estas personagens a Jesus terá valor. Mas se for patente que, ao lado de algumas ações honestas que deles se contam, eles cometeram uma infinidade de outras contrárias à reta razão atestada pelos escritos, como sustentar com boas razões que eles, e não Jesus, seriam deuses quando abandonassem seu corpo mortal?

O túmulo de Zeus em Creta

43. Em seguida afirma que *zombamos dos que adoram Zeus porque em Creta se mostra seu túmulo, nós que adoramos um homem que saiu do túmulo, sem saber por que nem como os cretenses agem desta forma.* Repara que ele toma aqui a defesa dos cretenses, de Zeus e de seu túmulo, aludindo a razões simbólicas que teriam suscitado, pelo que

dizem, o mito de Zeus. Ele nos critica porque concordamos que nosso Jesus foi sepultado; mas afirmamos que ele surgiu do túmulo, coisa que os cretenses ainda não ousaram contar a respeito de Zeus. Como ele parece defender este túmulo de Zeus em Creta acusando-nos de não sabermos nem por que nem como os cretenses agem desta maneira, direi: Calímaco de Cirene, que estudou a maior parte dos poemas e leu quase toda a história grega, não conhecia nenhuma significação alegórica da história de Zeus e seu túmulo: desta forma critica os cretenses em seu hino a Zeus:

> "Os cretenses são sempre mentirosos! Grande chefe, de nada adiantou aos cretenses te erguerem um túmulo! Mas tu não estás morto, pois vives eternamente!" Por estas palavras: "Mas tu não estás morto, pois vives eternamente", ele negou que o túmulo de Zeus estivesse em Creta, mas lembra que Zeus experimentou o começo da morte: pois o nascimento na terra é o começo da morte. Ele afirma:
>
> "Na Parrásia, Reia se deitou e te deu à luz." Mas, como tivesse negado o nascimento de Zeus em Creta, por causa da história de seu túmulo, ele devia ver que seu nascimento na Arcádia implicava que depois de ter nascido aí também morreu aí. E eis o que diz Calímaco a respeito:
>
> "Zeus! Dizem que estás no monte Ida! Zeus, dizem que nasceste na Arcádia: quem, então, terá mentido, Pai? Os cretenses são sempre mentirosos!" etc. Eis aonde me levou a injustiça de Celso contra Jesus: não tem dúvidas em dar seu assentimento às Escrituras quando dizem que Jesus morreu e foi sepultado; mas considera ficção que ele também tenha ressuscitado dos mortos, e isto, apesar de inúmeros profetas o terem predito, e das muitas provas de que ele se manifestou depois de sua morte.

O cristianismo e a sabedoria

44. Em seguida, Celso relata as palavras, absolutamente contrárias ao ensinamento de Jesus, defendidas por pequeno número de indivíduos que se dizem cristãos, não *especialmente inteligentes*, como ele crê, e sim dos mais ignorantes: *Eis a palavra de ordem deles: Para trás quem tem cultura, quem tem sabedoria, quem tem discernimento! Quantas recomendações perversas para nós! Mas se houver algum ignorante, insensato, inculto, uma criança, que se aproxime com coragem! Ao reconhecer que tais pessoas são dignas de seu Deus, eles mostram claramente que só querem, só podem convencer pessoas simplórias, vulgares, estúpidas: escravos, mulheres incultas e crianças*. A isso respondo: se, apesar do ensinamento de Jesus sobre a continência: "Todo aquele que olha para uma mulher com desejo libidinoso já cometeu adultério com ela em seu coração" (Mt 5,28), víamos, entre tantos outros, alguns que se dizem cristãos viver na licenciosidade, teríamos razão em censurá-los por sua vida contrária ao ensinamento de Jesus, mas seria bem insensato aplicar ao evangelho a censura que eles merecem. Assim, se tenho certeza de que a doutrina cristã mais do que qualquer outra convida à sabedoria, devemos censurar aqueles que para justificarem sua ignorância alegam, não as palavras escritas por Celso, pois não encontramos tão descaradas sequer

na boca dos simples e ignorantes, mas outras bem menos importantes, capazes de desviar as pessoas da prática da sabedoria.

45. Mas o Logos quer que sejamos sábios, e podemos mostrá-lo pelas antigas Escrituras judaicas cujas práticas observamos, ou pelas que são posteriores a Jesus cuja inspiração divina as igrejas reconhecem. Mas está escrito, no Salmo 50, que Davi disse em sua oração a Deus: "Tu me revelaste os segredos e os mistérios de tua sabedoria" (Sl 50,8). E ao recitarmos os salmos, verificamos que este livro está repleto de um grande número de sábias doutrinas. Sabemos que Salomão pediu e alcançou a sabedoria; e de sua sabedoria podemos encontrar os sinais em seus escritos, quando em poucas palavras ele encerra grande profundidade de pensamento: encontraríamos neles, entre outros, muitos elogios à sabedoria e exortações sobre o dever de adquiri-la. E a sabedoria de Salomão era tão grande que a rainha de Sabá, "ao saber de sua fama e da fama do Senhor", apresentou-se diante de Salomão "e lhe expôs tudo o que tinha no coração, mas Salomão a esclareceu sobre todas as suas perguntas e nada houve por mais obscuro que ele não pudesse solucionar. Quando a rainha de Sabá viu toda a sabedoria de Salomão" e todos os seus recursos, "ficou fora de si e disse ao rei: Realmente era verdade quando ouvi na minha terra a respeito de ti e da tua sabedoria! Eu não queria acreditar no que diziam antes de vir e ver com meus próprios olhos, mas de fato não me haviam contado nem a metade: tua sabedoria e tua riqueza excedem tudo quanto ouvi" (1Rs 10,1-7). E a respeito dele está escrito: "Deus deu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinárias e um coração tão vasto como a areia que está na praia do mar. A sabedoria de Salomão foi maior que a de todos os filhos do Oriente e maior que toda a sabedoria do Egito. Foi mais sábio que qualquer pessoa: mais que Etã, Calcol e Darda, filhos de Maol; sua fama se espalhou por todas as nações circunvizinhas. Pronunciou três mil provérbios e seus cânticos foram em número de mil e cinco. Falou das plantas, desde o cedro que cresce no Líbano até o hissopo que sobe pelas paredes: falou também dos quadrúpedes, das aves, dos répteis e dos peixes. Vinha gente de todas as nações para ouvir a sabedoria de Salomão e ele recebeu tributo de todos os reis da terra que ouviram falar de sua sabedoria" (1Rs 5,10-14).

O Logos sabe que, embora haja sábios entre os que creem, para exercer a inteligência dos ouvintes, ele expressou certas verdades em enigmas, outras em "discursos obscuros", outras em parábolas, e outras em forma de perguntas. É o que reconhece um dos profetas, Oseias, no fim de seu livro: "Quem é sábio compreenda isto, quem é inteligente reconheça-o!" (Os 14,10). E Daniel com seus companheiros de prisão se desenvolveram tão bem nas ciências práticas na Babilônia pelos sábios da corte real, que provaram ser "dez vezes" superiores a todos eles (cf. Dn 1,20). Em Ezequiel igualmente se diz ao príncipe de Tiro que se orgulhava de sua sabedoria: "Certo, és mais sábio que Daniel, nenhum sábio há que se iguale a ti" (Ez 28,3).

46. Voltando aos livros escritos depois de Jesus, encontraremos neles que as multidões dos que acreditavam ouviam as parábolas como se fossem de fora e somente dignas das doutrinas exotéricas; mas os discípulos recebem em particular a explicação das parábolas.

Pois Jesus "explicava tudo aos seus discípulos em particular" (Mc 4,34), preferindo às multidões as que aspiravam à sabedoria. Aos que creem nele promete enviar-lhes sábios e escribas: "Por isso vos envio profetas, sábios e escribas, dos quais alguns serão crucificados" (cf. Mt 23,34). E em sua lista de carismas dados por Deus, Paulo põe em primeiro lugar as palavras de sabedoria; em segundo lugar, como inferiores a estas, as palavras de ciência; e em terceiro lugar, como ainda inferior, a fé. E como tem em maior apreço as palavras do que as realizações de prodígios, põe os "atos de poder" e os "dons de curar" abaixo dos carismas de palavras (cf. 1Cor 12,8-10). E nos Atos dos Apóstolos, Estêvão atesta a vasta ciência de Moisés, fundamentando-se certamente em livros antigos e inacessíveis ao povo simples. Pois diz ele: "Assim foi Moisés iniciado em toda a sabedoria dos egípcios, e tornou-se poderoso em suas palavras e obras" (At 7,22). Por isso, na hora de seus prodígios, muitos desconfiavam que ele os realizava, não como ele proclamava, pelo poder de Deus, mas em virtude de sua habilidade nas ciências do Egito. Foi justamente esta desconfiança que levou o rei a convocar os encantadores, os sábios e mágicos do Egito, mas ficou patente sua impotência diante da sabedoria de Moisés, que superava toda a sabedoria dos egípcios (cf. Ex 7,11).

47. Também é provável que as palavras de Paulo na primeira carta aos Coríntios (cf. 1Cor 1,18s), que eram gregos inflados da sabedoria grega, levaram alguns a acreditar que o Logos exclui os sábios. Quem tiver tal opinião compreenda bem. Para censurar os maus, o Logos declara que eles não são sábios com relação ao inteligível, ao invisível, ao eterno, como não se ocupam senão do que é o sensível ao qual reduzem todas as coisas; são os sábios deste mundo. Assim também, no grande número de doutrinas, as que, apoiando a matéria e os corpos, sustentam que todas as realidades fundamentais são corpos, que fora deles nada mais existe, nem "invisível", nem "incorpóreo", o Logos as declara "sabedoria deste mundo", destinada à destruição, tomada de loucura, sabedoria deste século. Mas ele declara "sabedoria de Deus" as que elevam a alma das coisas deste mundo à felicidade junto de Deus e a "seu Reino", que ensinam a desprezar como transitório tudo o que é sensível e visível, a procurar com ardor o invisível e tender para o que não vemos (cf. 2Cor 4, 18). E por amar a verdade, Paulo afirma de certos sábios gregos, quanto aos pontos em que estão na verdade: "Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças." Atesta o conhecimento que eles têm de Deus. Afirma que este conhecimento não pode vir até eles sem a ajuda de Deus, quando escreve: "Pois Deus lho revelou." Alude, penso eu, aos que se elevam do visível ao invisível quando escreve: "Sua realidade invisível — seu eterno poder e sua divindade — tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas, de sorte que não têm desculpa. Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças" (Rm 1,19-21).

48. Mas ele tem outra passagem: "Vede, pois, quem sois, irmãos, vós que recebestes o chamado de Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de família prestigiosa. Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para

confundir o que é forte; e o que no mundo é vil e des-prezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é, a fim de que nenhuma criatura se possa vangloriar diante de Deus" (1Cor 1,26-29). E talvez por causa desta passagem, alguns foram levados a crer que nenhum homem que tenha cultura, sabedoria, discernimento se dedica à doutrina. A isto respondo: não está dito "nenhum homem segundo a carne", mas "muitos sábios segundo a carne". E é claro que, entre as qualidades características dos "epíscopos", quando escreve o que deve ser epíscopo, Paulo fixou a do didáscalo, dizendo: é necessário que ele seja capaz de "refutar os que a contradizem", a fim de que, pela sabedoria que nele está, cale a boca dos vãos palavrosos e enganadores. E assim como ele prefere para o episcopado o homem casado uma só vez ao homem casado duas vezes, o "irrepreensível" ao que mereça censura, o "sóbrio" a alguém que não o seja, o "temperante" ao beberrão, o "homem digno" ao indigno por menos que seja, da mesma forma quer que aquele que será preferido para o episcopado seja capaz de ensinar e possa "refutar os que contradizem" (Tt 1,9-11). Mas como pode Celso nos atacar fundado em boas razões como se disséssemos: "Para trás quem tem cultura, quem tem sabedoria, quem tem discernimento!" Muito pelo contrário: "Venha quem tem cultura, sabedoria e discernimento! Venha igualmente quem é ignorante, insensato, inculto ou criança ainda! Pois o Logos, caso eles venham, promete-lhes a cura e torna dignos de Deus a todos os homens".

49. Tampouco é verdade que os mestres da divina doutrina só querem convencer pessoas simplórias, vulgares, estúpidas: escravos, mulheres incultas e crianças. Também a eles o Logos chama para os tornar melhores; mas chama igualmente os que lhes são bem superiores: pois Cristo é "Salvador de todos os homens, sobretudo dos que têm fé" (1Tm 3,2), quer sejam inteligentes, quer simples, "Ele é a vítima de expiação pelos nossos pecados. E não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (1Jo 2,1-2). Por isso é desnecessário querer responder a estas palavras de Celso: *Aliás, que mal existe em a pessoa ser culta, dedicar-se às melhores doutrinas, ser prudente e assim parecer? Será obstáculo ao conhecimento de Deus? Não seria antes ajuda e meio mais eficaz de chegar à verdade?* Sem dúvida, não há mal nenhum em ser realmente culto: pois a cultura é o caminho para a virtude. No entanto, incluir entre as pessoas cultas as que professam doutrinas errôneas, nem os sábios da Grécia aprovariam. Por outro lado, quem não concordaria que é bom dedicar-se às melhores doutrinas? Mas a que chamaremos de as melhores doutrinas senão as verdadeiras que nos convidam à virtude? Além disso, se é bom ser prudente, não se pode dizer o mesmo de parecer, como afirma Celso. E em vez de ser obstáculo ao conhecimento de Deus, é ajuda ser culto, dedicar-se às melhores doutrinas, ser prudente. Cabe a nós afirmar isto, e não Celso, principalmente se o convencermos de epicurismo.

Propaganda cristã

50. Continuemos seguindo o seu texto: *Mas eis nas praças públicas, suponho eu, aqueles que divulgam seus segredos e pedem esmola. Jamais se aproximariam de uma*

assembleia de homens prudentes com a audácia de nela revelar seus belos mistérios. Mas, logo que percebem a presença de adolescentes, um bando de escravos, um ajuntamento de idiotas, para lá correm a se exibir! Repara então como nos calunia comparando-nos aos que divulgam seus segredos e pedem esmola nas praças públicas. Que segredos divulgamos nós? Que fazemos de semelhante, nós que, lendo textos e explicando-os, exortamos à piedade para com o Deus do universo e as virtudes que reinam com ela, e fugimos do desprezo a Deus e a todos os atos contrários à reta razão? Os próprios filósofos desejariam círculos tão numerosos de ouvintes de suas exortações à virtude! Assim procederam sobretudo certos cínicos, que conversavam em público com todos que passavam. Acaso se dirá também que estes filósofos se pareciam com aqueles que divulgam seus segredos e pedem esmola nas praças públicas, porque, em vez de convidar as pessoas consideradas cultas, chamavam para a rua ouvintes que eles reuniam? Não, nem Celso nem qualquer de seus sequazes há de repreender os que julgam ser dever de humanidade propor suas doutrinas mesmo às pessoas simples do povo.

51. Porém, se esta conduta não lhes merece qualquer crítica, vejamos se os cristãos não exortam o povo à perfeita honestidade mais e melhor do que estes filósofos. Os filósofos que falam em público não dividem seus ouvintes em classes: o primeiro a chegar pára e escuta. Os cristãos, enquanto lhes é possível, começam a pôr à prova as almas dos que querem ser seus ouvintes e a formá-las em particular. Quando os ouvintes, antes de entrarem na comunidade, dão mostras de terem alcançado progresso suficiente na vontade de viver virtuosamente, são introduzidos pelos cristãos. Constituem à parte um grupo dos principiantes que acabam de ser iniciados e ainda não receberam o símbolo da purificação; depois, vem outro grupo, o dos que deram as melhores provas de sua decisão de não querer nada mais senão o que foi aprovado pelos cristãos. Entre eles, alguns têm a tarefa de investigar sobre a vida e a conduta dos candidatos, para impedir a entrada em sua assembleia geral de pessoas culpadas por faltas secretas, e acolher os outros de todo coração e torná-los melhores a cada dia. E eis como agem os pecadores, principalmente os impudicos: eles os expulsam de sua comunidade, pois, segundo Celso, seriam parecidos aos que divulgam seus segredos nas praças públicas! A venerável escola pitagórica, considerando-os como mortos, erguia cenotáfios aos apóstatas de sua filosofia. Os cristãos, por sua vez, pranteiam como defuntos aqueles que se deixaram vencer pela luxúria ou por alguma outra desordem por se terem perdido e morrido para Deus. Quando manifestam uma conversão séria, depois de um tempo maior do que o de sua primeira iniciação, admitem-nos novamente como ressuscitados dos mortos; mas os que caíram depois de seu ingresso no cristianismo não são nomeados para nenhum cargo nem presidência na "Igreja de Deus".

52. Depois disso, vê se não há mentira flagrante e comparação sem nexo algum nas palavras de Celso: *Eis nas praças públicas os que divulgam seus segredos e pedem esmola.* Estas pessoas com quem Celso nos compara, que divulgam seus segredos e pedem esmola nas praças públicas, jamais se aproximariam, diz ele, de assembleia de ho-

mens prudentes com a audácia de nela revelar seus belos mistérios. Logo que percebem a presença de adolescentes, um bando de escravos, um ajuntamento de idiotas, para lá correm a se exibir! Nada mais faz senão nos insultar como fazem as mulheres nas esquinas com o único objetivo de revidar às injúrias. Pois fazemos tudo o que é possível para que nossa assembleia seja composta de homens prudentes, e então temos a audácia, nas conversas com a comunidade, de propor em público nossos mais belos e divinos mistérios, quando temos a nosso alcance ouvintes inteligentes. Mas conservamos em segredo e retemos os mistérios mais profundos, quando vemos que as pessoas reunidas são mais simples e precisam de ensinamentos que chamamos, por metáfora, "leite".

53. Pois está escrito na carta de nosso Paulo aos Coríntios, gregos cujos costumes ainda não tinham sido purificados: "Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis, visto que ainda sois carnais. Com efeito, se há entre vós invejas e rixas, não sois carnais e não vos comportais de maneira meramente humana?" (1Cor 3,2-3). E este mesmo apóstolo, sabendo que certas verdades são o alimento da alma adiantada na perfeição, e outras, as dos neófitos, são comparáveis ao leite das criancinhas, declara: "Precisais de leite, e não de alimento sólido. De fato, quem ainda se amamenta não pode degustar a doutrina da justiça, pois é criancinha! Os adultos, porém, que pelo hábito possuem o senso moral exercitado para discernir o bem e o mal, recebem o alimento sólido" (Hb 5,12-14). Assim sendo, os que creem na beleza destas palavras acaso haveriam de supor que jamais os belos mistérios do Logos seriam tratados numa assembleia de homens prudentes, mas, uma vez percebida a presença de adolescentes, um bando de escravos, um ajuntamento de idiotas, os mistérios divinos e veneráveis aí seriam propostos em público numa grande ostentação diante de tais espectadores? Pelo contrário, perscrutando toda a intenção das nossas Escrituras, fica bem claro que, partilhando do ódio da plebe rude à raça dos cristãos, Celso profere sem exame tais mentiras.

54. É nosso desejo instruir todos os homens na palavra de Deus, apesar da negação de Celso, e queremos comunicar aos adolescentes a exortação que lhes convém e indicar aos escravos como podem ser engrandecidos pelo Logos recebendo um espírito de liberdade. Nossos pregadores do cristianismo se declaram devedores "a gregos e a bárbaros, a sábios e a ignorantes" (Rm 1,14): não negam que é preciso curar até mesmo a alma dos ignorantes, para que, abandonando sua ignorância tanto quanto possível, procurem adquirir inteligência melhor, para obedecerem às palavras de Salomão: "os ingênuos aprendam a sagacidade"; "os ingênuos venham para cá, quero falar aos sem juízo"; "vinde comer do meu pão, e beber do vinho que misturei. Deixai a ingenuidade e vivereis, segui o caminho da inteligência" (Pr 8,5; 9,16; 9,5-6). E sobre este ponto eu poderia dizer em resposta às palavras de Celso: será que os filósofos não convidam os adolescentes a ouvi-los? Não exortam a que deixem uma vida desregrada para abraçarem os bens superiores? Então não querem que os escravos vivam como filósofos? Vamos também nós censurar os filósofos por terem conduzido escravos à virtude, como fez Pitágoras com Zamolxis, Zenão com Perseu e, ontem ou anteontem, os que conduziram

Epicteto à filosofia? Ou vos será permitido, ó gregos, chamar à filosofia adolescentes, escravos, idiotas, ao passo que para nós seria desumanidade fazer isto, quando, aplicando-lhes o remédio do Logos, queremos curar toda natureza racional e conduzi-la à familiaridade com o Deus Criador do universo? Bastaria isto para respondermos às palavras de Celso, que são injúrias e não críticas.

55. Como gosta das palavras carregadas de injúrias contra nós, acrescenta ainda outras; vamos citá-las então e vejamos a quem elas desonram mais: aos cristãos, ou a Celso nestes termos: *Eis nas casas particulares, cardadores, sapateiros, pisoeiros, pessoas das mais incultas e rudes. Diante de mestres cheios de experiência e discernimento, não ousam abrir a boca. Mas é só surpreenderem seus filhos acompanhados de mulheres incultas e idiotas, começam a falar coisas estranhas: sem consideração com o pai ou com os preceptores, acham que todos devem acreditar apenas neles; os outros não passam de impertinentes estúpidos, que ignoram o verdadeiro bem, incapazes de realizá-lo, preocupados com vis banalidades; só eles sabem como se deve viver; que as crianças acreditem neles e serão felizes e a felicidade iluminará a casa! Mas se enquanto estão falando veem chegar os preceptores desta juventude, homens de discernimento, ou o próprio pai, os tímidos fogem tremendo, os atrevidos incitam as crianças à revolta: cochicham-lhes que, na presença do pai e dos preceptores, não hão de querer nem poder explicar nada de bom às crianças, porque lhes repugnam a idiotice e a grosseria destas pessoas totalmente corrompidas e enterradas no vício que poderiam mandar castigá-los. Se quiserem, basta deixarem lá o pai e os preceptores, vir com as mulheres incultas e os companheiros de brinquedos à oficina do tecelão, à tenda do sapateiro ou à barraca do pisoeiro para atingirem a perfeição. Eis aí com que palavras eles persuadem!*

56. Repara também aqui um exemplo de seus sarcasmos contra nossos mestres de doutrina. Eles que procuram elevar a alma por todos os modos ao Criador do universo, provando que é preciso desprezar todas estas coisas sensíveis, passageiras e visíveis, e fazer tudo para obter a comunhão com Deus, a contemplação das realidades inteligíveis e invisíveis, a bem-aventurança com Deus e os amigos de Deus, Celso os compara aos cardadores que vemos nas casas particulares, aos sapateiros, aos pisoeiros, aos homens mais rudes que, para a desgraça dos filhos de tenra idade, solicitariam o serviço de mulheres incultas para que se afastem do pai e dos preceptores e os sigam. Mas, de que pai sensato, de que preceptores de ensinamentos sérios afastamos os filhos e as mulheres incultas? Que Celso esclareça bem isto! Mostre, por comparação, se as crianças e as mulheres incultas que abraçam nossa doutrina já tinham ouvido doutrina melhor do que a nossa, e de que maneira afastamos as crianças e mulheres incultas de lições belas e veneráveis para as convidar para piores? Não conseguirá fornecer a prova: muito ao contrário, desviamos as mulheres incultas da impureza, da perversão causada pelas pessoas de suas relações, da loucura do teatro, da superstição. E as crianças que chegam à puberdade, dominadas pelos desejos de volúpia, devemos torná-las ajuizadas mostrando-lhes não só a vergonha do pecado, mas também o estado a que estas faltas

reduzem a alma dos maus, os castigos que deverá suportar, os suplícios que a esperam.

57. E quem são os preceptores, tratados por nós como impertinentes estúpidos, que Celso defende pela excelência de suas lições? Talvez ele considere como hábeis preceptores para mulheres incultas e não como impertinentes os que os convidam à superstição e aos espetáculos impuros, ou ainda, como isentos de estupidez aqueles que levam e incitam os jovens a todas as desordens que os vemos cometer um pouco por toda parte. Para nós, pelo menos, convidamos à nossa religião, mostrando-lhes sua excepcional pureza, com todas as nossas forças, até os que defendem doutrinas filosóficas. Pois como Celso, em suas observações, quer deixar claro que, em vez de fazer isto, convidamos apenas os idiotas, poderíamos responder-lhe: se nos acusasses de desviar da filosofia os que antes a ela se dedicavam, não dirias a verdade, mas tuas palavras teriam algo de plausível. Mas, na verdade, como supões que nós arrebatamos nossos adeptos a bons preceptores, prova que tais mestres são diferentes dos mestres de filosofia ou daqueles que trabalharam num ensinamento útil. Mas ele será incapaz de mostrar qualquer coisa. E nós prometemos abertamente, e não em segredo, que serão felizes os que vivem conforme a palavra de Deus, nele fixando em tudo seus olhos, realizando o que quer que seja como se fosse diante dos olhos de Deus. Será isto lição de cardadores, sapateiros, pisoeiros, pessoas rudes e das mais incultas? Não poderá afirmar.

58. A estes homens, comparáveis, segundo ele, aos cardadores que vemos nas casas, semelhantes aos sapateiros, aos pisoeiros, às pessoas rudes e mais incultas, Celso acusa de não quererem e nem poderem, em presença do pai e dos preceptores, explicar qualquer coisa de bom às crianças. Em resposta, perguntamos: de que pai queres falar, meu caro, de que preceptor? Se é alguém que aprova a virtude, evita o vício, procura os bens superiores, fica sabendo que é com plena certeza de sermos aprovados por tal juiz que haveremos de comunicar nossas lições aos filhos. Mas diante de um pai que descrê da virtude e da perfeita honestidade, guardamos silêncio como diante daqueles que ensinam o que é contrário à sã razão: não nos censures, tua crítica seria insensata. Tu mesmo, com toda certeza, quando transmites os mistérios da filosofia a jovens e crianças, cujos pais julgam a filosofia inútil e vã, nada dirás às crianças diante de seus pais mal preparados; mas, ansioso por separar destes maus pais os filhos orientados para a filosofia, ficarás esperando as ocasiões de fazer chegar aos jovens as doutrinas filosóficas. O mesmo direi dos preceptores. Desviar de preceptores que ensinam as torpezas da comédia, a licença dos jambos e tantas outras coisas, sem boa influência sobre os que as declamam nem utilidade para quem as escuta, porque não sabem interpretar filosoficamente os poemas, nem acrescentar a cada um o que contribui para o bem dos jovens, é conduta que confessamos sem nenhuma vergonha. Mas, apresenta-me preceptores que estão iniciando na filosofia e auxiliando no seu exercício: em vez de desviar os jovens dela, esforçar-me-ei por educar os que já estão exercitados no ciclo das ciências e dos temas filosóficos, levá-los-ei para longe das massas que ignoram até a venerável e sublime eloquência dos cristãos que tratam das verdades mais elevadas e mais necessárias, mostrando com pormenores e provando que esta é a filosofia ensinada

pelos profetas de Deus e pelos apóstolos de Jesus.

O cristianismo e os pecadores

59. Em seguida, percebendo que nos tinha injuriado com demasiada aspereza, e como para se escusar, prossegue: *Não acuso com aspereza maior do que a verdade a tanto me obriga, aceitem por favor esta prova. Os que apelam para outras iniciações proclamam: "Quem tem as mãos puras e a língua discreta", e ainda outras: "Quem for puro de qualquer imundície, cuja alma não tem consciência de qualquer mal, e viveu no bem e na justiça": eis o que proclamam aqueles que prometem a purificação dos pecados. Ouçamos que homens estes cristãos chamam: "Quem for pecador, fraco de espírito, criança, enfim, quem for infeliz, o Reino de Deus o receberá." Mas acaso não entendeis como pecador o injusto, o ladrão, o que fura muralhas, o que envenena, o que saqueia os templos, o que viola os túmulos? A quem mais um bandido citaria em sua confissão pública?* Nossa resposta é esta: não é a mesma coisa chamar os doentes da alma à saúde e os que gozam boa saúde ao conhecimento e à ciência das coisas divinas. Também nós sabemos fazer esta distinção. A princípio, convidando os homens à cura, exortamos os pecadores que venham às doutrinas que ensinam a evitar o pecado, os fracos de espírito que abracem as doutrinas que clarificam a inteligência, as crianças que se eduquem elevando-se aos sentimentos viris, em suma, os infelizes à felicidade, mais precisamente, à bem-aventurança. E quando, entre os que exortamos, os que progridem se mostram purificados pelo Logos, levando enquanto possível vida melhor, nós os chamamos à iniciação perfeita, "pois é realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos" (1Cor 2,6).

60. Como ensinamos: "A Sabedoria não entra numa alma maligna, ela não habita num corpo devedor ao pecado" (Sb 1,4), também dizemos: "Quem tem mãos puras" e, por esta razão, ergue a Deus "mãos santas" (1Tm 2,8), e porque, oferecendo sacrifícios sublimes e celestes, pode dizer: "Suba minha prece como incenso em tua presença, minhas mãos erguidas como oferta vespertina" (Sl 140,2): que venha a nós! Quem tem a língua prudente, porque medita "dia e noite" a lei do Senhor, e "suas faculdades foram formadas pela prática no discernimento do bem e do mal" (cf. Sl 1,2; Hb 5,14), não tenha receio de se achegar aos sólidos alimentos espirituais que convêm aos atletas da piedade e de todas as virtudes. E como "a graça de Deus está com todos os que amam com amor perene" (Ef 6,24) o Mestre que ensina a imortalidade, quem tem as mãos puras, não só de toda imundície, mas também das faltas consideradas como mais leves, que se faça iniciar corajosamente nos mistérios da religião de Jesus, que não são razoavelmente transmitidos senão aos santos e aos puros. O *mysta* de Celso pode dizer: "Aquele cuja alma não tem consciência de nenhum mal que venha"; mas aquele que, segundo Jesus, conduz os iniciados a Deus, dirá àqueles cuja alma está purificada: "Aquele cuja alma não tem consciência de nenhum mal há muito tempo, e prin cipalmente desde que veio para se curar pelo Logos, que ouça também o que Jesus revelou em particular a seus verdadeiros discípulos". Assim, pois, no contraste que ele

estabeleceu entre a iniciação dos gregos e a que os mestres dão da doutrina de Jesus, Celso não viu a diferença entre o convite dos maus à cura de suas almas e o convite dos homens já muito puros aos mais profundos mistérios.

61. Portanto, não é aos mistérios e à participação da sabedoria "misteriosa e oculta, que Deus, antes dos séculos, de antemão destinou para a glória" de seus justos (1Cor 2,7) que nós chamamos o injusto, o ladrão, o que fura muralhas, o que envenena, o que saqueia os templos, o que viola os túmulos, nem todos os outros entre os quais por extensão Celso pode ser incluído, mas à cura. Há na divindade do Logos aspectos que ajudam a curar os doentes de que ele fala: "Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes" (Mt 9,12); há outros que descobrem aos que são puros de corpo e espírito "a revelação de um mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos, agora, porém, manifestado e, pelos escritos proféticos e por disposição do Deus eterno foi manifestado agora pela Aparição de nosso Salvador, o Cristo Jesus" (Rm 16,25-26; 2Tm 1,10) que se manifestou a cada um dos perfeitos, iluminando seu espírito para conhecimento verídico das realidades. Mas, uma vez que, ampliando suas críticas contra nós, ele termina sua enumeração de vagabundos com esta alfinetada: "A quem mais um bandido citaria em sua confissão pública?", eu responderei: um bandido cita muitos de tais indivíduos para usar de sua perversidade contra os homens que ele deseja matar e espoliar; mas o cristão, ao citar os mesmos indivíduos que o bandido, lhes lança um convite diferente para atar suas feridas pelo Logos, e derrama na alma inflamada de males os remédios do Logos, que, como o vinho, o azeite, o leite e os outros medicamentos aliviam a alma.

62. Em seguida ele calunia nossas exortações orais ou escritas aos que vivem mal, convocando-os à conversão e à reforma de sua alma, e afirma que *dizemos: Deus foi enviado aos pecadores.* É mais ou menos como se criticasse alguns por dizerem: é pelos médicos que moram na cidade que um médico foi enviado a ela por um rei cheio de humanidade. Mas "o Deus Logos foi enviado" como médico "aos pecadores", como mestre dos divinos mistérios aos que, já puros, não pecam mais. Mas Celso, incapaz de fazer a distinção — pois não quis aprofundar — objeta: *Por que não foi enviado aos que não têm pecado? Que mal existe em alguém não ter pecado?* A isto eu respondo: se os que não têm pecado ele entende os que não pecam mais, nosso Salvador Jesus lhes foi enviado também a eles, mas não como médico; porém, se os que não têm pecado ele entende como os que jamais pecaram — pois não existe distinção em seu texto — direi que é impossível que exista nesse sentido um homem sem pecado, com exceção do homem que o espírito discerne em Jesus, "que não cometeu pecado" (1Pd 2,22). Portanto, Celso maldosamente nos atribui a afirmação: *Se o injusto se humilhar no sentimento de sua miséria, Deus o acolherá; mas se o justo em sua virtude original erguer os olhos para ele, ele se negará a acolhê-lo.* Com efeito, nós afirmamos que é impossível que um homem em sua virtude original erga seus olhos para Deus. Pois a malícia existe necessariamente primeiro no homem, como afirma Paulo: "Sobrevindo o preceito, o pecado reviveu e eu morri" (Rm 7,9-10). Além disso, nós não ensinamos que

basta ao injusto se humilhar no sentimento de sua miséria para ser acolhido por Deus, mas que se ele se condenar por seus atos anteriores, e se caminhar humilde pelo seu passado e ordenado quanto ao futuro, Deus o acolherá.

63. Em seguida, ele não compreende o sentido da expressão: "Aquele que se exalta será humilhado" (Lc 14,11; 18,14), nem mesmo aprendeu de Platão que o homem ho-nesto caminha "humilde e ordenado", nem mesmo sabe que nós afirmamos: "Humilhai-vos sob a poderosa mão de Deus, para que na ocasião própria vos exalte" (1Pd 5,6), ele declara: *Homens que presidem corretamente um processo não toleram que se deplorem as faltas com discursos de lamentação, para que a sua sentença não seja ditada pela piedade, mas pela verdade; Deus, portanto, não julga em função da verdade mas da bajulação.* Que bajulação, que discurso com lamentações existe nas divinas Escrituras? O pecador diz em sua oração a Deus: "Confessei o meu pecado, e minha iniquidade não te encobri; eu disse: 'Vou ao Senhor confessar a minha iniquidade!' etc." (Sl 31,5). Pode ele provar que tal confissão de pecadores que se humilham diante de Deus em suas orações não é capaz de conseguir a conversão? Além disso, perturbado por seu ardor em acusar, ele se contradiz. Ora parece conhecer um homem sem pecado e justo que, em sua virtude original ergue seus olhos para Deus, ora aprova o que dizemos: "Como pode o homem ser justo, como pode o homem ser puro" (cf. Jó 15,14; 25,4), pois exatamente se prova isto quando se afirma: *Provavelmente é verdade que a raça humana tem propensão inata para pecar.* Em seguida, como se todos os homens não fossem chamados pelo Logos, ele objeta: *Seria então necessário chamar todos os homens sem exceção, se de fato todos são pecadores.* Mostrei, porém, acima que Jesus disse: *Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso* (Mt 11,28). Todos os homens, pois, "cansados sob o peso do fardo" por causa de sua natureza pecadora são chamados ao alívio junto do Logos de Deus, pois Deus enviou "seu Logos para curá-los, e da cova preservar a sua vida" (Sl 106,20).

64. Como ele prossegue: *Por que então esta preferência dada aos pecadores?* e acrescentando discursos do mesmo teor, responderei: o pecador absolutamente não é preferido acima de quem não tem pecado. Acontece que um pecador que tem consciência de sua falta, e por causa disso caminha para a conversão humilhando-se por seus pecados, é preferido acima daquele que é considerado menos pecador, e que, longe de se acreditar pecador, se exalta de orgulho por algumas qualidades superiores que julga possuir. É o que mostra a quem deseja ler com toda lealdade o evangelho na parábola do publicano, que diz: "Tem piedade de mim, pecador!", ao passo que o fariseu se vangloriava com orgulho perverso dizendo: "Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem como este publicano". Jesus concluiu suas palavras sobre os dois homens: "Ele desceu para sua casa justificado, o outro não. Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado" (Lc 18,13; 11,14). Por isso estamos longe de *blasfemar a Deus e de mentir,* ao ensinar a todo homem, qualquer que ele seja, a tomar consciência da pequenez humana comparada com a grandeza de Deus, e a pedir continuamente o que falta em nossa

natureza junto àquele que é o único que pode preencher por nós as nossas insuficiências.

65. Ele acredita que *dizemos isto para encorajar os pecadores, na impotência em que estaríamos de atrair qualquer homem realmente honesto e justo e que, por esta razão, abrimos as portas aos mais ímpios e aos mais depravados.* Nós, porém, considerando com toda lealdade nossa assembleia, podemos apresentar um número maior de pessoas convertidas de uma vida não totalmente miserável do que as pessoas convertidas dos pecados mais depravados. De fato, é natural que aqueles que têm consciência de viver vida melhor desejem que nossa pregação a respeito da recompensa que Deus reserva aos melhores seja verídica, cuidam de acolher nossas palavras, mais do que aqueles cuja vida foi completamente desordenada; estes últimos são impedidos pela própria consciência de admitir que serão castigados pelo supremo juiz, com castigo proporcionado a seus crimes e aplicado segundo a reta razão pelo supremo juiz. Mas acontece às vezes que até pessoas muito depravadas, desejosas de admitir a doutrina do castigo, por causa da esperança prometida para o arrependimento, sejam impedidas pelo hábito do pecado: impregnadas pelo vício, não conseguem se livrar facilmente dele para levarem vida regrada de acordo com a reta razão. O próprio Celso compreendeu este fato quando, não sei porquê, afirma: *Sem dúvida, é muito evidente para todos que aqueles que são naturalmente inclinados a pecar e têm este hábito, ninguém poderá mudá-los totalmente, nem mesmo castigando, muito menos ainda pela piedade. É muito difícil mudar radicalmente a natureza. Os que vivem infensos ao pecado têm como recompensa vida melhor.*

A conversão é possível

66. Também aí Celso me parece estar totalmente errado quando recusa àqueles que são naturalmente inclinados ao pecado e têm o hábito de pecar a possibilidade de mudança completa, pensando que eles não podem ser curados sequer com castigos. Com efeito, parece claro que nós, homens, somos todos naturalmente inclinados a pecar, e que alguns não só são inclinados a pecar, como também têm este hábito. Contudo, nem todos os homens são refratários à mudança completa. Toda escola filosófica e a divina Escritura nos ensinam que existem pessoas de tal maneira mudadas que são propostas como modelos de vida perfeita. Entre os heróis costumam ser citados Héracles e Odisseu, mais tarde Sócrates, ontem ou anteontem Musônio. Não é só segundo nosso parecer que Celso mentiu ao dizer que é evidente a todos que aqueles que são inclinados naturalmente a pecar e têm este hábito, ninguém poderá conduzi-los, nem mesmo com castigos, a mudança total para vida melhor. É também segundo o parecer dos filósofos de valor que não negam a possibilidade de o homem se converter para a virtude. Mas, embora seu pensamento não seja preciso, ao ouvi-lo sem opinião preconcebida, eu tampouco o convenceria de sustentar discurso insensato. Efetivamente ele disse que os que são naturalmente inclinados a pecar e têm este hábito ninguém poderá mudá-los totalmente, nem mesmo com castigos. E o sentido óbvio de seu texto eu o refutei do melhor modo que pude.

67. Mas eis o que provavelmente ele quis dizer: ninguém poderá mudar totalmente, nem mesmo com castigos, os que são inclinados não só a estes crimes cometidos pelos mais depravados, mas também têm este hábito. É igualmente uma mentira, como demonstra a história de certos filósofos. Acaso não seria posto na categoria dos mais depravados dos homens quem aceitasse de certo modo obedecer a um mestre que o tivesse posto num lugar mau para acolher a quem pretendesse manchá-lo? E é o que a história refere de Fédon. Como não qualificar como o mais celerado dos homens aquele que, com tocadora de flauta e outros convivas, seus companheiros de orgia, penetrou na escola do venerável Xenócrates, para insultar um homem admirado por seus amigos? Pois bem, a razão teve muita força para converter aqueles homens e fazê-los realizar tais progressos em filosofia de tal modo que o primeiro foi julgado digno por Platão de reproduzir o discurso de Sócrates sobre a imortalidade e descrever seu vigor de alma na prisão, quando, em vez de se preocupar com a cicuta, desenvolvia sem medo com toda a serenidade de alma considerações de tal profundidade que até os mais ponderados a quem nenhuma distração perturba têm dificuldade em segui-las. O próprio Polemão passou da libertinagem à extrema temperança e recebeu em sua escola a herança de Xenócrates, célebre por sua dignidade. Celso, portanto, não diz a verdade em seu discurso afirmando que ninguém poderá mudar totalmente, nem mesmo com castigo aqueles que são naturalmente inclinados a pecar e têm este hábito.

68. Por outro lado, não causa admiração que a ordem, a composição, a elocução destes discursos filosóficos tenham produzido estes resultados nos que foram citados e em outros cuja vida fora má. Mas considerando que os discursos que Celso qualifica de vulgares estão cheios de poder à maneira dos encantamentos, vendo estes discursos converterem incontáveis multidões das desordens à vida mais regrada, injustiças em honestidade, timidez e covardia em firmeza levada até ao desprezo da morte pela religião que eles acreditavam verdadeira, quantas justas razões temos para admirar o poder deste discurso! Pois "o discurso" daqueles que, na origem, passaram este ensinamento e trabalharam para estabelecer as igrejas de Deus, bem como sua "pregação" tiveram poder persuasivo, bem diferente da persuasão própria dos que alardeiam a sabedoria de Platão ou de outro filósofo que, sendo homens, nada mais tinham senão natureza humana. A demonstração que os apóstolos de Jesus usavam fora dada por Deus e tirava sua força de persuasão de "Espírito e poder" (1Cor 2,4). Vêm daí a rapidez e a penetração com a qual sua palavra se propagou, ou melhor a de Deus, que por meio deles mudou grande número dos que eram naturalmente inclinados a pecar e tinham este hábito. E os que nenhum homem teria mudado, nem mesmo com castigo, o Logos os recriou, formando-os e modelando-os segundo sua vontade.

69. Na lógica de seus princípios, Celso afirma que é muito difícil mudar radicalmente a natureza. Mas sabemos que as almas racionais todas têm a mesma natureza; sustentamos que nenhuma foi feita má pelo Criador do universo, mas que muitos homens se tornaram maus por causa da educação, da perversão, do seu ambiente humano, que fazem da malícia uma disposição natural em certas pessoas; estamos persuadidos de que não só é

possível, mas também de que não é muito difícil ao Logos divino mudar a malícia que se tornou natural; a única condição é admitir que é preciso entregar-se ao Deus supremo e fazer tudo para agradá-lo. Junto dele não é verdade que:

> "a mesma estima espere o covarde e o bravo"
> nem espere
> "a mesma morte, o homem que nada faz e o autor de mil proezas" (Homero, Il., IX, 319-320).

E se para alguns é muito difícil mudar, devemos dizer que a causa está na sua vontade que não quer admitir que o Deus supremo é para cada pessoa o justo juiz de todas as ações de sua vida. Pois, para a realização de ações que parecem muito difíceis, e, falando hiperbolicamente, quase impossíveis, a livre determinação e o exercício são meios poderosos. Será que a natureza humana quer andar em cima de uma corda estendida no ar no meio do teatro e carregando fardos pesados? Ela poderá, pelo exercício e pela aplicação, realizar este tipo de proeza. E se ela quisesse viver na virtude, acaso não poderia, ainda que tivesse sido antes muito corrompida? Considera, além disso, ter-se criado a natureza do homem capaz de ações tão difíceis e sem nenhuma utilidade, mas impotente diante de sua própria bem-aventurança não é mais injurioso à Natureza que cria o ser racional do que ao ser criado; mas basta como resposta à sua reflexão de que é muito difícil mudar radicalmente a natureza.

Em seguida ele diz que aqueles que não têm pecado têm como quinhão uma vida melhor, sem indicar claramente se aqueles que ele considera sem pecado assim o são desde a origem ou desde sua conversão. Mas, eles não podem ser isentos de pecado desde a origem. Raramente encontramos pessoas sem pecado desde a conversão, e quando isto acontece, é porque tiveram acesso à doutrina que salva. Mas não são livres de pecado no momento de abraçar a doutrina; pois, sem esta doutrina em sua perfeição, é impossível que alguém viva sem pecado.

70. Em seguida, ele responde previamente a uma afirmação que nos faz: *Deus poderá tudo*. Não compreende o que se quer dizer, nem o que significa "tudo", nem o sentido de "ele pode". Não precisamos nos deter neste ponto, pois, embora ele pudesse fazê-lo de maneira plausível, não insistiu: talvez não tenha compreendido o argumento plausível que poderia ser oposto a esta afirmação, ou se o compreendeu, ele quis a resposta à objeção. Mas, de acordo com nossa posição, Deus pode tudo o que ele pode fazer sem deixar de ser Deus, ser bom, ser sábio. Celso, como se não tivesse compreendido em que sentido se diz que Deus pode tudo, declara: *Ele não há de querer nada de injusto,* fazendo crer que ele pode até o injusto, mas não o quer. Nós, ao contrário, dizemos: assim como uma coisa adoçante por natureza pela doçura que possui não pode amargar, contrariando a sua única propriedade, nem uma coisa luminosa por natureza, porque é luz, não pode causar escuridão: assim Deus tampouco pode cometer a injustiça, pois o poder de cometer injustiça é contrário à sua divindade e à sua onipotência divina. Mas se um ser pode cometer a injustiça por uma propensão natural à injustiça, ele pode cometer a injustiça porque sua natureza não implica a impossibilidade absoluta de cometer a

injustiça.

71. A seguir, ele admite o que os cristãos ponderados não concedem, mas que alguns idiotas sustentam: *Semelhante àqueles cuja piedade escraviza, dominado pela piedade por aqueles que se lamentam, Deus conforta os maus e rejeita os bons que nada disso fazem: é o cúmulo da injustiça.* Nós, porém, afirmamos que Deus não conforta nenhum mau que ainda não se tenha convertido para a virtude e não rejeita nenhum homem que já é bom. Além disso, ele não conforta nenhuma pessoa que se lamenta por se lamentar, nem tem piedade dela, tomando a expressão no sentido ordinário. Mas os que se condenam severamente a si mesmos por seus pecados, até chorarem e se lamentarem por sua ruína devida aos seus delitos passados, e que manifestam mudança notável, Deus os acolhe por causa de sua conversão, ainda que venham de vida depravada. Pois a virtude que entra na alma expulsa a malícia que a dominava e causa o esquecimento em tais pessoas. E, na falta da virtude, se um progresso notável ocorre na alma, também este basta, à medida que é progresso, para expulsar dela a malícia e secar-lhe a fonte, embora esta já quase não exista na alma.

Os mestres da doutrina

72. Prosseguindo, como se fora da boca de nosso mestre de doutrina, ele diz: *Os sábios rejeitam o que dizemos, desorientados e embaraçados em sua sabedoria.* Também a isto responderei: se é verdade que "a sabedoria" é a ciência "das coisas divinas e humanas" e de suas causas, ou como a define a palavra divina: "Ela é eflúvio do poder de Deus, uma emanação puríssima da glória do Onipotente, pelo que nada de impuro nela se introduz. Pois ela é reflexo da luz eterna, espelho nítido da atividade de Deus e imagem de sua bondade" (Sb 7,25-26), jamais o verdadeiro sábio rejeitará o que diz o cristão que tem conhecimento verdadeiro do cristianismo, nem ficará desorientado e embaraçado pela sabedoria. Pois a verdadeira sabedoria não desorienta, e sim a ignorância, e a única realidade sólida é a ciência e a verdade que provêm da sabedoria. Se, ao contrário da definição da sabedoria, damos o nome de sábio ao que sustenta por meio de sofismas qualquer opinião, admitiremos que aquele que esta pretensa sabedoria qualifica rejeita as palavras de Deus, por estar desorientado e embaraçado por razões sutis e sofismas. Mas, de acordo com nossa doutrina, "o conhecimento do mal não é sabedoria" (Sb 19,22); "o conhecimento do mal", por assim dizer, reside os que sustentam opiniões falsas e são enganados por sofismas; por isso direi que ela é entre eles ignorância e não sabedoria.

73. Depois disso, ele insulta novamente o pregador do cristianismo, censurando-o por expor *coisas ridículas,* porém sem designar nem estabelecer claramente o que ele entende por coisas ridículas. Ele continua seus insultos: *Nenhum homem sensato crê nesta doutrina da qual o afasta a multidão de seus adeptos.* Isto equivale a dizer: por causa da multidão de pessoas simples que se deixavam levar por suas leis, nenhum homem sensato obedece, por exemplo, a Sólon, Licurgo, Zaleuco ou qualquer outro

legislador, sobretudo se entendemos como homem sensato o homem virtuoso. Com efeito, nestes exemplos, os legisladores realizaram o que lhes pareceu benéfico, protegendo seus povos com disciplina e leis particulares; da mesma forma Deus, legislando em Jesus pelos homens de todas as partes, conduz até os que não têm bom senso, enquanto é possível conduzi-los ao que é melhor. Assim era seu pensamento, como ficou dito acima, quando declara pela boca de Moisés: "Provocaram meu ciúme com um deus falso, e me irritaram com seus ídolos vazios; pois vou provocar seu ciúme com uma nação idiota!" (Dt 32,21). Era este igualmente o pensamento de Paulo: "Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios" (1Cor 1,27), chamando sábios no sentido amplo todos os que seu aparente progresso nas ciências não impediu de naufragar no politeísmo ateu, pois, "jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos e trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis" (Rm 1,22-23).

74. Ele acusa ainda *o mestre de procurar os idiotas.* Poderíamos responder-lhe: a quem chamas idiotas? No rigor do termo, qualquer pessoa má é idiota. Se, portanto, chamas idiotas os maus, será que tu, conquistando homens para a filosofia, procuras angariar maus ou bons? Mas não pode ser bons, eles já são filósofos; são então maus; mas se eles são maus, são idiotas. E tu procuras conquistar muitos deles para a filosofia: portanto, também tu procuras os idiotas. Para mim, ainda que eu procure os que tu chamas idiotas, eu ajo como médico generoso que procura doentes para lhes administrar remédios e fortalecê-los. Mas se chamas idiotas as pessoas de espírito superficial e extravagantes entre todos, responderei que também a estes procuro convertê-los em melhores, enquanto depender de mim, sem porém querer constituir com eles a assembleia dos cristãos. Procuro antes os espíritos vivos e penetrantes porque são capazes de seguir a elucidação dos enigmas e dos significados ocultos da lei, dos profetas e dos evangelhos, que desprezaste como se não contivessem nada de válido, por não ter examinado o sentido que eles encerram e tentado penetrar na intenção dos escritores.

75. E acrescenta: *Quem ensina a doutrina cristã se parece com quem promete a cura dos corpos dissuadindo as pessoas de consultar os médicos competentes, temendo ser convencido por eles de sua ignorância.* Revidamos: quais são, na tua opinião, os médicos dos quais desviamos as pessoas simples? Certamente não admites que nossa exortação a abraçar a doutrina se dirija aos filósofos por acreditar que eles sejam os médicos dos quais dissuadimos os que chamamos à doutrina divina? Assim, ou ele não responde, incapaz de designar os médicos em questão, ou deve limitar-se aos simples que também celebram servilmente o culto dos múltiplos deuses e repetem todos os erros vulgares. Dessa forma, nos dois casos, será convencido de ter evocado inutilmente aquele que dissuade os pacientes dos médicos competentes.

E se desviássemos da filosofia de Epicuro e de seus adeptos os pretensos médicos epicureus, vítimas de seus embustes! Não seria acaso um ato muito sensato afastá-los da grave doença inoculada pelos médicos de Celso que leva a negar a Providência e a apresentar o prazer como o bem? Suponhamos que afastemos dos outros médicos

filósofos aqueles que nós atraímos à nossa doutrina: peripatéticos, por exemplo, que negam a Providência que cuida de nós e a relação entre os homens e Deus; não seria de nossa parte ato de piedade preparar e curar os que atraímos, persuadindo-os a se consagrarem ao Deus supremo, e libertando das feridas profundas causadas pelas doutrinas dos pretensos filósofos os que tivermos persuadido? E mais, digamos que desviemos outros dos médicos estoicos, que apresentam um deus corruptível, dão-lhe essência corporal, capaz de mudança integral, de alteração, de transformação, e pensam que um dia tudo deverá acabar e Deus subsistirá sozinho; como não desviar de doutrinas tão perniciosas os que acreditam em nós, e não os conduzir à piedosa doutrina que lhes ensina a adoração do Criador, o espanto diante do autor do dogma dos cristãos, que, em seu amor extremo pelos homens, realiza sua conversão e cuidou de divulgar suas instruções para as almas em todo o gênero humano? Ainda que curemos os contagiados pela loucura da metensomatose, ensinada por médicos que rebaixam a natureza racional ora até ao nível da natureza privada de razão, ora até ao nível daquela que está despida de representação, acaso não convertemos em melhores as almas dos que acreditam em nossa doutrina? Porque ela não ensina que o mau sofrerá como castigo a perda da sensibilidade ou da razão; ela demonstra que os sofrimentos e os castigos infligidos por Deus aos maus são remédios para produzir a conversão. Eis o que pensam os cristãos inteligentes, ainda que o adaptem aos mais simples, como fazem os pais com seus filhos pequenos.

Pois de modo algum *nos refugiamos entre néscios e estúpidos caipiras dizendo a eles: Fugi dos médicos*, nem dizemos: *Vigiai a fim de que nenhum de vós adquira ciência*; tampouco afirmamos que *a ciência é má*, nem enlouquecemos, para dizer que *o conhecimento faz com que os homens percam a sanidade mental*. Pelo contrário, afirmo, nem teríamos dito *estar perdido na sabedoria* quem quer que seja, nem *Inclinai-vos a mim*, quando ensinamos, e sim: ao Deus do Universo inclinai-vos e ao mestre de seu estudo, Jesus. Mas nenhum de nós é de tal forma charlatão para que justamente Celso, preocupado com a pessoa do aluno, diga aos conhecidos: *Eu vos salvarei sozinho*. Repara, pois, o quanto ele nos calunia. Porém, de modo algum afirmo que *os verdadeiros médicos corrompem aqueles a quem prometem tratar*.

76. *Ele aduz segundo exemplo contra nós, e afirma que aquele que ensina nossa doutrina se conduz como homem ébrio no meio de ébrios, acusando as pessoas sóbrias de estarem em estado de embriaguez*. Que demonstre então, de acordo com os escritos de Paulo, por exemplo, que o apóstolo de Jesus estava ébrio e que suas palavras não eram as de um homem sóbrio, ou conforme os escritos de João, que seus pensamentos não respiram temperança perfeita muito distante da embriaguez do mal! Portanto, nenhum homem moderado que ensina a doutrina cristã é ébrio, e é injúria de Celso indigna de filósofo. E Celso que nos diga que pessoas sóbrias acusamos nós, nós que somos os pregadores da doutrina cristã! Para nós, ébrios são todos os que se dirigem a coisas inanimadas como a Deus. Que digo eu: eles são ébrios? Melhor dizendo, são loucos os que correm aos templos para adorar como deuses as estátuas e os animais. E não são menos loucos os que imaginam que são feitos para o culto dos deuses

verdadeiros os objetos fabricados pelos artesãos, às vezes os mais vis dentre os homens.

77. Depois disso, ele equipara *o mestre a homem que sofre das vistas e os discípulos a pessoas que sofrem das vistas e declara: Este homem diante das pessoas que sofrem das vistas acusa de cegueira aqueles cuja visão é penetrante.* Quais são então as pessoas de vistas doentes segundo nós senão as que, da imensa grandeza das coisas que existem no mundo e da beleza da criação, são incapazes de erguer os olhos e ver que é preciso adorar, admirar e venerar somente aquele que as fez, e que, por outro lado, não podemos venerar como convém nada do que é fabricado entre os homens e utilizado no culto dos deuses, nem sem o Deus Criador, nem mesmo com ele? Comparar o que absolutamente não pode ser comparado com aquele que ultrapassa com superioridade infinita toda natureza criada é o que fazem as pessoas que sofrem de cegueira de espírito. Não dizemos que aqueles que têm vista penetrante têm os olhos doentes ou são cegos, mas que aqueles que, por não conhecerem a Deus se apegam a templos, a imagens, "às festas de cada mês", são cegos de espírito; o que é verdade, sem dúvida, quando acrescentam à sua impiedade uma vida na devassidão, jamais procuram praticar qualquer ato honesto, mas apenas ações vergonhosas.

78. Em seguida, depois de tantas injúrias contra nós, querendo mostrar que ele poderia formular outras, mas as silencia, assim se expressa: *Estas são as minhas acusações, e outras semelhantes para não enumerar todas. Afirmo que elas são ofensas e insultos a Deus para atrair pessoas perversas com vãs esperanças e persuadi-las insidiosamente a desprezar bens superiores, sob pretexto que terão a ganhar se delas se abstiverem.* Podemos responder-lhe: vendo os que entram para o cristianismo, constatamos que não são pessoas perversas atraídas pela doutrina, mas simples ou — como se diria vulgarmente — rudes. O temor dos castigos anunciados os leva e encoraja a se absterem dos atos que os tornam deles merecedores. Eles procuram se dedicar à piedade que o cristianismo lhes ensina, deixam-se vencer pela doutrina até desprezar, por medo dos castigos que esta doutrina chama eternos, qualquer tipo de tortura imaginada contra eles pelos homens, e a morte no meio de tormentos inúmeros: nenhum homem sensato veria nisto conduta inspirada por motivos perversos. Como, por algum motivo perverso, alguém praticaria a temperança e a sobriedade, a liberalidade e a bondade? Não se teria sequer o temor de Deus, que a Escritura recomenda como útil às multidões, aos que são ainda incapazes de contemplar o que merece por si mesmo ser escolhido, e de escolhê-lo como o bem supremo que ultrapassa toda promessa: este temor não pode nascer naquele que escolheu vida perversa.

79. Talvez se imagine que exista aí mais superstição do que perversão com relação à totalidade daqueles que acreditam na doutrina, e nossa doutrina será acusada de criar supersticiosos. Responderemos com a palavra do legislador a quem se perguntava se ele tinha dado a seus concidadãos as melhores leis: não as melhores absolutamente, mas as melhores que eles podiam receber. Assim o fundador do cristianismo poderia dizer: eu instituí as melhores leis e o melhor ensino que as multidões podiam receber para a correção de seus costumes, ameaçando os pecadores de penas e castigos não mentirosos,

mas verdadeiros, necessariamente infligidos para a reforma dos pecadores obstinados, ainda que eles não compreendam absolutamente a intenção daquele que castiga nem o efeito de suas penas. Esta doutrina é benéfica, quer seja expressa em sua verdade às claras, quer, se for útil, em sua forma velada. Mas, em geral, não são as pessoas perversas que os pregadores do cristianismo atraem, e não insultamos a Deus: não dizemos a seu respeito senão o que é verdadeiro e parece claro ao povo, embora não sejam coisas menos claras para ele do que para a elite exercitada em compreender filosoficamente as doutrinas cristãs.

80. Como Celso critica os cristãos por se deixarem atrair por vãs esperanças, responderei a seus ataques contra a doutrina da vida bem-aventurada e da comunhão com Deus: então, de acordo com o que dizes, meu caro, são atraídos por vãs esperanças os que aceitaram a doutrina de Pitágoras e de Platão sobre a alma naturalmente feita para subir até a abóbada do céu, e num lugar supraceleste contemplar os mesmos espetáculos que os bem-aventurados. E conforme pensas, Celso, também são atraídos por esperanças vãs os que, tendo admitido a sobrevida da alma, vivem para serem heróis e partilharem do convívio dos deuses. E provavelmente, até os que estão persuadidos que o espírito que vem "de fora" é imortal e o único a sobreviver, nas palavras de Celso, são atraídos por vãs esperanças. Venha, pois, sem esconder mais a que seita pertence, mas declarando-se epicureu, venha combater as razões sólidas dadas entre os gregos e os bárbaros sobre a imortalidade da alma e a sobrevida, ou sobre a imortalidade do espírito. Prove que são razões que enganam com vãs esperanças os que as admitem; ao passo que as razões de sua própria filosofia, em vez de vãs esperanças, ou inspiram boas esperanças ou, o que é mais conforme com seus princípios, não inspiram nenhuma esperança, uma vez que a alma sofre destruição imediata e total. A não ser que Celso e os epicureus recusem considerar como vã a esperança de seu fim, o prazer, que para eles é o bem supremo, e é tão-somente o equilíbrio sadio do corpo e a confiança tranquila que nele deposita Epicuro.

81. Que ninguém suspeite que eu esteja em desacordo com a doutrina cristã quando mobilizei contra Celso os filósofos partidários da imortalidade e da sobrevida da alma: temos com eles posições comuns. Provarei, oportunamente, que a vida bem-aventurada futura pertencerá somente aos que adotaram a religião de Jesus, e uma piedade diante do Criador do universo absolutamente pura e sem mistura com o que quer que seja de criado. Mas que bens superiores persuadimos insidiosamente os homens que desprezem? Mostre-o quem quiser! E compare com eles este fim bem-aventurado, conforme nossa fé, junto de Deus em Cristo, isto é, o Logos, a Sabedoria e toda virtude, este fim que caberá a todos os que viverem de maneira pura e irrepreensível e receberem o amor sem divisão nem separação do Deus do universo, este fim concedido por dom de Deus! Compare este fim com o fim que cada escola filosófica propõe entre os gregos e os bárbaros, ou prometido pelos mistérios! Mostre que o fim apresentado por um dentre eles é superior ao nosso, que é concepção conveniente porque é verdadeira, ao passo que a nossa não convém nem ao dom de Deus, nem àqueles cuja vida foi virtuosa; ou então que ela não foi revelada pelo Espírito divino que tinha inundado a alma pura dos

profetas! Mostre quem quiser que doutrinas reconhecidas por todos como perfeitamente humanas são superiores as que são demonstradas como divinas e proclamadas por inspiração divina! Mas quais são os bens superiores que valem a pena as pessoas deles se absterem, segundo o que poderíamos afirmar? Efetivamente, sem nenhuma pretensão de orgulho, logo se evidencia que nada podemos conceber de superior no ato de nos confiarmos ao Deus supremo e de nos entregarmos ao ensino que nos desapega de tudo o que é criado para nos conduzir ao Deus supremo, pelo Logos animado e vivo, que também é Sabedoria viva e Filho de Deus.

Mas como o terceiro livro de minha resposta ao tratado de Celso chega neste momento a uma dimensão suficiente, suspendo aqui a argumentação para combater na sequência suas objeções ulteriores.

LIVRO QUARTO

1. Nos três livros anteriores, santo amigo Ambrósio, expus com pormenores o que me ocorreu ao espírito para responder ao tratado de Celso. Chego a quarto livro contra as objeções que seguem, depois de ter orado a Deus por intercessão de Cristo. Oxalá me sejam dadas palavras tais como lemos em Jeremias, quando o Senhor falava ao profeta: "Eis que ponho as minhas palavras em tua boca. Vê! Eu te constituo, neste dia, sobre as nações e sobre os reinos, para arrancar e para destruir, para exterminar e para demolir, para construir e para plantar" (Jr 1,9-10). Doravante preciso de palavras capazes de arrancar pelas raízes as ideias contrárias à verdade de toda alma enganada pelo tratado de Celso ou por pensamentos semelhantes aos seus. Tenho também necessidade de ideias que ponham abaixo os edifícios de toda opinião falsa e as pretensões do edifício de Celso em seu tratado, semelhantes à construção dos que dizem: "Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre nos céus!" (Gn 11,4). Preciso também de sabedoria capaz de abater todos os poderes altivos que se levantam "contra o conhecimento de Deus" (2Cor 10,5), e o poder arrogante da jactância de Celso que se ergue contra nós. E como não devo me limitar a erradicar e a destruir todos esses erros, mas, em lugar daquilo que é erradicado, plantar a plantação do campo de Deus (cf. 1Cor 3,9), em lugar do que é destruído, construir o edifício de Deus e o templo da glória de Deus — eis as razões por que devo orar ao Senhor, dispensador dos dons mencionados em Jeremias — que dê também a mim palavras eficazes para construir o edifício de Cristo e plantar a lei espiritual e as palavras dos profetas que a ela se referem.

Devo sobretudo estabelecer, contra as objeções atuais de Celso em sequência às anteriores, que a vinda de Cristo foi realmente predita. De fato, ele se dirige ao mesmo tempo contra os judeus e contra os cristãos: contra os judeus que negam que a vinda de Cristo já se tenha realizado mas esperam que ocorra, e contra os cristãos que professam que Jesus é o Cristo predito, e afirma:

A descida divina e suas razões

2. *Eis a pretensão de certos cristãos e judeus: um Deus ou Filho de Deus, segundo uns desceu, segundo outros descerá à terra para julgar seus habitantes: palavras tão vergonhosas que não carecem de longo discurso para serem refutadas.* Parece de fato falar com exatidão quando diz, não alguns judeus, mas todos os judeus acreditam que alguém descerá à terra, ao passo que alguns cristãos apenas dizem que ele desceu. Quer indicar aqueles que estabelecem pelas Escrituras judaicas que a vinda de Cristo já se realizou, e parece conhecer a existência de seitas que negam que o Cristo Jesus seja a pessoa profetizada. Mas eu já deixei claro acima da melhor forma possível que Cristo fora profetizado; por isso não voltarei às numerosas provas que poderiam ser apresentadas a este respeito, a fim de evitar as repetições. Repara, pois, que se ele tivesse querido, com uma lógica pelo menos aparente, derrubar a fé nos profetas ou na vinda futura ou passada de Cristo, devia citar as próprias profecias às quais, nós, cristãos ou judeus, recorremos em nossas disputas. Desta forma, pelo menos aparentemente,

teria desviado os que são atraídos, segundo creem, por seu caráter ilusório, da adesão às profecias e da fé, fundada nelas, em Jesus como Cristo. Mas de fato, por incapacidade de responder às profecias feitas sobre Cristo, ou por ignorância total das predições feitas sobre ele, não cita uma única passagem profética, quando existem inúmeras sobre o Cristo. Pensa que pode acusar os textos proféticos, sem apresentar o que ele chama de seu argumento ilusório. Ignora, em todo caso, que os judeus não dizem absolutamente que Cristo, Deus ou Filho de Deus, descerá, como acima eu disse.

3. Mal afirma ele que Cristo, segundo nós desceu, segundo os judeus descerá como juiz, e logo se julga autorizado a chamar tal discurso de vergonhoso, a ponto de não precisar de longa refutação. E continua: *Que finalidade teria para Deus tal descida?* Ele não vê que, segundo nós, a finalidade desta descida é principalmente converter "as ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 10,6; 15,24), em segundo lugar, retirar aos antigos judeus "o Reino de Deus, por causa de sua incredulidade", e confiá-lo a outros vinhateiros, os cristãos, que "entregarão" a Deus "os frutos, no tempo devido", quando cada ação será fruto do Reino de Deus.

Apresentei estas razões entre muitas outras para responder à pergunta de Celso: "Que finalidade teria para Deus tal descida?" Mas Celso inventa assuntos que não têm nada que ver com os judeus nem conosco: *Será para aprender o que ocorre entre os homens?* Pois ninguém de nós diz que Cristo veio a esta vida para aprender o que acontece no meio dos homens. Depois, como alguns diziam que é para aprender o que acontece entre os homens, ele responde à questão proposta: *Então ele não sabe tudo?* E como se nós respondêssemos sim, ele levanta uma nova dúvida: *Será então que, sabendo, ele não reforma e não pode reformar seu poder divino?* São tantas tolices quantas as palavras! Com efeito, por seu Logos que desce a cada geração nas almas pias e as constitui amigas de Deus e profetas, Deus reforma os que ouvem suas palavras; e no tempo da vida de Cristo, ele reforma pelo ensinamento do cristianismo, não os recalcitrantes, mas os que elegeram a melhor vida que agrada a Deus.

Mas não sei que reforma Celso deseja realizada quando propõe nova questão: *Ser-lhe-á então impossível reformar por seu divino poder, sem enviar alguém destinado por natureza a este objetivo?* Teria ele então desejado que a reforma fosse realizada entre homens dotados de visões por Deus que, tendo-lhe subitamente tirado a malícia, implantaria neles a virtude? Poderíamos perguntar se isto estaria de acordo com a natureza ou até se seria possível. Eu diria: admitamos que seja possível; que seria de nossa liberdade? Em que a adesão à verdade seria louvável, digna de aprovação a recusa de mentira? E ainda que se admita que a coisa é possível e conveniente, por que não propor de uma vez a questão, apoiada na afirmação de Celso: era então impossível para Deus criar por seu divino poder uma humanidade que não tivesse necessidade de reforma, imediatamente virtuosa e perfeita, sem a existência da menor malícia? Concepção que pode seduzir os simples e sem inteligência, mas não aquele que examina a natureza das coisas. Porque destruir a liberdade da virtude é destruir-lhe a própria essência. A matéria demandaria estudo total. Os próprios gregos trataram deste assunto longamente em seus livros sobre a Providência, e não aprovariam a proposição de Celso:

“Ele sabe, mas não reforma, e lhe é impossível reformar por seu divino poder.” Também eu, por diversas vezes, tratei deste assunto do melhor modo, e as divinas Escrituras provaram-no para os que podem compreendê-las.

4. Devolveremos contra Celso o que ele nos objeta a nós e aos judeus: então, meu caro, o Deus supremo sabe por acaso o que se passa entre os homens, ou não sabe? Mas se afirmas que existe um Deus e uma Providência, como teu tratado dá a entender, necessariamente ele sabe. E se ele sabe, por que não reforma? Será que devemos explicar por que, embora sabendo, não reforma? Ainda que tu, em tua obra, não te apresentes precisamente como epicureu, mas pareças reconhecer a Providência, não terás de dizer igualmente por que Deus, sabendo tudo o que se passa entre os homens, não reforma e não liberta a todos os homens do mal por seu divino poder. Mas nós não temos vergonha de dizer que Deus envia continuamente pessoas para reformar os homens: é por um dom de Deus que se encontram na humanidade as doutrinas que os convidam às mais altas virtudes. Mas entre os ministros de Deus, existem muitas diferenças: alguns poucos há que pregam em toda a sua pureza a doutrina da verdade e realizam uma reforma perfeita. Assim foram Moisés e os profetas. Superior, no entanto, à obra realizada por eles em benefício de todos é a reforma operada por Jesus, que quis curar não só os habitantes de um canto da terra, mas, enquanto dependesse dele, os do mundo inteiro; pois ele veio como “Salvador de todos os homens” (1Tm 4,10).

5. Depois disto, o nobilíssimo Celso, não sei por que razão, nos põe uma dificuldade pelo que diríamos: *Deus em pessoa descerá aos homens.* Segundo ele, o resultado é que *Ele abandona seu trono.* A verdade é que ele ignora o poder de Deus, e que “o espírito do Senhor enche o universo, dá consistência a todas as coisas, sabe tudo o que se diz” (Sb 1,7). Não pode compreender a palavra: “Não sou eu que encho o céu e a terra? Oráculo do Senhor” (Jr 23,24). Ele não vê que, segundo a doutrina dos cristãos, todos juntos “nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28), como Paulo ensinou em seu discurso aos atenienses. Então, quando o Deus do universo por seu próprio poder desce com Jesus à existência humana, e quando o Logos, “no princípio em Deus” e sendo ele mesmo Deus, vem até nós, ele não deixa seu lugar e não abandona seu trono, como se houvesse primeiro um lugar vazio, sem ele, e em seguida outro cheio dele, que antes não o continha. Pelo contrário, o poder e a divindade de Deus vem por aquele que ele quer e em quem ele encontra um lugar, sem mudar de lugar nem deixar seu lugar vazio para encher outro. Desta forma, quando dizemos que ele sai de alguém e enche alguém, não explicamos em sentido local. Diremos que a alma da pessoa má mergulhada no vício é abandonada por Deus, explicaremos que a alma de quem quer viver na virtude, que nela faz progressos, que já leva esta vida, está cheia ou se torna participante do espírito divino. Para que Cristo desça aos homens, para que Deus se volte para eles, não é portanto necessário que ele abandone um trono elevado, nem que mude as coisas da terra, como pensa Celso, que diz: *Mudar a menor coisa deste mundo seria transtornar e destruir o universo.* Mas se devemos dizer que as coisas mudam pela presença do poder de Deus e pela vinda do Logos aos homens, diremos sem hesitar que é mudar da

perversidade à virtude, da licença à temperança, da superstição à piedade abrir a alma à virtude do Logos de Deus.

6. Se desejas minha resposta às afirmações mais ridículas de Celso, ouve o que ele diz: *Mas, desconhecido entre os homens e julgando-se assim diminuído, será que Deus talvez quisesse ser reconhecido e pôr à prova os cristãos e os não cristãos, como novos-ricos ávidos de ostentação? É atribuir a Deus uma ambição excessiva e por demais humana!* Minha resposta é que Deus, desconhecido pela maldade dos homens, desejaria ser reconhecido, não porque se julgue diminuído, mas porque seu conhecimento liberta da desgraça aquele que o reconhece. Além disso, não é no intuito de pôr à prova os cristãos ou os não cristãos que ele mesmo habita em alguns pelo seu misterioso e divino poder ou lhes envia seu Cristo; é para afastar de todo mal os cristãos que acolhem sua divindade e para tirar aos não cristãos a ocasião de escusar sua falta de fé alegando não entender seu ensinamento. Por isso, que argumento pode mostrar que, na lógica de nossa doutrina, Deus faria o papel, conforme o que afirmamos, dos novos-ricos ávidos de ostentação? Longe de ser ávido de ostentação conosco quando ele deseja nos fazer conhecer e compreender sua excelência, Deus quer implantar em nós a felicidade que nasce em nossas almas por ser conhecido de nós; e se empenha seriamente, por Cristo e pela incessante vinda do Logos, em nos fazer receber a intimidade com ele. A doutrina cristã não atribui a Deus nenhuma ambição humana.

7. Mas, não sei por quê, depois de vãs ninharias sobre o que acabo de dizer, ele explica: *Não é por causa de si que Deus deseja ser conhecido, é por nossa salvação que ele quer levar-nos ao conhecimento de si mesmo; para que aqueles que recebem este conhecimento, tornando-se virtuosos, sejam salvos, e os que recusam, manifestando sua malícia, sejam castigados.* Posto isto, ele objeta: *Será então agora, depois de tantos séculos, que Deus se lembrou de julgar a vida dos homens, quando antes ele não se importava com ela?* A isto respondo: não existe tempo em que Deus não tenha querido julgar a vida dos homens. Além disso, ele sempre cuidou de oferecer ocasiões de virtude e também de reformar o ser racional. A cada geração, a sabedoria de Deus, penetrando nas almas dos homens que ela julga piedosos, faz deles amigos de Deus e dos profetas. E, sem dúvida, poderíamos encontrar nos livros sagrados aqueles que em cada geração foram piedosos e capazes de receber o espírito divino, e empenharam os melhores esforços para converter seus contemporâneos.

8. Não admira que, em certas gerações, alguns profetas, por causa de sua vida mais generosa e mais ativa, ultrapassem em sua capacidade de receber a Deus a outros profetas, alguns de sua época, outros antes ou depois deles. Tampouco admira que num tempo determinado tenha vindo ao gênero humano um ser extraordinário, superior aos que o precederam ou aos que viriam mais tarde. Mas a razão destas disposições tem profundidade muito grande e mistério tão imenso para ser plenamente acessível ao entendimento comum. Para elucidar a questão e responder à objeção sobre a vinda de Cristo: "Será então agora, depois de tantos séculos, que Deus se lembrou de julgar a raça humana, quando antes ele não se importava com ela?", devemos abordar o assunto das

divisões de povos e dizer claramente por que "quando o Altíssimo repartia as nações, quando espalhava os filhos de Adão, ele fixou fronteiras para os povos, conforme o número dos filhos de Deus; mas a parte do Senhor foi seu povo Jacó, e o lote de sua herança, Israel" (Dt 32,8-9). E deveremos dizer a causa do nascimento dos homens em cada região, sob a dominação daquele que recebeu a região em herança; e como era lógico que "a parte do Senhor fosse seu povo Jacó, e Israel o lote de sua herança"; e por que, sendo antes "seu povo Jacó a parte do Senhor, e Israel o lote de sua herança", pelos séculos dos séculos o Pai diz a seu Filho: "Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade" (Sl 2,8). De fato, para as economias diferentes há, com respeito às almas humanas, razões lógicas e concatenadas que são indizíveis e inexplicáveis.

9. Mas, apesar da negação de Celso, depois de numerosos profetas que tinham reformado este povo de Israel, Cristo veio como reformador do mundo inteiro, sem ter necessidade, como por ocasião da primeira economia, de aplicar contra os homens chicotes, cadeias, instrumentos de tortura. Pois, "quando o semeador saiu para semear" (Mt 13,3), seu ensinamento foi bastante para que a doutrina fosse semeada por toda parte. Supondo-se que venha um tempo que imponha ao mundo um limite que é necessário, porque ele teve um começo, e venha igualmente um fim para o mundo, e depois do fim, um justo juízo universal, então o filósofo deverá estabelecer as verdades desta doutrina mediante provas de toda espécie, tiradas das divinas Escrituras, ou deduzidas por raciocínios; e o povo simples, incapaz em sua simplicidade de seguir pelo pensamento os aspectos muito variados da sabedoria de Deus, deverá confiar-se a Deus e ao Salvador de nossa raça, mais satisfeita com a afirmação "ele disse" do que com qualquer outra razão.

10. Em seguida, Celso nos acusa novamente, como de costume, sem nada estabelecer nem provar, de falatório sem piedade nem pureza sobre Deus, e diz: *É muito claro que estamos aí diante de um falatório sem piedade nem pureza.* Ele chega a pensar que fazemos isto para *assustar os simples, evitando dizer a verdade sobre os castigos inevitáveis para aqueles que pecaram.* Por isto nos compara *aos mistagogos das iniciações báquicas que evocam espectros e fantasmas.* Que digam os gregos se as iniciações nos mistérios de Baco apresentam ou não uma doutrina plausível; que Celso e seus adeptos entrem para a escola deles! Nós, porém, defendemos a nossa doutrina desta forma: nosso objetivo é reformar o gênero humano quer por ameaças de castigos que acreditamos necessários a todos, certamente benéficos para aqueles que devem sofrê-los, quer pelas promessas àqueles cuja vida foi virtuosa, inclusive as da bem-aventurança no Reino de Deus para aqueles que merecem viver sob sua realeza.

Dilúvios e incêndios

11. A seguir, ele pretende fazer passar que nós nada dizemos que mereça atenção nem de novo sobre os dilúvios e os incêndios, e ainda mais, que *entendendo erradamente o que*

deles dizem os gregos ou os bárbaros, acreditamos no relato que deles nos fazem as Escrituras, e declara: *Entendendo erradamente estas doutrinas, ocorreu-lhes a ideia que, depois dos ciclos de longas durações e retornos e conjunções de estrelas, ocorreram incêndios e dilúvios, e que depois do último dilúvio no tempo de Deucalião, o retorno periódico conforme a alternância do universo exige um incêndio. Daí vem a opinião errônea segundo a qual Deus descerá como carrasco armado de fogo.* Responderei: não sei como Celso, homem de tanta leitura, mostrando que conhece muitas histórias, não atentou para a antiguidade de Moisés, cujo nascimento alguns escritores gregos referem no tempo de Ínaco, filho de Foroneu, cuja grande antiguidade os egípcios e os especialistas da história fenícia reconhecem. Além disso, qualquer pessoa pode ler os dois livros de Flávio Josefo sobre as *Antiguidades judaicas* para saber o quanto Moisés era mais antigo do que aqueles que disseram que há no mundo, depois de longos períodos, dilúvios e incêndios: estes autores, cristãos e judeus, segundo Celso, teriam compreendido erroneamente tais fenômenos, e entendendo mal o sentido do incêndio, teriam dito: "Deus descerá como carrasco armado de fogo".

12. Mas, não cabe aqui tratarmos se houve ou não ciclos, e em cada ciclo dilúvios e incêndios, nem tampouco do que diz a Escritura, especialmente na passagem de Salomão entre muitas outras: "O que foi, será, o que se fez, se tornará a fazer" (Ecl 1,9) etc. Basta observar simplesmente que Moisés e alguns dos profetas, autores muito antigos, não tiraram de outros sua doutrina dos incêndios; pelo contrário, levando em consideração as épocas, os outros os entenderam mal, por não saberem exatamente o que tinham dito, imaginaram em cada ciclo repetições bem parecidas em suas características essenciais e acidentais. Para nós, em vez de atribuirmos os dilúvios e os incêndios aos ciclos e aos retornos periódicos das estrelas, nós lhes damos como causa a devassidão dos vícios, destruídos pelos dilúvios ou pelos incêndios. E as expressões proféticas sobre Deus que desce e diz: "Não sou eu que encho o céu e a terra? Oráculo do Senhor" (Jr 23,24), nós as entendemos em sentido figurado. Pois Deus desce de sua própria grandeza e majestade para lidar com assuntos humanos e principalmente com os maus. E como a linguagem usual diz que os mestres descem ao nível das crianças, e os sábios e os que progridem ao dos jovens que acabam de se voltar para a filosofia, sem com isso dizer que se trata de uma descida corporal, assim também, se em alguma parte das santas Escrituras se diz que Deus desce, compreende-se esta expressão segundo o emprego usual do termo; e o mesmo acontece com subir.

13. Mas, considerando que Celso, ao nos criticar, nos atribui a crença de que Deus desce do céu como um carrasco armado de fogo e nos força absurdamente a investigar as razões profundas do que afirmamos, digamos algumas palavras suficientes para delinear aos leitores uma defesa que anule a zombaria de Celso contra nós; depois, passaremos ao que nos interessa. A divina Escritura, é verdade, afirma que nosso Deus é "um fogo devorador" (cf. Dt 4,24, 9,3; Hb 12,29), que "rios de fogo correm diante dele" (cf. Dn 7,10), que ele se adianta "como o fogo do fundidor e como a lixívia dos lavadeiros" (Ml 3,2) para provar seu povo no crisol. Portanto, quando diz que é um "fogo devorador",

procuramos o que merece ser devorado por Deus, e respondemos que Deus devora como um fogo a malícia e todas as ações que ela inspira, ditas em sentido figurado "madeira, feno, palha". Por exemplo, diz-se que o homem mau, sobre um fundamento já colocado, "constrói com madeira, feno e palha". Portanto, se fosse possível mostrar que o escritor põe aí outro significado e provar que o homem mau constrói materialmente com madeira, feno e palha (cf. 1Cor 3,12), é claro também que o fogo deveria ser compreendido como material e sensível. Mas, se pelo contrário, é em sentido figurado que as obras do mau são de madeira, feno ou palha, acaso não ocorre imediatamente ao espírito a natureza do fogo capaz de destruir estas obras "de madeira"? Diz ele: "O fogo provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída sobre o fundamento subsistir, o operário receberá recompensa. Aquele, porém, cuja obra for queimada perderá a recompensa" (1Cor 3,13-15). Esta obra queimada, que poderá significar senão tudo o que é feito por malícia? Portanto, nosso Deus é "fogo devorador" no sentido dado por nós; é dessa forma que se adianta "como o fogo do fundidor" para provar no crisol a natureza racional, enchida, pela malícia, de chumbo e de outras impurezas que alteraram a substância natural da alma, por assim dizer, de ouro ou de prata. Assim, rios de fogo, como se diz, correm à frente de Deus que vai destruir a malícia intimamente misturada à alma inteira. Baste isto para respondermos à objeção: "Daí vem a opinião errônea segundo a qual Deus descerá como carrasco armado de fogo".

Modalidade de intervenção divina

14. Vejamos igualmente a grande pretensão que ostentam as seguintes palavras de Celso: *Retomemos ainda o raciocínio acrescentando provas. Não digo nada de novo, mas coisas admitidas há muito tempo. Deus é bom, belo, feliz, no mais alto grau e excelência. Por isso, se ele desce aos homens, deve passar por mudança: mudança do bem ao mal, da beleza à feiúra, da felicidade à desgraça, do estado melhor ao pior. Mas, quem escolheria semelhante mudança? É verdade que para o mortal é próprio de sua natureza mudar e se transformar, mas para o imortal, é ser idêntico e imutável. Deus não poderia, pois, admitir tal mudança.* Creio ter dado a resposta necessária expondo o que a Escritura chama de descida de Deus à humanidade. Para tanto, ele não precisa passar por mudança, como pretende Celso, nem transformação do bem ao mal, da beleza à feiúra, da felicidade à desgraça, do estado melhor ao pior. Permanecendo imutável por essência, ele condescende com os assuntos humanos por sua Providência e pela Economia. Provamos, pois, que as Escrituras divinas afirmam a imutabilidade de Deus nestas palavras: "Mas tu existes, e teus anos jamais findarão" (Sl 101,28); e: "Sim, eu, o Senhor, não mudei". Ao contrário, os deuses de Epicuro, compostos de átomos, e enquanto são compostos, sujeitos à dissolução, empenham-se em sacudir para fora os átomos corruptores.

Além disso, o Deus dos estoicos, enquanto corporal, ora como princípio hegemônico é a realidade total, quando ocorrem os incêndios, ora se torna uma parte desta, quando se dá a nova ordem do mundo. Pois estes filósofos não souberam elucidar a noção

natural de Deus absolutamente incorruptível, simples, sem composição, indivisível.

15. Mas o ser que desceu aos homens existia anteriormente "em forma de Deus" e foi por amor aos homens que "ele se aniquilou" (Fl 2,6-7), para poder ser recebido pelos homens. Isto certamente não significa que ele tenha sofrido mudança do bem ao mal, pois "ele não cometeu pecado" (1Pd 2,22), nem da beleza à feiúra, pois "não conheceu pecado" (2Cor 5,21), nem por isso era menos feliz, mesmo quando em benefício de nossa raça ele se humilhou. Além disso, não sofreu mudança do estado de melhor a pior, pois em que sentido a bondade e o amor pelo homem seriam o que há de pior? Equivaleria então a dizer que vendo horrores e tocando em coisas repugnantes para curar os doentes, o médico passa do bem ao mal, da beleza à feiúra, da felicidade à desgraça. Acrescente-se que o médico que vê horrores e toca em coisas repugnantes não evita de modo algum a possibilidade de contrair o mesmo mal. Mas aquele que cura as feridas de nossas almas pelo Logos de Deus presente nele estava fora do alcance de todo mal. Ainda que, assumindo um corpo mortal e uma alma humana, o Logos, Deus imortal, pareça a Celso mudar e se transformar, saiba Celso que o Logos, que permanece Logos por sua essência, nada sofre com os sofrimentos do corpo e da alma. Mas às vezes condescende com a fraqueza daquele que não pode ver o brilho e o esplendor de sua divindade e por assim dizer, se faz "carne", se expressa corporalmente, permitindo àquele que o recebeu sob esta forma, rapidamente elevado pelo Logos, contemplar igualmente, por assim dizer, sua forma principal.

16. Efetivamente há formas, por assim dizer, diferentes do Logos, sob as quais ele aparece a cada um segundo o grau de seu progresso no conhecimento, seja ele iniciante, pouco ou muito adiantado, já próximo da virtude, ou estabelecido nela. Portanto, não é no sentido em que pretendem entendê-lo Celso e seus semelhantes que nosso Deus "se transfigurou" e tendo subido "a alta montanha" (Mt 17,2.1), mostrou sua própria forma, diferente e muito mais bela do que a que viam os que tinham ficado embaixo e não puderam acompanhá-lo até o cume. Porque os que estavam embaixo não tinham olhos capazes de ver a transfiguração do Logos em sua condição gloriosa e divina. Eram tão incapazes de compreendê-lo assim como ele existia entre eles, que os que não podiam ver sua forma superior disseram a respeito dele: "Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Era desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como pessoa de quem todos escondem o rosto" (Is 53,2-3). Eis a resposta ao juízo infundado de Celso, que não compreendeu as mudanças ou as transfigurações de Jesus que a história refere, nem sua condição mortal e ao mesmo tempo imortal.

17. Então estes relatos, compreendidos como devem ser, porventura não parecem muito mais dignos de respeito do que o de Dionisio, enganado pelos Titãs, precipitado do trono de Zeus e despedaçado por eles, em seguida reconstituído e parecendo voltar à vida e subir ao céu? Será permitido aos gregos fazer a aplicação dessas histórias à doutrina da alma e interpretá-las de modo figurado, ao passo que nos fecham a porta, proibindo-nos uma interpretação lógica, concorde e harmonizada em todos os pontos com as Escrituras

inspiradas pelo Espírito divino que habita as almas puras? Celso, portanto, não viu de modo algum a intenção de nossas Escrituras; por isso ele investe contra a própria interpretação, e não contra a das Escrituras. Se tivesse compreendido o destino da alma na vida eterna futura, e o que sua essência e origem implicam, não teria criticado dessa forma a vida do ser imortal num corpo mortal, explicada não segundo a teoria platônica da metensomatose, mas numa perspectiva mais elevada. Teria visto, ao contrário, uma descida extraordinária devido a um excesso de amor aos homens, visando reconduzir, conforme a expressão misteriosa da divina Escritura, "as ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15,24), que desceram das montanhas, e para as quais o pastor de certas parábolas "desceu", deixando nas montanhas as que não se haviam perdido (cf. Mt 18,12-13; Lc 15,4s).

18. Insistindo em questões que ele não compreende, Celso provoca as minhas repetições desnecessárias, pois não quero, nem aparentemente, deixar uma única de suas críticas sem exame. Ele diz em seguida: *Ou Deus de fato muda, como eles pretendem, para se tornar um corpo mortal, e acabamos de dizer que é impossível. Ou então ele não muda, mas faz que aqueles que o veem assim o julguem, então ele os engana e mente. Mas engano e mentira sempre são um mal, exceto o caso único em que o usamos a modo de remédio, quer com amigos doentes e atacados de loucura para curá-los, quer com inimigos na intenção de evitar perigo. Mas ninguém, doente ou atacado de loucura, é amigo de Deus, e Deus não tem medo de ninguém a ponto de chegar a enganá-lo para fugir ao perigo.* Em resposta poderíamos argumentar com a natureza do Logos divino que é Deus, como também com a alma de Jesus. Com a natureza do Logos: assim como a natureza dos alimentos, para combinar com o temperamento do bebê, se transforma em leite na ama de leite, ou é preparado pelo médico como exige a saúde do doente, ou é adaptado às forças daquele que é mais robusto: assim também Deus muda pelos homens segundo as necessidades de cada um o poder de seu Logos naturalmente destinado a alimentar a alma humana. Ele se torna para um, como diz a Escritura, "um leite espiritual puro" (1Pd 2,2), para outro ainda mais fraco, como um legume (cf. Rm 14,2), enquanto ao perfeito se dá "um alimento sólido" (Hb 5,12.14). Sem nenhuma dúvida, o Logos não mente sobre sua própria natureza, quando ele alimenta cada um na medida que ele pode acolhê-lo, e fazendo assim, "ele não engana nem mente".

Na alma de Jesus, supondo-se mudança em sua vinda num corpo, perguntamos o que quer dizer isso. Será mudança da essência? Não, em se tratando desta alma ou de outra alma racional. Queremos dizer que ela está afetada pelo corpo ao qual está mesclada e pelo lugar em que ela veio? Em que isto repugna ao Logos, que em seu imenso amor aos homens faz descer um Salvador ao gênero humano? Nenhum daqueles que antes tinham prometido curá-lo tinha podido fazer tudo aquilo de que esta alma deu prova, mesmo descendo livremente à condição mortal dos homens para a salvação de nossa raça. Tal é o pensamento do divino Logos expresso em diversas passagens das Escrituras; basta no momento citar uma só passagem de Paulo: "Tende em vós mesmos o sentimento de Cristo Jesus: ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a

que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o sobreexaltou grandemente e o agraciou com o Nome que é acima de tudo nome" (Fl 2,5-9).

19. Outros concordam com Celso que Deus não muda, mas faz que aqueles que o veem julguem que ele mudou. Para nós, convencidos de que não existe aparência, mas evidência e verdade na vinda de Jesus aos homens, a acusação de Celso não nos atinge. Contudo, responderei. Não reconheces, Celso, que a pretexto de remédio, às vezes é permitido enganar e mentir? Que inconveniência haverá no emprego deste recurso se ele traz a saúde? Com efeito, existem palavras mentirosas, como as dos médicos a seus pacientes, que têm mais efeito do que as que dizem a verdade, para corrigir certos costumes. Isto seja dito para nossa defesa contra outras acusações. Portanto, não é inconveniente que aquele que cura seus amigos doentes cure o gênero humano que lhe é caro por meios que ninguém usaria por princípio, mas que seriam usados em razão das circunstâncias. E o gênero humano, atacado de loucura, devia ser curado pelos meios que o Logos via ser úteis para reconduzir os loucos ao bom senso. Celso concorda ainda que se recorra a tais remédios para inimigos na intenção de fugir de perigo. Mas Deus não tem medo de ninguém a ponto de enganar seus adversários para escapar ao perigo. Seria totalmente supérfluo e irracional responder a uma objeção que ninguém fez contra nosso Salvador. Em resposta a outras dificuldades, tomou-se providência quanto a esta: "Ninguém que esteja doente ou atacado de loucura é inimigo de Deus." A resposta era que esta disposição não tinha em vista pessoas que, doentes ou loucas, já fossem amigas, mas os que, por causa da doença de sua alma e do desacerto da razão natural, ainda eram inimigas, para que se tornassem amigos de Deus. E, com efeito, está claramente dito que Jesus tudo suportou pelos pecadores, para libertá-los de seus pecados e torná-los justos.

A pregação pelos judeus e pelos cristãos

20. Em seguida, ele representa, por um lado, os judeus explicando por que segundo eles a vinda de Cristo ainda está para acontecer, e por outro, os cristãos falando da vinda já realizada do Filho de Deus na vida humana. Pois bem! Examinemos este ponto tão brevemente quanto possível. Portanto, segundo ele, *os judeus dizem que, sendo a vida cheia de toda espécie de vícios, é preciso que Deus faça alguém descer para punir os pecadores e purificar o universo, como aconteceu no primeiro dilúvio.* Como ele diz que os cristãos a isto acrescentam outras razões, é claro que eles também dão aquela razão. E que há de absurdo, em vista da onda de vícios, em se acreditar na vinda daquele que purificará o mundo e tratará a cada um segundo seu mérito? Não é digno de Deus estancar a difusão do vício por uma restauração das coisas. Os próprios gregos sabem que a terra é periodicamente purificada pelo dilúvio e pelo fogo, ainda nas palavras de Platão: "Quando os deuses, para purificar a terra, a submergem nas águas, alguns nas montanhas..." etc. Será preciso dizer então que merecem respeito e consideração as

doutrinas que os gregos afirmam, mas, quando nós mesmos defendemos certas doutrinas que os gregos aprovam, elas perdem todo valor? No entanto, os que dão valor à exposição clara e precisa de todas as Escrituras procurarão provar não só a antiguidade de seus autores, mas também a seriedade de suas afirmações e a coerência entre elas.

21. Não sei por que ele julga *a destruição da Torre de Babel comparável ao dilúvio que*, segundo a doutrina dos judeus e dos cristãos, *purificou a terra*. Pois, na suposição de que *a história da Torre*, no Gênesis, *não contém nenhum significado oculto, mas é clara por si mesma*, como acredita Celso, não parece tão claro que esta destruição realizou a purificação da terra. A menos talvez que ele não veja uma purificação da terra no que chamamos a confusão das línguas. A esse respeito, cabe às pessoas competentes dar explicações oportunas quando for necessário estabelecer o significado literal da história e sua interpretação anagógica. E como acredita que *Moisés, que contou a história da torre* e da confusão das línguas, *plagiou para esta história a lenda dos alóadas*, devemos responder: a meu ver, ninguém antes de Homero jamais falou a respeito dos alóadas, mas tenho certeza que Moisés escreveu a história da torre muito antes de Homero e mesmo da invenção do alfabeto grego. Assim sendo, quem é que plagia a história dos outros? Os que contam a lenda dos alóadas plagiam a história da torre, ou aquele que escreveu a história da torre e da confusão das línguas plagia a lenda dos alóadas? Fica bem claro ao leitor imparcial que Moisés é mais antigo do que Homero.

Celso compara *a história de Sodoma e Gomorra, destruídas pelo fogo por causa do pecado delas*, narrada por Moisés no livro do Gênesis (cf. Gn 19,1-29), com *o mito de Faetonte*. E tudo provém de uma única falta: ele não levou em conta a antiguidade de Moisés. O mito de Faetonte só foi atribuído a Homero, ao que parece, em época posterior. Homero é bem mais recente que Moisés. Portanto, não negamos o fogo purificador e da destruição do mundo, para suprimir o vício e renovar todas as coisas: é a lição que afirmamos ter recebido dos profetas pelos livros sagrados. Na verdade, tendo os profetas mostrado, como acima disse, em suas múltiplas predições do futuro, que tinham dito a verdade sobre muitos acontecimentos ocorridos e provado que um Espírito divino neles morava, é claro que também se deve acreditar neles a respeito do futuro, ou melhor, acreditar no Espírito divino que neles residia.

22. *Além disso, os cristãos*, conforme Celso, *acrescentam certas razões às dos judeus e declaram: por causa dos pecados dos judeus, o Filho de Deus já foi enviado, e os judeus, por terem punido a Jesus e lhe terem dado fel a beber, atraíram contra si a cólera de Deus* (cf. Mt 27,34). Refute quem quiser esta afirmação como mentirosa se, de fato, a nação de todos os judeus não foi expulsa de seu país antes mesmo que uma geração tivesse passado desde que Jesus sofreu assim da parte deles. Quarenta e dois anos, creio eu, depois da crucifixão de Jesus, caiu sobre Jerusalém a destruição. E nunca, desde que existem os judeus, a história conta que eles foram expulsos por tanto tempo de seu venerável culto de adoração, vencidos pela força de seus inimigos. Mas, quando às vezes pareceram abandonados por causa de seu pecado, eles foram visitados, e, de volta

à sua terra, recuperaram seus bens e praticaram sem obstáculos seus ritos tradicionais. E são igualmente uma prova da divindade e da santidade de Jesus o número e a gravidade das desgraças que se abateram sobre os judeus durante tanto tempo por causa dele. E direi sem medo nenhum que não haverá para eles restauração alguma. Pois cometeram o mais ímpio de todos os crimes tramando este complô contra o Salvador do gênero humano na cidade em que eles ofereciam a Deus sacrifícios tradicionais, símbolos de profundos mistérios. Por isso foi preciso que essa cidade em que Jesus suportou estes sofrimentos fosse destruída e arrasada e a nação judia expulsa de sua terra; e que o chamado de Deus à bem-aventurança passasse a outros, quero dizer, aos cristãos, aos quais chegou o ensinamento de uma piedade pura e santa: eles receberam leis novas que convinham a uma comunidade estabelecida em todos os lugares, pois as antigas leis dadas a uma única nação governada por chefes da mesma raça e com os mesmos costumes não podiam todas ser observadas em nossos tempos.

23. Em seguida, ele critica, como de costume, *a raça dos judeus e dos cristãos* e os compara *a um bando de morcegos, a formigas que saíram de seus buracos, a rãs reunidas em conselho à beira de um brejo, a vermes formando uma assembleia num canto do lamaçal, discutindo para saber quem deles são os maiores pecadores, e dizendo: "Deus nos revela e prediz tudo: deixa de lado o mundo inteiro e o movimento do céu, e sem se preocupar com a vasta terra, governa só para nós, comunica-se apenas conosco por seus mensageiros, que continuamente envia procurando de que modo nós lhe ficaremos unidos para sempre."* Continua sua ficção pintando-nos *como semelhantes a vermes que dizem: "Existe Deus, e, imediatamente depois dele, existimos nós, pois somos criados por ele inteiramente semelhantes a Deus; tudo nos é submetido: a terra, a água, o ar, as estrelas; tudo existe para nós, tudo está ordenado para nosso serviço."* E os vermes de que ele fala, que somos nós evidentemente, continuam: *"Como existem entre nós aqueles que pecam, Deus virá ou enviará seu Filho, a fim de livrar das chamas os injustos, e a nós que restamos nos dar uma vida eterna."* E enfeixando tudo, diz: *Quantas tolices mais suportáveis da parte de vermes e rãs do que de judeus e cristãos em suas disputas!*

Grandeza dos judeus e dos cristãos

24. Para responder, faço aos que aprovam este ataque contra nós esta pergunta: será o conjunto dos homens que considerais um bando de morcegos, de formigas, de vermes, de rãs, valendo a excelência de Deus? Ou excetuais os outros homens da comparação, conservando-lhes a dignidade de homens por causa da razão e das leis estabelecidas, enquanto desprezais os cristãos e os judeus por suas doutrinas que vos desagradam, comparando-os a vis animais? Qualquer que seja vossa resposta, responderei esforçando-me por mostrar que não convém falar assim da humanidade nem de nós mesmos. Suponhamos então que digais que o conjunto dos homens com relação a Deus seja comparável a estes vis animais, porque a pequenez deles não tem medida comum com a excelência de Deus. Mas de que pequenez se trata? Respondei, meus caros! Da

pequenez do corpo? Sabei que a excelência ou a inferioridade no tribunal da verdade não se julga pelo corpo; do contrário, os grifos e os elefantes seriam superiores a nós homens, pois são maiores, mais fortes e vivem mais tempo. Mas nenhum homem sensato diria que estes seres sem razão são superiores aos seres racionais por causa de seus corpos, pois a razão eleva o ser racional bem acima de todos os seres sem razão. Tampouco é verdade quanto aos seres virtuosos e bem-aventurados, bons demônios, como dizeis, ou anjos de Deus, como costumamos chamar, ou quanto a todas as naturezas que podemos encontrar acima dos homens: pois neles a razão atinge sua perfeição, ornada com toda espécie de virtudes.

25. Se desprezais a pequenez do homem não por causa do corpo mas da alma, inferior para vós aos demais seres racionais, e sobretudo da alma dos virtuosos, inferior porque o vício está nela, por que os maus cristãos e os judeus vivendo no mal seriam um bando de morcegos, de formigas, de vermes, de rãs mais do que os homens perversos das outras nações? A este respeito, qualquer homem, sobretudo quando se abandona à corrente do vício, é morcego, verme, rã, formiga, comparado com os demais homens. Se formos um Demóstenes, orador, com sua covardia e as ações que ela inspirou, ou um Antífono, outro orador de renome, mas negador da Providência num tratado *Sobre a verdade*, título análogo ao de Celso, seremos igualmente vermes chafurdados num canto do lamaçal da tolice e da ignorância. Contudo, o ser racional, qualquer seja a sua qualidade, não poderia ser razoavelmente comparado a um verme, com suas tendências à virtude. Estas inclinações gerais à virtude não permitem comparar com vermes aqueles que têm a virtude em potência e não podem totalmente perder suas sementes. Portanto, fica claro que os homens em geral não poderiam ser vermes com relação a Deus: pois a razão, que tem seu princípio no Logos que está em Deus, não permite julgar o ser racional absolutamente estranho a Deus. Os maus cristãos e os maus judeus, que não são nem cristãos nem judeus segundo a verdade, tal como os outros homens maus, não podem ser comparados a vermes chafurdados num canto do lamaçal. Se a natureza da razão proíbe esta comparação, é evidente que não vamos caluniar a natureza humana, feita para a virtude, ainda que peque por ignorância, nem a equiparar a animais como estes.

26. Será por causa de suas doutrinas que Celso não aprova e parece ignorar-lhe a primeira palavra, que os judeus e cristãos seriam vermes e formigas diferentes dos demais homens? Então, comparemos as doutrinas dos cristãos e dos judeus, que são por si mesmas conhecidas de todos, com as doutrinas dos outros homens. Não é evidente, desde o momento em que admitimos que certos homens são vermes e formigas, que estes vermes, formigas e rãs são aqueles que, decaídos de uma sadia compreensão de Deus, adoram por uma aparência de piedade animais sem razão, estátuas, ou mesmo as criaturas, quando é preciso, a partir de sua bondade, admirar o seu Artífice e adorá-lo? Não se deve considerar como homens, e como seres mais honrados que homens se existem tais, aqueles que, sob a direção do Logos, puderam se elevar a partir da pedra e da madeira, e mesmo da matéria estimada como a mais preciosa, a prata e o outro, e que, depois de terem se elevado das maravilhas do mundo ao Criador do universo,

confiaram-se a ele? Porque a partir do momento em que ele é o único capaz de cumular todos os seres, de perceber os pensamentos de todos e ouvir a oração de todos, eles lhe dirigem suas preces, realizam suas ações pensando que ele vê o que acontece, e sabendo que ele ouve o que se diz, evitam dizer qualquer palavra que possa ser referida a Deus e lhe desagradar.

Esta admirável piedade, que nem fadigas, nem perigo de morte, nem argumentos capciosos podem vencer, para nada servirá aos que a adquiriram para evitar que sejam comparados a vermes, ainda que possam ter sido tais antes de tal piedade? Na verdade, eles nos parecem irmãos de vermes, pais de formigas, semelhantes às rãs, os vencedores do mais ardente desejo das volúpias, que a tantos corações tornaram moles como cera, cuja vitória vem de sua persuasão de que o único meio de chegar à familiaridade com Deus é subir até ele pela temperança? Então, o impacto da justiça que o leva a observar com o próximo e seus familiares a sociabilidade, a justiça e a prática do bem não impede aquele que a pratica de ser um morcego? Pelo contrário, aqueles que se espojam no vício, como a maior parte dos homens, que se aproximam indiferentemente das prostitutas e ensinam que aquilo não pode ser absolutamente contra o dever, não são acaso vermes no lamaçal? Fica mais claro ainda se compararmos com os que instruímos a não "tomar os membros de Cristo" e o corpo habitado pelo Logos, para deles fazer "membros de uma prostituta" (1Cor 6,15), que já aprenderam que o corpo do ser racional, consagrado ao Deus do universo, é o "templo" do Deus que eles adoram, e se torna realmente tal, se tivermos noção pura do Criador; e que, evitando conspurcar "o templo de Deus" por união ilícita, praticam a temperança.

27. E nada digo dos outros vícios dos homens, de que talvez não estejam isentos aqueles que são considerados filósofos, pois há muitos bastardos da filosofia. Não insisto na presença frequente destas desordens entre os que não são nem judeus nem cristãos. Mas, ou não os encontramos absolutamente entre os cristãos, considerando estritamente o que é o cristão, ou se os encontramos, certamente não é entre os que se reúnem, deliberam, participam das orações da comunidade e delas não são excluídos; exceto talvez um ou outro, dissimulado no meio do povo. Portanto, não somos vermes que formam assembleia, quando, erguendo-nos contra os judeus em nome das Escrituras que eles acreditam sagradas, mostramos que Aquele que os profetas anunciavam veio, que eles mesmos, pela enormidade de suas faltas, foram abandonados, mas que nós, por termos acolhido o Logos, temos em Deus as melhores esperanças, fundadas em nossa fé nele, e numa vida capaz de fazer de nós, seus familiares, puros de toda perversidade e de todo vício. Portanto, proclamar-se judeu ou cristão não é dizer em total unanimidade: é sobretudo por nós que Deus criou o universo e o movimento do céu. Mas ser, como Jesus ensinou, puro "de coração", manso, pacífico, corajoso para enfrentar os perigos pela piedade, nos permite com toda razão confiar em Deus, e, quando compreendemos a doutrina das profecias, chegar ao ponto de dizer: tudo isto Deus no-lo revelou de antemão e predisse a nós que nele acreditamos.

28. Como ele atribui aos cristãos a quem considera vermes estas palavras: Deus se

descura do mundo inteiro e do movimento do céu e, sem se preocupar com a vasta terra, governa o mundo só para nós, comunica-se só conosco por seus mensageiros, enviando-os continuamente e procurando saber por que modo nós lhe estaremos unidos para sempre, devemos responder: isto é acusar-nos de afirmações que não fazemos, pois lemos e sabemos que "Sim, tu amas tudo o que criaste; não te aborreces com nada do que fizeste; se alguma coisa tivesses odiado, não a terias feito" (Sb 11,24). Também lemos: "Mas a todos perdoas, porque são teus: Senhor, amigo da vida! Todos levam teu espírito incorruptível! Por isso, pouco a pouco corriges os que caem, e os admoestas, lembrando-lhes as faltas, para que se afastem do mal e creiam em ti, Senhor" (Sb 11,26-12,1-2). Como poderíamos dizer: Deus se descura do movimento do céu e do mundo inteiro, e sem se preocupar com a vasta terra, governa só para nós? Sabemos que, nas orações, é preciso dizer pensando: "A terra está cheia do amor do Senhor"; "A misericórdia do Senhor é para com toda carne". Deus, em sua bondade, "faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos"; e para que sejamos seus filhos, ele nos exorta à mesma atitude e nos ensina a estender o mais possível nossos benefícios a todos os homens (Sl 32,5; Eclo 18,13; Mt 5,45). Nas palavras da Escritura, ele é "Salvador de todos os homens, sobretudo dos que têm fé" (1Tm 4,10), e seu Cristo é "propiciação pelos nossos pecados, e não só pelos nossos, mas também pelos do mundo inteiro" (1Jo 2,8). Alguns judeus podem afirmar, senão tudo o que Celso escreveu, pelo menos alguns assuntos vulgares; certamente não os cristãos, pois eles aprenderam estas palavras: "Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores" (Rm 5,7-8). No entanto, "dificilmente alguém dá a vida por um justo; por um homem de bem talvez haja alguém que se disponha a morrer". De fato, conforme nossa pregação, foi pelos pecadores do mundo inteiro, para que abandonassem seus pecados e se confiassem a Deus, que veio Jesus, chamado ainda, segundo o uso tradicional da Bíblia, o Cristo de Deus.

29. Talvez Celso tenha compreendido mal uma frase de alguns que ele chamou de vermes: Existe Deus, e imediatamente depois, existimos nós. Mal-entendido análogo ao de criticar toda uma escola filosófica pelas afirmações de um jovem insensato que, por ter frequentado três dias as lições de um filósofo, ergue-se contra o resto dos homens por causa de sua nulidade e falta de filosofia. Sabemos perfeitamente que existem muitos seres de um valor bem mais alto que o homem. Lemos que: "Deus se levantou na assembleia dos deuses", não dos deuses que os outros homens adoram, "pois todos os deuses das nações são demônios" (cf. Sl 95,5). Também lemos: "Deus se levanta no conselho divino, em meio aos deuses ele julga" (Sl 81,1). Sabemos disto: "Se bem que existam os que são chamados deuses, quer no céu, quer na terra e há, de fato, muitos deuses e muitos senhores — para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos" (1Cor 8,5-6). Sabemos que os anjos a este respeito são tão superiores aos homens que somente os homens perfeitos se tornam semelhantes aos anjos: "Pois na ressurreição dos mortos, nem eles se casam, nem elas se dão em

casamento; pois nem mesmo podem morrer: são como os anjos do céu", e se tornam "semelhantes aos anjos" (Lc 20,36). Sabemos que na organização do universo encontramos seres, uns chamados Tronos, outros Soberanias, outros Principados e outros Autoridades (cf. Cl 1, 16). Nós homens, porém, ainda muito distantes deles, temos, contudo, a esperança, fundada numa vida virtuosa e numa conduta em tudo conforme com o Logos, de nos elevar a ponto de nos tornarmos semelhantes a todos eles. Afinal, como "ainda não se manifestou o que nós seremos, sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é" (1Jo 3,2). Sabemos que se sustentarmos as afirmações de alguns que, inteligentes ou estúpidos, entenderam erradamente a doutrina sadia que afirma: Existe Deus, e imediatamente depois, existimos nós, até mesmo isto eu poderia interpretar dizendo: "nós" designa os seres racionais, e melhor ainda os seres racionais virtuosos; pois, segundo o que afirmamos, a própria virtude pertence a todos os bem-aventurados, e por conseguinte, a própria virtude pertence ao homem e a Deus. Por isso, somos instruídos e nos tornamos "perfeitos como nosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5,48). Concluamos: nenhum homem honesto é verme nadando no lamaçal, nenhum homem piedoso é formiga, nenhum justo é rã, nenhum homem cuja alma resplandece com a luz brilhante da verdade pode razoavelmente ser comparado a morcego.

30. A meu ver, por ter também entendido mal as palavras: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" (Gn 1,26), Celso imaginou vermes dizendo: Criados por Deus, somos inteiramente semelhantes a ele. No entanto, se ele tivesse compreendido a diferença entre criar um homem à imagem de Deus, ou criá-lo à sua semelhança, e considerando que Deus, conforme a Escritura, disse: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança", mas Deus fez o homem "à imagem" de Deus, e não ainda "à sua semelhança", ele não nos teria feito acreditar que somos inteiramente semelhantes a Deus. Tampouco dizemos: Até as estrelas nos são submissas. Pois a ressurreição dos justos, na concepção de nossos sábios, é comparada ao sol, à luz e às estrelas por aquele que afirma: "Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos" (1Cor 15,41-42), e também com o que Daniel outrora profetizou sobre este assunto (cf. Dn 12,3). Celso nos atribui que tudo está ordenado para nosso serviço. Talvez não tenha ouvido algum de nossos sábios afirmar tais palavras, talvez ignore em que sentido se diz: "Aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve" (Mt 20,26-27). Quando os gregos citam os versos: "Quando o sol e a lua estão a serviço dos mortais", eles o louvam e comentam. Mas uma palavra do mesmo gênero, que aliás não é dita, ou é dita em outro sentido, é para Celso ainda uma ocasião de nos caluniar.

Segundo ele, nós que para ele não passamos de vermes, diríamos que, existindo entre nós os que pecam, Deus virá a nós, ou enviará seu Filho para entregar às chamas os injustos, e para que nós, rãs que somos, tenhamos com ele uma vida eterna. Observa a que ponto, como um bufão, este sisudo filósofo transforma em crítica, em ridículo e em zombaria a promessa divina de um juízo, castigo para os injustos, recompensa para os justos!

E resumindo tudo, diz: Aí estão algumas tolices mais suportáveis da parte de vermes e rãs do que de judeus e cristãos em suas disputas! Evitaremos imitá-los e dizer coisas semelhante dos filósofos que pretendem conhecer a natureza do mundo e debatem entre si o problema da constituição do universo, da origem do céu e da terra e de tudo o que eles encerram, e a questão que nega a geração e a criação das almas por Deus, embora estejam sujeitas a seu governo, e se elas mudam de corpo, ou se, inseminadas com os corpos, sobrevivem-lhes ou não. Pois também neste particular, longe de levar a sério e admitir a sinceridade daqueles que se consagraram à descoberta da verdade, poder-se-ia declarar com zombaria injuriosa que se trata de fato de vermes, que num canto do lamaçal da vida humana não medem seus limites, e por esta razão chegam a sentenciar sobre assuntos sublimes como se os dominassem, e que falam com plena certeza de realidades que não podem ser contempladas sem inspiração superior e poder divino: "Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus" (1Cor 2,11). Não temos a loucura de comparar a esplêndida inteligência do homem, tomando inteligência no sentido habitual, com o fervilhar de vermes e de outros animais da espécie, quando ela não se preocupa com os assuntos do povo, mas se entrega à busca da verdade. Ao contrário, sinceramente damos testemunho de que certos filósofos gregos conheceram a Deus, porque "Deus é manifesto entre eles", embora "não o tivessem honrado como Deus nem lhe rendido graças; pelo contrário, eles se perderam em vãos arrazoados", e, "jactando-se de possuir sabedoria, tornaram-se tolos e trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis" (Rm 1,19.21-23).

31. Em seguida, em seu desejo de provar que os judeus e os cristãos não têm nenhuma superioridade sobre os animais mencionados acima, ele declara: *Os judeus são escravos fugitivos que outrora fugiram do Egito, que jamais fizeram qualquer coisa de memorável, nem tiveram valor por sua categoria ou número.* Mas eu disse nas páginas anteriores que eles não puderam ser nem egípcios, nem escravos fugitivos, mas que eram hebreus estabelecidos no Egito. Se ele julga certo que eles jamais tiveram valor por sua categoria ou número, pois não se encontra qualquer alusão à história dos judeus entre os gregos, eu responderei: se atentarmos para o seu regime inicial e as disposições de suas leis, veremos que foram homens que apresentavam na terra uma sombra da vida celeste. Entre eles, não havia nenhum outro deus a não ser o Deus supremo; nenhum artífice de imagens que tivesse direito de cidadania. Nenhum pintor, nenhum escultor tinha espaço em seu Estado, pois a lei bania todos os artistas desse gênero para eliminar qualquer ideia de fazer estátuas, prática que atrai os simples e desvia os olhos da alma para longe de Deus na direção da terra. Havia pois entre eles esta lei: "Não vos pervertais, fazendo para vós uma imagem esculpida em forma de ídolo: uma figura de homem ou de mulher, figura de algum animal terrestre, de algum pássaro que voa no céu, de algum réptil que rasteja sobre o solo, ou figura de algum peixe que há nas águas que estão sob a terra" (Dt 4, 16-18). A intenção da lei era encarar a realidade de cada ser, impedindo que fossem modeladas fora da verdade imagens que men- tiam a respeito da verdade do homem e da

realidade da mulher, da natureza, dos animais, do gênero dos pássaros, dos répteis, dos peixes. E o motivo era venerável e sublime: "Levantando teus olhos ao céu e vendo o sol, a lua, as es-trelas e todo o exército do céu, não te deixes seduzir para adorá-los e servi-los!" (Dt 4,19).

Que perfeição na vida social de todo um povo em que o efeminado não podia aparecer em público! Coisa também admirável é que as cortesãs, causa da excitação da juventude, eram banidas da sua cidade! (cf. Dt 23,1.17). Havia igualmente tribunais, compostos dos homens mais justos depois de durante muito tempo terem dado prova de vida íntegra. Eram-lhes confiados os julgamentos, e por causa da pureza de seus costumes acima da natureza humana, eram chamados "deuses", conforme costume ante-passado dos judeus. Era possível ver um povo inteiro se entregar à filosofia. Para terem um tempo de ouvir as leis divinas, foram instituídos entre eles os "sábados" como também suas outras festas. E que dizer da organização de seus sacerdotes e dos sacrifícios que continham mil símbolos transparentes para os que gostam de se instruir?

32. Como não existe nada de estável na natureza humana, era fatal que mesmo este regime pouco a pouco acabasse degenerando e se corrompendo. Mas a Providência, tendo aplicado ao venerável sistema de sua doutrina as mudanças que era preciso para adaptá-lo como convém às pessoas de todos os países, concedeu a todos os crentes do universo, no lugar da religião dos judeus, a religião de Jesus. E Jesus, gratificado não só com inteligência, mas também com uma condição divina, aboliu a doutrina sobre os demônios terrestres que sentem prazer com o incenso, as emanações de gordura e com o sangue, e que, como os Titãs e os Gigantes da fábula, desviavam os homens da noção de Deus. Ele, sem se preocupar com suas manobras, dirigidas sobretudo contra os melhores, deu leis que garantissem a felicidade dos que conformam sua vida a elas, se abstêm completamente de bajular os demônios com sacrifícios e os desprezam abso-lutamente graças ao Logos de Deus que socorre os que levantam seus olhos a Deus. E como Deus queria que a doutrina de Jesus prevalecesse entre os homens, os demônios perderam todo poder, embora tivessem abalado todas as influências para aniquilar os cristãos. Reis, Senado, governadores de cada país, e até o povo, inconscientes das manobras irracionais e perversas destes demônios, suscitaram tudo contra o Logos e aqueles que creem nele. Mas a Palavra de Deus é mais poderosa que eles todos, e apesar dos obstáculos, transformando obstáculos em alimento para crescer, ela prosseguiu sua marcha e colheu número crescente de almas: pois ela era a vontade de Deus.

Estas observações, ainda que signifiquem digressão, eram necessárias, a meu ver. Pois eu queria responder à acusação de Celso sobre os judeus: são escravos fugitivos que outrora fugiram do Egito, e estes homens amados de Deus jamais fizeram qualquer coisa memorável. Além disso, respondo à sua crítica de que eles não têm valor nem por sua categoria ou número: "raça eleita, sacer- dócio real" (1Pd 2,9), batendo em retirada e evitando o contato com a multidão, para que seus costumes não se corrompessem, estavam sob a guarda do poder divino; não tinham ambição, como a maior parte dos homens, de submeter outros reinos; eles não estavam abandonados a ponto de se tornarem, em vista de seu pequeno número, presa fácil, nem por causa deste pequeno

número, de serem destruídos radicalmente. Isto durava enquanto continuavam dignos da proteção de Deus. Mas, tendo a nação inteira pecado, e sendo-lhes necessário voltar para Deus pelo sofrimento, eram abandonados por algum tempo ora mais, ora menos longo, até à hora em que, sob o domínio dos romanos, tendo cometido o maior pecado matando Jesus, foram inteiramente abandonados.

Tradições e genealogias

33. Depois disso, dirigindo seus ataques aos relatos do primeiro livro de Moisés intitulado Gênesis, Celso afirma: *Eles tentaram descaradamente ligar sua genealogia a uma primeira geração de feiticeiros e vagabundos, invocando o testemunho de palavras obscuras, equívocas, como escondidas nas sombras, que eles erroneamente interpretam diante de ignorantes e tolos, e isto sem que jamais este ponto, durante o longo período que precede, fosse posto em discussão.* Parece-me que ele deu aí uma expressão muito obscura de seu pensamento. Sem dúvida, manteve a obscuridade a respeito deste ponto, vendo claramente a força do argumento que prova que a nação judaica descendia de tais antepassados. Por outro lado, quis parecer não ignorar uma questão fundamental para os judeus e sua raça. É bem claro que os judeus ligam sua genealogia aos três antepassados Abraão, Isaac e Jacó; seus nomes têm tal poder que, quando associados na invocação de Deus, não só as pessoas desta nação, nas orações dirigidas a Deus e nos exorcismos contra os demônios, usam a fórmula "Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó", mas também quase todos os que se ocupam com práticas de encantamento e magia. Pois nos livros de magia, encontramos muitas vezes esta invocação de Deus e este emprego do nome de Deus, associado aos nomes destes homens nos exorcismos. Estas razões apresentadas pelos judeus e pelos cristãos para provar a santidade de Abraão, Isaac e Jacó, antepassados da raça judia, não acho que Celso as tenha ignorado inteiramente, mas se abstém de uma exposição clara, incapaz de enfrentar o argumento.

34. De fato, levantamos esta questão a todos os que usam tais invocações de Deus: dizei-nos, meus caros, qual foi a identidade de Abraão, a grandeza de Isaac, o poder de Jacó, para que a invocação "Deus" associada a seus nomes realize tão grandes milagres? E de quem aprendestes ou podeis aprender sobre a vida destes homens? Quem teve o cuidado de escrever sua história, quer exalte ela diretamente estes homens num sentido literal, quer insinue por alusões grandes e admiráveis verdades às pessoas capazes de as perceber? E para responder a nossa pergunta, como ninguém de vós pode mostrar de que história, grega ou bárbara, ou se não de uma história, ao menos de que tratado secreto vem o poder de tais homens, apresentaremos o livro intitulado Gênesis, que contém as ações destes homens e os oráculos que Deus lhes dirigiu, e diremos: será que o uso que também vós fazeis dos nomes destes três primeiros antepassados da nação, compreendendo com toda evidência que por sua invocação obtém-se efeitos não desprezíveis, não prova o caráter divino destes homens? Mas nós não os conhecemos de nenhuma outra fonte a não ser dos livros sagrados dos judeus. Mas de fato, "o Deus de Israel, o Deus dos hebreus, o Deus que precipitou no Mar Vermelho o rei do Egito e os

egípcios" são fórmulas muitas vezes empregadas para lutar contra os demônios ou certos poderes perversos. E aprendemos a história dos personagens assim nomeados, e a interpretação desses nomes graças aos hebreus que, nos escritos tradicionais e na sua língua nacional, os celebram e os explicam. Como para os judeus que tentaram ligar sua genealogia à primeira geração desses personagens, que Celso considerou como feiticeiros e vagabundos, haveria algum descaramento em tentar ligar a si mesmos e sua origem a estes homens cujos nomes hebraicos atestam aos hebreus, pois seus livros são escritos na língua e nos caracteres hebraicos, que sua nação é exatamente a destes homens? E até o dia de hoje os nomes judeus pertencem à língua hebraica, quer provenham eles de seus escritos, quer simplesmente de significações particulares à língua.

35. Cabe ao leitor do livro de Celso enxergar se ele não insinua isso na passagem: "Eles tentaram ligar sua genealogia a uma primeira geração de feiticeiros e vagabundos, invocando o testemunho de palavras obscuras, equívocas, como escondidas em sombras." Estes nomes são bem ocultos, tirados da luz e do conhecimento do povo. Segundo o que acreditamos, eles não são equívocos, ainda quando empregados por estranhos à nossa religião; mas, segundo Celso, que não estabelece o caráter equívoco destas palavras, não sei por que eles devam ser rejeitados. No entanto, se ele quisesse refutar sensatamente a genealogia que os judeus se arrogavam, segundo ele, com um descaramento extremo gabando-se de Abraão e de seus descendentes, deveria ter citado todas as passagens referentes ao assunto, fundamentar primeiro a opinião que lhe parecia plausível, e em seguida refutar seriamente em nome da verdade que ele via e dos argumentos em seu favor, as passagens relativas ao assunto. Mas, discutindo a questão da natureza dos nomes empregados para os milagres, nem Celso nem ninguém mais poderá dar uma explicação exata e convencer de que se pode facilmente desprezar homens cujos nomes por sua própria força têm poder, não só entre seus compatriotas, mas também entre os estrangeiros.

E lhe seria necessário mostrar como, interpretando à nossa maneira aos ignorantes e aos tolos a significação destes nomes, nós enganamos, a seu ver, os ouvintes, ao passo que ele, que se vangloria de não ser nem ignorante nem tolo, dê a verdadeira interpretação deles! E observa de passagem, em seu discurso sobre estes nomes aos quais os judeus ligam sua genealogia, que nunca houve, durante o longo período que precede, qualquer discussão a seu respeito, *ao passo que agora os judeus discutem sobre isto com outros,* que ele se absteve de citar. Desta forma, mostre quem quiser aqueles que reivindicam e afirmam o menor argumento plausível entre os judeus para estabelecer, com a fragilidade da doutrina dos judeus e dos cristãos sobre os nomes das personagens em questão, que outros deram sobre eles as explicações mais sábias e mais verdadeiras! Mas tenho certeza que ninguém poderá fazer isto, pois é manifesto que os nomes são tirados da língua hebraica que só encontramos entre os judeus.

História ou alegoria? O primeiro casal e a serpente

36. Em seguida, Celso cita pormenores de uma história estranha à divina Escritura: *Os*

povos que reivindicam antiguidade remota: atenienses, egípcios, arcádios, frígios, afirmam que alguns de seus membros nasceram da terra, e cada qual apresenta as provas. Depois afirma: *Os judeus, escondidos num canto da Palestina, que jamais tinham ouvido falar que tal história fora decantada outrora por Hesíodo e mil outros autores inspirados, compuseram uma história bastante inverossímil e grosseira: um homem modelado pelas mãos de Deus e recebendo um sopro, uma mulher tirada de sua costela, mandamentos de Deus, uma serpente revoltando-se contra eles e a serpente saindo vitoriosa das prescrições de Deus. Conto da carochinha, impiedade maior do que esta ficção em que Deus é tão fraco desde a origem que nem mesmo pode convencer o único homem que ele mesmo modelou!* Eis aí como Celso, autor muito sábio e instruído que censura aos judeus e aos cristãos a falta de saber e cultura, mostra a precisão com que ele sabia as datas de cada escritor grego e bárbaro! Ele acredita em Hesíodo e em mil outros autores, qualificados por ele como inspirados, mais antigos do que Moisés e seus escritos, Moisés que manifestamente é bem anterior à guerra de Tróia! Portanto, não foram os judeus que compuseram a história muito inverossímil e grosseira sobre o homem nascido da terra, são os autores inspirados, segundo Celso, Hesíodo e mil outros. Sem nada ter aprendido nem entendido das tradições bem mais antigas e bem mais veneráveis difundidas na Palestina, eles escreveram histórias sobre suas origens, *Eeias e Teogonias*, atribuindo, enquanto pudessem, a seus deuses um nascimento e uma infinidade de outras tolices! Platão bane com razão de sua República, como corruptores da juventude, a Homero e aos autores destes poemas. Evidentemente, Platão não julgou inspirados autores que deixaram semelhantes poemas. Mas, haveria um juiz mais competente que Platão, Celso, o epicureu, se realmente foi ele que compôs os dois outros tratados contra os cristãos; mas, talvez seja por espírito de disputa que ele citou como inspirados autores que ele não podia acreditar inspirados.

37. Ele nos critica o fato de apresentarmos o homem como modelado pelas mãos de Deus. Mas o livro do Gênesis não fala das mãos de Deus nem quando Deus forma o homem nem quando o modela. Apenas Jó e Davi dizem: "Tuas mãos me formaram e me modelaram" (Jó 10,8; Sl 118,73): a este respeito seria preciso uma longa explicação para definir o pensamento dos que assim falam, não apenas da diferença entre fazer e modelar, mas também das mãos de Deus. Por não terem entendido estas locuções e outras semelhantes nas divinas Escrituras, muitos imaginam que atribuamos ao Deus supremo uma forma semelhante à do homem; e assim sendo, seria lógico acreditarmos que existam asas no corpo de Deus, pois é desta forma que nossas Escrituras, tomadas ao pé da letra, se referem a Deus. Mas o assunto em questão não requer que eu as interprete aqui; foi o objeto principal de meus esforços em meus Comentários sobre o Gênesis.

Vê então a maldade de Celso no que vem a seguir. Diz nossa Escritura sobre a formação do homem: "Insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente" (Gn 2,7). Mas ele, com a intenção de criticar maldosamente, sem ter compreendido o sentido da expressão: "Insuflou em suas narinas um hálito de vida", escreveu: Eles compuseram a história de um homem modelado pelas mãos de Deus e

recebendo seu hálito, para que o termo "insuflar", que se emprega igualmente em se tratando de odres que são enfunados, provoque riso com as palavras: "Insuflou em suas narinas um hálito de vida"; mas a expressão dita num sentido figurado, requer explicação que mostre que Deus deu ao homem o dom do espírito incorruptível, do qual se diz: "Todos levam o teu espírito incorruptível" (Sb 12,1).

38. Em seguida, em seu intuito de denegrir a Bíblia, também investe contra esta passagem: "Então o Senhor Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, o Senhor Deus modelou uma mulher..." etc. (Gn 2,21-22), mas não cita o texto que pode fazer o leitor entender o caráter figurado do relato. Nem mesmo parece admitir que se trata de alegorias, embora diga em seguida: os mais sensatos judeus e cristãos, pela vergonha que sentem, tentam dar uma interpretação alegórica da história. Podemos responder-lhe: neste caso, a história contada por Hesíodo, teu autor inspirado, sob a forma de um mito sobre a mulher, teria um sentido alegórico quando ele faz dela "um mal" causado por Zeus aos homens "em lugar do fogo", ao passo que a história da mulher, tirada da costela de Adão adormecido com um sonho milagroso, e modelada por Deus, te pareceria escrita sem nenhuma razão nem significado oculto?

Mas é insensato não rir da primeira história como se ri de um mito, admirar-lhe ao contrário o sentido filosófico sob o véu do mito, e da segunda, aplicando seu espírito à letra exclusivamente, criticá-la pensando que não tem razão de ser. Pois, se fosse necessário, conforme a letra simplesmente, questionar seu sentido alegórico, vê se os versos de Hesíodo, autor que dizes inspirado, não incorrem com mais razão na mesma crítica. Eis o que ele escreveu: "E irado, Zeus que reúne as nuvens lhe disse: 'Filho de Japeto, que tens a respeito um conhecimento maior que todos os outros, oxalá rias por teres roubado o fogo e enganado minha alma, para tua maior desgraça como para desgraça dos homens que vão nascer! Em vez de fogo, eu lhes darei como presente um mal, no qual todos, no fundo do coração, terão o prazer de cercar de amor sua própria desgraça.' Diz isto e executa o pai dos deuses e dos homens; ordena ao ilustre Hefesto que sem tardar, misture com água um pouco de terra, nela coloque a voz e as forças de um ser humano e forme com ela, à imagem das deusas imortais, um belo corpo amável de virgem; Atena lhe ensina seus trabalhos, a profissão que tece mil cores; Afrodite com o ouro de sua fronte espalhará a graça, o doloroso desejo, os cuidados que rompem os membros, enquanto um espírito impudente, um coração artificioso serão, por ordem de Zeus, colocados nela por Hermes, o Mensageiro, matador de Argos. Ele diz, e todos obedecem ao senhor Zeus, filho de Crono. Às pressas, o ilustre Coxo modela na terra a forma de uma casta virgem, segundo a vontade do Cronida. A deusa de olhos glaucos, Atena, a adorna e lhe cinge a cintura. Em volta de seu pescoço, as Graças divinas, a augusta Persuasão colocam colares de ouro; e em volta dela as Horas dos belos cabelos dispõem em guirlandas flores de primavera. Palas Atena ajusta em seu corpo todos os seus adornos. E em seu seio, o Mensageiro, matador de Argos, cria mentiras, palavras enganosas, coração artificioso, como o deseja Zeus com pesados bramidos. Depois, na qualidade de arauto dos deuses, coloca nela a palavra, e a esta mulher dá o nome de

Pandora, porque são todos os habitantes do Olimpo que, com este presente, dão como presente a desgraça aos homens que comem o pão."

Ridículo em si mesmo é também o que ele diz sobre a jarra:

> "A raça humana vivia antigamente na terra resguardada e distante dos sofrimentos, da dura fadiga, das doenças dolorosas, que trazem a morte aos homens. Mas a mulher, levantando com suas mãos a grande tampa da jarra, os dispersou pelo mundo e preparou para os homens tristezas e cuidados. Só a esperança ficou lá no interior de sua inquebrável prisão, sem passar as bordas da jarra, pois Pandora já tinha re-colocado a tampa da jarra."

Diremos ao que dá uma interpretação alegórica profunda desta passagem, atinja ele ou não o sentido da alegoria: somente aos gregos será permitido encontrar verdades filosóficas sob significados ocultos, como também aos egípcios e a todos os bárbaros que levam a sério a verdade de seus mistérios; mas apenas os judeus, seu Legislador e seus escritores te pareceram os mais idiotas de todos os homens, e esta única nação não recebeu nenhuma parte do poder divino, ela que foi instruída a elevar-se tão magnificamente até à natureza incriada de Deus, a fixar os olhos somente nele, a colocar nele somente suas esperanças?

39. Celso também critica a passagem sobre a serpente que se rebela contra as ordens que Deus deu ao homem, considerando a narrativa como história da carochinha. Ele evita de propósito mencionar o "jardim" e a maneira como se diz que Deus o plantou "no Éden, no oriente", e que em seguida "fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal" (Gn 2,8-9), em seguida as palavras aí acrescentadas, capazes só elas de incitar o leitor de boa fé a ver que tudo isto pode, sem inconveniência, ser compreendido em sentido figurado. Vamos então comparar com ele as palavras de Sócrates sobre Amor no *Banquete* de Platão, atribuídas a Sócrates considerado mais venerável do que todos os que tratam desta matéria no *Banquete*. Esta é a passagem de Platão:

> "No dia em que nasceu Afrodite, os deuses se banqueteavam, e entre eles, o filho de Invenção, chamado Expediente. Ao sair do festim, Pobreza veio mendigar, pois tinham feito uma festança, e lá estava ela na porta. Expediente, embriagado de néctar — ainda não existia vinho — entrou no jardim de Zeus e caiu em profundo sono. Pobreza, então, sem nenhum expediente, planeja ter um filho de Expediente: deita-se a seu lado, e fica grávida de Amor. E assim Amor se tornou companheiro e servo de Afrodite, tendo sido gerado durante as festas de seu nascimento, e além disso naturalmente enamorado de sua beleza, pois Afrodite também é bela. Eis então em que fortuna foi colocado Amor, desde então, como Filho de Expediente e de Pobreza. De início, é pobre, e longe de ser delicado e belo como a maior parte o imagina: ele é rude, sujo, pé no chão, sem eira nem beira, deitando no chão duro ou pelas estradas, como bom filho de sua mãe sempre em harmonia com a indigência. Por outro lado, à

semelhança de seu pai, vive à procura de tudo que é bom e belo; corajoso, audaz, com todas as forças prontas a agir, caçador temível sempre tramando ciladas, ávido de pensamento, rico de ideias expedientes, em busca de saber por toda a vida, perito em encantamentos, em filtros, em argúcias. Nem imortal por natureza, nem mortal, ora no mesmo dia está em flor, em plena vida quando seus expedientes surtem efeito, ora morre, mas revive seguindo o atavismo de seu pai. Mas os frutos de seus expedientes continuamente lhe fogem do alcance, de modo que Amor nunca é pobre, jamais rico. De resto, sempre a meio caminho entre o saber e a ignorância."

Os leitores desta página, nos moldes da malícia de Celso — oxalá os cristãos não o sigam! — podem zombar do mito e ridicularizar o sublime de Platão. Mas, num estudo filosófico dos pensamentos revestidos da forma do mito, chegando a descobrir a intenção de Platão, podemos admirar a maneira como ele conseguiu ocultar as grandes doutrinas para ele evidentes sob a forma de um mito, por causa do povo simples, e a dizê-los como se deve àqueles que sabem descobrir em mitos a significação verdadeira de seu autor. Citei este mito de Platão por causa de seu "jardim de Zeus" que parece corresponder ao jardim de Deus, por causa igualmente de Pobreza, comparável à serpente que nele se encontra, e de Expediente a quem Pobreza tem aversão, como a serpente que tem aversão ao homem. Mas podemos também nos perguntar se Platão conseguiu encontrar estas histórias por acaso; ou se, como alguns pensam, em sua viagem ao Egito, encontrou os que interpretam filosoficamente as tradições judaicas, aprendeu deles certas ideias, conservou algumas, plagiou outras, evitando ofender os gregos ao conservar integralmente as doutrinas da sabedoria judaica, objeto da aversão geral pelo caráter estranho de suas leis e pela forma particular de seu regime. Mas nem o mito de Platão, nem a história "da serpente" e do jardim de Deus com tudo o que nele ocorreu, precisam receber aqui sua explicação: esta é o assunto principal de meus esforços nos Comentários sobre o Gênesis.

40. À afirmação que ele faz sobre a narrativa de Moisés: haverá impiedade maior do que esta ficção em que Deus é tão fraco desde a origem que nem consegue convencer o único homem que ele mesmo modelou! Responderei que ela está conexa com a crítica da própria existência do mal, que Deus não pôde afastar de um só homem para que ao menos um só homem qualquer dele ficasse livre, desde a origem. Assim como sobre este ponto a preocupação de defender a Providência fornece justificações tão numerosas quanto válidas, da mesma forma para Adão e sua falta, encontraremos a explicação sabendo que, traduzida do grego, a palavra "Adão" significa homem, e que, ao se referir a Adão, Moisés fala da natureza do homem. É que, segundo a Escritura, "em Adão todos morrem!" (1Cor 15,22), e foram condenados "de modo semelhante à transgressão de Adão" (Rm 5,14), a afirmação da palavra divina referindo-se não propriamente a um só indivíduo, mas à totalidade da raça. E de fato, nas palavras a seguir que parecem ter em vista um só indivíduo, a maldição de Adão é comum a todos; e não existe mulher à qual não se aplique o que se diz contra a mulher. Além disso, a narrativa do homem expulso do jardim com sua mulher, revestido das "túnicas de peles" que Deus, por causa da

transgressão dos homens, confeccionou para os pecadores, contém um ensinamento secreto e misterioso bem superior à doutrina de Platão sobre a descida da alma que perde suas asas e é arrastada cá para baixo "até que se agarre a alguma coisa sólida".

O dilúvio e a arca

41. E continua nestes termos: *Trata-se então de um dilúvio e de uma estranha arca, que contém todos os seres, de uma pomba e de uma gralha usadas como mensageiras: plágio sem escrúpulo da história de Deucalião; não repararam, penso eu, que esta fábula viria a público, mas a contaram ingenuamente às crianças.* Observa aqui também o ódio bem pouco filosófico deste autor contra a antiquíssima Escritura dos judeus. Pois ele não pode denegrir a história do dilúvio. Ele ignora mesmo as objeções possíveis contra a arca e suas dimensões, por exemplo, que ao aceitar como o povo simples faz os números de "trezentos côvados" de comprimento, "cinquenta" de largura, "trinta" de altura, não é possível sustentar que ela abrigou os animais que estão na terra, quatorze de cada espécie pura, quatro de cada espécie impura. Então ele se contenta em qualificá-la como estranha arca abrigando todos os seres. Mas que terá ela de estranho, pois como contam, foi construída em cem anos, e foi reduzida dos trezentos côvados de comprimento, dos cinquenta de largura, até que os trinta côvados de sua altura terminassem num só côvado de comprimento e de largura? Não seria mais admirável que esta construção, semelhante a uma cidade bem grande, fosse descrita pelas dimensões tiradas do poder, de modo que ele fosse, em sua base, de miríades de côvados de comprimento, e de dois mil e quinhentos de largura? Não se deveria admirar o projeto de torná-la sólida e capaz de suportar a tempestade, causa do dilúvio? E com efeito, não é nem de resina, nem qualquer outra matéria desta natureza, mas de betume que ela foi fortemente calafetada? E não é coisa admirável que os sobreviventes de cada espécie tenham sido introduzidos no interior pela Providência de Deus, para que a terra tivesse de novo as sementes de todos os seres vivos, tendo Deus se servido do homem mais justo que seria o pai daqueles que nasceriam depois do dilúvio?

42. Celso rejeitou a história da pomba para dar a impressão de ter lido o livro do Gênesis, mas nada pôde apresentar como prova do caráter fictício desta história. Depois, conforme seu hábito de traduzir a Escritura em termos ridículos, faz do corvo uma gralha e supõe que Moisés transcreveu aí sem nenhum escrúpulo a história grega de Deucalião; a não ser talvez que ele considere o livro como obra não apenas de Moisés mas de diversos autores, como indica a frase: "Plágio sem escrúpulo da história de Deucalião"; ou também esta: "Não repararam, penso eu, que esta fábula viria a público". Mas como explicar que aqueles que transmitiram a Escritura à nação inteira não repararam que ela viria a público, quando eles mesmos predisseram que esta religião seria pregada a todas as nações? E quando Jesus disse aos judeus: "O Reino de Deus vos será tirado e confiado a um povo que produza seus frutos" (Mt 21,43), que outra disposição tem ele em vista senão apresentar ele mesmo ao público pelo poder divino, toda a Escritura judaica que contém os mistérios do Reino de Deus? Depois disto, como leitores das

teogonias dos gregos e das histórias de seus doze deuses, eles lhes atribuem um caráter venerável por meio de interpretações alegóricas; como detratores de nossas histórias, tacham-nas de fábulas ingênuas contadas às crianças!

Histórias de famílias

43. A menção que ele faz de *uma procriação totalmente absurda e fora da idade*, embora não mencione o nome próprio, designa evidentemente a de Abraão e Sara. Quando rejeita as *astúcias de irmãos*, quer se referir às de Caim contra Abel, ou também de Esaú contra Jacó. *A dor de um pai* pode ser a de Isaac na partida de Jacó, talvez também a de Jacó ao ver José levado para ser vendido no Egito. A expressão *embustes de mães* designa em seu texto, creio eu, as disposições tomadas por Rebeca para fazer cair não sobre Esaú, mas sobre Jacó, as bênçãos de Isaac. Mas que haverá de absurdo em dizer que *Deus colaborou de perto em tudo isto,* na persuasão que temos de que sua divindade jamais se afasta dos que se consagram a ele, levando uma vida de virtude sólida? Critica igualmente o enriquecimento de Jacó na casa de Labão, por não ter compreendido o sentido das palavras: "As que não tinham marca eram para Labão, as que estavam marcadas, para Jacó" (cf. Gn 30, 42). E diz: *Deus deu a seus filhos burros, ovelhas e camelos,* por não ter visto que "estas coisas lhes aconteceram para servir de exemplo e foram escritas para nossa instrução, nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos" (1Cor 10,11); as nações diversas foram entre nós marcadas e são governadas pela palavra de Deus, riqueza dada que figurativamente se chama Jacó. A história de Labão e Jacó indica a chegada daqueles que virão das nações à fé em Cristo.

44. E ele está longe do sentido das Escrituras quando diz: *Deus mesmo deu poços aos justos*. Não observou que os justos evitam construir cisternas, mas cavam poços para si, procurando descobrir a fonte interior e a origem das águas doces, pois receberam o mandamento que também afirma em sentido figurado: "Bebe a água da tua cisterna, a água que jorra do teu poço. Não derrames pela rua o teu manancial, nem os teus ribeiros pelas praças. Sejam para ti somente, sem reparti-los com estrangeiros" (Pr 5,15-17). Não poucas vezes a Escritura aproveita a ocasião de acontecimentos reais que ela descreve, para expor, em figuras, verdades mais profundas, como são estas passagens sobre os *poços*, os *casamentos* e as diferentes *uniões dos justos*: procuraremos elucidar melhor este assunto oportunamente nos *Comentários* destas passagens. A prova de que estes poços foram cavados pelos justos na terra dos filisteus, conforme a narrativa do Gênesis, está nestes poços maravilhosos que são mostrados em Ascalon, dignos de menção pelo caráter estranho e insólito de sua construção se comparados aos outros poços.

Não somos nós que ensinamos que é preciso compreender alegoricamente *as jovens mulheres e as jovens servas,* mas aprendemos isto dos sábios que nos precederam. Um deles dizia, elevando seus ouvintes ao sentido espiritual: "Dizei-me, vós que quereis estar debaixo da Lei, não ouvis vós a Lei? Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da serva e outro da livre. Mas o da serva nasceu segundo a carne; o da livre, em virtude da promessa. Isto foi dito em alegoria. Elas, com efeito, são as duas alianças; uma, a do

monte Sinai, gerando para a escravidão: é Agar" (Gl 4,21-24). E, mais adiante: "Mas a Jerusalém do alto é livre e esta é a nossa mãe" (Gl 4,26). E quem quiser ler a carta aos Gálatas saberá de que maneira compreender alegoricamente as passagens sobre *os casamentos e as uniões com as servas,* pois é vontade da Escritura que procuremos com ardor as ações daqueles que as realizaram, não na sua aparência corporal, mas, como costumam chamá-las os apóstolos de Jesus, em seus significados espirituais.

45. Celso deveria reconhecer a sinceridade dos autores das divinas Escrituras no fato de eles não terem escondido nem mesmo atos desonrosos, e consequentemente, considerar como autênticas as outras histórias ainda mais maravilhosas. Ele fez exatamente o contrário e, sem examinar a letra nem investigar o espírito, chamou de *mais abominável do que os crimes de Tieste* a história de Ló e de suas *filhas*. Não precisamos expor aqui o que significam alegoricamente nesta passagem Sodoma e a palavra dos anjos dirigida ao que eles salvavam de lá: "Não olhes para trás de ti nem te detenhas em nenhum lugar da Planície; foge para a montanha, para não pereceres!" (Gn 19,17); ou o que significam Ló, sua mulher transformada "em estátua de sal" por ter virado para trás, suas filhas embriagando o pai para se tornarem mães graças a ele. Mas, procuremos atenuar em poucas palavras os inconvenientes da história. Também os gregos procuraram a natureza das ações boas, más e indiferentes. Dentre eles os que melhor trataram desta matéria fazem depender as boas e más ações unicamente da liberdade; chamam indiferentes no sentido próprio todas as que são investigadas independentemente da liberdade: se a liberdade é usada como convém, é louvável, caso contrário, é censurável. Dizem, portanto, a respeito desta questão das ações "indiferentes", que unir-se à sua filha é em sentido próprio indiferente, embora não se deva fazer isto nas sociedades constituídas. Por hipótese, a fim de mostrar o caráter indiferente de tal ato, imaginaram o caso de um sábio, deixado com sua filha sozinha depois da destruição de todo o gênero humano e se perguntam se seria conveniente que o pai se una à sua filha para evitar, segundo a hipótese, a perda do gênero humano inteiro.

Então, será esta uma opinião sadia entre os gregos, defendida pela escola dos estoicos que não é desprezível conforme seu modo de ver? Mas quando as filhas jovens, cientes do incêndio do mundo, mas de modo confuso, à vista do fogo que devasta sua cidade e sua terra, supuseram que a última centelha de vida pela humanidade subsistia no seu pai e nelas, e providenciaram, dentro desta perspectiva, pela manutenção do mundo, seriam elas inferiores ao sábio da hipótese estoica que se uniria legitimamente às suas filhas na destruição da humanidade? Não ignoro o escândalo causado a alguns pela intenção das filhas de Ló, e seu julgamento sobre a impiedade de seu ato: disseram que desta união ímpia se originaram as nações malditas dos moabitas e amonitas. Na verdade, não se pode constatar que a Escritura aprove claramente como boa esta ação, nem que ela a rejeite ou censure. Mas de qualquer modo, o acontecimento pode ser interpretado em sentido espiritual, e ele também tem em si mesmo certa escusa.

46. Celso abomina o *ódio*, aquele que Esaú nutria contra Jacó, e cuja maldade a Escritura reconhece; depois, sem citar claramente a história de Simeão e Levi *que*

procuraram vingar sua irmã violada pelo filho do rei de Siquém, ele os acusa a ambos. Fala *dos irmãos que vendem*: os filhos de Jacó; *do irmão que é vendido*: José; *do pai que se deixa burlar*: Jacó, que não teve nenhuma desconfiança quando seus filhos lhe mostraram "a túnica adornada" de José, mas acreditou neles e "chorou", como se estivesse morto, a José vendido como escravo no Egito. Eis o ódio sem amor da verdade com que Celso multiplica os lances da história. Onde ela lhe parece conter motivos de crítica, ele a cita; quando, porém, ela prova a memorável castidade de José, que se recusa, apesar dos rogos e ameaças daquela que era legalmente sua senhora, ele não se lembra mais da história. De maneira bem superior às ações narradas de Belerofonte, vemos de fato José preferir a prisão à perda de sua castidade: pelo menos, quando podia se defender e se justificar contra sua acusadora, sua magnanimidade o levou ao silêncio e a entregar sua causa nas mãos de Deus.

47. Depois disto, por desencargo de consciência, mas de uma maneira muito obscura, ele menciona *sonhos* do copeiro-mor e do padeiro-mor, do Faraó, da *explicação* deles pela qual José foi retirado da prisão, tendo-lhe então o Faraó confiado o segundo trono do Egito. Qual então o absurdo desta história, ainda que entendida literalmente, para Celso fazer dela um motivo de acusação, ele que intitulou *Discurso verdadeiro* um tratado que não contém doutrinas, mas acusações contra cristãos e judeus? E acrescenta: *Aquele que tinha sido vendido trata com benignidade seus irmãos que o haviam vendido, quando foram forçados pela fome a procurar provisões com seus burros;* mas não mostra o que ele fez. Cita igualmente o *reconhecimento*, mas não sei nem seu plano, nem o que ele encontra de absurdo, na cena do reconhecimento. O próprio Momo, se posso dizer, não faria uma crítica sensata desta história que, acima de qualquer sentido alegórico, parece tão atraente. Ele apresenta ainda José, *como vendido escravo em outros tempos, posto agora em liberdade e retornando em grande cortejo ao túmulo de seu pai*. E julga encontrar na história um motivo de acusação, ao afirmar: *Por ele* — evidentemente José — *a ilustre e divina raça dos judeus, que se multiplicara no Egito, recebeu a ordem de residir em algum outro lugar, e apascentar seus rebanhos numa região desprezada.* Seu projeto de ódio o leva a dizer que ela recebeu a ordem de apascentar seus rebanhos numa região desprezada, sem mostrar como o distrito de Gessen no Egito é uma região desprezada. A saída do povo *da terra do Egito* é chamada por ele de *fuga*, sem a menor consideração com o que está escrito no Êxodo sobre a saída dos hebreus da terra do Egito. Apresentei estes exemplos para mostrar que mesmo aquilo que, entendido em sentido literal, não parece ser objeto de crítica, Celso transforma em acusação frívola, sem provar por argumento algum o que ele julga perverso nas nossas Escrituras.

A interpretação alegórica

48. Em seguida, entregue por assim dizer unicamente ao seu ódio e à sua animosidade contra a doutrina dos judeus e dos cristãos, ele diz: *Os mais sensatos dos judeus e dos cristãos alegorizam tudo isto. E afirma: A vergonha que eles têm desta história os faz se refugiarem na alegoria.* Poderíamos dizer: se devemos chamar de vergonhosas em

sua acepção primeira as doutrinas dos mitos e das ficções, escritos com um sentido figurado ou de qualquer outra maneira, a que histórias esta qualificação se impõe senão às histórias gregas? Nelas os deuses filhos castram os deuses pais; os deuses pais devoram os deuses filhos; a deusa mãe, no lugar de um filho, entrega àquele que é pai "dos deuses e dos homens" uma pedra; um pai se une à sua filha; uma mulher acorrenta o marido, tomando como cúmplices para o prender o irmão e a filha daquele que ela acorrenta. Mas, por que deveria eu enumerar as histórias absurdas dos gregos sobre seus deuses, manifestamente vergonhosas mesmo alegorizadas? Desta forma, a passagem em que Crisipo de Soles, que, segundo se afirma, honrou o Pórtico com muitas obras geniais, explica um quadro de Samos em que Hera é representada cometendo com Zeus um ato obsceno. O grave filósofo diz em seu tratado que a matéria, tendo recebido as razões seminais de Deus, guarda-as em si mesma para a organização do universo. No quadro de Samos, Hera é a matéria e Zeus é Deus. Por esse motivo e por causa dos mitos deste gênero e de uma infinidade de outros, recusamos chamar, ainda que apenas de nome, o Deus supremo de Zeus, o sol de Apolo, e a lua de Ártemis. Mas, praticando uma piedade pura com o Criador, e louvando a beleza de suas criaturas, nós não aviltamos, nem mesmo de nome, as coisas divinas, aprovando a palavra de Platão no *Filebo*, que não concorda que o prazer seja um deus: "Minha reverência, Protarco, pelo nome dos deuses é profunda." Também nós na verdade estendemos nossa reverência ao nome de Deus e de suas belas criaturas e recusamos, mesmo sob pretexto de alegoria, qualquer outro mito corruptor para a juventude.

49. Uma leitura leal da Escritura teria impedido Celso de dizer que nossos livros não admitem alegoria. Com efeito, partindo das profecias em que são relatados os fatos históricos e não a partir da história, podemos nos convencer de que mesmo os fatos históricos foram relatados em vista de uma interpretação alegórica, e muito sabiamente adaptados às necessidades do povo de fé simples, e da elite que quer e pode examinar as questões com inteligência. Se aqueles que, conforme Celso, são hoje considerados judeus e cristãos sensatos fossem os únicos a alegorizar as Escrituras, poderíamos supor que Celso disse uma coisa plausível. Mas, como os autores de nossas doutrinas e os escritores recorrem eles mesmos a estas interpretações alegóricas, o que se há de supor senão que eles escreveram de maneira que estes fatos sejam interpretados alegoricamente conforme sua intuição principal?

Entre muitas outras, citarei algumas passagens para mostrar a calúnia gratuita de Celso quando diz que as Escrituras não admitem alegoria. Aqui vai uma declaração de Paulo, Apóstolo de Jesus: "Na lei de Moisés está escrito: 'Não amordaçarás o boi que tritura o grão'. Acaso Deus se preocupa com os bois? Não é, sem dúvida, por causa de nós que ele assim fala? Sim; por causa de nós é que isto foi escrito, pois aquele que trabalha deve trabalhar com esperança e aquele que pisa o grão deve ter a esperança de receber a sua parte" (1Cor 9,9-10). E o mesmo escritor diz em outra parte: "Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher; e serão ambos uma só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja" (Ef 5,31-32). E ainda em outra passagem: "Não quero que ignoreis, irmãos, que nossos pais

estiveram todos sob a nuvem, todos atravessaram o mar e, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés" (1Cor 10,1-2). Depois, interpretando a história do maná e da água que jorrou da pedra milagrosamente, na expressão da Escritura, assim diz: "Todos comeram o mesmo alimento espiritual, e todos beberam a mesma bebida espiritual, pois bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava, e essa rocha era Cristo" (1Cor 10,3-4). E Asaf mostrou que as histórias do Êxodo e dos Números são mistérios e parábolas, como está escrito no livro dos Salmos: "Povo meu, escuta a minha lei, dá ouvido às palavras da minha boca; vou abrir minha boca numa parábola, vou expor enigmas do passado. O que nós ouvimos e conhecemos, o que nos contaram nossos pais, não o esconderemos a seus filhos; nós o contaremos à geração seguinte" (Sl 77,1-3).

50. Além disso, se a lei de Moisés não contivesse nada que elucidasse os significados simbólicos, o profeta não diria a Deus em sua oração: "Tira o véu dos meus olhos para eu contemplar as maravilhas que vêm de tua lei" (Sl 118,18). Mas na realidade ele sabia bem que há um "véu" de ignorância cobrindo o coração daqueles que leem e não compreendem os sentidos figurados. Este véu é retirado por favor divino quando Deus ouve aquele que fez tudo que pôde, que se acostumou a exercer suas faculdades em distinguir o bem e o mal e constantemente diz em sua prece: "Tira o véu dos meus olhos para eu contemplar as maravilhas que vêm de tua lei." E quando lê que o dragão vive no rio do Egito e os peixes se escondem debaixo de suas escamas, ou as montanhas do Egito são cobertas com os "excrementos" do Faraó, não é ele logo levado a procurar saber quem é aquele que cobre as montanhas do Egito dessa quantidade de excrementos fétidos, quais são as montanhas do Egito, quais os rios do Egito de que se gaba o Faraó acima referido dizendo: "Meus são os rios e fui eu quem os fez" (cf. Ez 32,6), quem é o dragão, no contexto da interpretação alegórica dos rios, e quem são os peixes debaixo das escamas? Mas, por que hei de provar também o que não carece de prova, e acerca do qual se diz: "Quem é sábio com-preenda isto, quem é inteligente reconheça-o!" (Os 14,9).

Desenvolvi um pouco o argumento, no intuito de mostrar que Celso não podia ter razão de dizer: *Os mais sensatos dos judeus e dos cristãos procuram dar uma explicação alegórica destes fatos; mas há alguns deles que não admitem a alegoria e são manifestamente fábulas da espécie mais idiota.* E as histórias gregas, na verdade, não são de espécie mais idiota, e também mais ímpia? Pois as nossas têm em vista inclusive o povo simples, o que os autores de ficções gregas esqueceram. Por isso, não é simplesmente por má vontade que Platão expulsa de sua República os mitos e os poemas desta espécie.

51. Celso também parece ter ouvido falar que existem livros com alegorias sobre a Lei. Se os tivesse lido, não teria dito: *Pelo menos as alegorias aparentemente escritas a seu respeito são bem mais vergonhosas e mais absurdas do que os mitos, pois elas procuram, por uma loucura estranha e completamente estúpida, associar coisas que não têm nenhuma relação.* Por esta observação ele parece ter em mira os escritos de

Fílon, ou de autores mais antigos ainda, como os de Aristóbulo. Imagino, porém, que Celso não leu os livros, pois me parecem em muitos pontos tão felizes que mesmo os filósofos gregos seriam conquistados pelo que dizem. Encontramos neles uma elaboração não só de estilo, mas também de pensamentos e doutrinas, e o emprego daquilo que Celso julga mitos nas Escrituras. Sei que Numênio, o Pitagórico, o melhor comentarista de Platão e o autor mais versado em doutrinas pitagóricas, cita em vários lugares de seus tratados as passagens de Moisés e dos profetas, e lhes aplica interpretações alegóricas que têm certa verossimilhança, como no que ele intitula *Epops*, ou em seus tratados *Sobre os Números e Sobre o Lugar*. E no terceiro livro *Sobre o Bem*, até cita uma história sobre Jesus, sem lhe mencionar, porém, o nome, e a interpreta alegoricamente; com sucesso ou não, vamos responder a isto oportunamente, em outra ocasião. Cita igualmente a história de Moisés, Janes e Jambres. Não quer dizer que encontremos aí um motivo para nos gloriar, mas aprovamos mais que Celso e os outros gregos o autor que quis sinceramente examinar nossas Escrituras e foi levado a ver nelas livros cheios de significados alegóricos e não de loucuras.

52. Em seguida, entre todos os tratados que contêm alegorias e interpretações num estilo que tem a sua beleza, escolheu o mais comum, capaz de favorecer a fé do povo simples, mas muito incapaz de impressionar os inteligentes. Diz ele: *Deste gênero justamente conheço uma controvérsia de um certo Papisco e Jasão, que merece menos o riso do que a compaixão e o ódio. Longe, porém, de mim a intenção de refutar suas inépcias: são evidentes a todos, principalmente àquele que tem a paciência de suportar a leitura em si do livro. Prefiro ensinar isto de acordo com a natureza: Deus nada fez de mortal; mas todos os seres imortais são obras de Deus, e os seres mortais são obras dos imortais. A alma é obra de Deus, mas diversa é a natureza do corpo. Na verdade, a este respeito, não haverá nenhuma diferença entre um corpo de morcego, de verme, de rã ou de homem: a natureza deles é a mesma, e da mesma espécie igualmente seu princípio de corrupção.* Contudo, eu gostaria que aquele que ouviu Celso se indignar e declarar que o tratado intitulado *Controvérsia de Papisco e de Jasão* sobre Cristo merece menos o riso do que o ódio tome em mãos o pequeno tratado e tenha a paciência de suportar a leitura do que ele contém, a fim de condenar imediatamente Celso, porque ele não encontra nada que mereça o ódio. Um leitor imparcial verá que o livro nada tem que mereça riso: aí se apresenta um cristão que discute com um judeu, com base nas Escrituras judaicas, mostrando que as profecias sobre Cristo se aplicam a Jesus, embora o outro se oponha ao argumento de uma maneira que tem sua nobreza e convém ao personagem de um judeu.

53. Mas, não sei por quê, associando dois sentimentos incompatíveis que não podem andar juntos numa natureza humana, ele diz que este livro merece a compaixão e o ódio. Pois devemos convir que aquele de quem temos compaixão não desperta o ódio e ao mesmo tempo a piedade, e quem é odiado não desperta a compaixão e ao mesmo tempo o ódio. E a razão por que Celso diz não ter a intenção de refutar suas inépcias é, acredita ele, o fato de ser evidente a todos que, antes mesmo de uma refutação racionalmente

conduzida, o livro de nada vale e merece a compaixão e o ódio. Mas eu convido o leitor desta apologia que refuta a acusação de Celso a suportar a leitura de nossos livros, e enquanto possível verifique a intenção, a consciência e o estado de espírito dos escritores: verá então homens que defendem com ardor o que lhes foi transmitido, e que alguns escrevem manifestamente uma história de que eles foram testemunhas e que eles consideram como milagrosa e digna de ser narrada para o bem daqueles que a ouvirem. Ou então que se tenha a coragem de negar que a origem e o princípio de todo bem para a alma é acreditar no Deus do universo, é realizar todas as ações visando agradá-lo em tudo, sem mesmo ter qualquer pensamento que lhe cause desagrado, pois não só as palavras e as ações mas até os pensamentos serão julgados por ele! E que outra doutrina seria mais eficaz para converter e levar a natureza humana a uma vida virtuosa senão a fé ou a persuasão de que a de um Deus supremo que vê todas as nossas palavras, nossas ações e mesmos nossos pensamentos? Apresente quem quiser um outro método que ao mesmo tempo converta e melhore não um ou dois indivíduos apenas, mas também, enquanto possível, um número bem grande; então a comparação dos dois métodos levará à compreensão exata sobre qual a doutrina que prepara para a vida virtuosa.

Os corpos e as almas são obras de Deus

54. Na passagem de Celso que citei, que é uma paráfrase do *Timeu*, encontramos certas expressões como: "Deus nada fez de mortal, mas apenas os seres imortais, e os seres mortais são obras de outros seres. A alma é obra de Deus, mas diversa é a natureza do corpo. E um corpo de homem não tem diferença nenhuma do morcego, do verme ou da rã; pois a matéria é a mesma, e da mesma espécie também seu princípio de corrupção". Vamos então discutir um pouco estes pontos, e provar que ele dissimula sua opinião epicureia, ou talvez se diga que ele a abandonou por melhores doutrinas, ou mesmo, se poderia dizer, que ele é homônimo de Celso epicureu. Como ele externava tais opiniões e se propunha contradizer, conosco, a ilustre escola filosófica dos discípulos de Zenão de Cítio, deveria provar que os corpos dos animais não são obras de Deus e que sua organização tão minuciosa não provém da inteligência primeira. A respeito das plantas, tão numerosas e variadas, regidas do interior por uma natureza que não podemos imaginar e criadas para a importante função no universo de servir aos homens e aos animais que estão a serviço dos homens e em qualquer outra situação, não deveria se contentar com declarar, mas ensinar estas inúmeras qualidades na matéria que constitui as plantas.

Tendo apresentado os deuses como criadores de todos os corpos, enquanto apenas a alma seria obra de Deus, se ele quisesse dividir a multidão das obras criadas e atribuí-la a diversos deuses, não deveria ele estabelecer por um argumento válido as diferenças entre os deuses que produzem, alguns os corpos dos homens, outros os do gado, outros os dos animais selvagens? Ao ver alguns deuses criadores de dragões, de áspides, de basiliscos, outros criadores de cada espécie de insetos, outros de cada espécie de plantas e ervas, deveria apresentar as razões desta divisão do trabalho. Pois, talvez, se ele tivesse se

empenhado num exame preciso da questão, ou teria sustentado que um só Deus é criador de todas as coisas e fez cada uma em vista de um fim e por uma razão, ou então, se não tivesse sustentado isto, teria visto a réplica a dirigir à objeção que aquilo que é corruptível é, por sua natureza, matéria indiferente, e que não há absurdo nenhum em sustentar que o mundo, constituído de elementos dissemelhantes, é obra de um único Artífice que estabeleceu as diferenças entre as espécies pelo bem do todo. Ou, finalmente, se não soubesse estabelecer o que ele declarava ensinar, não deveria revelar em nada sua opinião sobre uma doutrina desta importância; a não ser que, por acaso, ele que zomba daqueles que professam uma fé simples tenha desejado que nós demos crédito ao que ele afirmava, embora tenha pretendido não exprimir sua opinião, mas ensiná-la.

55. Ainda não mencionei que se ele tivesse tido a paciência de suportar a leitura, como ele diz, dos escritos de Moisés e dos profetas, teria se perguntado: por que então a expressão "Deus fez" só se aplica ao céu, à terra, ao "firmamento", depois aos luzeiros e às estrelas, depois aos grandes monstros marinhos e a cada um dos "seres vivos que rastejam e fervilham nas águas segundo sua espécie", a toda ave alada "segundo sua espécie", depois deles às feras da terra "segundo sua espécie", aos animais domésticos "segundo sua espécie", aos répteis do solo "segundo sua espécie", enfim ao homem, ao passo que a palavra "ele fez" não se aplica ao resto (Gn 1,1s). Quando se trata de criar a luz, a Escritura apenas diz: "e houve luz", e quando se trata de reunir numa massa única toda a água que está debaixo do céu, ela diz: "e assim se fez". Da mesma forma, quando se trata dos produtos da terra, ela diz: "A terra produziu verdura: ervas que dão semente segundo sua espécie, árvores que dão, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente". Deveria ter investigado a que ser e a que seres se dirigem na Bíblia as ordens de Deus sobre a formação de cada parte do mundo. E não teria tão facilmente criticado como ininteligível e sem significado secreto o que está escrito nestes livros de Moisés, ou diríamos nós, pelo Espírito divino que estava em Moisés e pelo qual ele profetizou, pois ele "conhecia o presente, o futuro e o passado" mais do que os adivinhos munidos entre os poetas de tais conhecimentos.

56. Mas Celso ainda diz: "A alma é obra de Deus, mas diversa é a natureza do corpo. De fato, a este respeito, não haverá nenhuma diferença entre um corpo de morcego, de verme, de rã ou de homem; pois a matéria é a mesma, e da mesma espécie igualmente seu princípio de corrupção." A este argumento devemos responder: se de fato, como a mesma natureza existe subjacente aos corpos de um morcego, de um verme, de uma rã, de um homem, estes corpos não devem diferir em nada um do outro, é evidente que os corpos destes seres não diferem em nada do sol, da lua, das estrelas, do céu, de qualquer outro ser que os gregos chamam divindade sensível. Pois a matéria que é subjacente a todos os corpos é a mesma: falando a rigor, ela não tem qualidade nem forma, e não sei de onde ela recebe suas qualidades segundo Celso que não admite que nada de corruptível seja obra de Deus. Pois, segundo o argumento de Celso, o princípio de corrupção de qualquer ser, proveniente da mesma matéria que os sustenta, é

necessariamente da mesma espécie. A não ser que aqui, diante da dificuldade, Celso divirja de Platão, que faz a alma sair de certa taça, e se refugie em Aristóteles e nos peripatéticos que afirmam que o éter é imaterial e de uma quinta natureza, diversa dos outros quatro elementos: doutrina esta à qual se opuseram nobremente os platônicos e os estoicos. Nós também, apesar do desprezo de Celso, havemos de nos opor a ela, pois pedem que exponhamos e provemos o que é dito nestes termos no profeta: "Firmaste a terra há muito tempo, e o céu é obra de tuas mãos; eles perecem, mas tu permaneces, eles todos ficam gastos como a roupa, tu os mudarás como veste, eles ficarão mudados, mas tu existes, e teus anos jamais findarão!" (Sl 101,26-28). No entanto, estas palavras são uma réplica suficiente à asserção de Celso: a alma é obra de Deus, mas diversa é a natureza do corpo, argumento este que tem como consequência: não há nenhuma diferença entre um corpo de morcego, de verme, de rã e o corpo etéreo.

57. Vê então se devemos estar do lado do homem que, com doutrinas semelhantes, acusa os cristãos, e se for necessário abandonar uma doutrina que explique a diversidade pelas qualidades inerentes aos corpos ou que lhes são exteriores. Sabemos também nós que existem "corpos celestes e corpos terrestres" e que diverso é "o brilho dos corpos celestes" e diverso o dos "terrestres"; e que, mesmo entre "os corpos celestes" ele não é idêntico, pois "um é o brilho do sol, outro o das estrelas"; e que, entre as estrelas, "uma estrela difere da outra em brilho". Por isso, como esperamos a ressurreição dos mortos, dizemos que as qualidades inerentes "aos corpos" mudam; alguns deles, semeados "corruptíveis, ressuscitam incorruptíveis"; semeados "desprezíveis, ressuscitam reluzentes de glória"; semeados "na fraqueza, ressuscitam cheios de força", semeados corpos psíquicos, ressuscitam espirituais (cf. 1Cor 15,40-44). Nós todos que admitimos a Providência temos a certeza de que a matéria fundamental é capaz de receber as qualidades que o Criador quer: pela vontade de Deus, qualquer que seja a qualidade atual de tal matéria, ela será a seguir, digamos, melhor e superior.

Além disso, como existem leis estabelecidas referentes às mudanças que ocorrem nos corpos desde o começo até o fim do mundo, há de lhes suceder talvez uma lei nova e diferente depois da destruição do mundo que nossas Escrituras chamam de sua consumação. Por isso não admira que desde já, como dizemos comumente, de um cadáver de homem se formou uma serpente da coluna vertebral, do boi uma abelha, de um cavalo uma vespa, de um burro um escaravelho, e geralmente da maior parte, vermes. Celso julga que isto pode fornecer a prova de que nenhum deles é obra de Deus, mas ao contrário, as qualidades, determinadas não sei por que razões a mudar de um caráter ao outro, não são obra de uma razão divina que faria se sucederem as qualidades inerentes à matéria.

58. Eis o que me resta dizer contra a afirmação de Celso de que a alma é obra de Deus, mas que diversa é a natureza do corpo. Ele lançou uma doutrina desta importância sem prova, e pior ainda, sem definir seus termos, sem ter indicado claramente se toda alma é obra de Deus, ou se só a alma racional. Eu lhe direi então: se toda alma é obra de Deus, evidentemente a dos animais sem razão, mesmo dos mais vis, também o é, de modo que

cada corpo tenha uma natureza diversa da alma. Na verdade, quando diz mais adiante que os animais sem razão são mais amados por Deus do que nós, e têm da divindade uma noção mais pura, ele pareceu afirmar que não é somente a dos homens que é obra de Deus, porém, ainda mais a alma dos animais sem razão; é a consequência de sua afirmação de que eles são mais amados por Deus do que nós. Primeiro, não disse claramente se apenas a alma racional é obra de Deus, depois, resulta de sua maneira confusa de falar da alma, segundo a qual nem toda alma, mas apenas a alma racional seria obra de Deus, que tampouco para todos os corpos a natureza não poderia ser outra. E se a natureza de todos os corpos não pode ser outra e se cada animal tem um corpo correspondente à sua alma, é claro que o corpo, cuja alma é obra de Deus, prevalece sobre o corpo em que habita uma alma que não é obra de Deus. Por isso é uma mentira afirmar que não há diferença alguma entre um corpo de morcego, de verme, de rã, e o corpo de um homem.

59. Com efeito, seria absurdo acreditar que pedras ou edifícios são mais ou menos puros do que outras pedras ou outros edifícios, porque foram construídos para a honra de Deus ou para receber corpos sem honra e malditos, mas que há corpos que não diferem de outros conforme sejam habitados por seres racionais ou por seres sem razão, e pelos mais virtuosos dos seres racionais ou pelos piores dos seres humanos. Esta é entretanto a razão que levou alguns a pretenderem divinizar os corpos das pessoas superiores, por terem recebido uma alma virtuosa, e a rejeitarem e desonrarem os dos criminosos. Não que esta prática seja perfeitamente sadia, mas ela deriva de uma noção sadia. Será que o sábio, depois da morte de Anito e de Sócrates, teria um cuidado igual com a sepultura do corpo de Sócrates e da de Anito, será que ele ergueria à memória dos dois o mesmo montículo funerário? Estas são as reflexões motivadas pela afirmação de Celso: nenhum deles é obra de Deus, em que a palavra "deles" pode se referir ao corpo do homem ou das serpentes que vêm deste corpo, e ao do boi ou das abelhas que vêm do corpo de boi, e ao do cavalo ou do burro e das vespas saídas do cavalo, dos escaravelhos saídos do burro. É a razão por que tivemos de voltar à afirmação: A alma é obra de Deus, mas diversa é a natureza do corpo.

60. E ainda afirma: *Comum é a natureza de todos os corpos acima referidos, única no fluxo e refluxo de mudanças alternadas.* Devemos responder que evidentemente, segundo o que ficou dito, a natureza é comum, não só a dos corpos citados anteriormente, mas também a dos corpos supracelestes. Nesta perspectiva, evidentemente para ele, mas não sei se verdadeira, única é a natureza de todos os corpos no fluxo e refluxo de mudanças alternadas. É indiscutivelmente o pensamento daqueles que pensam que o mundo é corruptível. E mesmo aqueles que se negam a crer que ele seja corruptível e não admitem um quinto elemento procurarão mostrar que também segundo eles, única é a natureza de todos os corpos no fluxo e refluxo das mudanças alternadas. Mas desta forma, até o que é perecível permanece através da mudança; pois segundo aqueles que sustentam que a matéria é incriada, o substrato da qualidade perecível permanece enquanto perece a qualidade. Todavia, se um argumento pode

estabelecer que ela não é incriada, mas que foi criada para um uso determinado, manifestamente ela não terá a mesma natureza permanente tanto quanto na hipótese em que ela seria incriada. Mas o que importa aqui não é filosofar sobre a natureza para responder às críticas de Celso.

61. Diz ele igualmente: *Nada é imortal daquilo que provém da matéria*. A isto basta que respondamos: Se nada é imortal daquilo que provém da matéria, ou o mundo inteiro é imortal e assim não provém da matéria, ou não é imortal. Ora, se o mundo é imortal, e esta é a opinião daqueles que dizem que só a alma é obra de Deus e sai de uma taça, que Celso mostre que ele não provém de uma matéria sem qualidade, para ficar na lógica de sua afirmação que nada é imortal daquilo que provém da matéria. Mas se o mundo, proveniente da matéria, não é imortal, este mundo mortal é corruptível ou não? Se é corruptível, é como obra de Deus que ele será corruptível. Assim sendo, nesta corrupção, cabe a Celso dizer que fará a alma que é obra de Deus! Quer ele acaso dizer, pervertendo a noção de imortalidade, que o mundo é imortal, pois, embora sujeito à corrupção, ele não será corrompido, pois, capaz de sofrer a morte, na verdade não morre? É claro que haveria então, conforme ele, uma realidade ao mesmo tempo mortal e imortal, porque capaz de uma sorte como de outra; que ela seria mortal, embora não morra; e que não sendo imortal por natureza, pode ser chamada, num sentido particular, imortal, porque não morre. Em que sentido, portanto, se ele fizesse esta distinção, diria ele que nada é imortal daquilo que provém da matéria? Visivelmente, submetendo-as a um exame rígido, provamos que as ideias deste livro nada têm de nobre nem de incontestável.

E em cláusula final, ele afirma: *Eis que falamos bastante sobre este ponto: quem for capaz de ouvir e investigar mais compreenderá.* Vejamos, pois, nós que segundo ele somos idiotas, o mínimo daquilo que nossa capacidade nos permitiu ouvir e investigar.

Natureza e origem do mal

62. A seguir, julgando-nos capazes de compreender em algumas máximas a natureza do mal, questão à qual tantos tratados de valor dedicam pesquisas variadas e apresentam respostas diferentes, afirma: *Não poderia haver nem mais nem menos mal no mundo, antigamente, hoje e no futuro: pois a natureza do universo é uma só e a mesma, e a origem do mal é sempre a mesma.* Tenho a impressão que é ainda uma paráfrase desta passagem do *Teeteto*, em que Platão punha na boca de Sócrates estas palavras: "Não é possível que o mal desapareça do meio dos homens, nem que ele encontre lugar entre os deuses...", etc. E me parece que ele não entendeu exatamente Platão, embora pretenda encerrar a verdade num só tratado e intitule *Discurso verdadeiro* seu livro dirigido contra nós. Pois a passagem que afirma no *Timeu*: "Quando os deuses purificam a terra pelas águas" bem demonstra que a terra uma vez purificada pelas águas contém menos mal do que antes de sua purificação. E que então tenha havido menos mal, afirmo-o segundo Platão, em vista da passagem do *Teeteto* segundo a qual não é possível que o mal desapareça dentre os homens.

63. Mas não sei como Celso pode afirmar, apesar de admitir a Providência, a julgar pelas expressões de seu livro, que não há nem mais nem menos mal, mas um mal de certa forma limitado, e desfazer a belíssima doutrina de que a malícia é ilimitada e o mal é indefinido no rigor do termo. A tese segundo a qual não houve, não há nem haverá nem mais nem menos mal parece implicar esta consequência: assim como, para aqueles que sustentam que o mundo é incorruptível, o equilíbrio dos elementos é mantido pela Providência, impedindo que um deles predomine, para evitar que o mundo pereça, assim também uma espécie de providência preside o mal, por mais difundido que seja, para que não haja nem mais nem menos mal.

De uma outra maneira ainda é refutado o argumento de Celso acerca do mal pelos filósofos que examinaram a questão do bem e do mal. Provaram eles pela história que as cortesãs se prostituíram primeiro fora da cidade e, mascarando o rosto, se entregaram ao desejo dos que passavam; e que em seguida, despudoradas, retiraram as máscaras, ficando ainda fora das cidades cujas leis lhes proibiam entrar; e que, crescendo a cada dia a perversão, elas acabaram ousando se introduzir até nas cidades. É o que declara Crisipo em sua *Introdução à questão do bem e do mal.* Outra indicação de que há mais ou menos mal: antigamente, pessoas chamadas ambíguas se prostituíam publicamente para servirem passivamente à volúpia daqueles que se apresentavam; mais tarde as autoridades as expulsaram. E podemos dizer que não existiam outrora males sem conta introduzidos pela devassidão. As mais antigas histórias em todo caso, apesar de todas as suas acusações contra os pecadores, não sabem que estes atos infames foram cometidos.

64. À luz destes fatos e de outros semelhantes, porventura Celso não parece ridículo ao declarar que não poderia haver nem mais nem menos mal? Com efeito, ainda que a natureza do universo seja uma só e mesma, é absolutamente falso que a origem do mal seja sempre a mesma. Pois, embora a natureza de um indivíduo determinado seja uma só e a mesma, não há identidade contínua em seu espírito, na sua razão, em suas ações: há um tempo em que ele não recebeu a razão, um outro em que a razão é acompanhada de malícia, e de uma malícia mais ou menos alastrada: ora ele se orienta para a virtude e faz mais ou menos progresso, ora atinge a perfeição e chega à virtude com mais ou menos contemplação. A mesma observação se impõe com tanto maior razão acerca da natureza do universo; embora seja uma só e mesma coisa genericamente, os acontecimentos no universo nem sempre são os mesmos nem da mesma espécie. Assim como nem sempre há estações férteis ou estéreis, abundância de chuva ou de seca, assim também não se pode estipular a abundância ou a carestia de almas virtuosas, ou o fluxo crescente de almas viciosas. A doutrina que se impõe quando queremos falar o mais exatamente possível é que o mal nem sempre subsiste no mesmo grau, porque a Providência cuida zelosamente da terra, ou a purifica pelos dilúvios e incêndios, e talvez não só a terra, mas também o mundo inteiro, que tem necessidade de purificação toda vez que a malícia é superabundante.

65. A seguir Celso declara: *A origem do mal não é fácil de conhecer para quem não é filósofo; mas basta dizer ao povo simples que o mal não vem de Deus, que ele é*

inerente à matéria e reside nos seres mortais; o período dos seres mortais é semelhante do começo ao fim, e, durante ciclos determinados, foram, são e serão necessariamente sempre as mesmas coisas. Celso afirma que a origem do mal não é fácil de conhecer para quem não é filósofo, como se o filósofo pudesse facilmente conhecê-la, e como se o não filósofo não pudesse facilmente perceber a origem do mal, mas apesar disso pudesse conhecê-la, embora não sem esforço. A isto responderei que a origem do mal não é fácil de se conhecer mesmo para um filósofo; talvez mesmo lhe seja impossível conhecê-la puramente, a não ser que por inspiração divina seja manifestada a natureza do mal, seja revelado seu modo de aparecer, seja compreendida a maneira como desaparecerá. Desta forma a ignorância de Deus faz parte do mal, e o pior mal é não saber a maneira de honrar a Deus e lhe manifestar sua piedade. E isto, mesmo nas palavras de Celso, alguns filósofos não conheceram absolutamente, e a diversidade das escolas de filosofia o mostra. Ora, para nós é impossível conhecer a origem do mal se não tivermos reconhecido que é um mal acreditar que a piedade está salva nas leis estabelecidas pelos Estados compreendidos no sentido comum do termo. Também é impossível conhecer a origem do mal se não tivermos conhecido os ensinamentos sobre o diabo e seus anjos, o que ele era antes de se tornar um diabo e a razão por que os anjos tomaram parte em sua apostasia. E para poder conhecê-la, é preciso ter compreendido exatamente que os demônios não são criaturas de Deus enquanto demônios, mas enquanto criaturas racionais, e como chegaram a ser assim como o seu espírito os constitui em seu estado de demônios. Portanto, entre as árduas questões para a nossa natureza, exigindo dos homens um exame aprofundado, podemos colocar a origem do mal.

66. Em seguida, como se tivesse alguns segredos sobre a origem do mal, mas os guardava para só dizer o que fosse adaptado ao povo simples, afirma que basta dizer ao povo a respeito da origem do mal que o mal não vem de Deus, que é inerente à matéria e reside nos seres mortais. Mas é bem verdade que o mal não vem de Deus. Pois segundo nosso Jeremias, é claro que: "Não é da boca do Altíssimo que saem os males e a felicidade" (Lm 3, 37). Mas para nós não é verdade que a matéria que reside nos seres mortais seja a causa do mal. O espírito de cada um é a causa de sua malícia pessoal: ela é o mal; os males são apenas as ações que ela ordena, e para nós, falando no rigor dos termos, nada mais é algum mal. Sei, porém, que o assunto exige uma discussão e uma argumentação desenvolvidas: graças a um dom de Deus que ilumina o espírito, elas podem ser conduzidas ao bem por aquele que Deus julga digno de semelhante conhecimento.

Necessidade e liberdade

67. Mas não sei por que Celso, ao escrever contra nós, julgou útil tratar levianamente uma doutrina que requer uma longa demonstração, ao menos plausível, para mostrar na medida do possível que o período dos seres mortais é semelhante do começo ao fim, e durante ciclos determinados, necessariamente foram, são e serão sempre as mesmas coisas. Se assim fosse, adeus liberdade para nós. Pois, se durante ciclos determinados,

necessariamente foram, são e serão sempre as mesmas coisas no período dos seres mortais, é claro que necessariamente Sócrates sempre se consagrará à filosofia, será acusado de introduzir divindades novas e de corromper a juventude, e que Anito e Meleto sempre o acusarão, e o Conselho no Areópago pronunciará por decreto contra ele a condenação à morte pela cicuta. Também necessariamente sempre, durante os períodos determinados Fálaris será tirano e Alexandre de Feres cometerá as mesmas crueldades, e os condenados ao touro de Fálaris mugirão sempre nele. Se isto for admitido, não sei como nossa liberdade será salva e como se poderá razoavelmente merecer louvor ou censura. Responderemos à hipótese de Celso dizendo que, se o período dos seres mortais é sempre semelhante do começo ao fim, e que, durante ciclos determinados, necessariamente foram, são e serão sempre as mesmas coisas, então durante períodos determinados necessariamente sempre Moisés com o povo judeu sai do Egito, e Jesus volta ao mundo para fazer as mesmas coisas que ele fez não uma vez, mas número infinito de vezes durante períodos. Além disso, as mesmas pessoas serão cristãs nos ciclos determinados e Celso, novamente, escreverá este livro que ele antes escrevera uma infinidade de vezes.

68. Para Celso, só o período dos seres mortais, durante ciclos determinados, necessariamente foi, é e será sempre. Mas para a maior parte dos estoicos é não só este período dos seres mortais, mas também o dos seres imortais e daqueles que eles consideram como deuses. Depois do incêndio do universo, que foi uma infinidade de vezes e será uma infinidade de vezes, é a mesma ordem que, do começo ao fim foi e será. Para tentar, porém, atenuar as inverossimilhanças, os estoicos declaram que, não sei como, todos os homens durante um período serão totalmente semelhantes aos dos períodos antecedentes: de modo que não é Sócrates que nascerá de novo, mas alguém muito semelhante a Sócrates que, de modo muito semelhante, se casará com Xantipa, e será condenado por pessoas muito semelhantes a Anito e a Meleto. Mas não sei como o mundo é sempre o mesmo, não um mundo bem semelhante a um outro, ao passo que as coisas que ele encerra não são as mesmas, mas bem semelhantes. Entretanto, o argumento principal contra as expressões de Celso e as dos estoicos será aprofundado mais oportunamente em outra parte, pois não convém nem à ocasião presente, nem ao projeto atual prolongar a discussão.

69. Declara ele em seguida: *As coisas que vemos não foram dadas ao homem; cada qual nasce e morre para a salvação do todo, conforme a mudança que já apontei a respeito de umas e de outras.* Mas é supérfluo insistir na refutação destes princípios que já fiz da melhor maneira possível. Já respondemos a esta afirmação: *Não pode haver mais ou menos bem nem mais ou menos mal nos seres mortais.* Também já discutimos este ponto: *Deus não precisa aplicar nova reforma.* Além disso, *não é à maneira de um artesão que fabricou uma obra defeituosa mal construída que Deus realiza uma reforma no mundo ao purificá-lo por dilúvios ou incêndios.* Mas ele impede que a onda do vício se espalhe mais; creio mesmo que com ordem ele o destrói inteiramente para o bem do universo. E se após esta destruição do vício, ele tem ou não uma razão para

fazer o mundo voltar a existir, é uma questão a ser discutida num tratado à parte. Deus sempre faz questão de reparar os erros por uma nova reforma. Sem dúvida, ele ordenou do melhor modo e da maneira mais estável todas as coisas quando da criação do mundo; contudo, ele precisou aplicar um tratamento medicinal às vítimas do pecado e ao mundo inteiro manchado por ele de certa forma. Sem dúvida, Deus jamais deixou ou deixará de fazer a cada momento o que convém fazer neste mundo variável e em transformação. Como o agricultor nas diversas estações do ano realiza os diferentes trabalhos dos campos que a terra e seus produtos exigem, assim também Deus administra a totalidade dos séculos como se eles formassem apenas, por assim dizer, alguns anos. Ele realiza em cada um deles tudo o que exige aquilo que por natureza é razoável para o conjunto. E Deus é o único a entender e realizar este conjunto com toda a clareza, uma vez que possui a verdade.

70. E a respeito do mal, Celso formula esta observação: *Mesmo quando uma coisa parece ser um mal, ainda não é evidente que ela seja um mal, pois não é conhecida sua utilidade para a própria pessoa, para o outro, para o todo.* Observação prudente, concordo; mas supõe que a natureza do mal não é prejudicial, pois admite que aquilo que parece um mal para cada pessoa individualmente pode ser útil ao todo. Para evitar, porém, que uma falsa interpretação de meu pensamento sirva de pretexto à obstinação no mal, à ideia de que a malícia traz ou pode trazer proveito ao universo, bastará que eu diga: embora Deus, deixando intacta a liberdade da pessoa, utilize a malícia dos maus para a ordem do universo, subordinando-os à utilidade do universo, tal indivíduo não é menos digno de censura e como tal ele recebe uma função detestável para o indivíduo, mas útil ao universo. O mesmo poderíamos dizer no caso das cidades: o culpado por determinados crimes, condenado por estes crimes a trabalhos de utilidade pública, presta serviço à cidade inteira, embora se encontre empenhado numa ação detestável em que cada homem de bom senso não desejaria se encontrar.

Em vista disto, Paulo, Apóstolo de Jesus, nos ensina que até os mais celerados contribuirão para o bem do todo, empenhados em situações detestáveis, mas que os mais virtuosos também prestam o máximo de serviço ao todo, o que lhes merecerá serem colocados no lugar mais belo: "Numa grande casa, não há somente vasos de ouro e de prata; há também de madeira e de barro; alguns para uso nobre, outros para uso vulgar. Aquele, pois, que se purificar destes erros será um vaso nobre, santificado, útil ao seu possuidor, preparado para toda boa obra" (2Tm 2,20-21). É o que julguei necessário opor à afirmação: Mesmo quando uma coisa parece ser um mal, ainda não é evidente que ela seja um mal, pois não é conhecida sua utilidade para a própria pessoa nem para outra qualquer. E ninguém deve aproveitar a ocasião do que foi dito a este respeito para cometer o pecado, alegando prestar assim serviço ao todo.

Expressões antropomórficas

71. Depois disto, por falta de compreensão do texto bíblico, Celso ridiculariza as passagens da Bíblia que atribuem a Deus sentimentos humanos, palavras de *ira* contra os

ímpios, e *ameaças* contra os pecadores. Devemos responder: no trato com as crianças, ninguém deve expor as verdades recorrendo à eloquência, mas adaptando-se à fraqueza dos pequenos, dizendo e fazendo o que se julga útil à conversão e à correção destas crianças, consideradas como tais. O próprio Logos de Deus parece nos ter concedido as Escrituras pondo na exata proporção as palavras que convêm à capacidade dos ouvintes e ao benefício que delas obterão. Exatamente esta maneira, em geral, de anunciar as realidades divinas é que é expressa no Deuteronômio: "O Senhor teu Deus se adaptou a ti como um pai se adapta a seu filho" (cf. Dt 1,31). O Logos fala desta maneira adotando as maneiras humanas pelo bem dos homens. Pois não era necessário ao povo simples que Deus posto em cena exprimisse do modo que lhe convém como suas as palavras destinadas ao povo. Mas aquele que leva a sério a elucidação das divinas Escrituras, comparando as coisas espirituais às espirituais, descobrirá a partir delas a significação do que é dito aos mais fracos e do que é exposto aos mais inteligentes, ambas as coisas muitas vezes expressas na mesma frase para quem sabe compreendê-la.

72. Quando, pois, se fala da ira de Deus, trata-se não de uma paixão que ele sente, mas de um procedimento que ele adota para corrigir por um método de educação mais severo os que cometeram pecados numerosos e graves. Falar da ira de Deus e de seu furor é procedimento pedagógico; e este é o pensamento do Logos, claramente expresso no Salmo 6: "Senhor, não me castigues com tua ira, não me corrijas com teu furor!" (Sl 6,2), e em Jeremias: "Corrige-me, Senhor, mas em justa medida, não em tua ira, para que não me torne pequeno demais" (Jr 10,24). Mas ao ler no segundo livro dos Reis, que foi a ira de Deus que persuadiu Davi a recensear o povo, e no primeiro dos Paralipômenos que foi "o diabo", e ao comparar as expressões de um e de outro, veremos o que designa "a ira": é a esta ira de que todos os homens são filhos, na expressão de Paulo: "E éramos por natureza, como os demais, filhos da ira" (Ef 2,3).

Na seguinte passagem, Paulo mostra que a ira não é paixão de Deus, e que cada pessoa a atrai sobre si pelos pecados que comete: "Ou desprezas a riqueza da sua bondade, paciência e longanimidade, desconhecendo que a benignidade de Deus te convida à conversão? Ora, com tua obstinação e com teu coração impenitente estás acumulando ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus, que retribuirá a cada um segundo suas obras" (Rm 2,4-5). Como pode então alguém acumular contra si mesmo ira para o dia da ira, se a ira é considerada como uma paixão? E como a paixão da ira pode ser um meio de educação? Além disso, o Logos nos ensina que não devemos nos irar, e declara no Salmo 36: "Deixa a ira, abandona o furor" (Sl 36,8), e em Paulo diz: "Mas agora abandonai tudo isto: ira, exaltação, maldade, blasfêmia, conversa indecente" (Cl 3,8). Não poderia, pois, ter atribuído ao próprio Deus a paixão de que nos pede total abandono. É muito claro que as expressões sobre a ira de Deus devem ser tomadas em sentido figurado, a julgar pelo que está escrito sobre seu sono: como se quisesse acordá-lo, o profeta diz: "Desperta! Por que dormes, Senhor?" E acrescenta: "O Senhor acordou como um homem que dormia, como um valente embriagado pelo vinho" (Sl 43,24; 77,65). Se então a palavra "sono" tem outra significação que não a usual, por que não entender também a ira da mesma maneira?

Além disso, as ameaças são advertências sobre a sorte reservada aos maus. Também poderíamos chamar ameaças as palavras do médico a seus pacientes: "Eu te aplicarei o ferro e o fogo se não obedeceres às minhas prescrições e não seguires este regime e esta regra de conduta." Por isso, não é *atribuir a Deus paixões humanas,* nem *defender sobre ele opiniões ímpias,* nem *incidir em erro o fato de apresentar as explicações* que lhe são concernentes, a partir das próprias Escrituras comparadas entre si. Os pregadores prudentes da doutrina não têm outra missão senão desviar tanto quanto possível os ouvintes da tolice e torná-los pessoas refletidas.

73. Por não ter entendido os textos relativos à ira de Deus, afirma: *Não é realmente ridículo que um homem, em sua ira contra os judeus, extermine todos os seus jovens, queime suas cidades e os aniquile: e que o Deus Altíssimo, ao ouvi-los, se zangue, se irrite, ameace e envie seu Filho, e que este sofra a tal ponto?* Mas de fato, o massacre de toda a juventude dos judeus, o incêndio de suas cidades, depois do tratamento que eles ousaram infligir a Jesus, todos estes sofrimentos são apenas o tesouro de ira que eles tinham acumulado para si, isto é: o juízo de Deus pronunciado contra eles por disposição divina, que o costume tradicional dos hebreus designa com o nome de ira. Mas o Filho de Deus Altíssimo sofreu, porque quis, pela salvação dos homens, assim como ficou declarado acima da melhor forma possível.

Ele continua: *Entretanto, para que a discussão não se restrinja apenas aos judeus, pois não é esta minha intenção, mas se estenda à natureza toda, como prometi, vou explicar mais claramente o que acabo de dizer.* A estas palavras, que leitor modesto e consciente da fraqueza humana não ficaria chocado pelo presunçoso que promete explicar o conjunto da natureza, com a mesma jactância que aparece no título que teve a coragem de dar a seu livro? Vejamos então esta discussão e este esclarecimento prometidos sobre toda a natureza.

Deus fez tudo principalmente para o homem

74. Prosseguindo, ele nos acusa longamente de afirmar que *Deus fez tudo para o homem* e, descrevendo os animais e a sagacidade que eles manifestam, pretende mostrar que *não foi mais para os homens do que para os animais sem razão que tudo veio à existência.* Neste ponto, me parece que ele se exprime como aqueles que, por ódio a seus inimigos, critica-os por aquilo que eles aprovam entre seus melhores amigos. O ódio então cega os homens e os impede de ver que acusam igualmente seus amigos nos ataques que julgam dirigir contra seus inimigos: da mesma maneira Celso, na confusão de seu espírito, não viu que ele acusava igualmente os filósofos do Pórtico. Pois estes, com toda razão, colocam o homem e, em geral, a natureza racional acima de todos os seres sem razão, dizendo que a Providência fez todas as coisas principalmente pelo bem da natureza racional. Os seres racionais, que são as criaturas principais, exercem o papel das crianças que vêm à luz do mundo, os seres sem razão e inanimados, o da placenta criada com o embrião. Além disso, a meu ver, como nas cidades, os inspetores das mercadorias e dos mercados só exercem vigilância pelos homens, mas os cães e os outros animais sem

razão aproveitam das sobras de alimento, enquanto a Providência cuida sobretudo dos seres racionais, mas em consequência, os seres sem razão aproveitam daquilo que é feito para os homens. Portanto, como seria errado dizer que os inspetores dos mercados não cuidam mais das necessidades dos homens do que da dos cães, pois os cães aproveitam das sobras de mercadorias, assim, com tanto maior razão, para Celso e para os que pensam como ele, é uma impiedade para com Deus que cuida dos seres racionais, declarar: por que estas coisas seriam produzidas mais para a alimentação dos homens do que para a das plantas, das árvores, das ervas, dos espinheiros?

75. Em primeiro lugar, ele sustenta que *trovões, raios e chuvas não podem ser obras de Deus*, deixando ver melhor que é epicureu. Mas afirma em segundo lugar: *Na hipótese de serem obras de Deus, elas não são produzidas para alimento de nós, homens, mas para o das plantas, árvores, ervas e espinheiros;* como verdadeiro epicureu, ele concorda assim que elas acontecem por acaso e não pelos desígnios da Providência. Se, por um lado, estas coisas não são feitas em nosso benefício, mas para o das plantas, árvores, ervas e espinheiros, é claro que, por outro lado, elas não provêm da Providência, ou que vêm de uma Providência que não cuida de nós como cuida das árvores, da erva e do espinheiro. Tanto uma como outra suposição é de impiedade flagrante, e seria insensato refutar estas afirmações para responder a um homem que nos acusa de impiedade: sua observação revela a todos quem é o ímpio.

E prossegue: *Dirá alguém que isto cresce para os homens* — evidentemente as plantas, as árvores, as ervas, os espinheiros? — *Por que julgar que isto cresça mais para os homens do que para os animais selvagens sem razão?* Celso que nos diga claramente: a grande diversidade de tudo que cresce sobre o solo não é obra da Providência, mas um choque fortuito de átomos produziu estas qualidades tão diversas; deste choque fortuito resulta que tantas espécies de plantas, árvores e ervas sejam semelhantes entre si; nenhuma razão ordenadora as pôs na existência, e elas não têm sua origem de um espírito infinitamente admirável. Mas nós, cristãos, consagrados unicamente ao Deus que criou todas as coisas, também por elas damos graças ao Criador por ter ordenado por nós, e por causa de nós, pelos animais a nosso serviço, uma pátria tão grande: "Fazes brotar relva para o rebanho e plantas úteis ao homem, para que da terra ele tire o pão e o vinho, que alegra o coração do homem" (Sl 103,14-15). Será de espantar que ele tenha preparado também alimentos para os mais selvagens dos animais? Pois até estes animais, segundo outros filósofos, foram criados para exercerem as forças do animal racional. E um de nossos sábios diz alhures: "Não é preciso dizer: 'O que é isto? Por que aquilo?' Porque tudo foi criado para uma destinação. Não é preciso dizer: 'O que é isto? Por que aquilo?' Porque tudo deve ser estudado a seu tempo" (Eclo 39,21.17).

76. A seguir, Celso nega que os produtos do solo sejam destinados pela Providência mais para nós do que para os mais selvagens dos animais, e diz: *Nós outros, à custa de fadigas e sofrimentos contínuos, garantimos com grande sacrifício nosso alimento; para eles tudo cresce sem sementeira nem lavoura.* Não vê que Deus, querendo que a

inteligência humana se exerça sob todos os aspectos para não ficar ociosa e ignorante das artes, criou o homem indigente: assim sua própria necessidade o obriga a inventar artes, umas para se alimentar, outras para se proteger. Para os que não estudam os mistérios divinos nem a filosofia, seria melhor ficar na necessidade para empregar sua inteligência na invenção das artes, pois a abundância faz esquecer inteiramente a inteligência. A necessidade do que é necessário à vida, portanto, produz a cultura dos campos, da vinha, as hortas, a técnica da madeira e a do ferro, que fabricam instrumentos para as artes que servem à aquisição do alimento. A necessidade de se proteger introduziu a tecelagem depois da cardação e da fiação, a arte de construir, e desta forma a inteligência se elevou até à arquitetura. A necessidade do que é necessário fez transportar, pela navegação e a pilotagem, os produtos de certas regiões para as que não as possuíam. Razões a mais para admirarmos a Providência que, para benefício do ser racional, criou-o desguarnecido em comparação com os animais sem razão. Os animais sem razão, por não terem aptidão para as artes, têm seu alimento já preparado; e têm uma proteção natural, pois são providos de pêlos, penas, escamas e conchas. Basta isto para respondermos às palavras de Celso: nós, à custa de fadigas e sofrimentos contínuos, garantimos com grande sacrifício nosso alimento; para eles tudo cresce sem sementeira nem lavoura.

77. Depois disso, esquecendo sua intenção de acusar os judeus e cristãos, ele objeta a si mesmo um jambo de Eurípides, contrário a seu pensamento, e investe contra a afirmação que ele acusa de mal fundada. Eis a passagem de Celso: *Citam este verso de Eurípides: "O sol e a noite estão a serviço dos mortais?" Mas então, por que a nosso serviço e não a serviço das formigas e das moscas? A noite também permite a elas repousarem, e o dia verem e trabalharem.* Está muito claro que certos judeus e cristãos não são os únicos a terem dito que o sol e os outros corpos celestes estão a nosso serviço. Quem foi ouvinte das lições de Anaxágoras sobre a natureza, considerado o filósofo do palco, diz a mesma coisa: é a serviço de todos os seres racionais, designados por sinédoque como um só ser racional, o homem, que as coisas que têm seu lugar no universo são designadas igualmente por sinédoque como "o sol e a noite". Talvez por isso, o poeta trágico, falando do sol que faz o dia, para designar a luz do dia, quis ensinar que os seres que precisam especialmente do dia e da noite são seres sublunares, e os outros não estão na mesma situação que os da terra. Portanto, o dia e a noite estão a serviço dos mortais, porque são feitos para os seres racionais. O fato de as formigas e as moscas, de dia trabalhando e de noite repousando, aproveitarem daquilo que foi criado para os homens não autoriza a dizer que o dia e a noite foram criados também para as formigas e as moscas, ou para algum outro ser. Mas devemos crer que nos desígnios da Providência eles foram criados para os homens.

Homens e animais

78. Mais adiante, ele objeta a si mesmo a razão dada da superioridade dos homens, a saber, que para eles foram criados os animais sem razão: *À afirmação que somos os reis*

dos seres sem razão porque capturamos os animais sem razão na caça e deles fazemos nossas refeições, responderemos: por que não é o contrário, nós é que somos feitos para eles, pois eles nos caçam e nos devoram? Além disto, nós precisamos de redes, de armas, do auxílio de muitos homens e cães contra os animais que caçamos. A natureza deu a eles armas que estão imediatamente à sua disposição para nos submeter sem dificuldade a seu domínio. Também aí vemos como na inteligência nos foi dado um grande auxílio, superior a todas as armas de que os animais ferozes parecem munidos. De qualquer forma, embora mais frágeis corporalmente do que muitos animais, e bem menores do que alguns, dominamos pela inteligência as feras e prendemos em caça os enormes elefantes. Os que a natureza fez domesticáveis, nós os domesticamos com brandura. Contra aqueles que naturalmente não podem ser, ou que, uma vez domesticados, não pareceriam dever ser de alguma utilidade, cuidamos tão bem de nossa segurança que, quando queremos, mantemos presas estas enormes feras, e quando precisamos nos alimentar de seus corpos, nós as matamos tão facilmente quanto aos animais domésticos. O Criador, portanto, colocou-as todas a serviço do animal racional e de sua inteligência natural. Para certos fins utilizamos, por exemplo, os cães para guardar os rebanhos de ovelhas, de vacas, de cabras ou as casas; para outros os bois, para lavrar a terra; para outros as bestas de carga, para transportar fardos. E dizem que as raças de leão, de urso, de pantera, de javali e de animais deste gênero nos foram dadas igualmente para desenvolvermos o germe de coragem que possuímos.

79. Depois, ele se dirige à raça dos homens conscientes de sua superioridade sobre os animais sem razão: *À vossa pretensão que Deus nos deu o poder de prender as feras e utilizá-las à nossa vontade, responderemos que provavelmente, antes de existirem cidades, artes, os laços sociais de hoje, armas e redes, eram os homens que arrebatavam as feras e as devoravam, e não eram as feras que capturavam os homens.* Ainda que os homens capturem as feras e as feras arrebatem os homens, vê bem a diferença entre o triunfo da inteligência sobre a força da selvageria e da crueldade e a guarda contra a ferocidade das feras sem a utilização da inteligência. E quando ele diz: "Antes de existirem cidades, artes, os laços sociais de hoje", parece esquecer o que afirma mais acima: *O mundo é incriado e incorruptível, e só as coisas terrestres estão sujeitas aos dilúvios e aos incêndios, e não caem todas ao mesmo tempo nestas calamidades.* Assim sendo, como não podemos, na suposição de o mundo ser incriado, falar de seu começo, tampouco podemos encontrar tempo em que não tenham existido cidades nem artes. Mas, suponhamos que ele concorde conosco neste ponto, embora não esteja mais de acordo consigo mesmo nem com o que diz acima. Em que isto contribui para provar que na sua origem os homens eram arrebatados e devorados pelas feras, mas as feras ainda não eram capturadas pelos homens? Pois se o mundo existe graças à Providência, e se Deus cuida do todo, seria necessário que as pequenas centelhas daquilo que é o gênero humano, tenham sido, no começo de sua existência, colocadas sob a guarda de seres superiores, de modo que houvesse desde a origem um laço social entre a natureza divina e os homens. É o que o poeta Askra compreendeu quando disse:

"Pois havia naquele tempo banquetes comuns e assembleias comuns entre deuses imortais e homens mortais."

80. Além disso, a palavra de Deus, relatada por Moisés, apresentou os primeiros homens escutando a voz divina e seus oráculos e às vezes tendo visões de anjos de Deus que vinham visitá-los. Era de fato conveniente que no começo do mundo a natureza humana fosse mais auxiliada até o momento em que pelos progressos dos homens no caminho da inteligência e das outras virtudes, na invenção das artes, estes pudessem viver por si mesmos, sem precisarem da ajuda e do governo contínuos, miraculosamente manifestados, dos servos do poder divino. Consequentemente, não é verdade que na origem, eram os homens que arrebatavam e devoravam as feras, e de modo algum as feras que capturavam os homens.

Assim sendo, fica bem claro que também estão erradas estas palavras de Celso: *Portanto, deste ponto de vista, Deus preferiu submeter os homens às feras.* Pois Deus não submeteu os homens às feras. Ao contrário, permitiu que as feras fossem apreendidas graças à inteligência dos homens e às artes inventadas contra elas pela inteligência. Pois não é sem alguma ajuda divina que os homens inventaram os meios de garantir sua proteção contra as feras e as dominar.

A vida em sociedade

81. Mas esse homem ilustre não vê quantos filósofos admitem a Providência e dizem que ela tudo faz pelos seres racionais. Ele procura com todas as suas forças derrubar doutrinas tão úteis para harmonizar o cristianismo com a filosofia. Não vê o prejuízo e empecilho para a piedade que resultam do fato de admitir que, diante de Deus, o homem em nada leva vantagem sobre as formigas e as abelhas. E declara: *Se os homens parecem se avantajar sobre os seres sem razão porque construíram cidades, possuem um regime político com autoridades e governos, isto nada prova: as formigas e as abelhas fazem a mesma coisa. As abelhas, pelo menos, têm uma rainha com seu séquito e suas servas; elas combatem, alcançam vitórias, massacram as vencidas; possuem cidades e mesmo subúrbios, distribuem nelas os serviços, e nelas julgam as preguiçosas: em todo caso, expulsam e punem os zangãos.* Também neste particular ele não viu a superioridade das ações realizadas por razão e reflexão sobre as que provêm de uma natureza sem razão e de sua simples constituição natural. Estas ações não podem ser explicadas por uma razão presente naqueles que as praticam: eles não a possuem. Mas o ser supremo, Filho de Deus, rei de tudo o que existe, criou uma natureza sem razão que, mesmo sem raciocinar, assiste os seres que não mereceram ter a razão.

Entre os homens, cidades foram construídas com artes múltiplas e uma legislação. Mas regimes, autoridades, governos, entre os homens, são empregados ou em sentido estrito de maneiras de ser e agir virtuosas, ou num sentido mais lato, em razão da imitação tão fiel quanto possível das primeiras. Fixando os olhos sobre as primeiras, os que legislaram com sucesso estabeleceram os melhores regimes, autoridades e governos. É impossível encontrar sequer um entre os seres sem razão, ainda que Celso aplique às

formigas e às abelhas os vocábulos racionais e usados para as organizações racionais, como cidade, regime, autoridades, governos. Quanto a isso, não precisamos elogiar as formigas nem as abelhas, pois elas não fazem isto com reflexão; mas devemos admirar a natureza divina que estende até aos animais sem razão uma espécie de imitação dos seres racionais, talvez para sua confusão: a fim de que à vista das formigas eles se tornem mais operosos e mais econômicos das coisas que lhes são úteis, e que, considerando as abelhas, obedeçam às autoridades e assumam sua parte respectiva nos trabalhos comuns úteis ao bem-estar das cidades.

82. Até mesmo estas espécies de guerras das abelhas talvez sejam um ensinamento para que as guerras entre os homens, se algum dia fosse necessário, sejam justas e ordenadas. Não há cidades nem subúrbios entre as abelhas; mas elas têm suas colmeias, seus alvéolos hexagonais, dedicam-se a seus trabalhos respectivos, porque os homens precisam de mel para muitas coisas, como remédio dos corpos doentes ou alimento sadio. E não é preciso comparar os procedimentos das abelhas contra os zangãos aos julgamentos feitos nas cidades contra os preguiçosos e maus, nem aos castigos que lhes são aplicados. Mas, como disse, em tudo isto devemos admirar a natureza; e é preciso admitir que o homem, capaz de abarcar o universo e nele estabelecer a ordem, como cooperador da Providência, realiza os trabalhos não só da Providência de Deus, mas também de sua previdência humana.

A ajuda mútua

83. Depois de ter falado das abelhas para diminuir o mais possível, não só a nós, cristãos, mas também aos outros homens, as cidades, os regimes, as autoridades, os governos, as guerras pela defesa da pátria, Celso acrescenta palavras de elogio às formigas. A finalidade deste elogio é depreciar *os cuidados que os homens têm com sua alimentação* e, por comparação com as formigas, depreciar sua *previdência diante do inverno*, que nada tem de superior à *previdência* irracional que as formigas têm, a seu ver. Mas que homem, ainda o mais simples e incapaz de penetrar a natureza de todas as coisas, Celso não haveria de dissuadir, o quanto possível, de ajudar aqueles que estão carregados de fardos e compartir seus sofrimentos, dizendo: *As formigas carregam os fardos umas das outras quando veem alguma delas fatigada?* De fato, quem não tem formação de raciocínio e de nada entende poderá dizer: como não somos superiores às formigas em nada, mesmo quando ajudamos os que estão cansados de carregar os fardos por demais pesados, por que tornar inútil este sofrimento? As formigas, animais sem razão, não podem ser expostas ao orgulho pela comparação de seus trabalhos com os dos homens. Mas os homens aos quais a razão torna capazes de compreender a maneira como ele deprecia sua sociabilidade, correm o risco máximo de sofrer o prejuízo que as palavras de Celso podem causar-lhes. Em seu afã de afastar do cristianismo os leitores de seu tratado, não reparou que também impede os não cristãos de ajudar os que carregam os mais pesados fardos. Se fosse um filósofo sensível ao bem comum, teria evitado destruir ao mesmo tempo o cristianismo e as crenças úteis que são comuns aos homens,

e na medida do possível defender as belas doutrinas comuns ao cristianismo e ao resto dos homens.

Ainda que *as formigas carreguem os brotos e os armazenem para que não germinem mas subsistam durante o ano para sua alimentação*, não devemos supor que a causa seja um raciocínio da parte das formigas, mas a natureza, mãe de todas as criaturas: ela dispôs tão bem mesmo os que estão privados de razão que não deixou o menor de todos inteiramente desprovido de um vestígio desta razão que vem da natureza. A não ser que assim Celso talvez queira dizer com palavras veladas — pois em muitos pontos ele gosta de platonizar — que todas as almas são da mesma espécie e que a do homem em nada é superior à das formigas e abelhas. É a lógica do sistema que faz a alma descer da abóbada do céu, não só num corpo humano, mas também nos outros corpos. Os cristãos não admitirão tal lógica, pois já aprenderam que a alma humana foi criada à imagem de Deus e veem claramente a impossibilidade de a sua natureza modelada à imagem de Deus perder absolutamente todas as suas características e recuperar outras, nos seres sem razão, à imagem de não sei quê.

84. Diz ainda: *Para as formigas que morrem as vivas escolhem um lugar especial, que seja para elas um túmulo de família.* Devemos responder: quanto mais ele exalta os animais sem razão, tanto mais ele exalta, queira ou não, a obra do Logos ordenador de todas as coisas, e ressalta a habilidade dos homens, capaz de ordenar pela razão até os dons superiores da natureza dos seres sem razão. Mas, por que dizer: dos seres sem razão? Celso não considera como sem razão os seres que, segundo as noções comuns, a todos são considerados sem razão. Pelo menos as formigas ele não as considera sem razão, ele que se gaba de falar da natureza universal e pretende, pelo título de seu livro, dizer a verdade! Eis com que termos ele fala das formigas, como se elas conversassem entre si: *E naturalmente, quando elas se encontram, também conversam entre si, e é por isso que não erram o caminho; existem, portanto, entre elas plenitude de razão, noções comuns de certas realidades universais, som significante, acontecimentos, sentidos figurados.* De fato, a conversa entre um homem e um outro se dá numa linguagem que exprime o que queremos significar, e muitas vezes também se conta o que se designa como acontecimentos, mas querer aplicar isto às formigas não seria o cúmulo do ridículo?

85. E destacando para a posteridade o inconveniente de seu sistema, não tem vergonha de afirmar: *Assim sendo, olhando do alto do céu para a terra, que diferença poderiam oferecer nossas atividades e as das formigas e das abelhas?* Em sua hipótese, olhar do alto do céu sobre a terra para as atividades dos homens e as obras das formigas será fixar o olhar sobre os corpos dos homens e das formigas sem considerar o princípio hegemônico racional e aplicado pelo raciocínio, e por outro lado o princípio hegemônico desprovido de razão, movido irracionalmente por tendência e representação, graças a uma espécie de disposição natural? Mas seria absurdo, olhando do alto do céu as coisas da terra, querer fixar os olhos a tão grande distância sobre os corpos dos homens e das formigas sem preferir olhar as naturezas dos princípios diretores, e a origem racional ou

irracional das tendências. É claro que olhar apenas a origem de todas as tendências é ver também a diferença e a superioridade do homem não só sobre as formigas, mas também sobre os elefantes. Pois, dirigindo do alto do céu seu olhar para os seres sem razão, por maior que seja seu corpo, não veremos nele outro princípio, se assim posso dizer, senão a ausência de razão. Nos seres racionais, ao contrário, veremos o logos, comum aos homens, aos seres divinos e celestes, e talvez ao próprio Deus supremo. Daí a expressão da Escritura, de uma criação "à imagem" de Deus, pois a imagem do Deus supremo é seu Logos.

Os poderes mágicos

86. Prosseguindo, obstinado em rebaixar mais ainda a raça dos homens, equiparando-os aos seres sem razão, e sem querer omitir nada das características que manifestam a superioridade que existe nos seres sem razão, declara que mesmo os poderes da magia existem igualmente em alguns dos seres sem razão, de modo que, até nesta matéria, os homens não podem se gloriar especialmente, nem pretender manter a superioridade sobre os seres sem razão. Estas são suas palavras: *Mas se os homens encontram vaidade nos poderes da magia, mesmo nesta matéria, serpentes e águias revelam maior ciência: elas conhecem pelo menos muitos remédios contra os venenos e as doenças, bem como as virtudes de certas pedras que utilizam para salvar seus filhotes; os homens, quando as encontram, julgam-se na posse de um tesouro maravilhoso.* Em primeiro lugar, não sei por que ele dá o nome de magia ao conhecimento de contravenenos naturais de que os animais ora têm experiência, ora uma percepção natural; pois a palavra "magia" em geral tem outra acepção. Mas, como epicureu, talvez ele queira atacar qualquer emprego destas práticas que tenham por base a pretensão dos feiticeiros. Apesar disto, concedendo-lhe que os homens, feiticeiros ou não, encontram vaidade no conhecimento destes segredos, será uma razão dizer que as serpentes têm mais ciência do que os homens nesta matéria, pelo fato de empregarem o funcho para avivar a vista e mover-se mais rapidamente, quando para elas é dom natural que vem não do raciocínio, mas de sua constituição. Os homens não chegam a tanto apenas pela natureza, à maneira das serpentes, mas ora pela experiência, ora pela razão e às vezes pelo exercício do raciocínio científico. Da mesma forma, se as águias, para salvarem seus filhotes em seu ninho, levam para ele a pedra de águia que elas encontram, por que concluir que as águias têm uma ciência, e mesmo uma ciência superior à dos homens que, por experiência, descobriram graças ao seu raciocínio e empregaram com inteligência este socorro naturalmente dado às águias?

87. Mas digamos que outros contravenenos sejam conhecidos dos animais. Que prova haverá de que não é a natureza mas a razão que os faz descobrir? Pois se fosse a razão a descobri-los, ela não descobriria exclusivamente este remédio único entre as serpentes, digamos mesmo um segundo e um terceiro, e outro com a águia, e assim por diante entre os outros animais, mas tantos remédios quantos entre os homens. Mas de fato, como cada animal é por natureza inclinado ao emprego exclusivo de certos remédios, é claro

que entre eles não há uma sabedoria ou razão, mas uma constituição natural, criada pelo Logos, que os leva a procurar estes remédios para o bem de sua espécie.

Sem dúvida, se eu quisesse continuar a discussão com Celso, poderia citar esta passagem de Salomão, tirada dos Provérbios: "No mundo há quatro coisas pequenas, mais sábias do que os sábios: as formigas, povo fraco, que no verão assegura o alimento; os arganazes, povo sem força, mas que moram nas rochas; os gafanhotos, que não têm rei e marcham todos em ordem; as lagartixas, que se deixam apanhar pela mão, mas entram nos palácios do rei" (Pr 30,24-28). Mas eu não me interesso pelo sentido óbvio das expressões, mas, de acordo com o título — pois o título do livro é Provérbios — eu os esquadrinho como enigmas. É costume destes autores dividir ora o que tem um sentido óbvio, ora o que tem uma passagem secreta, em diversas classes das quais uma é os provérbios. Eis por que em nossos evangelhos está escrito que nosso Salvador disse: "Disse-vos estas coisas em pro-vérbios. Chega a hora em que já não vos falarei em provérbios" (Jo 16,25). Não são, pois, as formigas sensíveis que têm uma ciência superior até mesmo à dos sábios, mas aquelas que são designadas sob a forma dos provérbios. Devemos dizer o mesmo do resto dos animais. Mas Celso julga os livros dos judeus e dos cristãos muito simplistas e vulgares, e acredita que uma interpretação alegórica forçaria o sentido que os autores nele colocaram. Seja isto, portanto, uma prova de que ele de fato nos caluniou, e uma refutação de seu argumento sobre as águias e as serpentes, que ele declara mais sábias do que os homens.

O poder divino de predizer

88. Mas ele quer ainda mostrar mais demoradamente que mesmo as noções da divindade no gênero humano não são superiores às de todos os seres mortais, e muito mais, que certos animais sem razão têm manifestamente noções sobre Deus, ao passo que existem tão graves desacordos sobre Deus entre os mais penetrantes dos homens de todos os países, gregos ou bárbaros, e diz: *Se pensamos que o homem, por ter noções divinas, é superior ao resto dos animais, que os defensores desta tese saibam: até este título, muitos outros animais poderiam reivindicá-lo. E não sem boas razões. De fato, que se pode declarar mais divino do que a previsão e a predição do futuro? Pois bem! É o que os homens aprendem dos outros animais e especialmente das aves: e todos os que entendem os sinais que eles dão são adivinhos. Portanto, se as aves e todos os outros animais adivinhadores preveem por dom de Deus o futuro e nos ensinam por meio de sinais, eles parecem estar por natureza mais próximos da união com Deus, mais sábios e mais queridos de Deus. Homens inteligentes dizem mesmo que entre as aves existem conversas, evidentemente mais santas do que as nossas; eles mesmos compreendem um pouco as suas palavras; a prova que eles dão na prática desta compreensão é que, quando avisam que as aves lhes anunciaram que iriam a certo lugar para aí fazer alguma coisa ou outra, elas mostram que para lá vão realmente e fazem o que de fato haviam predito. Além disso, ninguém parece mais fiel ao juramento, mais dócil à divindade do que os elefantes, sem dúvida alguma porque têm algum conhecimento de*

Deus. Aí está como ele resolve e dá como provados muitos pontos em questão entre os filósofos gregos e bárbaros, que descobriram ou aprenderam de certos demônios os segredos das aves e dos outros animais pelos quais, como dizem, certos poderes de adivinhação foram comunicados aos homens. De fato, o primeiro ponto é saber se há ou não uma arte de conhecer por vaticínios e, em geral, por adivinhação através dos animais. O segundo, que divide os partidários da adivinhação por meio das aves, é a razão da feição que assume esta adivinhação: uns dizem que certos demônios ou deuses adivinhadores dão aos animais seus impulsos, às aves seus diferentes voos e suas diferentes vozes, aos outros animais esta ou aquela espécie de movimentos; outros pensam que suas almas são mais divinas e próprias a este uso, o que é muito improvável.

89. Como ele queria, nesta passagem, provar que os animais sem razão são mais divinos e mais sábios que os homens, Celso devia estabelecer de maneira mais desenvolvida a existência desta arte divinatória, apresentar em seguida uma justificação mais clara dela: refutar apoditicamente as razões dos negadores da arte divinatória, destruir apoditicamente igualmente as razões dos que atribuem aos demônios ou aos deuses os movimentos fatídicos dos animais, aduzir enfim as provas que a alma dos animais sem razão é mais divina. Se ele tivesse assim manifestado sua competência filosófica nestas graves questões, eu teria me esforçado em me opor a seus argumentos plausíveis: eu teria refutado a asserção de que os animais sem razão são mais sábios do que os homens, teria desmascarado a mentira que existe em lhes atribuir noções da divindade mais santas que as nossas e conversas mútuas e santas. Mas de fato, ele incrimina nossa fé no Deus supremo e nos quer fazer acreditar que as almas das aves têm noções mais divinas e mais claras que as dos homens. Se isto é verdade, as aves têm de Deus noções bem mais claras do que as noções de Celso; e não admira que Celso rebaixe o homem a este ponto. E além disso, seguindo seu pensamento, as aves teriam noções mais nobres e mais divinas, não digo do que nós, cristãos, ou do que os judeus que se servem das mesmas Escrituras que nós, porém, até mais do que os teólogos gregos, pois eram homens! Portanto, segundo Celso, a raça das aves que ele julga divinatórias compreendeu melhor a natureza da divindade do que Ferecides, Pitágoras, Sócrates e Platão! E nós deveríamos frequentar sua escola para que, assim como nos ensinam o futuro por meio da adivinhação conforme a concepção de Celso, da mesma forma libertem os homens das dúvidas sobre a divindade, comunicando-lhes a clara noção que dela lhes foi transmitida.

90. Seria, portanto, lógico para Celso, já que ele pensa que as aves são superiores aos homens, que tomasse como mestres as aves, e não um destes filósofos gregos. Mas, entre muitas observações possíveis, devo dizer ainda algumas palavras sobre a questão, para concluir minha demonstração de que sua opinião falsa é uma ingratidão para com seu criador. Pois Celso, como homem que é e, portanto, "constituído em honra, não compreendeu" (cf. Sl 48,21); assim sendo, não contente com se colocar no nível das aves e dos outros animais sem razão que ele julga divinatórios, cedeu-lhes a primazia até mais que os egípcios que adoram como deuses os animais sem razão, sujeitou-se a eles,

e enquanto pôde rebaixou todo o gênero humano, como se ele tivesse um sentido menos nobre e menos elevado da divindade do que os animais sem razão.

Portanto, em primeiro lugar, é preciso verificar se existe, sim ou não, uma arte divinatória por meio das aves e dos outros animais tidos como divinatórios. Pois os argumentos em favor de uma ou de outra hipótese têm o seu valor. De um lado, somos dissuadidos a aceitar a adivinhação, receando que o ser racional se afaste dos oráculos divinos para consultar as aves. No lado oposto, afirma-se, mediante o testemunho evidente de muitas pessoas, que muitos foram salvos de gravíssimos perigos porque tinham acreditado nesta adivinhação pelas aves. Vamos admitir, por um instante, que a ciência divinatória tenha um bom fundamento. Queremos assim demonstrar aos que são partidários desta ciência que, apesar desta concessão, o homem tem uma superioridade indubitável sobre os animais sem razão e até dos que são capazes de adivinhação, e não existe entre os dois mundos qualquer comparação possível. Devemos então dizer que se houvesse nestes animais uma natureza divina, capaz de prever o futuro, tão rica que pudesse mostrar além disso a qualquer pessoa o que lhe há de acontecer, é claro que muito antes eles conheceriam o destino delas. Mas se eles conhecessem o destino delas, evitariam voar para os lugares onde os homens lhes estendem armadilhas e redes, onde os arqueiros os têm na mira dos arcos em seu voo e lhes lançam flechas. E sem dúvida alguma, se as águias previssem o ataque contra seus filhotes por parte quer das serpentes que sobem para eles e os destroem, quer por parte dos homens que se apoderam deles para se divertirem ou usá-los como remédio, elas não iriam fazer seus ninhos onde seriam expostas aos ataques. E, em geral, nunca nenhum destes animais seria apreendido por homens, pois seria mais sábio e mais divino do que os homens.

91. Além disso, suponhamos que as aves tenham entre si combates, e que, como diz Celso, as aves divinatórias e os outros animais sem razão tenham uma natureza divina e noções da divindade, e uma previsão do futuro: elas haveriam de predizer isto aos outros animais. Assim, o pardal de que fala Homero não faria seu ninho onde o dragão há de devorá-lo a ele e a seus filhotes, e a serpente do mesmo poeta teria evitado ser presa pela águia. Eis a passagem do admirável Homero sobre o primeiro:

> "Então se nos apresentou um terrível presságio. Uma serpente de dorso fulgurante, terrível, chamada à luz pelo próprio Deus do Olimpo, expelindo da parte de baixo um altar, arremessou-se contra um plátano. Havia aí uma ninhada de filhotes empoleirados no mais alto galho, abrigados debaixo da folhagem — oito filhotes; nove, contando com a mãe de que tinham nascido. A serpente os devorou a todos, apesar de seus fracos gritos infelizes. Em volta dele a mãe esvoaçava, lamentando-se de sua ninhada. A serpente se enrosca e subitamente a agarra pela asa, enquanto a águia grita a mais não poder. Porém, mal acabara de comer os filhotes e sua mãe com eles, o deus que a tinha feito aparecer deixou um sinal memorável: o filho de Crono o Astuto a tinha de repente transformado em pedra. Ficamos imóveis, a admirar o acontecido, como monstros tão terríveis tinham vindo perturbar a hecatombe dos deuses."

E sobre o segundo:

"Estando ansiosos por atravessá-lo (o fosso), sobrevém-lhes um presságio: uma águia aparece voando no alto deixando o exército à esquerda. Ela carrega em suas garras uma serpente vermelha, enorme, viva, que palpita ainda e não desistiu da luta. À ave que a prende ela golpeia o peito, perto do pescoço, dobrando-se subitamente para trás. A águia então a atira longe sobre o solo: transida de dor, ela deixa a serpente cair no meio do povo, e com um grito alça voo, no sopro do vento. Os troianos estremecem vendo na terra, no meio deles, a serpente que se contorce, presságio de Zeus porta-égide."

Então a águia seria divinatória, ao passo que a serpente, animal utilizado pelos áugures, não seria? Mas, se é fácil provar que a distinção é arbitrária, por que não se pode provar também que nenhuma nem outra eram divinatórias? Pois se a serpente era divinatória, não teria ela evitado sofrer assim dos ataques da águia? Poderíamos encontrar ainda inúmeros exemplos desta espécie que provam que os animais não têm em si mesmos uma alma divinatória; mas, de acordo com o poeta e a maior parte dos homens, "ele foi chamado à luz pelo próprio deus do Olimpo", e é num sentido figurado que Apolo igualmente emprega como mensageiro o gavião, pois, dizem que "o gavião é o rápido mensageiro de Apolo".

92. Segundo o que afirmamos, alguns maus demônios, titãs ou gigantes, se posso assim dizer, que se tornaram ímpios com a divindade verdadeira e os anjos do céu, caíram do céu e vagam pela terra em volta dos corpos espessos e impuros. Por não estarem revestidos de corpos terrestres, eles têm algum discernimento do futuro, e exercem esta atividade para desviar o gênero humano do Deus verdadeiro. Eles se insinuam nos mais rapinantes e mais cruéis animais, e em outros mais astutos, e os levam a praticar, quando querem, as ações que desejam. Ou então dirigem as representações destes animais aos voos e aos movimentos desta ou daquela espécie, para que os homens, seduzidos pelo poder divinatório inerente a estes animais sem razão, deixem de procurar o Deus que contém o universo e de aprofundar a verdadeira piedade, para caírem de novo pelo raciocínio ao nível da terra, das aves e das serpentes, e mesmo das raposas e lobos. De fato, as pessoas peritas neste campo observaram que as previsões mais claras vêm de animais deste gênero, pois os demônios não têm sobre os animais mais dóceis um poder tão grande quanto o que eles exercem para moverem estes animais, em virtude de uma afinidade de malícia que, naqueles animais, não é malícia, mas uma aparência de malícia.

93. Afinal, entre outras coisas que acho admiráveis em Moisés, ressalto como dignos de admiração seu conhecimento das diferentes naturezas dos animais e o fato de que, por terem aprendido de Deus a verdade sobre si mesmos e sobre os demônios aparentados com cada animal, ou por tê-lo encontrado por seus progressos na sabedoria, ele tenha, na sua lista dos animais, declarado impuros todos os que os egípcios e o resto dos homens consideram como aptos à adivinhação, e geralmente puros os que não são desta espécie. São impuros para Moisés o lobo, a raposa, o dragão, a águia, o falcão e seus semelhantes

(cf. Lv 11). E em geral, não só na Lei, mas também nos profetas podemos ver que estes animais são apresentados como exemplo dos vícios mais odiosos, e que jamais o lobo e a raposa nela são mencionados como figuras do bem. Parece então que existe uma afinidade entre cada espécie de demônios e cada espécie de animais. E como, entre os homens, há os que podem ser mais fortes que outros, independentemente de qualquer característica moral, assim há demônios que podem ser mais fortes que outros em matérias diferentes. Alguns utilizam animais determinados para enganar os homens, conforme a intenção daquele que as Escrituras chamam "o príncipe deste mundo" (cf. Jo 12,31; 14,30), e outros predizem por meio de outra espécie. E vê até onde chega a perfídia dos demônios: alguns utilizam doninhas para mostrar o futuro. Mas julga por ti mesmo o que será melhor aceitar: que o Deus supremo e seu Filho incitem as aves e os outros animais à adivinhação, ou que aqueles que incitam estas categorias de animais — e não os homens, embora homens estejam presentes — são demônios, e, como os chamaram nossas santas Letras, "impuros".

94. Se de fato a alma das aves é divina porque predizem o futuro, tanto maior razão teremos de dizer, quando os homens recebem presságios, quão divina é a alma daqueles que ouvem estes presságios! Portanto, conforme estes autores, era divina a alma desta escrava moleira, que em Homero disse a respeito dos pretendentes:

"Naquele dia não terão eles sua derradeira refeição entre nós!" (Od., IV, 685).

Ela era divina, ao passo que o grande Odisseu, o amigo de Atena de Homero, não era adivinho, mas se alegrou quando compreendeu o presságio anunciado pela divina moleira, nas palavras do poeta:

"E o divino Odisseu se encheu de alegria com este presságio" (Od., XX, 120).

Considera, pois, que se as aves têm alma divina e per-cebem Deus, ou, como diz Celso, os deuses, e naturalmente, também nós homens, quando espirramos assim fazemos porque uma divindade está presente em nós e concede às nossa alma um poder divinatório. É o que atestam muitas testemunhas. Por isso estas palavras do poeta:

"Mas ele espirrou fazendo um juramento"; e estas palavras de Penélope:

"Não vês? Meu filho espirrou a todas as tuas palavras" (Od., XVII, 541).

95. A verdadeira Divindade não emprega, para o conhecimento do futuro, nem os animais sem razão, nem homens quaisquer, porém as mais santas e puras almas humanas que ela inspira e faz profetizar. Por isso, entre outras palavras admiráveis contidas na Lei de Moisés, devemos destacar estas: "Não praticareis adivinhações nem encantamentos" (Lv 19,26); e em outra parte: "Eis que as nações que vais conquistar ouvem oráculos e adivinhos. Quanto a ti, isto não te é permitido pelo Senhor teu Deus." E acrescenta imediatamente: "O Senhor teu Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti, dentre os teus irmãos" (Dt 18,14.12.15). E Deus, querendo um dia desviar por um adivinho da prática da adivinhação, fez seu espírito falar pela boca de um adivinho: "Pois não há presságio contra Jacó nem augúrio contra Israel. Mas, a seu tempo será dito a Jacó e a Israel o que Deus quiser" (Nm 23,23). Reconhecendo, pois, o valor de tais mandamentos

e de outros semelhantes, observamos este mandamento que tem um sentido místico: "Guarda teu coração acima de tudo" (Pr 4,23), para que nenhum demônio penetre em nosso espírito e nenhum espírito hostil governe nossa imaginação a seu bel-prazer. Mas oramos para fazer brilhar "o conhecimento da glória de Deus" em nossos corações (2Cor 4,6), que é o Espírito de Deus que reside em nossa imaginação e nos sugere imagens de Deus: pois "todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus" (Rm 8,14).

96. Importa saber que a previsão do futuro não é necessariamente divina: ela é por si mesma coisa indiferente, que sucede aos maus e aos bons. Os médicos, por exemplo, fazem previsões graças à sua habilidade médica, ainda que moralmente maus. Da mesma forma igualmente os pilotos, ainda que perversos, preveem os sintomas e a violência dos ventos, as mudanças das condições atmosféricas, baseando-se na experiência e na observação. E não imagino que haja uma razão de chamá-los divinos se são moralmente maus. É, portanto, mentira a asserção de Celso: que poderíamos declarar mais divino do que a previsão e a predição do futuro? Mentira também é dizer que muitos animais reivindicam noções divinas: nenhum animal sem razão tem qualquer noção de Deus. Mentira enfim afirmar que os animais sem razão estão mais próximos da união com Deus. Na verdade, entre os homens, os que ainda são maus, muito embora estejam na dianteira do progresso, permanecem longe da união com Deus. Portanto, somente os verdadeiros sábios que praticam sinceramente a piedade estão mais próximos da união com Deus. Tais eram nossos profetas, e Moisés de quem a Escritura deu testemunho por sua extrema pureza: "Só Moisés se aproximará do Senhor; os outros não se aproximarão, nem o povo subirá com ele" (Ex 24,2).

97. Mas que impiedade para quem nos acusa de impiedade ousar dizer, não apenas que os animais sem razão são mais sábios do que a natureza humana, mas também que são mais queridos de Deus! E quem não desviaria sua atenção de um homem para quem dragão, raposa, lobo, águia, gavião são mais queridos de Deus do que a natureza humana? Deveríamos concluir de suas palavras que, se de fato estes animais são mais queridos de Deus que os homens, evidentemente estes animais são mais queridos de Deus do que Sócrates, Platão, Pitágoras, Ferecides e os teólogos que ele festejou pouco antes. E de nossa parte caberia exprimir-lhe este desejo: se de fato estes animais são mais queridos de Deus do que os homens, oxalá te tornes querido de Deus na companhia deles e pareças com aqueles que, segundo dizes, são mais queridos de Deus do que os homens! E que ninguém entenda este voto como uma maldição! Quem não desejaria parecer inteiramente com aqueles a respeito dos quais se tem a convicção de que são mais queridos de Deus, e se tornar como eles também querido de Deus?

Para provar que as conversas dos animais sem razão são mais santas do que as nossas, Celso não atribui esta história a qualquer, mas aos inteligentes. Pois são os virtuosos na verdade os inteligentes, nenhum homem mau é inteligente. Eis a maneira como ele se exprime: "Homens inteligentes dizem mesmo que as aves têm conversas entre si, evidentemente mais santas do que as nossas; eles mesmos compreendem alguma

coisa de suas palavras; a prova que eles apresentam na prática desta compreensão é que, ao prevenirem que as aves lhes anunciaram que eles iriam a tal lugar para aí fazer uma coisa ou outra, eles mostram que vão de fato e fazem o que elas já tinham predito." Mas na verdade, nenhum homem inteligente contou tais histórias e nenhum sábio disse que as conversas dos animais sem razão são mais santas do que as dos homens. E se para apreciar as opiniões de Celso examinássemos as consequências delas, é evidente que, segundo ele, as conversas dos animais sem razão seriam mais santas do que as conversas respeitáveis de Ferecides, Pitágoras, Sócrates, Platão e outros filósofos. O que naturalmente não só é inverossímil, mas completamente absurdo. Admitindo crer que alguns tenham aprendido do canto indistinto das aves que as aves declaram antecipadamente que eles iriam a tal lugar fazer uma coisa ou outra, eu diria que também isto os demônios indicam aos homens por meio de sinais: sua intenção é enganar o homem e rebaixar seu espírito do céu e de Deus, fazendo-o descer à terra e mais baixo ainda.

A fidelidade, a piedade filial

98. Não sei como Celso ouviu falar de um juramento dos elefantes e julgou saber que eles são mais dóceis à divindade do que nós e têm um conhecimento de Deus. De minha parte, conheço características numerosas e admiráveis que se contam da natureza deste animal e de sua brandura, mas não me lembro realmente que alguém tenha falado de juramentos de elefantes, a não ser talvez que alguém chame de brandura a sua fidelidade ao juramento e uma espécie de pacto que fazem com os homens quando ficam sob sua dependência; também isso é falso. Por mais raro que seja o fato, entretanto, dizem que os elefantes, uma vez adquirida esta brandura aparente, tornaram-se cruéis com os homens e cometeram crimes, e por causa disto, foram condenados à morte como seres inúteis desde então.

E depois disso, para deixar claro, como acredita, que as *cegonhas têm mais piedade filial do que os homens,* ele cita o que se conta deste animal: *ela dá testemunho de sua gratidão e traz alimento a seus pais*, devemos responder: também isso as cegonhas não fazem por consideração de um dever, nem por raciocínio, mas por instinto natural, pois a natureza, ao formar os animais sem razão, deseja que deixem um exemplo capaz de encher os homens de confusão a respeito da gratidão devida aos pais. Se ele tivesse sabido que imensa diferença existe entre fazer isto por razão e realizá-lo sem razão e por natureza, Celso não teria dito que as cegonhas têm mais piedade filial do que os homens.

E continuando a defender a piedade dos animais sem razão, Celso dá como exemplo: *A ave da Arábia chamada Fênix, que depois de longos anos emigra para o Egito, transporta o corpo de seu pai, encerrado numa bola de mirra como numa urna funerária e o coloca no lugar em que se encontra o templo do sol.* É verdade o que se conta; mas o fato, ainda que exato, pode ser proveniente da natureza. A generosidade da divina Providência aparece igualmente nas diferenças entre os animais, para mostrar aos homens a variedade na constituição dos seres deste mundo, e mesmo entre as aves. E ela

criou um animal único para assim tornar admirado não o animal propriamente, mas Aquele que o criou.

Conclusão

99. De tudo isto, eis a conclusão que Celso apresenta: *Portanto, não foi para o homem que tudo foi criado, tampouco para o leão, para a águia ou o delfim, mas para que este mundo se realize como uma obra de Deus, completa e perfeita em todas as suas partes. Por isso todas as coisas se harmonizam não umas com as outras, a não ser secundariamente, mas com o todo. É do todo que Deus cuida; jamais sua Providência o abandona; ele não se deteriora; Deus não o chama de volta a si depois de um instante, não se irrita por causa dos homens, tampouco por causa dos macacos e ratos; não ameaça estes seres que receberam, cada um, seu destino em seu lugar.* Seja-me permitida uma breve resposta. Creio realmente ter demonstrado, pelo que antecede, como todas as coisas foram feitas em benefício do homem e de todos os seres racionais. Pois é principalmente pelo animal racional que todas as coisas foram criadas. Celso tem a liberdade de dizer que não é nem pelo homem, nem pelo leão, nem pelos outros animais mencionados por ele. Nós diremos: não é nem pelo leão, nem pela águia, nem pelo delfim que o Criador os fez, mas ele criou todas as coisas pelo animal racional, e para que este mundo se realize como uma obra de Deus completa e perfeita em todas as suas partes. Este é um belo pensamento que devemos aprovar. Mas Deus, como acredita Celso, não cuida unicamente do todo, mas além do todo, ele cuida de cada ser racional em particular. Jamais a Providência abandonará o todo. No caso de uma parte do todo se deteriorar por falha do ser racional, Deus providencia a sua purificação e, depois de um instante, faz o todo retornar a si. Além disso, ele não se irrita nem contra os macacos, nem contra os ratos, mas faz os homens passarem por juízo e castigo pelas transgressões das tendências naturais. Dirige-lhes ameaças por meio de seus profetas e pelo Salvador, que veio ao gênero humano em sua totalidade, para que os que se mostram atentos à ameaça se convertam, e os que desprezam os apelos à conversão sofram as penas que merecem; e convém que Deus, em sua vontade de prover ao bem do universo, as inflija aos que precisam receber tal tratamento e correção tão severa.

Mas como este quarto livro já atingiu uma dimensão suficiente, encerro aqui o raciocínio. E que Deus, por seu Filho que é o Deus Logos, Sabedoria, Verdade, Justiça e tudo o que a teologia das santas Escrituras dele afirma, me conceda iniciar ainda o quinto livro para a utilidade dos leitores, e levá-lo a bom termo com o auxílio de seu Logos que habita em nossa alma.

LIVRO QUINTO

1. Inicio agora um quinto livro contra o tratado de Celso, pio Ambrósio: não para me entregar a um palavrório injustificável, pois seria impossível fazer isto sem pecar, mas para empenhar-me ao máximo para não deixar sem exame nenhuma de suas palavras, principalmente onde certas pessoas poderiam pensar que ele fez críticas pertinentes contra nós ou contra os judeus. Se me fosse possível, com este discurso, penetrar na consciência de cada leitor de sua obra e tirar toda seta que fere uma alma não inteiramente protegida pela armadura de Deus, se eu pudesse aplicar um remédio espiritual que curasse a ferida causada por Celso, ferida que impede a quem confia em seus argumentos de ser robusto na fé, seria exatamente isso que eu faria. Mas é obra de Deus habitar invisivelmente por seu Espírito e pelo Espírito de Cristo aqueles que julga dever habitar. Quanto a mim, tentando, por meio de discursos e tratados, reafirmar os homens na fé, devo empenhar todos os meus esforços para merecer o título de operário que não tem de que se envergonhar, que "dispensa com retidão a palavra da verdade" (2Tm 2,15). Um destes esforços me parece ser refutar da melhor forma os argumentos plausíveis de Celso, executando com confiança o mandato que me confiaste. Citarei, portanto, os argumentos de Celso que seguem depois daqueles a que já respondi — cabe ao leitor julgar se eu os destruí — e lançar minhas refutações. Que Deus me conceda não tratar de meu assunto deixando meu espírito e minha razão no nível puramente humano e vazios de inspiração divina, "a fim de que a fé" daqueles que eu desejo ajudar "não se baseie na sabedoria dos homens", mas que eu receba de seu Pai, o único a concedê-la, "o pensamento de Cristo" (1Cor 2,5.16) e a graça de participar do logos de Deus, e assim eu possa destruir "todo poder altivo que se levanta contra o conhecimento de Deus" (2Cor 10,5) e a presunção de Celso que se levanta contra nós e nosso Jesus, e contra Moisés e os profetas. E que aquele que dá "aos mensageiros seu logos com um grande poder" (Sl 67,12) também o dê a mim e me doe este grande poder, e entre os leitores nasça a lei baseada sobre o logos e o poder de Deus!

Descida divina ou descida angélica?

2. Portanto, o que interessa no momento é refutar a seguinte passagem: *Para judeus e cristãos, nenhum Deus, nenhum Filho de Deus desceu nem poderia descer. Pois, se falais de anjos, dizei-nos quem são eles, deuses ou seres de uma outra espécie?* De uma outra espécie, demônios, sem dúvida. Estas repetições de Celso — pois já as repetiu várias vezes acima — não exigem uma longa discussão: as respostas dadas bastarão. Limitar-me-ei, entre muitas outras, a algumas observações que parecem estar na linha das anteriores, embora não tenham precisamente o mesmo sentido. Direi, pois, que em sua tese absoluta que nenhum Deus ou Filho de Deus jamais desceu até os homens, Celso reduz a nada as manifestações de Deus geralmente admitidas e mencionadas por ele mesmo anteriormente. De fato, se na afirmação absoluta, nenhum Deus ou Filho de

Deus desceu nem poderia descer, Celso disse a verdade, de nada valeram evidentemente todas as descidas dos deuses do céu à terra para fazerem predições aos homens ou curá-los pelos oráculos. Nem Apolo Pítio, nem Asclépio, nem qualquer um daqueles aos quais se atribuem atos semelhantes podem ser um deus descido do céu, a não ser talvez que seja um deus cujo destino seja habitar sempre a terra, como banido da convivência dos deuses ou um dos seres incapazes de entrar em comunhão com os deuses que aí se encontram. Ou então Apolo, Asclépio e todos aqueles cuja ação é venerada na terra não podem ser deuses, mas são demônios bem inferiores aos homens sábios que se elevam pela virtude até à abóbada do céu.

3. Observa como, em sua intenção de destruir nossa fé, ele que ao longo de seu tratado se recusa a confessar-se epicureu, nós o surpreendemos passando como trânsfuga para o campo de Epicuro. Para ti, leitor dos argumentos de Celso que admites o que antecede, é chegado o momento ou de negares a presença de Deus que estende sua providência a todos os homens individualmente, ou de admiti-la e provares que a doutrina de Celso é falsa. Negas radicalmente a providência? Então, para afirmar a verdade de tua posição, provarás a falsidade das razões que levam Celso a admitir a existência de deuses e de uma providência. Afirmas, contudo, a providência, recusando aderir à afirmação de Celso: Nem Deus nem Filho de Deus desceu ou não desce até os homens? Então, por que não examinar seriamente, naquilo que eu disse de Jesus e nas profecias que lhe dizem respeito, quem é aquele que devemos acreditar ser Deus ou Filho de Deus que desceu até os homens: Jesus, que levou a bom êxito e realizou tão grandes obras, ou aqueles que, sob pretexto de oráculos e adivinhações, em vez de reformar os costumes daqueles que eles curam, chegam ao ponto de afastar do culto venerável, puro e sem mistura devido ao Criador do universo e dividem a alma daqueles que aderem a eles, sob pretexto de honrar a múltiplos deuses, e não ao único, manifesto e verdadeiro Deus?

4. Em seguida, como se judeus e cristãos tivessem respondido que aqueles que descem até os homens são anjos, ele responde: Se falais de anjos, dizei-nos quem são eles: deuses ou seres de uma outra espécie? E, supondo nossa resposta, ele acrescenta: — De uma outra espécie, demônios, sem dúvida. Pois bem! Vamos esclarecer este ponto. De comum acordo dizemos que os anjos são "espíritos servidores, enviados ao serviço dos que devem herdar a salvação" (Hb 1,14). Eles sobem para levar as súplicas dos homens às regiões celestes mais puras do mundo, ou mesmo às supracelestes mais puras do que aquelas. Em seguida, eles descem de lá para levar a cada um conforme seu mérito uma das graças que Deus ordena dispensar àqueles que recebem seus favores. Portanto, aqueles que aprendemos a chamar de anjos por causa de sua função, nós os encontramos às vezes também nas escrituras sagradas com o nome de deuses, porque são divinos; mas eles não o são a ponto de sermos obrigados a venerar e adorar, em lugar de Deus, aqueles que nos dispensam e nos trazem as graças de Deus. Pois é preciso elevar todo pedido, prece, súplica e ação de graças ao Deus supremo através do sumo sacerdote que está acima de todos os anjos, o logos vivo de Deus. E ofereceremos ao próprio logos pedidos, preces, ações de graças, e mesmo súplicas, se formos capazes de

discernir entre o sentido absoluto e o sentido relativo da palavra "súplica".

5. Pois invocar os anjos sem ter recebido a seu respeito uma ciência que ultrapassa o homem não é razoável. Mas suponhamos, por hipótese, que tenhamos recebido esta ciência maravilhosa e misteriosa: esta ciência em si mesma leva ao conhecimento da natureza dos anjos e dos ofícios confiados a cada um deles e não permitirá que ousemos orar a qualquer pessoa a não ser ao próprio Deus supremo, que a tudo pode satisfazer perfeitamente, por meio de nosso salvador, o Filho de Deus, que é logos, sabedoria, verdade e tudo o que dele afirmam as escrituras dos profetas de Deus e dos apóstolos de Jesus. Para tornar os santos anjos de Deus propícios a nós e levá-los a fazer tudo por nós, basta, enquanto possível à natureza humana, imitar em nossa atitude com Deus a disposição pessoal deles, pois imitam a Deus; e a concepção que temos de seu Filho o logos, enquanto possível, em vez de contradizer a concepção mais clara que dele têm os santos anjos, se aproxima dela a cada dia em clareza e nitidez. Como se jamais tivesse lido nossas escrituras sagradas, Celso dá a si mesmo uma resposta que ele nos atribui: segundo o que afirmamos, os anjos que descem de junto de Deus para fazer o bem aos homens são de uma outra espécie, e, em nossa opinião, são demônios sem dúvida. Celso não percebe que o nome "demônios" não é um termo indiferente como o nome "homens", entre os quais existem bons e maus, nem um termo nobre como "deuses", que não é aplicado aos demônios maus, às estátuas, aos animais, mas é dado por aqueles que são instruídos sobre as coisas divinas aos seres verdadeiramente divinos e felizes. O nome "demônios" sempre é aplicado a estes poderes maus que, separados do corpo grosseiro, seduzem e atormentam os homens e os rebaixam às coisas deste mundo longe de Deus e das realidades celestes.

Adoração e culto

6. Em seguida, ele tem esta passagem sobre os judeus: *Eis uma primeira característica surpreendente entre os judeus: eles veneram o céu e os anjos que nele se encontram, mas não dão atenção às partes do céu mais respeitáveis e mais poderosas, o sol, a lua e os outros astros, as estrelas e planetas: como se fosse admissível que tudo seja deus e que suas partes não sejam divinas; ou que se preste um culto supremo a astros que aparecem, como dizem, não sei em que trevas, àqueles que são cegos por uma magia suspeita ou que veem em sonho fantasmas indistintos, e por outro lado sejam vistos como nada aqueles que fazem predições com tanta clareza e brilho para todo o mundo, por quem são dispensadas as chuvas, os calores, as nuvens, os trovões que os judeus adoram, os raios, os frutos e todos os produtos da terra, pelos quais Deus se revela a eles, que são os arautos mais evidentes das coisas do alto, os verdadeiros mensageiros celestes!* Celso parece-me neste ponto ter caído em confusão ao escrever coisas aprendidas de outiva, que ele não entendia. Pois o exame do judaísmo e sua comparação com o cristianismo mostram claramente isto: os judeus observam a lei dizendo em nome de Deus: "Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, nos céus, ou embaixo na terra, ou nas

águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás" (Ex 20,3-5). Eles adoram exclusivamente o Deus supremo, criador do céu e de tudo mais. É claro que aqueles que vivem segundo a lei, se adoram aquele que fez o céu, não adoram ao mesmo tempo o céu e Deus. Além disso, nenhum observador da lei de Moisés adora os anjos que estão no céu. Não adorando o sol, a lua, as estrelas, "todo o exército do céu", eles evitam igualmente adorar o céu e os anjos que nele existem, por obediência à sua lei: "Levantando teus olhos ao céu e vendo o sol, a lua, as estrelas e todo o exército do céu, não te deixes seduzir para adorá-los e servi-los! São coisas que o Senhor teu Deus repartiu entre todos os povos que vivem sob o céu" (Dt 4,19).

7. E muito mais, supondo que os judeus veem o céu como um deus, diz que isto é absurdo e censura-os por adorarem o céu mas não o sol, a lua e as estrelas, e desta forma se comportarem como se fosse possível admitir que tudo é deus e que suas partes não são divinas; ele parece dizer que o céu é tudo, e o sol, a lua e as estrelas são suas partes. Mas é bem evidente que nem os judeus nem os cristãos afirmam que o céu é deus. Mas admitamos que ele tenha razão em dizer que os judeus chamam o céu de deus, suponhamos mesmo que o céu, a lua e as estrelas sejam partes do céu — o que não é absolutamente verdade, nem os animais da terra são partes da terra —: seria então verdade, mesmo para os gregos, que se tudo é deus, então também suas partes seriam divinas? Sem dúvida alguma, eles dizem que o mundo em sua totalidade é deus, para os estoicos é o primeiro, para os platônicos é o segundo, para alguns dentre eles é o terceiro. Será então que, segundo eles, sendo o mundo em sua totalidade deus, também suas partes são divinas: de modo que não só os homens mas também todos os animais sem razão, como partes do mundo, são seres divinos, e além deles, também as plantas? E se as montanhas, os rios e os mares são partes do mundo, será que, sendo o mundo em sua totalidade deus, também os rios e os mares serão deuses? Não, os gregos não diriam tal coisa: eles chamariam "deuses" aos seres encarregados dos rios e dos mares, demônios sem dúvida, ou deuses conforme alguns. Mesmo para os gregos que admitem a providência é falsa a afirmação geral de Celso: se tudo é deus, necessariamente suas partes são divinas. Conclui-se de seu argumento que, se o mundo é deus, todas as coisas que nele existem, sendo partes do mundo, são divinas. Dessa maneira, os animais seriam divinos: moscas, vermes da madeira, vermes da terra, toda espécie de serpentes, como também de pássaros e peixes; afirmação que não fariam nem mesmo os que dizem que o mundo é deus. Mas os judeus, que vivem segundo a lei de Moisés, ainda que não saibam interpretar a significação obscura da lei em seu sentido oculto, jamais dirão que o céu ou os anjos são deuses.

8. Tendo apontado a confusão que resulta de seus mal-entendidos, procuremos esclarecer este ponto da melhor maneira possível e deixar claro que Celso se engana em considerar como judaica a prática de adorar o céu e os anjos que nele se encontram. Uma tal prática, longe de ser judaica, é, ao contrário, uma transgressão do judaísmo, tal como a de adorar o sol, a terra, as estrelas e também as estátuas. Pelo menos encontramos, sobretudo, em Jeremias que o logos de Deus, pelo profeta, censura o povo

judeu de adorar estes seres e de sacrificar "à rainha do céu" e "a todo o exército do céu" (cf. Jr 51,17; 7,17-18; 19,13). Além disso, quando os cristãos em seus escritos acusam os judeus de pecadores, mostram que se Deus abandona este povo é, entre outros motivos, por causa deste pecado. Pois está escrito nos Atos dos Apóstolos acerca dos judeus: "Deus então voltou-se contra eles e os entregou ao culto do exército do céu, como está escrito no livro dos profetas: Acaso me oferecestes vítimas e sacrifícios durante quarenta anos no deserto, ó casa de Israel? Entretanto, carregastes a tenda de Moloc e a estrela do deus Refã, figuras que havíeis feito para adorar" (At 7,42-43). E nos escritos de Paulo, escrupulosamente educado na prática dos judeus, e mais tarde convertido ao cristianismo por uma aparição milagrosa de Jesus, cabe lembrar esta passagem da epístola aos Colossenses: "Ninguém vos prive do prêmio, com engodo de humildade, de culto aos anjos, indagando de coisas que viu, inchado de vão orgulho em sua mente carnal, ignorando a cabeça, pela qual todo o corpo, alimentado e coeso pelas juntas e ligamentos, realiza o seu crescimento em Deus" (Cl 2,18-19). Mas Celso, que não leu nem aprendeu isto, imaginou, não sei porquê, que os judeus não transgridem sua lei adorando o céu e os anjos que nele existem.

9. É mais uma vez a confusão e a visão superficial da matéria que o leva a acreditar que os judeus foram incitados a adorar os anjos do céu pelos encantamentos da magia e da feitiçaria, que fazem aparecer fantasmas aos encantadores. Ele não percebeu que seria infringir a lei que diz precisamente aos que pretendem fazer isto: "Não vos voltareis para os necromantes nem consultareis os adivinhos, pois eles vos contaminariam. Eu sou o Senhor vosso Deus" (Lv 19,31). Ele, portanto, devia ou se abster totalmente de atribuir estas práticas aos judeus, se continuasse a ver nelas observadores da lei e a dizer que eles vivem segundo a lei; ou atribuí-las a eles provando que elas eram consequência das transgressões da lei pelos judeus. E muito mais, se já é um ato de transgressão da lei prestar culto a seres ocultos não sei em que trevas, pois as pessoas ficam cegas em consequência da magia e veem em sonhos fantasmas indistintos, e adorar estes seres que, como dizem, então aparecem, da mesma forma, é cometer a transgressão suprema da lei sacrificar ao sol, à lua e às estrelas. Portanto, Celso não podia dizer que os judeus evitam adorar o sol, a lua e as estrelas, mas não evitam adorar o céu e seus anjos.

10. Nós, porém, que não adoramos nem os anjos nem o sol, a lua e as estrelas, se é preciso justificar por que não adoramos os que os gregos chamam de deuses visíveis e sensíveis, diremos: até a lei de Moisés sabe que estes seres foram dados por Deus como herança "a todas as nações que estão debaixo do céu" (cf. Dt 32,9), não porém àqueles que foram tomados por Deus como sua parte escolhida de preferência a todas as nações que existem sobre a terra. É o que está escrito no Deuteronômio: "Levantando teus olhos ao céu e vendo o sol, a lua e as estrelas e todo o exército do céu, não te deixes seduzir de modo a adorá-los e servi-los! São coisas que o Senhor teu Deus repartiu entre todos os povos que vivem sob o céu. Quanto a vós, porém, o Senhor vos tomou e vos fez sair do Egito, daquela fornalha de ferro, para que fôsseis o povo de sua herança, como hoje se vê" (Dt 4,19-20). O povo hebreu foi portanto chamado por Deus para ser "uma raça

escolhida", "um sacerdócio real", "uma nação santa", "o povo de sua particular propriedade" (1Pd 2,9): de quem fora predito a Abraão pela palavra do Senhor que lhe era dirigida: "Ergue os olhos para o céu e conta as estrelas, se as podes contar. E lhe disse: Assim será a tua posteridade" (Gn 15,5). Um povo que tinha a esperança de se tornar como as estrelas do céu não ia adorar aquelas de quem seria semelhante, porque compreendia e observava a lei de Deus. De fato, foi dito aos judeus: "O Senhor vosso Deus vos multiplicou e eis que hoje sois numerosos como as estrelas do céu!" (Dt 1,10). Há ainda uma outra passagem em Daniel, uma profecia sobre a ressurreição: "Mas nesse tempo o teu povo escapará, isto é, todos os que se encontrarem inscritos no livro. E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno. Os que são esclarecidos resplandecerão como o resplendor do firmamento; e os que ensinam a muitos a justiça hão de ser como as estrelas, por toda a eternidade" (Dn 12,1-3). Por isso igualmente Paulo, ao tratar da ressurreição, diz: "Há corpos celestes e há corpos terrestres. São, porém, diversos o brilho dos celestes e o brilho dos terrestres. Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos" (1Cor 15,40-42).

Não, com toda certeza! Depois de ter sido instruído a se erguer nobremente acima de todas as coisas criadas e a esperar de Deus as mais gloriosas recompensas de uma vida muito virtuosa; depois de ter ouvido as palavras: "Vós sois a luz do mundo", "brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus" (Mt 5,14.16); quando nos esforçamos por adquirir ou quando já adquirimos a sabedoria resplendente e inalterável que "é um reflexo da luz eterna" (Sb 6,26) — não seria razoável deixar-se impressionar pela luz sensível do sol, da lua e das estrelas a ponto de pensar que por causa de sua luz sensível lhes somos inferiores, quando, na verdade, possuímos uma tão poderosa luz inteligível de conhecimento, "luz verdadeira, luz do mundo, luz dos homens" (Jo 1,9; 8,12; 9,5; 1,4), e adorá-los. Se fosse necessário adorá-los, não seria certamente sua luz sensível, admirada pelo povo, que teria merecido a adoração, mas a luz inteligível e verdadeira, supondo que as estrelas do céu sejam seres vivos racionais e virtuosos, iluminados com a luz do conhecimento pela sabedoria que é "um reflexo da luz eterna" (Sb 7,26). De fato, sua luz sensível é obra do criador do universo, ao passo que a luz inteligível, que eles talvez também possuam, deriva igualmente de sua liberdade.

11. Mas esta luz inteligível também não deve ser adorada por aquele que vê e compreende a luz verdadeira cuja luz dos astros é sem dúvida uma participação, e por aquele que vê a Deus, Pai da verdadeira luz, da qual foi dito magnificamente: "Deus é luz e nele não há treva alguma" (1Jo 1,5). E se alguém adora o sol, a lua e as estrelas por sua luz sensível e celeste, não adoraria uma centelha ou uma lâmpada na terra, pois é evidente a superioridade dos astros julgados dignos de adoração proporcionalmente à luz das centelhas e das lâmpadas. Da mesma forma refletir no sentido em que "Deus é luz" e compreender como o Filho de Deus é "a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo" (Jo 1,9), e compreender além disso o que o leva a dizer: "Eu sou a

luz do mundo" (Jo 8,12), proíbe dentro da boa lógica adorar o que, no sol, na lua e nas estrelas, é apenas uma centelha em comparação com Deus, luz da verdadeira luz.

Sem dúvida, não desacreditamos estas imensas criaturas de Deus, nem dizemos com Anaxágoras que o sol, a lua e as estrelas são apenas "massas inflamadas", se professamos nossa doutrina sobre o sol, a lua e as estrelas. É apenas compreender a divindade de Deus que tudo ultrapassa com indizível superioridade, e a do Filho de Deus único que ultrapassa tudo mais. E quando estamos persuadidos de que o sol, a lua e as estrelas oram ao Deus supremo por meio de seu Filho único, julgamos que não devemos orar aos seres que oram: eles mesmos preferem nos remeter ao Deus a quem eles oram, e não nos abaixar até eles ou partilhar de nosso poder de oração entre Deus e eles mesmos.

Darei aqui este exemplo a respeito deles. Nosso salvador e Senhor, ao ouvir um dia alguém chamá-lo: "Bom mestre", remeteu o seu interlocutor a seu Pai: "Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão só o Pai" (Mc 10,17-18; Lc 18,18-19). Com razão, em sua qualidade de imagem da bondade de Deus, o Filho do amor do Pai pronunciou estas palavras; mas com quanto mais razão o sol poderia dizer aos que o adoram: Por que me adoras? "Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele prestarás culto" (Mt 4,10). É a ele que eu e todos aqueles que me acompanham adoramos e servimos. Estaríamos longe desta altura, a ponto de orarmos menos ao logos de Deus, capaz de nos curar, e bem mais a seu Pai, que até para os justos de outrora "enviou sua palavra para curá-los e da cova preservar sua vida" (Sl 106,20).

12. Deus, pois, em sua bondade, desce até os homens não por movimento local, mas por sua providência; e o Filho de Deus não só estava presente outrora com seus discípulos, mas ainda está continuamente, realizando as palavras: "E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28,20). E como "o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira" (Jo 15,4-6), fica evidente que os discípulos do logos, ramos espirituais da verdadeira videira, o logos, não podem produzir os frutos da virtude, se não permanecerem na videira verdadeira, o Cristo de Deus. Ele está conosco que existimos localmente na terra, ficando com aqueles que em toda parte aderem a ele; mas ele está sempre e em toda parte, mesmo com os que não o conhecem. Eis o que mostra João evangelista por estas palavras de João Batista: "No meio de vós está alguém que não conheceis, aquele que vem depois de mim" (Jo 1,26-27). Ele encheu o céu e a terra, e disse: "Não sou eu que encho o céu e a terra? Oráculo do Senhor" (Jr 23,24). Ele está conosco e perto de nós, pois nele creio quando diz: "Sou por acaso apenas de perto — oráculo do Senhor — e não Deus de longe?" (Jr 23,23). Seria, pois, absurdo tentar orar ao sol, à lua e a alguma estrela cuja presença não se estende ao mundo inteiro.

Mas convenhamos, para citar as expressões de Celso, que o sol, a lua, as estrelas predizem antecipadamente as chuvas, os calores, as nuvens, os raios. Se fazem predições tão importantes, não é acaso uma razão a mais para adorarmos a Deus, que eles servem por suas predições, e de honrá-lo a ele e a não a seus profetas? Que fa-çam predições, portanto, de raios, dos frutos e de todos os produtos da terra, e dispensem todos os bens

deste tipo! Nem por isso vamos adorar estes adoradores, nem muito menos a Moisés e a seus sucessores, que predisseram por Deus os bens de uma espécie superior às chuvas, ao calor, às nuvens, aos trovões, aos raios, aos frutos e todos os produtos sensíveis. Muito mais, ainda que o sol, a lua e as estrelas possam predizer acontecimentos mais importantes do que as chuvas, nem por isso são eles a quem adoraremos, mas ao autor de suas profecias, e ao logos de Deus seu ministro.

Admitamos mesmo que eles sejam seus arautos, seus mensageiros verdadeiramente celestes: não é evidente, assim mesmo, que se deve adorar a Deus que proclama e anuncia por meio deles, e não por seus arautos e seus mensageiros?

13. Celso supõe que não damos valor nenhum ao sol, à lua e às estrelas. Mas também reconhecemos que eles em expectativa "anseiam pela revelação dos filhos de Deus", tendo sido no presente submetidos "à vaidade" dos corpos materiais "por vontade daquele que os submeteu na esperança" (Rm 8,19-21). Se Celso tivesse lido tudo o que dizemos ainda sobre o sol, a lua e as estrelas, entre outras coisas: "Louvai-o, sol e lua, louvai-o, astros todos de luz" e "louvai-o, céus dos céus!" (Sl 148,3-4), não teria declarado que não damos nenhum valor a estes corpos sublimes que louvam tão excelsamente o Senhor. Mas Celso nem mesmo conhece as palavras: "Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato, a criação foi submetida à vaidade — não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu — na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8,19-21).

Isto parece-me o suficiente para recusarmos adoração ao sol, à lua e às estrelas. Citemos a passagem seguinte, para lhe opor, com a graça de Deus, as razões que a luz da verdade nos há de dar.

Escatologia

14. Eis o que ele diz: *É uma outra tolice da parte deles pensar que Deus aplicará o fogo como um cozinheiro, assando todas as outras raças, e sendo eles os únicos a sobreviverem: e não apenas os vivos de então, mas até os que estiverem mortos há muito tempo surgirão da terra com a mesma carne de outrora: jamais serão a esperança dos vermes! Que alma de homem lamentaria um corpo putrefato? Entretanto, esta doutrina não é admitida nem mesmo por nenhum de vós nem pelos cristãos, e sua extrema impureza mostra que é algo revoltante e impossível: que corpo, depois de uma corrupção completa, poderia voltar à sua natureza original e àquela mesma constituição primeira que tinha antes de ser dissolvido? Nada tendo a responder, eles recorrem à mais absurda evasiva: para Deus tudo é possível! Na verdade, Deus nada pode fazer de vergonhoso e nada quer que seja contrário à natureza. Se alguém tivesse uma cobiça infame, na perversidade de seu coração, Deus não poderia ouvi-lo e não devemos crer sem mais nem menos que ela será saciada. Pois Deus não é o autor do apetite desregrado nem da licença desenfreada, mas da natureza correta e justa. Ele pode conceder à alma uma vida imortal; mas, como diz*

Heráclito, "os cadáveres devem ser rejeitados mais do que o esterco". Portanto, uma carne, cheia daquilo que não se pode decentemente pronunciar, Deus não quererá nem poderá torná-la imortal contra toda razão. Ele próprio é a razão de tudo o que existe; portanto, ele nada pode fazer nem contra a razão nem contra si mesmo.

O fogo do juízo

15. Observa, pois, como ele ridiculariza esta passagem que fala do abrasamento do mundo, admitido até mesmo por filósofos gregos de valor, quando ele pretende que, admitindo a doutrina do abrasamento, fazemos de Deus um cozinheiro. Ele não viu que, conforme a opinião de alguns gregos que talvez o tenham tirado da antiquíssima nação dos hebreus, o fogo é infligido como purificação do mundo e de modo semelhante também de cada um daqueles que precisam ser castigados e curados pelo fogo. Ele queima mas não consome aqueles nos quais não há matéria que exija esta destruição, mas destrói e consome os que construíram, como se diz em sentido figurado, "com madeira, feno ou palha" (1Cor 3,12), o edifício de suas ações, palavras e pensamentos. As divinas escrituras dizem que o Senhor visitará "como o fogo do fundidor e como a lixívia dos lavadeiros" (Ml 3,2) cada um daqueles que precisam, por causa da mistura por assim dizer de uma malícia perversa decorrente do vício — precisam, digo, do fogo para purificar as almas misturadas com bronze, estanho, chumbo. Eis o que qualquer pessoa pode aprender do profeta Ezequiel (cf. Ez 22,18).

Não queremos dizer que Deus aplica o fogo como um cozinheiro, mas que Deus age como benfeitor daqueles que precisam de provação e de fogo, e é o que o profeta Isaías atestará na sentença contra uma nação pecadora: "Como tens carvões de fogo, senta-te sobre eles, pois serão um socorro para ti" (Is 47,14-15). O logos, que dá ensinamentos adaptados a muitos daqueles que hão de ler a Escritura, diz com uma sabedoria oculta das coisas severas para amedrontar aqueles que não podem de outra forma se converter da onda de seus pecados. Mesmo nestas condições, o observador perspicaz encontrará uma indicação do objetivo visado por estes castigos severos e dolorosos àqueles que os suportam: basta citar aqui a passagem de Isaías: "Mas por causa de meu nome retardo a minha ira, por causa de minha honra procuro conter-me, a fim de não exterminar-te" (Is 48,9). Fui obrigado a relatar em termos obscuros as verdades que ultrapassam a fé dos simples que precisam de uma instrução simples nos termos; não gostaria de parecer deixar sem refutação a acusação de Celso que afirma: Quando Deus, como um cozinheiro, aplicar o fogo.

16. Do que acabamos de dizer deduz-se para os ouvintes inteligentes a maneira como se deve responder igualmente às palavras: Todas as outras raças serão assadas, e eles serão os únicos a sobreviverem. Não estranha absolutamente que tal seja o pensamento daqueles que, entre nós, são chamados pela escritura: "O que há de loucura no mundo, o que não tem nascimento e é desprezado, o que não é, aprouve a Deus salvar, aqueles que creem nele, pela loucura da pregação, pois o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus" (1Cor 27-28.21). Eles não podem penetrar no

sentido da passagem e não querem dedicar seu tempo à busca do sentido da escritura, apesar das palavras de Jesus: "Perscrutai as escrituras" (Jo 5,39); e conceberam tal ideia do fogo aplicado por Deus e do destino do pecador. Convém, sem dúvida, dizer às crianças coisas proporcionadas à sua condição pueril com a intenção de, por menores que sejam, convertê-las para o melhor; desta forma, convém a interpretação óbvia dos castigos para aqueles que a escritura chama de loucos no mundo, sem nascimento, objetos de desprezo, pois só o temor e a representação dos castigos podem convertê-los e afastá-los de numerosos males. Por esta razão, a escritura declara que serão os únicos a sobreviverem, sem passarem pelo fogo e pelos castigos os que estão totalmente puros em suas opiniões, seus costumes, seu espírito; ao passo que aqueles que não o são, mas, segundo seu mérito, precisam do ministério dos castigos pelo fogo, ela declara que eles serão sujeitos ao fogo até um certo ponto que convém a Deus fixar para aqueles que foram criados "à sua imagem" (Gn 1,26), e viveram de modo contrário à vontade da natureza que é "conforme a imagem". Eis minha resposta à sua observação: Todas as outras raças serão assadas, e eles serão os únicos a sobreviverem.

A ressurreição

17. A seguir, tendo compreendido mal as sagradas escrituras, ou ouvido aqueles que não as tinham penetrado, nos atribui a afirmação de que serão os únicos a sobreviverem no momento em que a purificação pelo fogo será infligida ao mundo não só aos vivos de então, mas até àqueles que estarão mortos há muito tempo. Não captou a sabedoria oculta que as palavras do apóstolo de Jesus encerram: "Nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final; sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados" (1Cor 15,51-52). Ele deveria conhecer o pensamento que fazia o autor se exprimir desta forma: a não se apresentar como um morto, a se distinguir dos mortos, ele próprio e os que se parecem com ele, e, depois de ter dito que "os mortos ressurgirão incorruptíveis", acrescenta: "e nós seremos transformados". Para confirmar que este tinha sido o pensamento do apóstolo, quando escreveu o que citei da 1Cor, apresentarei ainda a passagem da 1Ts, em que Paulo, como homem vivo, acordado, distinto daqueles que estão adormecidos, declara: "Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estiverem aqui para a vinda do Senhor, não passarão à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e som da trombeta divina, descer do céu". E novamente, depois disso ele acrescenta, sabendo que os mortos em Cristo são diferentes dele e daqueles que estão no mesmo estado que ele: "Então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares" (1Ts 4,15-17).

18. Celso criticou longamente a ressurreição da carne que é pregada nas igrejas, porém mais claramente compreendida pela elite dos pensadores. É inútil, portanto, repetir seu texto já citado. Mas como esta defesa é escrita contra um homem estranho à nossa fé, e

por causa daqueles que ainda são crianças, joguetes das ondas, "agitados por todo vento de doutrina, presos pela artimanha dos homens e da sua astúcia que nos induz ao erro" (Ef 4,14), que me seja permitido, a respeito deste problema, expor da melhor maneira e definir alguns pontos adaptados às necessidades dos leitores. Como as divinas escrituras, tampouco nós dizemos que aqueles que morreram há muito tempo, ao surgirem da terra, viverão com a mesma carne sem que ela tenha recebido uma melhora. Ao afirmar tal coisa, Celso nos calunia. Pois entendemos assim diversas passagens da escritura que tratam da ressurreição de uma maneira digna de Deus. Basta que citemos aqui as palavras de Paulo, da 1Cor: "Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam? Insensato! O que semeias não readquire vida a não ser que morra. E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio" (1Cor 15,35-38). Repara, pois, no que ele afirma aqui: "não é o corpo da futura planta" que é semeado, mas há uma como ressurreição da semente lançada nua na terra, enquanto Deus dá "a cada uma das sementes o corpo que lhe é próprio": da semente lançada na terra surge ora uma espiga, ora uma árvore como no caso do grão de mostarda, ou ainda uma árvore maior para uma azeitona ou um dos outros frutos.

19. "Deus, portanto, dá corpo a cada uma das sementes como quer": às plantas assim formadas, como aos seres que são, de certo modo, semeados na morte e recebem em tempo oportuno, daquilo que é semeado, o corpo destinado por Deus a cada um segundo seu mérito. Ouvimos igualmente a escritura ensinar longamente a diferença entre o corpo por assim dizer semeado e o que dele é como ressuscitado. Diz ela: "Semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual." Quem puder, compreenda ainda o pensamento bíblico desta passagem: "Qual foi o homem terrestre, tais também serão os terrestres. Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes. E, assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste." Entretanto, o apóstolo quer deixar oculto o sentido misterioso da passagem, que não convém aos simples e ao entendimento comum daqueles aos quais basta a fé para corrigir. Todavia, ele é forçado em seguida, para nos livrar de mal-entendidos sobre o sentido de suas palavras, a completar a expressão: "Traremos a imagem do homem celeste" por esta: "Digo-vos, irmãos: a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade." E conhecendo bem o misterioso sentido oculto que havia nesta passagem, como convém a um autor que deixa por escrito à posteridade a expressão de seu pensamento, acrescenta: "Eis que vos dou a conhecer um mistério" (1Cor 15,42-44.48-49.50-51). É precisamente esta a fórmula de introdução às doutrinas profundas e misteriosas, justamente ocultas às multidões. Assim também está escrito no livro de Tobias: "É bom manter oculto o segredo do rei"; em seguida, com referência ao que é glorioso e adaptado às multidões, dosando a verdade: "Porém, é justo revelar e publicar as obras de Deus" (Tb 12,7).

Assim sendo, nossa esperança não é a dos vermes e nossa alma não lamenta o corpo putrefato; sem dúvida, ela tem necessidade de um corpo para passar de um lugar a outro; mas, tendo meditado a sabedoria conforme as palavras: "A boca do justo medita a sabedoria" (Sl 36,30), ela sabe que existe uma diferença entre a morada terrestre em que se encontra a tenda voltada para a destruição, e a tenda em que os justos gemem esmagados, não porque desejem despojar-se da tenda, mas "revestir por cima de nossa morada terrestre" (uma outra) a fim de que, assim revestidos, "o que é mortal seja absorvido pela vida" (2Cor 5,1-4). "Com efeito, é necessário" que, sendo a natureza corporal corruptível, esta tenda "corruptível revista a incorruptibilidade", e que, por outro lado, o que é "mortal" e destinado à morte, consequência imediata do pecado, "revista a imortalidade". Desta forma, quando "este ser corruptível revestir a incorruptibilidade e este ser mortal a imortalidade, então se realizará" a antiga predição dos profetas, o fim do triunfo da morte (cf. 1Cor 15,53), que em seu triunfo nos tinha submetido a ela, e a perda do aguilhão com que ela esporeia a alma incompletamente protegida, infligindo-lhe feridas que nascem do pecado.

20. Eis aí uma exposição parcial de nossa doutrina da ressurreição, nos limites que aqui convêm, pois em outra parte tratei do mistério num exame aprofundado. Agora, como é recomendável, devemos atacar as objeções de Celso. Ele não compreendeu o significado de nossas escrituras, incapaz de julgar que não se deve pensar que o significado destes autores sábios seja apresentado por aqueles que nada professam além da fé relativamente à doutrina cristã. Procuremos então mostrar que homens famosos por sua especulação racional e suas reflexões filosóficas sustentaram opiniões totalmente absurdas. E as palavras que podemos censurar por suas miseráveis inépcias próprias de mulheres ignorantes são mais deles que nossas!

Assim, os estoicos do Pórtico dizem que depois de um certo período ocorre um abrasamento do universo, e a seguir, uma arrumação do universo bem semelhante à anterior. Dentre eles os que tiveram vergonha desta doutrina admitiram uma ligeira mudança e bem insignificante entre os acontecimentos de um período e os do anterior. Mas estes autores sustentam que no período seguinte as coisas serão parecidas: Sócrates novamente será filho de Sofronisco e ateniense, e Fenareta, mulher de Sofronisco, novamente o há de gerar. Portanto, ainda que não usem o termo "ressurreição", eles pelo menos indicam a realidade quando dizem: Sócrates novamente surgirá, nascido da semente de Sofronisco, formado no seio de Fenareta; depois de sua educação em Atenas, ele se consagrará à filosofia que, como num renascimento de sua filosofia anterior, será igualmente bem semelhante à antecedente. Ânito e Meleto renascerão também outra vez como acusadores de Sócrates, e o conselho do areópago condenará a Sócrates. E coisa mais ridícula ainda do que isto, Sócrates voltará a vestir roupas bem semelhantes às do período anterior, e viverá numa pobreza bastante semelhante, na cidade de Atenas bem semelhante à do período anterior. Novamente Fálaris será tirano, e seu touro de cobre mugirá pela voz das vítimas que nele estão encerradas, bem semelhantes aos condenados do período anterior. Alexandre de Feres será de novo tirano, com uma crueldade bem semelhante à anterior, e condenará as vítimas também

perfeitamente semelhantes às anteriores. Mas, por que é necessário que eu passe em revista a doutrina desenvolvida sobre estas matérias pelos filósofos do Pórtico que Celso deixa de criticar e talvez mesmo os venere, pois Zenão lhe parece mais sábio que Jesus?

21. Além disso, os discípulos de Pitágoras e de Platão, ainda que pareçam conservar o mundo incorruptível, caem porém em aberrações análogas. Pois as estrelas, depois de certos períodos determinados, assumindo as mesmas posições e as mesmas relações mútuas, existindo todas as coisas, afirmam eles, são semelhantes às do momento em que o mundo tinha a mesma posição relativa das estrelas. Conforme esta doutrina, quando as estrelas depois de um longo período voltam à mesma relação mútua que tinham no tempo de Sócrates, é preciso que Sócrates nasça novamente dos mesmos pais, sofra os mesmos tratamentos, a acusação de Ânito e de Meleto, a condenação do conselho do Areópago. Além disso, os sábios do Egito, por transmitirem doutrinas semelhantes, são para Celso e seus adeptos objeto de veneração e não de crítica. E nós que dizemos que o universo é governado por Deus, em razão da disposição das liberdades de cada um, e enquanto possível sempre conduzido para o melhor, nós que sabemos que a natureza de nossa liberdade é admitir possibilidades variadas, pois ela é incapaz de receber a imutabilidade absoluta de Deus, não parecemos dizer coisas dignas de exame e de pesquisa?

22. Que ninguém, por causa desta explicação, nos inclua entre aqueles que, dizendo-se cristãos, rejeitam a doutrina das escrituras sobre a ressurreição! Pois, na medida em que aplicam seus princípios, não podem absolutamente provar que "do grão de trigo e de alguma outra semente" ressuscita, por assim dizer, "uma espiga ou uma árvore". Nós, porém, estamos convencidos de que aquilo que semeamos "não readquire vida a não ser que morra" e "não é o corpo da futura planta" que é semeado. Pois "Deus lhe dá o corpo como quer": semeado "corruptível, o corpo ressuscita incorruptível, semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual" (1Cor 15,36-44). Conservamos tanto a doutrina da igreja de Cristo quanto a grandeza da promessa de Deus. Podemos provar que é uma coisa possível não por uma afirmação mas por meio de argumento. Sabemos que, embora o céu e a terra com tudo o que eles contêm devam passar, ao contrário as palavras de cada ponto da doutrina sendo como partes de um todo ou espécies de um gênero, as do logos-Deus que "no princípio estava com Deus" (Jo 1,1), jamais passarão. Pois ele disse e queremos ouvi-lo: "Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão" (Mt 24,35).

23. Portanto, não afirmamos que o corpo putrefato voltará à sua natureza original, assim como o grão de trigo, uma vez corrompido, não retorna ao seu estado de grão de trigo. Afirmamos que, assim como do grão de trigo surge uma espiga, há também no corpo um princípio que não está sujeito à corrupção, a partir do qual o corpo surge "incorruptível". Ao contrário, os estoicos do Pórtico sustentam que o corpo completamente putrefato volta à sua natureza original, por força de sua teoria sobre o retorno a cada período dos seres semelhantes; dizem pois que ele encontra esta primeira constituição que tinha antes

de ser dissolvido, acreditando restabelecê-lo por razões obrigatórias. Não recorremos à mais absurda evasiva: tudo é possível para Deus; pois sabemos entender a palavra "tudo" sem incluir nela o que não tem existência ou não é concebível. Concordamos assim que Deus nada pode fazer de vergonhoso, pois então Deus não poderia ser Deus: pois se Deus fizesse algo de vergonhoso, não seria Deus.

Mas quando ele afirma: Deus nada quer de contrário à natureza, nós distinguimos: se por "contrário à natureza" queremos dizer a malícia, também dizemos que Deus nada quer de contrário à natureza, nem o que provém da malícia, nem aquilo que é contrário à razão. Mas para aquilo que acontece de acordo com o logos de Deus e sua vontade, evidentemente não deve ser contrário à natureza; quaisquer que sejam as operações de Deus, por mais extraordinárias que sejam ou pareçam aos olhos de alguns, elas não são contrárias à natureza. Com maior precisão poderíamos dizer, tomando a natureza em sua acepção mais comum, isto é, que Deus faz certas coisas acima da natureza: como promover o homem acima de sua natureza, transformá-lo numa natureza superior e divina e mantê-lo nela na medida em que o homem assim mantido prove por seus atos que ele quer isso.

24. Uma vez estabelecido que Deus nada quer que não lhe convenha ou que tenda a negar que ele seja Deus, diremos: se tivéssemos uma infame cobiça na perversidade do coração, Deus não poderia nos ouvir. E assim, em vez de procurarmos motivo para contendas nas palavras de Celso, num exame leal concordaremos que Deus não é o autor do apetite desregrado nem da licença desenfreada, mas da natureza reta e justa, pois é o autor de todo bem. Além disso, pensamos que ele pode conceder à alma uma vida imortal, e não só pode como de fato a concede. A última observação de Celso não nos causa nenhuma dificuldade, nem mesmo as palavras de Heráclito por ele citadas: "Os cadáveres devem ser rejeitados mais do que o esterco". Todavia, poderíamos dizer a este respeito que o esterco deve ser rejeitado, mas em consideração à alma que neles morou, sobretudo se ela foi virtuosa, os cadáveres humanos não devem ser rejeitados. Pois, segundo os costumes dos povos mais civilizados, eles são considerados dignos de uma sepultura tão honrada quanto possível em tais matérias: assim se quer evitar cuidadosamente cometer injúria à alma que nele habitava ao se livrar do corpo, depois que a alma dele partiu, como fazemos com os corpos dos animais. Concordamos então que Deus não quer contra toda razão declarar imortal nem o grão de trigo, mas certamente a espiga que dele nasce, nem o que é semeado na corrupção, mas aquilo que dele ressuscita incorruptível. Além disso, segundo Celso, o próprio Deus é a razão de tudo o que existe, mas segundo nós, é seu Filho; dele dizemos em termos filosóficos: "No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus e o verbo era Deus" (Jo 1,1). E igualmente para nós, Deus nada pode fazer nem contra a razão nem contra si mesmo.

Os costumes de cada país

25. Vejamos ainda a passagem seguinte de Celso: *Os judeus se tornaram uma nação particular e estabeleceram leis conforme os costumes de seu país. Eles os conservam*

entre si ainda hoje e observam uma religião que, qualquer que seja, é pelo menos tradicional. Agem nesse sentido como os outros homens, pois todos honram os costumes tradicionais, como quer que tenham sido estabelecidos. E parece que assim sucede não apenas porque povos diferentes tiveram a ideia de criar para si leis diversas e é um dever respeitar o que foi decidido para o bem comum, mas também porque possivelmente as diferentes partes da terra desde a origem foram atribuídas a diferentes poderes tutelares e distribuídas entre os governos existentes, e assim eles são administrados. Desde modo, o que é feito em cada nação é realizado com retidão se for da maneira aceita por estes poderes; mas seria impiedade infringir as leis estabelecidas desde a origem em cada região. Celso afirma aqui, portanto, que os judeus, antigamente egípcios, tornaram-se a seguir uma nação particular e estabeleceram leis que eles respeitam. E, para não repetir expressões já citadas, diz que eles conseguiram conservar as práticas religiosas tradicionais a exemplo das outras religiões que têm em grande honra seus próprios costumes. Apresenta uma razão mais profunda segundo a qual os judeus tiveram em grande honra seus costumes tradicionais, insinuando que os seres que conseguiram ser os poderes tutelares da terra cooperaram com os legisladores na fixação das leis de cada povo. Parece pois indicar que ou o país dos judeus, ou a nação que nele mora, encontra-se sob a tutela de um ou de vários seres, e pela colaboração dele ou deles com Moisés as leis dos judeus foram estabelecidas.

26. É uma necessidade, afirma ele, observar as leis, não só porque povos diversos tiveram a ideia de criar para si leis diferentes e é um dever observar o que foi decidido para o bem comum, mas também porque possivelmente as diferentes partes da terra desde a origem foram atribuídas a diferentes poderes tutelares e distribuídas entre os governos existentes, e é assim que são administradas. A seguir, como se esquecesse todos os seus ataques contra os judeus, Celso os inclui igualmente na aprovação geral dada a todos os que respeitam os costumes tradicionais: assim, o que é feito em cada nação é realizado com retidão se o modo de fazer é aceito por estes poderes. E repara se ele não exprime sem rodeios a vontade, enquanto depende dele, de que o judeu vivendo segundo suas leis particulares não as abandone, pois seria um ato ímpio abandoná-las. Pois ele diz: Seria impiedade infringir as leis estabelecidas desde a origem em cada região.

Em resposta, gostaria de perguntar a Celso ou a seus adeptos: quem seria então o autor que distribuiu desde a origem as diferentes partes da terra aos diversos poderes tutelares, e principalmente o país dos judeus e os judeus àquele ou àqueles aos quais eles foram atribuídos? Será que Zeus, como o chamaria Celso, teria distribuído a um ou a vários poderes o povo dos judeus e seu país, e acaso queria ele que aquele que obteve a Judeia estabelecesse estas leis em vigor entre os judeus? Ou tal aconteceu contra a sua vontade? Qualquer que seja a sua resposta, repara como seu raciocínio andará embaraçado. E se as partes da terra não foram atribuídas por um ser unicamente a seus poderes tutelares, é porque cada um, ao acaso e independentemente de um superintendente, se atribuiu ao acaso uma parte da terra. Mas dizer isto é um absurdo; é praticamente negar a providência do Deus supremo.

27. Além disso, explique quem quiser a maneira como, distribuídas entre os governos existentes, as partes da terra são administradas pelos poderes que velam por elas; que nos diga ainda como aquilo que é feito em cada nação é realizado com retidão, se é do modo aceito por estes poderes: se esta retidão caracteriza, por exemplo, as leis dos citas sobre o parricídio, ou as dos persas que não proíbem o casamento nem das mães com seus filhos, nem dos pais com suas filhas. Para que reunir os exemplos dos autores que trataram das leis dos diferentes povos, para contestar a afirmação que em cada nação as leis são cumpridas com retidão na medida em que elas concordam com os poderes tutelares? Cabe a Celso apontar-nos a impiedade que existiria em infringir as leis tradicionais para aqueles a quem casar-se com sua mãe ou com sua filha é permitido, dar cabo da vida enforcando-se merece a bem-aventurança, entregar-se às chamas e abandonar a vida pelo fogo significa atingir a purificação perfeita. Cabe a ele dizer que impiedade existe em infringir as leis que obrigam por exemplo os habitantes da Táurida a oferecer os estrangeiros como vítimas a Ártemis, ou entre certas tribos da Líbia sacrificar as crianças ao deus Crono. Mas, na lógica da opinião de Celso, existe impiedade se os judeus infringirem as leis tradicionais proibindo venerar um outro deus que não seja o criador do universo. Segundo ele, a piedade seria divina não por natureza mas por convenção e opinião; pois é para alguns um ato de piedade honrar o crocodilo e comer animais adorados entre outras tribos, e é um ato de piedade entre outros venerar o bezerro, e entre outros considerar o bode como um deus. E desta forma as ações de um mesmo indivíduo seriam piedade conforme tais leis, impiedade conforme outras mais: o que é o cúmulo do absurdo.

28. Alguém talvez objete: a piedade consiste em manter as tradições, e não existe absolutamente nenhuma impiedade em não se observar também as dos estrangeiros; ou ainda, embora isto pareça ímpio para alguns entre eles, não existe impiedade em honrar conforme as tradições suas próprias divindades, e por outro lado em combater e em devorar as dos povos cujas leis são contrárias. Mas repara se não é dar prova de uma grande confusão sobre a justiça, a piedade e a religião não as definir nem lhes atribuir uma natureza própria que permita caracterizar como homens religiosos aqueles que conformam sua conduta a elas. Se de fato a religião, a piedade, a justiça são coisas tão relativas quanto a própria atitude piedosa ou ímpia conforme a diversidade das condições e das leis, não decorre daí que também a temperança é relativa, como a coragem, a prudência, a ciência e as outras virtudes? Nada poderia ser mais absurdo.

Atendo-nos à simplicidade e ao senso comum, a resposta dada às citações de Celso pode bastar. Creio, porém, que certos espíritos mais críticos hão de ler este tratado; corro, pois, o risco de propor elementos de especulação mais profunda, que encerram uma teoria mística e secreta sobre a atribuição desde a origem a diferentes poderes tutelares das diferentes regiões da terra. E me esforço por mostrar enquanto possível que nossa doutrina é isenta desta sequência de absurdos.

Partilha das regiões da terra

29. Celso me parece, pois, ter-se enganado sobre algumas das razões misteriosas da partilha das regiões terrestres. A própria história grega, de certa maneira, está envolvida nisto quando mostra que certos deuses da lenda lutaram entre si com vistas à Ática, e faz certos pretensos deuses afirmar nos poetas que certas regiões lhes estão mais estreitamente ligadas. Também a história bárbara, principalmente a do Egito, faz alguma alusão desta espécie à divisão dos "nomos" do Egito, quando diz que a própria Atena que obteve Saís possui também a Ática. Os doutos do Egito dirão mil coisas parecidas, mas não sei se eles incluem igualmente os judeus e seu país na partilha e se os atribuem a algum poder. Na verdade, são testemunhos externos à divina escritura. É o que basta por ora.

Afirmamos que Moisés, para nós o profeta de Deus e seu verdadeiro servo, descreve assim a partilha dos povos da terra no cântico do Deuteronômio: "Quando o altíssimo repartia as nações, quando espalhava os filhos de Adão, ele fixou fronteiras para os povos, conforme o número dos filhos de Deus; mas a parte do Senhor foi o seu povo, o lote de sua herança foi Jacó" (Dt 32,8-9). Sobre a divisão das nações, o próprio Moisés, em seu livro do Gênesis, conta na forma de uma história: "Todo o mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras. Como os homens emigrassem para o oriente, encontraram um vale na terra de Senaar e aí se estabeleceram." E pouco depois: "Ora, o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os homens tinham construído. E o Senhor disse: 'Eis que todos constituem um só povo e falam uma só língua. Isso é o começo de suas iniciativas! Agora, nenhum desígnio será irrealizável para eles. Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros.' O Senhor os dispersou dali por toda a face da terra, e eles cessaram de construir a cidade. Deu-se-lhe por isso o nome de Babel, pois foi lá que o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra e foi lá que ele os dispersou sobre toda a face da terra" (Gn 11,1-2.5-9). No livro intitulado Sabedoria de Salomão, que trata da sabedoria e daqueles que viviam por ocasião da confusão das línguas, quando se deu a partilha dos povos da terra, assim se fala da sabedoria: "Quando os povos, concordes na malícia, foram confundidos, ela reconheceu o justo e o guardou imaculado diante de Deus, conservando-o forte, sem abrandar-se diante de seu filho" (Sb 10,5).

O assunto encerra uma profunda doutrina mística à qual se aplicam as palavras: "É bom manter oculto o segredo do rei" (Tb 12,7). Não devemos expor aos ouvidos profanos a doutrina sobre a entrada das almas no corpo que não se dá por metensomatose; não devemos dar aos cães as coisas sagradas, nem lançar as pérolas aos porcos (cf. Mt 7,6). Seria uma impiedade que implica numa traição dos oráculos secretos da sabedoria de Deus, conforme a bela sentença: "A sabedoria não entra numa alma maligna, ela não habita num corpo devedor ao pecado" (Sb 1, 4). Para as verdades ocultas na forma de uma história, basta apresentá-las segundo a forma desta história para permitir àqueles que podem descobrir por si mesmos o significado da passagem.

30. Imaginemos, portanto, todos os povos da terra, utilizando uma mesma língua e, pelo menos enquanto vivem em harmonia uns com os outros, persistindo em usar esta língua divina. Continuam sem se afastar do Oriente enquanto mantêm o espírito sensível aos

efeitos da luz e da irradiação "da luz eterna" (Sb 7,26). E tendo o espírito cheio de preocupações estranhas ao Oriente, ao emigrarem desta terra, encontram "um vale na terra de Senaar", o que pode ser interpretado como abalo dos dentes para indicar simbolicamente que eles perderam os recursos para se alimentarem; e nele habitam. Em seguida, pretendem juntar materiais e unir ao céu o que não pode naturalmente a ele estar associado, para conspirar com a matéria contra o que é imaterial. Eles dizem: "Vinde! Façamos tijolos e cozamo-los ao fogo!" Tornam firme e compacto o que era matéria lamacenta, pretendem transformar o tijolo em pedra e o barro em betume, e desta forma construir "uma cidade e uma torre cujo ápice penetre nos céus", na exaltação de seu orgulho contra o conhecimento de Deus. Então, na medida em que cada um se distanciou mais ou menos do Oriente, na medida em que transformou o tijolo em pedra e o betume em argamassa, todos se entregaram a anjos mais ou menos severos, desta ou daquela natureza, até que cada um tivesse sofrido o castigo de suas audácias. E estes anjos inspiram a cada qual sua língua particular e os conduzem em seguida até às partes da terra que eles merecem, por exemplo uns a uma região ardente, outros a uma região de um frio rigoroso para os que nela habitam, outros a uma região difícil de cultivar, outros a uma outra menos difícil, uns a uma região cheia de animais ferozes, outros a uma outra com menos.

31. Em seguida, na medida em que permite a forma da narrativa que, embora encerre uma certa verdade histórica, manifesta além disso um sentido oculto, devemos ver que alguns conservaram sua língua original, porque não abandonaram o Oriente, mas permanecem no Oriente; devemos compreender que só estes se tornaram a parte do Senhor e seu povo que leva o nome de Jacó, e se tornaram igualmente "o lote de sua herança, Jacó" (Dt 32,9); só estes foram submetidos a um soberano que não recebeu como os outros seus súditos para os punir. Observe-se, enquanto humanamente possível, que na sociedade daqueles que foram atribuídos ao Senhor como sua parte de escolha foram cometidos pecados, a princípio toleráveis e sem merecer para seus autores um abandono total, em seguida mais numerosos, porém ainda toleráveis. Compreendamos que esta situação durou bastante tempo e havia sempre um remédio, e que estes pecadores se convertiam de tempos em tempos. Devemos ver que proporcionalmente aos pecados que eles cometiam, foram abandonados às potências dominadoras de outras terras. Inicialmente, submetidos moderadamente a castigos e penas por assim dizer educadoras, voltaram à pátria; mas, a seguir, devemos considerar que sofreram uma tirania muito dura por parte dos assírios, depois dos babilônios como os chama a Escritura. Em seguida, devemos ver que, apesar da aplicação destes remédios, eles multiplicaram seus pecados e, por essa razão, foram dispersos nas outras partes da terra pelos chefes das outras nações que devastaram seu país. Mas seu chefe os deixa de propósito se desagregarem pelos chefes das outras nações para que, por sua vez, como por vingança pessoal, tendo recebido a faculdade de arrancar das demais nações os que ele podia, ele a exercesse com razão, lhes desse leis e lhes propusesse o gênero de vida a seguir, a fim de os conduzir à meta para onde levou os do primeiro povo que não pecaram.

A parte de Cristo

32. Aos espíritos sensíveis a verdades tão sublimes, esta história mostra como foi superior aos outros poderes aquele que obteve em partilha os que no princípio não pecaram. Ele conseguiu se apoderar de homens escolhidos na parte de todos os poderes, libertá-los daqueles que os tinham recebido para os castigar e trazê-los às leis e ao gênero de vida que os ajudam no esquecimento das faltas passadas. Mas, como ficou dito, esta história deve ser apresentada por nós com um sentido oculto para estabelecer as verdades deformadas por aqueles que disseram: as diferentes partes da terra, desde a origem, foram atribuídas a diferentes poderes tutelares e distribuídas entre os governos existentes; e é a maneira como são administradas. É deles as palavras citadas por Celso.

E como aqueles que abandonaram o Oriente por seus pecados foram entregues "a um espírito perverso", às "suas paixões aviltantes" e "segundo as concupiscências de seu coração à impureza", para que, saciados com o pecado, eles o odiassem, recusamos aprovar a afirmação de Celso: Por causa destes poderes tutelares atribuídos às diferentes partes da terra, o que é feito em cada região é realizado com retidão. Além disso, queremos fazer o que, entre elas, não satisfaz a estes poderes. Pois vemos que existe piedade em infringir as leis estabelecidas desde a origem em cada região, por causa das leis superiores e divinas que Jesus, como o mais poderoso, estabeleceu, arrancando-nos "do presente mundo mau" e "dos príncipes deste mundo votados à destruição" (Gl 1,4; 1Cor 2,6); ao contrário, existe impiedade, em não se lançar aos pés daquele que se manifestou e demonstrou ser mais puro e mais poderoso do que todos os príncipes: ele a quem Deus disse, como os profetas predisseram muitas gerações anteriores: "Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade" (Sl 2,8). É ele que se tornou "esperança" (cf. Gn 49,10) para nós, que provindos "das nações", acreditamos nele e no Deus supremo seu Pai.

33. Estas observações refutam não só sua teoria dos poderes tutelares, mas de certa forma se antecipam ao que Celso disse contra nós: *Mas que apareça o segundo coro: eu lhes perguntarei donde eles vêm, quem é o autor de suas leis tradicionais. Não poderão indicar ninguém. Na verdade, é daí que eles também vêm e não podem indicar como seu mestre e regente nenhuma outra origem. Todavia, eles se separaram dos judeus.* Pois bem! Todos nós, "nestes últimos dias" (cf. Is 2,2-4), viemos aonde nosso Jesus nos visitou, "ao monte do Senhor", sua palavra, "acima de qualquer outra palavra", e à casa de Deus, "que é a igreja do Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade" (1Tm 3,15). Nós a vemos construída "no mais alto das montanhas", as palavras de todos os profetas que lhe servem de fundamento. Esta casa se ergue "acima de todos os outeiros", estes homens que parecem prometer uma superioridade em sabedoria e em verdade. E nós, "todas as nações", subimos para ela, caminhamos, exortando-nos mutuamente à adoração de Deus que, "nestes últimos dias", resplandeceu através de Jesus Cristo: "Vinde, subamos ao monte de Iahweh, à casa do Deus de Jacó, para que ele nos instrua a respeito dos seus caminhos e assim andemos nas suas veredas". Pois a "lei" saiu dos habitantes de "Sião", e nos foi transmitida totalmente

espiritual. Além disso, "a palavra do Senhor" saiu desta "Jerusalém" para ser difundida por toda parte e julgar "cada um no meio das nações", reservando para si aqueles que ela encontra dóceis, mas condenar "a multidão" indócil.

Aos que nos perguntam donde viemos e quem é nosso chefe, respondemos: nós viemos, conforme os conselhos de Jesus, quebrar as espadas racionais de nossas contestações e de nossas violências, transformando-as em relhas de arado e forjando as lanças antes usadas na luta em podadeiras. Pois não mais desembainhamos a espada contra qualquer povo nem nos exercitamos nas artes da guerra: nós nos tornamos filhos da paz por Jesus que é nosso chefe, em vez de seguir as tradições que nos tornavam "estranhos às alianças" da promessa (Ef 2,12); recebemos uma lei com que rendemos graças àquele que nos arrancou do erro, dizendo: "Quão falsos são os ídolos que nossos pais possuíram, e não existe um só que faça chover!" (cf. Jr 16,19; 14,22). De fato, nosso regente e nosso mestre provém dos judeus e ele dá pastagens à terra inteira por meio da palavra de sua doutrina. Referi antecipadamente esta passagem de Celso, acrescentada a muitas outras e a refutei da melhor forma, associando-a às palavras já citadas.

O testemunho de Heródoto

34. Mas, para não deixar de lado o que Celso disse no intervalo, citemos igualmente estas palavras: *A esse respeito, podemos apresentar como testemunha a Heródoto, que se exprime nestes termos: "O povo da cidade de Mareia e Ápis, que habitam as regiões do Egito limítrofes com a Líbia, consideravam-se líbios e não egípcios, e não suportavam as normas referentes aos sacrifícios, recusando-se a se abster de carne de vaca; em consulta ao santuário de Amon, disseram que nada tinham em comum com os egípcios; moravam, diziam, fora do Delta, não partilhavam de suas crenças; e queriam poder comer de tudo. Mas o deus não lhes deu permissão: declarou que o Egito é o país banhado pelo Nilo e que são egípcios os que, habitando abaixo da cidade de Elefantina, bebem a água deste rio." Esta é a história de Heródoto. Ora, Amon não é inferior aos anjos dos judeus para transmitir as vontades divinas. Portanto, não há injustiça alguma no fato de cada povo observar as práticas religiosas de seu país. Sem dúvida, veremos que existe uma diferença considerável entre as nações, e no entanto cada uma delas parece considerar as próprias como as melhores. Os etíopes que habitam Méroe adoram unicamente a Zeus e Dioniso, os árabes a Urânia e Dioniso e apenas a estes. Todos os egípcios adoram a Osíris e Ísis, os saítas a Atena, os naucratitas, desde algum tempo apenas invocam Serápis; os outros seguem cada um respectivamente suas próprias leis. Uns se abstêm de ovelhas, porque honram estes animais como sagrados, outros a cabras, outros a crocodilos, outros a vacas, e se abstêm dos porcos porque os abominam. Os citas consideram uma ação virtuosa comer homens, e existem hindus que pensam realizar uma ação sagrada comendo seus pais. O próprio Heródoto diz isto em algum lugar: e para dar fé, citarei ainda seu texto: "Se efetivamente impuséssemos a todos os homens fazer uma escolha entre todas as*

leis e os obrigássemos a escolher as mais belas, cada qual depois de maduro exame escolheria as de seu país, tão convencidos estão, cada qual de seu lado, de que suas próprias leis são muito mais belas. Nestas condições, não parece possível que apenas um louco transforme em objeto de zombaria coisas desta natureza. E que esta seja a convicção de todos os humanos com relação às leis, podemos ver por numerosos testemunhos, principalmente por este. Dario, no tempo em que governava, chamou os gregos que estavam a seu lado e lhes perguntou quanto queriam para comer seus pais mortos; declararam que não o fariam por nada deste mundo. Em seguida, Dario chamou os hindus que são chamados calátias, os quais comem seus pais; e, em presença dos gregos que, graças a um intérprete, compreendiam o que ele dizia, perguntou-lhes quanto queriam para queimar seus pais falecidos; deram grandes gritos e rogaram a Dario que não pronunciasse palavras de mau agouro. Tais são de fato os costumes estabelecidos; e, a meu ver, Píndaro tinha razão em dizer que o costume reina sobre todos."

35. Com base nestes exemplos, o argumento parece a Celso levar a esta conclusão: É preciso que todos os homens vivam conforme suas tradições para assim não incorrerem em censuras; mas os cristãos, que abandonaram suas tradições e não constituem um povo único como os judeus, merecem censura por aderirem ao ensinamento de Jesus. Que ele nos diga então se os filósofos que ensinam que não se deve ser supersticioso têm o dever de abandonar as tradições, até mesmo de comer os alimentos proibidos em suas pátrias, ou se uma tal conduta é contrária ao dever. Pois, se é por causa da filosofia e das lições que proíbem a superstição que eles podem, desprezando traições, comer alimentos proibidos desde o tempo de seus antepassados, por que não os cristãos? O logos lhes prescreve que não parem diante das estátuas, das imagens ou mesmo das criaturas de Deus, mas subam além delas e apresentem sua alma ao criador: por que, comportando-se como os filósofos, não seriam eles irrepreensíveis? Se para salvar a tese deles, Celso e seus adeptos afirmam que mesmo um filósofo deverá observar as tradições, então os filósofos se tornarão perfeitamente ridículos, por exemplo no Egito, evitando comer cebola para observar as tradições, ou certas partes do corpo como a cabeça ou as espáduas para não contrariar os costumes ancestrais. E ainda não falo destes egípcios que tremem aos ruídos vulgares de flatulência. Se algum deles tendo-se tornado filósofo guardasse as tradições, seria um filósofo ridículo, sem filosofia em sua conduta. O mesmo acontece quando somos conduzidos pelo logos a adorar ao Deus do universo, se, por causa das tradições, ficamos abaixados diante das imagens e das estátuas humanas; e se recusamos erguer-nos, por vontade refletida até ao criador, somos então semelhantes a homens que, apesar das luzes da filosofia, temeriam o que não precisa ser temido e julgaríamos coisa ímpia comer tais alimentos.

36. Quem é então este Amon de Heródoto em quem Celso busca sua citação para provar que é um dever de todos respeitar as tradições? Pois Amon não permite ao povo de Mareia e de Ápis, que habitam as regiões limítrofes com a Líbia, serem indiferentes em comer carne de vaca, prática não só indiferente em si, mas também que não impede a

ninguém de ser honesto. Se o Amon destes povos tivesse proibido comer carne de vaca porque o animal é útil à agricultura, e além disso porque é principalmente às vacas que a raça bovina deve seu crescimento, talvez o preceito fosse plausível. Mas na verdade ele quer apenas dizer: como eles bebem a água do Nilo, eles devem respeitar as leis egípcias sobre as vacas. Muito mais, Celso acrescenta esta zombaria sobre os anjos, considerados pelos judeus como mensageiros de Deus: Amon não é inferior aos anjos dos judeus para transmitir as vontades divinas. Não examinou o sentido de suas mensagens e aparições. Pois teria visto que "Deus não se preocupa com os bois" (1Cor 9,9), mesmo quando parece fazer leis sobre os bois ou os animais sem razão; mas o que está escrito por causa dos homens, aparentemente a propósito de animais sem razão, contém certa verdade natural.

Diz Celso: Não há injustiça alguma em que cada um queira observar as práticas religiosas de seu país. A consequência disso, segundo ele, é que os citas não cometem injustiça comendo os homens segundo suas tradições. Os hindus que comem seus pais, na opinião de Celso, imaginam que realizam uma ação santa ou pelo menos que não cometem qualquer injustiça. Em todo caso, cita uma passagem de Heródoto em favor do princípio segundo o qual convém que todo homem siga as leis de seu país, e ele parece aprovar os hindus que chamamos calátias do tempo de Dario, que comiam seus pais, porque, à pergunta de Dario: quanto queriam para abandonar esta lei, "eles deram grandes gritos e pediram que não pronunciasse palavras de mau agouro."

As duas leis

37. Devemos, portanto, falar de duas leis em geral: uma, a lei da natureza, da qual podemos dizer que Deus é o autor; a outra, a lei escrita das cidades. Quando a lei escrita não contradiz a de Deus, convém não perturbar os cidadãos com leis estrangeiras. Mas, quando a lei da natureza, quer dizer de Deus, ordena o contrário da lei escrita, vê se a razão não ordena que dispensemos os textos e a intenção dos legisladores e nos entreguemos ao Deus legislador e escolhamos uma vida conforme com seu logos, ainda que tenhamos de enfrentar riscos, mil sofrimentos, a morte e a infâmia. Quando as ações que agradam a Deus são contrárias às que agradam a certas leis das cidades, e é impossível agradar a Deus e aos que cuidam da aplicação destas leis, seria absurdo desprezar as ações pelas quais agradaríamos ao criador do universo e escolheríamos aquelas pelas quais desagradaríamos a Deus satisfazendo plenamente às leis e aos que as amam.

Se é razoável, acerca dos outros pontos, preferir a lei da natureza, que é a lei de Deus, àquela que está escrita e promulgada pelos homens em contradição com a lei de Deus, quanto mais não será quando se trata de leis sobre o culto a se prestar a Deus? Assim sendo, não adoraremos, como os egípcios que moram nas redondezas de Méroe, apenas a Zeus e Dioniso como lhes apraz adorar, nem prestarem a mínima honra aos deuses da Etiópia à maneira etíope; nem pensaremos como os árabes que Urânia e Dioniso sejam os únicos deuses, nem mesmo admitiremos de modo algum que sejam

deuses nos quais os súditos honram os sexos masculino e feminino, pois os árabes adoram a Urânia como fêmea e a Dioniso como macho; nem tampouco como todos os egípcios consideraremos Osíris e Ísis como deuses, nem associaremos a eles Atena segundo a opinião dos saítas. E mesmo se os naucratitas outrora decidiram adorar outros deuses, e começaram há não muito tempo, a venerar a Serápis que jamais tinha sido deus, nem por isso também vamos fazer um novo deus daquele que antes não era deus, e nem mesmo era conhecido dos homens. Mas, o Filho de Deus, "Primogênito de toda a natureza" (Cl 1,15), embora pareça ter-se feito homem recentemente, nem por isso é novo. As divinas escrituras sabem perfeitamente que ele é anterior a todas as criaturas: foi a ele que Deus, quando criou o homem, dirigiu as palavras: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" (Gn 1,26).

38. Pretendo mostrar como Celso comete disparates ao dizer que todos devem prestar culto aos deuses particulares de seu país. Diz ele que os etíopes que habitam Méroe conhecem apenas dois deuses, Zeus e Dioniso, os únicos que eles adoram; que os árabes, igualmente, adoram apenas dois deuses, a Dioniso como os etíopes, e a Urânia que é deles. E segundo o que ele afirma, nem os etíopes adoram a Urânia, nem os árabes a Zeus. Assim sendo, encontrando-se um etíope por acaso entre os árabes, julgado ímpio por se recusar a adorar a Urânia e desta forma pondo em risco sua vida, porventura deverá morrer ou violar as suas tradições e adorar a Urânia? Se ele tivesse o direito de violar suas tradições, cometeria uma impiedade de acordo com os argumentos de Celso. Mas se fosse levado ao suplício, mostre Celso que seria razoável escolher a morte. Não sei se a doutrina dos etíopes lhes ensina a filosofar sobre a imortalidade da alma e a recompensa devida à piedade quando eles adoram, de acordo com as leis tradicionais de pretensos deuses. O mesmo se diria dos árabes que tenham vindo por acaso viver entre os etíopes e moram nas redondezas de Méroe. Também eles, educados para adorar unicamente a Urânia e a Dioniso, recusariam adorar a Zeus com os etíopes. Se então, considerados como ímpios, fossem conduzidos ao suplício, diga Celso o que deveriam fazer segundo a razão!

Entrar aqui em detalhes sobre os mitos de Osíris e Ísis seria um trabalho supérfluo. Mesmo interpretados alegoricamente, eles nos ensinariam a adorar a água inanimada e a terra que os homens e todos os animais pisam: é assim que fazem, creio eu, de Osíris a água e de Ísis a terra. Acerca de Serápis existe uma história longa e incoerente: ele foi introduzido não faz muito tempo por certos sortilégios de Ptolomeu, desejoso de apresentá-lo aos alexandrinos como um deus visível. Li nos escritos do pitagórico Numênio, acerca da constituição de Serápis, que ele participava da natureza de todos os animais e vegetais regidos pela natureza. Parece ter sido assim estabelecido como deus, graças aos mistérios profanos e às práticas de feitiçaria que evocam os demônios: e isso não se deu por obra dos escultores apenas, mas também dos mágicos, dos feiticeiros e dos demônios influenciados por seus encantamentos.

39. Por isso é preciso procurar o alimento que convém ou não convém ao animal racional e civilizado que faz tudo com reflexão, em vez de adorar ao acaso as ovelhas, as

cabras e as vacas. Abster-se de comer destas carnes é normal, em vista da grande utilidade destes animais para os homens. Mas poupar crocodilos e considerá-los como consagrados a não sei que divindade mitológica, não é, porventura, o cúmulo da estultice? Será preciso ser extravagante para poupar animais que não nos poupam, venerar animais que devoram homens! Mas Celso aprova aqueles que segundo suas tradições adoram os crocodilos e os veneram, e não escreveu discursos contra eles. Por outro lado, os cristãos lhe parecem repreensíveis, porque aprenderam a abominar o vício e a evitar as ações que delas decorrem, a adorar e a honrar a virtude como nascida de Deus e do Filho de Deus. Pois não se deve acreditar, conforme o gênero feminino de seu nome, que a virtude e a justiça sejam igualmente femininas em sua essência: segundo julgamos, elas são o Filho de Deus, como seu verdadeiro discípulo o determinou dizendo: "Ele que em nome de Deus se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção" (1Cor 1,30). Portanto, mesmo quando nós o chamamos "segundo Deus", esta denominação, é bom saber, não designa para nós senão a virtude que engloba todas as virtudes, o logos que engloba tudo o que há de razão das coisas que foram criadas conforme as leis da natureza, seja principalmente, seja para a utilidade do todo. Este logos, dizemos nós, agrega-se à alma de Jesus por uma união muito mais íntima do que a qualquer outra alma, pois só ele era capaz de conter perfeitamente a participação suprema do Logos em pessoa, da Sabedoria em pessoa, da Justiça em pessoa.

40. Tendo tratado desta forma as diferentes leis, Celso conclui: A meu ver, Píndaro tinha razão ao dizer que a lei reina sobre todos. Que me seja permitido insistir mais uma vez neste ponto. Que lei, meu caro, dizes reinar sobre todos os cidadãos? Mas, tomando a lei no sentido estrito, é exatamente ela que, por natureza, reina sobre todos, a despeito daqueles que, como os salteadores, tiram proveito da lei, a renegam para viverem de pilhagem e injustiça. Nós cristãos, portanto, sabendo que a lei que por natureza reina sobre todos é idêntica à lei de Deus, nos esforçaremos por viver segundo ela, dizendo adeus às leis que não são leis.

A pretensão dos judeus

41. Examinemos também as palavras seguintes de Celso, dentre as quais poucas são as que dizem respeito aos cristãos e a maior parte tem a ver com os judeus: *Portanto, se em virtude deste princípio, os judeus observassem ciosamente sua própria lei, não poderíamos criticá-los, mas muito antes aqueles que abandonaram suas tradições, para adotarem as dos judeus. Mas, se quiserem se orgulhar de uma sabedoria mais profunda e fugir da sociedade dos outros que eles julgam menos puros, já têm a resposta: até sua doutrina sobre o céu não é deles, mas, para omitir todos os outros exemplos, era também há muito tempo a doutrina dos persas, como Heródoto diz em alguma parte: "Costumam subir aos mais altos cumes para oferecerem sacrifícios a Zeus, chamando Zeus a todo o círculo do céu." Ora, penso ser indiferente chamar a Deus de Zeus Altíssimo, Zen, Adonai, Sabaot, Amon como entre os egípcios, Papaeos*

como os citas. E certamente os judeus não são mais santos do que os outros povos por serem circuncisos: os egípcios e os colcos já eram antes deles; nem por se absterem de carne de porco: assim o fazem os egípcios que também se abstêm de comer carne de cabra, ovelha, boi e peixe; assim o fazem Pitágoras e seus discípulos, que se abstêm de favas e de todo ser animado vivo. Não é absolutamente possível que eles gozem do favor e do amor de Deus num grau mais eminente do que os outros, nem que anjos sejam enviados do céu somente a eles, como se tivessem obtido em partilha uma terra de bem-aventurados: vemos perfeitamente que tratamento mereceram eles e seu país. Que este coro portanto vá embora, depois de ter recebido o castigo de sua arrogância, pois não conheceu o grande Deus, mas, seduzido e iludido pela impostura de Moisés, entrou para a escola dele para sua desgraça.

42. É claro que Celso critica os judeus por mentirem pretendendo ser a parte escolhida do Deus supremo, acima de todas as nações. Por isso os acusa de arrogância, pois se fazem glória do grande Deus quando na verdade não o conheceram, mas seduzidos pela impostura de Moisés e iludidos por ele, entraram para a escola dele para sua desgraça. Ora, nas páginas anteriores, descrevi em parte o regime venerável e superior dos judeus, no tempo em que subsistia para eles a imagem ideal da cidade de Deus e de seu templo, e do culto sacerdotal no templo e sobre o altar. E se tendo o espírito fixo na intenção do legislador e do regime que ele estabeleceu, examinássemos as práticas judaicas para compará-las à conduta atual dos outros povos, não admiraríamos a nenhum mais, pois na medida humanamente possível, eles tinham repudiado tudo o que é inútil à humanidade, conservando apenas os verdadeiros bens. Por isso não tinham jogos públicos, espetáculos, corridas de cavalos, nem mulheres vendendo sua beleza a quem desejasse desperdiçar sua semente ultrajando a natureza da procriação humana.

Como era bom, entre eles, ser instruído desde a mais tenra idade acima de toda a natureza sensível, em pensar que Deus não reside em nenhum lugar nela, e a procurá-lo acima e além dos corpos! Como era grandioso ser instruído, quase desde o nascimento e da formação da razão, sobre a imortalidade da alma, sobre os tribunais subterrâneos, sobre as recompensas merecidas por uma vida virtuosa! Estas verdades eram então pregadas sob a forma de história para crianças, porque tinham a inteligência de crianças. Mas, logo, para aqueles que procuravam a doutrina e queriam nela progredir, as histórias de outrora se transfiguravam, por assim dizer, deixando ver a verdade que elas encerravam. E penso que eles mereceram ser chamados a parte da herança de Deus por terem desprezado toda adivinhação como uma vã fascinação dos homens, proveniente de demônios perversos e não de uma natureza superior, e por terem procurado conhecer o futuro junto às almas que tinham obtido por sua extrema piedade o espírito do Deus supremo.

43. Será preciso dizer o quanto a lei, ao proibir aos judeus manterem em escravidão por mais de seis anos um correligionário, está conforme com a razão, e isto sem injustiça nem para o senhor nem para o escravo? Portanto, se os judeus devem observar ciosamente a própria lei, não é em virtude dos mesmos princípios adotados pelos outros

povos. Eles mereceriam censura e repreensão por serem insensíveis à superioridade de suas leis, se acreditassem que elas foram escritas da mesma maneira que as leis dos outros povos. E, apesar do que afirma Celso, os judeus têm uma sabedoria mais profunda não só do que a das massas, mas também do que a dos homens que são considerados filósofos, pois os filósofos, depois de seus sublimes raciocínios filosóficos, se abaixam até aos ídolos e demônios, ao passo que até o último dos judeus tem os olhos fixos no único Deus supremo. E têm de fato razão, pelo menos de se gloriarem e evitarem a sociedade dos outros que eles julgam impuros e ímpios. Oxalá não tivessem pecado por suas transgressões, primeiro por matarem os profetas, depois conspirando contra Jesus! Teríamos neles um modelo da cidade celeste que o próprio Platão procurou descrever; mas não sei se ele teria podido cumprir tudo o que realizaram Moisés e seus sucessores, que educaram uma "raça escolhida", "uma nação santa" (1Pd 2,9) e consagrada a Deus, por doutrinas isentas de toda superstição.

44. Como Celso pretende equiparar as leis sagradas dos judeus com as leis de certos povos, que me seja permitido examinar ainda este ponto. Penso que a doutrina sobre o céu não é diferente da doutrina sobre Deus, e ele diz que os persas, como os judeus, oferecem sacrifícios a Zeus, subindo aos mais altos cumes. Não vê que os judeus reconhecem apenas um Deus, e igualmente só têm uma única casa de oração, um único altar dos holocaustos, um único incensório para o incenso, um único sumo sacerdote de Deus. Os judeus, portanto, nada tinham de comum com os persas que sobem aos mais altos cumes que são em grande número, e fazem sacrifícios que nada têm de comparável aos da lei mosaica. Segundo esta, os sacerdotes judeus celebravam um culto "que era cópia e sombra das realidades celestes" (Hb 8,5), mas expunham secretamente o significado da lei sobre os sacrifícios e as realidades de que eram figuras. Chamem, pois, os persas este círculo do céu de Zeus; nós, porém, declaramos que, para nós, o céu não é nem Zeus, nem Deus, pois sabemos que existem igualmente seres inferiores a Deus, elevados acima dos céus e de toda a natureza sensível. Eis em que sentido compreendemos as palavras: "Louvai-o, céus dos céus e águas acima dos céus! Louvem o nome do Senhor!" (Sl 148,4-5).

Os nomes divinos

45. E como Celso acha que é indiferente chamar a Deus de Zeus Altíssimo, Zen, Adonai, Sabaot, Amon como os egípcios, Papaeos como os citas, que me seja permitido dizer ainda algumas palavras sobre este ponto, lembrando ao leitor o que ficou dito acima quando o texto de Celso nos convidava a este exame. Ainda aqui, digo que a natureza dos nomes não se reduz às definições convencionais daqueles que os dão, como julga Aristóteles. Pois as línguas em uso entre os homens não têm sua origem nos homens: é coisa evidente quando podemos refletir sobre a natureza dos encantamentos adaptados pelos inventores das línguas à diferença das línguas e à diferença de pronúncia dos nomes; a este respeito dei alguma explicação breve acima dizendo que os nomes naturalmente eficazes numa língua determinada perdem, por sua tradução numa outra

língua, o efeito que tinham em suas sonoridades particulares. É o que encontramos entre os homens: a quem recebeu desde o nascimento um nome próprio em língua grega, não poderíamos fazer experimentar ou realizar, traduzindo seu nome em língua egípcia, romana ou outra, o que ele experimentaria ou realizaria ao ouvir alguém chamá-lo pelo nome que lhe foi primitivamente imposto. Tampouco, traduzindo em grego o nome de um homem chamado no começo por um nome romano, não poderíamos obter o efeito que o encantamento pretende obter conservando o nome primitivamente dado.

Se tal sucede aos nomes humanos, o que deveremos pensar dos nomes atribuídos por uma razão ou outra à divindade? Por exemplo, existe em grego uma tradução da palavra Abraão, um significado do nome Isaac, um sentido evocado pelo som Jacó. E se numa invocação ou num juramento, chamamos "o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó", a fórmula produz seu efeito, quer pela qualidade natural destes nomes, quer pelo poder. Pois os demônios são vencidos e dominados por aquele que pronuncia estes nomes. Mas se dizemos: o Deus do pai escolhido do eco, o Deus do riso, o Deus do suplantador, só obteremos algum efeito com um outro nome sem poder. Não teríamos mais qualquer resultado traduzindo em grego ou em outra língua o nome de Israel; mas conservando-o e acrescentando a ele aqueles aos quais os peritos na matéria costumam uni-lo, podemos realizar o efeito prometido a estas invocações feitas nesta língua. A mesma coisa se dirá da palavra Sabaot, frequentemente empregada nos encantamentos. Traduzindo-se este nome: "Senhor dos poderes", "Senhor dos exércitos", "Todo-poderoso" — pois seus tradutores lhe dão diferentes acepções — o efeito será nulo; mas, se for conservada sua sonoridade própria, dizem os especialistas que será obtido seu efeito. O mesmo se dirá da palavra "Adonai". Portanto, se nem Sabaot, nem Adonai, na tradução grega do sentido que estas palavras parecem ter, produzem qualquer efeito, menor eficácia e poder terão, acreditando-se ser indiferente chamar a Deus de Zeus Altíssimo, Zen, Adonai, Sabaot!

46. Instruídos sobre tais segredos e outros semelhantes, Moisés e os profetas proibiram que "os nomes de outros deuses" (Ex 23,13; Sl 15,4) fossem pronunciados por uma boca habituada a só invocar o Deus supremo e que eles fossem lembrados dentro de um coração exercitado em se manter longe de toda vaidade de pensamentos e palavras. É também a razão por que preferimos suportar todos os maus tratos a reconhecer a Zeus como Deus. Pois pensamos que Zeus não é idêntico a Sabaot, mas, longe de ser uma divindade, ele é apenas um demônio que gosta de ser assim chamado, inimigo dos homens e do Deus verdadeiro. E ainda que os egípcios nos proponham Amon ameaçando-nos com castigos, preferimos morrer a proclamar Amon como Deus: provavelmente é um nome utilizado em certos encantamentos egípcios que evocam este demônio. Que chamem os citas de Papaeos ao Deus supremo: nós não acreditaremos nele. Nós admitimos, sim, o Deus supremo, mas recusamos dar a Deus o nome próprio de Papaeos, que é apenas um nome que agrada ao demônio que tem como partilha o deserto, a raça e a língua dos citas. Mas não é pecar dar a Deus o nome comum em língua cita, egípcia, ou qualquer outra língua materna.

A circuncisão

47. A circuncisão dos judeus não tem a mesma razão que a circuncisão dos egípcios e dos colcos. Por isso não se deve ver aí uma circuncisão idêntica à deles. Assim como o sacrificante não sacrifica à mesma divindade, ainda que pareça oferecer ritos sacrificiais semelhantes, e o homem que não invoca a mesma divindade, mesmo que os pedidos de orações sejam idênticos, assim também é falso dizer que não existe qualquer diferença entre as circuncisões, pois elas são totalmente diferentes por causa da finalidade, da lei, da intenção daquele que as pratica. Para melhor compreensão, podemos dizer também: o nome da justiça é o mesmo para todos os gregos. Mas a prova aí está: uma é a justiça de Epicuro, outra a dos estoicos que negam a divisão tripartida da alma, outra a dos platônicos que veem na justiça um ato de cada uma das partes da alma. Assim também, outra é a coragem de Epicuro que suporta sofrimentos para evitar um número maior deles, outra a do estoico que escolhe qualquer outra virtude por ela mesma, outra a do platônico que sustenta que é uma virtude da parte irascível da alma e a localiza em volta do peito. Desta forma, segundo as diferentes doutrinas daqueles que se fazem circuncidar, a circuncisão pode ser diferente. É um assunto de que não precisamos falar agora num tratado como o presente; se alguém quiser conhecer os motivos que me levaram a esta posição, leia a este respeito meu comentário sobre a epístola de Paulo aos romanos.

48. Os judeus, sem dúvida, orgulham-se de sua circuncisão, distinguindo-a não só da dos colcos e egípcios, mas igualmente da dos árabes ismaelitas, embora Ismael seja filho de Abraão seu ancestral e tenha sido circuncidado com ele. De acordo com os judeus, a circuncisão principal é a que se pratica no oitavo dia e não é a mesma que é devida às circunstâncias. Talvez tenha sido praticada por causa de um anjo inimigo da nação judia, capaz de prejudicar aqueles dentre eles que eram incircuncisos, mas sem poder contra os circuncisos. Dirá alguém, aí está o que mostra a passagem do Êxodo em que o anjo, antes da circuncisão de Eleazar podia agir contra Moisés, mas depois que ele foi circuncidado não teve mais força. E sabendo disso, "Séfora tomou uma pedra aguda, cortou o prepúcio de seu filho", dizendo em testemunho das lições comuns das cópias: "O sangue da circuncisão de meu filho parou", mas segundo o próprio texto hebreu: "Tu és para mim um esposo de sangue" (Ex 4,24-26); pois ela conhecia a história deste anjo que tinha um poder antes da efusão do sangue, poder que o sangue da circuncisão a fez perder: eis por que ela lhe diz: "Tu és para mim um esposo de sangue."

A estas considerações, que podem parecer supér- fluas e inadaptadas ao povo em geral, que eu tive a ousadia de expor, acrescentarei, antes de seguir em frente, uma reflexão mais cristã. Este anjo, a meu ver, tinha um poder contra os incircuncisos do povo, em geral, contra aqueles que adoravam apenas o criador; além disso, ele tinha este poder durante o tempo em que Jesus ainda não tinha assumido um corpo. Assim que ele o assumiu e foi circuncidado, foi então destruído todo o poder deste anjo contra os incircuncisos desta religião; pois Jesus o destruiu por sua inefável divindade. Por isso a proibição a seus discípulos de se circuncidarem e a afirmação: "Se vos fizerdes

circuncidar, Cristo de nada vos servirá" (Gl 5,2).

49. Além disso, se os judeus se orgulham de se absterem de carne de porco, não é porque exista algum grande mérito, mas porque aprenderam a diferença natural entre animais puros e impuros, e sabem a razão disso, e porque o porco se encontra entre os animais impuros. Isto eram apenas figuras de outras realidades antes da vinda de Jesus; depois dela, seu discípulo ainda não compreendia a razão destas proibições e objetava: "De modo algum, Senhor, pois jamais comi coisa alguma profana e impura!"; e ouviu a palavra: "Ao que Deus purificou, não chames tu de profano" (At 10,14-15). Portanto, não importa nem aos judeus nem a nós mesmos que os sacerdotes do Egito se abstenham não só de carne de porco, mas também de cabra, ovelha, boi e peixe. Como "não é o que entra pela boca que torna o homem impuro" (Mt 15,11.17) e que "não são os alimentos que nos aproximam de Deus" (1Cor 8,8), não nos gloriamos de nossas abstinências, mas tampouco comeremos movidos por glutonaria. Assim sendo, no que nos diz respeito, desejamos boa sorte aos discípulos de Pitágoras que se abstêm dos seres vivos. Mas é preciso ver a diferença do motivo pelo qual se abstêm dos seres vivos os discípulos de Pitágoras e nossos ascetas. Eles praticam esta abstinência dos seres vivos por causa do mito da metensomatose da alma. E quem "seria tão louco de elevar até o céu seu filho bem-amado e imolá-lo com imprecações"? Mas nós, por esta mesma prática castigamos nosso corpo e o sujeitamos a nós; queremos "mortificar nossos membros terrestres: fornicação, impureza, impudicícia, paixão, mau desejo"; tudo fazemos para mortificar "as obras de nosso corpo" (cf. 1Cor 9,17; Cl 3,5; Rm 8,13).

O favor de Deus

50. Celso acrescenta esta observação sobre os judeus: não é possível que eles gozem do favor e do amor de Deus num grau mais elevado do que os outros, nem que anjos sejam enviados a eles unicamente, como se tivessem obtido em herança uma terra de bem-aventurados: vemos perfeitamente que tratamento eles mereceram, eles e seu país. Refutarei pois isto dizendo: este povo usufruiu o favor de Deus como mostra já o fato de que o Deus supremo é chamado "Deus dos hebreus", mesmo por aqueles que são estranhos à nossa fé. E justamente porque gozavam de seu favor, enquanto não foram abandonados por ele, continuavam, apesar de seu pequeno número, a serem protegidos pelo poder divino; desta forma, sob Alexandre da Macedônia nada sofreram de sua parte, embora certas convenções e juramentos os tivessem impedidos de tomar as armas contra Dario. Dizem mesmo que então o sumo sacerdote dos judeus, revestido de suas vestes sagradas, foi adorado por Alexandre, que diz ter tido durante o sono a aparição de um ser revestido com tais vestimentas, prometendo-lhe que ele submeteria a Ásia inteira. Nós cristãos, portanto, declaramos: tiveram a sorte de gozar logo do favor e do amor de Deus num grau mais elevado do que os outros. Mas esta disposição favorável nos foi dada quando Jesus transferiu seu poder, que atuava entre os judeus, para aqueles gentios que nele acreditaram. É por isso que os romanos, apesar de seus numerosos planos contra os cristãos para impedi-los de subsistir por mais tempo, não obtiveram êxito. Com efeito, a

mão divina garantia a sua defesa para que a palavra de Deus fosse difundida de um recanto da terra da Judeia a todo o gênero humano.

51. Depois de ter respondido, na medida do possível, às acusações levantadas por Celso contra os judeus e sua doutrina, que me seja permitido, a propósito da passagem que segue, provar que para nós não há arrogância alguma em pretender conhecer o grande Deus, e que não fomos seduzidos, como acredita Celso, pela impostura de Moisés e de nosso próprio salvador. E foi pelo nosso bem que ouvimos Deus que fala por Moisés, e sobre seu testemunho de que ele é Deus, aceitamos Jesus como Filho de Deus. E nutrimos as mais belas esperanças quando vivemos segundo sua palavra.

Eu me absterei deliberadamente de voltar às palavras já citadas ensinando de onde viemos, quem é nosso chefe, qual é a sua lei. A pretensão de Celso em não fazer nenhuma diferença entre nós e os egípcios que adoram o bode, o carneiro, o crocodilo, o boi, o hipopótamo, o cinocéfalo, o gato só diz respeito a ele mesmo e aos que a esse respeito estão de seu lado. Mas pelos numerosos argumentos que antecedem, justifiquei da melhor forma a honra prestada a nosso Jesus, e mostrei que encontramos um bem superior. E quando só nós afirmamos que a verdade pura e sem mistura de erro está no ensinamento de Jesus Cristo, não é a nós mesmos que exaltamos, mas a nosso mestre a quem o Deus supremo prestou homenagem por tantos sinais, pelos discursos proféticos dos judeus, e pela própria evidência. Pois é manifesto que ele não pôde realizar sem a ajuda de Deus semelhantes obras.

O Anjo e os anjos

52. Eis a passagem de Celso que pretendo examinar agora: *Está bem! Deixemos de lado tudo o que os confunde a respeito de seu mestre; admitamos que ele foi um anjo verdadeiro. Terá sido ele o primeiro e único a vir ou terá havido outros anteriormente? Se respondessem que ele foi o único, estariam convencidos de mentira e contradição. Pois eles dizem que muitas vezes vieram outros, e mesmo até sessenta ou setenta ao mesmo tempo; que eles se perverteram e, como punição, foram acorrentados debaixo da terra, e por isso as fontes quentes são suas lágrimas. Além disso, veio até seu túmulo um anjo — alguns dizem um, outro dizem dois — anunciar às mulheres que ele tinha ressuscitado. Pois o Filho de Deus, pelo que parece, não poderia abrir o túmulo, mas ele teve necessidade de um outro para remover a pedra. E mais, veio também um outro anjo ao carpinteiro para explicar a gravidez de Maria, e um outro anjo para fazê-los fugir tirando a criança do perigo. Mas, de que serve investigar tudo minuciosamente e arrolar os que, segundo dizem, foram enviados a Moisés e a outros dos seus? Ora, se também outros foram enviados, é claro que Jesus também veio da parte do próprio Deus. Digamos que ele tenha tido uma mensagem de uma outra importância: por exemplo, que os judeus estavam cometendo erros, falsificando a religião, praticando ações ímpias. É o que nos dão a entender.*

53. Para respondermos às palavras de Celso, bastaria lembrar o que eu disse nas

investigações particulares sobre nosso salvador Jesus Cristo. Mas, para não dar a impressão de desconsiderar de propósito uma passagem de seu tratado como se eu fosse incapaz de refutá-la, que me seja permitido, com o risco de eu me repetir, pois Celso a isso me obriga, discuti-la o mais brevemente possível: talvez as mesmas questões apresentem um aspecto mais claro ou mais novo. Ele declara ter deixado de lado tudo o que confunde os cristãos a respeito de seu mestre, mas nada deixou do que podia dizer, como mostra o trecho anterior, o que na verdade não passa de um procedimento retórico. Mas não estamos confusos a respeito de nosso tão grande salvador, embora nosso caluniador imagine que nos confunda: é o que revelará uma leitura cuidadosa e leal de tudo o que lhe diga respeito, profecias e história.

Em seguida, ele pensa fazer uma concessão dizendo a respeito do salvador: Admitamos que ele foi um anjo verdadeiro. Nós dizemos: sem dúvida, admitimos este fato, não porque Celso nos faça esta concessão, mas porque vemos a obra daquele que veio visitar todo o gênero humano por sua palavra e seu ensinamento, na medida em que cada um daqueles que o acolhem era capaz disso. Era obra não apenas de um anjo mas, como o chama a profecia que a ele se refere, do anjo do "grande conselho" (Is 9,6). Pois ele anunciou aos homens o grande conselho que sobre eles formava o Deus e Pai do universo: que aqueles que consentem em viver numa piedade pura se elevam por suas grandes ações até Deus, que aqueles que não o acolhem se afastam de Deus e caminham para a perdição pela recusa de acreditar em Deus.

Ele continua: Ainda que este anjo tenha vindo aos homens, terá sido o primeiro e único, ou terá havido outros anteriormente? E pensa responder a cada membro da alternativa por diversos argumentos. De fato, nenhum cristão verdadeiro diz que Cristo é o único a ter vindo visitar o gênero humano. Mas, como se alguém lhe respondesse que ele foi o único, Celso replica que outros apareceram aos homens.

54. *Em seguida, ele se refuta a si mesmo a seu modo: Estamos longe de afirmar que ele é o único a ter vindo ao gênero humano. Mas aqueles que sob pretexto de ensinar em nome de Jesus se afastaram do criador como de um ser inferior, e foram como a um ser superior ao Deus e Pai daquele que veio, reconhecem que mesmo antes dele alguns vieram da parte do criador visitar o gênero humano.* Examinando com lealdade a questão, direi que Apeles, discípulo de Marcião, que se tornou o autor de uma heresia e vê as escrituras judaicas como um mito, afirma que só Jesus veio visitar o gênero humano. Portanto, à sua afirmação de que Jesus é o único a ter vindo aos homens da parte de Deus, Celso não poderia logicamente revidar que outros também vieram, pois Apeles, como já se disse, não acredita nas escrituras judaicas que fala dos milagres: com tanto maior razão recusará admitir a passagem que Celso parece ter citado do livro de Enoc sem tê-lo compreendido. Portanto, ninguém nos convence de mentira nem de contradição, como se disséssemos que nosso salvador veio sozinho, quando, na verdade, muitas vezes vieram outros. Quando ele discute a vinda dos anjos aos homens, faz total confusão ao citar passagens obscuras tiradas do livro de Enoc. Parece não tê-lo lido, nem sabe que o livro intitulado Enoc em geral não é considerado divino nas igrejas; poderíamos, porém, crer que ele tirou deste livro a afirmação: Desceram ao mesmo

tempo sessenta e setenta anjos que se perverteram.

55. Mas, concedamo-lhe generosamente o que ele não descobriu no livro do Gênesis: "Os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram como mulheres todas as que lhes agradaram" (Gn 6,2). Contudo, a esse respeito persuadirei aqueles que são capazes de compreender a intenção do profeta que, conforme um de nossos predecessores, a passagem diz respeito à doutrina das almas que estavam desejosas de viver num corpo humano e que, segundo ele, chamamos em sentido figurado "filhas dos homens". Mas, apesar do que se possa dizer sobre a passagem sobre os filhos de Deus que desejaram as filhas dos homens, ela não dá a Celso qualquer apoio para afirmar que Jesus não foi o único a vir como um anjo aos homens, pois manifestamente é o salvador e o benfeitor de todos os que se converteram da onda dos vícios.

Depois, misturando e confundindo o que aprendeu ninguém sabe quando, nem em que texto, considerado ou não como doutrina divina pelos cristãos, ele diz que os que desceram, ao mesmo tempo sessenta ou setenta, foram acorrentados como castigo debaixo da terra. E parece citar Enoc, mas sem nomeá-lo; daí surgiu a afirmação de que as fontes quentes são suas lágrimas, e isto coisa que não se diz nem se ouve nas igrejas de Deus. Pois ninguém é tão estúpido de imaginar materialmente como lágrimas de homens as lágrimas dos anjos descidos do céu. E se fosse permitido responder por uma brincadeira à seriedade das objeções de Celso contra nós, poderíamos dizer: ninguém, ao falar das fontes quentes, cuja maior parte é água doce, as chamaria de lágrimas de anjos, porque as lágrimas são naturalmente salgadas; a não ser talvez que os anjos de Celso chorem lágrimas de água doce!

56. Ele mistura coisas incompatíveis e equipara entre elas coisas dessemelhantes; e, depois de ter falado dos sessenta ou setenta anjos que desceram, segundo ele, e cujos prantos, a acreditarmos nisto, seriam fontes quentes, ele acrescenta que então vieram ao túmulo de Jesus, como dizem, dois anjos conforme uns, e um apenas conforme outros. Não observou, penso eu, que Mateus e Marcos falaram de um só, Lucas e João de dois, o que não é contraditório. Os outros designam por um só anjo aquele que fez rolar a pedra do sepulcro, e por dois anjos os que se apresentaram "com veste fulgurante" às mulheres que tinham vindo ao túmulo, ou os que tinham sido vistos no interior "sentados vestidos de branco" (Lc 24,4; Jo 20,12). Seria possível mostrar aqui que cada uma destas aparições é ao mesmo tempo um acontecimento histórico e uma manifestação de um sentido alegórico relativo às verdades que se revelam àqueles que estão prontos a contemplar a ressurreição do logos; isto não depende do estudo atual, mas dos comentários do evangelho.

57. Realidades maravilhosas às vezes se manifestaram aos homens: é o que relatam igualmente entre os gregos não só aqueles que poderiam ser suspeitos de inventar fábulas, mas também aqueles que deram muitas provas de rigor filosófico e de sua lealdade em citar os fatos que lhes chegaram. Li a respeito algumas destas características em Crisipo de Soles, outras em Pitágoras; e mais tarde também em alguns mais recentes,

nascidos ontem ou anteontem, como em Plutarco de Queroneia no *Tratado da alma*, e o pitagórico Numênio no segundo livro *Sobre a incorruptibilidade da alma*. Assim, quando os gregos, e principalmente os filósofos, contam fatos desta espécie, seus relatos não provocam nem zombaria nem escárnio e não são tratados como se fossem ficções ou fábulas. Pelo contrário, quando os homens dedicados ao Deus do universo, para não dizerem uma palavra mentirosa sobre Deus, aceitam ser maltratados até a morte, anunciam que eles viram aparições de anjos, acaso não mereceriam crédito e suas palavras não seriam reconhecidas como verídicas?

Seria insensato decidir assim entre a sinceridade e a mentira. O rigor da crítica exige uma busca longa e precisa, um exame de cada ponto, depois dos quais, com vagar e precaução, podemos afirmar que estes autores dizem a verdade e aqueles outros mentem sobre os prodígios que narram. Nem todos manifestam que são dignos de fé, nem todos mostram claramente que transmitem aos homens ficções e fábulas. É preciso acrescentar a propósito da ressurreição de Jesus dentre os mortos: não admira que então um anjo ou dois tenham aparecido para anunciar que ele tinha ressuscitado, e que eles tenham cuidado da segurança daqueles que por sua salvação acreditavam neste milagre. E não me parece insensato que aqueles que sempre acreditam ter Jesus ressuscitado e apresentam como um fruto apreciável de sua fé a generosidade de sua vida e sua aversão à libertinagem, não estejam separados dos anjos que os acompanham para lhes dar socorro em sua conversão a Deus.

58. Celso critica igualmente a escritura por afirmar que um anjo rolou a pedra do túmulo onde estava o corpo de Jesus: Celso parece um jovem que se exercita usando lugares comuns para sustentar uma acusação. Como se tivesse encontrado contra a escritura uma objeção sutil, acrescenta: O Filho de Deus, pelo que parece, não podia abrir o túmulo, mas precisou de um outro para remover a pedra. Mas não quero perder meu tempo discutindo a objeção nem, desenvolvendo aqui uma interpretação alegórica, parecer introduzir despropositadamente considerações filosóficas. Do próprio relato direi que parece simplesmente mais digno que o inferior e o servidor fizesse rolar a pedra e não o que ressuscitava pelo bem dos homens. Não quero lembrar que aqueles que conspiravam contra o logos, que tinham decidido matá-lo e mostrar a todos que ele estava morto e reduzido a nada, não queriam absolutamente que seu túmulo fosse aberto, para que ninguém pudesse ver o logos vivo depois de sua conspiração. Mas "o Anjo de Deus" que veio à terra para a salvação dos homens coopera com o outro anjo e, mais forte que os autores da conspiração, faz rolar a pesada pedra, para que aqueles que acreditam no logos morto sejam persuadidos de que "ele não está entre os mortos", mas vive e "precede" (cf. Mt 28,7) àqueles que consentem em segui-lo, para explicar a continuação daquilo que ele tinha começado e explicar-lhes anteriormente, quando no primeiro período de sua iniciação eles ainda não eram capazes de captar as verdades mais profundas.

Depois disso ele acrescenta, não sei porquê, pois ignoro que vantagem ele disto espera para seu objetivo: Veio um anjo a José para explicar a gravidez de Maria, depois novamente para fazê-los fugir do Egito livrando o menino da conspiração que o

ameaçava. Esse ponto também foi discutido acima em minhas réplicas a seus ataques. Mas, qual a intenção de Celso objetando que, segundo o relato das escrituras, anjos foram enviados a Moisés e a outros? Isto não me parece servir de apoio às suas palavras, por esta razão principalmente porque nenhum deles lutou com todas as suas forças para desviar o gênero humano de seus pecados. É verdade, também outros foram enviados de Deus, e Jesus teve uma mensagem de uma outra importância; os judeus enquanto cometiam erros, falsificavam a religião, praticavam ações ímpias, o reino de Deus era entregue "a outros vinhateiros" (Mt 21,41.43), àqueles que em toda parte, cuidando deles nas igrejas, tudo fazem para levar ao Deus do universo também a outros seguindo o ensinamento de Jesus, por um caminho puro e uma doutrina em harmonia com a vida.

A grande Igreja

59. Celso ainda afirma: *Portanto, possuem o mesmo Deus os judeus e estas pessoas,* evidentemente os cristãos. E como se tirasse uma conclusão que não lhe fosse concedida, diz: *É exatamente isto o que reconhecem abertamente os da grande Igreja que recebem como verídica a tradição corrente entre os judeus sobre a criação do mundo, por exemplo sobre os seis dias e sobre o sétimo. Naquele dia,* diz a escritura, *Deus concluiu seus trabalhos*, retirando-se na contemplação de si mesmo. Não atinando ou não compreendendo o que está escrito, Celso traduz *repousou*, o que não está escrito. Mas a criação do mundo e o repouso sabático reservado depois dela ao povo de Deus oferecem matéria a uma doutrina ampla, profunda e difícil de explicar.

Ele me parece inflar seu livro e lhe dar alguma importância acrescentando elementos ao acaso, por exemplo a história *do primeiro homem que dizemos ser idêntico àquele a quem os judeus deram um nome; e a genealogia de seus descendentes que determinamos como eles.* Quanto à conspiração que os irmãos tramaram um contra o outro, eu ignoro. Conheço a de Caim contra Abel e a de Esaú contra Jacó. Mas não houve Abel contra Caim, nem Jacó contra Esaú. Se tivesse havido, Celso teria razão de dizer que nós narramos *conforme os judeus as mesmas conspirações que os irmãos tramaram um contra o outro.* Concedamos também que *falamos, eles e nós, da mesma descida para o Egito, e do mesmo êxodo deste país, e não de uma fuga* como pensa Celso. Haverá nisso algo com que se possa fundamentar uma acusação contra nós ou contra os judeus? Quando ele pensava em nos ridicularizar pela história dos hebreus, falava de fuga; mas, quando se tratava de examinar a história das pragas com que Deus castigou o Egito, preferiu se calar.

60. Se devo esclarecer melhor minha resposta a Celso, segundo o qual temos as mesmas opiniões que os judeus sobre estas questões, direi: reconhecemos como eles que estes livros foram escritos por inspiração divina, mas não estamos mais de acordo sobre a interpretação de seu conteúdo. Não vivemos como os judeus, pois pensamos que o sentido da legislação ultrapassa a interpretação literal das leis. E dizemos: "Todas as vezes que Moisés é lido, um véu se estende sobre o coração deles", pois a intenção da lei de Moisés está oculta para aqueles que não abraçaram com ardor o caminho indicado por

Jesus Cristo. Sabemos que, "quando alguém se converte para o Senhor — e o Senhor é o Espírito — o véu" cai; a pessoa reflete por assim dizer como num espelho "de rosto descoberto a glória do Senhor" que está nos pensamentos ocultos sob a letra, e participa-se para sua própria glória daquilo que chamamos glória divina (cf. 2Cor 3,15-18). A palavra "rosto", empregada em sentido figurado, é simplesmente o que se poderia chamar de entendimento, e tal é o rosto "segundo o homem interior" (Rm 7,22), cheio de luz e glória pela verdade contida nestas leis.

As seitas

61. Continua Celso: *Ninguém imagine que eu ignore isto: alguns deles concordam em que possuem o mesmo Deus que os judeus, mas os outros pensam que existe um Deus diferente ao qual se opõe o primeiro, e do qual veio o Filho.* Se ele acredita que a existência de várias seitas entre os cristãos constitui um agravo ao cristianismo, por que não se veria uma censura análoga à filosofia no desacordo que existe entre as escolas filosóficas, não sobre assuntos irrelevantes, sem importância, mas sobre questões capitais? Deveria igualmente acusar a medicina por causa das escolas que ela apresenta. Admitamos que alguns de nós neguem que nosso Deus seja o mesmo que o Deus dos judeus: não é ainda uma razão de acusar os que provam pelas mesmas escrituras que existe um só e mesmo Deus para os gregos e gentios. Paulo, que passou do judaísmo ao cristianismo, afirma isto claramente: "Dou graças a Deus, a quem sirvo em continuidade com meus antepassados, com consciência pura" (2Tm 1,3).

Admitamos igualmente que exista *uma terceira espécie, os que alguns chamam psíquicos e outros pneumáticos.* Penso que ele quer falar dos discípulos de Valentino. Que conclusão tirar contra nós que pertencemos à Igreja e condenamos aqueles que imaginam naturezas salvas em virtude de sua constituição ou perdidas em virtude de sua constituição? Admitamos mesmo que *alguns se proclamam gnósticos*, à maneira como os epicureus se gabam de serem filósofos. Mas os que negam a providência não podem ser verdadeiramente filósofos, nem cristãos aqueles que introduzem ficções estranhas desacreditadas pelos discípulos de Jesus. Admitamos enfim que *alguns aceitam Jesus,* e é por isso que eles se gabam de serem cristãos, *mas querem ainda viver segundo a lei dos judeus como a grande massa dos judeus*. São as duas espécies de ebionitas: os que admitem como nós que Jesus nasceu de uma virgem, os que não acreditam que ele tenha nascido desta maneira, mas como o resto dos homens. Que razão de queixa ver em tudo isto contra os membros da Igreja que Celso chamou de *grande massa*? E acrescenta: *Entre eles, existem também os sibilistas,* talvez por terem compreendido distorcidamente as pessoas que censuram aqueles que acreditam no dom profético da Sibila e os chamaram de sibilistas.

62. A seguir, despejando sobre nós uma grande quantidade de nomes, *declara conhecer ainda certos simonianos que veneram Helena ou Helenos seu mestre e são chamados helenianos.* Celso ignora que os simonianos recusam absolutamente reconhecer a Jesus como Filho de Deus: afirmam que Simão é um poder de Deus e contam os prodígios

deste homem que, simulando os prodígios análogos aos que Jesus tinha simulado, segundo ele, tinha acreditado que ele teria tanto poder sobre os homens quanto Jesus no meio da grande massa. Mas era impossível a Celso como a Simão compreender a maneira como Jesus pôde semear, como bom "lavrador" da palavra de Deus, a maior parte da Grécia e a maior parte da barbárie, e encher estes países com as palavras que desviam a alma de todo mal e a fazem subir até o criador do universo. Celso *conhece ainda os marcelinianos discípulos de Marcelina, os harpocratianos discípulos de Salomé, outros discípulos de Mariame e outros discípulos de Marta*. Apesar de meu zelo no estudo, não só em perscrutar o conteúdo de nossa doutrina na variedade de seus aspectos, mas também, enquanto possível, para investigar sinceramente as opiniões dos filósofos, jamais encontrei tais pessoas. Celso menciona ainda os *marcionitas que têm a Marcião como chefe.*

63. Em seguida, para dar a impressão de que conhece outros além dos que citou, ele generaliza como de costume: *Alguns encontraram como mestre um chefe e um demônio, outros um outro, e andam desnorteados vagando miseravelmente em espessas trevas, perpetrando mais impiedades e impurezas do que os tíades do Egito.* Abordando por alto o assunto, parece-me ter dito algo de verdadeiro: alguns encontraram como chefe um demônio, e outros um outro, e andam desnorteados vagando miseravelmente nas espessas trevas da ignorância. Mas já falei de Antínoo que ele compara com nosso Jesus e não voltarei mais a este ponto.

Ele afirma: *Estas pessoas descarregam umas nas outras todos os horrores possíveis, rebeldes à menor concessão à concórdia e animadas de ódios implacáveis.* A esta objeção já respondi: mesmo em filosofia e em medicina é possível encontrar escolas que combatem outras escolas. No entanto, nós que seguimos a palavra de Jesus e colocamos em prática seus preceitos em nossos pensamentos, palavras e atos, "somos amaldiçoados, e bendizemos; somos perseguidos, e suportamos; somos caluniados, e consolamos" (1Cor 4,12-13). Em vez de dizer todos os horrores possíveis contra aqueles que sustentam outras opiniões diferentes das que recebemos, faríamos, ao contrário, tudo o que pudéssemos para que se convertam a uma vida melhor, apegando-se ao único criador e fazendo tudo em vista do juízo futuro. E se aqueles que pensam de outro modo não estão convencidos, observamos a palavra que fixa a conduta a seu respeito: "Depois de uma primeira e de uma segunda admoestação, nada mais tens a fazer com um homem faccioso, pois é sabido que um homem assim se perverteu e se entregou ao pecado, condenando-se a si mesmo" (Tt 3,10-11). Além disso, os que compreenderam as máximas: "Bem-aventurados os que promovem a paz, bem-aventurados os mansos" não poderiam odiar os que alteram as verdades do cristianismo, nem *tratar de Circe e agitadores astutos* aqueles que caíram no erro.

64. Celso parece ter compreendido mal estas palavras do apóstolo: "Nos últimos tempos alguns renegarão a fé, dando atenção a espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas, por causa da hipocrisia dos mentirosos, que têm a própria consciência como que marcada por ferro quente; eles proibirão o casamento, exigirão a abstinência de certos alimentos,

quando Deus os criou para serem recebidos, com ação de graças, pelos que têm fé" (1Tm 4,1-3). Também compreendeu falsamente estas palavras do apóstolo contra aqueles que alteram as verdades do cristianismo; por isso, diz ele, entre os cristãos, *alguns são chamados cautérios do ouvido*. Acrescenta que *outros são chamados enigmas*, coisa que nada entendo. É verdade que a expressão *pedra de escândalo* é frequente nas escrituras: costuma-se aplicá-la aos que desviam da sã doutrina os espíritos simples e fáceis de enganar. O que significa *as sereias dançarinas e sedutoras que lacram com cera os ouvidos dos que lhes obedecem e mudam suas cabeças em cabeças de porco,* não sei dizer, nem saberá alguém, imagino eu, dos de nossa doutrina nem das seitas.

E este homem que professa saber tudo acrescenta estas declarações: *Todas estas pessoas radicalmente separadas, que em suas disputas se refutam tão vergonhosamente a si mesmas, podemos ouvi-las repetir: o mundo está crucificado para mim e eu estou para o mundo* (cf. Gl 6,14). É isso que Celso parece ter guardado de Paulo. Porque então não citarei tantas outras passagens como esta: "Embora vivamos na carne, não militamos segundo a carne. Na verdade, as armas com que combatemos não são carnais, mas têm, ao serviço de Deus, o poder de destruir fortalezas. Destruímos os raciocínios presunçosos e todo poder altivo que se levanta contra o conhecimento de Deus" (2Cor 10,3-5).

65. E vou convencê-lo de mentira, já que ele diz: *Todas estas pessoas tão radicalmente separadas nós as ouviremos repetir: o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.* Há seitas que não aceitam as epístolas do apóstolo Paulo: os ebionitas das duas espécies e os que são chamados encratitas. Eles não citam o apóstolo como um bem-aventurado e um sábio e não sabem dizer: "O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo." É mais uma mentira de Celso. Por mais que insista em sua acusação contra a diferença das seitas, parece-me que ele não tem a mínima ideia do que diz, nem mesmo examinou seriamente nem compreendeu a razão pela qual *os cristãos entendidos nas escrituras pretendem conhecer mais coisas do que os judeus*. Acaso quer ele dizer que, embora admitam os mesmos livros que os judeus, eles os interpretam em sentido contrário, ou que recusam admitir os livros dos judeus? Realmente poderíamos encontrar estas duas atitudes nas seitas. Depois disso ele declara: *Pois bem! Ainda que sua religião não tenha nenhum fundamento, examinemos a doutrina em si. Devemos inicialmente dizer tudo o que eles entenderam mal e alteraram pela ignorância, e pela presunção que os leva imediatamente a decidir a respeito dos princípios em matérias que eles não conhecem. Vejamos alguns exemplos.* E imediatamente, para certas expressões que estão continuamente nos lábios daqueles que acreditam na doutrina cristã, ele opõe outras tiradas dos filósofos; e pretende que as das doutrinas cuja beleza ele reconhece entre os cristãos foram expressas com beleza e clareza entre os filósofos; com isso quer arrastar para a filosofia aqueles que estas doutrinas cativam por si mesmas, resplendentes de beleza e piedade. Mas finalizemos aqui mesmo o quinto livro e comecemos o sexto com a passagem que vem a seguir.

LIVRO SEXTO

Simplicidade do estilo da escritura

1. Neste sexto livro que inicio, pio Ambrósio, cumpre-me combater as acusações de Celso contra os cristãos, e não as ideias que eles retiram da filosofia, como se poderia acreditar. Celso, de fato, cita várias passagens, sobretudo, de Platão, compara-as com trechos das Santas Escrituras capazes de impressionar até um espírito inteligente, e sustenta que *tudo isto foi dito melhor pelos gregos, sem intervenção de ameaça ou promessa de Deus ou do Filho de Deus.* Ao que respondo: é dever dos ministros da verdade ajudar o maior número possível de homens e, na medida do possível, atrair para ela, por filantropia, todos os homens, tanto o inteligente como o idiota, e não só os gregos com exclusão dos bárbaros; e é uma ação muito civilizadora poder converter até os mais rudes e simples. É, pois, evidente que devemos ter o cuidado de nos exprimir em um estilo ao alcance de todos e capaz de ser ouvido por todos. Ao contrário, despedir como se fossem escravos os simples, incapazes de apreciar a beleza do estilo dos discursos e do ordenamento de suas mensagens, e não se preocupar senão com os ouvintes formados nas letras e nas ciências, é reduzir a sociabilidade a um campo bem estreito e insignificante.

2. Faço estas observações para justificar, contra as críticas de Celso e de outros autores, a simplicidade de expressão das escrituras que parece eclipsada pelo brilho da composição literária. Nossos profetas, Jesus e seus apóstolos se propunham um método de pregação que não só contém as verdades, mas também tem o poder de arrastar os espíritos da multidão: então, convertidos e iniciados, eles se elevariam cada qual segundo suas forças às verdades veladas sob expressões aparentemente simples. E, se assim podemos dizer, o estilo elegante e refinado de Platão e de seus imitadores foi útil apenas a um pequeno número, se é que foi; mas os que ensinaram e escreveram num estilo simples de uma maneira prática e popular foram úteis a um grande número. Dessa forma não podemos ver Platão senão nas mãos daqueles que passam como letrados. Ao passo que Epitecto é admirado mesmo pelas pessoas simples, inclinadas a receber esta influência benfazeja, pois eles têm consciência de que seus discursos as tornam melhores.

Longe de mim o pensamento de criticar a Platão; também dele a grande massa dos homens se beneficiou, mas quero esclarecer plenamente a intenção daqueles que disseram: "Minha doutrina e minha pregação nada tinham da persuasiva linguagem da sabedoria, mas eram uma demonstração de espírito e poder, a fim de que a nossa fé não se baseie sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus" (1Cor 2,4-5). O divino logos declara que pronunciar uma palavra, ainda que seja verdade e muito digna de fé, não é bastante para comover a alma humana sem um poder dado por Deus àquele que fala e uma graça que irradia em suas palavras, verdadeiro dom de Deus àqueles cuja

palavra é eficaz. É o que diz o profeta no Salmo 67: "O Senhor dará sua palavra àqueles que pregam com grande poder" (Sl 67,12).

Supondo-se que em alguns pontos as doutrinas sejam idênticas entre os gregos e os que pregam nosso evangelho, elas certamente não têm o mesmo poder para atrair as almas e as dispor a viver de acordo com elas. Por isso os discípulos de Jesus, simples e ignorantes com relação à filosofia grega, percorreram muitas regiões da terra, influenciando seus ouvintes segundo o mérito de cada um e a vontade do logos; e os ouvintes, na medida em que sua liberdade os predispunha a aceitar a virtude, nela progrediram mais.

O soberano bem

3. *Que sejam apresentados, pois, os antigos sábios a quem os possa entender! Sobretudo que Platão, filho de Aríston, se explique sobre a natureza do soberano bom em uma de suas cartas e declare que ele é absolutamente inefável, que é um longo comércio nascendo subitamente, como de uma chama a espargir uma luz na alma.* Ao ouvirmos tais palavras, concordamos com sua beleza, "pois Deus lho revelou", bem como tudo o que disseram de bom. Por isso afirmamos que aqueles que conceberam a verdade sobre Deus sem praticar a religião conforme esta verdade sobre Deus sofrem os castigos dos pecadores. Eis em que termos Paulo se explica a respeito deles: "Manifesta-se, com efeito, a ira de Deus, do alto do céu, contra toda impiedade e injustiça dos homens que mantêm a verdade prisioneira da injustiça. Porque o que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles, pois Deus lho revelou. Sua realidade invisível — seu eterno poder e sua divindade — tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas, de sorte que não têm desculpa. Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças; pelo contrário, eles se perderam em vãos raciocínios, e seu coração insensato ficou nas trevas. Jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos e trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis" (Rm 1,18-23). Como atesta nossa escritura, aqueles que pensam que "o soberano bem é absolutamente inefável" mantêm a verdade cativa e acrescentam: "é de um longo comércio com ele e de uma vida comum que nasce subitamente, como de uma chama a espargir uma luz surgida na alma, e daí em diante ele se alimenta por si mesmo."

4. Mas os que escreveram tão bem sobre o soberano bem descem ao Pireu para orarem a Ártemis como uma deusa, e ver a festa pública celebrada pelos simples. Depois de ter ensinado esta profunda filosofia sobre a alma e descrito detalhadamente o estado futuro daquela cuja vida foi virtuosa, eles abandonam estas ideias sublimes que Deus lhes manifestou para pensar em coisas vulgares e baixas e sacrificar um galo a Asclépio. Eles tinham imaginado as obras invisíveis de Deus e as ideias a partir da criação do mundo e das coisas sensíveis, das quais eles se tinham elevado às realidades inteligíveis: tinham visto, não sem nobreza, seu eterno poder e divindade; todavia, perderam o sentido em seus raciocínios, e seu coração insensato se arrasta por assim dizer na ignorância a

respeito do culto ao verdadeiro Deus. E podemos ver estes homens, orgulhosos de sua sabedoria e de sua teologia, adorarem uma representação, simples imagem de homem corruptível, para honrar, dizem eles, esta divindade, e às vezes mesmo descer com os egípcios até aos pássaros, quadrúpedes e répteis. Se, por um lado, alguns parecem ter-se elevado acima de tudo isto, por outro, descobriremos que trocaram a verdade de Deus pela mentira, adoraram e serviram a criatura e não ao criador (cf. Rm 1,20-25). Dessa forma, como os sábios e doutos da Grécia se extraviavam em suas práticas religiosas, "Deus escolheu o que é loucura no mundo para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é", e isto na verdade "a fim de que nenhuma criatura possa se vangloriar diante de Deus" (1Cor 1,27-29).

Mas em primeiro lugar nossos sábios, Moisés o mais antigo e os profetas depois dele, sabiam que o soberano bem é absolutamente inefável. E como Deus se manifesta àqueles que dele são dignos e prontos a recebê-lo, escreveram que ele apareceu entre outros a Abraão, a Isaac e a Jacó. Mas, com que qualidade, em que estado, de que maneira, e a qual de nós ele apareceu? Eles deixaram estas questões para serem resolvidas por aqueles que podem mostrar por si mesmos que são semelhantes àqueles aos quais Deus apareceu: Deus a quem eles viram, não com os olhos do corpo, mas com o coração puro; pois, segundo Jesus, "bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus" (Mt 5,8).

5. Em seguida, o logos foi o primeiro a saber que de repente, como de uma chama, surgiu uma luz na alma, segundo as palavras do profeta: "Iluminai-vos com a luz do conhecimento" (Os 10,12). E João, que viveu depois dele, diz ainda: "O que foi feito" era "vida" no logos, "e a vida era a luz dos homens, luz verdadeira, que ilumina todo homem que vem a este mundo", verdadeira e inteligível, e que o constitui "luz do mundo" (Jo 1,3-4.9; Mt 5,14). Pois "ele mesmo reluziu em nossos corações, para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo" (2Cor 4,6). Por isso um profeta muito antigo, em suas predições várias gerações anteriores no reinado de Ciro que lhe precede de quatorze gerações, pôde dizer: "O Senhor é minha luz e minha salvação: de quem terei medo?"; "Tua lei é uma tocha nos meus passos, uma luz no meu caminho"; "Senhor, levanta sobre nós a luz da tua face"; "com tua luz nós vemos a luz" (Sl 26,1; 118,1-5; 4,7; 35,10). É a esta luz que o logos nos exorta em Isaías: "Põe-te em pé, resplandece, porque a tua luz é chegada, a glória do Senhor raia sobre ti" (Is 9,2). E este mesmo autor profetiza sobre a vinda de Jesus, que desviaria o povo do culto dos ídolos, das estátuas e dos demônios: "Uma luz raiou para os que habitavam uma terra sombria como a da morte"; "O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz" (Is 9,2).

Observa por isso a diferença entre as nobres palavras de Platão sobre o soberano bem e as dos profetas sobre a luz dos bem-aventurados; considera que a verdade proclamada por Platão em nada favoreceu uma religião pura entre os leitores, nem mesmo em Platão, apesar de sua visão penetrante sobre o soberano bem, mas o estilo simples das divinas escrituras encheu de ardor divino aqueles que dela fazem uma leitura verdadeira; entre

eles esta luz é alimentada por aquilo que chamamos, em certas parábolas, o óleo que alimenta a luz das lâmpadas de cinco virgens prudentes (cf. Mt 25,1s).

6. Celso ainda cita outra passagem da *Carta de Platão: "Se eu tivesse julgado que se deveria escrever e dizer isto como convém ao grande público, que poderia eu realizar de mais belo em minha vida senão prestar à humanidade o grande serviço de escrever e trazer à luz o fundamento das coisas?*" Que me permitam discuti-lo em poucas palavras. De início, se Platão ouviu ou não uma doutrina mais sábia do que a que ele escreveu e mais divina do que a que ele deixou, deixo a cada qual o cuidado de investigar do melhor modo possível. Mostro, porém, que nossos profetas igualmente tiveram no espírito pensamentos bem elevados para serem escritos e não escreveram. Assim, Ezequiel toma "um volume enrolado, escrito no verso e no reverso. Nele estava escrito: 'Lamentações, gemidos e prantos'" e, por ordem do logos, ele come o livro, para que não seja nem transcrito nem entregue aos indignos. E relata-se que João viu e fez coisas semelhantes (Ap 10,4). Paulo igualmente "ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir" (2Cor 12,4). Jesus, que é superior a todos, como está dito, "a seus discípulos explicava em particular" (Mc 4,34) a palavra de Deus, principalmente quando estavam a sós; mas estas palavras não foram escritas. É porque não julgaram dever escrevê-las e dizê-las como convém ao grande público. E se não é petulância dizer a verdade sobre tais gênios, afirmo que, recebendo seus pensamentos por uma graça de Deus, eles viam melhor que Platão o que se devia escrever e como escrevê-lo e o que não se devia absolutamente escrever para o grande público, o que se devia dizer e o que era de uma outra ordem. É ainda João que nos ensina a diferença entre o que se deve escrever e o que não se deve escrever, quando diz que ouviu sete trovões instruí-lo em certos pontos, mas lhe proibiram transmitir suas palavras por escrito.

7. Já em Moisés e os profetas, anteriores não só a Platão mas também a Homero e à invenção do alfabeto entre os gregos, encontramos muitas passagens que respondem à graça que Deus lhes havia dado e cheias de pensamentos sublimes. Eles nem de longe disseram isto *por terem compreendido mal a Platão*, como acredita Celso: como poderiam eles ter entendido aquele que ainda não tinha nascido? E aplicando as palavras de Celso aos apóstolos de Jesus, mais recentes que Platão, vê se não é imediatamente impossível dizer que Paulo fabricante de tendas, Pedro pescador, João que deixou as redes de seu pai, tenham transmitido uma tal doutrina sobre Deus por terem compreendido erradamente as palavras de Platão em suas Cartas. E embora muitas vezes Celso tenha repetido que *nós exigimos uma fé imediata*, ele a afirma ainda como uma novidade que seria acrescentada às suas palavras anteriores; mas a resposta já dada é bastante.

Como ele ainda cita uma outra passagem de *Platão* em que declara que *é procedendo por meio de perguntas e respostas que ele esclarece a inteligência dos adeptos de sua filosofia*, que me seja permitido provar pelas Santas Escrituras que o logos divino igualmente nos convida à dialética. Ora Salomão diz: "Quem despreza a correção se extravia" (Pr 10,17); ora Jesus filho de Sirac que nos deixou o livro da Sabedoria declara:

"A ciência do insensato é um discurso incoerente" (Eclo 21,18). Por isso há mais *refutações benévolas* entre nós, que aprendemos que o mestre da doutrina deve ser capaz de "refutar os que contradizem a doutrina" (Tt 1,9). E mesmo que existam pessoas descuidadas que não se importam em se dedicar às divinas leituras, em perscrutar as escrituras e, conforme a ordem de Jesus, em investigar o sentido das escrituras, em pedir a Deus a inteligência delas, em bater a suas portas fechadas, nem por isso a escritura deixa de conter a sabedoria.

8. Ele cita outras palavras de Platão, que explicam que *o Bem é conhecível a um pequeno número, porque é com um injusto desprezo, cheios de uma esperança orgulhosa e inconsistente, como se tivessem aprendido segredos sublimes, que a maior parte apresenta como verdade qualquer coisa.* E acrescenta: *Platão, porém, tinha dito isto, ele não se entrega ao maravilhoso, não se cala para aqueles que querem investigar o que ele promete, não exige imediatamente que se creia que Deus é desta forma, que ele tem um certo Filho, que este desceu para conversar comigo.* Ao que eu respondo: sobre Platão, creio eu, escreveu Aristandro que ele não era filho de Aríston, mas de alguém que, na aparência de Apolo, se aproximou de Anfíction; e diversos outros platônicos repetiram a mesma coisa na biografia de Platão. Acaso deveríamos lembrar Pitágoras e todas as suas narrativas maravilhosas, o qual, numa assembleia solene dos gregos, mostrou sua coxa de marfim e pretendeu reconhecer o escudo que havia usado quando era Euforbo e apareceu, dizem, em duas cidades no mesmo dia? Como elemento maravilhoso a criticar na história de Platão e de Sócrates, citaremos ainda o cisne que apareceu a Sócrates durante o sono e as palavras do mestre quando lhe apresentaram o jovem: "O cisne, portanto, era ele!" Um outro elemento maravilhoso era aquele terceiro olho que Platão se gabava de possuir. Porém, para as pessoas mal dispostas, aferradas em depreciar as aparições recebidas por aqueles que são superiores à grande massa, jamais a calúnia e a difamação farão falta: haverá mesmo quem zombe do demônio de Sócrates como de uma ficção.

Portanto, não é entregar-se ao maravilhoso contar a história de Jesus. Seus verdadeiros discípulos nada escreveram de semelhante a seu respeito. Mas Celso, que proclama saber tudo e cita numerosas passagens de Platão, silencia, intencionalmente julgo eu, as palavras sobre o Filho de Deus, ditas por Platão na Carta a Hérmias e Corisco. Eis o texto: "Jurai também pelo Deus do universo, chefe daquilo que é e do que será, Pai e Senhor daquele que é a razão e a causa, este Deus que, pelo exercício da verdadeira filosofia, conheceremos todos com toda a clareza possível aos bem-aventurados."

9. Celso cita um outro texto de Platão: *Ocorreu-me falar mais demoradamente a respeito do assunto em pauta: talvez ofereça sobre os pontos de que falo algo mais claro do que aquilo que já foi dito. Há uma verdadeira razão que se opõe àquilo que tenhamos a audácia de escrever, seja o que for em semelhante matéria, razão muitas vezes apresentada por mim anteriormente mas que julgo dever repetir aqui. Para cada um dos seres, os fatores indispensáveis à aquisição de seu conhecimento são em*

número de três; em quarto lugar vem o próprio conhecimento em si mesmo; em quinto, é preciso colocar precisamente aquilo que é conhecível e real. Primeiro fator, o nome; segundo, a definição; terceiro, a imagem; quarto, o conhecimento. Conforme esta teoria, poderíamos dizer: João, apresentado antes de Jesus como "voz do que clama no deserto" (Mt 3,3), corresponde ao "nome" de Platão. O segundo depois de João e designado por ele é Jesus a quem se aplicam as palavras: "O logos se fez carne" (Jo 1,14); corresponde à "definição" de Platão. Platão declara que o terceiro fator é "a imagem". Mas como aplicamos o termo imagem a uma coisa diferente, dizemos mais claramente que depois do logos há na alma a marca das chagas, isto é, o Cristo vivo em cada pessoa, proveniente do Cristo-logos. E quem for capaz saberá se Cristo, sabedoria, segundo nós, que reside naqueles que são perfeitos, corresponde ao quarto fator que é o conhecimento.

10. E acrescenta: *Como vemos, Platão, embora afirme com determinação que o bem é inefável, todavia, para não parecer fugir da discussão, apresenta a razão desta dificuldade: pois talvez o próprio nada seja capaz de ser expresso.* Como ele pretende estipular neste particular que não se deve simplesmente acreditar, mas apresentar razão de sua fé, também nós citaremos as palavras de Paulo para censurar aqueles que acreditam superficialmente: "doutro modo teríeis acreditado em vão" (1Cor 15,2).

Por suas repetições, Celso parece fazer o que pode para me obrigar a repetições quando acrescenta, como fanfarrão que é, às fanfarronices anteriores: *Platão não se gaba nem mente, pretendendo descobrir coisas novas ou vir do céu nos anunciá-las: ele confessa a origem deste conhecimento.* Se quisermos responder a Celso, podemos replicar que mesmo Platão se gaba quando coloca nos lábios de Zeus na conversa do Timeu: "Deuses, filhos de deuses, dos quais sou criador e pai etc." Será que se justificarão estas expressões pelo sentido que Zeus lhes dá em seu discurso em Platão? Mas, então por que, se estudamos os sentidos das palavras do Filho de Deus, ou das do criador nos profetas, não teríamos bem mais a dizer que Zeus em sua arenga do Timeu? O que caracteriza a divindade é o anúncio de acontecimentos futuros: sua predição ultrapassa a natureza humana, sua realização permite julgar que aquele que anuncia é o espírito divino.

Estamos, pois, longe de declarar aos que chegam: crê primeiro que aquele que eu te apresento é o filho de Deus. Mas nós apresentamos a doutrina a cada pessoa sob a forma que convém a seu caráter e às suas disposições, pois aprendemos "como se deve responder a cada um" (Cl 4, 6). Existem aqueles que podem receber mais que exortação para crer: é o que nós lhes pregamos. Com outros, enquanto possível, tratamos "por perguntas e respostas". Mas não dizemos, como Celso num tom de censura no-lo atribui: *Crê que aquele que eu apresento é o filho de Deus, apesar das uniões vergonhosas e de um suplício infamante, e embora ontem ou anteontem tenha sido tratado com a pior ignomínia aos olhos de todos. E não acrescentamos: Razão a mais para crer.* Pois nos esforçamos por fornecer a cada um mais argumentos mesmo do que aqueles que citei acima.

Um único Cristo

11. Celso diz em seguida: *Alguns* — ele quer dizer os cristãos — *propõem este, outros aquele, e todos têm na boca apenas uma palavra: "Se quiseres ser salvo, crê ou vai-te!" Que farão então aqueles que desejam realmente ser salvos? Será por um lance de dados que eles adivinharão para que lado ir e a quem se unir?* A isto, pressionado pela própria evidência, eu respondo: se a história atestasse que houve vários como Jesus que vieram à existência humana dizendo-se filhos de Deus, e cada um deles atraiu grande número de discípulos para que, proclamando-se todos filhos de Deus, houvesse incerteza sobre aquele a quem se dirige o testemunho de seus fiéis, seria o caso de se dizer: alguns propõem este, outros aquele, e todos têm na boca apenas estas palavras: "Se quiseres ser salvo, crê, ou vai-te!" etc. Mas de fato por toda a terra Jesus é pregado como o único Filho de Deus que veio ao gênero humano. Pois aqueles que, como Celso, desconfiam que ele usou sortilégios, e por este motivo também quiseram usá-los para usufruírem também eles do mesmo poder sobre os homens, foram convencidos de nada serem: Simão, o mago da Samaria, e Dositeu, originário da mesma terra, um afirmando ser o poder de Deus que chamam o grande, o outro dizendo-se Filho de Deus. Em nenhum lugar da terra existem simonianos; no entanto, para aumentar o número de seus discípulos, Simão afastava deles o perigo de morte que os cristãos aprenderam a escolher, pois segundo sua doutrina a idolatria era coisa indiferente. Mas mesmo desde as origens os simonianos fugiam das conspirações: pois o demônio mau que conspirava contra o ensinamento de Jesus sabia que nenhum de seus planos encontraria obstáculos da parte dos ensinamentos de Simão. Os dositeanos tampouco, mesmo antigamente, tiveram qualquer poder, e agora ele está completamente reduzido de modo que seu número total não passa, dizem, dos trinta. E Judas, o galileu, conforme atesta Lucas nos Atos dos Apóstolos, pretendeu ser um grande personagem, e antes dele, Teudas. Como seu ensinamento não era de Deus, pereceram, e todos os que tinham acreditado neles se dispersaram imediatamente. Portanto, não é com um lance de dados que adivinharemos de que lado haveremos de ficar e a quem nos unir, como se eles fossem diversas pessoas que poderiam nos atrair pretendendo terem vindo da parte de Deus ao gênero humano. Mas basta quanto a este assunto.

Sabedoria divina, sabedoria humana

12. Passo então a outra acusação de Celso. Ele não conhece nem mesmo nossos textos, mas, em consequência de suas confusões, nos acusa de afirmar que a *sabedoria humana é loucura diante de Deus,* quando Paulo diz: "A sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus" (1Cor 3, 19). Celso prossegue: *A razão desta máxima foi dita há muito tempo.* Segundo ele, *a razão que nos faz utilizar esta linguagem é a vontade de atrair unicamente as pessoas incultas e estúpidas.* Mas como ele mesmo observa, *já falou do assunto acima*, e eu respondi da melhor forma ao argumento. Tampouco fez questão de mostrar que *nós o havíamos imaginado, ou citado os sábios da Grécia dizendo que uma é a sabedoria humana, outra a sabedoria divina.* Cita mesmo duas passagens de

Heráclito; uma em que ele diz: "*O caráter humano não tem pensamento, o divino sim*"; e outra: "*Meu jovem! O homem assim ouve ser chamado pelo gênio, como a criança pelo homem.*" Também cita *A apologia de Sócrates de Platão: "Quanto a mim, atenienses, é somente à sabedoria que devo este nome que me dão. Mas de que espécie é esta sabedoria? É em verdade aquela que é uma sabedoria humana. Sim, de fato, há probabilidades de que eu possua esta sabedoria.*" São estas as citações de Celso. Acrescentarei esta passagem da Carta de Platão a Hérmias, Erasto e Corisco: "A Erasto e Corisco afirmo, apesar de minha velhice, que além da esplêndida sabedoria referente às Ideias, eles ainda precisam da sabedoria que ensina a se proteger dos homens maus e injustos, e de uma certa força de defesa. São inexperientes por terem passado um longo período de sua vida ao nosso lado, pessoas moderadas e sem malícia. É por isso mesmo que digo que precisam destes apoios, para não serem obrigados a esquecer a sabedoria verdadeira e cultivar mais do que é preciso a sabedoria humana que é indispensável."

13. Portanto, segundo Platão, existe uma sabedoria divina e uma sabedoria humana. A sabedoria humana, que chamamos "sabedoria deste mundo, é loucura diante de Deus" (1Cor 3,19). A sabedoria divina, que difere da humana, porque é divina, sobrevém por uma graça de Deus que a concede àqueles que se prepararam convenientemente para recebê-la e principalmente àqueles que, reconhecendo a diferença entre uma sabedoria e outra, dizem em suas preces: "Por mais perfeito que seja alguém entre os filhos dos homens, se lhe falta a sabedoria que vem de ti, de nada valerá" (Sb 9,6). Nós afirmamos: a sabedoria humana é apenas um exercício da alma; a divina é seu fim: ela é apresentada como o alimento sólido da alma no texto: "Os adultos, porém, que pelo hábito possuem o senso moral exercitado para discernir o bem e o mal, recebem o alimento sólido" (Hb 5,14).

É verdade que se trata aí de uma opinião antiga; mas não, como crê Celso, que *a antiguidade desta distinção remonte a Heráclito e a Platão*. Antes deles, os profetas tinham distinguido cada uma destas sabedorias. Basta no momento citar, entre as palavras de Davi, a que tem a ver com o sábio inspirado pela divina sabedoria: "Ainda que veja os sábios morrer, ele não verá a corrupção" (Sl 48,10-11). Desta forma, a sabedoria divina, que difere da fé, é a primeira coisa daquilo que chamamos os carismas de Deus. Depois dela a segunda, ao ver daqueles que têm uma ciência precisa neste campo, é o que chamamos o conhecimento. E a terceira é a fé, pois é preciso que sejam salvos também os mais simples que se entregam da melhor forma à piedade. Por isso a declaração de Paulo: "A um o Espírito dá a mensagem da sabedoria, a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro o mesmo Espírito dá a fé" (1Cor 12, 8-9). Por esta razão, não podemos encontrar qualquer um na posse da divina sabedoria, mas os que são eminentes e superiores entre todos os que aderem ao cristianismo; e não é *aos mais incultos, aos escravos, aos menos instruídos que revelamos os segredos da sabedoria divina.*

14. Ainda que Celso qualifique como incultas, escravas, menos instruídas as pessoas que não compreendem seu ponto de vista e não assimilaram a ciência dos gregos, nós

declaramos como os mais incultos aqueles que não se envergonham de se dirigir a objetos inanimados, de pedir a saúde à fraqueza, de procurar a vida junto à morte, de mendigar socorro à impotência. Aqueles que afirmam que tais realidades não são deuses, mas imitações dos deuses verdadeiros e seus símbolos, são igualmente pessoas sem educação, escravas, sem instrução, pois imaginam colocar as imitações nas mãos dos artífices; de tal forma, digamos, que mesmo os últimos dos nossos são libertados desta tolice e ignorância, ao passo que os mais sensatos concebem e compreendem a esperança divina. Mas afirmamos que é impossível a um homem não exercitado na sabedoria humana receber a sabedoria divina, e concordamos que toda a sabedoria humana comparada à divina é loucura.

Em seguida, em vez de debater, como seria seu dever, o ponto controvertido, ele nos chama de *impostores* e diz que *fugimos desordenadamente das pessoas distintas, que não estão dispostas a serem enganadas, mas apanhamos os rudes*. Mas ele ignora que desde os primeiros tempos nossos sábios foram educados nas ciências dos estrangeiros: Moisés, "em toda a sabedoria egípcia"; Daniel, Ananias, Azarias e Misael, em toda a literatura assíria, a ponto de serem considerados dez vezes superiores a todos os sábios de lá. Hoje ainda, as igrejas possuem, embora em pequeno número comparada à grande multidão, sábios que vieram mesmo da sabedoria que chamamos "carnal", e elas possuem também os que progrediram desta para aquela sabedoria divina.

Humildade e pobreza

15. E depois disto, como se tivesse ouvido falar da doutrina da humildade sem se preocupar com conhecê-la, Celso quer depreciar a nossa. Julga que *é uma imitação daquilo que Platão diz em alguma parte das Leis: "Eis que Deus, segundo a antiga tradição, tem em mãos o começo, o fim e o meio de tudo o que existe e, pelo correto caminho da natureza, encerra este ciclo. Sempre o segue de perto a justiça, que vinga a lei divina daqueles que dela se apartam; e quem deseja a felicidade a ela se liga para a seguir fielmente, de modo humilde e ordenado."* Não reparou que nos sábios bem anteriores a Platão, se diz numa prece: "Senhor, meu coração não se eleva, nem meus olhos se alteiam; não ando atrás de grandezas, nem de maravilhas que me ultrapassam" (Sl 130,1-2). Esse texto mostra de imediato que não é necessário absolutamente que *aquele que se humilha abaixe-se de uma maneira inconveniente e desonrosa, caia em terra de joelhos e se prostre, se vista de trapos e se cubra de cinzas*. Pois, segundo o profeta, aquele que se humilha caminhando por caminhos sublimes e admiráveis que o ultrapassam nas doutrinas verdadeiramente sublimes e admiráveis, humilha-se "sob a poderosa mão de Deus".

Se há quem, não tendo podido ver claramente na sua simplicidade a doutrina da humildade, entrega-se a semelhantes práticas, não é preciso pôr em dúvida o Evangelho, mas perdoar a simplicidade dessas pessoas que, com as melhores intenções, não chegam de modo algum a realizá-los por causa de sua própria ingenuidade. Mais que o sábio humilde e ordenado de Platão, é humilde e ordenado o justo: ordenado, porque ele

caminha nos caminhos sublimes e admiráveis que o ultrapassam; humilde, porque, seguindo estes caminhos, ele se humilha voluntariamente, não sob o poder de qualquer homem, mas "sob a poderosa mão de Deus", graças a Jesus que ensina estas doutrinas: "e não considerou o ser igual a Deus como algo a se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo", "e, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!" (Fl 2,6-8). Esta é a grandeza da doutrina da humildade que, para no-la ensinar, não temos qualquer mestre, mas nosso próprio poderoso salvador declara: "Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas" (Mt 11,29).

16. Depois disso, diz ele: *A sentença de Jesus contra os ricos: "É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus" (Mt 19,24) evidentemente é tirada de Platão. Jesus plagiou a máxima platônica: "É impossível que um homem de bem excepcional seja excepcionalmente rico."* Que homem capaz de uma reflexão perfeitamente comum, não só entre os que acreditam em Jesus, mas também no resto da humanidade, não riria de Celso? Se bem o entendemos, Jesus, nascido e educado entre os judeus, considerado como filho do carpinteiro José, que não aprendeu as letras dos gregos nem mesmo dos hebreus, como o atestam sinceramente as escrituras de seus discípulos, teria lido Platão, aprovado sua sentença sobre os ricos: É impossível ser excepcionalmente bom e rico, e o teria plagiado ao dizer: "É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus."

Se Celso tivesse lido os evangelhos sem ódio nem animosidade, mas por amor à verdade, teria examinado isto: por que pois tomar o camelo, animal disforme entre todos por natureza, para comprá-lo ao rico, e que sentido teria o buraco estreito da agulha na afirmação que "o caminho estreito e apertado é o que conduz os homens à vida" (Mt 7,14)? Por que, conforme a lei, este animal é considerado impuro, aceitável porque rumina, mas repreensível por ser solípede? Teria igualmente investigado quantas vezes o camelo nas Santas Escrituras é utilizado como comparação e com que é comparado, para compreender o sentido das palavras sobre os ricos. Não teria deixado de examinar as passagens em que Jesus proclama a bem-aventurança dos pobres e a desgraça dos ricos, para verificar se se tratava de pobres e de ricos na ordem das coisas sensíveis, ou se seria intenção do logos abençoar absolutamente uma certa pobreza e repreender absolutamente a riqueza, pois ninguém teria louvado indiscriminadamente os pobres, que em sua maior parte têm costumes detestáveis. Mas sobre esta questão basta.

O reino de Deus

17. Em seguida, em sua intenção de vilipendiar as passagens de nossas escrituras relativas ao *reino de Deus*, não cita nenhuma, como se fossem indignas de qualquer menção, ou talvez porque não as conhecesse. Mas cita *passagens de Platão extraídas das Cartas e de Fedro; apresenta-as como palavras inspiradas,* ao passo que nossas escrituras nada disso teriam. Tomemos alguns exemplos para compará-los às sentenças

de Platão que não deixam de ter força persuasiva, mas nem por isso dispuseram o filósofo a viver de uma maneira digna dele na piedade para com o criador do universo; ele não deveria nem adulterar nem manchar esta piedade com aquilo que chamamos idolatria, ou com um termo comum, com superstição.

O Salmo 17 assim fala de Deus: "Das trevas ele fez seu véu" (Sl 17,12). Este circunlóquio hebraico significa que as ideias de Deus que seriam dignas dele permanecem secretas e desconhecidas; pois ele por assim dizer se cobriu com um véu de escuridão para os espíritos que não suportam o brilho de seu conhecimento, incapazes de vê-lo, por causa da impureza que afeta a inteligência ligada ao corpo de miséria dos homens, ou por causa de sua própria pouca capacidade de compreender a Deus. E para fazer ver que o conhecimento de Deus raramente foi concedido aos homens e somente um número muito pequeno o possuía, está escrito que "Moisés aproximou-se da nuvem escura, onde Deus estava" (Ex 20,21), e ainda: "Só Moisés se aproximará do Senhor; os outros não se aproximarão" (Ex 24,2). E para mostrar que a profundeza das ideias sobre Deus é incompreensível para os que não possuem o Espírito que perscruta tudo e até as "profundidades de Deus" (1Cor 2,10), disse o profeta: "O abismo como um manto o cobre" (Sl 103,6).

Além disso, nosso salvador e Senhor, o logos de Deus mostra a sublimidade do conhecimento de seu Pai, pois ele é compreendido e conhecido como merece apenas por ele principalmente, e secundariamente por aqueles que têm o espírito iluminado por ele, que é logos e Deus. Ele declara então: "Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11,27). Ninguém de fato pode conhecer dignamente o incriado, o primogênito de toda a criação, como o Pai que o gerou, nem o Pai como o logos vivo, sua sabedoria e sua verdade. Ao se comunicar, ele afasta do Pai o que chamamos as trevas com que ele se isola e o abismo apresentado como seu manto: ele revela assim o Pai e quem tiver a capacidade de conhecê-lo conhece o Pai.

18. Julguei bom citar, entre muitas outras, estas ideias que os santos personagens tiveram sobre Deus, para revelar àqueles que têm os olhos capazes de perceber a seriedade das escrituras que os escritos sagrados dos profetas têm alguma coisa de mais nobre que as palavras de Platão admiradas por Celso. Eis a passagem de Platão citada por Celso: "*Em volta do rei do universo gravitam todas as coisas; todas existem para ele, ele é a causa de toda beleza. Em volta do segundo estão as coisas de segunda categoria; em volta do terceiro, as de terceira categoria. A alma humana aspira conhecer o que elas são, fixando o olhar sobre as coisas que lhe são aparentadas, das quais nenhuma é perfeita. Sem dúvida, quando se trata do rei e dos príncipes de que falei, nada disso existe.*" Eu poderia citar passagens sobre os "serafins" dos hebreus, descritos em Isaías, que cobrem "o rosto" e "os pés" de Deus, sobre os "querubins" descritos por Ezequiel, sobre as formas que lhes são dadas, e sobre a maneira como Deus é levado pelos querubins (cf. Is 65,2; Ez 1,5-27; 10,1-21). Mas as expressões são por demais misteriosas e, por causa das pessoas indignas e irreligiosas, incapazes de seguir passo a passo a sublimidade e a majestade da teologia, julguei ser inconveniente debater tais questões neste tratado.

19. Celso diz a seguir: *Por terem compreendido mal as expressões platônicas, alguns cristãos exaltam o Deus supraceleste e se elevam acima do céu dos judeus.* Mas não explica se eles se elevam mesmo acima do Deus dos judeus, ou somente do céu pelo qual juram os judeus. Ora, o assunto em questão não é falar daqueles que anunciam um outro Deus que também é adorado pelos judeus, mas defender-nos e mostrar que os profetas dos judeus, reconhecidos entre nós, não podem ter aprendido qualquer coisa de Platão: pois eram muito mais antigos que ele. Nós tampouco tiramos de Platão a passagem: "Em volta do rei do universo gravitam todas as coisas; elas todas existem para ele." Mas não aprendemos dos profetas uma doutrina melhor expressa do que aquela; pois Jesus e seus discípulos explicaram claramente a intenção do Espírito que existia nos profetas, e outro não é senão o Espírito de Cristo. E o filósofo não é o primeiro a falar de um lugar supraceleste: por muito tempo Davi percebera a profundidade e a abundância dos pensamentos sobre Deus que possuem aqueles que se elevam acima do sensível, dizendo no livro dos Salmos: "Louvai-o, céus dos céus e águas acima dos céus! Louvem o nome de Iahweh!" (Sl 148,4-5).

Para mim, não tenho dúvida, Platão escreveu máximas de Fedro depois de as ter aprendido de certos autores hebreus ou mesmo, como se disse, depois de ter lido os discursos proféticos, quando dizia por exemplo: "*Este lugar supraceleste, jamais algum poeta na terra celebrou, nem celebrará jamais tanto quanto merece*", e na passagem seguinte onde se lê: "*A essência que realmente não tem cor, nem forma, e é impalpável, objeto de contemplação para o único piloto da alma, nosso intelecto, de que depende o saber autêntico, é este lugar que ela ocupa*." Nosso Paulo, que devia sua formação a estes escritos proféticos, aspira aos bens supraterrestres e supracelestes e faz tudo para obter esses bens. Ele diz na 2Cor: "Pois nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até o excesso. Não olhamos para as coisas que se veem, mas para as que não se veem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno" (2Cor 4,17-18).

20. Desta forma, para quem pode compreender, Paulo apresenta sem rodeios as coisas sensíveis, sob o nome de visíveis e as realidades inteligíveis que só o espírito pode captar, sob o nome de invisíveis. Ele sabe que as coisas sensíveis ou visíveis têm apenas um tempo, que as realidades inteligíveis ou invisíveis são eternas. Para chegar à sua contemplação, sustentado pelo ardente desejo que o leva até elas, ele considera toda tribulação como um nada ou uma coisa muito sem importância. No tempo da tribulação e das provações, em vez de ficar desanimado, ele considera como sem importância todas as vicissitudes, graças à contemplação destas realidades. Pois temos "um sumo sacerdote eminente, que atravessou os céus" pela grandeza de seu poder e de seu espírito, "Jesus Cristo Filho de Deus" (Hb 4,14). Ele prometeu àqueles que verdadeiramente aprenderam as coisas divinas e viveram de maneira digna delas, conduzi-los aos bens que estão além deste mundo. Pois ele diz: "A fim de que, onde eu estiver, estejais vós também" (Jo 14,3). Por isso esperamos depois dos *sofrimentos e das lutas deste mundo, chegar aos cumes celestes,* e receber fontes "de água jorrando para a vida eterna" (Jo 4,14) conforme a doutrina de Jesus, conter rios de contemplações e estar com estas águas ditas

supracelestes que louvam o nome do Senhor (cf. Jo 7,38). Enquanto durar nosso louvor, *não seremos levados para longe do círculo do céu*, mas nos empenharemos em *contemplar* as obras invisíveis de Deus: elas nos serão perceptíveis não mais como "desde a criação do mundo, através das criaturas" (Rm 1,20), mas como lembrou o verdadeiro discípulo de Jesus dizendo: "mas, depois, veremos face a face", e "mas, quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá" (1Cor 13,12.10).

21. As escrituras recebidas nas igrejas de Deus não dizem que existem *sete céus* nem algum número claramente definido; mas a Bíblia parece ensinar que existem diversos céus, quer se trate das esferas daquilo que os gregos chamam de planetas, quer de alguma coisa diversa mais misteriosa. Celso, depois de Platão, diz que o *trajeto das almas para chegar à terra e retornar passa pelos planetas.* Mas Moisés, nosso profeta mais antigo, narra a visão de nosso patriarca Jacó: num sonho enviado por Deus, apareceu-lhe uma escada que se erguia sobre a terra e seu topo atingia o céu, por onde os anjos de Deus subiam e desciam, enquanto o Senhor se apoiava em seu topo (cf. Gn 28,12-13). Talvez, a propósito desta escada ele quisesse sugerir as intenções anteriores, ou algumas verdades superiores. Esta escada sugeriu o assunto de um livro de Fílon que merece o exame refletido e inteligente daqueles que amam a verdade.

Iniciação mitríaca e diagrama

22. A seguir, para ostentar sua erudição no tratado que ele nos opõe, Celso evoca certos mistérios dos persas: *É também o que revelam a doutrina dos persas e a iniciação mitríaca praticada entre eles. Uma figura representa as duas órbitas celestes, uma fixa, e a outra destinada aos planetas, e a passagem da alma através deles. Eis a figura: uma escada de sete portas, tendo no alto uma oitava. A primeira é de chumbo, a segunda de estanho, a terceira de bronze, a quarta de ferro, a quinta de uma liga, a sexta de prata, a sétima de ouro. A primeira é atribuída a Crono, simbolizando pelo chumbo a lentidão deste astro; a segunda a Afrodite, comparando com ela o brilho e a moleza do estanho; a terceira a Zeus, com base de bronze e sólida; a quarta a Hermes, porque o ferro como Hermes são considerados rígidos para todos os trabalhos, úteis ao comércio, de uma resistência a toda prova; a quinta, proveniente de uma liga, desigual e variada, a Ares; a sexta, de prata, à lua, e a sétima, de ouro, ao sol, cujas cores imita.*

Ele procura em seguida a razão do *ordenamento assim catalogado das estrelas, indicado simbolicamente pelos nomes das espécies variadas da matéria*. Acrescenta *teorias musicais* ao que ele cita da *teologia dos persas*. Vai muito além e cita *uma segunda explicação*, que contém ainda *considerações musicais*. Mas me pareceu fora de propósito a passagem de Celso a esse respeito: seria fazer o que ele mesmo faz quando, para acusar os cristãos e os judeus, expõe inoportunamente não só as palavras de Platão com que poderia ter-se contentado, mas também, como ele diz, *os mistérios mitríacos dos persas e sua explicação*. De fato, como quer que seja, haja ou não mentira ou verdade na interpretação destes mistérios dada pelos persas e por aqueles que

os praticam, por que citar estes mistérios e não um dos outros com sua explicação? Pois não parece que na Grécia os mistérios de Mitra tenham sido mais excepcionais do que os de Elêusis ou de Hécate, que são comunicados aos iniciados de Egina. Se queria descrever os mistérios bárbaros com sua explicação, por que não os preferir aos do Egito, de que se gloria um tão grande número, os da Capadócia em honra de Ártemis de Comana, os da Trácia ou mesmo os de Roma nos quais são iniciados os mais nobres senadores? Ele julgou inoportuno estabelecer com algum destes mistérios uma comparação que não apoiaria de modo algum sua acusação contra os judeus ou os cristãos; como também não lhe pareceu inoportuno arguir mistérios mitríacos?

23. Desejará alguém uma exposição com uma reflexão mais profunda sobre a entrada das almas nas realidades divinas? Deixe de lado a seita muito insignificante que ele citou, interrogue os livros, uns judeus, lidos nas sinagogas e admitidos pelos cristãos, outros somente cristãos! Leia, no final da profecia de Ezequiel, os detalhes da visão do profeta, em que a descrição das diferentes portas insinua certas verdades sobre os diferentes caminhos pelos quais chegam a uma vida superior as almas mais perfeitas! Leia também, no Apocalipse de João, os detalhes sobre a cidade de Deus, a Jerusalém celeste, seus fundamentos e portas. E se for capaz de conhecer através dos símbolos o caminho indicado para aqueles que caminharem para as realidades divinas, leia o livro de Moisés intitulado Números; procure o homem que pode iniciar as pessoas nos mistérios representados pelos acampamentos dos filhos de Israel: que tribos estavam localizadas ao nascente, como primeiras, que outras estavam no sudoeste e no sul, que outras na costa marítima, que outras ao norte, como últimas. Verá neles *considerações* profundas e que não requerem, como crê Celso, *como ouvintes pessoas idiotas e escravos.* Discerniremos os povos mencionados neste livro, a natureza dos números citados nestes lugares como pertencentes a cada tribo, assunto que eu julgo fora de propósito expor aqui.

Mas Celso e os leitores de seu livro devem saber que em nenhum lugar das escrituras reconhecidas como verdadeiras e divinas se faz menção de sete céus. Portanto, nada daquilo que dizem nossos profetas, os apóstolos de Jesus, o Filho de Deus em pessoa é *tirado dos persas e dos cabiros.*

24. Uma vez exposto seu exemplo tirado dos mistérios mitríacos, Celso declara: *Se quiséssemos colocar em paralelo a iniciação dos persas* que ele acaba de citar e *certa iniciação dos cristãos, comparando uma e outra, e pondo às claras os mistérios dos cristãos, veríamos as suas diferenças.* Onde ele sabe indicar o nome das seitas, não hesita em propor as que ele acredita conhecer, mas onde seria necessário dar este nome, se porventura o sabe, e indicar a seita que utiliza *o diagrama* descrito, não o faz.

Julgando por estas palavras, creio poder conjeturar que ele em parte tirou sua descrição do diagrama das doutrinas mal compreendidas da seita bem obscura dos ofitas. Em minha avidez por saber, acabei descobrindo este diagrama. Encontramos as invenções destes homens que, nas palavras de Paulo: “Entre estes se encontram os que se introduzem nas casas e conseguem cativar mulherzinhas carregadas de pecado,

possuídas de toda sorte de desejos, sempre aprendendo, mas sem jamais poder atingir o conhecimento da verdade" (2Tm 3,6-7). Mas esse diagrama comporta tanta inverossimilhança que ele não obtém o assentimento nem das mulherzinhas fáceis de enganar, nem dos mais rudes prontos a serem convencidos pela menor verossimilhança. Apesar de eu ter percorrido muitas regiões da terra, procurando por toda parte os que dizem saber a verdade, jamais encontrei alguém que levasse a sério o ensinamento deste diagrama.

25. *Ele tinha um desenho de dez círculos, separados uns dos outros, mas reunidos por um outro círculo, que diziam ser a alma do mundo e chamavam de Leviatã.* As escrituras judaicas, qualquer que seja o sentido que elas sugiram, dizem que este Leviatã foi criado por Deus como um brinquedo. Pois encontramos no salmo: "Quão numerosas são tuas obras, Senhor, e todas fizeste com sabedoria! A terra está repleta de tuas criaturas. Eis o vasto mar, com braços imensos, onde se movem, inumeráveis, animais pequenos e grandes; ali circulam os navios, e este dragão, que formaste para com ele brincar" (Sl 103,24-26). Em vez de "dragão", havia em hebraico "Leviatã". Ora, o diagrama ímpio dizia que o Leviatã assim abertamente questionado pelo profeta é a alma derramada em todo o universo. Encontrei também o nome Beemot, representando um ser colocado abaixo do círculo mais baixo. E o autor deste horrível diagrama desenhou o Leviatã sobre o círculo e em seu centro, escrevendo duas vezes seu nome.

Celso ainda diz: *O diagrama é dividido por uma espessa linha preta;* e afirma que *lhe tinham dito que era a Geena ou o Tártaro*. Tendo encontrado no evangelho a Geena descrita como o lugar dos castigos, procurei saber se ela é citada em alguma passagem das antigas escrituras, já porque os judeus empregam este nome. Encontrei uma passagem nas escritura em que é citado o vale "do filho de Enom", mas soube que em hebraico, em vez de vale, se dizia no mesmo sentido "o vale de Enom e a Geena" (Jr 7,31s; 32,35). Por uma observação atenta das lições do texto encontro também mencionada, no quinhão destinado à tribo de Benjamim, a Geena ou o vale de Enom, onde estava igualmente Jerusalém. Procurando saber que conclusão tirar do fato de que a Jerusalém celeste era o quinhão de Benjamim bem como o vale de Enom, encontro uma alusão ao lugar dos castigos que certas almas sofrem para serem purificadas pela provação. Pois está escrito: "Porque ele é como o fogo do fundidor e como a lixívia dos lavadeiros. E se assentará aquele que funde e que purifica" (Ml 3,2-3).

26. É nas cercanias de Jerusalém que se realizam os suplícios daqueles que são submetidos à fundição, por terem recebido na substância de sua alma os prejuízos do vício — e em sentido figurado, de certa forma, é citado o chumbo.

O que poderíamos dizer sobre a questão não pode ser exposto a todos e fica fora de propósito. Existe mesmo o perigo de se confiar à escrita a elucidação deste assunto: a maior parte não precisa saber senão o castigo que cabe aos pecadores; não é útil abordar as verdades que os ultrapassam, por causa daqueles que o medo do castigo eterno retém apenas por um tempo fora da onda do mal e das faltas que dele provêm.

A doutrina da Geena não era conhecida nem dos autores do diagrama nem de Celso:

os primeiros não teriam traçado seriamente a figura e o diagrama como se estabelecessem a verdade por meio deles; e Celso, em seu tratado contra os cristãos, não teria introduzido em suas críticas contra eles opiniões que nada têm a ver com eles, mas com os sectários que talvez nem existam mais e talvez tenham desaparecido totalmente, ou subsistam num número insignificante fácil de contar. Assim como os platônicos não precisam fazer a apologia de Epicuro e de suas ímpias doutrinas, da mesma forma não precisamos nós fazê-la por causa do diagrama e das críticas que Celso lhe dirige. Assim sendo, deixo de lado tudo o que ele diz por ser superficial e inútil: teria eu críticas mais graves do que as suas a formular, se eu tivesse algo a ver com aqueles que foram conquistados por tais doutrinas.

Iniciação cristã?

27. Depois dessas observações sobre o diagrama, o que ele diz não provém realmente de uma incompreensão daquilo que, na Igreja, se chama "o selo": ele inventa extravagâncias em forma de perguntas e respostas: *Quem aplica o selo se chama Pai; quem recebe a marca se chama moço e filho, e responde: "Fui ungido com a unção branca que emana da árvore da vida.*" Jamais ouvi falar disso entre os hereges. Em seguida, indica com precisão o número *dado por aqueles que transmitem o selo: sete anjos que permanecem de cada lado da alma do moribundo; alguns são anjos de luz, outros se chamam arcônticos; e diz que o chefe dos anjos arcônticos se chama Deus maldito.*

Depois, indignado com a expressão, critica com razão a audácia de tais palavras. A esse respeito partilhamos também nós da indignação daqueles que criticam estas pessoas, se existem, que chamam *Deus maldito ao Deus dos judeus, senhor da chuva e do trovão, o criador deste mundo, o Deus de Moisés e da criação descrita por ele.* As palavras de Celso não demonstram qualquer benevolência; pelo contrário, são inspiradas pelo seu ódio, indigno de um filósofo, de uma extrema malevolência para conosco. Ele quis que à leitura de seu livro, os que não têm a experiência de nossas doutrinas nos atacassem como se disséssemos que o magnífico criador deste mundo é um deus maldito. Seu procedimento me parece análogo ao dos judeus que, no começo do ensinamento do cristianismo, espalharam contra o evangelho a calúnia que os cristãos imolavam uma criancinha cuja carne era distribuída entre os convivas, e ainda que os discípulos do evangelho, para realizarem as obras das trevas, apagavam a luz e cada qual se unia à sua vizinha. Apesar de seu absurdo, esta calúnia prevaleceu antigamente entre o povo, persuadindo aqueles que ignoram o evangelho de que esta é a conduta dos cristãos. Ainda hoje ela engana certas pessoas que, por este motivo, rejeitam abordar os cristãos, até mesmo para uma simples conversa.

28. Este me parece ter sido o objetivo de Celso, quando alega que os cristãos chamam o criador de Deus maldito: ele queria que dando fé a estes ataques contra nós, as pessoas fossem levadas, se possível, a destruir os cristãos como os mais ímpios dentre os homens. Confunde os assuntos e pretende explicar a razão por que o Deus da criação mosaica é chamado maldito, afirmando: *Este Deus é verdadeiramente digno de*

maldição no juízo daqueles que o consideram como tal, pois amaldiçoou a serpente que trazia o conhecimento do bem e do mal aos primeiros homens.

Celso deveria saber disto: os que passaram para o lado da serpente, como se dessem um bom conselho aos primeiros homens, e que sobrepujaram os gigantes e os titãs da fábula, de onde lhes adveio o nome de ofitas, tão longe estão de serem cristãos que não são menos acusadores de Jesus do que ele, e que ninguém é admitido em sua assembleia sem previamente ter amaldiçoado a Jesus. Eis o cúmulo do ilogismo de Celso em seu Discurso contra os cristãos: tomar como cristãos aqueles que não aceitam sequer ouvir o nome de Jesus, nem mesmo como um sábio virtuoso! Acaso encontramos tolice mais delirante que a deles de se prevalecerem do nome da serpente como chefe das pessoas honestas como eles fazem, e mesmo a tolice de Celso ao pensar que suas acusações contra os ofitas valiam contra os cristãos? Outrora o filósofo grego que amou a pobreza e deu o exemplo de uma vida virtuosa para provar que a extrema pobreza não impede a felicidade se proclamou a si mesmo cínico. Mas estes ímpios colocam sua glória em serem chamados ofitas, derivando seu nome da serpente, o inimigo mais terrível dos homens; é de se acreditar que eles não são homens de quem a serpente seja inimiga, mas que eles mesmo são serpentes; e celebram um certo Eufrates como o iniciador de suas doutrinas sacrílegas.

29. Em seguida, como se a repreensão atingisse os cristãos, ao acusar os que chamam de Deus maldito o Deus de Moisés e de sua lei, e imagina que aqueles que dizem isto são cristãos, ele afirma: *Poderá haver tolice mais delirante que esta sabedoria estúpida? Que erro então cometeu o legislador dos judeus? Então, por que adotas — graças, dizes tu, a uma alegoria sumária — sua cosmogonia ou a lei dos judeus e por que louvas, apesar de tudo, ó grande ímpio, o criador do mundo, que prometeu tudo aos judeus, anunciando que sua raça se multiplicaria até aos confins da terra e ressuscitaria dentre os mortos com a mesma carne e o mesmo sangue, por que louvas aquele que inspirava os profetas; e por que ao mesmo tempo o injurias? Entretanto, quando os judeus te pressionam, reconheces que adoras o mesmo Deus; mas quando teu mestre Jesus, e Moisés, o mestre dos judeus, estabelecem leis contrárias, procuras um outro deus no lugar deste, o Pai.*

Eis o ponto em que o ilustríssimo filósofo Celso calunia manifestamente os cristãos, quando diz que quando os judeus os pressionam, eles reconhecem o próprio Deus, mas quando Jesus estabelece leis contrárias às de Moisés, eles procuram um outro em seu lugar. Em nossas discussões com os judeus e também entre nós, sabemos que só existe um Deus, aquele que os judeus adoravam antigamente e ainda hoje professam adorar, e estamos puros de qualquer impiedade a seu respeito. Tampouco dizemos que Deus ressuscitará os homens dentre os mortos com a mesma carne e o mesmo sangue, como vimos acima; dizemos que aquilo que foi semeado "corpo psíquico na corrupção, na abjeção, na fraqueza" não ressuscita no estado em que foi semeado. Mas já tratei adequadamente deste assunto acima.

30. Celso então volta aos *sete demônios arcontes, cujos nomes* não são absolutamente

dados pelos cristãos, mas, creio eu, são transmitidos pelos ofitas. E eu mesmo encontrei no diagrama que adquiri para este estudo uma ordem semelhante à de Celso. Dizia Celso que *o primeiro é figurado sob a forma de um leão,* mas não cita o nome que estas pessoas realmente muito ímpias lhe dão. Verifiquei que o anjo do criador celebrado nas santas escrituras, segundo este pérfido diagrama, é Miguel em forma de leão. Depois Celso diz que *o seguinte, o segundo é um touro;* o diagrama que eu tinha dito ser Suriel em figura de touro. Para Celso, *o terceiro é um anfíbio que emite silvos horríveis;* para o diagrama, este terceiro é Rafael em forma de dragão. Depois Celso afirmava que *o quarto tem uma forma de águia;* o diagrama dizia que Gabriel é este ser em forma de águia. Celso afirmava em seguida *que o quinto tem o semblante de um urso*; o diagrama dizia que Tautabaot é o ser em forma de urso. Em seguida, dizia Celso, *contam entre si que o sexto tem uma aparência de cão;* o diagrama afirmava que é Erataot. Celso afirmava enfim que *o sétimo tem um semblante de burro e se chama Tafabaot ou Onoel;* constatei no diagrama que aquele que chamam de Onoel ou Tartaraot realmente tem uma forma de burro. Julguei bom dar estas indicações precisas para não parecer que ignoro o que Celso pretendia saber e para provar que nós, cristãos, temos disso um conhecimento mais preciso do que o seu, e que são doutrinas não dos cristãos, mas de pessoas totalmente estranhas à salvação e que recusam totalmente a Jesus os títulos de salvador, Deus, mestre, filho de Deus.

31. Acaso alguém desejará aprender ainda os artifícios com que estes feiticeiros, que pretendem possuir certos segredos, quiseram conquistar os homens para seu ensinamento e sem muito êxito? Ouça o que eles aprendem a dizer uma vez passada o que eles chamam "a barreira da malícia", as portas dos Arcontes eternamente fechadas com correntes: "Rei solitário, venda de cegueira, esquecimento inconsciente, eu te saúdo, primeiro poder, guardado pelo espírito de providência e pela sabedoria; fui enviado por ti puro, já fazendo parte da luz do Filho e do Pai; que a graça esteja comigo, sim, Pai, que ela esteja comigo!" Eis aí conforme eles, onde começa a Ogdôada. Depois, eles aprendem a dizer, atravessando o que chamam Ialdabaot: "Ó tu, primeiro e sétimo, nascido para dominar com firmeza, Ialdabaot, razão soberana da pura inteligência, obra-prima do Filho e do Pai, trago um símbolo marcado com uma imagem de vida; abri para o mundo a porta que tinha fechado para tua eternidade, e encontrando novamente minha liberdade, atravesso teu império; que a graça esteja comigo, sim, Pai, que ela esteja comigo!" E dizem que o astro brilhante está em simpatia com o arconte em forma de leão. Acreditam igualmente que depois de se ter atravessado Ialdabaot, e chegado a Ia, deve-se dizer: "Ó tu que presides os mistérios ocultos do Filho e do Pai e brilhas durante a noite, Iao segundo e primeiro, mestre da morte, quinhão do inocente, eis-me aqui, trazendo o símbolo da submissão de meu espírito, disposto a atravessar teu império; pois, por uma palavra viva, levei de vencida aquele que vem de ti; que a graça esteja contigo, Pai, que ela esteja comigo!" Logo depois, é Sabaot, a quem, conforme eles, se deverá dizer: "Arconte do quinto império, poderoso Sabaot, primeiro defensor da lei de tua criação, que a graça libertou pela virtude mais poderosa do número cinco, deixa-me passar vendo intacto este símbolo de tua arte que conservo na marca de uma imagem,

um corpo entregue pelo número cinco; que a graça esteja comigo, Pai, que ela esteja comigo!”... Depois deste vem Astafaios, que se expressa nos seguintes termos: “Arconte da terceira porta, Astafaios que vela pela fonte original da água, olha para mim como um miste, um iniciado, e deixa-me passar, porque fui purificado pelo espírito de uma virgem, tu que vês a essência do mundo; que a graça esteja comigo, Pai, que ela esteja comigo!” Depois dele, é Aiolaio a quem julgam conveniente dizer: “Arconte da segunda porta, Aiolaio, deixa-me passar vendo que trago o símbolo de tua mãe, uma graça oculta pelas virtudes dos poderes; que a graça esteja contigo, Pai, que esteja comigo!” Por fim, citam Horaios e julgam dever dizer: “Tu que, tendo intrepidamente atravessado a barreira de fogo, recebeste o império da primeira porta, Horaios, deixa-me passar, vendo o símbolo de teu poder destruído por uma figura da árvore de vida e recuperado por uma imagem à semelhança do inocente; que a graça esteja comigo, Pai, que ela esteja comigo!”

32. Eis a que detalhes me arrastou a pretensa erudição de Celso que parece mais curiosidade indiscreta e palavrório. Pois eu desejaria mostrar ao leitor de seu tratado e de minha refutação que não encontro nenhuma dificuldade nas informações utilizadas por ele para caluniar os cristãos. Eles não admitem nem conhecem nada disso, e se eu quis conhecer tais detalhes e dar-lhes atenção, é para impedir que, pela pretensão dos feiticeiros de tê-los mais que nós, não venham a enganar aqueles que o ouropel de suas palavras fascina. E eu poderia mostrar por diversas outras citações que conhecemos bem as fórmulas desses velhacos, mas as rejeitamos como estranhas, ímpias, sem nada em comum com as doutrinas autenticamente cristãs que confessamos até a morte.

Devemos, entretanto, saber que os autores dessas fórmulas não compreenderam os segredos da magia, nem discerniram os sentidos das divinas escrituras, e confundiram tudo. Eles tiram da magia Ialdabaot, Astafaios, Horaios e dos escritos hebraicos o que os hebreus chamam de Iao ou Ia, Sabaot, Adonai, Eloaios. Mas os nomes tirados das escrituras são os de um só e mesmo Deus. Os inimigos de Deus não compreenderam isto, eles mesmos o reconhecem: acreditaram que Iao era um deus, Sabaot um outro, Adonaios um terceiro que as escrituras chamam de Adonai, e Eloaios um quarto, que os profetas chamam em hebraico de Eloai.

33. *Em seguida*, Celso conta outras fábulas: *Há homens que retornam às formas dos Arcontes, de modo que uns se tornam leões, outros touros, outros serpentes, águias, ursos, cães.* Também encontrei, no diagrama que eu tinha, o que Celso chamou de *um tetrágono* e as fórmulas que estes in-felizes pronunciam às portas do paraíso. A espada flamejante era desenhada como o diâmetro de um círculo de fogo, para guardar a árvore do conhecimento e da vida. Celso, portanto, não quis ou não pôde citar as palavras-senha que em cada porta, conforme as fábulas desses ímpios, devem dizer aqueles que as atravessam. Mas foi isso mesmo o que fiz, para mostrar a Celso e aos leitores de seu livro que se considera o termo dessa iniciação profana como estranha à piedade dos cristãos com a divindade.

34. Depois das considerações que acabo de fazer e acrescentando-lhes outras da mesma ordem, Celso prossegue: *Eles amontoam confusamente palavras de profetas, círculos*

sobre círculos, riachos da igreja terrestre e da circuncisão, uma virtude que emana de uma certa virgem Prúnicos, uma alma viva, um céu imolado para que ele viva, uma terra imolada pela espada, homens em grande número imolados para que vivam, uma morte que deve acabar no mundo quando morrer o pecado do mundo, uma nova descida estreita e portas que se abrem por si mesmas. Em toda parte se fala da árvore da vida e da ressurreição da carne pelo lenho da cruz, porque, creio eu, seu mestre foi pregado na cruz e era carpinteiro de profissão. De forma que, se por acaso o tivessem precipitado do alto de um rochedo, lançado num abismo, enforcado com uma corda, ou se fosse sapateiro, talhador de pedras, ferreiro, haveria acima dos céus uma rocha de vida, um abismo de ressurreição, uma corda de imortalidade, uma pedra de bem-aventurança, um ferro de caridade, um couro de santidade. Que velha embriagada, cantarolando uma fábu-la para fazer dormir um bebê, não teria vergonha de cochichar tais asneiras? Celso me parece aqui confundir ideias mal compreendidas. Dá a impressão de alguém que, tendo apanhado alguns pedaços de frases pronunciadas numa seita ou alhures sem ter entendido o seu sentido ou intenção, ajuntou os fragmentos para dar aos que nada sabem nem de nossas doutrinas nem das seitas a impressão de que conhece todas as doutrinas do cristianismo. É o que se evidencia da passagem citada.

35. É bem verdade que utilizamos os discursos dos profetas para provar que Jesus é o Cristo anunciado por eles, e mostrar pelas profecias que os acontecimentos contados a propósito de Jesus nos evangelhos são sua realização. A expressão "círculos sobre círculos" talvez seja tirada da seita de que acabamos de falar, que incluía num círculo único, que ela chama alma do universo e Leviatã, os sete círculos dos poderes arcônticos; ou talvez tivesse compreendido mal esta palavra do Eclesiastes: "E girando e girando vai o vento em seus círculos" (Ecl 1,6).

A expressão "riachos da igreja terrestre e da circuncisão" é proveniente talvez do fato de que alguns dizem que a igreja terrestre é um riacho nascido de uma igreja celeste e de um éon superior, e que a circuncisão prescrita na lei é o símbolo da que se efetua no alto em algum lugar de purificação. O nome "Prúnicos" é o que os valentinianos dão a uma certa sabedoria, no descaminho de sua própria sabedoria simbolizada segundo eles pela hemorroíssa, doente havia doze anos; entendendo erradamente o sentido e confundindo todas as opiniões dos gregos, Celso disse que de uma certa virgem Prúnicos emana uma virtude.

"Alma viva" talvez seja uma das expressões misteriosas aplicadas por alguns valentinianos àquele que eles chamam o criador psíquico; ou talvez, em oposição à alma morta, a alma viva é a belíssima expressão empregada por alguns para designar a alma do homem salvo. Mas não conheço nem "o céu imolado" nem "a terra imolada" pela espada, nem os "homens imolados em grande número para que vivam", e não seria impossível que o próprio Celso tivesse inventado estas expressões.

36. Comentando a seguinte passagem misteriosa do apóstolo, poderíamos dizer que a morte deve acabar no mundo, quando o pecado do mundo morrer: "No momento em que ele puser todos os seus inimigos sob seus pés, então o último inimigo será destruído:

a morte" (cf. 1Cor 15,25-26). E também diz: "Quando, pois, este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da escritura: a morte foi absorvida na vitória" (1Cor 15,54). A expressão "uma nova descida estreita" poderia ser proveniente daqueles que admitem a metensomatose. A frase: "as portas que se abrem por si mesmas", provavelmente foi empregada por aqueles que explicam em termos obscuros este texto: "Abri-me as portas da justiça, vou entrar celebrando ao Senhor! Esta é a porta do Senhor: os justos por ela entrarão" (Sl 117, 19-20). Ou ainda, no Salmo 9: "Levanta-me das portas da morte para que eu proclame os teus louvores, e com tua salvação eu exulte às portas da filha de Sião!" (Sl 9,14-15). Por "portas da morte" a escritura designa os pecados que conduzem à perdição, ao contrário, por "portas de Sião" ela designa as boas ações; e assim, "portas da justiça" equivale a "portas da virtude": elas se abrem imediatamente para aqueles que se aplicam aos atos de virtude.

A explicação sobre o lenho da cruz da vida caberia melhor num comentário sobre o paraíso de Deus, descrito no Gênesis como plantado por ele. Mas Celso já zombou da ressurreição que ele não entende. Aqui, não contente com o que já disse, acrescenta que se trata da ressurreição da carne pelo lenho da cruz, por não entender, creio eu, a expressão figurada: é pelo lenho da cruz que veio a morte, e pelo lenho da cruz a vida; a morte em Adão, a vida em Cristo (cf. 1Cor 15,21-22; Rm 5,12s). A seguir ele brinca com a palavra lenho da cruz usando dupla troça, dizendo que ele foi introduzido porque nosso mestre foi pregado na cruz ou que ele era carpinteiro de profissão; não repara que o lenho da cruz é descrito nos livros de Moisés; e também não observa que em nenhuma parte dos evangelhos recebidos nas Igrejas de Jesus ele é qualificado como carpinteiro.

37. Além disso, pensa que nós inventamos o lenho da vida para encontrarmos uma explicação alegórica da cruz e na lógica de seu erro sobre este ponto ele diz: Se por acaso o tivessem precipitado do alto de um rochedo, lançado num abismo, enforcado numa corda, ter-se-ia inventado acima dos céus uma rocha de vida, um abismo de ressurreição, uma corda de imortalidade; e, se como ele diz, tivessem inventado o lenho da vida porque Jesus foi carpinteiro, seria lógico falar de couro de santidade se ele tivesse sido sapateiro, de pedra de bem-aventurança se ele tivesse sido talhador de pedras, de ferro de caridade se ele tivesse sido ferreiro. Quem não vê logo a pobreza de sua acusação quando injuria os homens que ele se gabava de converter de seus descaminhos?

A seguinte observação seria para atingir aqueles que imaginaram arcontes em forma de leão, com cabeça de burro, em forma de dragão, e todos os autores de semelhantes fábulas, mas não os da Igreja. Seguramente, até uma mulher velha embriagada, para fazer dormir um bebê, teria vergonha de lhe cantarolar e cochichar uma fábula como a dos inventores de monstros com cabeça de burro e destas espécies de palavras-senha que são pronunciadas a cada porta. Quanto às doutrinas daqueles membros da Igreja, Celso não as conhece. Um número exíguo procurou compreendê-las: pessoas que consagraram sua vida, conforme a ordem de Jesus, a "perscrutar as escrituras" (Jo 5,39) e que se cansaram em procurar a intenção das Santas Escrituras mais que os filósofos gregos em adquirir sua pretensa ciência.

38. Nosso generoso adversário não se contentou com aquilo que ele tira do diagrama, mas para engrossar suas acusações contra nós, que nada temos de comum com esse diagrama, quis introduzir outros agravos, onde repete o discurso desses hereges atribuindo-o a nós. E realmente ele diz: *Mas, eis o que da parte deles não é nada espantoso: as interpretações que dão de certas inscrições entre os mais altos círculos hipercelestes, entre outros aqueles dois, "maior" e "menor", para designar o Filho e o Pai*. Nesse diagrama, encontrei o grande e o pequeno círculo; sobre seus diâmetros estavam escritos "Pai" e "Filho"; entre o grande círculo no qual estava traçado o pequeno e um outro formado de dois círculos, um exterior amarelo, e um interior azul, estava a barreira inscrita em forma de dois machados; por cima dela um pequeno círculo, tocando o maior dos anteriores o ponto onde estava inscrito "caridade", e mais embaixo um outro, tocando o círculo, com a inscrição "vida"; no segundo círculo, feito de linhas entrelaçadas e encerrando dois outros círculos e uma outra figura rombóide, estava escrito: "Providência da sabedoria"; e no interior de sua seção comum, a inscrição "natureza da sabedoria"; porém, mais alto que sua seção comum, havia um círculo onde estava inscrito "conhecimento" e, mais embaixo, um outro onde estava inscrito "inteligência".

Introduzi estas observações em meu discurso contra Celso para mostrar aos leitores que conheço mais claramente do que ele as doutrinas que eu mesmo ataco. Mas se aqueles que se gloriam de semelhantes quimeras *acaso professam também eles alguma feitiçaria mágica, e será porventura para eles o cume da sabedoria,* não afirmo como certo, pois nada encontrei semelhante. Cabe a Celso, já muitas vezes convencido de falsos testemunhos e de acusações infundadas, saber se está mentindo outra vez, ou se encontrou alguma coisa deste gênero entre estranhos e hostis à fé, e se o citou em seu tratado.

39. Em seguida, contra aqueles que, *praticando a magia e a feitiçaria, invocam os nomes bárbaros de certos demônios, ele diz que estas pessoas fazem a mesma coisa que aqueles que praticam sortilégios invocando os mesmos demônios diante daqueles que ignoram que os nomes dos demônios são diferentes entre os gregos e entre os citas.* E tira de Heródoto a afirmação que *os citas chamam Apolo de Gongosira, Poseídon de Tagimasade, Afrodite de Argimpase, Héstia de Tabiti*. Cabe às pessoas competentes examinar se também aí Celso não partilha do engano de Heródoto, pois os citas não têm as mesmas ideias que os gregos sobre pretensos deuses. Que possibilidade existe que entre os citas Apolo seja chamado de Gongosira? Não creio que traduzido em grego a palavra Gongosira apresente o mesmo sentido que Apolo, ou que Apolo traduzido em língua cita signifique Gongosira. O mesmo se diga dos outros nomes: não se dirá também que eles tenham a mesma significação. Os gregos e os citas, a partir de razões e etimologias diferentes, deram nomes diferentes àqueles que eles consideravam como deuses: assim também como os persas e os hindus, os etíopes e os líbios: cada povo dava assim o nome que lhe parecia bom porque ele não tinha guardado a pura concepção original do criador do universo. Mas falei suficientemente nas páginas anteriores tentando estabelecer que Sabaot não é idêntico a Zeus, e citando as passagens das divinas

escrituras relativas às línguas. Deixo deliberadamente de lado este ponto em que Celso comete repetições.

Em seguida, ele se põe a misturar tudo o que se refere à feitiçaria mágica. Talvez não vise ninguém, porque não há mágico que pratique sua arte sob a aparência de uma religião deste gênero; ou talvez ele pense em alguns que usam de tais práticas diante de pessoas fáceis de serem enganadas para ter o ar de agir pela potência divina; e ele dá exemplos disso: *Tenho necessidade de enumerar aqui todos aqueles que ensinaram ritos de purificação, de encantações libertadoras, de fórmulas ou de sussurros de conjuração, de efígies de demônios, todos os gêneros de remédios tirados das matérias, dos números, das pedras, das plantas, das raízes, breve, de objetos de toda espécie?* Mas nestes assuntos em que a mais leve suspeita não pode nos atingir, a razão não exige que nos defendamos.

40. Depois disso, parece-me que ele age como aqueles que, em seu ódio selvagem contra os cristãos, afirmam às pessoas inteiramente ignorantes do cristianismo ter aprendido por experiência que os cristãos comem a carne das criancinhas ou se entregam sem moderação a abraços com as mulheres que estão a seu lado. Ora, esses boatos são doravante condenados mesmo pelas pessoas inteiramente estranhas à nossa religião como alegações falsas contra os cristãos. Do mesmo modo, julgarão mentirosas as alegações de Celso pretendendo *ter visto entre alguns padres de nossa crença livros contendo nomes bárbaros de demônios e de fórmulas mágicas*. E ele assegura que *estas pessoas*, entendei: os padres de nossa crença, *não prometiam nada de útil, mas tudo aquilo que possa prejudicar os homens.* Queira o céu que todas as objeções de Celso contra os cristãos fossem desta natureza! Ele seria refutado pelas massas que aprenderam pela experiência a falsidade destas censuras, por terem vivido com um grandíssimo número de cristãos e não terem jamais ouvido sobre eles nada semelhante.

41. Depois disso, esquecendo, por assim dizer, sua intenção de escrever contra os cristãos, declara *ter ouvido de um certo Dionísio do Egito, músico, que as práticas da magia só têm poder sobre as pessoas sem cultura e de costumes corruptos, e não agem sobre os filósofos porque estes levam a sério o firme propósito de levar uma vida decente.* Se eu tivesse que discutir aqui sobre a magia, eu acrescentaria algumas observações ao que ficou dito acima; mas como devo responder da melhor forma possível ao tratado de Celso, digo: para saber se os próprios filósofos são seduzidos ou não pela magia, basta ler o que escreveu Merageno das memórias de Apolônio de Tiana, mago e filósofo. O autor, não cristão mas filósofo, observou que certos filósofos de valor, seduzidos pelo poder mágico de Apolônio, tinham-no procurado na qualidade de feiticeiro; entre estes menciona, creio eu, o famoso Eufrates e um epicureu. Mas nós afirmamos com energia e sabemos por experiência que aqueles que servem ao Deus supremo conforme a doutrina cristã e vivem em conformidade com seu evangelho, cumprindo com o dever de fazer suas preces prescritas continuamente e com a reverência exigida de noite e de dia, não são seduzidos nem pela magia nem pelos demônios. Pois na verdade, “o anjo do Senhor acampa ao redor dos que o temem, e os

liberta" de todo mal (cf. Sl 33,8). E os anjos das criancinhas da Igreja, colocadas sob a guarda deles, como diz a escritura: "veem continuamente a face de meu Pai que está nos céus" (Mt 18,10), qualquer que seja o sentido da palavra "face" e o sentido da palavra "ver".

A doutrina sobre Satã

42. A seguir, ele nos dirige as seguintes críticas, tiradas de uma outra fonte: *Eles se extraviam numa impiedade extrema, por causa desta profunda ignorância que já os havia arrastado da mesma forma para longe dos enigmas divinos: imaginam um adversário de Deus, chamam-no de diabo e em hebraico de Satã. Sem dúvida alguma, é um erro devido inteiramente aos mortais e uma impiedade dizer que o Deus altíssimo, em sua vontade de fazer o bem aos homens, encontra um ser que se opõe a ele e permanece impotente. Então o Filho é vencido pelo diabo; o castigo que ele recebe nos ensina a nós também a desprezarmos os castigos que ele nos impõe: ele prediz efetivamente que Satã, que também apareceu como ele, ostentará grandes milagres e prodígios, atribuindo-se a glória de Deus; que ninguém deve se impressionar com tais fatos e se desviar para o autor deles; só nele é que se deve acreditar. Estas são manifestamente pretensões de um feiticeiro à procura de favor e buscando se premunir contra rivais que querem disputá-lo com ele.*

Logo depois, quer indicar os enigmas que nós compreendemos mal em nossa doutrina sobre Satã e acrescenta: *Os antigos falam em termos enigmáticos de uma guerra divina. Heráclito assim se expressa: "É preciso saber que o conflito é comunidade, a justiça discórdia, tudo vem a ser pela discórdia e pela necessidade". E Ferecides, bem mais antigo que Heráclito, conta o mito de um exército em ordem de batalha contra um exército, onde de um lado o chefe é Crono e de outro Ofioneu. Ele conta seus desafios, seus combates, o acordo estabelecido segundo o qual aquele dos dois partidos que caísse no oceano seria vencido, e aquele que o tivesse expulso e vencido possuiria o céu. Esta, diz ele, é a significação que encerram os mistérios que tratam da guerra dos titãs e dos gigantes contra os deuses, e no Egito, os mistérios de Tifão, Hórus e Osíris.*

Depois da citação, sem explicar como estes mitos contêm uma doutrina superior e como nossas doutrinas os disfarçam, ele continua a nos injuriar: *Estes mitos não são a mesma coisa que a doutrina deles sobre o demônio adversário ou, dir-se-ia com mais verdade, do feiticeiro rival.* Desta forma compreende ele ainda *Homero que insinua as mesmas verdades que Heráclito, Péricles, Ferecides, e aqueles que introduzem os mistérios dos titãs e dos gigantes, nestas palavras de Hefesto a Hera: "Já uma vez quis te defender: ele me pegou pelo pé e me lançou para longe do limiar sagrado." Também nestas palavras de Zeus a Hera: "Esqueceste então o dia em que eras suspensa nos ares. Eu tinha fixado a teus pés duas bigornas e lançado em volta de tuas mãos uma corrente de ouro inquebrável; e tu lá estavas, suspensa em pleno éter, em plenas nuvens. Os outros deuses, por mais que bramissem do alto do Olimpo, eram*

incapazes de aproximar-se de ti e te libertar. Aquele que eu aí pegava, eu o prendia e lançava para longe do limiar, para que não chegasse à terra a não ser em lastimoso estado." Além disso, ele comenta os versos homéricos: Estas palavras de Zeus a Hera são as palavras de Deus à matéria: e as palavras à matéria insinuam que, como ela estava originalmente em estado de caos, Deus, dividindo-a em certas proporções, nela colocou unidade e ordem. Todos os demônios que rondavam em volta dela com insolência, ele os precipitou como castigo nos caminhos deste mundo. Compreendendo assim os versos homéricos, Ferecides diz: "Embaixo desta região está a do Tártaro; as Harpias e as Tempestades, filhas de Bóreas, garantem-lhe sua guarda, é para aí que Zeus exila os deuses revoltosos." Acrescenta que ideias análogas são sugeridas pelo belíssimo peplo de Atena que todos contemplavam na procissão das Panateneias. A prova que ele dá é que esta deusa sem mãe e sem mancha triunfa sobre os audaciosos filhos da terra.

Seguindo estas ficções dos gregos, ele conclui com um gracejo contra nossas crenças: *O castigo de um Filho de Deus pelo diabo nos ensina a suportar sermos também castigados por ele. Eis o cúmulo do ridículo. Ele deveria, penso eu, castigar o diabo e não ameaçar os homens vítimas de suas feitiçarias.*

43. Repara, pois, se ele não está desvairado quando nos acusa de nos perdermos numa impiedade extrema muito longe dos enigmas divinos: ele não percebeu que os escritos de Moisés, bem anteriores não só a Heráclito e Ferecides mas também a Homero, introduziram a doutrina deste espírito perverso caído do céu. Pois esta doutrina é sugerida pela história da serpente, origem do Ofioneu de Ferecides, serpente que provocou a expulsão do homem do paraíso de Deus: ela enganara a mulher prometendo-lhe a divindade e os bens superiores, e sabemos que o homem a tinha seguido. E o exterminador de que fala o Êxodo de Moisés, que outro pode ser senão aquele que causa a perda dos que lhe obedecem sem resistir à sua malícia nem combatê-la? E o bode expiatório do Levítico, que a escritura hebraica chama de Azazel, é também ele: era preciso que aquele sobre o qual caísse a sorte fosse expulso e oferecido como sacrifício expiatório no deserto; de fato, todos os que por sua malícia fazem parte do mau quinhão, inimigos daqueles que constituem a herança de Deus, desertaram de Deus. E os "filhos de Belial" (cf. Jz 19,22), no livro dos Juízes, de que outro poderiam ser senão do diabo por causa de sua perversidade? Além de todos esses exemplos, no livro de Jó, mais antigo que o próprio Moisés, se diz claramente que "o diabo" se apresentou diante de Deus e pediu o poder sobre Jó, para o submeter a duras provações: a primeira, a perda de todos os seus bens e de seus filhos, a segunda, de cobrir o corpo de Jó com uma cruel elefantíase, como é chamada esta doença. Não quero falar dos relatos evangélicos das tentações a que o diabo submeteu o salvador, não quero parecer tirar das escrituras mais recentes os argumentos da discussão com Celso. Mas ainda nas últimas páginas de Jó, onde do meio do furacão e das nuvens o Senhor dirigiu a Jó o discurso que se lê no livro que tem o seu nome, é possível obter informações sobre o dragão. E ainda não falo das indicações tiradas de Ezequiel, como sobre "Faraó ou Nabucodonosor" ou o príncipe de Tiro; ou de Isaías, onde se lamenta sobre o rei da Babilônia; podemos obter desses livros

muitas informações sobre a malícia, sua origem e seu começo, e a maneira como esta malícia resultou do fato de que alguns seres perderam suas asas e seguiram o caminho do primeiro que perdeu suas asas.

44. Não é possível ao ente que é bom por acidente e por consequência ser bom como o ente que é bom por essência. A comunicação daquela bondade não estaria faltando àquele que, por assim dizer, alimenta-se do pão vivo para sua própria conservação. Se ela falta a alguém é por causa de sua negligência em receber o pão vivo e a verdadeira bebida: alimentado e dessedentado por eles, o ser alado se restaura, conforme as palavras do sapientíssimo Salomão sobre o verdadeiro rico: "Ele fez asas para si como a águia e retorna para a casa de seu Senhor" (Pr 23,5). Pois era preciso que Deus, que sabe usar para o bem até as consequências da maldade, destinasse algum lugar no universo aos seres que revelam tanta maldade, e instituísse uma arena para a virtude, destinada àqueles que desejam lutar "segundo as regras" (2Tm 2,5) para a reconquistar; ele entendia que depois de terem sido provados pela maldade dos demônios como o ouro pelo fogo, depois de ter feito tudo para evitar a menor degradação de sua natureza racional, eles se revelassem dignos de subir até as realidades divinas e fossem elevados pelo logos à bem-aventurança que ultrapassa tudo e, se posso dizer, ao cume dos bens.

A palavra "Satã" em hebraico, ou "Satanás" na forma mais grega que alguns lhe aplicam, significa *adversário* quando traduzida para o grego. Quem escolhe a maldade e com ela conforma sua vida realizando o contrário da virtude é um satã, quer dizer, um adversário do Filho de Deus, que é justiça, verdade, sabedoria. Mas o adversário no sentido próprio é o primeiro de todos os seres que leva uma vida pacífica e feliz que perdeu suas asas e caiu de seu estado bem-aventurado; ele que, segundo Ezequiel, andou irrepreensível em todos os seus caminhos, até o dia em que foi encontrada nele a iniquidade; ele que era "um selo de semelhança e uma coroa de beleza" no paraíso de Deus (Ez 28,15.12-13), por assim dizer saturado dos bens, caiu em perdição, segundo a expressão misteriosa daquele que disse: "Eis que estás perdido; e deixaste de existir para sempre!" (Ez 28,19).

São estas as poucas reflexões que tive a audácia e a temeridade de confiar a este escrito talvez inutilmente. Se, ao examinarmos as escrituras sagradas, tivéssemos ocasião de reunir num só corpo a doutrina esparsa por toda parte sobre a maldade, sua origem, a maneira como ela é destruída, veríamos que o pensamento de Moisés e dos profetas sobre Satã não foi percebido sequer em sonho nem por Celso nem por ninguém daqueles cuja alma foi precipitada por este demônio mau e levada para longe de Deus e de sua noção correta e longe de seu logos.

O anticristo

45. Celso rejeita ainda nossa doutrina sobre "o anticristo", sem ter lido o que dele dizem Daniel e Paulo, nem o que o salvador predisse nos evangelhos a respeito de sua parusia; devemos falar dele em poucas palavras. "Assim como seus rostos não se parecem, também os corações dos homens não se parecem" (Pr 27,19). É claro que pode haver

diferenças entre os corações humanos: quer entre aqueles que optaram pelo bem, mas nem todos foram igualmente marcados e transformados em seu ímpeto para ele; quer entre aqueles que desprezam o bem e se precipitam em sentido contrário. Pois entre eles a presença do vício é violenta entre alguns e menos entre outros. Será então absurdo que haja na humanidade, por assim dizer, dois extremos, um do bem, e o outro de seu contrário: o extremo do bem estando no homem que o espírito discerne em Jesus, e é fonte inesgotável para o gênero humano de conversão, de cura e melhora, e o extremo oposto sendo o do anticristo? Deus, cuja presciência abrange todas as coisas, vendo o que diz respeito ao bem e ao mal, quis revelá-los aos homens pelos profetas, para que os que compreendessem suas palavras se unissem intimamente ao bem e se defendessem do contrário. Era preciso que um dos dois extremos, o melhor, fosse chamado Filho de Deus, por causa de sua supereminência, e o outro, diametralmente contrário, filho do demônio perverso, de Satã, do diabo. Em seguida, como é próprio do mal que a maldade se espalhe ao máximo assumindo a aparência do bem, por esse motivo o mal é cercado de sinais, de prodígios, de milagres mentirosos graças à cooperação de seu pai, o diabo. Pois a ajuda dada aos feiticeiros pelos demônios que enganam os homens para o seu maior mal é dominada por esta cooperação do diabo em pessoa para enganar o gênero humano.

46. Paulo nos fala do "anticristo", ensina e estabelece, não sem alguma reserva misteriosa, a maneira, a data e a razão de sua vinda ao gênero humano. E repara se a exposição que ele faz a respeito não é da maior seriedade, sem merecer a menor crítica. Ele se exprime nestes termos: "Quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e à nossa reunião com ele, rogamo-vos, irmãos, que não percais tão depressa a serenidade de espírito, e não vos perturbeis nem por palavra profética, nem por carta que se diga vir de nós, como se o dia do Senhor já estivesse próximo. Não vos deixeis enganar de modo algum por pessoa alguma; porque deve vir primeiro a apostasia, e aparecer o homem ímpio, o filho da perdição, o adversário, que se levanta contra tudo que se chama Deus ou recebe um culto, chegando a sentar-se pessoalmente no templo de Deus, e querendo passar por Deus. Não vos lembrais de que vos dizia isso quando estava convosco? Agora também sabeis o que é que ainda o retém, para aparecer só a seu tempo. Pois o mistério da impiedade já está agindo, só é necessário que seja afastado aquele que ainda o retém! Então, aparecerá o ímpio, aquele que o Senhor destruirá com o sopro de sua boca, e o suprimirá pela manifestação de sua vinda. Ora, a vida do ímpio será assinalada pela atividade de Satanás, com toda a sorte de portento, milagres e prodígios mentirosos, e por todas as seduções da injustiça, para aqueles que se perdem, porque não acolheram o amor da verdade, a fim de serem salvos. É por isso que Deus lhes manda o poder da sedução, para acreditarem na mentira e serem condenados, todos os que não creram na verdade, mas antes consentiram na injustiça" (2Ts 2,1-12).

Elucidar cada um desses pontos não é nosso propósito atual. Há igualmente em Daniel a profecia sobre o anticristo, bem capaz de levar o leitor sensato e criterioso a admirar estas palavras verdadeiramente inspiradas e proféticas: elas encerram a história dos impérios futuros desde a época de Daniel até a destruição do mundo. Cada pessoa

pode lê-la se bem lhe parecer. Vê, aliás, se a predição do anticristo não tem esta característica: "E no fim de seu reinado, quando chegarem ao cúmulo os seus pecados, levantar-se-á um rei de olhar arrogante, capaz de penetrar os enigmas. Seu poder crescerá em força; ele tramará coisas inauditas e prosperará em suas empresas, arruinando os poderosos e o próprio povo dos santos. Por sua habilidade, a perfídia terá êxito em suas mãos. Ele se exaltará em seu coração e, surpreendendo-os, destruirá a muitos. Opor-se-á mesmo ao príncipe dos príncipes mas, sem que mão humana interfira, será esmagado" (Dn 8,23-25). E o que Paulo diz na passagem já citada: "chegando a sentar-se pessoalmente no templo de Deus, e querendo passar por Deus", foi igualmente dito em Daniel da seguinte forma: "E sobre a nave do templo estará a abominação da desolação até o fim, até o termo fixado para o desolador" (Dn 9,27).

Eis aí, entre outros muitos testemunhos, tudo o que acreditei ser razoável citar para que o leitor tenha ao menos uma ideia do ensinamento das divinas escrituras sobre o diabo e o anticristo. Podem ser suficientes para nós. Vejamos agora uma outra passagem de Celso e vamos combatê-la da melhor forma possível.

O Filho de Deus

47. *Depois destas observações, ele prossegue: Vou indicar de onde lhes veio esta ideia de chamá-lo de Filho de Deus. Como este mundo deve sua existência a Deus, os antigos o chamaram filho de Deus ou semideus. Linda semelhança realmente entre um e outro filho de Deus!* Ele, portanto, acreditou que nós o chamávamos Filho de Deus deformando tradições que dizem que o mundo vem de Deus, é seu Filho, e é Deus. É que ele não pôde conhecer a época de Moisés e dos profetas nem ver que, bem antes dos gregos e daqueles que Celso chama de antigos, os profetas judeus em geral tinham profetizado a existência do Filho de Deus. Nem quis citar as palavras das Cartas de Platão lembradas acima sobre o ordenador do universo que ele apresenta como Filho de Deus; queria evitar que Platão, várias vezes exaltado por ele, o obrigasse a admitir que o criador deste universo é Filho de Deus e que o Deus primeiro e supremo é seu Pai.

Nada há de espantoso se, declarando que a alma de Jesus está unida ao altíssimo Filho de Deus por uma participação suprema com ele, não a separamos mais dele. As santas palavras das divinas escrituras conhecem igualmente outros exemplos de seres que, embora sendo dois por natureza, são considerados e constituem uma só essência um com o outro. Por exemplo, diz a escritura a respeito do homem e da mulher: "Já não são dois, mas uma só carne" (Gn 2,24; Mt 19,6); e do homem perfeito unido ao Senhor verdadeiro, logos, sabedoria, verdade: "Aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito" (1Cor 6, 17). Ora, se "aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito", quem então melhor ou tanto quanto a alma de Jesus se acha unido ao Senhor, o logos em pessoa, a sabedoria em pessoa, a verdade em pessoa, a justiça em pessoa? Sendo assim, a alma de Jesus e o Deus logos, "primogênito de toda criatura" (Cl 1,15), não são dois.

48. Além disso, Celso não se ri nem zomba dos filósofos do Pórtico, quando afirmam

que a virtude é a alma no homem e em Deus e negam que o Deus supremo é mais feliz que o seu sábio dentre os homens, quando fazem um e outro desfrutar de igual felicidade. Mas se a divina escritura afirma que o homem perfeito está unido pela virtude Àquele que é o logos em pessoa e constitui uma só essência com ele — fato que nos leva a concluir que a alma de Jesus é inseparável do "primogênito de toda criatura" (Cl 1,15) — ele ri ao ouvir Jesus ser chamado de Filho de Deus: é porque não vê o que as santas escrituras dizem dele com uma significação secreta e misteriosa.

Para convencer a admitir esta afirmação a todo aquele que deseja seguir as consequências das doutrinas e delas tirar proveito, afirmo que as divinas escrituras apresentam o conjunto da Igreja de Deus como o Corpo de Cristo (cf. Cl 1, 24), animado pelo Filho de Deus, e que os crentes, quaisquer que sejam, são membros desse corpo considerado como um todo. Efetivamente, como a alma vivifica e move o corpo, incapaz naturalmente de tirar de si mesmo um movimento vital, também o logos, pelas moções ao bem e pela ação que ele imprime ao corpo inteiro, move a Igreja e cada um de seus membros que nada faz independentemente do logos. Portanto, se existe nisso uma lógica não desprezível, como acredito, que dificuldade haverá em dizer que, em virtude de sua soberana e insuperável comunhão com o logos em pessoa, a alma de Jesus não está separada do Filho único e primogênito de toda criatura e não difere mais dele? É o que basta sobre este assunto.

Cosmogonia

49. Vejamos a continuação. Ele exprime com uma palavra, sem o menor argumento plausível, sua acusação contra o relato da criação de Moisés: *Mais uma bela ingenuidade a sua cosmogonia!* Ora, se ele tivesse dito por que ela lhe parece uma ingenuidade e apresentado algumas razões plausíveis, eu teria argumentado contra elas. Mas não me parece sensato provar, em réplica à sua asserção, como ela não é uma ingenuidade.

Se quisermos conhecer o que me convenceu, com provas evidentes de apoio, no relato de Moisés sobre a criação, basta usar meu tratado sobre o Gênesis desde o começo do livro até "Eis o livro da descendência de Adão" (Gn 5,1). Procurei esclarecer aí, conforme o próprio texto das divinas escrituras, o que são o céu criado "no princípio", a terra, a parte invisível e informe da terra; o abismo e as trevas que o cobrem; a água e "o Espírito de Deus pairando sobre ela"; a luz criada; o firmamento distinto do céu criado no princípio, etc.

Ele proclama a seguir que *o relato escriturístico sobre a origem dos homens é uma bela ingenuidade,* mas sem citar os textos nem atacá-los; é porque, penso eu, ele não tinha argumentos capazes de refutar a afirmação que "o homem foi criado à imagem de Deus" (Gn 1,27). Muito menos compreende *o jardim plantado por Deus, a vida que o homem aí passou a princípio e a que se seguiu pela força das circunstâncias quando dele foi banido por seu pecado e foi colocado no lado oposto do jardim das delícias.* Para afirmar que são belas ingenuidades, seria preciso primeiro examinar cada ponto, em

particular estas palavras: "Colocou, diante do jardim de Éden, os querubins e a chama da espada fulgurante para guardar o caminho da árvore da vida" (Gn 3,24). Talvez, acrescenta ele, *Moisés tenha escrito isto sem nada compreender, talvez quisesse compor um poema análogo àqueles que, em tom de gracejo, tinham escrito os autores da antiga comédia: Preto deu sua filha a Belerofonte, Pégaso era da Arcádia.* Estes autores, porém, compuseram tais comédias com a intenção de fazer rir, mas é inacreditável que aquele que deixou para um povo inteiro as escrituras, querendo persuadir todos aqueles a quem ele dava sua lei que elas vinham de Deus, tenha escrito extravagâncias e não tenha dado nenhum sentido à afirmação: "Colocou, diante do jardim de Éden, os querubins e a chama da espada fulgurante para guardar o caminho da vida", nem a qualquer outra das que tratam da origem dos homens e foram interpretadas filosoficamente pelos sábios do povo hebreu.

50. Em seguida, limitando-se a enunciá-las, reúne as *diferenças das opiniões sobre a origem do mundo e dos homens, defendidas pelos antigos e diz que Moisés e os profetas que nos legaram seus escritos, compuseram, na ignorância da natureza do mundo e dos homens, as piores banalidades.* Ora, se ele tivesse dito em que sentido as divinas escrituras lhe parecem as piores banalidades, eu teria tentado refutar os argumentos plausíveis que lhe pareciam provar que se trata das piores banalidades. De fato, usando do mesmo procedimento, direi gracejando que Celso, na sua ignorância da natureza do sentido e da doutrina entre os profetas, compôs as piores banalidades, que ele, presunçosamente, intitulou de *Discurso verdadeiro.*

A respeito dos dias da criação, como se ele tivesse ideias claras e precisas, objeta que alguns ocorreram antes da existência da luz, do céu, do sol, da lua, das estrelas e outros depois desta criação. Eu lhe replicarei por esta simples observação: Moisés acaso tinha esquecido o que acabava de dizer, que o mundo foi criado em seis dias, para acrescentar por esquecimento: "Eis o livro da descendência de Adão, o dia em que Deus criou o céu e a terra" (Gn 5,1; 2,4)? Mas não há possibilidade nenhuma de que Moisés, depois do que dissera dos seis dias, tivesse podido acrescentar sem nada ter compreendido: "o dia em que Deu criou o céu e a terra" (Gn 1,1). Se pensarmos que estas palavras podem se referir ao texto: "No princípio, Deus criou o céu e a terra", saibamos que as palavras: "No princípio, Deus criou o céu e a terra" vêm antes das palavras: "Haja luz, e houve luz" e "Deus chamou à luz 'dia'" (Gn 1,3.5).

51. Não é o lugar aqui de expormos a doutrina sobre os seres inteligíveis e os seres sensíveis, e a maneira como as naturezas dos dias foram repartidas entre estas duas espécies, nem de examinarmos os textos detalhadamente. Para explicar o relato mosaico da criação, seria preciso um longo comentário: fiz da melhor forma possível, muito antes de empreender este tratado contra Celso, discutindo durante vários anos segundo minha capacidade de então os seis dias do relato mosaico da criação do mundo. Entretanto, é preciso saber que o logos promete ao justo por Isaías que ainda haverá dias para a restauração em que "o Senhor" mesmo e não mais o sol será "tua luz para sempre, e o teu Deus será o teu esplendor" (Is 60,19). Mas, tendo compreendido mal, penso eu, uma

seita perniciosa que explica erradamente a passagem "haja luz!" como se fosse um desejo da parte do criador, Celso acrescentou: *todavia, não é à maneira como alguém acende sua lamparina na do vizinho que o criador tomou emprestado do alto a luz!* E por ter compreendido mal uma outra seita ímpia, ele ainda diz: *Se houvesse um deus maldito inimigo do grande Deus, criando contra sua vontade, por que lhe emprestaria ele sua luz?* Longe de mim a ideia de responder a estas críticas! Quero ao contrário convencer mais claramente estas pessoas de erro e me levantar, não à maneira de Celso contra as suas afirmações de que não tenho conhecimento, mas contra as que eu conheço com precisão, quer por tê-las ouvido deles mesmos, quer por ter lido cuidadosamente seus tratados.

52. Depois disso, Celso declara: *De minha parte, nada digo agora das hipóteses sobre a origem do mundo e sua destruição: seja ele incriado e incorruptível, ou criado mas incorruptível, ou o contrário.* Também não falo agora desta matéria, pois este tratado não o exige. Mas não queremos dizer que *o Espírito do Deus supremo tenha vindo aos homens deste mundo como a estranhos,* dizendo que "o Espírito de Deus pairava sobre as águas" (Gn 1,2); tampouco se afirma que tenha havido *coisas criadas pela astúcia de um demiurgo distinto do grande Deus, contra seu Espírito, que o Deus de cima o suportava e que elas tinham que ser destruídas.* Boa ocasião, portanto, aos autores de tais discursos e a Celso que os reprova sem competência! Na verdade, deveria ou não fazer qualquer menção a esses assuntos, ou então, na medida em que ele acreditava prestar serviço aos homens, fazer deles uma exposição conscienciosa e atacar o que suas palavras têm de ímpio. Jamais também ouvi dizer que *o grande Deus, depois de ter dado seu Espírito ao demiurgo, lho tenha pedido de volta.*

Em seguida, a estas palavras ímpias: *Que Deus dá alguma coisa para a pedir de volta?* ele objeta tolamente: *Peça de volta quem precisa. Deus não precisa de nada.* Ao que ele acrescenta esta fineza contra alguns: *Quando ele emprestava, por que ignorava que emprestava a um ser humano?* Ou ainda: *por que ignorava que ele emprestava a um ser mau?* Ou ainda: *Que razão tinha ele de permitir que se lhe opusesse o perverso demiurgo?*

Marcião e outros sectários

53. Em seguida mistura as seitas, penso eu, e não especifica as doutrinas de uma seita e as de outra. São nossas próprias críticas a Marcião que ele nos opõe; talvez as tenha entendido mal da boca de alguns que atacam a doutrina de maneira vulgar e trivial, e certamente sem nenhuma inteligência. Ele cita, pois, os ataques feitos a Marcião e, deixando de indicar que fala contra Marcião, declara: *Por que mandar secretamente destruir as obras do demiurgo? Por que a irrupção clandestina, a sedução, o embuste? Por que ressuscitar as almas que, segundo vós, o demiurgo condenou ou, se malditas, raptá-las como um mercador de escravos? Por que ensinar-lhes a fugir de seu Senhor? Por que a fugir de seu Pai? Por que adotá-los contra a vontade do Pai? Por que se proclamar o Pai de filhos estranhos?* A isso ele acrescenta, fingindo surpresa: *O belo*

deus, na verdade, que deseja ser o pai de pecadores condenados por um outro, de indigentes ou, como eles mesmos dizem, de dejetos! O deus incapaz de repreender e punir aquele que ele enviou para os extorquir!

Depois disso, como a se dirigir a nós que confessamos que este mundo não é obra de *um deus estranho ou hostil,* afirma: *Se estas obras são de Deus, como podia ele criar o mal? Como é incapaz de persuadir, de repreender? Como ele pode, quando os homens se tornam ingratos e perversos, se arrepender, reprovar e odiar sua obra, ameaçar e destruir seus próprios filhos? Do contrário, para onde poderá ele relegá-los fora deste mundo que ele mesmo criou?* Também aí, por deixar de elucidar a questão do mal, quando até entre os gregos existem diversas escolas sobre o bem e o mal, ele me parece cometer uma petição de princípio: de nossa afirmação que este mundo é obra do Deus supremo assim como ele é, Celso conclui que, segundo nós, Deus seria o autor do mal.

Como quer que seja a questão do mal, quer vejamos nela a obra de Deus ou uma consequência das obras primárias, eu me admiraria muito se a conclusão "Deus criou o mal", que ele acredita tirar de nossa afirmação de que este mundo é obra do Deus supremo, não resultasse daquilo que ele mesmo sustenta. Pois poderíamos dizer a Celso: se estas obras são de Deus, como podia ele criar o mal? Como é ele incapaz de persuadir, de repreender? O vício capital de uma argumentação é tachar de tolice as opiniões do adversário, quando por suas doutrinas se merece muito mais a mesma censura.

54. Vejamos, pois, brevemente a questão do bem e do mal à luz das divinas escrituras, e a resposta a dar à objeção: Como Deus podia criar o mal? Como é incapaz de persuadir, de repreender? Segundo as divinas escrituras, o bem em sentido próprio consiste nas virtudes e nas ações virtuosas, e o mal em sentido próprio, em suas contrárias. Eu me contentarei aqui com as palavras do Salmo 33 que confirmam este ponto: "Nenhum bem falta aos que procuram ao Senhor. Filhos, vinde escutar-me, vou ensinar-vos o temor do Senhor. Qual o homem que deseja a vida e quer a longevidade para ver o bem? Preserva tua língua do mal e teus lábios de falarem falsamente. Evita o mal e pratica o bem, procura a paz e segue-a" (Sl 33,11-15). Realmente, a ordem "evita o mal e pratica o bem" não tem em vista nem o bem nem o mal físicos, como alguns os chamam, nem as coisas exteriores, mas o bem e o mal da alma. Pois justamente, aquele que se desviou deste gênero de mal e realizou este gênero de bem por desejo da vida verdadeira chegará a ele; "Aquele que deseja ver dias felizes" (Ml 4,2), em que o logos é o sol de justiça, chegará até eles, libertando-o Deus "do mundo presente que é mau" (Gl 1, 4) e de seus dias maus de que dizia Paulo: "Aproveitai o tempo presente, porque os dias são maus" (Ef 5,16).

55. Mas veríamos, no sentido próprio, que, na ordem das coisas físicas e exteriores, o que concorre para a vida natural é julgado um bem, e aquilo que a ela se opõe é julgado um mal. Desta forma diz Jó a sua mulher: "Se recebemos o bem da mão do Senhor, não deveríamos receber também o mal?" (Jó 2,10). Assim sendo, encontramos nas divinas escrituras esta passagem atribuída a Deus: "Eu asseguro o bem-estar e crio a desgraça"

(Is 45,7), e esta outra onde se diz dele: "A desgraça desceu do Senhor até à porta de Jerusalém, ruído de carros e cavaleiros" (Mq 1,12-13). Esses textos perturbaram a não poucos leitores da escritura, incapazes de discernir o que ela designa por bem e por mal. Daí provém sem dúvida a objeção de Celso: Como podia ele criar o mal? Ou então, formulou a objeção por causa de uma explicação simplista destas passagens.

Nós, porém, dizemos: Deus não criou o mal, a maldade, as ações que dele procedem. Pois se Deus tivesse criado o mal verdadeiro, como então seria possível pregar com coragem o juízo, anunciar que os maus serão punidos por suas ações más e em proporção com seus pecados, e que aqueles que tiverem levado uma vida virtuosa ou realizado atos de virtude serão felizes e receberão a recompensa divina? Sei perfeitamente que aqueles que ousam pretender que o mal igualmente provém de Deus alegarão alguns textos da escritura. Mas não podem mostrar uma sequência coerente da escritura. Ela acusa os pecadores e aprova os homens de bem, mas não tem estas expressões em número bastante grande que cheguem a perturbar os leitores ignorantes da escritura divina. Citar aqui estas passagens perturbadoras que são numerosas e as interpretar exigiria uma longa explicação, que não julgo adequada no presente tratado.

Portanto, tomando o termo em sentido próprio, Deus não criou o mal: é uma consequência de suas obras originais e em pequena quantidade comparado com a ordem do universo; um pouco como as aparas em espiral e a serragem de madeira resultam do trabalho original do marceneiro, e como os escombros, os detritos caídos das pedras e da poeira junto às casas parecem trabalho dos construtores.

56. Mas, tomando o termo em sentido impróprio de males físicos e exteriores, concordamos que às vezes Deus cria um certo número que ele utiliza para a conversão. E que haverá de absurdo nesta doutrina? Se entendemos por males em sentido impróprio as penas que os pais, os mestres e pedagogos aplicam àqueles que eles educam, ou os médicos àqueles que eles amputam ou cauterizam para os curar, podemos dizer que o pai faz mal a seus filhos como os mestres, os pedagogos ou os médicos, sem acusar de modo algum aqueles que eles batem ou amputam. Desta forma, a doutrina nada tem de absurdo quando a escritura diz que Deus aplica semelhantes tratamentos para converter e curar aqueles que precisam dessas penas, nem quando diz que "a desgraça desceu do Senhor até à porta de Jerusalém" (Mq 1,12), pois esses males consistem nas penas infligidas pelos inimigos para a conversão; ou que ele castigue "com a vara as iniquidades" daqueles que transgrediram a lei de Deus "e suas culpas com açoites" (Sl 88,33.31); ou quando Deus diz: "Tu tens carvões de fogo; senta-te sobre eles, será teu socorro" (Is 47,14-15). Desta maneira também explicamos: "Asseguro o bem-estar e crio a desgraça" (Is 45,7). Ele cria os males físicos e exteriores para purificar e para elevar os que recusaram a educação por uma doutrina e um ensinamento sadios. Eis o que podemos dizer para responder à sua pergunta: Como Deus podia criar o mal?

57. À pergunta seguinte: Como era ele incapaz de persuadir, de repreender?, já respondemos que se é uma acusação, a frase de Celso pode ser dirigida a todos os que admitem a providência. Podemos responder que Deus não é incapaz de repreender: ele

censura por toda a escritura e por aqueles que, com a graça de Deus, ensinam os ouvintes, a menos que se dê ao termo "repreender" o sentido especial de conseguir fazer ouvir daquele que é repreendido a palavra do mestre, o que é uma noção estranha ao sentido consagrado pelo uso.

À objeção: Como é ele incapaz de persuadir? que podemos também dirigir a todos os que admitem a providência, eis a resposta: uma vez que "deixar-se persuadir" parece pertencer aos verbos chamados reflexivos, como no caso daquele que é tosquiado entregar-se à ação do tosquiador, por esta razão não implica apenas a atividade daquele que persuade, mas também, por assim dizer, a submissão àquele que persuade ou a aceitação de suas palavras. Por isso se deve dizer, daqueles que não são persuadidos, que a persuasão lhes falta, não porque Deus não possa persuadir, mas porque eles não aceitam as palavras persuasivas de Deus.

Sem erro, poderíamos dizer a mesma coisa daqueles que chamamos "artífices da persuasão". Pois, pode fracassar neste intento até mesmo quem possui a fundo os preceitos da retórica e a usa como se deve e tudo faz para persuadir, sem obter a adesão daquele que deve ser persuadido. O fato é que, se a força persuasiva das palavras vem de Deus, a persuasão, em si, não vem de Deus. É esta a lição expressa por Paulo: "Esta persuasão não vem daquele que vos chama" (Gl 5,8); este é também o sentido das palavras: "Se estiverdes dispostos a me ouvir, comereis o fruto precioso da terra. Mas se vos recusardes e vos rebelardes, sereis devorados pela espada" (Is 1,19-20). Realmente, para querer o que diz a pessoa que repreende e, obedecendo a ela, merecer as promessas divinas, é preciso a livre determinação do ouvinte e o assentimento ao que é dito. Por isso foram ditas, me parece, estas palavras solenes no Deuteronômio: "E agora, Israel, que é que o Senhor teu Deus te pede? Apenas que temas o Senhor teu Deus, andando em seus caminhos, e o ames, servindo o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, e que observes os mandamentos do Senhor?" (Dt 10,12-13).

58. Devemos a seguir responder à pergunta: Como pode ele, quando os homens se tornam ingratos e perversos, arrepender-se, reprovar e odiar sua obra, ameaçar e destruir seus próprios filhos? É uma falsificação caluniosa do texto do Gênesis que diz: "O Senhor viu que a maldade do homem era grande sobre a terra, e que era continuamente mau todo desígnio de seu coração. O Senhor arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração. E disse o Senhor: 'Farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei — e com os homens os animais, os répteis e as aves do céu —, porque me arrependo de os ter feito'" (Gn 6,5-7). Sobre as expressões que parecem atribuir a Deus paixões humanas, já me estendi longamente acima.

59. Em seguida, suspeitando ou talvez compreendendo também ele o que se pode dizer para justificar a destruição dos homens pelo dilúvio, Celso objeta: Se ele não destrói seus próprios filhos, para onde poderá expulsá-los deste mundo que ele mesmo criou? Respondo: Deus absolutamente não expulsa do conjunto do mundo, formado pelo céu e pela terra, as vítimas do dilúvio, mas as retira desta vida na carne: e ao libertá-las de seu corpo, também as liberta ao mesmo tempo da existência na terra, comumente chamada

de mundo em muitas passagens das escrituras. É sobretudo no evangelho segundo João que encontramos muitas vezes este lugar terrestre chamado de mundo, como nestas passagens: "Ele era a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo"; "No mundo tereis tribulações; mas tende coragem: eu venci o mundo" (Jo 1,9; 16,33). Se, portanto, se entende a expressão "expulsar do mundo" referindo-a a este lugar terrestre, não há nenhum absurdo em dizê-lo. Mas se chamarmos mundo o sistema formado pelo céu e a terra, as vítimas do dilúvio não são absolutamente expulsas para fora do mundo assim entendido. Todavia, considerando os versículos: "Não olhamos para as coisas que se veem, mas para as que não se veem" (2Cor 4,18), "Sua realidade invisível — seu eterno poder e sua divindade — tornou-se inteligível" (Rm 1,20), poderíamos dizer: quem se ocupa das realidades invisíveis, geralmente chamadas "aquilo que não percebemos", se afasta do mundo, pois o logos o retira deste mundo e o transporta ao lugar supraceleste para contemplar suas belezas.

Os dias da criação

60. Depois da passagem examinada, como querendo engrossar seu livro com qualquer palavrório, ele faz com outros termos observações análogas às que examinamos um pouco mais acima: *Porém, a mais bela tolice é dividir a formação do mundo em vários dias antes que houvesse dias! De fato, não tendo sido criado ainda nem o céu, nem a terra firme, nem o sol em revolução em volta dela, como poderia haver dias?* Que diferença haverá entre aquelas palavras e estas: *Mas ainda, retomando as coisas ditas acima, examinemos como não seria nada absurdo que o primeiro e máximo Deus ordene que esta coisa exista, ou aquela outra, e produza no primeiro dia somente uma coisa, no segundo novamente alguma coisa mais, e da mesma forma no terceiro, no quarto, no quinto e no sexto.*

Demos a resposta que podíamos à sua fórmula. Deus ordena que esta coisa exista, ou aquela, ou aquela outra, citando o texto: "Porque ele disse e elas foram feitas, ele ordenou e elas foram criadas" (cf. Sl 32,9; 148,5), explicando que o criador imediato do mundo e por assim dizer seu artífice em pessoa é o logos Filho de Deus, mas o Pai do logos, por ter ordenado ao logos seu Filho que criasse o mundo, é o primeiro criador.

Quanto à produção da luz, no primeiro dia; à do firmamento, no segundo; no terceiro, ao ajuntamento em seus reservatórios "das águas que estão sob o céu", permitindo à terra fazer germinar o que é do domínio unicamente da natureza; à produção, no quarto, dos "grandes luminares e estrelas"; à dos animais aquáticos, no quinto; e no sexto, à dos animais terrestres e do homem, desenvolvi tudo isso da melhor forma possível em meu Comentário sobre o Gênesis. E acima critiquei a interpretação superficial daqueles que afirmam que a criação do mundo se deu numa duração de seis dias, quando citei o texto: "Essa é a história do céu e da terra, quando foram criados" (Gn 2,4).

Antropomorfismos

61. Em seguida, Celso não compreendeu a passagem: "Deus concluiu no sexto dia a obra que fizera e no sétimo dia parou, depois de toda obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois parou depois de toda a sua obra da criação" (Gn 2,2-3). Ele, portanto, imaginou que "no sétimo dia parou" tem o mesmo sentido que "no sétimo dia repousou", e diz: *Depois deste trabalho, portanto, como um operário muito mau, ficou prostrado de fadiga e teve necessidade de repouso para se recuperar.* É porque ele ignorava o sentido que tinha, depois da criação do mundo que ele realiza enquanto dura o mundo, o dia do sábado e da suspensão do trabalho de Deus; dia que aqueles que tiverem realizado todas as suas obras durante os seis dias festeja-rão junto com Deus e, não tendo omitido nada de seus deveres, elevar-se-ão à contemplação de Deus e à assembleia dos justos e dos bem-aventurados que nela tomam parte.

Em seguida, como se a afirmação da escritura ou nossa interpretação fosse que Deus, cansado, repousou, ele declara: *Não é permitido dizer que o Deus primeiro se cansa, nem que ele trabalha com suas mãos, nem que ele dá ordens.* Celso, portanto, declara que não é permitido dizer que o Deus primeiro se cansa. Mas direi que nem o logos de Deus se cansa, nem aqueles que já estão na ordem superior e divina. Pois só existe fadiga para aqueles que estão num corpo. Poderíamos verificar se se trata de seres que têm qualquer corpo ou daqueles que têm um corpo terrestre e ligeiramente superior ao nosso. Além disso, não é permitido dizer que o Deus primeiro trabalha com suas mãos; e se entendermos "trabalhar com suas mãos" em sentido próprio, não podemos entender isto do segundo, nem de qualquer outro ser divino. Mas supondo que a expressão "trabalhar com suas mãos" seja entendida em sentido impróprio ou figurado para explicar: "o firmamento proclama a obra de suas mãos", "o céu é obra de suas mãos" (Sl 18,2; 101,26), e qualquer outra semelhante em que entendemos em sentido figurado as mãos e os membros de Deus, que há de absurdo em dizer neste sentido que Deus trabalha com suas mãos? E como não é absurdo dizer neste sentido que Deus trabalha com suas mãos, tampouco o é dizer que ele ordena que as obras realizadas por aquele a quem ele ordena sejam belas e louváveis, porque Deus é quem lhas ordenou.

62. Talvez por um equívoco sobre o sentido das palavras: "Eis o que a boca do Senhor falou" (Is 1,20), ou talvez por causa da interpretação temerária dada pelos simples a semelhantes textos, Celso não captou em que sentido se aplica aos poderes de Deus o que os nomes dos membros exprimem, e diz: *Deus não tem nem boca nem voz. É verdade que Deus não teria voz, se a voz não fosse senão o ar em vibração ou um estremecimento do ar ou uma espécie de ar ou qualquer outra realidade que os homens competentes atribuem à voz na matéria. Mas esta voz de Deus é apresentada como uma voz de Deus vista pelo povo na passagem: "Todo o povo via a voz de Deus" (cf. Ex 20,18), em que a palavra "via" é compreendida no sentido espiritual conforme o uso constante da escritura. Ele acrescenta: Em Deus nada existe de diferente das coisas que conhecemos;* mas ele não explica estas coisas que conhecemos. Caso se trate de membros, estamos de acordo com ele, subentendendo: coisas que conhecemos corporalmente, na acepção mais comum dos termos. Mas, entendendo "as coisas que conhecemos" em geral, conhecemos muito daquilo que se lhe atribui: sua virtude, sua

bem-aventurança, sua divindade. Tomando "as coisas que conhecemos" no sentido mais elevado, como Deus ultrapassa tudo o que conhecemos, nada existe de absurdo em admitirmos também nós que em Deus nada existe diferente das coisas que conhecemos. Pois os atributos de Deus são superiores a tudo que é conhecido não só pela natureza do homem, mas também pela dos seres que a ultrapassam. Mas se ele tivesse lido as palavras dos profetas, de Davi: "Mas tu és sempre o mesmo", e de Malaquias, creio eu: "Eu jamais mudo" (Sl 101,28; Ml 3,6), teria visto que nenhum de nós diz que existe mudança em Deus, nem em ação, nem em pensamento. É permanecendo "o mesmo" que ele governa as coisas que mudam, segundo sua natureza, e como a própria razão exige que elas sejam governadas.

63. Celso não viu a diferença que existe entre as expressões "à imagem de Deus" (Gn 1,27) e "sua imagem" (Cl 1,15): a imagem de Deus é "primogênito de toda criatura", o logos em pessoa, a verdade em pessoa, e ainda a sabedoria em pessoa, "imagem de sua bondade" (Sb 7,26); ao passo que o homem foi criado "à imagem de Deus", e além disso todo homem de que Cristo "é a cabeça" é imagem e glória de Deus (1Cor 11,3.7). Ele nem sabia em que parte do homem se imprime um caráter "à imagem de Deus": é na alma que não teve ou que não tem mais "o velho homem com suas ações" e, porque ela não os tem, possui a qualidade de ser "à imagem" do criador. Ele então diz: *Deus também não fez o homem à sua imagem; pois ele não é como o homem e não se parece com nenhuma outra forma.* Mas acaso se poderia crer que, na parte inferior do composto humano, quero dizer no corpo, existe o que é "à imagem de Deus" e que, como Celso compreendeu, o corpo seja "à sua imagem"? Pois se aquilo que é "à imagem de Deus" está apenas no corpo, o elemento superior, a alma, encontra-se privado daquilo que é "à imagem" e encontra-se no corpo corruptível: ninguém de nós pretende isso. Mas se aquilo que é "à imagem de Deus" encontra-se nos dois juntamente, é necessário que Deus seja composto e por assim dizer seja constituído ele mesmo de uma alma e de um corpo, para que o elemento superior que é "à imagem" esteja na alma, e que o inferior correspondente ao corpo esteja no corpo: ninguém de nós pretende isso. Resta então compreender que aquilo que é "à imagem de Deus" realiza-se naquilo que chamamos o homem interior, renovado, apto a vir a ser "à imagem do criador" (Ef 3,16), quando o homem se torna "perfeito como o Pai celeste é perfeito" (Mt 5,48); quando ele ouve: "Sereis santos, porque eu sou santo" (Lv 11,45); quando é instruído sobre o mandamento: "Sede imitadores de Deus" (cf. Ef 5,1) e recebe em sua alma virtuosa os traços de Deus. Então igualmente o corpo daquele que recebeu os traços de Deus na parte que é feita "à imagem de Deus" é "um templo" (cf. 1Cor 6,19; 3,16), pois ele possui uma alma desta qualidade e na alma, Deus, por causa do elemento "à sua imagem".

64. Novamente Celso acumula suas observações apresentando como concedido por nós o que nenhum cristão inteligente aceita. Pois ninguém de nós diz que *Deus participa da figura e da cor.* Menos ainda *participa do movimento*, pois em sua natureza firme e estável, convida igualmente o justo a se parecer com ele neste ponto: "Tu, porém,

permanece aqui comigo" (Dt 5,31). E se algumas expressões parecem lhe atribuir movimento, como esta: "Eles ouviram o passo do Senhor Deus que passeava no jardim à brisa do dia", é preciso compreender estas expressões no sentido que os pecadores imaginavam a Deus em movimento, ou se deverá entender estas palavras em sentido figurado, como o sono de Deus, sua cólera ou qualquer outra coisa do mesmo gênero.

É verdade que *Deus não participa do ser*. Ele é participado mais do que participa, e é participado por aqueles que têm "o Espírito de Deus". E nosso salvador não participa da justiça mas, sendo "justiça", ele é participado pelos justos. Entretanto, seria preciso elaborar uma doutrina profunda e árdua sobre a essência, sobretudo a essência propriamente dita, permanente e incorpórea; e isto para descobrir se Deus "está para além da essência em dignidade e em poder" e faz participar da essência aqueles que ele torna participantes segundo seu logos e seu próprio logos; ou então se ele mesmo é uma essência, embora seja chamado invisível por sua natureza nas palavras que ele afirma do salvador: "Ele é a imagem do Deus invisível" (Cl 1,15), e em que esta palavra "invisível" significa que ele é incorpóreo. Ainda se deveria investigar se o Filho único, primogênito de toda criatura, deve ser chamado essência das essências, ideia das ideias, e princípio, enquanto Deus seu Pai está cima de tudo isso.

65. Celso afirma de Deus: *Tudo é dele*, embora, não sei por quê, tenha separado tudo dele. Mas nosso Paulo diz: "Tudo é dele, por ele e para ele", mostrando pelas expressões "dele" que ele é o princípio da realidade do todo, "por ele" que ele é seu apoio, "para ele" que ele é seu fim. É verdade que *Deus não saiu do nada*. Mas quando afirma: *Ele é inacessível ao logos*, distingo. Mas considerando as palavras: "No princípio era o logos e o logos estava com Deus, e o Logos era Deus" (Jo 1,1), afirmo que Deus é acessível a este logos, que ele é compreendido, não por ele só, mas por todo homem a quem ele revela o Pai, e provo a mentira da alegação de Celso: Deus é inacessível ao logos.

Impõe-se também uma distinção acerca de sua observação: *Ele não pode ser chamado pelo nome.* Se ele quiser dizer que nenhuma das descrições por meio de palavras ou de expressões pode mostrar os atributos de Deus, a afirmação é verdadeira, pois um bom número de qualidades também não pode ser chamado pelo nome. Portanto, quem pode traduzir por nomes diferentes a diferença de qualidade entre a doçura de uma tâmara e a de um figo? E quem pode por um nome mostrar a qualidade própria de cada ser? Assim sendo, não admira se nesse sentido Deus não pode ser chamado pelo nome. Mas se dizemos que ele pode ser chamado pelo nome no sentido de que podemos indicar alguma coisa de seus atributos para guiar o ouvinte e levá-lo a compreender sobre Deus, na medida em que Deus é acessível à natureza humana, alguns de seus atributos, nada há de absurdo em se dizer que ele pode ser chamado pelo nome.

Distinguiremos da mesma forma a asserção: *Ele não experimenta nada daquilo que os nomes exprimem*. E é verdade também que *Deus está isento de toda paixão.* Mas basta sobre este ponto.

Conhecimento de Deus

66. Vejamos a passagem que segue. Ela parece colocar em cena um personagem que, depois de ter ouvido estas palavras, perguntaria: *Como poderei conhecer a Deus? Como aprender o caminho que leva ao alto? Como me mostras isto? Pois no momento é a escuridão que espalhas diante de meus olhos e nada posso ver distintamente.* Em seguida, ele esboça uma resposta a semelhante dificuldade, e, crendo explicar a escuridão que ele espalhou diante dos olhos daquele que acaba de falar, diz: *Aqueles que nós conduzimos das trevas a uma luz resplandecente, sem poder suportar seus raios, têm os olhos ofuscados e enfraquecidos e se julgam cegos.* Responderemos: estão sentados nas trevas e nelas permanecem aqueles que restringem seu olhar apenas a todas as obras más dos pintores, modeladores, escultores, sem querer olhar mais alto e se elevar pelo espírito do visível e de tudo que é sensível até ao criador do universo que é luz. Mas encontra-se na luz aquele que segue os raios do logos, pois o logos mostrou que ignorância, impiedade e falta de conhecimento sobre a divindade conduzem a adorar estas coisas em lugar de Deus; e ele guiou até ao Deus incriado supremo o espírito de quem quiser ser salvo. "Pois o povo que jazia nas trevas", os gentios, "viu uma grande luz, aos que jaziam na região sombria da morte, surgiu uma luz" (Mt 4,16; Is 9,2), o Deus Jesus.

Nenhum cristão por isso responde a Celso ou a algum dos acusadores do divino logos: Como posso conhecer a Deus? Pois cada um deles, dentro de suas possibilidades, conhece a Deus. Ninguém pergunta: Como posso conhecer o caminho que leva ao alto? Pois ele ouviu aquele que diz: "Eu sou o caminho, a verdade, a vida" (Jo 14,6) e provou ao trilhar por este caminho, o benefício que esta caminhada proporciona. Nenhum cristão diria a Celso: Como mostras a Deus?

67. Nas observações anteriores de Celso, há esta verdade: ouvindo estas palavras e verificando que elas são cheias de escuridão, respondemos: é escuridão que espalhas diante de meus olhos. Sim, Celso e seus semelhantes querem espalhar a escuridão diante de nossos olhos, mas nós, pela luz do logos, dissipamos a escuridão das doutrinas ímpias. E o cristão poderia replicar a Celso, que nada diz de distinto nem convincente: Nada posso ver de distinto em tuas palavras. Celso, portanto, não nos conduz das trevas à plena luz, mas quer fazer-nos passar da luz às trevas; pois ele fez das trevas a luz e da luz as trevas, e é atingido pelo excelente oráculo de Isaías: "Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem mal" (Is 5,20). Quanto a nós, porém, uma vez que o logos nos abriu os olhos da alma e vemos a diferença entre a luz e as trevas, estamos determinados a permanecer de qualquer modo na luz e rejeitamos qualquer contato com as trevas. A luz verdadeira, uma vez animada, conhece aqueles aos quais é preciso mostrar o brilho, e aqueles aos quais deve mostrar a luz, sem ela mesma lhes apresentar seu esplendor por causa da fraqueza que ainda afeta seus olhos.

Se devemos falar em geral de uma vista ofuscada e enfraquecida, a quem mais atribuir esta doença dos olhos senão àquele que é retido pela ignorância de Deus, e impedido por suas paixões de ver a verdade? Os cristãos estão, pois, bem longe de crer que as palavras de Celso ou de algum inimigo da religião hão de cegá-los. Aqueles que percebem que se cegaram a si mesmos seguindo as massas dos extraviados e as nações daqueles que celebram festas em honra dos demônios precisam apenas se aproximar do

logos que concede os olhos: e como os pobres e os cegos que se prostravam à beira do caminho foram curados por Jesus por terem dito: "Filho de Davi, tem piedade de nós!" (Mt 20,31), eles obterão misericórdia e receberão os olhos novos e sadios, como o logos de Deus pode criá-los.

68. Por isso, se Celso nos pergunta *como pensamos aprender a conhecer a Deus e encontrar a salvação junto dele,* responderemos: o logos de Deus é capaz, vindo àqueles que o procuram e o recebem quando ele aparece, de fazer conhecer e revelar seu Pai, invisível antes de sua vinda. Quem mais pode salvar e conduzir ao Deus supremo a alma do homem senão o Deus logos? "No princípio ele estava com Deus" (Jo 1,1), mas por causa daqueles que se apegaram à carne e se tornaram carne, "ele se fez carne" (Jo 1,14), para poder ser recebido por aqueles que eram incapazes de vê-lo enquanto era o logos que estava com Deus e era Deus. Expresso em termos corporais e pregado como carne, ele chama a si aqueles que são carne para torná-los conformes ao logos que se fez carne, e em seguida fazê-los subir, para que o vejam assim como era antes de se tornar carne; de tal modo que recebem este benefício, se elevam a partir desta iniciação segundo a carne e podem dizer: "Mesmo se conhecemos a Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim" (2Cor 5,16). Portanto, "ele se fez carne", e, feito carne, habitou entre nós e não longe de nós. Tendo habitado e vivido entre nós, não ficou em sua primeira forma; ele nos fez subir "a alta montanha" espiritual, nos mostrou sua forma gloriosa e o brilho de suas vestes: não somente aquela forma que lhe é própria, mas também a da lei espiritual, a de Moisés que apareceu na glória com Jesus. Ele nos mostrou igualmente toda a profecia, que não morreu depois da encarnação, mas foi transportada ao céu e é simbolizada por Elias. Quem contemplou tal espetáculo pode dizer: "E nós vimos sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade" (Jo 1,14). É pois muito simplista a resposta que, segundo Celso, nós daríamos à sua pergunta: Como pensamos nós aprender a conhecer a Deus e encontrar a salvação junto dele? Pois nossa resposta está no que precedeu.

Deus é espírito

69. Contudo, Celso nos atribui a réplica seguinte, confessando *fazer uma conjetura provável sobre nossa resposta: Como Deus é grande e difícil de ser contemplado, ele introduziu seu próprio espírito num corpo semelhante ao nosso e o enviou a esta terra para que pudéssemos entendê-lo e receber suas lições.* Mas, conforme o que afirmamos, o Deus e Pai de todas as coisas não é o único a ser grande: ele fez participar de si mesmo e de sua grandeza seu Filho único, "primogênito de toda criatura", para que, sendo ele mesmo "imagem do Deus invisível" (Cl 1,15), conservasse a imagem do Pai, mesmo em grandeza. Pois era impossível que uma bela imagem, proporcionada por assim dizer ao Deus invisível, não apresentasse igualmente a imagem de sua grandeza.

Além disso, segundo o que afirmamos, Deus, não sendo um corpo, é invisível. Mas através daquele que se entrega à contemplação, ele pode ser contemplado com o coração, quer dizer, com o espírito, e não com qualquer coração, mas com o coração

puro. Pois não é permitido que o coração manchado veja a Deus, mas é preciso a pureza para se poder dignamente contemplar aquele que é puro. Concordemos além disso que Deus é difícil de ser contemplado. Não é o único difícil de ser contemplado: seu Filho também o é. Pois o Deus logos é difícil de ser contemplado; e também é difícil de ser contemplada a sabedoria na qual Deus fez todas as coisas. Quem de fato pode contemplar em cada parte do universo a sabedoria na qual Deus fez cada parte do universo? Não é porque é difícil de ser contemplado que Deus enviou seu Filho que seria fácil de contemplar. É por não tê-lo compreendido que Celso nos faz dizer: Porque é difícil de ser contemplado, ele introduziu seu próprio espírito num corpo semelhante ao nosso e o enviou a este mundo para que pudéssemos ouvi-lo e receber suas lições. Mas, como ficou mostrado, o Filho também é difícil de ser contemplado, uma vez que ele é o Deus logos por quem tudo foi feito, ele que "habitou entre nós" (Jo 1,14).

70. Se Celso tinha compreendido o que dizemos sobre o Espírito de Deus, e que "todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus" (Rm 8,14), ele não nos teria atribuído a declaração: Deus introduziu seu próprio espírito num corpo e o enviou a este mundo. Deus, com efeito, a quem é capaz de recebê-lo comunica continuamente seu próprio Espírito, que habita naqueles que são dignos dele, sem sofrer corte ou divisão. Pois o Espírito, segundo dizemos, não é um corpo, como não é um corpo aquele fogo que designa Deus segundo o texto: "Nosso Deus é um fogo devorador" (Dt 4,24; 9,3). São tantas ex-pressões figuradas para designar a natureza inteligível por meio de termos habitualmente aplicados aos corpos.

Dizer que os pecados são madeira, erva ou palha não quer dizer que os pecados sejam corpos, e dizer que as boas ações são ouro, prata, pedras preciosas não significa que as boas ações sejam corpos; desta forma, as palavras: "Deus é um fogo que devora a madeira, a erva e a palha" e toda realidade de pecado, não quer fazer pensar que Deus seja um corpo. E como chamá-lo "fogo" não é entender que ele seja um corpo, da mesma forma dizer que Deus é espírito não quer dizer que ele seja um corpo. É para contrapô-los às coisas sensíveis que a escritura costuma chamar espíritos e espirituais as realidades inteligíveis. Por exemplo, quando Paulo diz: "Mas é de Deus que vem nossa capacidade. Foi ele quem nos tornou aptos para sermos ministros de uma aliança nova, não da terra, e sim do Espírito, pois a letra mata, mas o Espírito comunica a vida" (2Cor 3,5-6), ele chamou de interpretação sensível das divinas escrituras "a letra", e "o espírito" de interpretação inteligível.

O mesmo acontece com a expressão "Deus é espírito". Como os samaritanos e os judeus praticavam os preceitos da lei segundo a letra e em figuras, disse o salvador à samaritana: "Vem a hora em que nem sobre esta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai. Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade" (Jo 4,21.24). Com isto nos ensinou que não se deve adorar a Deus carnalmente, nem com vítimas carnais, mas "em espírito". Realmente, ele mesmo será compreendido como Espírito na medida em que lhe for prestada adoração inteligível e "em espírito". Além disso, não é mais em figuras que se deve adorar o Pai, mas na verdade que veio por meio de Cristo Jesus, depois que a lei foi dada por Moisés. "Pela conversão ao Senhor

— e o Senhor é Espírito — cai o véu colocado sobre o coração todas as vezes que se lê Moisés" (1Cor 3,15-17).

71. Celso, portanto, não compreendeu a doutrina sobre o Espírito de Deus; "o homem psíquico não aceita o que vem do Espírito de Deus: É loucura para ele; não pode compreender, pois isso deve ser julgado espiritualmente" (1Cor 2,14). Por isso ele tira esta conclusão gratuita: *dizendo que Deus é espírito não temos a esse respeito nenhuma diferença com os estoicos entre os gregos, que afirmam que Deus é um espírito que tudo penetra e tudo contém em si mesmo.* Pois a vigilância e a providência de Deus se estendem a tudo, mas não como o espírito dos estoicos. A providência contém tudo sobre o qual provê; e ela compreende tudo, não à maneira de um corpo que contém seu conteúdo quando é também um corpo, mas também como um poder divino que compreende o que ele contém.

Os filósofos do Pórtico dizem que os princípios primeiros são corporais e, por este motivo, julgam tudo perecível; eles arriscariam mesmo tornar perecível o Deus supremo, se esta conclusão não lhes parecesse por demais absurda; se dermos crédito a eles neste ponto, até o logos de Deus descendo até os homens e às coisas mínimas nada mais é senão um espírito corpóreo. Para nós, porém, que temos por tarefa demonstrar que a alma racional é superior a toda natureza corpórea, que é uma realidade invisível e incorpórea, o logos de Deus não pode ser senão um corpo: por ele tudo foi feito e foi ele quem veio a este mundo, para que tudo fosse feito pelo logos, não apenas os homens mas também os seres considerados os menores e regidos pela natureza. Os filósofos do Pórtico têm, pois, toda liberdade de entregar tudo ao fogo abrasador! Sabemos que nenhuma realidade incorpórea está fadada ao fogo abrasador e que não podem se dissolver em fogo nem a alma do homem, nem a substância dos anjos, tronos, dominações, principados, potências.

72. Portanto, é por ignorância da doutrina sobre o Espírito de Deus que Celso faz esta observação sem valor: *Como o Filho é um espírito vindo de Deus nascido num corpo humano, o próprio Filho de Deus não pode ser imortal.* Novamente ele se embaraça e afirma que alguns de nós não admitem que Deus *é espírito, mas somente seu Filho;* ele acredita refutar esta opinião dizendo: *Não há espírito que tenha uma natureza que dure para sempre.* É como se, quando se afirma que "Deus é um fogo devorador" (Hb 12,29), ele objetasse: não existe fogo com uma natureza que dure para sempre. Não vê o sentido em que afirmamos que nosso Deus é um fogo, nem o que ele consome, os pecados e o vício. Porque, depois que cada um mostrou no combate seu valor de combatente, convém a um Deus bom consumir o vício pelo fogo dos castigos.

Depois, novamente ele nos dá esta explicação: *É necessário que Deus tenha aspirado seu espírito. Daí se segue a impossibilidade para Jesus de ressuscitar com seu corpo, pois Deus não poderia ter retomado o espírito que ele deu, uma vez que foi manchado pela natureza do corpo.* Seria, portanto, tolice de nossa parte responder às palavras que nos são atribuídas gratuitamente.

O corpo de Jesus

73. E em seguida ele se repete: a propósito de um Deus que nasce de uma virgem, multiplicou ele acima suas críticas, às quais respondi da melhor forma possível; ele afirma ainda: *Se Deus quisesse fazer descer dele um espírito, que necessidade de insuflá-lo no seio de uma mulher? Ele já sabia fabricar homens, poderia formar para este espírito um corpo sem lançar seu próprio espírito numa semelhante cloaca. Assim, gerado diretamente do alto, não teria encontrado incrédulos.* Diz isto sem ter compreendido que este corpo que devia servir à salvação dos homens te-ria um nascimento virginal e puro, isento de toda corrupção. Citando as doutrinas dos estoicos e fingindo ignorar a tese deles sobre as coisas indiferentes, ele crê que a natureza divina é lançada numa cloaca, que é conspurcada por ter residido num corpo de mulher até a formação de um corpo pessoal ou por ter assumido um corpo. É o mesmo que dizer que os raios do sol são conspurcados nos lamaçais e nos corpos nauseabundos e não conservam sua pureza.

Seguindo a hipótese de Celso, ainda que o corpo tivesse sido formado para Jesus sem ele ter nascimento, ao vê-lo não se teria pensado que ele não tivesse tido nascimento; pois o aspecto de uma coisa não revela a natureza de sua origem. Desta forma, supondo-se que um mel não seja produzido por abelhas, ninguém poderia dizer, ao prová-lo ou ao vê-lo, que ele não vem das abelhas. Da mesma forma, aquele que vem das abelhas não revela sua origem à percepção: só a experiência mostra que ele vem das abelhas. É ainda ela que ensina que o vinho provém da vinha, o gosto não indica que ele provém da vinha. Da mesma maneira, pois, o corpo sensível não revela a maneira como ele vem à existência. Podemos acrescentar o exemplo dos corpos celestes: ao contemplá-los, percebemos sua existência e esplendor; mas certamente a percepção não nos sugere se eles são criados ou incriados. Pelo menos a questão divide as escolas, e até aqueles que dizem que eles são criados não concordam sobre o modo como se deu sua criação, pois mesmo que a razão nos force a reconhecer que eles são criados, a sua percepção não sugere a maneira como se deu sua criação.

74. Ele em seguida volta ao sistema de Marcião já abordado diversas vezes, e nos faz uma exposição em parte fiel, em parte deformada. Não é necessário responder a ela ou mesmo refutá-la. Ele emprega novamente como de costume os argumentos a favor e contra Marcião, dizendo: *Eles escapam a certas críticas, mas caem sob outras.* E quando quer apoiar a doutrina afirmando que Jesus foi predito, para atacar Marcião e seus discípulos, ele declara sem rodeios: *Como se provaria, depois que ele suportou semelhantes suplícios, que ele é o Filho de Deus, a me-nos que seus sofrimentos não tenham sido preditos?*

Então, novamente brinca e critica, à sua maneira, introduzindo *dois filhos de deuses: um, filho do demiurgo, o outro, de Deus,* segundo Marcião. *Descreve seus combates singulares,* e os chama de *combates de codornizes, como eram os dos deuses seus pais: tornando-se inúteis pela velhice e rabugentos, incapazes de aversão recíproca, eles deixam seus filhos combater.* Devemos então aplicar-lhe o que ele disse acima: que

mulher velha, cantarolando para adormecer um bebê, não teria vergonha de frivolidades semelhantes às suas naquilo que ele intitula *Discurso verdadeiro?* Devia ter-se oposto às doutrinas. Mas, abandonando a questão, ele graceja e faz pilhérias, acreditando escrever comédias ou outras sátiras, sem reparar que um tal método de argumentar contradiz seu propósito de nos fazer abandonar o cristianismo para adotar suas doutrinas. Apresentadas com mais seriedade, elas talvez tivessem sido mais plausíveis; mas como ele ridiculariza, graceja e faz pilhérias, devemos dizer: por falta de argumentos sérios — e realmente ele não os tinha nem os conhecia — caiu nesta profunda tolice.

75. *Em seguida ele afirma: Como o espírito divino era um corpo, pelos menos teria sido necessário que este ultrapassasse todos os outros pelo porte ou beleza ou força ou voz ou majestade ou eloquência. Pois é impossível que um corpo mais divino do que os outros não sobrepuje em nada a um outro. Mas este não sobrepujava em nada a algum outro, mas, dizem que era pequeno, feio e vulgar.* Parece novamente que quando ele quer acusar a Jesus, como ele acreditasse nas escrituras que lhe parecem fornecer matéria para suas investidas, cita algumas passagens delas; mas onde nas mesmas escrituras vemos textos contrários aos que ele transforma em acusação, ele finge nem sequer os conhecer.

Mas, segundo opinião geral, as escrituras dizem que o corpo de Jesus era feio, mas não vulgar, como explicou Celso, e não existe indicação clara de que ele fosse pequeno. Eis em que termos Isaías anuncia que ele não apareceria às multidões numa forma agradável e de beleza superior: "Senhor, quem acreditou naquilo que ouvimos, e a quem se revelou o braço do Senhor? Ele cresceu diante dele como um renovo, como raiz que brota da terra seca; não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Nós o vimos, não tinha forma nem beleza; mas sua forma era desprezível, inferior à dos filhos dos homens" (Is 53,1-3). Terá Celso fixado estas palavras porque julgava-as úteis à sua acusação contra Jesus, mas não terá ele mais atentado para as palavras do Salmo 44 e à maneira como diz: "Cinge a tua espada sobre a coxa, ó valente, com majestade e esplendor estende teu arco, avança e reina" (Sl 44,4-5)?

76. Devemos concordar que ele não leu a profecia, ou que a leu mas foi confundido por aqueles que a interpretam erradamente como se não fosse uma profecia sobre Jesus Cristo: que dirá ele da própria passagem do evangelho de Jesus, "tendo subido uma alta montanha", "foi transfigurado diante" de seus discípulos e apareceu em glória enquanto "Moisés e Elias… aparecidos em glória falavam de sua saída do mundo que ele realizaria em Jerusalém". Que diga um profeta: "Nós o vimos, não tinha forma nem beleza" etc., Celso mesmo aceita que esta profecia se refere a Jesus, embora pareça cego em sua interpretação e não veja que, muitos anos antes de seu nascimento, a forma de Jesus foi objeto de uma profecia, e por isso constitui prova forte de que esse Jesus, apesar de aparentemente não ter forma, é o Filho de Deus. E ainda que um outro profeta fale de sua graça e de sua beleza, por que Celso não quer mais admitir que esta profecia se refira a Jesus Cristo? Se pudéssemos deduzir do evangelho que "ele não tinha forma nem

beleza, mas que sua forma era desprezível, inferior à dos filhos dos homens", concordaríamos que as afirmações de Celso se inspiram não nos profetas, mas no evangelho. Mas, de fato, como nem os evangelhos nem os apóstolos declaram que ele não tinha nem forma nem beleza, ei-lo manifestamente obrigado a admitir que a profecia se realizou em Cristo: e isto liquida as críticas contra Jesus.

77. Novamente, quando Celso afirma: Como o espírito divino estava em seu corpo, pelo menos seria preciso que este sobrepujasse todos os outros pelo porte ou beleza ou força ou voz ou majestade ou eloquência, como não vê ele que a superioridade de seu corpo era proporcionada à capacidade daqueles que o viam, e por este motivo aparecia sob a forma útil que cada visão individual requeria? Não admira que a matéria, que por natureza é suscetível de ser alterada, mudada e transformada em tudo o que o criador quer, e capaz de receber toda qualidade ao bel-prazer do artífice, ora estivesse no estado em que se diz: "Ele não tinha forma nem beleza", ora tão gloriosa, assombrosa e admirável que ao espetáculo de sua esplêndida beleza ele fizesse cair com o rosto em terra os três apóstolos que tinham acompanhado a Jesus (cf. Mt 17,6).

Dirá alguém: são invenções que em nada diferem das fábulas, exatamente como as outras histórias de milagres de Jesus. Respondemos longamente a isso nas páginas anteriores. Mas a doutrina tem ainda uma significação mais misteriosa: ela anuncia que as diferentes formas de Jesus tinham relação com a natureza do logos divino. Pois ele não aparece da mesma maneira às massas e àqueles que são capazes de segui-lo à alta montanha de que se falou. Para aqueles que ainda estão ao pé da montanha e ainda não estão preparados a subir até ela, o logos não tem forma nem beleza, porque para eles sua forma é desprezível e inferior aos discursos que provêm dos homens, chamados em sentido figurado na passagem "filhos dos homens". Poderíamos dizer que os discursos dos filósofos, que são "filhos dos homens", aparentam ser bem mais brilhantes do que o logos de Deus pregado às massas, que parece mesmo uma loucura da pregação. E por causa desta loucura aparente da pregação, os que param aí sua contemplação dizem: "Nós o vimos, não tinha nem forma nem beleza." No entanto, para aqueles que receberam o poder, porque o seguem, de acompanhá-lo mesmo quando ele sobe "a alta montanha", ele tem uma forma mais divina. Consegue vê-la aquele que como Pedro é capaz de ter a Igreja construída sobre si pelo logos e revela uma tal disposição para o bem que nenhuma porta do inferno pode prevalecer contra ele, porque foi levantado pelo logos "das portas da morte, para que possa proclamar os louvores de Deus às portas da filha de Sião" (Sl 9,14-15); e se existe quem deva seu nascimento às palavras pronunciadas por uma voz poderosa, não lhe falta absolutamente o trovão espiritual.

Quanto a Celso e aos inimigos do divino logos que não examinam os ensinamentos do cristianismo com amor à verdade, de onde poderiam eles saber a significação das diferentes formas de Jesus? E acrescento mesmo: a significação das diferentes idades de sua vida, e tudo o que pôde fazer antes de sua paixão ou depois de sua ressurreição dos mortos.

Por que um tal envio aos judeus?

78. Celso continua nestes termos: *Ainda mais. Se Deus, como o Zeus da comédia que desperta de um longo sono, quisesse libertar o gênero humano de seus males, por que enviou este espírito, como dizeis, a um só canto da terra? Teria sido necessário insuflar da mesma forma um grande número de corpos e os enviar por toda a terra. O poeta cômico, para provocar o riso no teatro, escreve que Zeus, ao despertar, enviou Hermes aos atenienses e aos lacedemonianos. E tu, não crês que o Filho de Deus enviado aos judeus é uma ficção mais ridícula?* Repara mais uma vez a falta de seriedade de Celso, que, de modo indigno de um filósofo, evoca a bufonaria do poeta cômico, e compara nosso Deus, o criador do universo, ao personagem de sua peça que, ao despertar, envia Hermes. Mas, já vimos nas páginas anteriores, não é como ao sair de um longo sono que Deus enviou Jesus ao gênero humano. Se Jesus, por boas razões, terminou agora a economia da encarnação, ele sempre foi benfeitor do gênero humano. Pois nenhuma bela ação é realizada entre os homens sem que o divino logos tenha visitado as almas daqueles que foram capazes, ainda que por um momento apenas, de receber estas operações do divino logos.

Além disso, a vida de Jesus, aparentemente num só canto da terra, tinha as suas razões: era preciso que aquele que foi profetizado viesse àqueles que aprenderam que existe um só Deus, que leem seus profetas e aprendem o anúncio de Cristo; e que viesse no momento oportuno em que a doutrina ia de um só canto se difundir por toda a terra.

79. Por isso não era preciso que existisse em toda parte um grande número de corpos e um grande número de espíritos como Jesus, para que toda a terra dos homens fosse iluminada pelo logos de Deus. Bastava que o logos único, "levantado como um sol de justiça" (cf. Ml 3,19), enviasse da Judeia seus raios até as almas daqueles que quisessem acolhê-lo. Acaso se deseja ver um grande número de corpos cheios do espírito divino, à imitação deste Cristo único, dedicar-se em todos os lugares à salvação dos homens? Considerem-se aqueles que em todos os lugares vivem na pureza e na justiça, ensinam a doutrina de Jesus, e são igualmente chamados "ungidos", "cristos", pelas divinas escrituras: "Não toqueis nos meus ungidos, não façais mal aos meus profetas!" (Sl 104,15).

Efetivamente, como ficamos sabendo que "o anticristo vem", e contudo sabemos que existe no mundo "um grande número de anticristos" (cf. 1Jo 2,18), do mesmo modo sabemos que Cristo veio e vemos também que por ele há no mundo um grande número de cristos que, a seu exemplo, "amaram a justiça e odiaram a injustiça". Por isso Deus, o Deus de Cristo, os ungiu também a eles com o "óleo da alegria". Mas ele mesmo "amou a justiça e odiou a iniquidade" mais do que aqueles que têm parte com ele: ele recebeu as primícias da unção e, se posso dizer, na sua plenitude a unção do óleo da alegria; e aqueles que têm parte com ele, cada um segundo sua medida, participaram igualmente de sua unção. Por isso, sendo Cristo "cabeça da igreja" (Cl 1,18), a ponto de Cristo e a Igreja formarem um só corpo, o "óleo fino derramado sobre a cabeça", desceu "pela barba, a barba de Aarão", tipo do homem perfeito, e este óleo chegou descendo "sobre a

gola de suas vestes" (Sl 132,2).

Eis o que eu tinha a dizer contra as palavras inconvenientes de Celso: Ele deveria ter insuflado da mesma maneira um grande número de corpos e tê-los enviado por toda a terra. O poeta cômico, portanto, faz rir representando Zeus adormecido que, ao acordar, envia Hermes aos gregos. Mas o logos, que sabe que a natureza de Deus não está sujeita ao sono, nos ensina que Deus administra os negócios do mundo a todo momento, como exige a reta razão! Não admira se, na profundidade inescrutável dos juízos de Deus, as almas sem instrução perdem-se, e Celso com elas. Nada há, portanto, de ridículo, em que o Filho de Deus tenha sido enviado aos judeus entre os quais tinham vivido os profetas, para que, partindo corporalmente do meio deles, se elevasse com seu poder e seu espírito acima do mundo das almas que não queriam mais ficar vazias e sem Deus.

80. A seguir, Celso julga oportuno dizer: *Os povos mais inspirados desde a origem foram os caldeus.* No entanto, foi a partir deles que a arte falaciosa dos horóscopos se difundiu entre os homens. Além disso, Celso coloca no número dos *povos mais inspirados os magos*, embora a magia derive seu nome deles e tenha sido transmitida aos outros povos para a corrupção e a ruína daqueles que a empregam. Quanto aos *egípcios*, as páginas anteriores e Celso mostraram o erro que cometeram em ter recintos veneráveis para seus pretensos templos, contendo em seu interior apenas macacos, crocodilos, cabras, áspides ou qualquer outro animal. E aqui Celso achou bom dizer: *O povo do Egito também é muito inspirado e inspirado desde a origem,* certamente por ter desde a origem combatido os judeus! Também os persas, que se casam com suas mães e se unem com suas filhas, parecem a Celso um povo inspirado, como também os *hindus*, entre os quais, dizia ele, nas páginas anteriores, alguns comeram carne humana. Mas os judeus, principalmente os de outrora, que nada disso fazem, não só não os chama de *os mais inspirados,* mas afirma *sua iminente ruína*. Eis a sorte que prediz a respeito deles, como um adivinho, sem ver toda a economia de Deus relativa aos judeus e a seu venerável regime de outrora, e como sua queda proporcionou a salvação aos pagãos, "e sua queda reverte em riqueza para o mundo e seu esvaziamento em riqueza para os gentios" "até que chegue a plenitude dos gentios", para que em seguida, "todo Israel", cujo sentido Celso não compreende, "seja salvo" (Rm 11,11-12.25-26).

81. Ignoro como ele pôde dizer de Deus: *Embora onisciente, ele não soube que enviava seu Filho a homens perversos que iam pecar e puni-lo.* Parece esquecer aqui voluntariamente nossa doutrina, que afirma que todos os sofrimentos que o Cristo Jesus suportaria, os profetas de Deus os viram antecipadamente pelo Espírito divino e os predisseram (cf. Lc 24,26-27). E isto contradiz suas palavras: Deus não soube que enviava seu Filho a homens perversos que iam pecar e puni-lo. Entretanto, Celso acrescenta imediatamente que nossa defesa consiste em dizer: *Há muito tempo tinha sido predito.*

Como, porém, meu sexto livro já atingiu uma dimensão suficiente, finalizarei aqui seu argumento e iniciarei o sétimo, se Deus me conceder esta graça. Aí Celso pensa derrubar

nossa afirmação de que os profetas predisseram tudo de Jesus. Como a matéria é ampla e requer um amplo desenvolvimento, não quis interrompê-lo como exigiria a extensão do livro nem, para evitar cortar o argumento, dar ao sexto livro um tamanho excessivo e desproporcionado.

LIVRO SÉTIMO

1. Nos seis livros anteriores, santo irmão Ambrósio, combati da melhor forma as acusações de Celso contra os cristãos; enquanto foi possível, não descurei de fazer passar toda objeção pelo crivo de um exame rigoroso nem omiti dar-lhe a resposta que eu podia dar. Depois de pedir a Deus, pelo próprio Jesus Cristo de que Celso se faz acusador, que fizesse resplandecer em nossos corações, pois ele é a verdade, os argumentos que refutam a mentira, volto à carga neste sétimo livro com a oração dirigida a Deus pelo profeta: "Aniquila-os, Senhor, por tua verdade!" (Sl 53,7): quer dizer, destrói os discursos contrários à verdade; pois é a eles que a verdade de Deus destrói. Uma vez destruídos, libertados de toda distração, poderemos dizer: "E eu te oferecerei um sacrifício espontâneo" (Sl 53,8), apresentando ao Deus do universo um sacrifício racional e sem fumaça.

Oráculos pagãos, profetas judeus

2. A intenção de Celso aqui é atacar a afirmação de que a história do Cristo Jesus foi predita pelos profetas da Judeia. O primeiro ponto a criticar é o princípio de seu raciocínio: aqueles que admitem outro deus além do deus dos judeus são absolutamente incapazes de responder às suas dificuldades, e nós, que temos conservado o mesmo Deus, procuramos refúgio para nossa defesa nas profecias sobre Cristo. A esse respeito, diz ele: *Vejamos como encontrarão uma desculpa. Os que admitem outro deus não apresentarão nenhuma, mas os que conservam o mesmo Deus repetirão a mesma frase, evidentemente bem sutil: "Era necessário que assim fosse, e a prova é que outrora isto foi predito".* A resposta a dar é que suas palavras a respeito de Jesus e dos cristãos um pouco antes desta passagem são de tal fraqueza que mesmo os que admitem outro deus, cometendo deste modo uma impiedade, responderiam sem nenhuma dificuldade às críticas de Celso. E se não fosse absurdo dar aos espíritos fracos pretextos para admitir más doutrinas, eu mesmo teria dado esta resposta para convencer de mentira a afirmação de que aqueles que admitem outro deus não têm defesa nenhuma contra as críticas de Celso. Mas é preciso se limitar a defender as profecias seguindo o que ficou dito acima.

3. Então diz Celso: *Eles não dão nenhuma importân- cia aos oráculos pronunciados pela Pítia, pelas sacerdotisas de Dodona, pelo deus de Claros, entre os brânquidas, no templo de Amon, e por mil outros adivinhos, sob a moção dos quais certamente toda a terra foi colonizada. Ao contrário, o que lhes parece maravilhoso e incontestável são as predições dos habitantes da Judeia, feitas à sua maneira, ditas realmente ou não, e conforme um uso ainda hoje em vigor entre os povos da Fenícia e da Palestina!* A propósito dos oráculos enumerados, digamos que poderíamos tirar de Aristóteles e dos paripatéticos muitos argumentos que poderiam zerar sua estima pela Pítia e outros oráculos. Poderíamos, igualmente, citando as palavras de Epicuro e daqueles que abraçaram sua doutrina a esse respeito, mostrar que os próprios gregos rejeitam os oráculos recebidos e admirados em toda a Grécia.

Mas, suponhamos que as respostas da Pítia e dos outros oráculos não sejam invenção de pessoas que simulam a inspiração divina. E vejamos se, mesmo neste caso, examinado numa análise sincera dos fatos, não podemos mostrar que, embora aceitemos estes oráculos, não somos obrigados a reconhecer neles a presença de certos deuses. São ao contrário maus demônios e espíritos hostis ao gênero humano que impedem a alma de se elevar, caminhar pelo caminho da virtude e restabelecer a piedade verdadeira para com Deus. Assim, dizem que a Pítia, profetisa de Apolo, cuja fama parece eclipsar todos os oráculos, sentada junto à gruta de Castália, recebe dele um espírito pelos seus órgãos femininos; e quando está plena dele, recita o que as pessoas consideram como veneráveis oráculos divinos. Não vê ele aí a prova do caráter impuro e viciado desse espírito? Ele se introduz na alma da adivinha não através de poros dispersos e imperceptíveis, bem mais puros do que os órgãos femininos, mas através daquilo que não é permitido a um homem casto olhar e muito menos tocar. E isso não apenas uma ou duas vezes, o que poderia parecer admissível, mas tantas vezes quantas se acredita que ela profetize sob a influência de Apolo.

E bem mais, esta passagem ao êxtase e ao frenesi da pretensa profetisa, indo ao extremo da perda de toda consciência de si mesma, não é obra do Espírito divino. A pessoa de que o Espírito se apodera deveria na verdade aprender de seus oráculos o que contribui para uma vida moderada e conforme com a natureza, deveria ser a primeira a obter ajuda dela para a sua utilidade ou vantagem e ficar mais perspicaz, sobretudo no momento em que a divindade se une a ela.

4. Por isso, reunindo os textos das Escrituras sagradas, demonstramos que os profetas judeus, iluminados pelo Espírito divino, na medida em que este lhes era útil quando profetizavam, pareciam os primeiros a gozarem em si a vinda do Espírito do alto. O contato, por assim dizer, daquilo que chamamos Espírito Santo com sua alma tornava sua inteligência mais perspicaz, sua alma mais límpida; e até seu corpo, morto para o desejo da carne, não oferecia mais obstáculo à vida virtuosa. Pois, de acordo com nossa fé, o Espírito divino faz morrer as práticas do corpo e as inimizades que têm sua origem no desejo da carne, inimigo de Deus.

Se a Pítia está fora de si e sem consciência quando faz oráculos, que natureza devemos atribuir ao espírito que espalha a noite sobre sua inteligência e seus pensamentos? Não é este o gênero de demônios que muitos cristãos expulsam dos doentes com o auxílio não de um processo mágico, encantatório ou médico, mas unicamente pela oração, por meio de simples esconjuros e palavras ao alcance do homem mais simples? Pois em geral são pessoas simples que recorrem a esses expedientes. A graça contida na palavra de Cristo provou a fraqueza e a impotência dos demônios: para que sejam vencidos e se retirem sem resistência da alma e do corpo do homem, não é preciso um sábio capaz de fornecer demonstrações racionais da fé.

5. E muito mais, a darmos fé não somente aos cristãos e aos judeus mas também a muitos outros gregos e bárbaros, a alma humana vive e subsiste depois de sua separação do corpo; e é certo pela razão que a alma pura e não oprimida sob o peso de chumbo do

vício se eleva até as regiões dos corpos puros e etéreos, abandonando neste mundo os corpos espessos e suas imundícies; ao contrário, a alma perversa, atraída para a terra por seus pecados e incapazes de tomar alento, vagueia aqui ao léu, umas em volta "dos túmulos" onde se veem "os fantasmas" das almas como sombras, outras simplesmente em volta da terra. Que natureza devemos atribuir a espíritos acorrentados ao longo dos séculos, por assim dizer, a edifícios e a lugares, quer por encantamentos, quer por causa de sua perversidade? Evidentemente, a razão exige que se julguem perversos estes espíritos que usam o poder de adivinhação, em si mesmo indiferente, para enganar os homens e desviá-los da piedade pura para com Deus. Outra prova dessa perversidade é que eles alimentam seus corpos com a fumaça dos sacrifícios, com as exalações do sangue e da carne dos holocaustos; se comprazem com tais sacrifícios saciando-se, por assim dizer, no seu amor à vida, à maneira dos homens corrompidos, sem nenhum atrativo pela vida pura desligada do corpo, que desejosos dos prazeres corporais, se apegam à vida do corpo terrestre.

Se Apolo de Delfos fosse o deus em quem os gregos acreditam, a quem deveria ele escolher como profeta senão a um sábio ou, na falta deste, um homem que avança no caminho da sabedoria? Por que, para profetizar, não escolheria um homem e sim uma mulher? E admitindo que ele preferia o sexo feminino, porque talvez não tivesse nem poder nem prazer a não ser no seio das mulheres, como não devia ele escolher uma virgem e não outra mulher como intérprete de sua vontade?

6. Não! Apolo Pítio, admirado pela Grécia, não atribuiu a nenhum sábio nem mesmo a qualquer homem a honra daquilo que ocorre aos olhos dos gregos pela possessão divina. E entre as mulheres, ele não escolheu uma virgem ou mulher formada na sabedoria pela filosofia, mas uma mulher do povo. Talvez os melhores dos humanos fossem superiores à influência de sua inspiração. Além disso, se de fato ele fosse deus, deveria usar a presciência para dar início, se posso assim dizer, à conversão, à cura, à reforma moral dos homens. Ora, a história não nos transmite a seu respeito nada disso: mesmo quando ele disse que Sócrates era o mais sábio de todos os homens, atenuava o elogio acrescentando a respeito de Sófocles e Eurípides: "Sófocles é sábio, porém Eurípides é ainda mais".

Dessa forma ele concede a Sócrates a superioridade sobre os poetas trágicos qualificados por ele como sábios, que disputam um prêmio banal na cena e na orquestra e provocam entre os espectadores ora lágrimas e lamentações, ora risos indecorosos, pois este é o objetivo do drama satírico. Mas ele não valoriza a nobreza que a filosofia e a verdade conferem, nem o louvor que esta nobreza merece. E se ele declarou Sócrates o mais sábio dos homens, certamente é menos pela sua filosofia do que pelos sacrifícios e cheiros de gordura que ele tinha oferecido a ele como também aos outros demônios.

É por causa destes sacrifícios, e não pelas suas ações virtuosas, que os demônios parecem ouvir as súplicas daqueles que os oferecem. Assim sendo, relembrando os feitos e indicando em suas histórias a razão principal por que os demônios ouvem os desejos daqueles que oferecem sacrifícios, o melhor dos poetas, Homero, fala de Crises que obteve, por meio de algumas grinaldas e coxas de touros e de cabras, o que ele tinha

pedido em favor de sua filha contra os gregos: a peste que os obrigou a lhe entregar Criseida. Lembro-me de ter lido, no livro de um pitagórico que tratava das doutrinas expressas simbolicamente pelo poeta, que as palavras de Crises a Apolo e a peste enviada por ele aos gregos mostram que Homero sabia como certos demônios perversos, ávidos do cheiro das gorduras e dos sacrifícios, se livram de sua dívida com os que sacrificam, pela ruína de outros homens se aqueles assim lhe solicitam.

O Deus "que reina sobre Dodona a inclemente" com seu cortejo de profetas "que jamais lavam os pés, que dormem no chão", renunciou ao sexo masculino pela profecia e utiliza as sacerdotisas de Dodona, como Celso observou. Pode haver em Claros um oráculo semelhante àquele, outro entre os brânquidas, outro ainda no templo de Amon e em todo lugar da terra em que se fazem oráculos: como se mostrará que se trata de deuses e não de demônios?

7. Entre os profetas judeus, uns eram sábios antes de receberem o dom da profecia e a inspiração divina, outros assim se tornaram quando tiveram o espírito iluminado pela própria profecia. Eles foram escolhidos pela providência por serem depositários do Espírito divino e das palavras que ele inspira, por causa de sua vida inimitável, de uma firmeza absoluta, de uma liberdade, de uma impassibilidade totais diante dos perigos e da morte. A razão exige que tais sejam os profetas do Deus supremo, em comparação com o qual a firmeza de Antístenes, de Crates, de Diógenes são um brinquedo de criança. Desta forma, por causa da verdade e de sua liberdade em censurar os pecadores, "eles foram apedrejados, torturados, serrados, morreram ao fio de espada, andaram errantes cobertos com peles de ovelha e de cabra, necessitados, atribulados, maltratados. Eles, de quem o mundo não era digno, andaram perdidos nos desertos e montes, nas cavernas e covas da terra" (Hb 11,37-38); tinham os olhos sempre fixos em Deus e nos bens de Deus não perceptíveis aos sentidos e por esta razão eternos.

A vida de cada um dos profetas foi escrita; mas por ora basta mencionar a vida de Moisés, cujas profecias, como diz a tradição, também foram inscritas na Lei; a de Jeremias, relatada na profecia que leva seu nome; a de Isaías que, excedendo toda austeridade, caminhou "nu e descalço" durante três anos. Considera igualmente a vida cheia de força de Daniel e seus companheiros, em plena juventude, quando lemos que só bebiam água, abstinham-se de carne e só se alimentavam de legumes. E observa ainda, se podes, antes deles, as ações de Noé ao fazer uma profecia, de Isaac ao dar a bênção profética a seu filho, de Jacó ao dizer a cada um dos Doze: "Reuni-vos, eu vos anunciarei o que acontecerá nos tempos vindouros" (Gn 49,1). Estes e uma infinidade de outros profetizaram em nome de Deus e predisseram a história de Jesus Cristo. Por isso não levamos em consideração os oráculos pronunciados pela Pítia, pelas sacerdotisas de Dodona, pelo deus de Claros, entre os brânquidas, no templo de Amon, ou por mil outros pretensos adivinhos. Mas admiramos os dos profetas da Judeia, vendo que sua vida cheia de força, de firmeza, de santidade, era digna do Espírito de Deus que profetiza de modo novo, sem nada em comum com as adivinhações dos demônios.

8. Não sei, aliás, por que Celso acrescenta a estas palavras, que são predições dos

habitantes da Judeia, o seguinte: Dizei realmente ou não; como se, em sua incredulidade, ele afirmasse que é possível que elas não tenham mesmo sido ditas e que talvez se tenha escrito o que na verdade não foi dito. Ele ignorava as datas e não sabia que, fazendo mil predições muitos anos antes, eles também falaram da vida de Cristo. Em seu desejo de lançar descrédito sobre os antigos profetas, ele acrescenta que predisseram conforme um costume ainda hoje em vigor entre os fenícios e palestinenses. Não mostra se fala de pessoas estranhas à doutrina dos judeus e dos cristãos, ou de pessoas que profetizam à maneira judaica no estilo dos profetas. Todavia, diga ele o que quiser, nós o convencemos de mentira. Não existem estranhos à fé que tenham feito qualquer coisa de semelhante ao que fizeram os profetas; não existem mais recentes, mesmo posteriores à vinda de Jesus, a respeito dos quais a história diga que tenham profetizado entre os judeus. Pois, na opinião de todos, o Espírito Santo abandonou os judeus culpados de impiedade para com Deus e aquele que tinha sido predito por seus profetas. Mas os sinais do Espírito Santo apareceram primeiro no tempo em que Jesus ensinava, e em maior número depois de sua ascensão, mas a seguir em menor número. Entretanto, existem ainda hoje vestígios entre alguns cujas almas foram purificadas pelo Logos e pelas ações que ele inspira. "Pois o Espírito Santo, o educador, foge da duplicidade, ele se retira diante dos pensamentos sem sentido" (Sb 1,5).

9. Celso promete *indicar a maneira como as adivinhações são feitas na Fenícia e na Palestina*, como uma coisa a respeito da qual *ele é instruído e sabe de primeira mão.* Examinemos então esta questão. Começa dizendo que *existem diversas espécies de profecias*, mas sem as indicar: não tinha condições, era apenas um palavrório. Mas, vejamos o que ele apresenta como *o tipo mais acabado entre os homens desta região. Existem muitos deles obscuros que, com a maior facilidade e em qualquer ocasião nos templos e fora dos templos, e outros que, mendigando seu pão e percorrendo as cidades e os campos, se agitam aparentemente como se pronunciassem um oráculo. Na boca de cada um está a fórmula habitual: Eu sou Deus, ou Filho de Deus, ou Espírito divino. E aqui estou. Pois o mundo já está perdido, e vós, ó homens, haveis de perecer por causa de vossos erros. Mas eu quero vos salvar. E me vereis de volta com um poder celeste. Feliz quem hoje me prestar culto! A todos os outros enviarei o fogo eterno nas cidades e nos campos. E os homens que não sabem que suplícios os esperam se arrependerão e gemerão em vão; mas os que forem persuadidos por mim, eu os guardarei por toda a eternidade.* E continua: *A estas presunções eles acrescentam termos desconhecidos, incoerentes, totalmente obscuros, cuja significação nenhum homem razoável seria capaz de descobrir por estarem por demais desprovidos de clareza e de sentido, mas que em qualquer ocasião dão a qualquer ignorante ou charlatão pretexto para se apropriarem deles no sentido que ele deseja.*

10. Se ele tivera boa fé em sua acusação, deveria ter citado as profecias em seu texto: aquelas cujo autor se proclamou o Deus todo-poderoso, ou aquelas em que se acredita ouvir o Filho de Deus ou o Espírito Santo. Pois assim ele teria pelo menos procurado refutar-lhes o conteúdo e mostrar que ele não tem nenhuma inspiração divina nos

discursos que por seu conteúdo afastam os erros, criticam o estado atual, anunciam o futuro. Por isso os contemporâneos dos profetas escreveram e guardaram suas profecias para que a posteridade, ao lê-las, as admirasse como parábolas de Deus e, beneficiando-se não só das que censuram e convertem, mas também das que predizem, e convencida pelos acontecimentos de que era o Espírito divino que tinha predito, ela perseverasse na piedade conforme o Logos, persuadida pela lei e pelos profetas.

Os profetas, segundo a vontade de Deus, disseram sem nenhum sentido oculto tudo o que podia ser compreendido de imediato pelos ouvintes como útil e proveitoso para a reforma dos costumes. Mas tudo o que era mais misterioso e mais secreto, dependendo de contemplação que ultrapassa os ouvintes comuns, eles revelaram em forma de enigmas, alegorias, "discursos obscuros", "parábolas ou provérbios" (Nm 12,8; 1Cor 13,12; Pr 1,6); e isto para que os que não resmungam diante do esforço, mas suportam todo esforço pelo amor da virtude e da verdade, depois de terem procurado encontrem, depois de terem encontrado se portem como o exige a razão. Mas o nobre Celso, irritado por não compreender estas palavras proféticas, recorre à injúria: A estas pretensões, eles acrescentam imediatamente termos desconhecidos, incoerentes, totalmente obscuros, cuja significação nenhum homem razoável seria capaz de descobrir por estarem por demais desprovidos de clareza e de sentido, mas que em qualquer ocasião dão a qualquer ignorante ou charlatão pretexto para se apropriarem deles no sentido que ele deseja. Eis aí, no meu entender, palavras de gente pérfida, ditas para afastar o mais possível os leitores das profecias do trabalho de investigar e examinar o sentido delas; disposição análoga àquela que a questão proposta indica a propósito de um profeta que veio predizer o futuro: "Por que veio a ti esse louco?" (2Rs 9,11).

11. Certamente existem razões bem acima de minhas capacidades para afirmar que Celso mente e que as profecias são inspiradas por Deus. Nem por isso deixei de, na medida do possível, explicar palavra por palavra os termos incoerentes e totalmente obscuros, como os qualifica Celso, nos Comentários de Isaías, Ezequiel e de alguns dos Doze. E se Deus permitir um aprofundamento maior em sua Palavra, no momento em que ele quiser, virão se acrescentar aos comentários já citados sobre estes autores os de todo o restante, ou ao menos aquilo que eu conseguirei elucidar. Mas existem outros que, desejosos de examinar a Escritura e possuindo a inteligência, saberiam descobrir o seu significado. Ela carece realmente de clareza em muitas passagens, jamais, porém, encontra-se desprovida de sentido, como ele diz. Também não deixa de ser uma falsidade que um tolo ou um charlatão possa elucidá-las e apropriar-se delas no sentido que ele deseja. Somente o verdadeiro sábio em Cristo pode explicar a concatenação das passagens proféticas que têm um sentido secreto, "exprimindo realidades espirituais em termos espirituais" (1Cor 2,13) e interpretando segundo o estilo habitual das Escrituras tudo o que ele descobre.

Não devemos crer em Celso, ao afirmar que ouviu com seus próprios ouvidos semelhantes pessoas. Em sua época, já não existiam profetas semelhantes aos antigos; do contrário, como as profecias de outrora, as suas teriam sido consignadas a seguir pelos que as tivessem recolhido e admirado. A mentira me parece evidente quando Celso afirma que *estes assim chamados profetas que ele ouviu com seus próprios ouvidos,*

assim que os desmascarou, lhe confessaram sua impostura e que eles forjavam discursos sem coerência. Ele deveria ainda fornecer os nomes dos que afirma terem ouvido com seus ouvidos: para que estes nomes, se tivesse podido citá-los, permitissem aos críticos competentes julgar se ele dizia a verdade ou mentia.

Acaso foram preditos atos imorais a respeito de Deus?

12. Além disso ele pensa que *os que acusam os profetas de defender a causa de Cristo nada têm mais a dizer se encontrarmos a respeito de Deus uma palavra perversa, vergonhosa, impura, contaminada.* Assim sendo, acreditando que seu ataque não tem réplica, ele encontra mil conclusões a partir de premissas que não foram admitidas. Devemos saber que os que querem viver segundo as divinas Escrituras aprenderam que a "ciência do insensato é discurso incoerente" (Eclo 21,18), e que eles ouviram as palavras: "Estai sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo o que vo-la pede" (1Pd 3,15); aqueles não procuram refúgio na simples alegação das profecias. Eles se esforçam para explicar as obscuridades aparentes e mostrar que nenhuma das palavras é perversa, vergonhosa, impura, contaminada, mas elas assim se tornam para os que não compreendem como se deve receber a divina Escritura. Deveria ter citado, entre as palavras dos profetas, a que lhe parece perversa, a que lhe dá a impressão de vergonhosa, a que ele julga impura, a que ele supõe contaminada, se de fato tivesse descoberto tais palavras entre os profetas. Desta forma, seu argumento teria sido mais impressionante e mais eficaz em vista de seu objetivo. Muito ao contrário, sem um exemplo, ele tem a pretensão de proclamar com ameaça que existem tais palavras nas Escrituras, o que é calúnia. A um ruído de palavras vazias de sentido não existe nenhuma razão para responder, a fim de mostrar que entre as palavras dos profetas não existe nenhuma que seja perversa, vergonhosa, impura e contaminada.

13. Além disso, Deus nada faz nem sofre de vergonhoso e não se põe a serviço do mal como acredita Celso: nada disso está predito. E se ele pretendesse que *foi predito que Deus está a serviço do mal, que ele faz e sofre coisas muito vergonhosas,* deveria citar as passagens dos profetas neste sentido, em vez de querer manchar em vão os ouvidos de seus ouvintes. É bem verdade que os profetas predisseram o que Cristo sofreria e deram a razão por que ele sofreria. E Deus sabia o que seu Cristo sofreria. Por que seria tudo isso *coisas muito abomináveis e muito impuras,* como diz Celso? Entretanto, ele saberá ensinar como os sofrimentos que ele suportou eram muito abomináveis e muito impuros quando ele diz: *Alimentar-se um Deus de carne de ovelha, beber fel ou vinagre, seria algo diferente de comer excrementos?* Mas, segundo nossa fé, Deus não comeu carne de ovelha; quando ele pensa que comia, era Jesus que comia porque tinha um corpo. Por outro lado, sobre o fel e o vinagre preditos pelo profeta: "Como alimento deram-me fel, e na minha sede fizeram-me beber vinagre" (Sl 68,22), embora eu tenha falado deste assunto acima, Celso me obriga a fazer repetições. Os que conspiram contra o Evangelho da verdade apresentam continuamente ao Cristo de Deus o fel de sua malícia e o vinagre de sua perversidade; e ele "provou mas não quis beber" (Mt 27,34).

14. Depois disso, para arruinar a fé dos que admitem a história de Jesus, porque ela foi predita, ele acrescenta: *Pois bem! Se os profetas predisseram que o grande Deus, para não dizer o mais vil, sofreria a escravidão, a doença, a morte, deveria Deus sofrer a morte, a escravidão, a doença sob pretexto de que isto foi predito, para que sua morte fizesse crer que ele era Deus? Mas os profetas não puderam prever tudo isso: é um mal e uma impiedade. Portanto, não precisamos examinar se eles predisseram ou não, mas se o ato é honesto e digno de Deus. Se o ato é vergonhoso e mau, apesar de todos os homens em transe parecerem predizê-lo, devemos recusar-nos a crer. Como então a verdade admitiria que Jesus sofreu isto como um Deus?*

Por estas palavras ele parece ter percebido ao menos de longe a força de persuasão que teria para os ouvintes o argumento de que Jesus foi profetizado, e ele tenta anular o valor desse argumento por outra razão plausível afirmando: portanto, não precisamos examinar se eles predisseram ou não. Ora, se ele quisesse opor à afirmação uma razão não capciosa mas apodítica, deveria ter dito: portanto, é preciso provar que eles não predisseram, ou que as profecias sobre Cristo não se realizaram em Jesus como eles predisseram, e deveria ter acrescentado a prova que lhe parecesse boa. Desta forma ter-se-ia percebido o que dizem as profecias que referimos a Jesus e a maneira como ele refuta nossa interpretação; e todos teriam verificado se ele refuta honestamente os textos de profetas que aplicamos à doutrina concernente a Jesus, ou se ele é surpreendido querendo descaradamente fazer violência à verdade evidente como se ela não fosse a verdade.

15. Depois de afirmar, por hipótese, que há coisas que não são possíveis e não convêm a Deus, diz: Pelo fato de elas terem sido preditas a respeito do Deus supremo, deveríamos acaso acreditar que são de Deus só porque foram preditas? E ele se empenha em deixar claro que ainda que os profetas as tivessem realmente predito do Filho de Deus, seria impossível acreditar nas predições que ele deveria sofrer ou agir desta maneira. Devemos responder que sua hipótese é absurda e propõe premissas que levam a consequências contraditórias. E eis a prova. Se os verdadeiros profetas do Deus supremo dizem que Deus sofrerá a escravidão, a doença ou mesmo a morte, esses males acontecerão a Deus, pois os profetas do grande Deus dizem necessariamente a verdade. Por outro lado, se os verdadeiros profetas do Deus supremo dizem estas mesmas coisas, pois o que é por natureza impossível não pode ser verdadeiro, o que os profetas anunciam de Deus não poderia acontecer. Ora, quando duas premissas têm consequências contraditórias em razão do que chamamos silogismo de duas proposições, o antecedente das duas premissas fica anulado na espécie: os profetas predizem que o grande Deus sofrerá a escravidão, a doença, a morte. A conclusão, portanto, é que os profetas não predisseram que o grande Deus sofreria a escravidão, a doença, a morte. E eis a forma do raciocínio: se A é verdadeiro, B é verdadeiro; se A é verdadeiro, B não é verdadeiro; portanto, A não é verdadeiro.

Os estoicos apresentam a esse respeito este exemplo: se sabes que estás morto, estás morto; se sabes que estás morto, não estás morto; conclusão: portanto, não sabes que estás morto. E eis como eles provam as premissas: se sabes que estás morto, o que sabes

é verdade, portanto, é verdade que estás morto. Por outro lado, se sabes que estás morto, é igualmente verdade que sabes que estás morto. Mas como um morto nada sabe, é claro que se sabes que estás morto, não estás morto. E, como observamos acima, a conclusão das duas premissas é: portanto, não sabes que estás morto. O mesmo acontece mais ou menos com a hipótese de Celso no argumento citado acima.

16. Mas o que admitimos na hipótese nada tem de comparável às profecias referentes a Jesus. As profecias não predisseram que Deus seria crucificado; e afirmam o seguinte daquele que sofreria a morte: "Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto" (Is 53,2-3). Repara então como eles disseram que aquele que suportou sofrimentos humanos era homem. E o próprio Jesus, sabendo com precisão que o que morria era o homem, declara aos que tramam contra ele: "Vós porém procurais matar-me, a mim, que vos falei a verdade que ouvi de Deus" (Jo 8,40). Se houvesse algo de divino no homem que o espírito discerne nele, seria o Filho único de Deus, o Primogênito de toda criatura, aquele que disse: "Eu sou a Verdade, eu sou a Vida, eu sou a Porta, eu sou o Caminho, eu sou o Pão vivo que desceu do céu" (Jo 14,6; 10,9; 14,6; 6,51). O raciocínio sobre este ser e sua essência é bem diferente do que diz respeito ao homem que o espírito discerne em Jesus.

Dessa forma, até os cristãos de extrema simplicidade, nada familiarizados com os raciocínios dialéticos, recusariam dizer que a Verdade, a Vida, o Caminho, o Pão vivo descido do céu ou a Ressurreição tenha sofrido a morte. A pessoa que afirma ser a ressurreição, ela mesma ensinou no homem visível que era Jesus: "Eu sou a Ressurreição" (Jo 11,25). Além disso, nenhum de nós é tão estúpido a ponto de dizer que a Vida está morta ou que a Ressurreição está morta. Ora, a hipótese de Celso só seria aceitável se afirmássemos que os profetas predisseram a morte para aquele que é o Deus Logos, a Verdade, a Vida, a Ressurreição ou algum dos outros títulos dados ao Filho de Deus.

17. Existe, portanto, apenas um ponto em que Celso diz a verdade: Mas os profetas não puderam prever isto: é um mal e uma impiedade. Que quer ele dizer senão que o grande Deus sofreria a escravidão e a morte? Pelo contrário, é bem digno de Deus o anúncio feito pelos profetas que certo "esplendor e imagem" (Sb 7,26; Hb 1,3) da natureza divina viveria associada à alma santa de Jesus que assume um corpo humano, a fim de difundir a doutrina que faz participar da amizade do Deus do universo todo aquele que a recebe e cultiva em sua alma, e que conduz todo homem a seu fim, contanto que conserve em si o poder deste Deus Logos que devia habitar num corpo e numa alma de homem. Desta forma, seus raios não ficariam fechados só nele e não seria possível pensar que a luz que é força destes raios, o Deus Logos, não exista em nenhuma outra parte.

Assim sendo, o que se fez a Jesus, considerando-se a divindade que nele está, não é contrário à piedade e não repugna à noção da divindade. Além disso, enquanto homem, mais ornado do que qualquer outro pela participação mais elevada ao Logos em pessoa e

à Sabedoria em pessoa, ele suportou como sábio perfeito o que deveria suportar aquele que realiza tudo em favor de toda a raça dos homens ou até dos seres racionais. E não é absolutamente absurdo que o homem morra e que sua morte não seja apenas exemplo da morte sofrida pela religião, mas também que ela comece e continue a ruína do Maligno, do Diabo, que se atribuíra o domínio de toda a terra. Esta ruína é atestada pelos que de toda parte, graças à vinda de Jesus, escapam dos demônios que os mantinham submetidos e, libertados desta escravidão que pesava sobre eles, se consagram a Deus e à piedade para com ele, a qual, segundo suas forças, se torna mais pura a cada dia.

Deus se contradisse?

18. Em seguida, Celso continua: *Não refletirão eles ainda a esse respeito? Se os profetas do Deus dos judeus tivessem predito que Jesus seria seu filho, como é que Deus, por meio de Moisés lhes dá como leis: que se enriqueçam, sejam poderosos, encham a terra, massacrem seus inimigos sem poupar a juventude, que exterminem toda raça, o que ele mesmo faz diante dos olhos dos judeus, como atesta Moisés? E além disso, se eles não obedecem, ele ameaça expressamente tratá-los como inimigos? Ao passo que seu Filho, o homem de Nazaré, promulga leis contrárias: o rico não terá acesso junto ao Pai, nem aquele que ambiciona o poder, nem aquele que pretende alcançar a sabedoria ou a glória; tal como os corvos, seus discípulos não deverão se preocupar com alimento e guardá-lo em celeiros e, como os lírios, menos ainda se preocupar com o que se vestir; e de quem vos bate deveis estar dispostos a receber outro golpe! Quem então mente: Moisés ou Jesus? Será que o Pai, ao enviar Jesus, esqueceu o que prescrevera a Moisés? Terá ele renegado as próprias leis, mudado de opinião e enviado seu mensageiro com um objetivo contrário?*

Celso, que pretende saber tudo, cai aqui num erro muito grosseiro a respeito do sentido das Escrituras. Ele crê que na Lei e nos Profetas não há doutrina mais profunda do que o sentido literal das expressões. É por não ver que o Logos não poderia prometer de modo tão manifestamente inverossímil a riqueza material a quem leva vida virtuosa: pois não é possível mostrar que pessoas tão justas viveram numa pobreza extrema. Assim os profetas, que a pureza de sua vida tinha disposto a receber o Espírito divino, "levaram vida errante, vestidos com peles de carneiro ou pêlos de cabras; oprimidos e maltratados, sofreram privações. Eles, de quem o mundo não era digno, erravam pelos desertos e pelas montanhas, pelas grutas e cavernas da terra" (Hb 11,37-38). Pois, nas palavras do salmista, "os males do justo são muitos" (Sl 33,20).

Se Celso tivesse lido a lei de Moisés, provavelmente teria pensado que o aforismo "tu emprestarás a muitas nações, mas nada pedirás emprestado" (Dt 15,6; 28,12), dirigido ao que observa a lei, deve ser cumprido como promessa feita ao justo: ele se enriqueceria com a riqueza cega a tal ponto que a abundância de seus bens lhe permitisse emprestar não só aos judeus, mas também a grande número de nações, e não apenas a uma, duas ou três. Quantas riquezas não deveria possuir assim o justo em recompensa pela sua justiça segundo a lei, para poder emprestar a numerosas nações? A consequência lógica

de uma tal interpretação nos faria acreditar igualmente que jamais o justo emprestaria, pois está escrito: "Mas tu não emprestarás". A nação teria acaso ficado tanto tempo na religião de Moisés se, como pensa Celso ela apanhasse seu legislador em flagrante delito de mentira? De ninguém se fala que ele se tenha enriquecido a ponto de emprestar a numerosas nações. Além disso, não é imaginável que tendo aprendido a ouvir a lei no sentido que Celso lhe dá, e diante da mentira flagrante das promessas da lei, tenham lutado pela lei.

Os pecados do povo relatados na Escritura seriam uma prova de que eles desprezaram a lei, certamente porque eles a desprezaram como mentira? Seria preciso responder que também se deve ler as circunstâncias em que está escrito que o povo inteiro, depois de ter cometido o mal em presença do Senhor, se converteu para vida melhor e para a piedade segundo a lei.

19. Além disso, se a palavra da lei "dominarás muitas nações, mas nunca serás dominado" (Dt 15,6; 28,12) fora tão-somente, sem uma significação mais profunda, a promessa que eles seriam poderosos, o povo teria evidentemente desprezado muito mais as promessas da lei. Celso parafraseia o sentido de certas expressões declarando que a posteridade dos hebreus encheria toda a terra. Historicamente isto se deu depois da vinda de Jesus, mas por assim dizer como um efeito da cólera de Deus e não propriamente de sua bênção. Além disso, se na promessa se diz aos judeus que massacrem seus inimigos, é preciso que uma leitura e um estudo cuidadosos dos termos revelem que uma interpretação literal é impossível. Bastará por ora tirar dos salmos estas palavras colocadas na boca do justo: "A cada manhã eu exterminava todos os pecadores da terra, para extirpar da cidade do Senhor todos os malfeitores" (Sl 100,8). Levando em consideração os termos e a intenção do autor, será possível que, depois de ter lembrado seus feitos que qualquer pessoa pode facilmente ler, ele acrescente o que pode ser extraído do texto literalmente: que em nenhum outro momento do dia a não ser de manhã ele destruiu "todos os pecadores da terra" sem deixar sobreviver nenhum deles, e se de fato ele exterminasse sem exceção de Jerusalém todo homem que cometesse a iniquidade? Podemos ainda encontrar na lei muitos exemplos como este: "A ninguém deixamos escapar vivo" (cf. Dt 2,34; Nm 21,35).

20. Celso acrescenta a predição feita aos judeus segundo a qual a sua desobediência à lei far-lhes-ia sofrer os tratamentos que eles infligiriam a seus inimigos. Antes, porém, que Celso alegue um exemplo dos traços de ensinamento de Jesus que ele julga contraditório à lei, faz-se necessário lembrar aquilo que já foi dito. Para nós, a lei tem dois sentidos: um literal e outro espiritual, como já foi indicado acima. No sentido literal ela é qualificada, menos por nós do que por Deus, exprimindo em um dos profetas, "julgamentos que não são bons" e "prescrições que não são boas" (Ez 20,25.11); no sentido espiritual ela é qualificada pelo mesmo profeta, em nome de Deus, "julgamentos bons" e "prescrições boas". Está claro, portanto, que o profeta não diz coisas contraditórias na mesma passagem. Com ele concorda Paulo segundo o qual "a letra mata", que equivale ao sentido literal, e "o espírito vivifica" (2Cor 3,6), que equivale ao

sentido espiritual. Podemos assim encontrar em Paulo passagens análogas às contradições aparentes do profeta. Ezequiel dissera: "Eu lhes dei julgamentos que não são bons e prescrições que não são boas, pelo que eles não poderão viver"; e noutra passagem: "Eu lhes dei julgamentos bons e prescrições boas, mediante os quais eles poderão viver", ou o equivalente. Paulo ainda, para atacar o legalismo literal, diz: "Ora, se o ministério de morte, gravado com letras em pedras, foi cercado de tamanha glória que os filhos de Israel não podiam fixar o rosto de Moisés por causa da glória passageira desse rosto, como não seria o ministério do Espírito mais glorioso?" (2Cor 3,7.8). E em outra passagem ele admira e louva a lei que ele nomeia espiritual: "Nós sabemos, porém, que a lei é espiritual" e ele o prova: "Assim a lei é santa, e o mandamento é santo, justo e bom" (Rm 7,14.12).

21. Portanto, se o texto da lei promete a riqueza aos justos, Celso pode seguir "a letra" que mata e pensar que a promessa visa à riqueza cega. Nós, porém, pensamos que se trata do homem dotado de visão penetrante: no sentido em que fomos cumulados de "todas as riquezas da palavra e todas as do conhecimento" (1Cor 1,5), em que os ricos deste mundo são exortados a "que não sejam orgulhosos, nem ponham sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que nos provê tudo com abundância para que nos alegremos. Que eles façam o bem, enriqueçam-se com boas obras, sejam pródigos, capazes de partilhar" (1Tm 6,17-18). Pois, conforme Salomão, "o resgate da vida de um homem é a sua riqueza; mas o pobre não sofre ameaça" (Pr 13,8).

Do mesmo modo que a riqueza, devemos interpretar o poder que permite, nas palavras da Escritura, a um justo perseguir mil inimigos e a dois porem em fuga dez mil (cf. Dt 32,30). Se este é o sentido das palavras sobre a riqueza, vê se ele não está de acordo com a promessa de Deus que o homem que é rico em toda doutrina, em toda ciência, em toda sabedoria, em toda obra boa possa emprestar de sua riqueza em doutrina, em sabedoria, em ciência a numerosas nações, assim como Paulo pôde fazer a todas as nações que ele visitou quando ele irradiou sua luz de Jerusalém até a Ilíria, levando a bom termo a pregação do Evangelho de Cristo. Estando sua alma iluminada pela divindade do Logos, os segredos divinos lhe eram transmitidos pela revelação: nada tomava emprestado a ninguém nem tinha necessidade alguma que alguém lhe transmitisse a doutrina. Mas como está escrito: "Dominarás a muitas nações, mas nunca serás dominado", em virtude do poder que o Logos lhe conferia, Paulo dominava os povos da gentilidade submetendo-os ao ensinamento de Cristo Jesus, sem jamais se submeter em parte alguma a homens como se eles fossem superiores. E no mesmo sentido "ele enchia toda a terra".

22. Se é necessário explicar ao mesmo tempo o massacre dos inimigos e o poder do justo sobre todas as coisas, podemos dizer: ao afirmar: "A cada manhã eu farei calar todos os ímpios da terra, para extirpar da cidade do Senhor todos os malfeitores", o profeta chamava de terra em sentido figurado a carne cujo "desejo é inimigo de Deus" (Rm 8,7), e de cidade do Senhor, sua alma na qual estava um templo de Deus (cf. 1Cor 3,16-17; 2Cor 6,16); pois ele tinha de Deus uma opinião e uma concepção justas e admiradas de

todos os que as observam. Portanto, ao mesmo tempo, repleto por assim dizer de poder e de força pelos raios do Sol da "justiça" (Ml 4,2) que iluminava sua alma, ele suprimia todo "desejo da carne" (Rm 8,7), chamado pelo texto como "pecadores da terra", e exterminava da cidade do Senhor, que estava na sua alma, todos os raciocínios que tramam a iniquidade e os desejos inimigos da verdade.

No mesmo sentido, os justos destroem tudo o que há de vida em seus inimigos nascidos do vício, sem poupar o menor mal que acaba de nascer. É ainda nesse sentido que compreendemos a passagem do Salmo 136: "Ó devastadora filha de Babel, feliz quem devolver a ti o mal que nos fizeste! Feliz quem agarrar e esmagar teus nenês contra a rocha!" Os recém-nascidos de Babilônia, que significa confusão, são os pensamentos confusos inspirados no vício que nascem e se desenvolvem na alma. Tornar-se perfeito senhor desta situação para esmagar suas cabeças contra a firmeza e a solidez do Logos é esmagar os nenês de Babilônia contra a rocha e assim se tornar feliz. Assim sendo, admitamos que Deus ordene exterminar as obras da iniquidade, todas as raças sem poupar a juventude: ele nada ensina que contradiga a pregação de Jesus. Admitamos que sob as vistas daqueles que são judeus secretamente Deus realize a destruição de seus inimigos e de todas as obras da malícia. E ainda mais, admitamos que os que recusam obedecer à lei e ao Logos de Deus sejam equiparados a seus inimigos e tragam a marca do vício: eles deverão sofrer as penas merecidas pela desobediência às palavras de Deus.

23. Vemos claramente também, desta forma, que Jesus, o homem de Nazaré, não promulga leis contrárias às declarações citadas a respeito da riqueza e acerca de quem a ela renuncia, quando diz que é difícil a um rico entrar no Reino de Deus: entenda-se por rico simplesmente o que é perseguido pela riqueza e impedido, como por seus espinhos, de produzir os frutos do Logos, ou o homem rico em opiniões mentirosas, de que fala o livro dos Provérbios: "É melhor o pobre justo que o rico mentiroso!" (Pr 28,6).

Que Jesus proscrevia o desejo de dominar, Celso provavelmente percebeu esta verdade das passagens seguintes: "O que quiser ser o primeiro dentre vós seja aquele que serve!"; "Sabeis que os governadores das nações as dominam"; "Os reis das nações as dominam, e os que as tiranizam são chamados benfeitores" (Mt 20,25-27; Lc 22,25). Não devemos ver aí contradição com a profecia: "Dominarás muitas nações, mas nunca serás dominado" (Dt 15,28.12), principalmente pelas razões que apresentei ao explicar o texto.

Depois disto Celso propõe uma objeção a propósito da sabedoria. Ele acredita que, de acordo com o ensinamento de Jesus, o sábio não tem acesso ao Pai. Respondemos: para qual sábio? Trata-se do homem assim qualificado pela sabedoria dita deste mundo, que é "loucura diante de Deus" (1Cor 3,19), também, nós diremos que não existe acesso ao Pai para tal sábio. Mas se por sabedoria entendemos Cristo, pois Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus, não só diremos que para tal sábio existe acesso ao Pai, mas também afirmamos: o homem gratificado com o carisma chamado "mensagem de sabedoria" (1Cor 12,8), comunicado pelo Espírito, é bem superior aos que não o são.

24. Em compensação, declaramos proibida a busca da glória entre os homens não só

pelo ensinamento de Jesus, mas também pelo Antigo Testamento. Assim, um dos profetas, ao se maldizer por se ter escravizado aos pecados, denuncia como o maior mal que lhe poderia ter sucedido a glória desta vida. E se exprime nestes termos: "Senhor, meu Deus, se eu fiz algo... se em minhas mãos há injustiça, se paguei com o mal ao meu benfeitor, se poupei sem razão o meu opressor, que o inimigo me persiga e alcance! Que me pisoteie vivo por terra e atire meu ventre contra a poeira!" (Sl 7,4-6).

Além disso, nem as palavras: "Não vos preocupeis com a vossa vida quanto ao que haveis de comer ou beber. Olhai as aves do céu: não semeiam, nem ajuntam em celeiros. E no entanto, vosso Pai celeste as alimenta. Ora, não valeis mais do que elas?!" (cf. Mt 6,25-26; Lc 29,24); "E com a roupa, por que andais preocupados? Aprendei dos lírios do campo" (Mt 6,28), e tampouco as palavras que seguem são contrárias às bênçãos da lei que ensinam que o justo comerá e será saciado, nem estas palavras de Salomão: "O justo come e se farta; o ventre dos ímpios passa fome" (Pr 13,25). Pois é preciso observar o seguinte: é o alimento da alma que se tem em mira na bênção da lei: ele sacia não o composto humano, mas apenas a alma. E devemos tirar do Evangelho talvez uma interpretação bastante profunda, e talvez também uma interpretação mais simples, porque não devemos deixar a alma se perder no meio dos cuidados com a alimentação e o vestuário, mas praticar uma vida frugal e ter confiança que Deus providenciará se apenas nos preocuparmos com o que é necessário.

25. Sem pôr em paralelo as passagens da lei com as do Evangelho aparentemente contrárias, Celso acrescenta que é preciso estar pronto a receber um segundo golpe de quem vos bate. Diremos que conhecemos as palavras ditas aos antigos: "Olho por olho, dente por dente", mas que também lemos estas outras: "A quem te ferir numa face, oferece a outra" (Lc 6,29; Mt 5,38-39). Entretanto, como Celso, imagino eu, se faz porta-voz dos que fazem distinção entre o Deus do Evangelho e o Deus da Lei, devemos responder à sua objeção: o Antigo Testamento também diz: "A quem te bate na face direita, oferece também a outra". Pelo menos é o que está escrito nas Lamentações de Jeremias: "É bom para o homem suportar o jugo desde sua juventude, que esteja solitário e silencioso quando o Senhor o impuser sobre ele; que ponha sua boca no pó: talvez haja esperança! Que dê sua face a quem o fere e se sacie de opróbrios" (Lm 3,27-29). O Evangelho, portanto, não entra em contradição com o Deus da Lei, nem mesmo a respeito do tapa entendido ao pé da letra. Nenhum dos dois mente, nem Moisés, nem Jesus, e o Pai ao enviar Jesus não esqueceu o que ordenara a Moisés; tampouco renegou as suas próprias leis, mudando de opinião e enviando seu mensageiro com finalidade contrária.

26. Sendo necessário caracterizar brevemente a diferença entre o regime em vigor desde o princípio entre os judeus conforme as leis de Moisés e o regime mais perfeito que os cristão pretendem seguir agora conforme o ensinamento de Jesus, eis o que direi. Por um lado, não era conveniente aos gentios chamados à fé seguir à letra o regime de Moisés, pois estavam sujeitos aos romanos. Por outro lado, não era possível aos judeus de outrora conservar intacta sua constituição, porque, por hipótese, eles obedeciam ao

regime evangélico. Os cristãos não podiam se conformar com a lei de Moisés massacrando seus inimigos ou os que suas transgressões da lei condenavam a perecer queimados ou lapidados, porque mesmo os judeus, apesar de seu desejo, não podiam lhes infligir esta pena ordenada pela lei. Em compensação, proibir aos judeus de outrora, que possuíam uma constituição e um território próprios, de atacar seus inimigos e fazer campanha pela defesa de suas tradições, de executar ou castigar de algum modo os adúlteros, os assassinos, os criminosos desta espécie, teria sido reduzi-los em massa a uma destruição total no momento de um ataque inimigo contra a nação, pois sua própria lei os teria privado de força e impedido de rechaçar os inimigos. Mas a Providência, que outrora deu a lei e em nossos dias o Evangelho de Jesus Cristo, não queria mais que o judaísmo estivesse em vigor; ela então destruiu sua cidade, seu templo e o serviço de Deus realizado no templo pelo culto e pelo sacrifício que ela tinha prescrito. E assim como a Providência pôs fim a estas práticas que ela não queria mais, da mesma forma deu ao cristianismo impulso cada dia maior, concedendo então a liberdade de se exprimir, apesar dos obstáculos inúmeros opostos à difusão do ensinamento de Jesus no mundo. E como foi Deus que quis estender aos gentios os benefícios do ensinamento de Jesus Cristo, todo projeto dos homens contra os cristãos foi posto em cheque, e quanto mais os imperadores, os chefes de nações, o povo os humilhavam em todos os lugares, tanto mais numerosos e poderosos se tornavam (cf. Ex 1,7).

A esperança dos cristãos

27. Depois disso, tendo citado diversas afirmações concernentes a Deus que ele erradamente nos atribui, por exemplo, que *Deus seria um corpo, por natureza, e um corpo em forma humana*, Celso pretende refutar o que nós de modo algum afirmamos. Seria supérfluo aduzir e refutar estas acusações. Se disséssemos de Deus o que ele nos atribui e contra o qual ele se insurge, teríamos o dever de citar suas afirmações, de provar nossas teses e destruir as suas. Mas se ele nos atira declarações que ele não ouviu de ninguém, ou que procedem, se acaso ouviu de alguém, de pessoas simples, ingênuas e que não conhecem o sentido da Escritura, não precisamos perder tempo numa tarefa tão inútil. Pois as Escrituras dizem claramente que Deus é incorpóreo. Por isso, "ninguém jamais viu a Deus" (Jo 1,18), e "o Primogênito de toda criatura" é apresentado como "a imagem do Deus invisível" (Cl 1,15), em outras palavras, incorpóreo. Mas dei acima explicações pormenorizadas a respeito de Deus numa justa medida ao examinar como compreender as palavras: "Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade" (Jo 4,24).

28. Depois destas observações acerca de Deus, caluniosas a nosso respeito, ele nos pergunta *aonde queremos ir, e que esperanças temos nós*. E, como resposta, ele transcreve estas pretensas palavras nossas: *Para outra terra melhor do que esta.* Ele replica: *Os homens divinos dos tempos antigos falaram de uma vida de felicidade reservada às almas bem-aventuradas. Alguns a chamaram "Ilhas dos bem-aventurados", outros "Campos Elísios", porque nela os homens são livres dos males*

deste mundo. Como diz Homero: "Mas para os Campos Elísios, bem nos últimos confins da terra, os Imortais te enviarão, lá onde a vida é aprazível." E Platão que acredita na imortalidade da alma chama deliberadamente de "terra" esta região para onde a alma é enviada: "É uma imensa extensão, e nós que do mar de Fásis às colunas de Hércules habitamos as margens, como formigas e rãs em volta de uma lagoa, ocupamos apenas uma pequena parte. Muitos outros, porém, noutros lugares, habitam muitas regiões semelhantes. Pois existem em toda parte em volta da terra muitas cavidades de todas as formas e de todos os tamanhos para as quais confluíram a água, a névoa e o ar. Mas a terra como tal, a terra pura, encontra-se na parte pura do céu."

Celso, portanto, supõe que nossa ideia de outra terra, melhor e bem superior a esta, nós a obtivemos de certos homens dos tempos antigos que ele julga divinos, e sobretudo de Platão que, no Fédon, tinha especulado sobre a terra pura que se encontra na parte pura do céu. Não percebe que Moisés, bem anterior mesmo ao alfabeto grego, representou Deus prometendo a terra santa "boa e espaçosa onde correm leite e mel" (Ex 3,8) aos que tivessem vivido segundo a lei. Esta boa terra não é, como alguns julgam, a Judeia deste mundo que se encontra, também ela, na terra maldita desde sua origem por causa das obras da transgressão de Adão. Pois a sentença: "Maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimentos dele te nutrirás todos os dias de tua vida" (Gn 3,17; 1Cor 15,22), se aplica à terra inteira de que todo homem, morto em Adão, tira seu alimento às custas de sofrimentos, isto é, de trabalhos, e isso todos os dias de sua vida. Sendo maldita, toda a terra "produzirá espinhos e abrolhos todos os dias da vida" para todos os que em Adão foram expulsos do paraíso terrestre; e todo homem come o seu pão "com o suor do rosto até voltar à terra donde foi tirado". Toda esta passagem contém uma extensa doutrina que pode ser elaborada para elucidação dos termos. Mas aqui me contentarei com breves observações, para refutar o erro que aplica à terra da Judeia o que é dito da boa terra prometida por Deus aos justos.

29. Se realmente a terra toda é maldita por causa das obras de Adão e dos que nele morreram, é evidente que todas as suas partes incorrem na mesma maldição, entre outras, a terra da Judeia. Portanto, não se pode aplicar-lhe esta passagem: "numa terra boa e espaçosa onde correm leite e mel", ainda que se mostre que Jerusalém e a Judeia são a sombra simbólica da terra pura, boa e espaçosa que se encontra na parte pura do céu, e na qual está a Jerusalém celeste. É ela que o Apóstolo tem em vista, como homem que é ressuscitado com Cristo e que, procurando as realidades superiores, encontrou um sentido que não vem de nenhuma fábula judaica, quando diz: "Mas vós vos aproximastes do monte Sião e da Cidade do Deus vivo, da Jerusalém, celestial, e de milhões de anjos reunidos em festa" (Hb 12,22).

Para nos convencermos de que esta interpretação da terra boa e espaçosa de que fala Moisés nada tem de contrária ao sentido do Espírito divino, prestemos atenção ao que dizem todos os profetas: eles ensinam a volta a Je-rusalém dos que se afastaram dela e longe dela pecaram, e em geral lembram a restauração da nação e a cidade de Deus, como os chama quem disse: "Ele tem seu lugar na santa paz", ou ainda: "O Senhor é

grande e muito louvável na cidade de nosso Deus, a montanha sagrada, bela em altura, alegria da terra toda" (Sl 75,3; 47,2-3).

Será suficiente citar aqui as passagens do Salmo 36 sobre a terra dos justos: "Os maus serão extirpados e os que esperam no Senhor possuirão a terra"; e pouco depois: "Os que ele abençoa possuirão a terra, os que ele amaldiçoa serão extirpados"; e mais adiante ainda: "Espera pelo Senhor e observa o seu caminho; ele te exaltará, para que possuas a terra: tu verás os ímpios extirpados" (Sl 36,9.22.34).

30. Além disso, a ideia de que o brilho das pedras consideradas neste mundo preciosas seria reflexo daquele das pedras da terra superior parece-me tirada por Platão da descrição feita por Isaías da cidade de Deus, da qual está escrito: "Farei de rubi as tuas ameias e de berilo as tuas portas, de pedras preciosas todas as tuas muralhas" e ainda: "Estabelecerei os teus alicerces sobre safira" (Is 54,12.11). Mas os partidários mais sérios do filósofo explicam o mito de Platão como uma alegoria. E quanto às profecias, das quais, a meu ver, Platão tirou seu mito, àqueles que, sob a inspiração divina, levaram uma vida semelhante à dos profetas e consagraram todo seu tempo em perscrutar as santas Escrituras, cabe-lhes expô-las aos que pela pureza de sua vida e seu desejo de aprender os segredos de Deus para elas estão preparados.

Minha intenção era unicamente mostrar que nossa terra santa nada deve aos gregos nem a Platão. Foram eles que, embora bem posteriores ao antigo Moisés e mesmo à maior parte dos profetas, assim falaram da terra superior, ou porque compreenderam mal certos termos enigmáticos empregados por eles a este respeito, ou porque leram e plagiaram as Santas Escrituras. Ainda mais, Ageu estabeleceu uma distinção manifesta entre o continente e a terra, chamando de continente esta terra que pisamos. Diz ele: "Ainda um pouco de tempo e eu abalarei o céu, a terra, o mar e o continente" (Ag 2,6).

31. Celso adia a explicação do mito de Platão que se encontra em Fédon: *Mas o que pretende ele indicar com isso? Não é coisa fácil a qualquer sabê-lo, a não ser que se possa compreender o que significa o que ele diz: "A fraqueza e a lentidão nos tornam incapazes de chegar ao limite do ar; se nossa natureza fosse capaz de manter esta contemplação, haveríamos de reconhecer aí o verdadeiro céu e a verdadeira luz".* A exemplo dele, também eu, julgando que não é intenção atual minha elucidar o tema da terra santa e boa, da cidade de Deus que nela se encontra, remeto o leitor aos Comentários dos profetas, tendo em parte explicado na medida do possível a cidade de Deus em meus estudos sobre os Salmos 45 e 47. Mas a antiquíssima doutrina de Moisés e dos profetas sabia que as realidades verdadeiras têm todas o mesmo nome que as coisas mais comuns deste mundo: por exemplo, existe uma luz verdadeira e um céu que é diferente do firmamento, e o sol de justiça é coisa diferente do sol sensível. Em suma, em contraposição às coisas sensíveis das quais nenhuma é verdadeira, ela declara: "Deus cujas obras todas são verdade" (Dn 4,34); ela põe na categoria das realidades verdadeiras as obras de Deus, e na categoria das coisas inferiores "as obras de suas mãos". Desta forma Isaías censura a alguns: "Para os feitos do Senhor eles não têm um olhar sequer, eles não veem a obra das suas mãos" (Is 5,12). Mas basta sobre este ponto.

Ressurreição

32. Celso não compreendeu nossa doutrina da ressurreição, doutrina rica, difícil de expor, por exigir mais do que qualquer outra intérprete bem preparado para mostrar o quanto esta doutrina é digna de Deus e sublime: de acordo com ela, existe uma relação seminal no que a Escritura chama a tenda da alma (2Cor 5,4), na qual os justos gemem acabrunhados; e gostariam de não "ser despojados de sua veste, mas revestir a outra por cima desta" (2Cor 5,4). Por ter ouvido falar da ressurreição da boca de pessoas simples, incapazes de apoiá-la com qualquer razão, ridiculariza o que se afirma. Será útil acrescentar ao que ficou dito acima esta simples observação sobre a doutrina: não é, como acredita Celso, *por ter compreendido mal a doutrina da metensomatose que nós falamos de ressurreição;* mas é porque sabemos que a alma, que por sua própria natureza é incorpórea e invisível, precisa, quando se encontra num lugar corporal qualquer, de um corpo apropriado por sua natureza neste lugar. Ela carrega este corpo depois de ter abandonado a veste, necessária antes, mas supérflua para um segundo estado, e a seguir, após tê-lo revestido por cima com aquela veste que tinha inicialmente, porque precisa de uma veste melhor para chegar às regiões mais puras, etéreas e celestes. Ao nascer para o mundo, ela abandonou a placenta que era útil à sua formação no seio de sua mãe enquanto nela se encontrava; revestiu por baixo o que era necessário a um ser que viveria na terra.

Além disso, como existe uma morada terrena da tenda, que é necessária de certa maneira à tenda, as Escrituras declaram que a morada terrena da tenda será destruída, mas que a tenda revestirá "uma morada não feita por mão humana, eterna no céu". E os homens de Deus dizem: "Este ser corruptível revestirá a incorruptibilidade" (1Cor 15,53), que é diferente do que é incorruptível, "este ser mortal revestirá a imortalidade", que é diferente do que é imortal. Realmente, a mesma relação que tem a sabedoria com o que é sábio, a justiça com o que é justo, a paz com o que é pacífico, existe igualmente entre a incorruptibilidade e o que é incorruptível, entre a imortalidade e o que é imortal. Repara, pois, na exortação que nos faz a Escritura ao dizer que revestiremos a incorruptibilidade e a imortalidade; como vestes para aquele que delas se revestiu e que por elas é envolvido, elas não permitem que quem por elas é envolvido seja sujeito à corrupção ou à morte. Eis o que tive a ousadia de dizer porque não compreendeu o que entendemos por ressurreição, e aproveitou a oportunidade para ridicularizar uma doutrina que ele não conhece.

33. Acreditando que ensinamos o mistério da ressurreição para conhecer e ver a Deus, ele inventa afrontas à vontade: *Pressionados de todos os lados e confusos, como se nada tivessem compreendido, voltam continuamente à mesma questão: como pois conhecer e ver a Deus? Como ir até ele?* Fique, pois, sabendo quem quiser o seguinte: para outras funções, precisamos de um corpo, porque nos encontramos num lugar material, e de um corpo apropriado para a natureza do lugar material; precisando de um corpo, revestimos por cima da tenda as qualidades de que falamos. Mas para conhecermos a Deus, não precisamos do corpo. O conhecimento de Deus não depende do olho do corpo, mas do

espírito: este vê o que é à imagem do Criador e recebeu da providência de Deus o poder de conhecer a Deus. E o que vê a Deus é o coração puro donde não provêm mais pensamentos perversos, nem assassínios, nem adultérios, nem fornicações, nem roubos, nem falsos testemunhos, nem difamações, nem mau olhar, nem qualquer outra inconveniência (cf. Mt 15,19; Mc 7,21-22). Por isso se diz: "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8). E como nossa livre determinação não é suficiente para nos dar um coração inteiramente puro, mas temos necessidade de Deus que o cria assim, por isso o homem que ora com inteligência diz: "Ó Deus, cria em mim um coração puro" (Sl 50,12).

34. Jamais também se há de perguntar, como se Deus estivesse em algum lugar: como chegar a ele? Porque Deus é superior a todo lugar e contém tudo o que pode ser, e nada existe que possa conter a Deus. Não é chegar até Deus corporalmente que o preceito nos ordena: "Seguireis ao Senhor vosso Deus" (Dt 13,5); não é corporalmente que o profeta quer aderir a Deus, quando diz, na oração: "Minha vida está ligada a ti" (Sl 62,9). Celso nos calunia, portanto, dizendo que *nós esperamos ver a Deus com os olhos de nosso corpo, ouvir sua voz com nossos ouvidos, tocá-lo com nossas mãos sensíveis.* Sabemos pelo contrário que as divinas Escrituras empregam termos homônimos para os olhos que não são os do corpo, e da mesma forma para os ouvidos ou as mãos; e o que é mais notável, para um sentido divino e de outra ordem que não é o sentido designado comumente por esta palavra. Pois quando o profeta diz: "Abre meus olhos para eu contemplar as maravilhas que vêm de tua lei"; "O mandamento do Senhor é claro, ilumina meus olhos"; "Ilumina meus olhos, para que eu não adormeça na morte" (Sl 118,18; 18,9; 12,4), ninguém é tão néscio a ponto de pensar que os olhos do corpo compreendem as maravilhas da lei divina, ou que o mandamento do Senhor ilumina os olhos do corpo, ou que ele possa enviar um sonho que cause a morte.

Além disso, quando nosso Salvador diz: "Quem tem ouvidos, ouça!" (Mt 11,15; 13,9, etc.), qualquer pessoa compreende que se trata de ouvidos de ordem espiritual. E quando se diz que "a palavra do Senhor" está na mão do profeta Jeremias ou de algum outro, ou a lei "na mão" de Moisés (Jr 1,4.9; Nm 16,40), ou "Procurei a Deus com minhas mãos e não fui enganado" (Sl 76,3), ninguém é tão imbecil a ponto de não compreender que se trata de mãos no sentido figurado. É delas também que João declara: "Nossas mãos apalparam do Verbo da vida" (1Jo 1,1). E para aprender das Santas Escrituras que existe um sentido superior e não corporal, é preciso compreender as palavras de Salomão nos Provérbios: "Encontrarás o conhecimento de Deus" (Pr 2,5).

35. Portanto, não temos necessidade, como se procurássemos a Deus desta maneira, de irmos aonde Celso nos envia, *aos templos de Trofônio, de Anfiarau, de Mopso, onde, diz ele, os deuses se manifestam em forma humana e,* acrescenta, *sem fraude mas com toda clareza*. Pois sabemos que são demônios que se alimentam de gorduras, de sangue e de fumaças dos sacrifícios, postos assim nas prisões construídas por sua cobiça. Os gregos viram nelas templos de divindades, mas nós sabemos que existem nelas apenas habitações de demônios impostores.

Celso maldosamente acrescenta, a propósito desses deuses que ele mencionou, com forma humana segundo ele: *Nós os veremos não uma única vez numa aparição fugidia como aquele que enganou os cristãos, mas num comércio permanente com aqueles que o desejam*. Parece uma consequência disso que, segundo seu pensar, Jesus era fantasma ao se manifestar a seus discípulos depois de sua ressurreição dos mortos, mostrando-se a eles numa aparição fugidia; ao passo que os que ele chama deuses em forma humana lhe parecem viver em comércio permanente com os que o desejam. Mas como um fantasma, como ele diz, que apareceu fugidiamente para enganar os espectadores, pode, depois de passada esta visão, realizar tantas maravilhas, converter as almas de tantas pessoas, nelas implantar a persuasão de que devem fazer tudo para agradar a Deus porque serão julgadas por ele? Como um pretenso fantasma expulsa demônios e realiza outras ações admiráveis? Pois não lhe é atribuído apenas um lugar, como aos deuses de Celso em forma humana, mas ele percorre toda a terra, ele ajunta e atrai por sua divindade a todos os que ele encontra propensos para uma vida virtuosa.

Conhecimento de Deus

36. Depois destes ataques aos quais respondi da melhor forma, Celso volta à carga: *Mas eles perguntarão ainda: Como conhecerão a Deus se não chegam até ele pelos sentidos? O que se pode conhecer sem o uso dos sentidos?* Em seguida, ele mesmo responde: *Isto nada tem a ver com o homem, nem com a alma, mas com a carne. Mas que pelo menos ouçam se esta raça pusilânime e agarrada ao corpo é capaz de entender alguma coisa. Quando tiverdes fechado a entrada dos sentidos, olhado para cima pelo espírito e uma vez longe da carne, tiverdes despertado os olhos da alma, só então vereis a Deus. E se procurais um guia para este caminho, deveis fugir dos impostores e feiticeiros que evocam fantasmas, para evitardes este cúmulo do ridículo de falar mal tratando-os de fantasmas dos outros deuses visíveis, enquanto vós adorais um homem mais miserável que os próprios fantasmas verdadeiros, e que não é mais um fantasma mas na verdade um morto, e procurais para ele um pai semelhante a ele.*

Para responder à sua prosopopeia, que nos atribui palavras que diríamos para defender a ressurreição da carne, direi em primeiro lugar: a habilidade de um autor de prosopopeia é manter a intenção e o caráter habitual da personagem posta em cena; seu erro é atribuir ao que fala expressões em desacordo com sua personagem. Duas categorias de autores merecem igualmente a crítica: primeiro, os que numa prosopopeia atribuem a bárbaros, a pessoas incultas, a escravos, que jamais entenderam raciocínios filosóficos e não sabem articulá-los corretamente, uma filosofia que talvez conheça o autor, mas que não se pode supor conhecida com alguma probabilidade da personagem posta em cena; depois, aqueles que atribuem a pessoas apresentadas como sábios versados nas coisas divinas as palavras ditas por pessoas incultas sob a influência das paixões vulgares ou ditadas pela ignorância. Por isso um dos numerosos títulos que tornam Homero admirável é ter mantido as personagens dos heróis tais como os propôs desde o início: por exemplo, Nestor, Ulisses, Diomedes, Agamêmnon, Telêmaco,

Penélope ou algum dos outros. Mas Eurípides é injuriado por Aristófanes por raciocinar fora de propósito, por ter muitas vezes posto na boca de mulheres bárbaras ou escravas a expressão de doutrinas tiradas por ele de Anaxágoras ou de algum outro sábio.

37. Se tais sãos as qualidades e os defeitos na arte da prosopopeia, não haverá uma boa razão para se zombar de Celso quando ele atribui aos cristãos afirmações que eles não defendem? Se ele tivesse imaginado palavras de pessoas simples, como pessoas desta espécie poderiam distinguir os sentidos da inteligência, o sensível do inteligível e dogmatizar à maneira dos estoicos que negam as realidades inteligíveis e afirmam que as coisas de que temos compreensão são entendidas pelos sentidos, e que toda compreensão depende dos sentidos? Mas se ele empresta estas palavras que ele inventa aos que interpretam filosoficamente os mistérios de Cristo e têm o máximo cuidado em examiná-los, sua ficção não lhes é aplicável. Com efeito, não existe personagem que, sabendo que Deus é invisível e que certas criaturas são invisíveis, quer dizer inteligíveis, diria para defender a ressurreição: se não chegamos até Deus pelos sentidos, como chegar a conhecê-lo, ou o que se pode conhecer sem o uso dos sentidos? E não é em obras pouco acessíveis, lidas somente por pequeno número de eruditos, mas sim mais populares, que está escrito: "Sua realidade invisível — seu eterno poder e sua divindade — tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas" (Rm 1,20). Decorre daí esta conclusão: embora os homens nesta vida devam partir dos sentidos e do sensível quando querem se elevar até a natureza do inteligível, de modo algum devem se prender ao sensível. Tampouco diremos que é impossível sem o uso dos sentidos conhecer o inteligível, ainda que se proponha a questão nestes termos: quem pode conhecer sem o uso dos sentidos? Provaremos que Celso não teve razão em afirmar que isso não tem a ver nem com o homem nem com a alma, mas com a carne.

38. Ao dizer que o Deus do universo é espírito, ou que ele está além do espírito e da essência, simples, invisível, incorpóreo, afirmamos que Deus só é compreendido por aquele que foi criado à imagem deste espírito; e para empregar a expressão de Paulo: "Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face" (1Cor 13,12). Se digo "face", que ninguém venha, por causa do termo, criticar o sentido que ele comporta. Mas esta frase: "E nós todos que, com a face descoberta, refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nesta mesma imagem, cada vez mais resplandecente" (2Cor 3,18), deve nos ensinar que neste mundo o que importa não é uma face perceptível aos sentidos, mas entendida em sentido figurado; e o mesmo se diga dos olhos, dos ouvidos e, como mostramos acima, de tudo que tem o mesmo nome que os órgãos do corpo.

Portanto, o homem, quer dizer, a alma que se serve de um corpo, chamada "homem interior" (Rm 7,22), e também "a alma", não há de responder ao que escreve Celso, mas o que ensina o homem de Deus. O cristão não pode manter um propósito da carne; ele aprendeu a mortificar "pelo Espírito as obras do corpo" e a trazer "sempre em seu corpo a agonia de Jesus" (Rm 8,13; 2Cor 4,10), recebeu esta ordem: "Mortificai, pois, os vossos membros terrenos" (Cl 3,5). Conhece o sentido das palavras: "Meu espírito não

se responsabilizará indefinidamente pelo homem, pois ele é carne" (Gn 6,3), ele sabe que "os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Rm 8,8), e tudo faz para não estar de modo algum na carne, mas somente no espírito.

39. Vejamos agora o seu convite para que ouçamos dele a maneira como conheceremos a Deus; embora, no seu modo de pensar, nenhum dos cristãos seja capaz de entender suas palavras, pois ele diz: Que eles ouçam, entretanto, se ao menos são capazes de entender alguma coisa. Vejamos então que palavras este filósofo quer que ouçamos dele. Ele devia nos ensinar, e nos injuria. Devia dar testemunho de benevolência com os que o ouvem, ao início de sua argumentação, e tacha de raça pusilânime os que enfrentam até a morte para não abjurar, nem por uma palavra, o cristianismo, e que estão preparados para suportar todos os maus tratos e todo gênero de morte. Trata-nos como raça presa ao corpo, a nós que afirmamos: "Mesmo se conhecemos a Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim" (2Cor 5,16), e que estamos mais prontos a nos desfazer do corpo pela religião do que um filósofo a deixar seu manto.

Ele então nos diz: Quando tiverdes fechado a entrada dos sentidos, olhado para cima pelo espírito e, uma vez longe da carne, tiverdes despertado os olhos da alma, só então vereis a Deus. E imagina que não tínhamos ainda refletido sobre esta ideia que ele tira dos gregos, quero dizer, de duas espécies de olhos. Devemos responder que Moisés, ao descrever a criação do mundo, representa o ser humano antes de sua transgressão ora vendo, ora não vendo: a Escritura diz "vendo", quando se refere à mulher: "A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento" (Gn 3,6). Ela diz "não vendo", não somente nas palavras da serpente à mulher, que supõem olhos cegos: "Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão", mas também quando afirma: "Eles comeram do fruto e então abriram-se os olhos dos dois" (Gn 3,6-7). Portanto, eles abriram os olhos de seus sentidos que eles tinham razão em manter fechados, para não serem impedidos pelas distrações de olhar com o olho da alma; mas os olhos da alma, que eles até então prazerosamente mantinham abertos sobre Deus e o seu Paraíso, foram os que eles, a meu ver, fecharam pelo seu pecado.

Daí decorre igualmente o fato de nosso Salvador, sabendo que existem em nós duas espécies de olhos, declara: "Para um discernimento é que vim a este mundo: para que os que não veem, vejam, e os que veem, tornem-se cegos" (Jo 9,39). Por aqueles que não veem ele dá a entender os olhos da alma, a quem o Logos dá a faculdade de ver, e por aqueles que veem, os olhos dos sentidos que o Logos torna cegos, para que a alma veja sem distração o que ela deve ver. Portanto, todo homem que vive seu cristianismo como convém mantém acordado o olho de sua alma e fechado o dos sentidos. E à medida que o olho superior está aberto e fechada a visão dos sentidos, todos compreendem e contemplam ao Deus supremo e seu Filho, que é o Logos, Sabedoria, etc.

40. Depois da passagem que acabamos de examinar, Celso desenvolve para todos os cristãos um argumento que, a rigor, se aplicaria aos que se declaram absolutamente estranhos ao ensinamento de Jesus: assim, os ofitas que, como se dizia acima, rejeitam

totalmente a Jesus, e alguns outros que sustentam opiniões análogas às suas; eis os impostores e feiticeiros que evocam fantasmas; eis os que aprendem miseravelmente os nomes dos porteiros. Portanto, ele se engana de destinatários quando diz aos cristãos: Se procurais um guia para este caminho, é preciso que fujais dos impostores e dos feiticeiros que evocam fantasmas. Ele não percebe que estas pessoas, tão impostoras quanto ele, falam mal de Jesus e de todas as religiões. Por isso ele acrescenta, confundindo-nos com eles em seu argumento: para evitardes este cúmulo do ridículo de falar mal tratando-os de fantasmas dos outros deuses visíveis, enquanto vós adorais um homem mais miserável que os próprios fantasmas verdadeiros, e que não é mais um fantasma mas na verdade um morto, e procurais para ele um pai semelhante a ele.

O fato de Celso não ter sabido a diferença entre a posição dos cristãos e a dos inventores destas fábulas, de ele pensar que os agravos dirigidos a eles se aplicam a nós e o fato de nos opor a essa gente sem razão, transparece claramente das seguintes palavras: *Eis aí a grande impostura, e estes conselheiros admiráveis, e as palavras maravilhosas dirigidas ao leão, ao anfíbio de cabeça de burro, e a outros porteiros divinos cujos nomes aprendestes miseravelmente de cor, pelos quais, ó infelizes, sois atormentados cruelmente, sois arrastados ao suplício, sois sacrificados!* Com toda certeza ele ignora que nenhum daqueles que consideram como os porteiros do caminho de subida, os demônios em forma de leão e com cabeça de asno, e o anfíbio, resiste até à morte, mesmo em se tratando do que lhe parece a verdade. Mas o excesso de piedade, por assim dizer, que nos entrega a toda espécie de morte e à crucifixão é atribuído por ele aos que nada suportam de semelhante. É a nós que somos crucificados pela religião que ele critica por sua fábula de demônios em figura de leão, de anfíbio e outros. Não é Celso que nos desvia dessa doutrina sobre o demônio em forma de leão e outros: jamais admitimos qualquer coisa parecida. Nós nos conformamos é com o ensinamento de Jesus, afirmando o contrário do que eles dizem, e recusando admitir que Miguel ou algum dos que acabam de ser enumerados tenham tal forma de rosto.

Teologia antiga e platônica

41. Mas devemos examinar quem é que Celso deseja ver-nos *seguir para não ficarmos sem guias antigos e santas personagens.* Ele nos remete *aos poetas, inspirados* segundo ele, *nos filósofos*, sem apresentar-lhes os nomes. Apesar de sua promessa de nos mostrar os guias, ele se limita a indicar, em geral, os poetas inspirados, os sábios, os filósofos. Se tivesse citado o nome de cada um deles, poderia parecer lógico opor que, para induzir em erro, ele nos desse como guias homens cegos à verdade, ou se não totalmente cegos, pelo menos no erro sobre muitas doutrinas da verdade. Entende então como poetas inspirados Orfeu, Parmênides, Empédocles, ou o próprio Homero ou também Hesíodo? Cada pessoa pode mostrar como aqueles que seguem tais guias caminham num caminho melhor e têm mais socorro nas dificuldades da vida do que os que, graças ao ensinamento de Jesus Cristo, disseram adeus a todas as imagens e estátuas, e mesmo a toda a superstição judaica, e que pelo Logos de Deus erguem seu olhar para o Deus

único Pai do Logos.

E quem são então os *sábios ou os filósofos com os quais* Celso quer que aprendamos *muitas verdades divinas?* Pois ele quer fazer que abandonemos Moisés, o servo de Deus, os profetas do Criador do universo que, verdadeiramente inspirados, disseram tantas verdades. Ele quer fazer-nos abandonar até Aquele que iluminou o gênero humano, anunciou o caminho da verdadeira piedade; o qual, enquanto dependia dele, a ninguém deixou sem participação em seus mistérios; que, ao contrário, no excesso de seu amor pelos homens, pode dar aos espíritos mais inteligentes uma concepção de Deus capaz de elevar a alma acima das coisas deste mundo; o qual, contudo, condescende em vir em auxílio dos pobres recursos dos homens ignorantes, das mulheres simples, dos escravos, em suma, dos que não têm o socorro de ninguém a não ser de Jesus somente para fazê-los levar uma vida melhor enquanto possível, com as doutrinas que eles puderam receber sobre Deus.

42. Em seguida, ele nos remete a *Platão* como a *mestre mais eficaz em matéria de teologia*, e cita a afirmação do *Timeu: Descobrir o autor e pai deste universo é muito árduo, e uma vez descoberto, anunciá-lo a todos é impossível.* Depois ele acrescenta: *Vede pois como os intérpretes de Deus e os filósofos procuram o caminho da verdade, e como Platão sabia que era impossível a todos caminhar por ele. Mas como os sábios o encontraram para nos fazerem adquirir a respeito do Ser inominável e Primeiro alguma noção que o torne manifesto, quer pela síntese que domina as outras coisas, quer por separação delas, quer por analogia, quero ensinar o Ser que por outro caminho é inefável; mas ficarei muito espantado que possais me seguir, vós que viveis estreitamente presos à carne e cujo olhar nada tem de puro.*

A sentença de Platão é certamente sublime e não desprezível. Mas repara se a divina Escritura não representa com um amor maior da humanidade o Deus Logos, que "no princípio estava com Deus", tornando-se carne (Jo 1,1-2.14) para que pudesse chegar a todos os homens o Logos acerca do qual Platão diz que, uma vez descoberto, anunciá-lo a todos é impossível. Platão pode dizer: "Descobrir o autor e pai deste universo é muito árduo": ele dá a entender que não é impossível para a natureza humana descobrir a Deus como ele merece ou, se não como ele merece, pelo menos mais e melhor do que a multidão. Se isto fosse verdade e Deus fosse realmente descoberto por Platão ou por algum dos gregos, eles não teriam venerado, chamado a deus, adorado nenhuma outra coisa, quer abandonando-o, quer associando nele coisas incompatíveis com sua majestade. Nós, porém, sustentamos que a natureza humana não é capaz, em si mesma, de modo algum, de procurar a Deus e descobri-lo com pureza, a não ser que seja ajudada por Aquele que procuramos. E ele é descoberto pelos que reconhecem, depois de terem feito o que podiam, que têm necessidade dele. Ele manifesta-se àqueles a quem ele julga razoável aparecer à medida que naturalmente é possível a Deus ser conhecido pelo homem e à alma humana sempre no corpo conhecer a Deus.

43. Além disso, quando Platão diz que, uma vez descoberto o autor e o pai do universo, é impossível anunciá-lo a todos, ele declara não que ele seja inefável e inominável, mas

que ele é inexprimível e pode ser dito a um pequeno número. Depois Celso, como se houvesse esquecido as palavras de Platão que ele citou, diz que até para esses Deus é inominável: pois os sábios o encontraram para que pudéssemos adquirir uma noção do Ser inominável e Primeiro. Ora, nós dizemos que Deus não é o único ser inefável, mas que existem outros entre os seres inferiores a ele. Foi o que Paulo procurou indicar dizendo: "Ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir" (2Cor 12,4), frase em que a palavra "ouviu" é sinônimo de "compreendeu" como no exemplo: "Quem tem ouvidos, ouça!" (Mt 11,15; 13,9).

Afirmamos, portanto, que ver o autor e o pai do universo é trabalho árduo. Nós, porém, o vemos da maneira como o indica não só a promessa: "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8), mas também a declaração daquele que é a "imagem do Deus invisível": "Quem me vê, vê o Pai que me enviou" (Cl 1,15; Jo 14,9). Com efeito, nenhum homem sensato dirá que Jesus disse: "Quem me vê, vê o Pai que me enviou" referindo estas palavras a seu corpo sensível e visível aos homens. Do contrário, também teriam visto Deus Pai todos aqueles que diziam: "Crucifica-o, crucifica-o!", bem como Pilatos que recebera o poder sobre a natureza humana de Jesus, o que é absurdo. Que as palavras: "Quem me vê, vê o Pai que me enviou" não devem ser tomadas em sua acepção ordinária, a prova está nas palavras ditas a Filipe: "Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe?" era a resposta ao pedido: "Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta!" (Jo 14,8-9). Portanto, quando tivermos compreendido que é preciso entender estas palavras do Deus unigênito Filho de Deus, o Primogênito de toda criatura, enquanto o Logos se fez carne, saberemos como, vendo a Imagem do Deus invisível, conheceremos o pai e o autor deste universo.

44. Celso pensa que Deus é conhecido pela síntese que domina as outras coisas, semelhante à síntese de que falam os geômetras, quer pela análise que o distingue das outras coisas, quer também por uma analogia semelhante à sua, se formos capazes, porém, de chegar por este método ao vestíbulo do Bem. Mas ao dizer: "Ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11,27; Lc 10,22), o Logos de Deus declara que Deus é conhecido por favor divino, inseparável da ação de Deus na alma que nela produz uma espécie de transporte divino. É muito natural que o conhecimento de Deus ultrapasse a natureza humana; por isso se explica por que há tantos erros a respeito de Deus. Mas, graças à bondade e ao amor de Deus pelos homens, por um favor milagroso propriamente divino, este conhecimento de Deus chega a todos os que foram predestinados, porque Deus sabia de antemão que eles viveriam de maneira digna de Deus que eles teriam conhecido: não falsificariam em nada a religião para com ele, ainda que os que não têm nenhuma ideia da religião e a imaginam bem diferente do que ela é realmente os conduzissem à morte, ainda que os julgassem extremamente ridículos.

Mas Deus, imagino eu, via a arrogância e o desprezo pelos outros daqueles que se orgulham de ter, pela filosofia, conhecido a Deus e conhecido seus segredos e que, entretanto, tal como os incultos, se desvelam em volta de suas estátuas, de seus templos, e dos mistérios tão celebrados; ele, portanto, escolheu "o que é loucura no mundo", os

cristãos mais simples, cuja conduta é mais moderada e mais pura do que a de muitos filósofos, "para confundir os sábios" (1Cor 1,27) que não se envergonham de seu comércio com os seres inanimados tratando-os como deuses ou imagens de deuses.

Que homem sensato não riria daquele que, depois de tantas especulações filosóficas sublimes sobre Deus ou os deuses, volta seus olhos para as estátuas e lhes dirige sua prece ou, através destas imagens que ele vê, a oferece na realidade ao ser objeto de seu pensamento para o qual ele imagina que deve subir a partir das coisas visíveis e do símbolo? Mas o cristão mais simples sabe que qualquer lugar do mundo é parte do todo e que o mundo inteiro é o templo de Deus. Orando "em todo lugar", depois de ter fechado a entrada dos sentidos e aberto os olhos da alma, eleva-se acima de todo o mundo; nem mesmo se detém na abóbada do céu, mas atingindo pelo pensamento o lugar supraceleste, guiado pelo Espírito divino e, por assim dizer, fora do mundo, faz subir até Deus sua oração que não tem como objeto as coisas passageiras. Pois ele aprendeu de Jesus a não procurar nada de pequeno, quer dizer sensível, mas somente as coisas grandes e verdadeiramente divinas que sobrevêm como dons de Deus para guiar à bem-aventurança junto dele, por seu Filho, o Logos que é Deus.

A verdade e a vida

45. Mas, vejamos o que pretende ele nos ensinar, se é que somos capazes de seguir seu pensamento, quando declara que somos estreitamente presos à carne, mas que, se levarmos vida correta segundo a doutrina de Jesus, ouvimos a palavra: "Vós não estais na carne, mas no espírito, se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós" (Rm 8,9). Ele acrescenta que nosso olhar nada tem de puro, nós que nos esforçamos até em nossos pensamentos por evitar a impureza das sugestões do mal e dizemos em nossa oração: "Ó Deus, cria em mim um coração puro, renova um espírito firme no meu peito" (Sl 50,12), para poder contemplar a Deus com um coração puro, único capaz de vê-lo.

E eis o que ele diz: *"A essência e a geração constituem o inteligível e o visível. A verdade acompanha a essência, o erro a geração. À verdade se liga a ciência, ao outro domínio a opinião. O inteligível é questão de intelecção, o visível, de visão. É o intelecto que conhece o inteligível, e o olho o visível. Portanto, o que é o sol para as coisas visíveis — ele não é nem olho nem visão, mas é causa, para o olho do fato de ver, para a visão do fato de, por ele, ela existir, para as coisas visíveis, do fato de serem vistas, para todas as coisas sensíveis, do fato de serem sujeitas à geração; e bem mais, ele mesmo é para si mesmo causa de o verem — eis o que Deus é para as coisas inteligíveis: ele não é nem o intelecto, nem a intelecção, nem a ciência, mas ele é a causa, para o intelecto, de seu ato de inteligência, para a intelecção, do fato de ela existir por ele, para a ciência, do fato de que por ele ela conhece, para todas as coisas inteligíveis e a própria verdade e a própria essência, do fato de existirem, sendo ele mesmo, além de todas as coisas, inteligível por certo poder inefável.*

Estas reflexões dirigem-se aos inteligentes. Se compreendeis alguma coisa vós mesmos, melhor para vós. E se acreditais que um espírito desce de junto de Deus para

anunciar antecipadamente as coisas divinas, pode ser este espírito que proclama tudo isso; na verdade, penetrados por ele é que os antigos anunciaram tantas doutrinas excelentes. Se não conseguis entendê-los, calai-vos, escondei vossa ignorância, não trateis como cegos os que veem, de coxos os que correm, quando na verdade vós é que sois coxos e mutilados na alma, e viveis apenas para o corpo, quer dizer, para uma coisa morta."

46. Para nós que temos o cuidado em não combater nada que seja nobremente expresso, ainda que os autores sejam estranhos à nossa fé, e em não provocar discussões nem pretender derrubar as doutrinas sadias, eis nossa resposta. É inútil insultar os que querem consagrar todos os seus esforços em praticar a piedade para com o Deus do universo, que acolhe tanto a fé que os simples têm nele quanto a piedade refletida daqueles que têm mais inteligência, e que fazem subir suas preces com ação de graças ao Criador do universo como o Sumo Sacerdote que dirigiu pelos homens a piedade pura para com Deus; é inútil tratar essas pessoas de coxos e mutilados na alma, e dizer que elas vivem para o corpo, coisa morta, pois elas dizem com toda alma: "Embora vivamos na carne, não militamos segundo a carne. Na verdade, as armas com que combatemos não são carnais, mas têm, ao serviço de Deus, o poder de destruir fortalezas" (2Cor 10,3-4): cuidado, pois basta falar mal das pessoas que oram por serem de Deus e já se faz a alma coxear e se mutila em si mesmo "o homem interior" amputando-o, por estas calúnias contra os que querem viver na virtude da moderação e do equilíbrio, cuja semente o Criador naturalmente lançou na natureza racional! Quando ao contrário tivermos aprendido, entre outras coisas do divino Logos para vivê-lo na prática, quando somos insultados, a bendizer, quando somos perseguidos, a suportar, quando somos caluniados, a suplicar, seremos do número dos que, tendo corrigido os passos da alma, purificam e preparam a alma inteira. Não se trata de distinguir apenas em palavras a essência da geração, o inteligível do visível, de referir a verdade à essência, de fugir por todos os meios do erro que acompanha a geração. Por este ensinamento fugimos, não das coisas da geração, que vemos e que, por esta razão, são passageiras, mas às realidades superiores, quer as chamemos essência, quer invisíveis porque são inteligíveis, ou coisas que não vemos porque é próprio de sua natureza fugir aos sentidos.

É exatamente esta a maneira como os discípulos de Jesus consideram o que está sujeito à geração, servindo-se dela como de degrau para chegar a compreender a natureza das realidades inteligíveis. Pois "as obras invisíveis de Deus", quer dizer, as realidades inteligíveis, "desde a criação do mundo podem ser conhecidas através das criaturas" pela ação do espírito. Entretanto, depois de se terem elevado das coisas criadas do mundo às obras invisíveis de Deus, eles não param. Mas, depois de se terem exercitado suficientemente por elas e as ter compreendido, os discípulos de Jesus sobem até ao poder eterno de Deus, quer dizer, à sua divindade. Eles sabem que Deus em seu amor aos homens manifestou a verdade e o que podemos conhecer dele mesmo, não somente aos que lhe são consagrados, mas também aos que são estranhos à pura religião e à piedade para com ele. Infelizmente, alguns, elevados pela Providência de Deus ao conhecimento de tão sublimes realidades, têm uma conduta indigna deste conhecimento,

cometem a impiedade, retêm "a verdade prisioneira na injustiça" e, em razão de seu conhecimento destas elevadas realidades, não conseguem mais encontrar oportunidade de escusa junto a Deus.

47. Pelo menos é este o testemunho do divino Logos concernente aos que aceitaram as ideias que Celso apresenta e professam uma filosofia de acordo com estas doutrinas: "Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças; pelo contrário, eles se perderam em vãos arrazoados", e depois da luz viva do conhecimento das realidades que Deus lhes manifestou, "seu coração insensato ficou nas trevas" (Rm 1,21).

Podemos então ver como os que "se jactam de possuir a sabedoria" deram exemplos de grande loucura. Depois de ter ouvido estas belas doutrinas sobre Deus e os inteligíveis, "trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves quadrúpedes e répteis". E assim, abandonados pela Providência por sua vida indigna das verdades que Deus lhes manifestou, eles chafurdam nas concupiscências de seu coração que os arrastam à impureza e aviltam seus corpos em todas as torpezas de uma vida licenciosa; tudo isso, por terem trocado "a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador" (Rm 1,22-25).

48. Mas aqueles que eles desprezam por sua falta de cultura e tratam como loucos e escravos, só porque confiam em Deus depois de terem recebido o ensinamento de Jesus, se abstêm da imoralidade, da impureza e de toda indecência da união carnal, de modo que, como os sacerdotes perfeitos que se proibiram qualquer união, muitos deles se mantêm não só distantes de qualquer relação carnal, mas numa pureza perfeita. Sem dúvida, entre os atenienses existe um hierofante que, julgando-se incapaz de controlar sua virilidade e dominá-la segundo sua vontade, amortece pela cicuta a sua virilidade, e é considerado puro para se dedicar ao culto tradicional dos atenienses. Mas entre os cristãos podemos encontrar homens que não precisam de cicuta para servir a Deus na pureza; em vez da cicuta, basta-lhes a doutrina para servirem a Deus na oração e expulsar de seu pensamento qualquer cobiça. Na companhia dos outros pretensos deuses, virgens em bem reduzido número — guardadas ou não por homens, não cabe aqui investigar este fato — parecem passar sua vida na pureza para honrar a divindade. Entre os cristãos, não são as honras humanas, nem um salário ou donativos em dinheiro, nem a gloríola que os levam a observar uma virgindade perfeita; e como "elas julgaram bom ter o conhecimento de Deus", Deus as guarda num espírito que lhe apraz e "fazer o que convém" (Rm 1,28-29), repletas de toda justiça e toda bondade.

49. Tudo isso não digo para rivalizar com os belos pensamentos dos gregos, nem criticar as doutrinas sadias, mas quero deixar claro que estes pensamentos e outros, mais profundos e mais divinos ainda, foram expressos por homens divinos, profetas de Deus e apóstolos de Jesus, perscrutados pelos que querem ser perfeitamente cristãos, sabendo que "a boca do justo medita a sabedoria e sua língua fala o direito; no seu coração está a lei do seu Deus" (Sl 36,30-31). Além disso, existem pessoas que também não enxergam claramente estas verdades, por causa de sua profunda ignorância, de sua simplicidade, ou

pela falta de conselheiros que os tivessem arrastado a uma piedade racional; eles creem, entretanto, no Deus supremo e no seu Filho único Logos de Deus; e podemos encontrar neles um grau de seriedade e de pureza, uma inocência de costumes e uma simplicidade muitas vezes superior, que não alcançaram aqueles "que se jactam de possuir a sabedoria" e chafurdam na imoralidade com filhos, "praticando torpezas homens com homens" (Rm 1,22.27).

50. Celso, portanto, não explicou como o erro acompanha a geração, nem mostrou o que ele queria dizer para que o compreendêssemos comparando suas ideias com as nossas. Mas os profetas sugerem uma sábia doutrina a respeito da geração: eles dizem que um sacrifício "pelo pecado" é oferecido mesmo pelos recém-nascidos, porque não são puros de pecado. E acrescentam: "Eis que eu nasci na iniquidade, minha mãe concebeu-me no pecado" (Sl 50,7). Além disso, declaram que "os ímpios se desviaram desde o seio materno" e fazem esta observação espantosa: "desde o ventre materno já falam mentiras" (Sl 57,4).

Mas os nossos sábios têm tal desprezo pela natureza das coisas sensíveis que qualificam os corpos ora de vaidade: "De fato, a criação foi submetida à vaidade — não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu com a esperança" (Rm 8,20); ora de vaidade das vaidades, conforme o Eclesiastes: "Vaidade das vaidades, tudo é vaidade" (Ecl 1,2). Onde encontrar tal descrédito lançado sobre a vida da alma humana neste mundo senão no autor que diz: "Todas as coisas não passam de vaidade, vaidade todo homem vivo!" (Sl 38,6). Ele não põe em dúvida a diferença para a alma entre a vida neste mundo e a vida fora deste mundo, não diz: "Quem sabe se viver não é morrer, e se morrer não é viver?" (Eurípides, Fragm. 638). Mas ele tem a coragem da verdade nestas palavras: "Nossa alma foi humilhada na poeira"; "Tu me colocas na poeira da morte" (Sl 43,26; 21,16). E como está dito: "Quem me libertará deste corpo de morte?" e igualmente: "Quem transformará nosso corpo de miséria?" (Rm 7,24; Fl 3,21). Também vale a palavra do profeta: "Tu nos humilhaste num lugar de aflição" (Sl 43,20), em que "lugar de aflição" designa o lugar terrestre em que vem Adão, que é o homem, depois de ter sido expulso do paraíso. E considera a profundidade de vista que possuía sobre a condição de vida diferente para as almas aquele que diz: "Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face"; e também: "Enquanto habitamos neste corpo, estamos fora de nossa mansão, longe do Senhor", por isso "preferimos deixar a mansão deste corpo para ir morar junto do Senhor" (1Cor 13,12; 2Cor 5,6.8).

51. Mas por que deveria eu multiplicar as citações contra as palavras de Celso para provar que essas doutrinas foram professadas entre nós bem antes das suas, quando meu objetivo é evidente segundo os testemunhos relatados? Aqui, porém, ele parece admitir isso, dizendo que se um espírito divino desce de junto de Deus para anunciar de antemão as coisas divinas, pode ser este espírito que proclama tudo isto; na verdade, penetrados por ele é que os antigos anunciaram tantas doutrinas excelentes. Mas ele não viu a superioridade das ideias precisas que temos quando dizemos: "Todos levam o teu espírito

incorruptível! Por isso, pouco a pouco" Deus convence "os que caem" (Sb 12,1-2). E nós afirmamos, entre outras coisas, que as palavras: "Recebei o Espírito Santo" (Jo 20,22) indicam que o dom difere em intensidade daquele designado pelas palavras: "Sereis batizados com o Espírito do Senhor dentro de poucos dias" (At 1,5).

O que é trabalhoso é refletir seriamente nestes assuntos e ver a diferença entre os que puderam, por longos intervalos, abrir-se à compreensão da verdade e a uma concepção limitada de Deus, e os que, sob inspiração divina mais elevada, continuamente unidos a Deus, estão sempre sob a direção do Espírito divino. Se Celso tivesse examinado e compreendido isto, não nos teria acusado de ignorância, nem proibido de tratar como cegos os que veem uma expressão da piedade nas obras materiais da arte humana como são as estátuas. Pois todo o que abre os olhos da alma não segue outro método para adorar a divindade a não ser o que ensina a sempre ter os olhos fixos no Criador do universo, em lhe oferecer toda prece e em fazer tudo sob os olhos de Deus, que enxerga até nossos pensamentos.

Desejamos pois ver-nos a nós mesmos e ser guias de cegos até que cheguem ao Logos de Deus e recuperem a visão da alma ofuscada pela ignorância. Levando conduta digna daquele que disse a seus discípulos: "Vós sois a luz do mundo" (Mt 5,14), do Logos que ensinou que "a luz brilha nas trevas" (Jo 1,5), seremos também a luz daqueles que vivem na escuridão, educaremos os insensatos e instruiremos as crianças.

52. Que Celso não se aborreça se tratamos de coxos e mutilados das pernas da alma os que correm aos objetos considerados sagrados como se eles fossem de verdade e não veem que nenhuma obra de artesãos pode ser sagrada. Mas os que professam a piedade conforme o ensinamento de Jesus correm igualmente, até que, chegados ao final da corrida, exclamam com um coração firme e sincero: "Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça" (2Tm 4,7-8). É "assim e não ao incerto" que corre cada um de nós, "assim" pratica o pugilato, "não como quem fere o ar" (1Cor 9,26), mas ferindo os que são dominados pelo "Príncipe do poder do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência" (Ef 2,2). Celso pode dizer que vivemos para o corpo, que é coisa morta! Nós ouvimos a palavra: "Se viverdes segundo a carne, morrereis, mas, se pelo Espírito fizerdes morrer as obras do corpo, vivereis" (Rm 8,13). Sabemos que "Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também a nossa conduta" (Gl 5,25). Ah! Oxalá possamos mostrar por nossas ações que ele mentiu ao dizer que vivemos para o corpo, que é coisa morta.

Heróis e sábios comparados a Jesus

53. Depois de seu ataque, que amorteci da melhor forma, ele nos interpela: *Como teria sido melhor, pois tínheis tanta coisa a inovar, se procurásseis outro homem entre aqueles cuja morte foi heroica e que puderam merecer tornar-se objeto de mito divino! Por exemplo, se Héracles, Asclépio, os antigos heróis reverenciados não vos agradam, vós teríeis Orfeu, homem de espírito piedoso como todos concordam, também ele vítima de morte violenta. Mas talvez outros já o tivessem escolhido? Mas vós tínheis*

pelo menos Anaxarco que, lançado num pilão, moído da maneira mais iníqua, exprimiu seu perfeito desprezo pela tortura: "Tritura, tritura o saco que envolve Anaxarco, mas a ele mesmo não podes triturar." Palavras de um espírito verdadeiramente divino. Mas também aqui, certos filósofos naturalistas vos ultrapassaram tomando-o como mestre. Então, não tínheis Epicteto? Como o seu mestre lhe torcia a perna, ele, sorridente, dizia sem emoção: "Tu vais quebrá-la"; e quando a perna foi quebrada, ele disse: "Não te dizia eu que ias quebrá-la?" Que disse vosso Deus de semelhante em seu suplício? Tínheis pelo menos a Sibila que alguns dentre vós utilizam: com mais razão a teríeis proposto como filha de Deus. Mas só podeis intercalar ao acaso em seus versos várias blasfêmias, e apresentais como Deus aquele cuja vida foi muito infame e a morte muito lamentável. Quanto não vos seriam mais convenientes Jonas debaixo da mamoneira, ou Daniel salvo das feras, ou outros de ações mais prodigiosas ainda?

54. Já que Celso nos remete a Héracles, cabe-lhe apresentar-nos alguns trechos memoráveis de suas palavras, e justificar sua indigna escravidão junto de Ônfale! Cabe-lhe mostrar que era ato digno de honras divinas o apossar-se à força como assaltante do boi de um lavrador, devorá-lo e, comendo, comprazer-se com as injúrias que recebia do lavrador, de tal modo que até hoje conta-se que o sacrifício oferecido ao demônio de Héracles é acompanhado de certas maldições. Ao recordar Asclépio, ele me convida à repetição, pois já falei dele; mas me contento com o que já disse. E por outro lado, o que admirou ele em Orfeu para dizer que este homem, de espírito piedoso, como todos dizem, levou uma vida virtuosa? Eu me pergunto se não é para nos provocar e denegrir a Jesus que ele canta agora os louvores de Orfeu, e se, ao ler seus mitos ímpios sobre os deuses, ele não se desviou aborrecido de seus poemas que merecem, mais do que os de Homero, ser banidos de uma boa república. Pois a respeito daqueles que são considerados deuses encontram-se coisas em Orfeu muito piores do que em Homero.

Anaxarco, devo admitir, foi um herói nas palavras dirigidas ao tirano de Chipre Aristocreonte: "Tritura, tritura o saco que envolve Anaxarco!" Mas é o único traço admirável que os gregos sabem a seu respeito; ainda que por isso, como pensa Celso, se devesse honrar a coragem deste homem, seria irracional proclamar deus a Anaxarco. Também nos remete ele a Epicteto cujas nobres palavras todos admiram. Mas o que ele disse quando lhe era quebrada a perna nada tem de comparável às obras milagrosas de Jesus nas quais Celso se recusa a acreditar, nem às suas palavras que, pronunciadas com poder divino, convertem hoje ainda não só alguns indivíduos da multidão dos simples, mas também bom número de homens inteligentes.

55. Depois da lista desses grandes homens, ele acrescenta: Que disse vosso Deus de semelhante em seu suplício? Podemos responder-lhe: seu silêncio no meio dos golpes e dos numerosos ultrajes manifesta mais firmeza e paciência do que todas as palavras ditas pelos gregos sujeitos à tortura, se é que quer acreditar ser leal a narrativa feita por homens sinceros: eles narraram sem mentir os fatos extraordinários, entre os quais eles contaram seu silêncio sob os golpes. Mesmo insultado e revestido do manto de púrpura,

a coroa de espinhos em volta da cabeça e na mão o caniço à guisa de cetro, conservava extrema brandura sem uma palavra vulgar ou indignada contra os autores capazes desta perversidade.

Jesus não disse por covardia, como alguns pensam, esta oração: "Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mt 26,39). Não era conforme o caráter daquele que por firmeza permaneceu silencioso sob os golpes, e com brandura suportou todos os ultrajes infligidos por aqueles que zombavam dele. Se ele parece pedir que seja afastado o cálice, é em outro sentido que estudei longamente e expliquei em outra parte. Mas, ouvindo mais simplesmente, repara se a oração não está impregnada de piedade com Deus. Todos sabem que aquilo que acontece casualmente não é o principal, mas todos suportam, quando as circunstâncias exigem, o que pode acontecer sem ser principal. Além disso, as palavras: "contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres" não eram palavras de alguém que se entrega, mas que aceita o que acontece e prefere as circunstâncias permitidas pela Providência.

56. Em seguida, ele quis, não sei por quê, que proclamemos como Filho de Deus não a Jesus, mas a Sibila. E declara que intercalamos em seus versos várias blasfêmias, sem determinar o que intercalamos. Ele teria determinado, se tivesse mostrado que as mais antigas cópias eram mais puras e não continham o que ele acredita ter sido intercalado. Tampouco mostra que sejam blasfêmias, e repete o que disse não duas ou três vezes, e sim muito mais, que a vida de Jesus foi muito infame, sem se deter em nenhum dos atos que ele considera como muito infames. De modo que ao dizer isto, ele parece não apenas afirmar sem provar, mas também insultar um homem que ele ignora. Se tivesse citado os aspectos da vida muito infames que as ações de Jesus lhe revelam, eu teria contestado cada um dos aspectos que lhe parecem muito infames.

A censura dirigida a Jesus de ter tido morte muito lamentável também poderia ser formulada a propósito de Sócrates, de Anaxarco mencionado por ele um pouco mais acima, e de uma infinidade de outros. Se a morte de Jesus foi muito lamentável, a deles não terá sido? Ou se a deles não foi muito lamentável, a sua acaso o foi? Vês bem, aí de novo, que Celso tinha em vista injuriar grosseiramente a Jesus, instigado, penso eu, por um espírito que Jesus tinha vencido e expulso, para impedi-lo de encontrar seu alimento no cheiro de gorduras e no sangue e de continuar a enganar os que procuram a Deus nas estátuas terrestres em lugar de levantar os olhos ao verdadeiro Deus supremo.

57. Em seguida, como se quisesse inflar seu livro, quis nos fazer crer na divindade de Jonas e não na de Jesus; ele preferiu Jonas, que pregou a penitência à única cidade de Nínive, a Jesus, que pregou ao mundo inteiro com mais êxito. Ele nos quis fazer proclamar a divindade daquele que realizou o extraordinário prodígio de passar três dias e três noites no ventre da baleia. Mas aquele que aceitou morrer pelo homens, do qual Deus deu testemunho pelos profetas, Celso não admitiu que merecesse o segundo lugar de honra depois do Deus do universo, pelas belas ações que realizou no céu e na terra. Jonas, por se ter recusado a pregar o que Deus lhe ordenara, foi engolido pela baleia.

Mas Jesus, por ter ensinado o que Deus queria, aceitou morrer pelos homens.

Ele afirma em seguida que Daniel, que escapou dos leões, merece mais ser adorado por nós do que Jesus, que calcou aos pés a ferocidade de todo poder adverso e nos deu "o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do Inimigo" (Lc 10,19). Então, sem ter mais exemplos, acrescenta: ou outros de ações ainda mais prodigiosas, para insultar ao mesmo tempo Jonas e Daniel; pois, em Celso, o espírito não aprendeu a falar bem dos justos.

Resistência e brandura

58. Depois disso, vejamos o que diz o texto a seguir: *Eles têm ainda como preceito não resistir ao ultraje: "A quem te ferir numa face, oferece a outra" (Lc 6,29). É uma antiga máxima muito bem expressa antes deles e que eles lembraram em termos mais populares. Com efeito, Platão representou Sócrates no seguinte diálogo com Críton:*

> *"Não se deve de modo algum cometer injustiça?*
> *Certamente não.*
> *Nem tampouco responder à injustiça com a injustiça, como se pensa geralmente, pois não se deve de modo algum cometer injustiça?*
> *Evidentemente não.*
> *E então? Críton! Deve-se, ou não, praticar o mal?*
> *Não se deve, suponho eu, Sócrates.*
> *Mas então? Retribuir aos outros com o mal que sofremos, será justo, como pretende a multidão, sim ou não?*
> *De modo algum.*
> *Sem dúvida é porque não existe nenhuma diferença entre praticar o mal com os outros e cometer injustiça?*
> *Dizes a verdade.*
> *Portanto, não se deve responder à injustiça com a injustiça, nem praticar o mal com ninguém, apesar de tudo o que se possa sofrer."*

É esta a opinião de Platão. E ele prossegue:

> *"Portanto, examina também tu, com muita atenção, se tens o meu sentimento e partilhas de meu parecer, e se em nossa deliberação, partimos deste princípio que nunca é bom nem cometer injustiça, nem responder à injustiça com a injustiça, nem resistir ao mal retribuindo o mal com o mal. Ou deixas de estar de acordo e de mesmo sentimento sobre o princípio? Para mim, há muito tempo que este é meu parecer, e ainda hoje o mantenho."*

Tal é, pois, a doutrina de Platão. E já anteriormente ela tinha sido sustentada por homens divinos. Mas a res-peito desse ponto, como acerca dos outros que eles alteram, é preciso se ater ao que acaba de ser dito. Quem desejar procurar outros exemplos os encontrará.

59. Sobre esta máxima e todas as outras citadas por Celso que, não podendo resistir à sua verdade, afirma que elas foram ditas pelos gregos, eis o que se deve dizer. Que a doutrina seja benéfica e de sentido razoável, que seja ensinada entre os gregos por Platão ou por algum de seus sábios, entre os judeus por Moisés ou algum dos profetas, entre os cristãos nas palavras evangélicas de Jesus ou nos discursos dos apóstolos, não se deve considerar como repreensível uma afirmação dos judeus e dos cristãos porque foi dita igualmente entre os gregos, sobretudo quando fica demonstrada a anterioridade dos escritos dos judeus com relação aos dos gregos. Tampouco se deve julgar a mesma doutrina revestida com a beleza do estilo grego absolutamente superior à que é enunciada num estilo mais popular e em termos mais simples entre os judeus e entre os cristãos. Entretanto, o texto original dos judeus no qual os profetas nos deixaram seus livros foi escrito em língua hebraica com a arte de composição literária de sua língua.

E se for preciso mostrar que as mesmas doutrinas, por mais paradoxal que seja a intenção, foram mais bem expressas pelos profetas dos judeus ou pelos discursos dos cristãos, podemos estabelecer a tese por um exemplo referente à alimentação e à maneira de prepará-la. Suponhamos que um alimento sadio e fortificante seja preparado de maneira especial, temperado com determinados condimentos, e que ele seja servido não aos camponeses que, educados em suas taperas e na pobreza, não aprenderam a comer tais alimentos, mas apenas pelos ricos efeminados. Suponhamos que estes alimentos sejam preparados não desta maneira apreciada pelas pessoas que passam como gente distinta, mas como aprenderam a comê-lo os pobres, os mais humildes, a maioria dos homens, e que então todas as multidões deles se alimentem. Ora, se concordarmos que o primeiro modo de preparar mantém a saúde exclusivamente dos que são considerados pessoas finas, pois ninguém do povo come semelhantes iguarias, e que o segundo melhore a saúde das multidões humanas, a quem então preferir, em nome do bem comum, para a preparação de alimentos sadios? Aos que o fazem em proveito exclusivamente dos conhecedores, ou aos que o fazem em proveito das multidões? Admitamos que uma saúde igual e um reconforto provenham dos alimentos preparados de um ou de outro modo: é claro que o amor dos homens e o bem comum fazem considerar o médico que cuida da saúde da multidão como mais útil à comunidade do que aquele que o faz por um pequeno número.

60. Uma vez bem compreendido este exemplo, cumpre aplicá-lo à qualidade do alimento espiritual dos seres racionais. Vê se Platão e os sábios da Grécia com suas belas sentenças não se parecem com os médicos que reservaram sua solicitude às pessoas consideradas distintas e desprezaram a multidão dos homens. Pelo contrário, os profetas da Judeia e os discípulos de Jesus renunciaram à arte da composição literária e, como diz a Escritura aludindo à linguagem, "à sabedoria dos homens, à sabedoria carnal" (cf. 1Cor 2,5): eles são comparáveis a pessoas que tiveram cuidado de preparar e condimentar alimentos muito sadios da mesma qualidade, graças a uma composição literária ao alcance das multidões humanas, não estranha à sua linguagem, que não os impede, por alguma estranheza e algum caráter insólito, de ouvir tais conversas. Como realmente a finalidade dos alimentos espirituais, se assim posso dizer, é tornar resistente e brando

aquele que os consome, como não considerar uma doutrina que produz nas multidões resistência e brandura, ou ao menos progresso nestas virtudes, como mais bem preparada do que aquela que as dá, admitindo que ela as dá, apenas a muito poucas pessoas que facilmente se podem contar.

Se Platão tivesse desejado ajudar com sãs doutrinas os que falam o egípcio ou o sírio, teria previamente o cuidado, sendo grego, de aprender as línguas de seus ouvintes e, segundo a expressão dos gregos, de falar bárbaro para tornar melhores os egípcios e os sírios, evitando a impossibilidade de dizer algo de útil aos egípcios e aos sírios. Assim também a natureza divina, que previamente providenciava o bem não só dos que eram vistos como formados na cultura grega, mas também do restante dos homens, condescendeu com a ignorância das multidões de ouvintes. Assim, usando de expedientes que lhes são familiares, ela ganhou os ouvintes da multidão dos simples: eles facilmente poderão, uma vez feita a sua iniciação, aspirar a captar até os pensamentos mais profundos escondidos nas Escrituras. Pois fica claro, até numa primeira leitura, que muitas passagens podem comportar sentido mais profundo que o sentido que aparece logo à primeira vista. Este sentido se torna claro aos que se entregam ao exame da doutrina, e de clareza proporcionada ao estudo feito da doutrina e do zelo empregado em praticá-la.

61. Fica bem claro que, dizendo em termos mais populares, segundo Celso: "A quem te ferir numa face, oferece a outra"; "Àquele que quer pleitear contigo, para tomar-te a túnica, deixa-lhe também a veste" (Lc 6,29; Mt 5,40), Jesus traduziu e apresentou sua doutrina de maneira mais útil à vida sob esta forma do que sob a forma que Platão lhe dá no Críton. Pois, longe do alcance do povo simples, Platão é apenas compreendido por aqueles que receberam a cultura geral antes de tratar a venerável filosofia dos gregos. Deve-se notar igualmente que o sentido desta resistência não é alterado pela popularidade das expressões de Jesus, mas também Celso calunia a Escritura quando diz: Mas no tocante a esse ponto, como no concernente aos outros que eles alteram, é preciso se ater ao que acaba de ser dito. Quem desejar procurar outros exemplos os encontrará.

Intolerância

62. *Pois bem, vejamos o que ele declara em seguida: Fiquemos por aqui! Eles não podem tolerar a vista dos templos, dos altares, das estátuas. O mesmo se diga dos citas, dos nômades da Líbia, dos seres, povo sem deus, de outras nações sem fé nem lei. É igualmente o sentimento dos persas, como relata Heródoto: "Os persas, pelo que sei, observam os costumes seguintes: em geral não erguem estátuas, nem templos, nem altares; pelo contrário, consideram loucura dos que o fazem; a razão é que, a meu ver, jamais pensaram como os gregos, que os deuses têm a mesma natureza que os homens." E a respeito, eis mais ou menos o que declara Heráclito: "E também estas estátuas para as quais eles oram, como se tagarelassem com as casas. Eles nada sabem da verdadeira natureza dos deuses e heróis." O que nos ensinam eles, pois, de mais sábio do que Heráclito? Ele, pelo menos, insinua que é tolice rezar para estátuas*

quando não se conhece a verdadeira natureza dos deuses e dos heróis.

É esse o pensamento de Heráclito. Eles desprezam abertamente as estátuas. Será porque a pedra, a madeira, o cobre, o ouro não podem pelo trabalho deste ou daquele artesão se tornar um deus? Sabedoria bem ridícula essa! Quem então, a menos que seja muito criança, considera-os como deuses e não como oferendas votivas consagradas aos deuses e imagens dos deuses? Será que não se deve admitir imagens divinas porque Deus é de outra forma, como também pensam os persas? E sem saber, eles mesmos se refutam quando dizem: Deus fez o homem à sua imagem e de forma semelhante à sua. Deverão concordar certamente que essas estátuas existem em honra de certos seres, semelhantes ou diferentes na forma, mas eles pensam que esses seres a quem elas são consagradas não são deuses mas demônios, e que não se deve prestar culto aos demônios quando se adora a Deus.

63. A isso devemos responder: se de fato os citas, os nômades da Líbia, os seres que Celso declara povo sem deus, e muitas outras nações sem fé nem lei, e se os próprios persas não podem tolerar a vista de templos, de altares, de estátuas, a razão de sua intolerância não é a mesma que a nossa. De fato é preciso examinar as doutrinas que levam à intolerância os que não podem tolerar os templos e as estátuas, a fim de poder louvar esta intolerância se ela é motivada por sãs doutrinas, e censurá-la se os motivos são errôneos.

Pois é possível que a mesma atitude provenha de doutrinas diferentes. Por exemplo, os filósofos que seguem Zenão de Cício evitam o adultério; mas também os adeptos de Epicuro, e até homens sem instrução. Mas observa o profundo desacordo de todas estas pessoas sobre os motivos para evitar o adultério. Os estoicos o fazem em nome do bem comum e porque é contrário à natureza, para um ser racional, corromper uma mulher já dada a outro homem pelas leis e destruir o lar de outro homem. Os epicureus, quando se abstêm do adultério, não o evitam por essa razão, mas porque pensam que o fim é o prazer, e em vista dos múltiplos obstáculos ao prazer inevitáveis para aquele que cedeu ao único prazer do adultério: às vezes a prisão, a fuga, a morte; muitas vezes outros perigos antes desses, quando a pessoa espreita o momento em que saem da casa o marido e os que cuidam de seus interesses; desta forma, admitindo-se que seria possível a quem tenta o adultério escapar à vista do marido da mulher, de todos os seus familiares e daqueles para quem o adultério é uma desonra, o prazer atrairia para o adultério até mesmo o epicureu. E se às vezes o ignorante recusa o adultério mesmo quando tem ocasião de cometê-lo, talvez se abstenha dele pelo medo que lhe inspiram a lei e os castigos, e não é pela procura de prazeres mais numerosos que um homem se absteria do adultério. Vemos então que uma ação suposta a mesma, a abstenção do adultério, em razão das intenções daqueles que se abstêm, não é idêntica, mas diferente. Eles se inspiram ou em doutrinas sadias, ou em motivos perversos e muito ímpios como os do epicureu ou desse ignorante.

64. Assim como descobrimos nesta atitude a abstenção do adultério, embora pareça a mesma, uma diversidade proveniente das doutrinas e das intenções diversas, o mesmo

ocorre com a recusa de honrar a divindade nos altares, nos templos e nas estátuas. Os citas, os nômades da Líbia, os seres, povo sem deus, e os persas fundamentam sua atitude em outras doutrinas diferentes daquelas pelas quais os cristãos e os judeus não toleram este culto que se pretende oferecido à divindade. Pois nenhum desses povos pode tolerar os altares e as estátuas porque se recusaria a exautorar e aviltar a adoração devida à divindade, dirigindo-a a matéria assim modelada. A razão também não é porque eles compreenderam que são demônios que essas imagens e locais encarnam, evocados por sortilégios, ou por eles mesmos terem de outro modo tomado posse dos lugares em que eles recebem gulosamente o tributo das vítimas e vivem à procura de prazer ilícito e de indivíduos sem lei. Mas os cristãos e os judeus têm estes mandamentos: "É ao Senhor teu Deus que temerás. Só a ele servirás" (Dt 6,13); "Não terás outros deuses diante de mim"; "Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelha ao que existe lá em cima, nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás" (Ex 20,3-5); "Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele prestarás culto" (Mt 4,10); e muitos outros do mesmo teor. Por causa deles, não só se afastam dos templos, dos altares, das estátuas, mas também correm para a morte quando necessário, para evitar emporcalhar a noção do Deus do universo com uma infração deste gênero à sua lei.

65. A respeito dos persas, lemos nas páginas anteriores que eles se negam a construir templos, mas adoram o sol e as criaturas de Deus. Isto nos é proibido. Aprendemos a não adorar "a criatura em lugar do Criador", mas a saber que "a criação será libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus", e que "a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus", e que "a criação foi submetida à vaidade — não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu — na esperança" (Rm 1,25; 8,19-21). Aprendemos que não se deve honrar no lugar de Deus a quem nada falta, ou de seu Filho Primogênito de toda criatura, as coisas que foram submetidas à escravidão da corrupção e à vaidade, e estão na expectativa de uma esperança melhor. Eis aí o que basta, portanto, às minhas observações anteriores sobre a nação dos persas que se afastam dos altares e das estátuas, mas adoram a criação em lugar do Criador.

Celso também citou o texto de Heráclito insinuando, em sua interpretação, que é tolice orar para as estátuas quando não se conhece a verdadeira natureza dos deuses e heróis. Devemos responder: é possível conhecer a Deus e seu Filho único, como os seres que são honrados por Deus com o título de deus e participam de sua divindade, e que são diferentes de todos os deuses das nações que por sua verdadeira natureza são demônios; mas na verdade não é possível conhecer a Deus e orar para as estátuas.

66. É tolice não só orar para as estátuas, mas também se acomodar às massas e fingir orar para as estátuas, como os filósofos peripatéticos, os sequazes de Epicuro e Demócrito. Não, nada de bastardo deve subsistir na alma do homem verdadeiramente piedoso diante da divindade. Recusamos por este modo honrar as estátuas para evitar, enquanto depender de nós, adotar a opinião de que as estátuas seriam outros deuses. Por

isso Celso e todos os que professam que não são deuses são para nós condenáveis, apesar de sua fama de sabedoria, quando fingem honrar as estátuas. A massa que segue seu exemplo peca, não por acreditar que os honra por acomodação, mas porque as almas degradam-se a ponto de considerá-las como deuses e não tolerar ouvir dizer que não são deuses que eles adoram.

Celso diz com justeza que não as considera como deuses, mas apenas como oferendas consagradas e oferecidas aos deuses, mas não esclarece como estas oferendas são consagradas não aos homens, mas, como ele observa, aos próprios deuses. Pois é claro que são oferendas de pessoas que têm ideias falsas sobre a divindade. Também não pensamos que as estátuas sejam imagens divinas, pois não representamos a imagem de Deus invisível e incorpóreo. Mas quando Celso supõe uma contradição entre nossa afirmação segundo à qual a divindade não tem forma humana, e nossa crença de que Deus fez o homem à sua imagem e a fez à imagem de Deus, devemos responder como ficou dito acima: declaramos que o que é à imagem de Deus é conservado na alma racional que é tal pela virtude. Aqui, porém, Celso, que não vê a diferença entre Imagem de Deus e o que é à imagem de Deus, nos faz dizer: Deus fez o homem à sua imagem e de forma semelhante à sua. Respondemos a isso acima.

Os demônios

67. A seguir Celso afirma a respeito dos cristãos: Eles concordam que estas estátuas destinam-se a honrar certos seres semelhantes ou diferentes em sua forma, mas pensam que tais seres aos quais elas são consagradas não são deuses, mas demônios, e que não se deve prestar culto aos demônios quando se adora a Deus. Mas se ele tivesse conhecido a doutrina sobre os demônios e o que cada um executa, evocado pelas pessoas entendidas nesta arte ou se entregando voluntariamente à atividade que ele deseja e pode executar, e se tivesse penetrado nesta doutrina sobre os demônios vasta e difícil de compreender para a natureza humana, não nos teria ofendido por sustentarmos que não se deve prestar culto aos demônios quando se adora o Deus supremo. De fato, estamos tão longe de prestar culto aos demônios que por meio de preces e fórmulas extraídas das Escrituras nós os expulsamos das almas humanas, dos lugares em que eles se instalaram, e às vezes mesmo de animais; pois muitas vezes os demônios se empenham por levá-los à perdição.

68. Depois de ter falado acima longamente de Jesus, não é necessário aqui voltar ao assunto para respondermos à sua objeção: *E certamente eles são convencidos abertamente a não adorarem não a um deus, nem a um demônio, mas a um morto.* Deixando pois este assunto, vejamos imediatamente o que ele acrescenta: *Primeiro, eu lhes perguntarei: por que razão não se deve prestar culto aos demônios? Entretanto, será que tudo não é regido conforme a vontade de Deus, e toda providência não depende dele? O que existe no universo, obra de Deus, dos anjos, de outros demônios ou de heróis, não tem tudo isso uma lei dada pelo Deus altíssimo? Não encontramos à frente de todo ofício, uma vez obtido o poder, um ser julgado digno? Não é pois justo*

que aquele que adora a Deus preste culto a esse ser que obteve dele a autoridade? Claro que não, diz ele, não é possível que o mesmo homem sirva a vários senhores.

Vê pois mais uma vez como ele se ajusta com pontos que exigem exame sério e até conhecimento das profundas e misteriosas doutrinas concernente à direção da realidade universal. Com efeito, é preciso examinar em que sentido tudo é regido conforme a vontade de Deus, e se esta direção se estende ou não até os pecados. Pois se esta direção se estende de fato aos pecados cometidos não somente entre os homens, mas também pelos demônios e por todos os outros seres incorpóreos que são capazes de pecar, é preciso enxergar o absurdo que implica esta afirmação: tudo é regido conforme a vontade de Deus. A consequência seria que até os pecados e tudo o que provém do vício são regidos conforme a vontade de Deus; o que não é a mesma coisa que dizer: isto acontece porque Deus não se opõe. Mas se tomarmos as palavras "ser regido" em sentido próprio, queremos dizer que as consequências do vício são controladas, pois é claro que tudo é regido conforme a vontade de Deus; e assim, quem peca não comete falta contra a direção de Deus.

A mesma distinção se impõe relativamente à providência. É preciso dizer que a expressão "toda providência depende dele" significa algo de verdadeiro, se a providência se refere a um bem. Mas se dizemos em geral que tudo o que acontece é de acordo com a providência, ainda que seja um mal, será errado dizer que toda providência depende dele; a não ser talvez que se queira dizer: o que resulta das obras da Providência de Deus é causado pela providência de Deus.

Ele declara ainda: Tudo o que existe no universo, obra de Deus, dos anjos, de outros demônios ou de heróis, acaso não tem uma lei dada pelo Deus altíssimo? Pelo menos aí ele deixa de sustentar um *discurso verdadeiro.* Pois os seres que cometem transgressões não as cometem observando uma lei dada pelo Deus altíssimo. E a Escritura mostra que os autores destas transgressões são não apenas homens maus, mas também demônios maus e anjos maus.

69. Não somos os únicos a dizer que existem maus demônios, é também o pensamento de quase todos os que afirmam a existência de demônios. Portanto, não é verdade que tudo tem uma lei dada pelo Deus altíssimo. Todos os seres que efetivamente, por desatenção pessoal, malícia, perversidade, ignorância do bem, infringem a lei divina não seguem a lei de Deus; mas para usar uma expressão diferente e aliás da Escritura, "eles seguem a lei do pecado" (Rm 8,2). Conforme a maioria dos que admitem a existência dos demônios, os maus demônios não seguem a lei de Deus, mas a transgridem. Conforme o que dizemos, todos os demônios saíram do caminho que leva ao bem, anteriormente não eram demônios; há uma espécie de seres caídos das alturas onde estavam com Deus, a dos demônios. Por isso não se deve prestar culto aos demônios quando se adora a Deus.

A natureza dos demônios é também revelada pelos que os invocam por meio de filtros, malefícios, conjuros ou outras inúmeras práticas. É o que acontece com os que aprenderam a invocar os demônios por feitiços e encantamentos e levá-los a fazer o que eles desejam. Por isso o culto de todos os demônios nos é coisa estranha, a nós que

adoramos o Deus supremo. E o culto dos que consideramos como deuses é culto de demônios: "Os deuses dos povos são demônios" (Sl 95,5). É o que revela igualmente o caso dos santuários considerados os mais influentes: fizeram-se invocações mágicas no momento da ereção destas estátuas e destes templos: invocações realizadas pelos que se entregam ao culto dos demônios por artes mágicas. Por isso estamos decididos a fugir do culto dos demônios como da peste. E declaramos culto dos demônios toda adoração pretensa dos deuses entre os gregos junto às estátuas, aos altares e templos.

70. Também de nada vale afirmar que encontramos à frente de todo ofício, uma vez obtido o poder do Deus altíssimo, um ser julgado digno de alguma tarefa. Seria preciso uma ciência muito profunda para poder resolver esta questão: à maneira dos carrascos nas cidades e dos homens postos à frente das funções cruéis, mas necessárias nos estados, os maus demônios porventura são postos à frente de certos ofícios pelo Logos de Deus que governa o universo, ou à maneira desses bandidos que, em lugares desertos, instalam um chefe para os comandar, os demônios, organizados, por assim dizer, em coortes nas diversas regiões da terra, acaso se deram um chefe que fosse seu guia nos empreendimentos que eles decidiram para roubarem e resgatarem as almas humanas?

Se se pretende tratar convenientemente este ponto para defender os cristãos que evitam adorar outra coisa que não seja o Deus supremo e seu Logos, o "Primogênito de toda criatura" (Cl 1,15), dever-se-á explicar as passagens seguintes: "Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes"; "O ladrão vem só para roubar, matar e destruir" (Jo 10,8.10), e qualquer outra palavra semelhante das sagradas Escrituras, como: "Eis que eu vos dei o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do Inimigo, e nada poderá vos causar dano"; "Poderás caminhar sobre o leão e a víbora, pisarás o leãozinho e o dragão" (Lc 10,19; Sl 90,13).

Celso ignorava tudo a respeito destas palavras. Se as tivesse conhecido, não teria dito: O que existe no universo, obra de Deus, dos anjos, de outros demônios ou de heróis, tudo isso acaso não tem uma lei dada pelo Deus altíssimo? Não encontramos à frente de todo ofício, uma vez obtido o poder, um ser julgado digno? Não seria justo que aquele que adora a Deus preste culto a este ser que obteve dele a autoridade? E a isso acrescenta ele: Não, pois não é possível que o mesmo homem sirva a vários senhores. Trataremos deste ponto no livro seguinte, pois o sétimo que escrevi contra o tratado de Celso já atingiu uma dimensão suficiente.

LIVRO OITAVO

1. Tendo concluído sete livros, pretendo iniciar o oitavo. Que Deus e seu Filho único, o Logos, dignem-se em me assistir para que as mentiras de Celso, inutilmente intituladas *Discurso verdadeiro*, encontrem nele refutação pertinente, e as verdades do cristianismo, na medida que o assunto o permite, encontrem demonstração inabalável. Rogo poder dizer com a sinceridade de Paulo: "Em nome de Cristo, exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta" (2Cor 5,20); e poder exercer embaixada por Cristo junto aos homens no espírito em que o Logos de Deus os chama à sua amizade: pois ele quer unir intimamente à justiça, à verdade, às outras virtudes aqueles que, antes de receber as doutrinas de Jesus Cristo, tinham passado sua vida nas trevas a respeito de Deus e na ignorância do Criador. E direi também: que Deus nos dê seu nobre e verdadeiro Logos, o Senhor poderoso e forte "na guerra" (Sl 23,8) contra o mal. Agora, devo abordar o seguinte texto de Celso e dar-lhe resposta.

Espírito de revolta?

2. Ele nos perguntou acima por que rejeitamos o culto dos demônios. E às suas observações sobre os demônios dei uma resposta que me parece conforme à vontade do divino Logos. Pois em seu desejo de nos ver prestar culto aos demônios, Celso nos atribui esta resposta à sua pergunta: *É impossível que o mesmo homem sirva a vários senhores*. Segundo ele, *é um grito de revolta de pessoas que se retraem em si mesmas e rompem com o resto do gênero humano. Falar assim*, acredita ele, *é projetar sua paixão em Deus enquanto depender da pessoa. É por isso,* conforme ele, *que se pode admitir que o servidor de um mestre não pode servir a outro razoavelmente, pois o primeiro seria prejudicado no serviço prestado a outro: quem se comprometeu com uma pessoa não tem o direito de se comprometer com outra, pois a prejudicaria. As pessoas têm razão em não servir ao mesmo tempo a diferentes heróis e demônios desse gênero. Mas quando se trata de Deus que não pode sofrer prejuízo nem mágoa, é absurdo, pensa ele, evitar prestar culto a diversos deuses como se se tratasse de homens, de heróis ou de demônios desse gênero. Prestar culto a diversos deuses, diz ele, é prestar culto a um dos que pertencem ao grande Deus e, dessa forma, lhe ser agradável. Não é permitido, acrescenta ele, honrar aquele a quem Deus não deu este privilégio. Por conseguinte, diz ele, a honra e a adoração prestados a todos os que pertencem a Deus não podem magoá-lo, uma vez que eles pertencem todos a ele.*

Deus e deuses, Senhor e senhores

3. Antes de prosseguir, vejamos nossas boas razões para aprovar as palavras: "Ninguém

pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo", e em seguida: "Não podeis servir a Deus e a Mamon" (Mt 6,24; Lc 16,13). Sua justificação nos leva a profunda e misteriosa doutrina a respeito dos deuses e dos senhores. Pois a divina Escritura sabe que o soberano Senhor está "mais elevado que todos os deuses" (Sl 96,9). Com a palavra "deuses", não entendemos os que são adorados pelos pagãos, pois aprendemos que "os deuses dos povos são todos demônios" (Sl 95,5). Esses deuses, segundo a palavra profética, formam uma espécie de assembleia: o Deus supremo os julga, atribuindo a cada um sua obra própria. Pois "Deus se levanta no conselho divino, em meio aos deuses ele julga" (Sl 81,1). E ainda, "O Senhor, o Deus dos deuses" é aquele que por seu Filho "convocou a terra, do nascente ao poente" (Sl 49,1); e recebemos a ordem de "celebrar o Deus dos deuses", sabendo igualmente que Deus "não é Deus de mortos, mas sim de vivos" (Sl 135,2; Mt 22,32). É isso o que afirmam não só estas passagens mas também uma infinidade de outras.

4. Tais sãos as ideias referentes ao Senhor e aos senhores que as divinas Escrituras propõem à nossa pesquisa e à nossa reflexão, dizendo aqui: "Celebrai o Deus dos deuses, porque o seu amor é para sempre, celebrai o Senhor os senhores" (Sl 135,2-3), e aí: "Deus é o Rei dos reis e Senhor dos senhores" (1Tm 6,15). E a Escritura distingue os pretensos deuses dos que o são na verdade, tenham ou não o título. Paulo ensina a mesma doutrina sobre os senhores autênticos ou não: "Se bem que existam os que são chamados deuses, quer no céu, quer na terra — e há de fato, muitos deuses e muitos senhores" (1Cor 8,5). E, como "o Deus dos deuses", por Jesus, convoca do nascente ao poente os que ele quer como o lote de sua herança, como o Cristo de Deus que é Senhor prova que ele é superior a todos os senhores, por ter penetrado os territórios de todos e chama a si os povos de todos esses territórios, Paulo, como sabia de tudo isso, diz depois da passagem citada: "Para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por quem nós somos". E percebendo aí uma doutrina admirável e misteriosa, acrescenta: "Mas nem todos têm esta ciência" (1Cor 8,6-7). Ora, dizendo: "Para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe", ele designa com o termo "nós" a ele mesmo e todos os que são elevados até ao supremo Deus dos deuses e ao Senhor dos senhores. Somos elevados até ao Deus supremo quando o adoramos sem separação, divisão ou partilha, por seu Filho, Logos de Deus e Sabedoria que contemplamos em Jesus, o único que conduz os que se esforçam de todas as maneiras por se unirem ao Criador do universo pela qualidade de suas palavras, de suas ações e de seus pensamentos. Por esse motivo, creio eu, e por outros semelhantes, o Príncipe deste mundo, transformando-se em anjo de luz, fez que fosse escrito: "Em seu séquito vem um exército inteiro de deuses e demônios, distribuídos em onze seções", na obra em que a respeito dele mesmo e dos filósofos se diz: "Nós, por nossa parte, estamos com Zeus, e outros estão com outros demônios."

5. Como existem muitos deuses pretensos ou reais, como igualmente senhores, fazemos

tudo para nos elevar acima não apenas dos seres honrados como deuses pelas nações da terra, mas também dos que são chamados deuses pelas Escrituras. Estes últimos são ignorados pelos que são estranhos às alianças de Deus dadas por Moisés e nosso Salvador Jesus, e pelos que são excluídos de suas promessas que eles tornaram manifestas. Nós nos elevamos acima da categoria dos que Paulo chama deuses, quando olhamos como eles, ou de alguma outra maneira, "não para as coisas que se veem, mas para as que não se veem" (1Cor 4,18). E, vendo como "a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus, pois a criação foi submetida à vaidade, não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu na esperança" (Rm 8,19-21), bendizendo a criação e considerando como toda ela será "libertada da escravidão da corrupção" e chegará "à liberdade da glória dos filhos de Deus", não podemos ser levados a servir a Deus e a outro com ele, nem a servir a dois senhores.

Portanto, não se trata de um clamor de revolta, entre os que compreenderam as reflexões deste gênero e recusam servir a vários senhores. Por isso eles se contentam com o Senhor Jesus Cristo que ensina por ele mesmo aos que o servem, para que, instruídos e constituídos num reino digno de Deus, ele os entregue a seu Deus e Pai. Além disso, eles se separam e rompem com os que são estranhos à Cidade de Deus, excluídos de suas alianças, para viverem como cidadãos do céu em busca do Deus vivo e da "Cidade de Deus vivo, a Jerusalém celestial, e de milhões de anjos reunidos em festa, e da assembleia dos primogênitos cujos nomes estão inscritos nos céus" (Hb 12,22-23).

6. Além disso, se recusamos servir a outro que não a Deus por seu Logos e sua Verdade, não é porque Deus seja prejudicado como parece acontecer ao homem cujo servo serve também a outro senhor. É para nós mesmos não sermos prejudicados, separando-nos do lote de herança do Deus supremo, em que levamos uma vida que participa de sua própria bem-aventurança por excepcional espírito de adoção. Graças à sua presença neles, os filhos do Pai celeste pronunciam em segredo, não em palavras mas na realidade, este sublime clamor: "Abba, Pai!" (Rm 8,15). Certamente os embaixadores de Lacedemônia se negaram a adorar o rei da Pérsia, apesar da forte pressão dos guardas, por reverência a seu único senhor, a lei de Licurgo. Mas os que por Cristo exercem a função de embaixadores numa embaixada bem mais nobre e divina recusariam adorar qualquer príncipe da Pérsia, da Grécia, do Egito ou de qualquer outra nação, apesar da vontade que têm os demônios, satélites desses príncipes e mensageiros do diabo, de obrigá-los a fazer isso e persuadi-los a renunciar Àquele que é superior a todas as leis terrestres. Pois o Senhor dos que exercem a função de embaixadores por Cristo é o Cristo de quem são embaixadores, o Logos que existe "no princípio", que está com Deus, e é Deus (cf. Jo 1,1).

7. Celso achou bom, a seguir, defender, entre as opi- niões que considera suas, uma doutrina muito profunda sobre os heróis e certos demônios. Depois de verificar, a propósito das relações de serviço entre os homens, que seria causar prejuízo ao primeiro senhor que queremos servir consentir em servir a terceiro, ele afirma que o mesmo acontece com os heróis e demônios deste gênero. Devemos perguntar-lhe o que entende

como heróis e que natureza ele atribui aos demônios deste gênero, para que o servo de um herói determinado deva evitar servir a outro, e o de um desses demônios, evitar igualmente servir a outro: como se o primeiro demônio sofresse um prejuízo como fazem os homens quando passamos de seu serviço ao de outros senhores. Que ele determine além disso que prejuízo ele julga ter sido causado aos heróis e aos demônios deste gênero! Será necessário então repetir seu propósito caindo num oceano de tolices e refutar o que foi dito ou, se ele recusa as tolices, reconhecer que não conhece nem os heróis, nem a natureza dos demônios. E quando diz a respeito dos homens que os primeiros sofrem prejuízo pelo serviço prestado a segundos, devemos perguntar como ele define o prejuízo sofrido pelo primeiro quando seu servo consente em servir a outro.

8. De fato, se ele com isso entendia, sendo homem comum e sem filosofia, um prejuízo referente aos bens que chamamos exteriores, nós o convenceríamos de que desconhece as belas palavras de Sócrates: "Ânito e Meleto podem me levar à morte, mas não me prejudicar; pois não é permitido que o superior sofra prejuízo da parte do inferior." Se ele define esse prejuízo como moção ou estado referente ao vício, é evidente, pois nenhum prejuízo desse gênero existe para os sábios, que podemos servir a dois sábios vivendo em lugares separados. E se esse raciocínio não fosse plausível, de nada adianta argumentar com este exemplo para criticar as palavras: "Ninguém pode servir a dois senhores": e ela só terá mais força se aplicada ao serviço do Deus do universo por seu Filho que nos conduz a Deus. Além disso, não prestamos culto a Deus pensando que ele precisa disso e que ele se aborreceria se não lhe prestássemos culto, mas pelo benefício que temos em prestar esse culto a Deus, ficando livres de mágoa e paixão, servindo a Deus por seu Filho único, Logos e Sabedoria.

Honra única ao Pai e ao Filho

9. Observemos a leviandade de suas palavras: *Se de fato queremos prestar culto a outro dos seres do universo.* Ele indica dessa forma que podemos sem nenhum prejuízo para nós mesmos prestar culto divino a qualquer um dos seres que pertencem a Deus. Mas como ele mesmo sentisse a insanidade de suas palavras: se de fato queremos prestar culto a outro dos seres do universo, ele cai em si e acrescenta esta correção: não é permitido honrar aquele a quem Deus não deu esse privilégio. Perguntemos a Celso, a propósito das honras prestadas aos deuses, aos demônios, aos heróis: como podes mostrar, meu caro, que essas honras que eles recebem são devidas a um privilégio dado por Deus e não à ignorância e à tolice humana dos que estão no erro e caíram longe daquele a quem cabe de pleno direito toda honra? Honra-se, por exemplo, como acabas de dizer, o efeminado Adriano. Não dirás, suponho eu, que o privilégio de ser honrado como deus foi dado a Antínoo pelo Deus do universo! A mesma coisa se dirá dos outros, exigindo-se a prova de que o privilégio de ser honrado como deuses lhes foi concedido pelo Deus supremo.

Se nos for dirigida a mesma réplica a respeito de Jesus, provaremos que o privilégio de ser honrado foi dado por Deus, "a fim de que todos honrem o Filho, como honram o

Pai" (Jo 5,23). Já as profecias, antes de seu nascimento, afirmavam seu direito a essa honra. Mais tarde, os milagres que ele realizou, não por magia como acredita Celso, mas por sua divindade predita pelos profetas, lucravam com o testemunho de Deus. Dessa forma, honrando o Filho que é Logos, o homem nada faz de insensato: tira proveito da honra que lhe é prestada e honrando-o a ele que é a Verdade, se torna melhor porque honra a verdade; assim ocorre quando se honra a Sabedoria, a Justiça e todas as outras prerrogativas que as divinas Escrituras atribuem ao Filho de Deus.

10. A honra que prestamos ao Filho de Deus, e da mesma forma a que tributamos a Deus Pai, consiste numa vida honesta. Não é acaso o que nos ensinam as palavras: "Tu, que te glorias na Lei, estás desonrando a Deus pela transgressão da Lei" (Rm 2,23), e estas outras: "Que castigo mais severo ainda merecerá aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da Aliança no qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?" (Hb 10,29). Se transgredir a Lei é ultrajar a Deus por essa transgressão, se recusar o Evangelho é calcar aos pés o Filho de Deus, é claro que observar a Lei é honrar a Deus, ser ornado com a palavra de Deus e com suas obras é adorar a Deus. Se Celso tivesse conhecido os que pertencem a Deus, e não existem outros senão os sábios, se tivesse conhecido os que lhe são estranhos, e são todos os homens maus que não têm nenhuma preocupação em adquirir a virtude, teria compreendido o verdadeiro sentido das palavras: A honra e a adoração prestados a todos os que pertencem a Deus não podem aborrecê-lo, pois eles pertencem todos a ele.

11. Depois disso ele declara: *Na verdade, quem afirma que um só ser foi chamado Senhor, falando de Deus, comete uma impiedade: ele divide o Reino de Deus e nele introduz a revolta, como se nele existisse uma facção e outro deus seu adversário.* Essa reflexão teria sentido se ele determinasse com provas rigorosas que os que são adorados como deuses entre os pagãos são realmente deuses, e que os seres que se fazem presentes, como se acredita, nas estátuas, nos templos e nos altares não são maus demônios. Além disso, aspiramos a compreender esse Reino de Deus constantemente pregado em nossos discursos e em nossos escritos, e tornar-nos tais que tenhamos só a Deus como rei e o Reino de Deus torne-se igualmente o nosso reino. Celso, ao contrário, que nos ensina a adorar vários deuses, para ser consequente consigo mesmo, deveria ter falado de reino dos deuses e não de Reino de Deus. Portanto, em Deus não há facções nem outro deus seu adversário; e isso, apesar dos que, à maneira dos Gigantes e dos Titãs, querem por sua perversidade batalhar contra Deus que estabeleceu por tantos meios a verdade sobre Jesus, e mesmo a exemplo daquele que pela salvação de nossa raça se entregou, como Logos que é, ao mundo inteiro em sua totalidade, conforme a capacidade de cada um.

12. Poderíamos julgar plausível o ataque que segue: *Além disso, se estas pessoas não prestassem culto a ninguém mais senão somente a Deus, talvez tivessem uma razão válida a opor aos outros. Mas não, elas prestam culto excessivo Àquele que acaba de aparecer, e todavia não acreditam ofender a Deus prestando igualmente culto a seu ministro.* Devemos responder: se Celso tivesse compreendido as palavras: "Eu e o Pai

somos um", e estas do Filho de Deus em sua oração: "Como tu e eu somos um", ele não pensaria que prestamos culto a outro senão ao Deus supremo, pois Jesus disse: "O Pai está em mim e eu estou no Pai" (Jo 10,30; 17,21-22; 14,10-11; 17,21).

Se alguém acreditasse que estas palavras nos levam ao grupo dos que negam a existência de duas hipóstases, um Pai e um Filho, reflita sobre estas palavras: "A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma" (At 4,32), a fim de compreeder: "Eu e o Pai somos um". Portanto, é a um só Deus, como acabamos de explicar, o Pai e o Filho, que prestamos culto, e temos ainda uma razão válida a opor aos outros. E não prestamos culto excessivo Àquele que acaba de aparecer como se ele jamais tivesse existido antes. Pois nele cremos quando diz: "Antes que Abraão existisse, eu sou", e quando afirma: "Eu sou a Verdade" (Jo 8,58; 14,6). Ninguém de nós tem a estupidez de acreditar que a verdade não existia antes do tempo da manifestação de Cristo. Por isso prestamos culto ao Pai da Verdade e ao Filho que é a Verdade: eles são duas realidades pela hipóstase, mas uma só pela humanidade, pela concórdia, pela identidade da vontade; de modo que aquele que viu o Filho, resplendor da glória, expressão da substância de Deus, viu a Deus nele que é a imagem de Deus (cf. Jo 14,9; Hb 1,3; Cl 1,15; 2Cor 4,4).

13. Ele julga a seguir que, por prestarmos culto ao mesmo tempo a Deus e a seu Filho, segue-se que, segundo o que acreditamos, não só Deus mas também seus ministros recebem culto. Sem dúvida, se ele tivesse pensado nos que são os verdadeiros ministros de Deus depois do Filho único de Deus, Gabriel, Miguel e os demais anjos, e se tivesse dito que se deve prestar culto a eles, talvez eu tivesse esclarecido o sentido da expressão "prestar culto", e as ações daquele que o presta, e eu diria no tocante a esse assunto, que implica discussão de matérias difíceis, o que eu pude compreender a esse respeito. Mas, quando ele crê que os demônios adorados pelos pagãos são os ministros de Deus, não nos leva à consequência que devemos lhes prestar culto. Pois a Escritura os apresenta como ministros do Maligno, do Príncipe deste mundo (cf. 1Cor 2,6.8; Jo 12,31; 14,30; 16,11), que afasta de Deus os que ele pode. Portanto, como eles não são ministros, evitamos adorar todos os que os outros homens adoram e prestar-lhe culto. Pois se tivéssemos aprendido que eles eram ministros do Deus supremo, não diríamos que eles são demônios. Por isso adoramos o Deus único e seu Filho único, Logos e Imagem, por nossas melhores súplicas e pedidos, oferecendo nossas preces ao Deus do universo por meio de seu Filho único. É em primeiro lugar a ele que as oferecemos pedindo-lhe, sendo ele "propiciação pelos nossos pecados", que apresente como Sumo Sacerdote ao Deus supremo nossas preces, nossos sacrifícios e súplicas (1Jo 4,10; 2,2; Hb 2,17 etc.). Essa é a fé que temos em Deus por seu Filho que a fortifica em nós, e Celso não pode mostrar a menor facção a respeito do Filho de Deus. Sim, adoramos o Pai admirando seu Filho, Logos e Sabedoria, Verdade, Justiça e tudo o que aprendemos daquilo que é o Filho de Deus: admiramos então também Aquele que nasceu de tal Pai. Mas isto é bastante.

14. Em seguida Celso afirma: *Se acaso ensinamos que Jesus não é seu Filho, mas que Deus é o pai de todos e o único a quem se deve adorar verdadeiramente: eles se*

recusam a aceitar, a menos que associemos a ele aquele que é o chefe do grupo deles. Eles até o chamaram Filho de Deus, não para oferecerem a Deus adoração suprema, mas suprema exaltação a este. Ora, aprendemos o que é o Filho de Deus: "o resplendor de sua glória e a expressão de seu ser"; "o eflúvio do poder de Deus, uma emanação puríssima da glória do Onipotente; um reflexo da luz eterna, um espelho nítido da atividade de Deus, e uma imagem de sua bondade" (Hb 1,3; Sb 7,25-26); sabemos que Jesus é o Filho de Deus e que Deus é seu Pai. Não há nada de inconveniente nesta doutrina, nada de incompatível com Deus no fato de ele gerar tal Filho único. E ninguém conseguirá demover-nos da convicção de que Jesus é o Filho do Deus supremo não gerado e Pai.

O fato de Celso se enganar no tocante à recusa de alguns em identificar o Filho de Deus com o do Criador deste universo é problema dele e dos adeptos desta doutrina. Jesus não é chefe de grupo, mas o autor de toda paz, que disse a seus discípulos: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou" (Jo 14,27). Em seguida, sabendo da guerra que nos seria feita pelos homens que são do mundo e não de Deus, acrescenta: "Não vo-la dou como o mundo a dá". Desta forma, em todas as tribulações a que o mundo nos submete, nossa confiança repousa naquele que disse: "No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!" (Jo 16,33). É a ele que proclamamos Filho de Deus, mas para usarmos os termos de Celso, do Deus a quem oferecemos adoração suprema, e sabemos que é seu Pai que lhe deu exaltação suprema.

Na multidão dos fiéis, alguns podem ter opinião diferente, afirmando com precipitação que o Salvador é o Altíssimo Deus que reina sobre tudo. Mas esse não pode ser nosso pensamento, pois acreditamos naquele que disse: "O Pai é maior do que eu" (Jo 14,28). Dessa forma, contrariamente à calúnia de Celso, não podemos pôr abaixo do Filho de Deus Aquele a quem chamamos agora seu Pai.

O "Diálogo celeste"

15. Depois disso, Celso prossegue: *Para mostrar que essa opinião não se afasta do objetivo, citarei suas próprias palavras. Numa passagem do Diálogo celeste, eles se exprimem nestes termos: "Se o Filho de Deus é mais poderoso, e se o Filho do homem é seu Senhor (e quem dominará o Deus soberano?), por que tantas pessoas em volta do poço e ninguém para nele descer? Por que ao final de uma estrada tão longa perder a coragem? — Erro! Tenho coragem e uma espada". Assim, sua vontade não é adorar o Deus supraceleste, mas o Pai que eles deram àquele em volta do qual eles se reuniram: pretextando que seria ele o Grande Deus, eles prestam culto somente àquele que eles consideram seu chefe, o Filho do homem que eles proclamam mais poderoso que o Deus soberano e seu Senhor. Vem daí entre eles esta proibição de servir a dois senhores para manter sua facção reunida em torno dele somente.*

Aí está ele novamente tomando não sei de que seita muito obscura aquilo com que ele afronta todos os cristãos. Se digo muito obscura, é porque mesmo depois de tantas controvérsias com os fomentadores de seitas, não consigo ver claramente a doutrina da

qual ele tirou estas palavras; pelo menos caso se trate de empréstimo e não de uma invenção ou de uma conclusão de sua parte. Afirmamos claramente de fato, nós para quem até o mundo sensível é obra do Criador de todas as coisas, que o Filho não é mais poderoso do que o Pai, mas que lhe é inferior; e dizemos isto porque acreditamos nas palavras: "O Pai que me enviou é maior do que eu" (Jo 14,28).

E ninguém de nós é tão estúpido a ponto de dizer: o Filho do homem é o Senhor de Deus. Afirmamos ao contrário que o Salvador, visto precisamente como Logos, Sabedoria, Justiça, Verdade, domina tudo o que lhe foi submetido em razão desses títulos, mas não o Deus e Pai que o domina. Além disso, como o Logos não domina nenhuma pessoa contra a vontade dela, e como ainda existem seres maus, homens, anjos e todos os demônios, dizemos que ele não os domina ainda, pois eles não se submetem a ele de boa vontade. Mas, de acordo com outro sentido da palavra "dominar", ele os domina igualmente, no sentido em que se diz que o homem domina os animais sem razão, também sem ter submetido sua faculdade principal, como ele amansa e também domina os leões e os animais de carga que eles domaram. De resto ele faz tudo para persuadir os que ainda recusam obedecer-lhe e também para os dominar. Para nós, portanto, é mentira de Celso atribuir-nos as palavras: Quem dominará o Deus soberano?

16. E além disso, é também por uma confusão, creio eu, e tomando de outra seita que ele diz: Por que tantas pessoas em volta do poço e ninguém para nele descer? Por que ao final de uma estrada tão longa perder a coragem? — Erro! Tenho coragem e uma espada. Em tudo isso não existe uma palavra de verdade, nós o afirmamos, nós os membros da Igreja que é a única a ter o nome de Cristo. A estas palavras ele acrescenta o que lhe parece ser uma consequência, mas que nada tem a ver conosco. Pois nós nos propomos venerar não um Deus hipotético, mas o Criador ao mesmo tempo deste universo e de tudo o que pode existir de não sensível e não visível. Mas trata-se aí dos que, conforme outro caminho e "outras veredas", recusam reconhecê-lo para se consagrarem a outro que eles imaginaram, de espécie nova, que de Deus têm apenas o nome, e que seria superior ao Criador; trata-se de todos os que dizem: o Filho é mais poderoso do que o Deus soberano e é o Senhor deste.

Quanto à proibição de servir a dois senhores, dei a razão de acordo com nosso pensar, quando mostrei que não se pode descobrir nenhuma facção em volta do Senhor Jesus, entre os que professam terem-se elevado acima de todo senhor e que servem como único Senhor ao Filho de Deus, ao Logos de Deus.

O culto verdadeiro

17. Em seguida ele declara que *evitamos construir altares, estátuas e templos;* pois ele acredita que é a *palavra de ordem combinada de nossa associação secreta e misteriosa.* É ignorar que para nós o coração de cada justo forma o altar de onde sobem na verdade e em espírito, incenso de agradável odor, as preces de uma consciência pura. Por isso diz João no Apocalipse: "O incenso que são as orações dos santos" (Ap 5,8), e no Salmista: "Suba minha prece como um incenso em tua presença" (Sl 140,2).

As estátuas, as oferendas agradáveis a Deus não são obras de artesãos vulgares, mas do Logos de Deus que as delineia e forma em nós. São as virtudes, imitações do "Primogênito de toda criatura", no qual estão os modelos da justiça, da temperança, da força, da sabedoria, da piedade e das demais virtudes. Portanto, todos os que, segundo o divino Logos, edificaram em si mesmos a temperança, a justiça, a força, a sabedoria, a piedade e as obras-primas das demais virtudes, trazem em si mesmos estátuas. É por meio delas, como sabemos, que convém honrar o protótipo de todas as estátuas, a "Imagem do Deus invisível" (Cl 1,15; Jo 1,18), o Deus Filho único. Além disso, os que se despojaram do "homem velho com as suas práticas e se revestiram do novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador" (Cl 3,9-10) recuperando continuamente a imagem do Criador, edificam em si mesmos estátuas dele, assim como o Deus supremo deseja.

Como alguns escultores conseguiram admiráveis obras-primas, por exemplo Fídias e Policleto, ou os pintores Zêuxis e Apeles, como outros fizeram obras menos belas, e como outros são ainda inferiores àqueles, como, em suma, existe uma infinita diversidade na confecção de estátuas e imagens, da mesma forma existem estátuas do Deus supremo de uma arte tão perfeita e de uma ciência tão consumada que não se pode estabelecer comparação entre Zeus do Olimpo esculpido por Fídias e o homem esculpido à imagem de Deus que o criou. Mas de todas essas imagens que existem na criação inteira, a mais bela de todas e a mais perfeita está em nosso Salvador que disse: "O Pai está em mim" (Jo 14,10).

18. Em cada um dos que se esforçam por imitá-lo sob esse aspecto existe uma estátua "à imagem do Criador" (Cl 3,10), que eles realizam contemplando a Deus com coração puro e tornando-se imitadores de Deus. E em geral, todos os cristãos procuram edificar altares assim como acabo de descrever: não inanimados e insensíveis, mas capazes de receber, no lugar dos demônios gulosos que frequentam as coisas inanimadas, o Espírito de Deus que, para fazer delas sua morada, reside nestas imagens de virtude de que falamos e no que é "à imagem do Criador"; e desta maneira, o Espírito de Cristo pousa sobre os que, por assim dizer, lhe são conformes. É precisamente isto que pretende mostrar o Logos de Deus: ele representa Deus fazendo esta promessa aos justos: "Em meio a eles habitarei e caminharei, serei o seu Deus, e eles serão o meu povo" (2Cor 6,16); e põe na boca do Salvador estas palavras: "Se alguém ouve essas minhas palavras e as põe em prática, meu Pai e eu a ele viremos e nele estabeleceremos morada" (Mt 7,24; Jo 14,23).

Podemos comparar, se quisermos, os altares que descrevi aos altares de que fala Celso, e as estátuas interiores à alma dos que têm piedade com o Deus do universo, às estátuas de Fídias, de Policleto e de seus semelhantes. Veremos claramente que estas são inanimadas, sujeitas ao desgaste do tempo, mas aquelas perduram na alma imortal enquanto a alma racional quiser que elas subsistam nela.

19. Será preciso uma comparação entre os templos para convencer os partidários de Celso que não nos recusamos a edificar templos que correspondam aos altares e às

estátuas de que acabamos de falar, mas que repelimos a ideia de construir para o autor de toda vida templos inanimados e mortos? Bastará transmitir a quem deseje a instrução que nos é dada: nossos corpos são o templo de Deus, e se alguém pela licença ou pelo pecado "destrói o templo de Deus", será destruído como verdadeiramente ímpio com respeito ao templo verdadeiro. Mas de todos esses templos, o melhor e mais excelente era o corpo santo e puro de nosso Salvador Jesus. Sabendo ele das manobras de que eram capazes os ímpios contra o templo de Deus que se encontrava nele, sem todavia que o plano de seus autores pudesse prevalecer sobre a divindade que habitava neste templo, lhes diz estas palavras: "Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei. Ele, porém, falava do templo de seu corpo" (Jo 2,19.21).

Além disso, as divinas Escrituras têm maneira misteriosa de ensinar a doutrina da ressurreição aos que são capazes de ouvir com ouvidos mais divinos as palavras de Deus. Dizendo que o templo será reconstruído de pedras vivas e muito preciosas, elas insinuam que cada um daqueles a quem o próprio Logos inspira que tendam à piedade que ele ensina é pedra preciosa integrada ao templo de Deus. É a declaração de Pedro: "Também vós, como pedras vivas, constituí-vos em edifício espiritual, dedicai-vos a sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo" (1Pd 2,5). É a declaração de Paulo: "Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual é Cristo Jesus a pedra angular" (Ef 2,20). É o sentido misterioso encerrado na passagem de Isaías dirigida a Jerusalém: "Certamente revestirei de carbúnculo as tuas pedras, estabelecerei os teus alicerces sobre a safira. Farei de rubi as tuas ameias e de berilo as tuas portas, de pedras preciosas todas as tuas muralhas. Todos os teus filhos serão discípulos do Senhor; grande será a paz dos teus filhos. Serás edificada sobre a justiça" (Is 54,11-14).

20. Alguns justos, portanto, são de carbúnculo, outros de safira, outros de rubi, outros de berilo; e assim os justos formam o conjunto das pedras escolhidas e preciosas. Mas não cabe aqui explicar o significado das pedras, a doutrina referente à sua natureza, as categorias de almas às quais podemos atribuir o nome de cada pedra preciosa. Bastaria lembrar rapidamente o sentido que damos aos templos e o do único templo de Deus feito de pedras preciosas. Efetivamente, se os habitantes de cada cidade se gabavam de seus pretensos templos por comparação com os outros, em seu orgulho por terem templos mais preciosos, eles exaltariam a excelência dos seus para provarem a inferioridade dos outros. Desta forma, para responder aos que criticam nossa recusa de adorar a divindade em templos insensíveis, nós opomos a estes os templos como os concebemos; e mostramos, pelo menos aos que não são insensíveis nem semelhantes a seus deuses insensíveis, que não há nenhuma comparação possível: nem entre nossas estátuas e as estátuas das nações; nem entre nossos altares e os incensos, se podemos dizer, que sobem de seus altares e as gorduras e o sangue que neles são oferecidos; nem mesmo entre os templos que indicamos e os templos dos seres insensíveis admirados por homens insensíveis que não têm a menor ideia do sentido divino pelo qual chegamos a Deus, suas estátuas, os templos e os altares que convêm a Deus.

Portanto, não é para observar uma palavra de ordem convencionada de nossa

associação secreta e misteriosa que evitamos edificar altares, estátuas e templos; mas porque encontramos, graças ao ensinamento de Jesus, a forma da piedade para com a divindade, evitamos as atitudes que sob a aparência da piedade tornam ímpios os que se afastam da piedade que tem por mediador Jesus Cristo: só ele é o caminho da piedade, porque ele diz com toda verdade: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6).

21. Vejamos ainda o que Celso diz a seguir de Deus e como ele nos convida a usar coisas que na verdade são vítimas oferecidas aos ídolos ou, melhor, aos demônios, mas que eles chamam vítimas sagradas, ignorando o que é uma coisa verdadeiramente sagrada e a natureza do sacrifício que lhe diz respeito. Eis o que ele diz: *Com toda certeza Deus é comum a todos, é bom, de nada precisa, ignora a inveja. Então, o que é que impede os que lhe são mais dedicados de participarem das festas públicas?* Não sei por que aberração ele acredita que, sendo Deus bom, ele não precisa de nada, ignora a inveja, daí se conclua que os que lhe são dedicados podem tomar parte nas festas públicas. Respondo-lhe: do fato de Deus ser bom, nada precisar, ignorar a inveja, segue-se que se pode tomar parte nas festas públicas, se fosse provado que as festas públicas nada têm de errado, mas são costumes fundamentados numa visão exata de Deus e são uma consequência do culto e da piedade que lhe são devidos.

Se, porém, as festas públicas, que o são apenas de nome, não apresentam nenhuma razão demonstrativa de que elas se harmonizam com o culto oferecido à divindade, se ficasse provado ao contrário que elas são invenções de pessoas que as instituíram acidentalmente em relação com acontecimentos históricos ou teorias naturalistas sobre a água, a terra, os frutos que ela parece produzir, é claro que, para quem pretende honrar a divindade com o cuidado necessário, será razoável abster-se de tomar parte nas festas públicas. Efetivamente, como diz excelentemente um sábio grego: "Celebrar uma festa nada mais é do que cumprir o seu dever" (Tucídides, I, 70, 8). E é celebrar a festa conforme a verdade cumprir seu dever orando sempre, não deixando de oferecer à divindade os sacrifícios incruentos nas orações. Por essa razão, julgo magníficas as palavras de Paulo: "Observais cuidadosamente dias, meses, estações, anos! Receio ter-me afadigado em vão por vós" (Gl 4,10-11).

22. Alguém objetará lembrando nossas celebrações dos domingos, da Preparação, da Páscoa, de Pentecostes? Devemos responder: quem é cristão perfeito e não deixa de dar atenção devida às palavras, às ações, aos pensamentos do Logos de Deus que por natureza é o Senhor, esse vive continuamente nos dias do Senhor, celebra constantemente os domingos. Além disso, quem se prepara sem cessar para a vida verdadeira e se afasta dos prazeres da vida que enganam a multidão dos homens, sem alimentar "o desejo da carne", mas castiga ao contrário seu corpo e o reduz à servidão, celebra a Preparação. Além disso, para quem compreende que "Cristo, nossa Páscoa, foi imolado" e deve celebrar a festa comendo a carne do Logos, não há instante em que não realize a Páscoa, termo que quer dizer sacrifício por uma feliz passagem: pois pelo pensamento, por cada palavra, por cada ação não deixamos de passar dos negócios desta vida a Deus apressando-nos a chegar à cidade divina. Enfim, se podemos dizer com toda

verdade: “Ressuscitamos com Cristo” (Cl 2,12; 3,1), e também: “Com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus, em Cristo Jesus” (Ef 2,6), estamos continuamente nos dias de Pentecostes, principalmente quando subindo à sala superior como os apóstolos de Jesus, perseveramos nas súplicas e orações para nos tornarmos dignos “do vendaval impetuoso vindo do céu” (At 1,13-14; 2,2-3) para aniquilar por sua violência a malícia dos homens e seus efeitos, e merecer igualmente ter parte na língua de fogo que vem de Deus.

23. Mas a multidão dos que parecem crer não tem este fervor: ela não quer ou não pode celebrar como festas todos os dias; ela precisa, para tornar a lembrar, de modelos sensíveis que a preservem do total esquecimento. Suponho que era o pensamento que fazia Paulo chamar de festa parcial a festa fixada em dias distintos dos demais: dava a entender com essa expressão que a vida em contínuo acordo com o divino Logos não é festa parcial, mas a festa integral e ininterrupta. Depois dessa exposição sobre nossas festas e a comparação com as festas públicas de Celso e dos pagãos, vê se nossas festas não são infinitamente mais veneráveis do que essas festas populares em que o “desejo da carne” (Rm 8,8,6-7) que as anima conduz aos excessos de embriaguez e despudor.

Ainda haveria muito a dizer sobre a razão por que a lei de Deus prescreve, nos dias de festa, comer “o pão da miséria” ou “ázimos com ervas amargas”, e por que ela diz: “Humilhai vossas almas” (Dt 16,3; Ex 12,8; Lv 16,31) ou outras fórmulas semelhantes. É porque o homem, sendo composto, não lhe é possível, enquanto “a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne” (Gl 5,17), estar por inteiro na celebração da festa: ou se celebra a festa pelo espírito afligindo o corpo incapaz, por causa do “desejo da carne”, de celebrá-la com o espírito, ou ela é celebrada segundo a carne sem se dar mais espaço à festa segundo o espírito. Mas basta por ora o que dissemos com relação às festas.

24. Vejamos as palavras de Celso que nos exortam a comer carnes oferecidas aos ídolos e a participar dos sacrifícios públicos durante as festas públicas. Ei-las: *Se esses ídolos nada são, que perigo haverá em se tomar parte no banquete? E se forem demônios, é evidente que também eles pertencem a Deus, que é preciso acreditar neles e lhes oferecer segundo as leis sacrifícios e orações para torná-los benevolentes.* Em resposta, será útil ter em mãos a primeira carta aos Coríntios e explicar todo o raciocínio de Paulo sobre as oferendas aos ídolos. Nela, contra a opinião de que um ídolo nada é no mundo, ele estabelece o prejuízo causado pelas oferendas. Ele mostra aos que são capazes de entender suas palavras que receber uma parte das oferendas é um ato tão criminoso quanto derramar sangue, pois é fazer perecer irmãos pelos quais Cristo morreu. Em seguida, estabelecendo o princípio de que as vítimas dos sacrifícios são oferecidas aos demônios, ele declara que participar da mesa dos demônios é entrar em comunhão com os demônios e afirma a impossibilidade de “participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios” (1Cor 10,20-21).

Mas como a explicação detalhada desses pontos da carta aos Coríntios exigiria um tratado inteiro de amplas discussões, eu me contentarei com estas breves observações.

Se bem as examinarmos, veremos que ainda que os ídolos nada sejam, nem por isso é menos perigoso tomar parte no banquete dos ídolos. Também provei cabalmente que ainda que os sacrifícios sejam oferecidos a demônios, não devemos tomar parte neles, pois sabemos a diferença que existe entre a mesa do Senhor e a dos demônios e, sabendo disso, fazemos tudo para sempre termos parte na mesa do Senhor, mas evitando a todo custo jamais ter parte na mesa dos demônios.

25. Celso, aqui, afirma que os demônios pertencem a Deus e que, por esta razão, é preciso acreditar neles e lhes oferecer segundo as leis sacrifícios e orações a fim de os tornar propícios. Devemos pois ensinar a respeito desse ponto, a quem deseje, que o Logos de Deus recusa declarar como propriedade de Deus seres maus, pois ele os julga indignos de tão grande Senhor. Por isso nem todos os homens são chamados homens de Deus, mas somente os que são dignos de Deus: tais eram Moisés, Elias, e todos os que receberam na Escritura o título de homem de Deus, ou os que são semelhantes aos que o recebem. E da mesma forma, nem todos os anjos são chamados anjos de Deus, mas somente os bem-aventurados; os que se voltaram para o mal são chamados anjos do diabo (cf. Mt 25, 41), como os homens maus são chamados homens de pecado, filhos da pestilência, filhos da iniquidade. E porque alguns homens são bons, outros são maus, por isso se diz de uns que são de Deus e de outros que são do diabo, e da mesma forma os anjos, uns são de Deus, e outros são maus; mas a divisão em dois grupos não vale mais para os demônio: está provado que são todos maus. Por isso declaramos falsas as palavras de Celso: se são demônios, é evidente que também eles pertencem a Deus. Ou então mostre quem quiser que não há razão válida para se fazer a distinção no caso dos homens e dos anjos, ou então que se pode apresentar uma razão de valor igual a respeito dos demônios.

26. Se isto for impossível, é evidente que os demônios não pertencem a Deus: pois seu chefe não é Deus, mas, como dizem as divinas Escrituras, Belzebu. Tampouco se deve acreditar nos demônios, ainda que Celso nos conclame para eles, mas é preferível morrer a obedecer aos demônios, e além disso suportar qualquer coisa por obediência a Deus. Também não se deve sacrificar aos demônios, pois é impossível sacrificar aos seres maus que fazem o mal aos homens. Além do mais, donde provêm as leis em virtude das quais Celso quer que sacrifiquemos aos demônios? Serão acaso leis de cidades? Prove ele que elas se harmonizam com as leis divinas. E se não consegue provar, pois as leis de muitas cidades não são concordes entre si, é claro que não são leis em sentido próprio, ou leis de homens maus nos quais não se deve acreditar. Pois "é preciso obedecer a Deus antes do que aos homens" (At 5,29).

Desprezemos então o conselho de Celso segundo o qual é preciso orar aos demônios; ele não merece a menor atenção. É preciso orar ao Deus supremo único, e também ao Logos de Deus, seu Filho único, Primogênito de toda criatura, e pedir-lhe, como Sumo Sacerdote, que leve nossa prece, uma vez recebida, até ao seu Deus e nosso Deus, seu Pai e o Pai dos que vivem segundo o Logos de Deus. Não gostaríamos de ter a benevolência dos homens que, querendo nos fazer viver segundo sua malícia, não

concedem sua benevolência a ninguém que tenha abraçado o partido contrário; pois a sua benevolência nos torna inimigos de Deus, que não concede sua benevolência aos que querem granjear a deles. Da mesma forma, tendo compreendido a natureza dos demônios, sua determinação e malícia, jamais pretendemos angariar a sua benevolência.

27. Com efeito, ainda que não tenhamos obtido a benevolência dos demônios, nada podemos sofrer de sua parte. Estamos sob a proteção do Deus supremo que a piedade torna benévola e que encarrega seus anjos divinos de proteger os que merecem, para que não sofram nenhum mal dos demônios. Mas, quando se obtém a benevolência do Deus supremo por causa da piedade que lhe temos e porque recebemos do Senhor Jesus, que é o Anjo do Grande Conselho de Deus, com abundância a benevolência de Deus por meio de Jesus Cristo, nada tendo a sofrer de todo o exército dos demônios, podemos dizer corajosamente: "O Senhor é minha luz e minha salvação: de quem terei medo? O Senhor é a fortaleza de minha vida: frente a quem temerei?" (Sl 26,3). Também podemos dizer: "Ainda que um exército acampe contra mim para devorar minha carne, meu coração não temerá" (Sl 26,3). Assim respondemos à sua objeção: "Se os ídolos são demônios, é evidente que eles também pertencem a Deus, que é preciso crer neles e lhes oferecer segundo as leis dos sacrifícios e das orações para torná-los benevolentes".

Prática da abstinência

28. Citemos ainda a passagem seguinte e a examinemos da melhor forma: *Se é por respeito a uma tradição que eles se abstêm de vítimas desse gênero, eles deveriam abster-se completamente de carne de animal, como fazia Pitágoras no seu respeito pela alma e pelos órgãos. Mas se, como dizem, é para não festejar com os demônios, felicito-os por sua sabedoria de compreender tardiamente que eles não deixam de ser os comensais dos demônios. Mas eles só dão atenção a isso vendo uma vítima imolada. E contudo o pão que eles comem, o vinho que bebem, os frutos que degustam, a própria água que bebem e o próprio ar que respiram acaso não são dádivas dos demônios que são encarregados de velar por cada um destes bens?* Não vejo como, nesta matéria, a obrigação para eles de se abster de toda carne animal lhe pareça a consequência lógica pelo fato de se absterem de certas vítimas por respeito a uma tradição. Nós negamos isto, pois a divina Escritura não nos sugere nada de semelhante. Mas, para tornar nossa vida mais forte e mais pura, ela nos diz: "É bom se abster de carne, de vinho e de tudo o que seja causa de tropeço, de queda ou de enfraquecimento para teu irmão"; "Não faças perecer por causa do teu alimento alguém pelo qual Cristo morreu" (Rm 14,21.15); "Eis porque, se um alimento é ocasião de queda para meu irmão, para sempre deixarei de comer carne, a fim de não causar a queda de meu irmão!" (1Cor 8,13).

29. No entanto, é preciso saber que os judeus, julgando compreender a lei de Moisés, têm todo cuidado em só usar alimentos considerados puros e em abster-se dos impuros e, além disso, em não deixar entrar em seus alimentos nem o sangue dos animais nem os

animais capturados por feras e muitos outros: matéria de uma vasta doutrina que não cabe aqui examinar. Mas em seu ensinamento, Jesus queria levar todos os homens à pura adoração de Deus e evitar que uma legislação por demais severa sobre os alimentos afastasse grande número de pessoas cujos costumes pudessem ser melhorados pelo cristianismo. Por isso declarou: "Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca... Pois tudo o que entra pela boca vai para o ventre e daí para a fossa. Mas o que sai da boca procede do coração e é isto que torna o homem impuro. São as más intenções, assassínios, adultérios, prostituições, roubos, falsos testemunhos e difamações" (Mt 15,11.17.19). Paulo também diz: "Não são os alimentos que nos aproximam de Deus: se deixamos de comer, nada perdemos; e, se comemos, nada lucramos" (1Cor 8,8). Em seguida, como houvesse certa obscuridade que exigia definições, "pareceu bom aos apóstolos e anciãos" que estavam reunidos em Antioquia, e como eles mesmos disseram, reunidos "pelo Espírito Santo", dirigir aos fiéis oriundos da gentilidade uma carta proibindo-lhes comer somente aquilo de que eles declararam necessário se absterem: quer dizer, as oferendas aos ídolos, as carnes sufocadas e o sangue (cf. At 15,22.28-29).

30. Com efeito, o sacrifício é oferecido aos demônios e o homem de Deus não deve participar da mesa dos demônios. As carnes sufocadas, porque o sangue não é separado e é apresentado como o alimento dos demônios que se alimentam de suas exalações, são proibidas pela Escritura, que não deseja que tenhamos o mesmo alimento que os demônios; pois, talvez, se nos servíssemos de carnes sufocadas, alguns deles se alimentariam ao mesmo tempo que nós. E o que acaba de ser dito das carnes sufocadas pode mostrar claramente por que nos abstemos do sangue. Além disso, para mim não ficaria fora de propósito mencionar a belíssima máxima que a maior parte dos cristão lê nas *Máximas* de Sexto: "Comer carne de animais é coisa indiferente; abster-se delas é mais sensato." Portanto, não é simplesmente por respeito a uma tradição que nos abstemos daquilo que se supõe terem sido vítimas sacrificadas aos pretensos deuses, heróis ou demônios, mas por muitas razões das quais apontei algumas. Além disso, se é preciso nos abster de toda carne animal, isso não se faz da mesma forma como nos abstemos do pecado e de suas consequências. É preciso abster-nos não só da carne animal, mas também de qualquer outro alimento se seu uso implica no pecado e em suas consequências; pois devemos abster-nos de comer seduzidos pela gula, ou atraídos pelo prazer, esquecidos da saúde do corpo e do cuidado que devemos ter com ele.

Entretanto, não admitimos, de modo algum, a metensomatose da alma nem sua queda em animais irracionais, e se por vezes nos abstemos da carne de animais, evidentemente não é pelo mesmo motivo que Pitágoras que nos privaremos dela. Pois sabemos honrar somente a alma racional e confiar com honra seus órgãos a uma sepultura honrada conforme os costumes estabelecidos. De fato, a habitação da alma racional merece não ser rejeitada sem honra e ao acaso como a dos seres irracionais; e principalmente quando os cristãos acreditam que a honra prestada ao corpo em que a alma racional habita recai sobre a pessoa dotada de uma alma que por esse órgão combateu o bom combate. Mas "como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam?" (1Cor 15,35), expliquei isto

acima, como o assunto o requeria.

31. Em seguida, Celso lembra que os judeus e os cristãos concordam em dizer, para justificarem sua abstinência das oferendas aos ídolos: quando uma pessoa é consagrada ao Deus supremo, não tem o direito de ser comensal dos demônios; e a esse respeito ele faz a observação já referida. Para nós, não existe outro modo de ser comensal dos demônios em questão de alimento e bebida a não ser comer o que o povo chama de vítimas sagradas e de beber o vinho das libações que são feitas aos demônios. Para Celso é ser comensal dos demônios comer pão, beber vinho de algum modo qualquer, saborear frutos, e até beber apenas água: mesmo então, diz ele, aquele que bebe é comensal dos demônios. Chega até a afirmar que o ar respirado neste mundo é concedido por certos demônios, pois os demônios encarregados do ar concedem aos vivos o ar da respiração.

Toda pessoa tem a liberdade de acreditar na doutrina de Celso e mostrar como a administração de tudo o que ficou dito depende não dos anjos divinos de Deus, mas dos demônios cuja raça inteira é perversa. Também nós dizemos que é sob a dependência, por assim dizer, de invisíveis agricultores e de outros seres, que administram não apenas as plantas que nascem da terra, mas também de toda água de fonte e todo ar, que a terra produz aquilo que afirmamos ser regido pela natureza; que a água cai em forma de chuva e corre para as fontes e rios que dela nascem; que o ar conserva sua pureza e traz vida aos que o respiram. Mas nós, naturalmente, não dizemos que esses seres invisíveis são demônios. Se podemos arriscar dizer alguma coisa, diremos que, exceto aquelas outras, são obras dos demônios: as fomes, as esterilidades da vinha e das árvores e mesmo a corrupção do ar, causa de danos aos frutos, às vezes da morte dos animais e de peste entre os homens. Tudo isso é realizado pelos próprios demônios; espécie de carrascos que são, receberam por alguma decisão divina o poder de causar pragas para converter os homens abandonados à deriva das ondas do vício ou para exercitar a raça dos seres racionais: para permitir aos que permanecem piedosos mesmo nas calamidades e nada perder de sua virtude de se manifestar assim aos espectadores visíveis e invisíveis, que até então não viam o brilho de sua alma, e a fim de que os outros, cujas disposições são contrárias, mas evitam mostrar seu vício, submetidos à prova revelem sua essência verdadeira, eles mesmos tomem consciência e se mostrem por assim dizer aos espectadores.

32. Mas, conforme o testemunho do Salmista, são anjos maus que em virtude de uma decisão divina causam diretamente as grandes desgraças: "Lançou contra eles o fogo de sua ira: cólera, furor e aflição, anjos portadores de desgraças; deu livre curso à sua ira" (Sl 77,49). Será que os demônios recebem às vezes o poder de causar outras desgraças ainda, uma vez que sempre as querem, mas nem sempre conseguem porque são impedidos em suas ações? Quem puder que examine a questão. Enquanto for possível à natureza humana, que se mostre a decisão divina com referência à partida em massa fora de seus corpos de uma multidão de almas tomando caminhos em direção da morte, coisa em si indiferente. Realmente, "grandes são as decisões de Deus" e essa grandeza as torna incompreensíveis a uma inteligência que permanece acorrentada a um corpo mortal; e

por isso "elas são difíceis de explicar", e para as almas sem instrução, absolutamente fora de seu alcance (cf. Sb 17,1). Dessa forma os temerários, em sua ignorância a esse respeito e em sua revolta contra Deus provocada por sua temeridade, multiplicam as doutrinas ímpias contra a Providência.

Portanto, não é dos demônios que recebemos as diferentes coisas necessárias à vida, especialmente quando aprendemos a usar delas como se deve. Ninguém é comensal dos demônios quando recebe pão, vinho, frutos, água e ar, mas muito mais comensal dos anjos divinos encarregados desses elementos, que são, por assim dizer, convidados à mesa do homem piedoso, atento aos ensinamentos da Escritura: "Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus" (1Cor 10,31). Também se diz em outro lugar: "Quer comais, quer bebais, fazei-o em nome do Senhor Jesus" (Cl 13,17). Portanto, quando comemos, bebemos, respiramos para glorificar a Deus e fazemos tudo segundo a Escritura, não somos comensais de algum dos demônios, mas dos anjos divinos. Com efeito, "tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado com ação de graças, porque é santificado pela Palavra de Deus e pela oração" (1Tm 4,4-5). Mas essas criaturas não teriam sido boas nem capazes de serem santificadas se, como crê Celso, os demônios tivessem recebido a administração delas.

A verdadeira ação de graças

33. É claro que desta forma repliquei antecipadamente ao que ele diz a seguir: *Ou então é preciso de todo modo renunciar a viver e a vir a este mundo, ou se alguém veio à vida nestas condições, deve dar graças aos demônios que receberam em herança as coisas da terra, oferecer-lhes primícias e orações toda a vida, a fim de obter sua benevolência.* Sem dúvida, é preciso viver, e viver segundo as palavras de Deus enquanto for possível e se puder viver segundo ela. Ora, isto nos é concedido mesmo quando comemos e quando bebemos fazendo tudo para glorificar a Deus. Não devemos recusar comer com ação de graças ao Criador estas coisas que foram criadas para nós. Nestas condições é que fomos levados por Deus a esta vida e não nas que Celso imagina. Não é aos demônios que estamos sujeitos, mas ao Deus supremo por Jesus Cristo que nos levou a ele.

De acordo com as leis de Deus, nenhum demônio recebeu em herança as coisas da terra. Mas por causa de sua transgressão, talvez tenham eles partilhado estes lugares dos quais está ausente o conhecimento de Deus e da vida conforme seus preceitos, nos quais os homens estranhos acorrem à divindade. Talvez também porque eles eram dignos de governar e castigar os maus, o Logos que administra todas as coisas os tenha colocado na cabeça daqueles que se sujeitaram ao mal e não a Deus. Por isso Celso, em sua ignorância de Deus, pode testemunhar seu reconhecimento aos demônios. Nós, porém, que damos graças ao Criador do universo, comemos os pães oferecidos com ação de graças e oração sobre as oferendas, pães que se tornaram pela oração um corpo santo que santifica os que os usam com reta intenção.

34. Além disso, Celso quer consagrar primícias aos demônios. Mas nós o fazemos ao

que disse: "Que a terra verdeje de verdura: ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem sobre a terra, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente" (Gn 1,11). Aquele a quem oferecemos as primícias também é aquele ao qual fazemos subir nossas orações, pois "temos um sumo sacerdote eminente, que atravessou os céus, Jesus, o Filho de Deus" (Hb 4,14), e permanecemos firmes nesta fé que professamos, enquanto vivermos, obtendo a benevolência de Deus e de seu Filho único, que se manifestou a nós em Jesus.

E se desejamos ter um grande número de seres cuja benevolência queremos obter, aprendemos que "mil milhares os serviam, e miríades de miríades o assistiam" (Dn 7,10). Esses seres, olhando como parentes e amigos os que imitam sua piedade para com Deus, colaboram para a salvação dos que invocam a Deus e a ele oram verdadeiramente; aparecem-lhes e creem ser seu dever ouvir e visitar — em consequência de um acordo de prestação de serviço e salvação — os que oram a Deus, a quem eles mesmos oram. Pois "são todos eles espíritos servidores, enviados ao serviço dos que devem herdar a salvação" (Hb 1,14). Portanto, os *sábios da Grécia podem dizer que os demônios receberam em herança a alma humana desde o nascimento!* Mas Jesus nos ensinou a não desprezarmos os pequeninos na Igreja, quando disse: "Os seus anjos nos céus veem continuamente a face de meu Pai que está nos céus" (Mt 18,10). E o profeta declara: "O anjo do Senhor acampa ao redor dos que o temem, e os liberta" (Sl 33,8).

Assim sendo, não negamos que haja muitos demônios na terra. Pelo contrário, afirmamos sua existência, seu poder sobre os maus por causa da malícia destes, sua total impotência contra os que estão revestidos da "armadura de Deus", que receberam a força de seu poder para resistir "às insídias do diabo" e que se exercitam lutando constantemente contra eles, porque sabem que o combate que travam "não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais" (Ef 6,10-12).

Devemos ter medo dos demônios?

35. Consideremos esta outra passagem de Celso: *O quê! O sátrapa, o governador, o general, o procurador do rei da Pérsia ou do imperador de Roma, talvez mesmo os que exercem cargos, ofícios ou serviços inferiores, teriam o poder de causar graves danos se fossem postos de lado, enquanto os sátrapas e ministros do ar ou da terra não causariam senão prejuízos leves se fossem ultrajados?* Vê, pois, de que modo ele representa como autores de graves danos para os que os ultrajam ministros humanos do Deus supremo: sátrapas, governadores, generais, procuradores e os que exercem cargos, ofícios e serviços inferiores! Ele não vê que um homem sábio jamais desejaria prejudicar a quem quer que fosse, mas faria o possível para converter e melhorar até mesmo os que o ultrajam. A não ser talvez que os que Celso apresenta como os sátrapas governadores, generais do Deus supremo sejam piores que Licurgo, legislador de Lacedemônia, e Zenão de Cício. Pois Licurgo, tendo em seu poder o homem que lhe tinha vazado um

olho, não só não se vingou, mas não cessou de lisonjeá-lo até o persuadir a se dedicar ao estudo da filosofia. O mesmo se diga de Zenão: alguém lhe dizia: "Que eu morra, se não me vingar de ti!" Respondeu ele: "E eu, se não conseguir a tua amizade!"

E nada direi tampouco daqueles que foram formados pelo ensinamento de Jesus e ouviram o mandamento: "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; desse modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus, porque ele faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos" (Mt 5,44-45). E nas palavras do profeta, diz o justo: "Senhor, meu Deus, se eu fiz algo... se em minhas mãos há injustiça, se paguei com o mal ao meu benfeitor, se poupei sem razão o meu opressor, que o inimigo me persiga e alcance! Que me pisoteie vivo por terra e atire meu ventre contra a poeira!" (Sl 7,4-6).

36. Mas não é verdade, como julga Celso, que os anjos, verdadeiros sátrapas, governadores, generais, procuradores de Deus, causam danos aos que os ultrajam. Se alguns demônios causam danos, estes demônios dos quais o próprio Celso tem uma ideia, assim o fazem porque são maus e não receberam de Deus nenhuma missão de sátrapa, general, procurador; e causam prejuízos aos que lhes estão sujeitos e a eles se entregaram como a seus senhores. Esta talvez seja a razão por que aqueles que, em cada região, infringem as leis estabelecidas sobre os alimentos que lhes são proibidos comer sofrem danos, se estiverem entre os súditos destes demônios. Mas quem não faz parte destes súditos e não se entregou ao demônio deste lugar, permanece isento de toda sevícia da parte deles e se ri desses poderes demoníacos. Entretanto, se, por causa da ignorância dele sobre outros pontos, sujeitou-se a outros demônios, pode sofrer da parte deles. Mas não o cristão, o verdadeiro cristão que se sujeitou a Deus somente e a seu Logos: não pode sofrer absolutamente nada dos seres demoníacos, pois é superior aos demônios. E não pode sofrer porque "o anjo do Senhor acampa ao redor dos que o temem", e "seus anjos no céu veem continuamente a face do Pai que está nos céus" (Sl 33,8; Mt 18,10), e este anjo continuamente apresenta suas orações pelo único Sumo Sacerdote ao Deus do universo e ele mesmo se une à oração daquele que está sob sua tutela. Que Celso, portanto, não nos atemorize ameaçando-nos de dano a sofrer da parte de demônios que teríamos posto de lado. Pois não existe dano algum que os demônios postos de lado possam nos causar: pertencemos àquele que é o único capaz de socorrer os que o merecem, e que contudo encarregou igualmente seus anjos de guardarem os que têm piedade com ele, a fim de que nem os anjos adversários nem seu chefe chamado "príncipe deste mundo" (Jo 14,30) possam fazer absolutamente qualquer coisa contra as pessoas consagradas a Deus.

37. Em seguida, ele esquece que se dirige a cristãos que oram a Deus exclusivamente mediante Jesus, mistura doutrinas diferentes e as atribui sem razão aos cristãos dizendo: *Se pronunciamos seus nomes em língua bárbara, terão poder, mas se for em grego ou em latim, já não terão.* Que nos seja mostrado então aquele cujo nome invocamos numa língua bárbara para o chamar em auxílio! Veremos claramente a insanidade desta crítica de Celso constatando que a multidão dos cristãos não usa em suas orações nomes que

estão literalmente nas divinas Escrituras para designar a Deus, mas os gregos usam palavras gregas, os romanos palavras latinas e assim cada qual segundo sua própria língua, para orar a Deus e o louvar como pode. E o Senhor de toda língua ouve os que oram em cada língua, como se ouvisse uma voz por assim dizer única no que ela quer dizer, embora se expresse em diversas línguas. Pois o Deus supremo não é dos que receberam como herança uma língua bárbara ou grega, ignorando as outras e sem qualquer atenção com os que falam outras línguas.

38. Depois disso, ele declara estas palavras, não ouvidas de qualquer cristão, mas de um cristão do povo, estranho às nossas leis e à nossa cultura: *Os cristãos dizem: eis que estou diante da estátua de Zeus, de Apolo ou de algum outro deus, eu o injurio e o golpeio, e ele não se vinga de mim.* Isto não é conhecer a prescrição da Lei: "Não falarás mal dos deuses" (Ex 22,28), para que nossa boca não se habitue a falar mal de quem quer que seja, pois conhecemos o preceito: "Abençoai os que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoeis" (Rm 12,14), e conhecemos o ensinamento: "Os caluniadores não herdarão o Reino de Deus" (1Cor 6,10). Haverá entre nós alguém tão estúpido que diga isso sem ver que esse tipo de argumento é absolutamente incapaz de destruir a opinião que muitos têm dos pretensos deuses? Pois aqueles que professam o ateísmo radical e negam a Providência, e por suas doutrinas perversas e ímpias fundaram uma escola dos assim ditos filósofos, eles mesmos nada tiveram que sofrer com aquilo que o povo considera como males, nem tampouco aqueles abraçaram suas doutrinas; mas eles têm ao contrário riqueza e saúde corporal. E se procurarmos o prejuízo que eles sofreram, veremos que é prejuízo na inteligência. Pois que dano maior haverá que o de não compreender a partir da ordem do mundo aquele que o fez? E que miséria pior haverá senão a cegueira da inteligência, que impede de ver o Criador e pai de toda inteligência?

Efeitos da Paixão e do martírio

39. Depois de nos ter atribuído tais palavras, caluniando os cristãos que nada dizem de semelhante, julga dar-se a si mesmo uma réplica, que parece mais uma brincadeira do que defesa; e diz como se dirigisse a nós estas palavras: *Não vês acaso, meu caro, que as pessoas se erguem diante do teu demônio, que não só o injuriam, mas também o expulsam de toda a terra e de todo o mar; e a ti, como uma estátua que lhe é consagrada, elas te amarram, te arrastam ao suplício e te crucificam. E o demônio ou, como dizes, o Filho de Deus, não se vinga de ninguém.* Essa réplica teria cabimento, se disséssemos o que ele acha que dizemos. E ainda, neste caso, não seria dizer a verdade chamar o Filho de Deus de demônio. Certamente que não, para nós que declaramos maus todos os demônios, aquele que converteu tantos homens a Deus não era demônio, mas o Logos e o Filho de Deus. Mas para Celso que jamais falou de demônios maus, não sei por que apresentou Jesus como demônio. No final, porém, se há de realizar tudo o que a Escritura anuncia sobre os ímpios que terão recusado todos os remédios e serão surpreendidos em sua malícia por assim dizer incurável.

40. Qualquer forma que nossa pregação assuma do castigo, convertemos muitos homens de seus pecados ensinando-lhes o castigo. Mas consideremos aquilo que no dizer de Celso responde *o sacerdote de Apolo ou de Zeus: "Lentamente giram as mós dos deuses, diz ele, mesmo sobre os filhos que nascerão no futuro* (Homero, Il. XX, 308)." Aí está por que é superior o que se ensina: "Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos em lugar dos pais. Cada um será executado por seu próprio crime"; "Todo homem que tiver comido uvas verdes terá seus dentes embotados"; "O filho não sofre o castigo da iniquidade do pai, como o pai não sofre o castigo da iniquidade do filho: a justiça do justo será imputada a ele, exatamente como a impiedade do ímpio será imputada a ele" (Dt 24,16; Jr 31,30; Ez 18,20). E se, como equivalente ao versículo: "Sobre os filhos que nascerão no futuro", citássemos este texto: "Puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração dos que me odeiam" (Ex 20,5), devemos saber que se trata aí de provérbio citado em Ezequiel quando ele repreende os que dizem: "Os pais comeram uvas verdes, e os dentes do filhos ficaram embotados. A isso ele acrescenta: "Por minha vida, oráculo do Senhor, aquele que pecar, esse morrerá" (Ez 18,3-4). Mas não é oportuno explicar agora o que significa a parábola sobre os pecados que são punidos até a terceira e quarta geração.

41. Em seguida, ele nos agride como fazem as velhas: *Insultando suas estátuas, zombas dos deuses; mas se houvesses insultado ao próprio Dioniso ou a Héracles em pessoa, talvez não tivesses escapado tão airosamente. Teu Deus foi torturado e crucificado em pessoa, e os autores deste crime nada precisaram sofrer, nem mesmo durante sua vida a seguir. E desde então o que aconteceu de novo que possa fazer acreditar que não era feiticeiro, mas o filho de Deus? Dessa forma Deus que tinha enviado seu Filho para levar certa mensagem o desprezou no momento de torturas tão cruéis que a própria mensagem pereceu com ele; e embora tão longo tempo tenha se passado, ele não deu a mínima atenção a ela. Já se viu um pai tão injusto? Sem dúvida, este, como dizes, queria que seu destino se realizasse, e é a razão de tais ultrajes. Mas esses deuses contra os quais blasfemas, poderíamos dizer que eles também querem isto, e por esse motivo eles suportam as blasfêmias. Pois a melhor comparação só é relativa a coisas iguais. Nossos deuses, pelo menos, vingam-se secretamente do blasfemo, obrigado por isso a fugir e a se esconder ou a ser preso e executado.*

A isso posso responder que não insultamos a ninguém: estamos convencidos de que "os que insultam serão excluídos do Reino de Deus" (cf. Lc 6,28); lemos os textos: "Abençoai os que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoeis" (Rm 12,14); conhecemos estas palavras: "Somo amaldiçoados, e bendizemos" (1Cor 4,12). E embora o insulto encontre uma desculpa na defesa a opor aos erros que tememos, ainda assim a palavra de Deus no-la proíbe; quanto mais devemos nós nos abster se o insulto manifesta uma grande tolice. Seria isto certamente tolice semelhante a insultar a pedra, o ouro ou a prata aos quais foi dada uma forma considerada como a dos deuses pelas pessoas muito distantes da divindade. Desta forma, não zombamos sequer destas estátuas, no máximo de seus adoradores. Mas ainda que haja demônios morando nestas estátuas, ainda que um seja considerado Dioniso, outro Héracles, não as insultamos: seria coisa vã e

absolutamente contrária à mansidão, à paz e à tranquilidade de nossa alma, que aprendeu que não se deve insultar a ninguém, seja homem ou demônio, por sua malícia.

42. Não sei como Celso, que ainda há pouco celebrava os deuses, se atreve agora contra suas próprias palavras a mostrar realmente a maldade deles: pois eles castigam mais por espírito de vingança e não para reformar os que os insultam. Diz ele: se houvesses insultado ao próprio Dioniso ou a Héracles em pessoa, talvez não tivesses escapado tão airosamente. Mostre, porém, quem quiser como uma pessoa ausente pode entender alguma coisa, porque ora está presente, ora ausente, e que necessidade têm os demônios de passar de um lugar a outro.

Depois disso, crendo que chamamos Deus ao corpo de Jesus torturado e crucificado e não à divindade que nele está, e que nós o consideramos como Deus quando era torturado e crucificado, ele diz: Teu Deus foi torturado e crucificado em pessoa e os autores deste crime nada sofreram. Como falei extensamente acima do que ele sofreu em sua humanidade, omito falar aqui propositadamente a esse respeito para não parecer que estou me repetindo. Uma vez que ele afirma que aqueles que torturaram a Jesus nada precisaram sofrer, nem mesmo em sua vida posterior, eis o que lhe mostrarei bem como a quem quiser saber: a cidade em que o povo judeu condenou Jesus a ser crucificado clamando: "Crucifica-o, crucifica-o" (Lc 23,21) — pois eles preferiram que fosse libertado aquele bandido lançado na prisão por causa de sedição e assassínio e que Jesus que tinha sido entregue por inveja fosse crucificado — esta cidade pouco tempo depois foi atacada e sofreu cerco tão prolongado que foi arrasada até os alicerces e devastada, pois Deus julgava indignos de participar da vida em comum os que moravam nestes lugares. E ele até os poupava, se posso usar esta expressão estranha, quando, vendo-os incapazes de uma cura salutar e destinados a crescer de dia a dia na onda de sua malícia, os entregou a seus inimigos. E isso aconteceu por causa do sangue de Jesus que foi derramado pela trama que eles urdiram em sua terra, já incapaz de suportar os que tinham ousado praticar esse crime contra Jesus.

43. Eis o que aconteceu novamente desde a paixão de Jesus: quero dizer o destino desta cidade e de toda a nação judaica, e o nascimento repentino da raça dos cristãos, que parece ter sido gerada de repente. O que também é novo foi o fato de pessoas estranhas às alianças de Deus e excluídas das promessas, distantes da verdade, a terem aceito por milagre divino. Não foi obra de feiticeiro, mas de Deus, que para anunciar sua mensagem enviou seu Logos em Jesus. Ele foi tão cruelmente torturado que essa crueldade deve ser imputada aos que injustamente o torturaram, e ele a suportou com coragem extrema e mansidão total. Mas sua paixão, em vez de fazer fracassar a mensagem de Deus, ao contrário, se assim podemos dizer, concorreu para a tornar conhecida, como o próprio Jesus tinha ensinado: "Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto" (Jo 12,24). Portanto, por sua morte o grão de trigo que foi Jesus produziu muito fruto, e o Pai exerce uma providência contínua para com os que foram, ainda são e serão os frutos produzidos pela morte desse grão de trigo. O Pai de Jesus é pois pai justo: não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por nós

como seu cordeiro, para que o Cordeiro de Deus, morrendo pela salvação de todos, tirasse o pecado do mundo. Assim, não foi obrigado pelo Pai, mas quis suportar os suplícios que lhe eram infligidos por seus perseguidores.

E depois disso, voltando a atacar os que blasfemam contra as estátuas, diz Celso: Mas esses deuses contra os quais blasfemas, poderíamos dizer que eles também querem isto, e por esse motivo suportam as blasfêmias. Pois a melhor comparação só é relativa a coisas iguais. Nossos deuses, pelo menos, vingam-se secretamente do blasfemo, obrigado por isso a fugir e a se esconder ou a ser preso e morto. Mas os demônios acreditam se vingar dos cristãos não porque estes blasfemem contra eles, mas porque os expulsam das estátuas e dos corpos e das almas dos seres humanos. Celso, sem compreender, disse uma coisa verdadeira a esse respeito: pois é verdade que os demônios perversos enchem as almas daqueles que condenam e entregam as almas daqueles que se deliciam com lhes mover guerra.

44. Entretanto, como as almas daqueles que morrem pelo cristianismo, gloriosamente libertados de seu corpo pela religião, destruíam o poder dos demônios e faziam fracassar sua trama contra os homens, por essa razão, penso eu, os demônios, reconhecendo por experiência sua derrota e a vitória das testemunhas da verdade, tiveram medo de voltar a se vingar, e assim, até que tenham esquecido os sofrimentos por que passaram, o mundo estará provavelmente em paz com os cristãos. Mas quando eles reunirem seu poder e quiserem, em sua cega maldade, vingar-se ainda dos cristãos e persegui-los, sofrerão ainda a derrota; e então de novo as almas dos fiéis piedosos, que por sua religião se desfazem de seu corpo, destruirão o exército do Maligno.

Mas, a meu ver, os demônios percebem claramente que uns, vitoriosos até em sua morte pela religião, acabam com a dominação deles, e outros, vencidos pelos sofrimentos, submetem-se ao seu poder negando a piedade para com Deus. Lutam ardorosamente às vezes com os cristãos que são entregues, porque sua confissão os tortura e sua negação os deixa no sossego. Podemos perceber sinais disso na atitude dos juízes: eles são torturados pela paciência dos cristãos no meio dos maus tratos e das provações, mas se orgulham de sua derrota. É porque sua ação não é inspirada por sua, assim chamada, filantropia, pois veem claramente que entre os que sucumbem debaixo dos tormentos, a língua abjura, "mas seu coração não abjura". Aí está minha resposta à sua observação: Nossos deuses pelo menos se vingam severamente do blasfemo, obrigado por isso a fugir e a se esconder ou a ser preso e executado. E se acontece que um cristão fuja, não é por medo, mas para obedecer ao preceito de seu mestre, conservar-se livre e ajudar na salvação dos outros.

Verdade dos oráculos

45. Vejamos ainda a passagem seguinte: *Será preciso enumerar todos os oráculos feitos nos santuários por uma voz divina através dos profetas e profetisas e outros inspirados, homens e mulheres; todas as maravilhas ouvidas no fundo de seus santuários; todas as revelações obtidas das vítimas e dos sacrifícios; todas as*

manifestações que provêm de outros prodígios? Outros se beneficiaram com aparições notórias. Toda a vida está repleta desses fatos! Quantas cidades foram fundadas graças aos oráculos ou libertadas de epidemias ou de fomes! Quantas pereceram miseravelmente por tê-los desprezado ou esquecido! Quantas foram fundadas com colônias por sua ordem e prosperaram por terem seguido suas prescrições! Quantos príncipes, quantos particulares pelo mesmo motivo tiveram êxito ou fracassaram! Quantas pessoas desoladas por não terem filhos obtiveram o que pediram e escaparam da cólera dos demônios! Quantas enfermidades corporais foram curadas! Quantos, em compensação, por terem ultrajado santuários, foram imediatamente castigados! Alguns foram fulminados no mesmo instante por demência, outros confessaram seus crimes; uns se mataram, outros foram vitimados por doenças incuráveis. Alguns até foram aniquilados por uma voz terrível que vinha do santuário. Não sei por que Celso, que apresenta estas histórias como manifestas, considerou como fábulas os prodígios relatados em nossos escritos a respeito dos judeus, de Jesus e de seus discípulos. Por que nossos escritos não seriam verdadeiros, e as histórias de Celso invenções fabulosas? Elas não encontram crédito nas escolas filosóficas dos gregos como as de Demócrito, Epicuro, Aristóteles, que talvez tivessem feito acreditar as nossas por causa de sua evidência, se tivessem conhecido Moisés ou algum dos profetas que realizaram milagres, ou mesmo ao próprio Jesus.

46. Conta-se que a Pítia às vezes se deixou corromper para fazer oráculos. Nossos profetas, ao contrário, foram admirados pela clareza de suas mensagens, não apenas por seus contemporâneos, mas igualmente pela posteridade. Pois, graças aos oráculos dos profetas, foram construídas cidades, homens recuperaram a saúde, fomes acabaram. Além disso, é claro que a nação inteira dos judeus, conforme os oráculos, veio do Egito fundar colônias na Palestina. Enquanto ela seguiu as prescrições de Deus, prosperou; quando se afastou delas, teve que se arrepender. E será preciso dizer quantos príncipes e quantos particulares segundo os relatos da Escritura tiveram êxito ou fracassaram conforme foram fiéis às profecias ou as desprezaram?

Deveremos ainda falar da ausência de filhos de que se lamentavam os pais e as mães que erguiam preces ao Criador do universo por esse motivo? Leia-se a história de Abraão e Sara (cf. Gn 17,16-21): deles já velhos nasceu Isaac, o pai de toda a raça judaica e de outras raças. Leia-se igualmente a história de Ezequias, que não só obteve a graça de ser libertado de uma doença, conforme as profecias de Isaías, mas ousou dizer com toda segurança: "Desde agora hei de procriar filhos que anunciarão a tua justiça" (cf. Is 38,1-8.19). Além disso, no quarto livro dos Reis, a hospedeira de Eliseu, que pela graça de Deus profetizou o nascimento de um filho, tornou-se mãe pela oração do profeta (cf. 2Rs 4,8-17). E também inúmeras enfermidades foram curadas por Jesus. E muitos que tinham ousado se entregar aos sacrilégios contra o culto exercido no templo de Jerusalém sofreram os castigos narrados nos livros dos Macabeus (cf. 1Mac 2,23-25; 7,47; 9,54-56; 2Mac 3,24-30; 4,7-17; 9,5-12).

47. Os gregos dirão que são fábulas, embora a verdade destas histórias seja atestada

pelos dois povos inteiros. Mas por que então as histórias dos gregos não seriam fábulas em vez destas? Se encaramos diretamente a questão sem qualquer prevenção arbitrária a favor de suas próprias histórias e sem incredulidade com relação às dos estrangeiros, poderíamos dizer: as dos gregos vêm dos demônios, as dos judeus de Deus pelos profetas, ou dos anjos e de Deus pelos anjos, e as dos cristãos de Jesus e de seu poder que residia em seus apóstolos. Que me seja permitido compará-las todas entre si vendo o objetivo visado pelos que as realizaram e o resultado delas, proveito ou prejuízo ou ineficácia para os que viveram seus pretensos benefícios. Veremos certamente a sabedoria do antigo povo dos judeus antes de ultrajar a divindade. Esta os abandonou mais tarde pela gravidade de sua malícia. Mas ela milagrosamente reuniu os cristãos, conduzidos desde o começo, mais pelos prodígios do que pela força persuasiva dos discursos, a abandonar as crenças tradicionais para escolher as que lhes eram estranhas. Com efeito, se é preciso uma explicação verossímil da reunião inicial dos cristãos, diremos que não é plausível que os apóstolos de Jesus, homens iletrados e ignorantes, tivessem fundamentado sua segurança para anunciar o cristianismo aos homens sobre algo que não fosse o poder que lhes tinha sido dado e sobre a graça unida à palavra para mostrar a verdade dos fatos; nem tampouco que seus ouvintes tivessem renunciado a seus hábitos ancestrais inveterados sem que um poder notável e atos milagrosos os tivessem levado a doutrinas tão novas, estranhas àquelas nas quais eles tinham sido educados.

A eternidade dos castigos e das recompensas

48. Então, não sei por quê, Celso recordando a coragem dos que lutam até a morte para não abjurarem o cristianismo, acrescenta, comparando por assim dizer nossas doutrinas com as que são professadas pelos iniciadores e mistagogos: *Além de tudo, meu caro, tal como tu acreditas em castigos eternos, os intérpretes dos mistérios sagrados, iniciadores e mistagogos, também acreditam. As ameaças que diriges aos outros, eles as dirigem a ti mesmo. Cabe examinar quais das duas são as mais verdadeiras e as mais poderosas. Pois em palavras cada um afirma com igual energia a verdade de suas doutrinas próprias. Mas quando se exigem provas, os outros exibem grande número de evidências, apresentam obras de certos poderes demoníacos e oráculos, oriundas de todas as espécies de adivinhações.*

Com isso ele pretende que nossa doutrina concernente aos castigos eternos é a mesma que a dos iniciadores aos mistérios, e quer examinar qual das duas é a mais verdadeira. Ora, não posso afirmar que seja verdadeira a doutrina capaz de por os ouvintes na disposição dos judeus e dos cristãos, com relação ao que eles chamam o século futuro com suas recompensas para os justos, e seus castigos para os pecadores. Mostre Celso, ou qualquer outro, aqueles aos quais os iniciadores e mistagogos inspiram com tais disposições com relação aos castigos eternos! É provável que a intenção do autor desta doutrina não seja apenas permitir sacrifícios expiatórios e discursos sobre os castigos, mas também dispor os ouvintes a fazerem todo o possível para evitarem eles mesmos os

atos que são a causa dos castigos. Além disso, a leitura atenta das profecias me parece capaz de convencer o leitor inteligente e de boa fé que o Espírito de Deus estava presente nestes homens. Com estas profecias não se pode comparar de modo algum nenhuma das obras demoníacas que são exibidas, nem ações milagrosas devidas aos oráculos, nem adivinhações.

49. Vejamos ainda as palavras que Celso nos dirige a seguir: *Além disso, não é de vossa parte uma conduta absurda: de um lado, desejar o corpo e esperar que esse mesmo corpo ressuscite, como se não existisse para vós nada de melhor nem mais precioso do que isso, e em compensação expô-lo aos suplícios como coisa desprezível. Mas com homens imbuídos de tais opiniões e presos ao corpo, essa discussão não vale a pena: são pessoas aliás grosseiras e impuras que, sem nenhuma razão, são contaminadas pela revolta. Mas naturalmente, discutirei com os que esperam a eternidade junto de Deus para a sua alma e sua inteligência, quer a chamem princípio espiritual, espírito inteligente, santo e bem-aventurado, alma viva, produto celeste e incorruptível da natureza divina e incorpórea, ou com algum nome que lhes agrade chamá-la. Eles pelos menos têm esta opinião correta que os que levaram vida virtuosa serão felizes, mas os injustos serão punidos para sempre com castigos eternos. É uma doutrina que nem eles nem ninguém deve jamais abandonar.*

A respeito da ressurreição, Celso muitas vezes nos dirigiu críticas; já fiz o possível para deixar claro o que me parece sensato a esse respeito; não responderei indefinidamente a uma afronta indefinidamente repisada. Mas Celso nos calunia atribuindo-nos a ideia de que em nossa constituição nada há de melhor nem de mais precioso do que o corpo. Pois dizemos que a alma, e principalmente a alma racional, é mais preciosa do que qualquer corpo, porque é a alma que contém o que é "à imagem do Criador" (Cl 3,10), e de modo algum o corpo. Pois segundo nossa visão, Deus não é um corpo; rejeitamos os erros absurdos em que caem os adeptos da filosofia de Zenão e de Crisipo.

50. Como ele nos critica por desejarmos o corpo, que saiba bem que se o desejo é mau, nós não desejamos nada, mas se é indiferente, desejamos todos os bens que Deus prometeu aos justos. Dessa forma, então, desejamos e esperamos a ressurreição dos justos. Celso acredita que temos uma atitude contraditória, esperando, de um lado, a ressurreição do corpo como se fosse digno de honra junto de Deus, expondo-o, de outro lado, aos suplícios como coisa desprezível. Mas o corpo que sofre pela religião e escolhe as tribulações pela virtude de modo algum é desprezível; o que é inteiramente desprezível é o corpo que se consumiu nos prazeres pecaminosos. Pelo menos é o que a divina Escritura declara: "Qual raça é digna de honra? A raça dos homens. Qual raça é digna de desprezo? A raça dos homens" (Eclo 10,19).

Em seguida, Celso julga que devemos recusar discutir com os que esperam recompensa para o corpo, como se estivessem irracionalmente presos a objeto inapto para obter o que eles esperam. Eles os chama de grosseiros e impuros que, sem nenhuma razão, são contaminados pela revolta. Mas se ele amasse os homens, deveria vir em

socorro até de pessoas grosseiras. A sociabilidade não exclui as pessoas grosseiras como ela exclui os animais irracionais. Ao contrário, nosso Criador nos criou sociáveis igualmente com todos os homens. Portanto, vale a pena discutir mesmo com pessoas grosseiras para as conduzir na medida do possível a uma vida mais civilizada, com pessoas impuras para as tornar mais puras na medida do possível, com os que, sem nenhuma razão, pensam qualquer coisa e cuja alma está doente, para que não façam mais nada contrário à razão e não tenham mais a alma doente.

51. Depois disso, ele aprova os que esperam a eternidade e a identidade junto de Deus para a alma ou a inteligência, que entre eles se chama princípio espiritual, espírito racional, inteligente, santo e bem-aventurado, alma viva. Admite como opinião justa a doutrina segundo a qual os que levaram vida virtuosa serão felizes, mas as pessoas injustas serão punidas para sempre com os castigos eternos. Além disso, acho admiráveis acima de tudo o que Celso jamais escreveu, estas palavras que concluem as observações anteriores: é uma doutrina que nem eles nem ninguém deve jamais abandonar. Mas Celso escrevia contra os cristãos, cuja fé repousa plenamente em Deus e nas promessas de Cristo aos justos e em seus ensinamentos sobre o castigo dos injustos: ele deveria ver que um cristão que aceita os argumentos de Celso contra os cristãos e abandona o cristianismo, rejeitando o Evangelho, rejeita igualmente esta doutrina que, segundo o próprio Celso, nem os cristãos nem ninguém jamais deve abandonar.

Vejo que em sua obra Arte de curar as paixões Crisipo procede com mais humanidade do que Celso. Ele pretende curar as paixões que oprimem e perturbam a alma humana, principalmente pelas doutrinas que ele julga sadias, mas também, em segundo ou terceiro lugar, pelas doutrinas estranhas às suas máximas. "Supondo-se que existam três espécies de bens, diz ele, mesmo assim é preciso preocupar-se com as paixões. Não é no momento de seu paroxismo que se insiste na doutrina que ocupa o espírito dos que por ela são perturbados. Perdendo tempo em refutar, fora de propósito, as doutrinas que se apossaram da alma, correríamos o risco de deixar passar a cura que ainda é possível." E acrescenta: "E supondo-se que o prazer seja o Soberano Bem e que este seja o pensamento daquele que se deixa dominar pela paixão, seria preciso contudo socorrê-lo e mostrar-lhe que, mesmo quando se admite o prazer como o Soberano Bem e o Fim, toda paixão é condenável."

Admitindo-se que os que levaram uma vida virtuosa serão felizes e que as pessoas injustas serão punidas para sempre com castigos eternos, Celso deveria ser consequente consigo mesmo e, se fosse capaz, depois do argumento que lhe parece principal, devia definir e demonstrar longamente a verdade da afirmação segundo a qual as pessoas injustas serão punidas para sempre com castigos eternos, e que os que tiverem levado uma vida virtuosa serão felizes.

52. Quanto a nós, o que queremos principalmente, por causa das inúmeras razões que nos persuadiram a viver conforme o cristianismo, é familiarizar todos os homens, enquanto possível, com todas as doutrinas cristãs. Mas acaso encontramos pessoas tão seduzidas pela calúnia contra os cristãos a ponto de imaginarem que os cristãos não são

religiosos, e de recusarem até ouvir aqueles que professam ensinar os mistérios do divino Logos? Nosso amor então à humanidade nos leva a investir todas as forças para estabelecer as teses a respeito do castigo eterno reservado aos ímpios, e inculcar a própria doutrina nos que não querem viver como cristãos. Dessa forma também queremos implantar a convicção de que os que levaram uma vida virtuosa serão felizes, observando que até estranhos à fé dão sobre a vida virtuosa diversos argumentos semelhantes aos nossos; pois não encontraríamos ninguém que tivesse perdido inteiramente as noções comuns do bem e do mal, do justo e do injusto.

Assim, vendo o mundo e, no mundo, o movimento controlado do céu e das estrelas na esfera dos fixos, e a ordem dos planetas levados em sentido inverso do movimento do mundo, vendo a mistura dos ares e das águas para a utilidade dos animais e principalmente do homem, e a abundância das coisas criadas para os homens, que todos os homens cuidem de não fazer nada que desagrade ao Criador do universo, de suas almas e do espírito que está nelas. Que estejam convencidos de que serão castigados por causa de seus pecados, mas receberão daquele que trata cada um segundo seu mérito uma recompensa proporcional às obras perfeitas e convenientes. Que todos os homens sejam persuadidos que eles passarão a uma vida feliz pelas suas boas ações, mas que os maus serão miseravelmente entregues aos sofrimentos e aos tormentos pelas suas injustiças, intemperanças, excessos, como também pela sua covardia, pusilanimidade e toda loucura.

Reconhecimento aos seres que nos protegem

53. Depois de ter insistido tanto neste ponto, vejamos ainda outra passagem de Celso: *Os homens nascem presos a um corpo, quer em razão da economia do universo, quer em expiação de sua falta, quer porque a alma é carregada de paixões até ser purificada em períodos determinados. Pois, segundo Empédocles, é necessário que "durante mil anos a alma dos mortais vagueie errante longe dos bem-aventurados mudando de forma com o tempo"* (Empédocles, *Fragm*. B 115). *Portanto, é preciso acreditar que os homens foram confiados à guarda de certos carcereiros desta prisão.*

Observa aqui mais uma vez que em questões tão graves, ele hesita de maneira bem humana, e dá prova de prudência citando as teorias de numerosos autores sobre a causa de nosso nascimento, sem ousar afirmar que uma delas seja falsa. Uma vez, porém, decidido a não dar seu assentimento levianamente e *a não opor uma recusa temerária às opiniões dos Antigos*, porventura não chegava ele à conclusão lógica: se ele não quisesse acreditar na doutrina dos judeus enunciada por seus profetas nem a Jesus, devia permanecer hesitante e admitir como provável que aqueles que prestaram seu culto ao Deus do universo e que, para a honra que lhe é devida e pela observação das leis que eles acreditavam provenientes dele, se expuseram não poucas vezes a perigos sem conta e à morte, não tiveram o desprezo de Deus, mas uma revelação foi feita também a eles: pois desdenharam as estátuas produzidas por arte humana e procuraram subir pelo raciocínio até o próprio Deus supremo. Deveriam ter considerado que o Pai e Criador de

todos os seres, que vê tudo, ouve tudo e julga segundo seu mérito a determinação de toda pessoa em procurá-lo e em querer viver na piedade, concede também a eles o fruto de sua proteção, para que progridam na ideia de Deus que eles receberam uma vez. Refletindo sobre esse ponto, Celso e os que odeiam Moisés e os profetas entre os judeus, Jesus e seus verdadeiros discípulos que se consomem por suas palavras, não teriam insultado deste modo a Moisés e aos profetas, a Jesus e a seus apóstolos. Eles não punham só os judeus abaixo de todas as nações da terra, chamando-os de inferiores até mesmo aos egípcios que, por superstição ou por qualquer outra causa ou erro, rebaixam o mais possível até aos animais irracionais a honra que eles devem à divindade.

Todas as observações são feitas, não para induzir alguns a duvidarem da doutrina do cristianismo, mas para estabelecer que seria preferível, para os que injuriam tão temerariamente a doutrina dos cristãos, hesitar pelo menos em falar do assunto e não dizer com tanta audácia de Jesus e de seus discípulos o que ignoram, e que eles afirmam sem aquilo que entre os estoicos é chamado "uma representação compreensiva", nem qualquer outro critério pelo qual cada escola filosófica estabeleceu, como bem lhe pareceu, a realidade de um dado fenômeno.

54. Em seguida, quando Celso declara: É preciso crer que os homens foram confiados à guarda de certos carcereiros desta prisão, devemos responder-lhe que mesmo na vida dos que Jeremias chama "os cativos da terra" (Lm 3,34), a alma virtuosa pode ser libertada dos laços do pecado. Pois Jesus afirmou isto, como muito antes de sua vinda à terra o predissera o profeta Isaías. E que dizia ele antecipadamente senão aos cativos: "saí", e àqueles que vivem nas trevas: "vinde à luz" (Is 49,9)? E o próprio Jesus, como Isaías também predissera: "O povo que andava nas trevas viu uma grande luz, uma luz raiou para os que habitavam uma terra sombria como a da morte". É por isso que podemos dizer: "Rebentemos os grilhões, sacudamos de nós suas algemas!" (Is 9,2; Sl 2,3).

Se Celso e os que têm a mesma hostilidade contra nós podiam penetrar no sentido profundo dos Evangelhos, eles não nos teriam aconselhado a obedecer aos que ele chama os carcereiros desta prisão. Ao contrário, está escrito no Evangelho: "Uma mulher estava inteiramente recurvada e não podia de modo algum endireitar-se". Jesus a viu, e entendendo por que estava recurvada sem poder se endireitar de modo algum, disse: "E esta filha de Abraão que Satanás prendeu há dezoito anos, não convinha soltá-la no dia de Sábado?" (Lc 13,11.16). Quantos outros, atualmente presos a Satanás, estão recurvados e não podem de modo algum se endireitar, porque ele quer nos obrigar a olhar para baixo! E não existe ninguém que possa endireitá-los a não ser o Logos que veio habitar em Jesus e antes tinha inspirado os profetas. Sim, Jesus veio libertar todos os que estavam sujeitos ao diabo, a respeito do qual ele declarou com uma profundidade digna dele: "Agora o príncipe deste mundo está julgado" (Jo 16,11).

Por conseguinte, *nós não insultamos os demônios deste mundo,* mas condenamos suas atividades que visam a perda do gênero humano, pois sua intenção é, sob pretexto de oráculos e curas dos corpos e de outros prodígios, separar de Deus a alma que caiu no "corpo de miséria" (cf. Fl 3,21). Os que compreenderam esta miséria exclamam: "Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte?" (Rm 7,24). Tampouco é verdade que

entregamos em vão nosso corpo à tortura e ao suplício. Não lhes entregamos em vão nosso corpo quando, recusando proclamar deuses os demônios que envolvem a terra, servimos de alvo a seus ataques e aos de seus devotos. Pareceu-nos até razoável crer que é agradar a Deus entregar-nos à tortura pela virtude, ao suplício pela piedade, e à morte pela santidade. Pois "é preciosa diante de Deus a morte de seus santos" (Sl 115,6). E nós afirmamos que é bom não amar a vida. Mas Celso nos compara *aos malfeitores que merecem com razão os sofrimentos que lhes são infligidos por seu banditismo,* e ele não se envergonha de comparar nosso tão belo objetivo ao dos bandidos. Por estas palavras ele é de fato o irmão dos que incluíram Jesus entre os malfeitores, realizando o oráculo da Escritura: "E foi contado com os transgressores" (Is 53,12; Lc 22,37).

55. Em seguida, Celso declara: *De duas coisas uma, como exige a razão. Se eles se negam a prestar o culto habitual aos que presidem às atividades seguintes, que renunciem a chegar à idade de homem, a se casar, a aceitar ter filhos e a nada mais fazer na vida, mas saiam todos deste mundo sem deixar a menor posteridade, e desta forma sua raça liberte totalmente a superfície da terra. Mas se eles pretendem se casar, ter filhos, saborear dos frutos, ter parte nas alegrias desta vida e suportar os males que ela implica — pois a natureza quer que todos os homens sofram males, a existência dos males é necessária e não encontrariam lugar em outra parte senão nesta vida — então é preciso prestar aos seres que os presidem as honras que merecem, cumprir o culto devido nesta vida até que eles sejam libertados de seus laços, para não parecerem ingratos com eles. Seria de fato injusto ter parte em seus bens sem nada lhes pagar em retorno.*

Ao que respondo: a única maneira de sair da vida que julgamos razoável é a que pedem a religião e a piedade, quando os juízes ou os que parecem ter nossas vidas à sua discrição nos propõem a alternativa ou de viver desobedecendo aos preceitos de Jesus, ou de morrer obedecendo às suas palavras. Além do mais, Deus nos permitiu casar porque nem todos são capazes de compreender o bem superior da pureza absoluta; e permitiu a todos os que se casaram educar plenamente os que nasceram, mas não destruir os filhos dados pela Providência. Nada há que contradiga nossa intenção de não obedecer aos demônios que dividiram a terra entre si; pois, armados com a armadura de Deus, nós nos insurgimos como os atletas da piedade contra a raça dos demônios que conspiram contra nós.

56. Portanto, apesar da pretensão de Celso de nos fazer abandonar a vida todos juntos para que, pensa ele, nossa raça livre totalmente a superfície da terra, viveremos na dependência de nosso Criador segundo as leis de Deus, não desejando por nada deste mundo ser escravos das leis do pecado. Casamo-nos se quisermos e aceitarmos os filhos nascidos desses casamentos. E se necessário, participaremos das alegrias desta vida, suportando os males que ela implica como provações da alma. É o termo empregado comumente pelas divinas Escrituras para designar as aflições dos homens. Por elas, como o ouro no fogo, a alma provada ou é condenada, ou é manifestada em sua admirável virtude. E estamos tão bem preparados para os males de que nos fala Celso

que chegamos mesmo a dizer: "Examina-me, Senhor, coloca-me à prova, depura meus rins e meu coração" (Sl 25,2). Pois "um atleta não recebe a coroa se não lutou segundo as regras" já agora na terra contra seu corpo de miséria (2Tm 2,5; Fl 3,21).

Recusamo-nos também a prestar honras habituais aos seres que Celso diz serem encarregados das coisas deste mundo. Adoramos o Senhor, nosso Deus, e só a ele servimos, orando para sermos imitadores de Cristo. Pois, à sugestão do diabo: "Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares", Jesus respondeu: "Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele prestarás culto" (Mt 4,9-10). Eis por que recusamos prestar honras habituais aos seres que Celso chama de encarregados das coisas deste mundo, uma vez que "ninguém pode servir a dois senhores" (Mt 6,24), nem podemos "servir ao mesmo tempo a Deus e a Mamon", não importando se este último termo designa um ou vários seres. Além disso, se "pela transgressão da Lei" (Rm 2,23), recusamos honrar o legislador, parece-nos claro que, diante da oposição das duas leis, a de Deus e a de Mamon, é preferível para nós recusar a honra a Mamon transgredindo a lei de Mamon para honrar a Deus, observando a lei de Deus, em vez de recusar a honra a Deus, transgredindo a lei de Deus, a fim de honrar a Mamon.

57. Celso crê que se cumpre a obrigação do culto devido nesta vida, até que os homens sejam livres de seus laços, quando se oferecem sacrifícios conforme os costumes dos povos a cada um dos deuses reconhecidos em cada cidade. É desconhecer o verdadeiro dever exigido pela piedade autêntica. Nós, porém, dizemos que cumprimos a obrigação do culto de modo conveniente nesta vida, quando, lembrados do Criador e dos atos que lhe são agradáveis, fazemos tudo para agradar a Deus.

Celso também quer que não sejamos ingratos com os demônios deste mundo, acreditando que devemos sacrifícios a eles de ação de graças. Nós, porém, esclarecendo a doutrina da ação de graças, dizemos que, recusando sacrificar a seres que não nos fazem nenhum bem, mas se erguem contra nós, não existe ingratidão de nossa parte. Recusamos apenas ser ingratos com Deus, que nos cumula de bens, pois somos suas criaturas, objetos de sua Providência, qualquer seja a sorte de que ela nos julgou dignos, aguardando, depois desta vida, o cumprimento das esperanças que ele nos deu. E temos como sinal de nossa gratidão a Deus o pão chamado "Eucaristia".

Mas, como ficou dito acima, os demônios não controlam a marcha das coisas criadas pelas nossas necessidades. Por isso não há injustiça em participarmos dos bens criados sem oferecer sacrifícios a seres que nada têm a ver com isso. E vendo, não demônios mas anjos encarregados dos frutos da terra e do nascimento dos animais, nós os louvamos e os felicitamos pelo fato de Deus lhes ter assim confiado estes bens úteis à nossa raça. Mas estamos longe de lhes prestar a honra devida a Deus: Deus não quer isto, tampouco eles a quem estes bens são confiados por Deus. E nos felicitam mesmo por nos abstermos desses sacrifícios em vez de oferecê-los: não precisam absolutamente das exalações que promanam da terra.

58. Celso prossegue: *Podemos saber dos egípcios que até nestas matérias mais ínfimas existe um ser ao qual foi confiada autoridade. Dizem eles que trinta e seis demônios*

ou certos deuses do ar foram encarregados do corpo do homem distribuído em partes — outros falam até de um número bem maior — e que cada qual deles recebeu a ordem de se encarregar de uma destas partes. Sabem eles os nomes desses deuses na língua da terra: Chnumen, Chnachumen, Knat, Sikat, Biú, Eru, Erebiú, Rhamanor, Rheianoor, e todos os outros que eles chamam em sua língua. Invocando-os, eles curam as doenças das diversas partes. O que é então que nos impede honrar a estes ou àqueles se preferimos gozar de boa saúde e não ficar doentes, ter uma vida feliz e não miserável, escapar enquanto possível das torturas e dos suplícios?

Desta forma, Celso tenta submeter nossa alma aos demônios, como se eles tivessem recebido o encargo de nossos corpos. Sustenta que cada um preside a uma parte de nosso corpo. Quer que acreditemos nesses demônios que ele menciona, e que lhes prestemos culto para ter boa saúde e evitar a doença, levar vida feliz e não miserável e, na medida do possível, fugir das torturas. Ele desconhece a honra indivisa e indivisível que é dirigida ao Deus do universo, a ponto de não acreditar que só Deus, adorado e excelsamente honrado, basta para conceder a quem o adore, e justamente por esta adoração, um poder que detém os ataques dos demônios contra o justo. Pois ele não viu como a fórmula "em nome de Jesus", pronunciada pelos autênticos crentes, curou muitas pessoas de doenças, de possessões diabólicas e de outras aflições.

59. É bem provável que faremos rir a um partidário de Celso dizendo: "Ao nome de Jesus, se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra, e, para a glória de Deus, o Pai, toda língua confesse: Jesus é o Senhor" (Fl 2,10-11). Mas este riso não pode impedir nossa invocação de ter provas de sua eficácia mais manifestas do que o que ele conta a propósito dos nomes de Chnumen, Chnachumen, Knat, Sikat e dos outros da lista egípcia, cuja invocação curaria as doenças das diversas partes do corpo. Repara também de que maneira, desviando-nos de adorar ao Deus do universo por Jesus Cristo, ele nos convida, para curarmos nosso corpo, em trinta e seis demônios bárbaros que os mágicos do Egito são os únicos a invocar prometendo-nos não sei que maravilhas. Segundo ele, seria oportuno para nós ser mágicos e feiticeiros e não cristãos, acreditar num número infinito de demônios e não acreditar no Deus supremo por si mesmo evidente, vivo e manifesto por aquele que, com grande poder, difundiu a pura doutrina da religião por todo o mundo dos homens e mesmo, acrescentarei sem mentir, o mundo dos outros seres racionais que precisam de reforma, de cura e de conversão do pecado.

Procura dos verdadeiros bens e de Deus

60. Celso em todo caso adivinha que é fácil passar do conhecimento destas práticas à magia e, consciente do prejuízo que daí adviria para seus ouvintes, diz: *É preciso, contudo, quando alguém se une a estes demônios, cuidar para não ser absorvido pelo culto a lhes ser prestado e por amor ao corpo não se desviar dos bens superiores e ficar longe deles esquecendo-os. Talvez não seja necessário recusar crer nos sábios: eles dizem que a maior parte dos demônios terrestres, absorvidos na geração, presos*

ao sangue e ao cheiro de gordura, amarrados por encantamentos e outras práticas deste tipo, nada podem de melhor a não ser curar os corpos, predizer o destino próximo ao indivíduo e à cidade, e que sua ciência e poder não se estendem senão às atividades mortais.

Como pelo próprio testemunho deste inimigo da verdade de Deus existe tal risco nessa matéria, como não será melhor afastar toda suspeita de ser absorvido por tais demônios, amar o corpo, não nos desviar dos bens superiores, ficar longe dos bens superiores esquecendo-os; mas antes nos confiar ao Deus supremo por Jesus Cristo, que nos apresenta um ensinamento tão admirável? Devemos pedir-lhe toda ajuda e toda proteção de seus santos anjos e justos, para que nos livrem dos demônios terrestres absorvidos na geração, presos ao sangue e ao cheiro de gordura, atraídos por encantamentos estranhos, amarrados às coisas deste tipo. Segundo parecer unânime, segundo Celso, o máximo que podem fazer é curar os corpos. Eu, porém, diria que não é evidente que estes demônios, independentemente do culto que lhes seja prestado, possam curar os corpos. Para a cura dos corpos, entendendo-a como vida simples e comum, é preciso o uso da medicina; e se a pessoa aspira a uma vida superior à da multidão, é preciso a piedade com o Deus supremo e as preces que lhe são dirigidas.

61. Considera tu mesmo a disposição que agradará mais ainda ao Deus supremo cujo poder é inigualável em toda as ordens de coisas, especialmente para difundir sobre os homens os benefícios da alma, do corpo, dos bens exteriores. Será acaso a consagração total de si mesmo a Deus, ou a minuciosa investigação dos nomes, dos poderes, das atividades dos demônios, das pedras com suas inscrições que correspondem às formas tradicionais dos demônios simbolicamente ou de qualquer outra maneira? É evidente, até numa reflexão sumária, que a disposição simples e sem vã curiosidade que, por isso, se consagra ao Deus supremo, será aceita por Deus e por todos os seus familiares. Ao contrário, para a saúde física, o amor ao corpo, o êxito nas coisas indiferentes, preocupar-se com os nomes dos demônios, procurar o modo como cativar os demônios por meio de encantamentos, é querer ser abandonado por Deus, como um ser mau, ímpio e demoníaco e não humano, aos demônios que alguém escolhe pronunciando estas fórmulas, para ser atormentado, quer pelos pensamentos que cada um deles sugere, quer por outras desgraças. Pois é possível que estes seres, sendo maus e, como declara Celso, presos ao sangue, ao cheiro de gordura, aos encantamentos e a outras coisas desse tipo, não mantêm, nem com aqueles que lhes oferecem esses deleites, nem a sua fé nem, se podemos dizer, seus compromissos. Pois, se outros os invocam contra os que lhes prestaram culto e se compram seu serviço religioso com mais sangue, cheiro de gordura e este culto que eles exigem, eles podem se voltar contra aquele que ontem lhes prestava culto e lhes dava uma parte deste banquete que lhes é caro.

62. Depois de ter falado tanto a respeito disso nas páginas anteriores, depois de nos ter conduzido aos santuários dos oráculos e às suas predições cuja origem seria divina, eis que Celso escolhe um partido melhor: reconhece que a predição ao indivíduo e à cidade de seu destino próximo e o interesse revelado pelas coisas mortais é consentâneo com os

demônios terrestres que são absorvidos na geração, presos ao sangue, ao cheiro de gordura, amarrados por encantamentos e outras práticas desse tipo, e nada podem fazer de melhor. É provável que ao nos erguermos contra a pretensão de Celso de falar de Deus a respeito dos oráculos e do culto em honra dos pretensos deuses, sejamos suspeitos de impiedade porque vemos aí a ação dos demônios que rebaixam as almas humanas ao que se refere à geração. Pois bem! Que aquele teve tais suspeitas contra nós seja persuadido de que as declarações cristãs são exatas, ao ver que o próprio autor de um livro contra os cristãos chegue a esta conclusão como vencido pelo Espírito da verdade.

De nada adianta Celso dizer: *É preciso tributar honras religiosas a esses seres enquanto estiver em jogo nosso interesse, pois a razão não exige que isto seja feito sem restrição.* Não, não se deve prestar honras aos demônios presos ao cheiro da gordura e do sangue, mas fazer tudo para evitar profanar a divindade, rebaixando-a até aos demônios perversos. Se ele tivesse tido uma noção exata de nosso interesse e entendido que nosso interesse em sentido próprio é a virtude e a ação conforme a virtude, Celso não teria usado a expressão "enquanto estiver em jogo nosso interesse" a respeito de tais seres nos quais ele mesmo vê demônios. Para nós, ainda que o culto de tais demônios nos conceda a saúde e o sucesso temporal, preferimos sofrer a doença e o fracasso temporal com a consciência de uma religião pura para com o Deus do universo, e não gozar da saúde do corpo e do sucesso temporal advenientes da separação e da ruína longe de Deus, e enfim a doença e a miséria da alma. Em suma, devemos estar unidos àquele que não tem nenhuma necessidade de nada a não ser da salvação dos homens e de todo ser racional, e não aos que gostam do cheiro de gordura e do sangue.

Favor de Deus, favores dos príncipes

63. Celso, na minha opinião, depois de todas estas palavras sobre a necessidade que teriam os demônios do cheiro de gordura e de sangue, parece mudar de opinião e chegar a uma medíocre palinódia ao declarar: *Devemos antes crer que os demônios nada desejam, não precisam de nada, mas se comprazem nos que lhes tributam estes deveres de piedade.* Se tivesse acreditado que esta consideração é verdadeira, ele não deveria propor a outra, ou então eliminar esta. De fato, a natureza humana não é deixada num abandono total por Deus e pela Verdade que é seu Filho único. Da mesma forma Celso disse a verdade a respeito da necessidade que têm os demônios do cheiro de gordura e do sangue. Mas, por seu erro, caiu ainda na mentira comparando os demônios aos homens que cumprem perfeitamente seus deveres de justiça, também contra a vontade de todos, e cumulam de bens os que manifestam o seu reconhecimento.

Mas aqui ele me parece fazer uma confusão: ora ele tem o espírito perturbado pelos demônios, ora igualmente, saindo da irreflexão à qual eles levam, ele entrevê uma luz de verdade. Pois novamente acrescenta: *Quanto a Deus, jamais se deve abandoná-lo de modo algum, nem de dia nem de noite, nem em público nem em particular, em qualquer palavra e em qualquer ação de maneira contínua. Mas, nestas atividades ou*

sem elas, a alma jamais deixa de tender a Deus. Entendo a expressão "nestas atividades" no mesmo sentido que "em público, em qualquer ação, em qualquer palavra".

E ei-lo novamente atormentado pelas distrações que o assaltam da parte dos demônios, às quais ele em geral sucumbe, e acrescenta: *Sendo assim, por que este medo de procurar o favor dos que mandam neste mundo, e entre outros dos príncipes e dos reis entre os homens? Não é sem uma força demoníaca que eles obtiveram sua dignidade na terra.* Desta forma, nas páginas anteriores, ele tudo fazia para degradar nossa alma diante dos demônios. E agora, ele quer que procuremos o favor dos príncipes e dos reis entre os homens! Mas como os encontramos a cada momento da vida e da história, não julguei necessário apresentar aqui exemplos.

64. Existe só o Deus supremo cujo favor se deve procurar e a quem se deve pedir que seja propício, buscando sua graça pela piedade e por todas as virtudes. E se Celso quiser, depois do Deus supremo, tornar propícios outros protetores, deve compreender que, como o corpo que se desloca é seguido pelo movimento de sua sombra, da mesma forma o favor do Deus supremo atrai a benevolência de todos os que o amam: anjos, almas, espíritos. Eles conhecem os que merecem o favor de Deus, e não contentes em conceder sua benevolência aos que têm este mérito, colaboram com os que querem prestar culto ao Deus supremo; cheios de benevolência, com eles oram e intercedem. Em consequência disso ousamos dizer: quando os homens aspiram de todo coração aos melhores bens e oferecem a Deus sua oração, uma multidão de santos poderes, mesmo sem serem invocados, oram com eles e assistem nossa raça perecível. E, se posso dizer, combatem a nosso lado, por causa dos demônios que tais poderes veem combater e lutar contra a salvação dos que acima de tudo se consagram a Deus e desprezam o ódio dos demônios, qualquer seja seu furor contra o homem que evita prestar-lhes culto por meio do cheiro de gordura e do sangue, mas se empenha de todos os modos, por suas palavras e ações, em viver na familiaridade e na união com o Deus supremo, graças a Jesus: pois Jesus causou a derrota de número infinito de demônios ao se dirigir para todos os lugares "curando e convertendo todos os que estavam dominados pelo diabo" (At 10,38).

65. Sim, sem dúvida, devemos desprezar o favor dos homens e dos reis, não só se ele for obtido apenas à custa de assassínios, impurezas e atos criminosos, mas também se for à custa da impiedade com o Deus do universo, ou de uma palavra de servilismo e baixeza, indigna de homens corajosos e magnânimos que querem unir às outras virtudes, como sendo a mais nobre de todas, a firmeza da alma. Neste ponto, porém, nada fazemos de contrário à lei e ao Logos de Deus, *não temos a loucura de correr para excitar contra nós a cólera do imperador ou do príncipe, enfrentar os maus tratos, os suplícios e até a morte.* Pois lemos as palavras: "Todo homem se submeta às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. De modo que aquele que se revolta contra a autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus" (Rm 13,1-2). No Comentário sobre a Epístola aos Romanos, é verdade, dei da melhor forma possível explicações longas e

variadas sobre estas palavras. Aqui, só as aplico a este assunto no sentido simples e segundo a interpretação comum, pois Celso declara: Não é sem uma força demoníaca que eles obtiveram sua dignidade na terra.

A instituição dos reis e dos príncipes oferece matéria a ampla doutrina: a esse respeito se abre vasto campo de pesquisa, por causa dos que reinaram exercendo a crueldade e a tirania, ou para quem o poder foi ocasião de se entregar à moleza e à volúpia. Por isso deixo de tratar aqui da questão. Entretanto, *não juramos pela fortuna do imperador,* nem por qualquer outro que fosse visto como um deus. De fato, como afirmam alguns, ou a fortuna do imperador não passa de uma palavra como as palavras são apenas "opinião" ou "divergência", e não juramos sobre o que não tem nenhuma existência como se fosse um deus ou um ser realmente existente e dotado de poder efetivo; pois não queremos utilizar para fins proibidos o poder do juramento. Ou então, segundo o pensamento dos autores para os quais jurar pela fortuna do imperador de Roma é jurar por seu demônio, o que é chamado fortuna do imperador é seu demônio; assim sendo, devemos morrer em vez de jurar por um demônio perverso e pérfido que muitas vezes peca com o homem ao qual ele foi proposto, ou peca mesmo mais que ele.

66. Em seguida, Celso novamente, semelhante às pessoas que às vezes retornam da possessão diabólica e nela recaem, como se estivesse em período de sabedoria, se exprime neste sentido: *Se, na qualidade de adoradores de Deus, recebemos a ordem de cometer uma impiedade ou de dizer alguma coisa vergonhosa, não devemos de modo algum obedecer, mas ao contrário armar-nos contra todas as provações e resistir a mil mortes, para não dizer ou mesmo pensar a menor impiedade com Deus.* Depois, novamente por ignorância de nossa doutrina, e além disso, porque confunde tudo, ele diz: *Mas, se te ordenarem que bendigas o sol ou cantes com entusiasmo um belo hino em honra de Atena, parecerá melhor que adores o grande Deus quando cantas esses hinos. Pois a piedade com Deus é mais perfeita quando se estende a todas as coisas.*

Ora, afirmamos: para bendizermos o sol, não esperamos que alguém nos ordene, pois aprendemos a bendizer não apenas aqueles que se incluem na mesma ordem que nós, mas também os inimigos. Havemos de bendizer, portanto, o sol como uma bela criatura de Deus que guarda as leis de Deus, ouve as palavras: "Sol e mar, louvai o Senhor!" (Sl 148,3) e com todas as suas forças canta um hino ao Pai e Criador do universo. Contudo, pondo no mesmo nível Atena e o sol, as tradições dos gregos inventaram a fábula, com ou sem significações alegóricas, segundo a qual ela nasceu toda armada com o cérebro de Zeus e, perseguida um dia por Hefesto, que queria corromper sua virgindade, ela lhe escapou; mas amou a sua semente que no ardor do desejo caíra na terra; e ela educou com o nome de Erictônio, como contam, "o filho da gleba fecunda que Atena, filha de Zeus, outrora criou" (Homero, Il. II, 547-548). Vemos assim que por reconhecer Atena, filha de Zeus, devemos admitir muitos mitos e ficções que não pode admitir aquele que foge dos mitos e busca a verdade.

67. Supondo que se recorra à alegoria dizendo que Atena é a Sabedoria, é preciso mostrar que ela tem uma existência pessoal e uma natureza que fundamente esta

interpretação alegórica. Mas se Atena é um ser humano que viveu antigamente, se foi honrada com um culto pela ação dos que desejavam ver seu nome cantado entre os homens como o de uma deusa e transmitiram a seus inferiores seus mistérios e suas iniciações, muito menos é permitido bendizer e glorificar Atena como uma deusa, pois nos é proibido adorar o sol em seu esplendor, ainda que o bendigamos.

Celso afirma que veremos melhor que adoramos o Grande Deus se cantarmos também o sol e Atena. Mas sabemos que é o contrário. Só dirigimos hinos ao Deus supremo e a seu Filho único Deus Logos. Cantamos hinos a Deus e a seu Filho único, como o fazem o sol, a lua, as estrelas e todo o exército celeste. Juntos eles formam apenas um coro divino e cantam com os homens justos um hino ao Deus supremo e a seu Filho único.

Dissemos acima que não se deve jurar pelo imperador reinante sobre os homens ou por aquilo que chamam sua fortuna. Portanto, não precisamos dar uma nova resposta às suas palavras: *Mesmo que te ordenem jurar por um imperador entre os homens, nada há a temer. Pois as coisas da terra lhe foram entregues e tudo que recebemos nesta vida recebemos dele.* Mas negamos absolutamente que todas as coisas da terra lhe tenham sido entregues e que recebamos dele o que recebemos nesta vida. O que recebemos justa e honestamente, o recebemos de Deus e de sua Providência, por exemplo, os frutos comestíveis, o pão que dá força ao coração do homem, o vinho que deleita e alegra o coração do homem. E é igualmente da Providência que recebemos os frutos da oliveira para que ele faça o rosto brilhar com o óleo.

As duas pátrias

68. Celso declara em seguida: *Não se deve negar crédito ao antigo autor que outrora proclamou: "Que apenas um seja rei, aquele a quem o filho de Crono, o astuto, tiver dado esse privilégio"! Se recusas esta doutrina, é provável que o imperador te castigue. De fato, ainda que todos os homens façam como tu, nada impedirá que o imperador fique só e abandonado, que todos os bens da terra caiam sob o poder dos bárbaros muito iníquos e selvagens, e que já não se ouça falar na terra nem da religião nem da verdadeira sabedoria.* Sim, sem dúvida, que haja um só chefe e um só rei! Mas não aquele a quem o filho de Crono tiver concedido este privilégio, mas o homem a quem o tiver concedido aquele que estabelece os reis e os depõe, e que suscita na hora certa na terra o chefe útil. Não é o filho de Crono, o qual precipitou seu pai no Tártaro, como reza o mito grego, depois de o ter expulso do trono, ainda que se dê uma interpretação alegórica da história: mas é Deus que, governando todo o universo, sabe o que faz quanto à instituição dos reis.

Portanto, rejeitamos a doutrina de uma realeza outorgada pelo filho de Crono, o astuto, persuadidos de que Deus ou o Pai de Deus nada quer de astuto nem de tortuoso. Mas não recusamos a doutrina da Providência e das coisas produzidas por ela, nem principalmente, nem por via de consequência. Além disso, não é provável que um imperador nos venha a punir por nossa afirmação de que não é o filho de Crono, o

astuto, que lhe outorgou o governo, mas aquele que estabelece os reis e os depõe. Certo, portanto, que todos os homens façam como eu, recusem a doutrina de Homero, mas conservem a doutrina sobre o imperador e cumpram o mandamento: "Tributai honra ao rei!" (1Pd 2,17). Então naturalmente o imperador não será deixado só e abandonado, e os bens da terra não cairão sob o poder dos bárbaros muito iníquos e muito selvagens. Na suposição, como diz Celso, de que todos os homens façam como eu, é evidente que também os bárbaros convertidos à palavra de Deus serão muito sujeitos à lei e muito civilizados; todos os cultos serão abandonados e só o culto dos cristãos estará em vigor: sim, num só dia ele estará em vigor, pois o Logos conquista a cada instante número maior de almas.

69. A seguir, como se não percebesse a contradição de suas palavras com sua hipótese: Que todos os homens façam como tu, Celso acrescenta: *Certamente não dirás que se os romanos, convencidos por ti, negligenciassem seus ritos habituais de piedade com os deuses e os homens para melhor invocar teu Altíssimo ou a quem queiras, este desceria para combater por eles e não lhes seria necessária outra força senão a sua. Outrora, o mesmo Deus prometia isso a seus devotos e até bem mais, como vós mesmos admitis, e vede os serviços que ele prestou a eles ou a vós mesmos! Eles, em vez de dominar toda a terra, estão agora sem eira nem beira; o que ainda resta errante e clandestino no meio de vós é perseguido e conduzido à morte.*

Ele pergunta o que aconteceria se os romanos estivessem convencidos pela doutrina cristã, desprezassem as honras devidas aos pretensos deuses e os costumes que outrora estavam em uso entre os homens, e adorassem o Altíssimo. Ouça ele nossa opinião a esse respeito. Nós dizemos: "Se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus" (Mt 18,19). Pois Deus gosta de ver os seres racionais em acordo e abomina o desacordo entre eles. Que pensar no caso em que o acordo existisse não só como hoje, entre muito poucas pessoas, mas em todo o império romano? Então pedirão ao Logos que outrora disse aos hebreus perseguidos pelos egípcios: "O Senhor combaterá por vós e vós ficareis tranquilos" (Ex 14,14). E tendo pedido a ele um acordo total, poderão destruir um número bem maior de inimigos lançados em sua perseguição do que daqueles que a oração de Moisés destruiu lançando clamores a Deus juntamente com os que estavam com ele. Se as promessas de Deus aos que observam a lei não são realizadas, não é porque Deus tivesse mentido, mas porque as promessas eram feitas sob esta condição: de que eles cumprissem a lei e com ela conformassem sua vida. E se os judeus que tinham recebido estas promessas condicionais não têm mais nem eira nem beira, deve-se ver a culpa disto em todas as suas transgressões da lei e particularmente em sua recusa contra Jesus.

70. Mas, como supõe Celso, se todos os romanos convencidos começarem a rezar, eles triunfarão sobre seus inimigos; ou melhor, não terão mais nenhuma guerra, pois serão protegidos pelo poder divino que tinha prometido, para cinquenta justos, conservar intactas cinco cidades inteiras. Pois os homens de Deus são o sal do mundo que garante

a consistência das coisas da terra, e as coisas terrestres se conservam enquanto o sal não ficar insípido: "Ora, se o sal se tornar insosso, com que o salgaremos? Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça" (Mt 5,13) e entenda o sentido desta palavra. Para nós, quando Deus, deixando a liberdade ao Tentador, lhe dá todo poder de nos perseguir, somos perseguidos. Mas quando quer nos livrar desta prova, apesar do ódio do mundo que nos cerca, gozamos de paz milagrosa, confiando naquele que disse: "Coragem, eu venci o mundo" (Jo 16,33). Na verdade, ele venceu o mundo, e o mundo só tem força na medida que o queira seu vencedor, que obtém de seu Pai a vitória sobre o mundo. Nossa coragem repousa em sua vitória.

Se ele quiser que nossas lutas e combates pela religião sejam reiniciados, os adversários podem se apresentar, nós lhes diremos: "Tudo posso naquele que me conforta, Cristo Jesus nosso Senhor" (Fl 4,13). Pois, como diz a Escritura, embora dois pardais não valham um vintém, "nenhum deles cai em terra sem o consentimento do vosso Pai!" (Mt 10,29-30). E a divina Providência envolve de tal modo todas as coisas que até os cabelos da cabeça são contados por ela.

71. Em seguida, Celso, como de hábito, continua fazendo confusões, dizendo o que jamais escrevemos, e declara: *Na verdade, eis ainda algumas de tuas afirmações intoleráveis: se os que hoje reinam sobre nós, convencidos por ti, são feitos prisioneiros, convencerás também os que reinam depois deles, e a seguir a outros, se estes forem presos. E isso indefinidamente, até que, convencidos já todos os reis por ti e feitos prisioneiros, um chefe avisado, prevendo o que aconteceria, vos suprima a todos inteiramente antes que o tenhais destruído.* A razão não precisa responder a estas palavras: ninguém de nós afirma que se aqueles que reinam hoje, convencidos, são feitos prisioneiros, tentaremos convencer os seguintes. De onde tira ele esta objeção que, depois de uma sucessão contínua dos últimos convencidos por nós, e feitos prisioneiros por não terem punido a seus inimigos, um chefe avisado, prevendo o que aconteceria, nos suprima a todos inteiramente? Aí de novo parece ele acumular as inépcias que ele profere por sua própria conta.

72. Depois disso, Celso exprime uma espécie de desejo: *Oxalá os habitantes da Ásia, da Europa, da Líbia, gregos e bárbaros, entrassem em acordo para observarem uma só lei até as extremidades da terra!* Depois, vendo que a coisa é impossível, acrescenta: *Para pensar isso, é preciso não conhecer nada.* Se devemos dizer alguma coisa sobre essa questão que exigiria tantas pesquisas e provas, eis algumas palavras para esclarecer não só a possibilidade, mas a verdade daquilo que ele diz sobre esse acordo unânime de todos os seres reconhecíveis para observar uma só lei. Os adeptos do Pórtico dizem que, uma vez realizada a vitória do elemento que eles julgam mais forte do que os outros, ocorrerá o incêndio que abrasará tudo num grande fogo. Nós afirmamos, porém, que um dia o Logos dominará toda a natureza racional e transformará cada alma em sua própria perfeição, no momento em que todo indivíduo, usando apenas sua simples liberdade, escolherá aquilo que o Logos quer e obterá o estado que ele tiver escolhido. Declaramos

ser impossível que, tal como nas doenças e nos ferimentos do corpo em que certos casos são rebeldes a todos os recursos da arte médica, haja igualmente no mundo das almas uma sequela do vício impossível de curar pelo Deus racional e supremo. Pois o Logos e seu poder de curar são mais fortes do que todos os males da alma. Ele aplica esse poder a cada qual segundo sua vontade; e o fim do tratamento é a destruição do mal. Não tenho em vista aqui nem a possibilidade nem a impossibilidade absoluta de ele voltar.

Sem dúvida as profecias falam muito em termos obscuros da total destruição do mal e da reforma de todas as almas, mas basta por ora levar em conta a passagem seguinte de Sofonias: "Ao menos tu me temerás. Aceitarás a lição; e não se apagarão de seus olhos todas as visitas que lhe fiz. Mas, não! Eles continuaram a perverter todas as suas obras! Por isso, esperai-me — oráculo do Senhor — no dia em que me levantar como testemunha; porque é minha ordem reunir as nações, congregar os reinos, para derramar sobre vós a minha cólera, todo o ardor de minha ira. (Pois pelo fogo de meu zelo será consumida toda a terra). Sim, então darei aos povos lábios puros, para que todos possam invocar o nome do Senhor e servi-lo sob o mesmo jugo. Do outro lado dos rios da Etiópia, os meus adoradores trarão oferenda. Naquele dia, não terás vergonha de todas as tuas más ações, pelas quais te revoltaste contra mim, porque, então, afastarei do teu seio teus orgulhosos fanfarrões; e não continuarás mais a te orgulhar em minha montanha santa. Deixarei em teu seio um povo pobre e humilde, e procurará refúgio no nome do Senhor o Resto de Israel. Eles não praticarão mais a iniquidade, não dirão mentiras; não se encontrará em sua boca língua dolosa. Sim, eles apascentarão e repousarão sem que ninguém os inquiete" (Sf 3,7-13).

Cabe elucidar a profecia ao que consegue captar o sentido profundo da Escritura e compreender toda esta passagem. Que examine em particular o sentido destas palavras: depois da destruição de toda a terra, será devolvida "aos povos uma língua para a sua geração" (Gn 11,1-9). Que considere o sentido destas palavras: "Para que possam todos invocar o nome do Senhor e servi-lo sob o mesmo jugo", de modo que sejam afastados do teu seio os orgulhosos fanfarrões", e não haja mais iniquidade, mentiras, língua dolosa.

Eis o que julguei bom citar simplesmente e sem demonstração rigorosa, por causa de Celso, que julga impossível que os habitantes da Ásia, da Europa, da Líbia, gregos e bárbaros entrem em acordo para observarem uma só lei. Talvez de fato seja impossível para os que estão sempre nos corpos, mas não para os que estão livres deles.

73. Logo a seguir, Celso nos exorta a *socorrer o imperador com todas as forças, colaborar com suas justas obras, combater por ele, servir com seus soldados se o exigir, e com seus estrategos.* A isso devemos responder: quando se apresenta a ocasião, damos aos imperadores um socorro divino, por assim dizer, revestindo-nos da "armadura de Deus" (Ef 6,11). Fazemos isso para obedecer à voz do Apóstolo que diz: "Eu recomendo, pois, antes de tudo, que se façam pedidos, orações, súplicas e ações de graças, por todos os homens, pelos reis e todos os que detêm a autoridade" (1Tm 2,1-2). E quanto mais piedade se tem, com tanto maior eficácia se socorre aqueles que reinam, bem melhor do que os soldados que saem a combate e matam tantos inimigos quantos

podem.

Mas eis ainda o que se poderia dizer aos estranhos à fé, que exigem que combatamos como soldados pelo bem público e que matemos os homens. Mesmo aqueles que, segundo vós, são sacerdotes de certas estátuas e guardiães dos templos de vossos pretensos deuses, têm o cuidado de conservar sua mão direita sem mancha pelos sacrifícios, para oferecer àqueles que chamais deuses os sacrifícios tradicionais com mãos puras de sangue e de crime. E sem dúvida, em tempo de guerra, não alistais vossos sacerdotes. Portanto, se esta conduta é razoável, quanto mais não será a dos cristãos! Enquanto outros combatem como soldados, eles combatem como sacerdotes e servos de Deus; conservam pura a sua mão direita, mas lutam com orações dirigidas a Deus por aqueles que combatem justamente e por aquele que reina com justiça, para que tudo o que se opõe e é hostil aos que agem justamente possa ser vencido. Além disso, nós que por nossas preces vencemos todos os demônios que suscitam as guerras, fazem violar os juramentos e perturbam a paz, damos ao imperador um auxílio muito maior do que os que vemos combater. E colaboramos com as causas públicas fazendo subir, na justiça, nossas preces associadas aos exercícios e às meditações que ensinam a desprezar os prazeres e a não mais os ter como guias. Mais do que os outros, combatemos pelo imperador. Não servimos com seus soldados, mesmo que ele o exija, mas combatemos por ele organizando um exército especial, o da piedade, pelas súplicas que dirigimos à divindade.

74. E se Celso quiser ver-nos servir igualmente como estrategos pela defesa da pátria, saiba ele que também o fazemos, mas não para atrair os olhos dos homens e obter deles por esta conduta uma glória fútil. Nossas orações são feitas no segredo no íntimo da alma e sobem como as dos sacerdotes pela salvação de nossos compatriotas. Os cristãos são até mais úteis às pátrias do que o resto dos homens: eles educam seus concidadãos, ensinam-lhes a piedade com Deus, guardião da cidade; fazem subir para uma cidade celeste e divina os que levaram vida honesta nas menores cidades. Poderíamos dizer-lhes: foste fiel (cf. Lc 16,10; 19,17) numa cidade bem pequena, vem agora para a grande, em que "Deus se levanta no conselho divino e, em meio aos deuses, ele os julga"; ele aceita contar-te entre eles com a condição de que não queiras mais morrer como um homem, nem cair "como qualquer dos príncipes" (Sl 81,1.7).

75. Celso nos convida ainda *a participar do governo da pátria se for necessário para a defesa das leis e da piedade.* Mas, sabendo que por trás de toda cidade se encontra outro gênero de pátria estabelecida pelo Logos de Deus, convidamos para assumirem o governo das igrejas aqueles cuja doutrina e santidade de vida tornam aptos para tal função. Rejeitando os que aspiram ao poder, obrigamos os que, no excesso de sua modéstia, evitam apressadamente a tarefa de cuidar da Igreja de Deus. E os que nos governam sabiamente, depois de terem sido assim obrigados, governam sob as ordens do grande Rei que lhes impõe este cuidado, e acreditamos ser o Logos de Deus, o Filho de Deus. E quer escolhidos, quer obrigados, se os governantes na Igreja governam sabiamente a pátria conforme Deus, quero dizer a Igreja, eles governam segundo as

ordens de Deus sem violar em nada por isso as leis estabelecidas.

Não, não é verdade que os cristãos fogem dos serviços comuns da vida quando abandonam os cargos públicos. Mas eles se reservam para o serviço mais divino e mais necessário da Igreja de Deus pela salvação dos homens. Eles governam ao mesmo tempo conforme a necessidade e a justiça. Velam por todos: por aqueles que estão dentro para que vivam melhor a cada dia; por aqueles que parecem estar do lado de fora para que se empenhem nas palavras e nas ações veneráveis da piedade; e para que assim, adorando verdadeiramente a Deus e formando o maior número possível de fiéis, sejam impregnados do Logos de Deus e da lei divina, e sejam unidos ao Deus supremo por Aquele que, Filho de Deus, Logos, Sabedoria, Verdade, Justiça, lhe une todo aquele que se esforça por viver em tudo segundo a vontade de Deus.

76. Eis, pois, concluída aqui, pio Ambrósio, conforme a força que recebi e de que disponho, a tarefa que me havias confiado. Meus oito livros contêm tudo o que julguei útil opor ao livro de Celso intitulado *Discurso verdadeiro*. A leitura de seu tratado e de minha resposta fará discernir qual das obras respira mais o espírito do verdadeiro Deus, o tom da piedade para com ele, a verdade das sãs doutrinas que, chegando aos homens, os incitam para a vida melhor.

Fica ciente, todavia, que Celso tinha prometido compor outro tratado além daquele em que prometeu ensinar aos que quiserem e puderem crer como se deve viver. Portanto, se ele não cumpriu a promessa de escrever um segundo Discurso, podemos nos contentar com os oito livros compostos contra o primeiro. Mas se ele o iniciou e concluiu, procura o tratado e mo envia. Então, também contra ele porei em ação tudo o que o Pai da verdade me dá para refutar as opiniões falsas que nele se encontram, e, onde ele disser a verdade, dar testemunho, sem espírito de chicana, da justeza de suas palavras.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué

2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmias

3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma

4. Contra as heresias, Ireneu de Lião

5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão

6. Sermões, Leão Magno

7. A Trindade, S. Agostinho

8. O livre-arbítrio, S. Agostinho

9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho

9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho

9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho

10. Confissões, S. Agostinho

11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho

12. A Graça (I), S. Agostinho

13. A Graça (II), S. Agostinho

14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia

15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia

16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho

17. A doutrina cristã, S. Agostinho

18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio

19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho

20. Contra Celso, Orígenes

21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho

22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers

23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo

24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho

25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho

26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio

27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo

27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo

27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo

28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno

29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo

32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital
Erivaldo Dantas

Tradução
Orlando dos Reis

Introdução e notas
Roque Frangiotti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orígenes
Contra Celso/Orígenes; [tradução Orlando dos Reis; introdução e notas Roque Frangiotti]. São Paulo: Paulus, 2004. (Patrística; 20)
Título original: Pròs tòn epigegramménon tôu Kélsou alethê lógon

eISBN 9788534938945

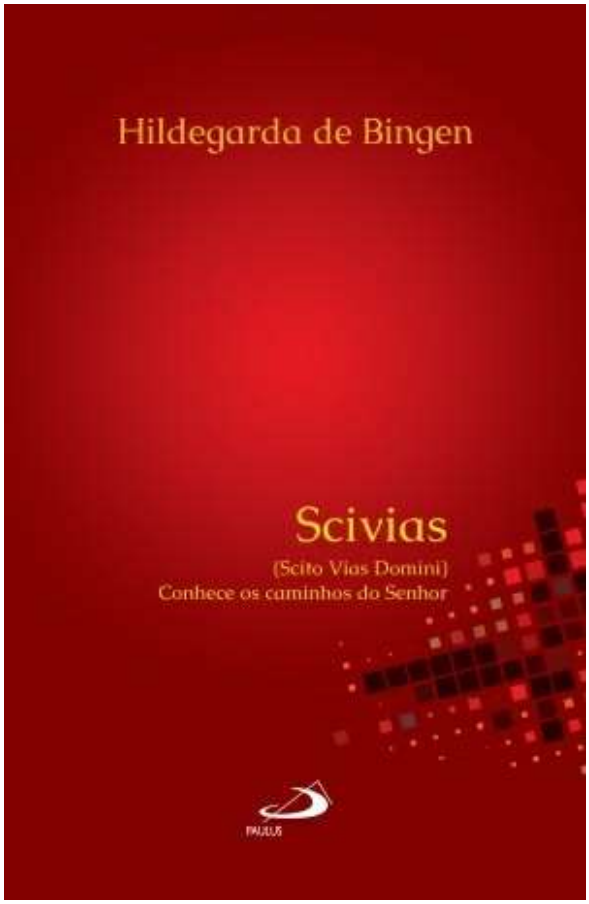
1. Literatura cristã primitiva 2. Orígenes 3. Padres da Igreja primitiva I. Frangiotti, Roque. II. Título. III. Série.

04-1467 CDD-281.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Padres da Igreja: Literatura cristã primitiva 281.1
Título original
Pròs tòn epigegramménon tôu Kélsou alethê lógon

© PAULUS – 2014
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534938945


Hildegarda de Bingen
Scivias
(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor
PAULUS

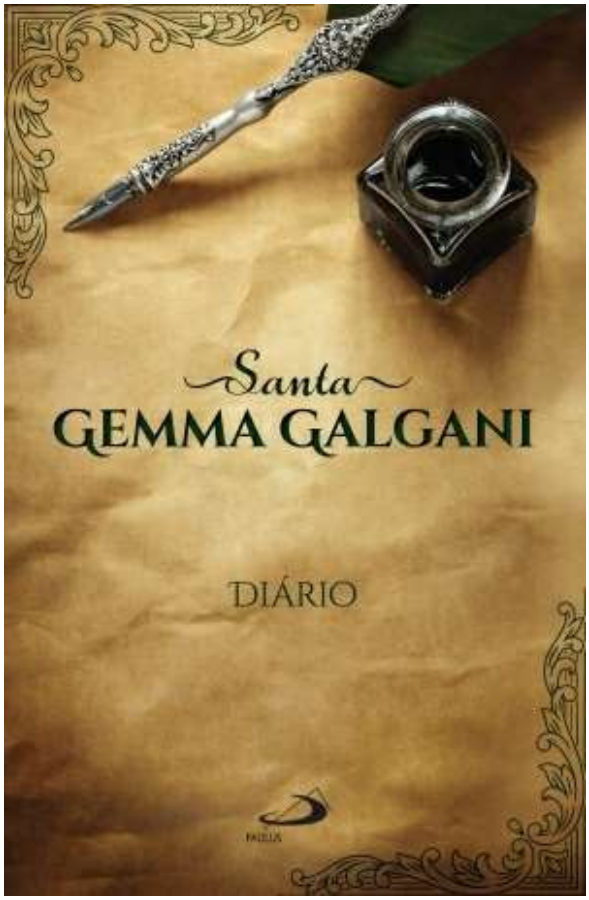
Scivias

de Bingen, Hildegarda
9788534946025
776 páginas

Compre agora e leia

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santifi cação e o fi m do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No fi nal de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

Compre agora e leia


Santa
GEMMA GALGANI
DIÁRIO

Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma
9788534945714
248 páginas

Compre agora e leia

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

Compre agora e leia

DOCAT
Como agir?

DOCAT

Vv.Aa.

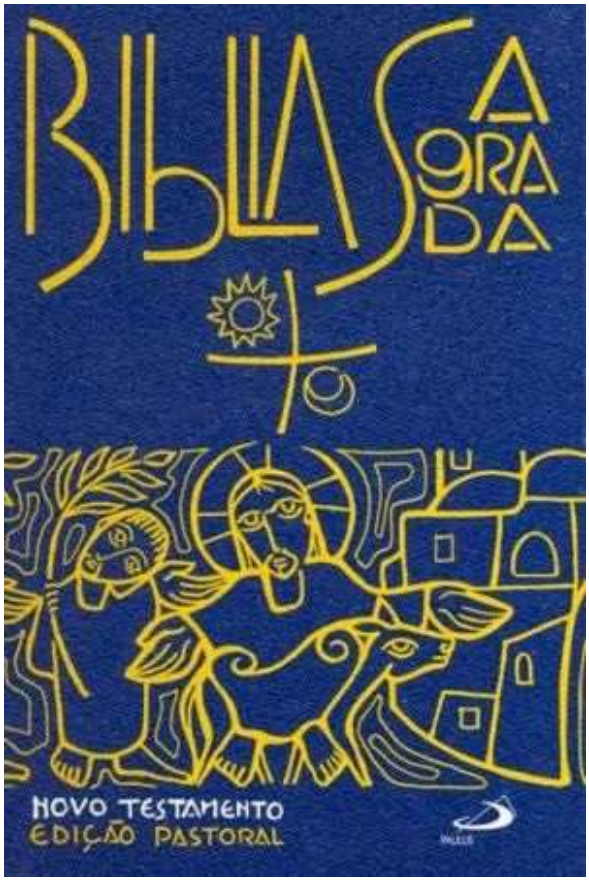
9788534945059

320 páginas

Compre agora e leia

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

Compre agora e leia


BIBLIA SAGRADA
NOVO TESTAMENTO
EDIÇÃO PASTORAL

Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

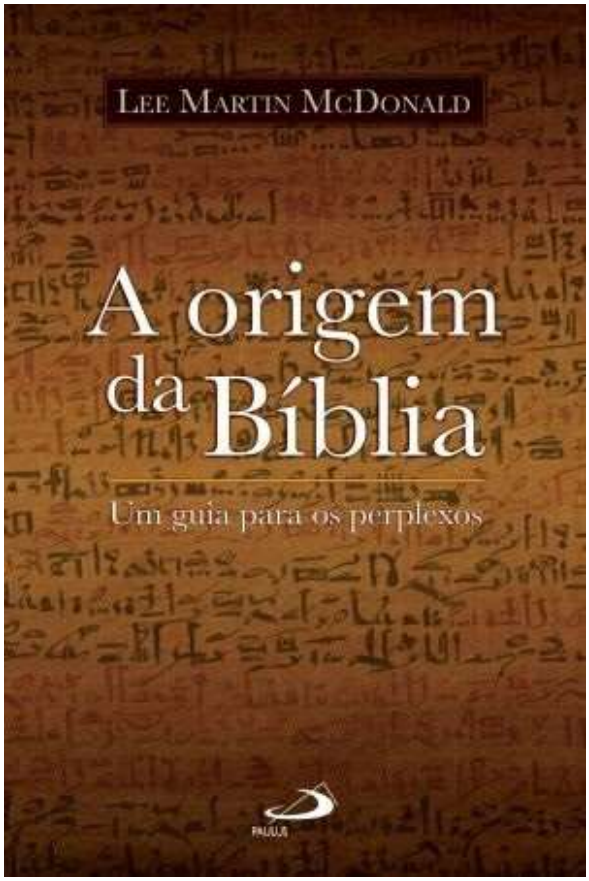
9788534945226

576 páginas

Compre agora e leia

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

Compre agora e leia


LEE MARTIN MCDONALD
A origem da Bíblia
Um guia para os perplexos
PAULUS

A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

Compre agora e leia

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

Compre agora e leia

Índice

Apresentação 9
Introdução 12
CONTRA CELSO 26
PREFÁCIO 27
O silêncio de Jesus 27
Fraqueza dos discursos 28
Por que este prefácio? 29
LIVRO I 30
Os cristãos: situação ilegal 30
Doutrina e demonstração 30
Clandestinidade 31
Moral comum 31
Rejeição dos ídolos 31
Exorcismos 32
Segredo 32
Martírio 33
Fé simples, fé refletida 33
O que é o cristianismo? 35
A verdadeira sabedoria 36
Tradição pagã, tradição judaica 37
A criação 39
A circuncisão 40
O Deus único 41
Os nomes divinos 41
De Moisés a Jesus 43
Nascimento obscuro, glória universal 44
A mãe de Jesus 47
Necessidade dos profetas 49
Jesus no Egito 51
O batismo de Jesus 52
Os sentidos espirituais 56
As profecias 57
Em Belém de Judá 58

A paixão 60
As duas vindas de Cristo 62
Filiação divina 62
Os magos e a estrela 63
Os apóstolos 65
Verdadeiros e falsos feitos maravilhosos 69
O corpo de Jesus 71
LIVRO II 73
Os judeus e os cristãos 73
Cristo terá sido castigado justamente? 76
A predição de sua morte será uma invenção de seus discípulos? 82
As profecias aplicam-se a outras pessoas? 91
Sua conduta terá sido indigna de um Deus? 93
A paixão 99
Os milagres 99
Feiticeiros, falsos messias, Satanás 100
Jesus superior a Moisés 103
A ressurreição 104
Aspectos múltiplos de Jesus 109
Ausência de manifestações espetaculares 111
As objeções do judeu voltam-se contra ele 115
LIVRO III 120
Será uma discussão fútil? 120
A ruptura com a comunidade de origem 121
Antiga tradição e mistérios do Egito 126
O culto de Jesus e os cultos dos heróis 129
Asclépio 130
Aristeias do Proconeso 131
Igrejas e assembleias 133
Ábaris, o Hiperbóreo 134
O herói de Clazômenas 134
Cleomedes de Astipaleia 135
Outros exemplos 136
Antínoo 137
Acasos providenciais 138

O corpo mortal de Jesus 139
O túmulo de Zeus em Creta 140
O cristianismo e a sabedoria 141
Propaganda cristã 144
O cristianismo e os pecadores 149
A conversão é possível 152
Os mestres da doutrina 155
LIVRO IV 161
A descida divina e suas razões 161
Dilúvios e incêndios 165
Modalidade de intervenção divina 167
A pregação pelos judeus e pelos cristãos 170
Grandeza dos judeus e dos cristãos 172
Tradições e genealogias 179
História ou alegoria? O primeiro casal e a serpente 180
O dilúvio e a arca 185
Histórias de famílias 186
A interpretação alegórica 188
Os corpos e as almas são obras de Deus 192
Natureza e origem do mal 196
Necessidade e liberdade 198
Expressões antropomórficas 200
Deus fez tudo principalmente para o homem 202
Homens e animais 204
A vida em sociedade 206
A ajuda mútua 207
Os poderes mágicos 209
O poder divino de predizer 210
A fidelidade, a piedade filial 216
Conclusão 217
LIVRO V 218
Descida divina ou descida angélica? 218
Adoração e culto 220
Escatologia 225
O fogo do juízo 226

A ressurreição 227
Os costumes de cada país 231
Partilha das regiões da terra 233
A parte de Cristo 236
O testemunho de Heródoto 237
As duas leis 239
A pretensão dos judeus 241
Os nomes divinos 243
A circuncisão 245
O favor de Deus 246
O Anjo e os anjos 247
A grande Igreja 251
As seitas 252
LIVRO VI 256
Simplicidade do estilo da escritura 256
O soberano bem 257
Um único Cristo 262
Sabedoria divina, sabedoria humana 262
Humildade e pobreza 264
O reino de Deus 265
Iniciação mitríaca e diagrama 268
Iniciação cristã? 271
A doutrina sobre Satã 279
O anticristo 281
O Filho de Deus 283
Cosmogonia 284
Marcião e outros sectários 286
Os dias da criação 290
Antropomorfismos 290
Conhecimento de Deus 293
Deus é espírito 295
O corpo de Jesus 298
Por que um tal envio aos judeus? 301
LIVRO VII 304
Oráculos pagãos, profetas judeus 304

Acaso foram preditos atos imorais a respeito de Deus? 310
Deus se contradisse? 313
A esperança dos cristãos 318
Ressurreição 321
Conhecimento de Deus 323
Teologia antiga e platônica 326
A verdade e a vida 329
Heróis e sábios comparados a Jesus 333
Resistência e brandura 336
Intolerância 338
Os demônios 341
LIVRO VIII 344
Espírito de revolta? 344
Deus e deuses, Senhor e senhores 344
Honra única ao Pai e ao Filho 347
O "Diálogo celeste" 350
O culto verdadeiro 351
Prática da abstinência 357
A verdadeira ação de graças 360
Devemos ter medo dos demônios? 361
Efeitos da Paixão e do martírio 363
Verdade dos oráculos 366
A eternidade dos castigos e das recompensas 368
Reconhecimento aos seres que nos protegem 371
Procura dos verdadeiros bens e de Deus 375
Favor de Deus, favores dos príncipes 377
As duas pátrias 380